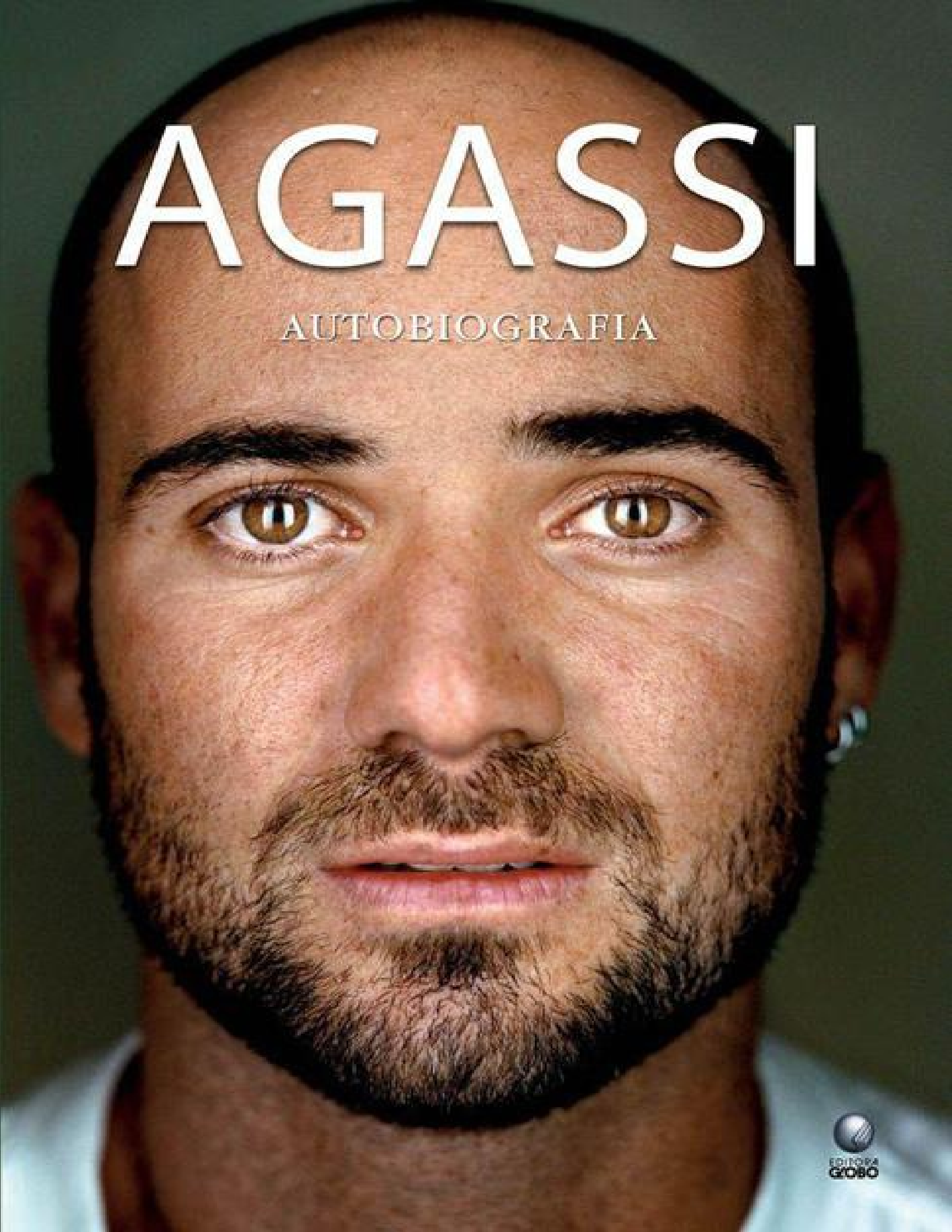
AGASSI

AUTOBIOGRAFIA



EDITORA GLOBO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

André Agassi

Agassi

Autobiografia

tradução:
Helena Londres,
Rosemarie Ziegelmaier e Silvia Mourão

GLOBO LIVROS

Copyright © 2010 by Editora Globo S.A. para a presente edição
Copyright © 2009 by AKA Publishing, LLC

Tradução publicada conforme contrato com Alfred A. Knopf, um selo de
The Knopf Doubleday group, uma divisão de Random Kouse, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada
ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico,
por fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistemas de bancos
de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: Open – An Autobiography
Preparação de texto: Silvia Mourão
Revisão técnica: Alexandre Manzano
Revisores: Ronald Polito e Araci dos Reis Rodrigues
Diagramação: Crayon Editorial
*Produção para ebook:*S2 books
Capa: epizzo
Foto de capa: © Martin Schoeller/Carlos Outline

1ª edição, 2010

CIP-Brasil. Catalogação-Na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Rj

A21A

Agassi, Andre, 1970-
Agassi : autobiografia / Andre Agassi ; tradução Helena Londres, Rosemarie Ziegelmaier, Silvia Mourão. - São Paulo : Globo, 2010.
il.

Tradução de: Open : an autobiography
ISBN 978-85-250-5220-9
1.907kb; ePUB

1. Agassi, Andre, 1970-. 2. Tenistas - Estados Unidos - Biografia. I. Título.

Direitos da edição em língua portuguesa
adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Final
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23

Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
O início
Agradecimentos
Glossário

Para Stefanie, Jaden e Jaz

Ninguém pode afirmar o que nos mantém fechados,
o que nos confina e parece nos enterrar, mas ainda assim sentimos
que existem barreiras, paredes, muros. Será tudo imaginação
ou fantasia? Não acredito. Então fazemos a pergunta:
Meu Deus, será assim por muito tempo, para sempre, por toda a
eternidade? Você sabe o que nos liberta dessa escravidão?
É o afeto realmente profundo. Ser amigo, ser irmão, amar,
é isso que abre as portas da prisão, por meio de um
poder supremo, de uma espécie de força mágica.

Vincent van Gogh,
em carta a seu irmão, escrita em julho de 1880

Final

Abro os olhos e não sei onde estou, nem quem sou. Isso não é nenhuma novidade, pois passei metade da minha vida sem saber. Mas desta vez é diferente. Esta confusão parece mais assustadora, mais absoluta.

Olho para cima. Estou deitado no chão, ao lado da cama. Agora começo a lembrar das coisas. Saí da cama e me deitei no chão no meio da noite, como faço muitas vezes. É melhor para as minhas costas. Muitas horas seguidas sobre um colchão macio me deixam agoniado. Conto até três e aí começa o longo e difícil processo de tentar ficar em pé. Começo a tossir e a gemer, deito de lado, fico em posição fetal e acabo virando de bruços. Agora preciso esperar até que meu sangue volte a circular.

Sou relativamente jovem (tenho 36 anos), mas acordo me sentindo como se tivesse 96. Depois de três décadas correndo em arrancadas bruscas, parando de repente, saltando alto e caindo no chão com toda a força, meu corpo não parece mais ser o meu corpo, sobretudo pela manhã. Por conseguinte, minha cabeça também não parece mais minha cabeça. Assim que abro os olhos, pareço um estranho para mim mesmo, o que sempre acontece, só que quando o dia começa em geral é pior. Rapidamente repasso os fatos básicos. Meu nome é Andre Agassi. Sou casado com Stefanie Graf. Temos dois filhos, um menino e uma menina, de cinco e três anos de idade, respectivamente. Moramos em Las Vegas, no estado de Nevada, mas atualmente estamos acomodados numa suíte do hotel Four Seasons de Nova York, porque estou jogando no Aberto dos Estados Unidos, de 2006. É o último Aberto da minha carreira, talvez a última competição da qual participo na vida. Jogo tênis para viver, embora deteste esse esporte. Detesto o tênis com uma paixão secreta e sombria, e sempre detestei.

Assim que esse último elemento da minha identidade encaixa no quebra-cabeça, fico de joelhos e sussurro: Tomara que tudo isto acabe.

Em seguida: Não estou preparado para que isto acabe.

Agora, no quarto ao lado, ouço Stefanie e as crianças. Estão tomando o café da manhã, conversando e rindo. Meu imenso desejo de vê-los e tocá-los, além da enorme necessidade de cafeína, são a inspiração necessária para eu me erguer até ficar em pé. A raiva me coloca de joelhos, o amor me deixa em pé.

Dou uma olhada no relógio ao lado da cama. Stefanie me deixou dormir à vontade. O cansaço destes últimos dias do campeonato tem sido terrível. Além do desgaste físico, há uma torrente de emoções desencadeada por minha iminente aposentadoria. Agora, brotando do meio dessa fadiga, sinto a primeira onda de dor. Coloco as mãos nas costas, a dor toma conta de mim. Tenho a sensação de que, enquanto eu dormia, alguém instalou uma trava de volante antifurto na minha coluna. Como posso jogar no Aberto dos Estados Unidos com a coluna travada? Será que na última partida da minha carreira vou precisar entregar o jogo?

Nasci com um problema chamado espondilolistese lombar, que significa que uma vértebra da parte inferior da coluna deslizou de sua posição original passando sobre as outras, por vontade própria, por pura rebeldia. (É por isso que ando com os pés virados para dentro, como um pombo.) Com essa única vértebra em desarmonia, sobra menos espaço para os nervos dentro da coluna, o que resulta numa sensação de aperto bem maior, até com o menor

dos movimentos. Agora acrescente duas hérnias de disco e um osso que não para de crescer – num esforço inútil de proteger a região lesionada – e que esses nervos se sentem ainda mais claustrofóbicos. Quando eles reclamam do pouquíssimo espaço de que dispõem e começam a mandar mensagens de inquietação, uma dor sobe e desce pelas minhas pernas, me impedindo de respirar e me fazendo falar coisas sem sentido. Quando isso acontece, o único alívio é deitar e esperar. Mas às vezes esse acesso acontece no meio de uma partida. Só me resta mudar de jogo – girar meu corpo de outra forma, correr de outro jeito, fazer o que for possível. Então meus músculos entram em espasmo. Evitam mudanças, pois não conseguem suportá-las. Quando são forçados a mudar, meus músculos se juntam à rebelião da coluna e, em pouco tempo, meu corpo todo está em guerra consigo mesmo.

Gil, meu preparador físico, grande amigo, quase um pai, explica esse processo do seguinte modo: seu corpo está dizendo que não quer mais jogar tênis.

Já faz tempo que ele diz isso, respondo ao Gil. Há quase tanto tempo quanto eu mesmo venho me dizendo isso.

No entanto, desde janeiro o meu corpo está dizendo isso aos gritos. Ele não quer se aposentar, pois na verdade já deixou as quadras faz tempo. Meu corpo se mudou para a Flórida, comprou uma casa de luxo e várias bermudas brancas. Por isso, venho negociando com ele para que saia do retiro da aposentadoria por algumas horas aqui, algumas horas ali. Boa parte dessa negociação implica injeções de cortisona que calam a dor por algum tempo. Antes que a droga faça efeito, porém, ela também causa seus próprios transtornos.

Tomei uma ontem, para poder jogar hoje à noite. Foi a terceira injeção deste ano, a décima terceira da minha carreira e de longe a mais assustadora. O médico (não o meu médico habitual) foi ríspido quando me disse para deitar. Estiquei-me sobre a maca, com o rosto para baixo, e a enfermeira abaixou meu calção. O médico explicou que teria de inserir a agulha de cerca de quinze centímetros de comprimento o mais perto possível dos nervos inflamados, mas que não conseguiria fazer isso de uma vez só, por causa da obstrução causada pelas hérnias de disco e pelo esporão ósseo. As tentativas que ele fez para ultrapassar os bloqueios, para quebrar a trava, me fizeram ver estrelas. Primeiro ele inseriu a agulha, depois acomodou um grande aparelho sobre as minhas costas para ver a que distância ela estava dos nervos. Ele tinha de aproximá-la ao máximo, explicou, mas sem encostar neles. Se chegasse a encostar num nervo, mesmo que só um pouquinho, a dor não me deixaria participar do torneio. Isso de repente poderia mudar a minha vida toda. Conforme ele movia a agulha em busca do ponto certo, meus olhos se enchiam de lágrimas.

Finalmente ele acertou o alvo. Bem na mosca, avisou.

Cortisona entrando. A sensação de queimação me fez morder a boca. Depois veio a pressão. Eu me senti encharcado, embalsamado. O minúsculo espaço na minha espinha no qual os nervos se alojavam começou a parecer embalado a vácuo. A pressão aumentou até dar a impressão de que minhas costas iam explodir.

A pressão é o que nos permite saber que está surtindo efeito, explicou o médico.

Bom saber disso, doutor.

Logo a dor pareceu maravilhosa, quase deliciosa, porque era o tipo de dor que antecede o alívio. Mas talvez todas as dores sejam assim.

Minha família faz cada vez mais barulho. Vou mancando até a sala de estar da nossa suíte.

Meu filho, Jaden, e minha filha, Jaz, me veem e começam a gritar. Papai! Papai! Os dois pulam e tentam subir no meu colo. Eu paro e me preparo, em pé na frente deles como se estivesse imitando uma árvore no inverno. Eles se detêm justo antes de saltar, porque sabem que a coluna do papai está doendo nestes últimos dias e pode se desmanchar se eles pularem em mim com muita força. Faço carinho nas crianças, dou-lhes beijinhos e vamos juntos para a mesa do café.

Jaden me pergunta se é hoje.

Sim.

Você vai jogar?

Sim.

Então, depois de hoje, você vai se *aposentá*?

Essa é uma palavra nova que ele e a irmãzinha aprenderam. *Aposentar*. Quando a pronunciam, costumam excluir a última letra, então fica *aposentá*. Para eles esse verbo não tem tempo, é um eterno presente. Talvez saibam de algo que eu não sei.

Não se eu ganhar, filho. Se eu vencer esta noite, continuo jogando.

Mas, se você perder, a gente pode comprar um cachorrinho?

Para as crianças, aposentadoria significa um cachorrinho. Stefanie e eu prometemos que, quando eu não tiver mais de treinar nem de viajar pelo mundo, vamos comprar um cachorrinho. Talvez ele se chame Cortisona.

Isso mesmo, meu chapa. Se eu perder vamos comprar um cachorro.

Ele sorri. Espera que o pai perca a partida, que o pai enfrente uma decepção maior do que todas as outras. Jaden não entende (e como posso explicar isso a ele?) o que é a dor da derrota, a dor do jogo. Eu precisei de quase trinta anos para conseguir entender isso e solucionar esse problema na minha cabeça.

Pergunto para Jaden o que ele vai fazer hoje.

Vamos ver ossos.

Olho para Stefanie. Ela me lembra que vai levá-los ao Museu de História Natural. Dinossauros. Penso na minha coluna vertebral problemática. Imagino meu esqueleto em exposição no museu, ao lado dos demais dinossauros. *Tenissaurus rex*.

Jaz interrompe minhas divagações. Ela me estende seu *muffin* para que eu tire as *blueberries*. É o nosso ritual de todas as manhãs. Tenho de extrair cada uma das pequenas bagas com precisão cirúrgica, o que exige concentração. Colocar a faca, girar, remover a frutinha sem abri-la. Eu me concentro na tarefa, e é um alívio pensar em algo que não o tênis. Mas, quando devolvo o bolinho à minha filha, não consigo fingir que não me parece uma bola de tênis, o que basta para fazer meus músculos das costas se contrair de expectativa. A hora se aproxima.

Depois do café da manhã, Stefanie e as crianças se despedem de mim com um beijo e saem para a visita ao museu. Fico quieto à mesa, olhando cada canto da suíte. É igual a todas as outras suítes de hotel onde já me hospedei, só que é ainda mais *hotel* que as outras. Limpa, elegante, confortável – afinal, estou no Four Seasons, então é lindo, mas mesmo assim é só mais uma versão do que costumo chamar de Não Casa. É o “não lugar” em que todos os atletas acabam vivendo. Fecho os olhos, tento pensar na partida desta noite, mas minha mente se recusa. Nestes últimos dias, minha cabeça parece ter entrado naturalmente em spin. Na menor

oportunidade, quer voltar para o começo, porque estou muito perto do final. Só que não posso permitir que isso aconteça – ainda não. Não consigo mergulhar desse jeito no passado. Fico em pé e ando ao redor da mesa, para testar o meu equilíbrio. Quando me sinto razoavelmente estável, caminho com cuidado até o chuveiro.

A água quente me faz gemer e gritar. Eu me curvo para a frente devagar, massageio os músculos das pernas, começo a voltar à vida. Os músculos se soltam. Minha pele se alegra, os poros se abrem. Sinto o sangue aquecido correr pelas veias. Parece que algo começa a se animar. Vida. Esperança. As últimas gotas da juventude. Em silêncio, evito qualquer movimento brusco. Não quero que nada assuste a minha coluna, prefiro que ela continue adormecida.

Em pé diante do espelho do banheiro, observo meu rosto enquanto me seco com a toalha. Olhos vermelhos, barba grisalha crescida. Um rosto bem diferente do que eu tinha quando comecei a jogar. Mas também bem diferente do que vi no ano passado, neste mesmo espelho. Seja eu quem for, não sou o menino que começou esta odisseia, e nem o cara que há três meses anunciou que essa jornada estava chegando ao fim. Estou mais para uma raquete de tênis da qual já trocaram o grip três vezes, e as cordas sete – ainda se pode dizer que seja a mesma raquete? Em algum lugar desses olhos, porém, ainda consigo encontrar o menino que nem queria jogar tênis, que queria desistir, que por várias vezes desistiu *mesmo*. Vejo aquele menino de cabelos louros que detestava tênis e me pergunto o que ele pensaria deste homem calvo, que ainda detesta tênis, mas continua nas quadras. Será que o menino ficaria chocado? Acharia divertido? Sentiria orgulho? Essas dúvidas me deixam cansado, letárgico, e ainda é meio-dia.

Tomara que tudo isto acabe.

Não estou pronto para que isto acabe.

A linha de chegada ao final de uma carreira profissional não é diferente da linha de chegada ao final de uma partida. O objetivo é me colocar ao alcance dessa linha, porque então ela exerce uma atração magnética. Quando você chega bem perto pode sentir a força que vem dela, e usar essa força para atravessá-la. Mas, um pouco antes de chegar ao alcance dela ou logo depois, sentimos outra força, igualmente potente, que nos empurra para longe dali. É inexplicável, místico; duas forças gêmeas com energias contraditórias, mas ambas existem. Sei disso porque passei boa parte da minha vida procurando uma e combatendo a outra, e várias vezes me vi empacado, suspenso, quicando entre as duas como uma bola de tênis.

Esta noite: lembro-me de que precisarei de uma disciplina férrea para enfrentar essas duas forças e o que mais aparecer pelo meio do caminho. Dores nas costas, golpes ruins, condições climáticas inadequadas, autossabotagem. Essa lembrança é um jeito de me preocupar, mas também uma meditação. Uma coisa que aprendi depois de 29 anos dentro das quadras: a vida vai atirar todo tipo de coisas no seu caminho, menos uma pia de cozinha. Mas aí atira a pia de cozinha. Cabe a você escapar dos obstáculos. Se deixar que eles o detenham ou distraiam, você não está fazendo bem o seu trabalho, e não fazer bem o seu trabalho resulta em remorsos que paralisam mais do que a dor nas costas.

Deito na cama com um copo de água e começo a ler. Quando meus olhos se cansam, ligo a televisão. *Hoje, a segunda rodada do Aberto dos Estados Unidos! Será que Andre Agassi vai se despedir das quadras?* Vejo meu rosto na tela da tv. Um rosto diferente do que vi no espelho. O que aparece nos jogos. Avalio essa minha nova imagem no espelho distorcido que

é a televisão e minha ansiedade aumenta mais um pouco. Será que esse foi o último comercial? A última vez na vida em que a cbs anuncia minhas partidas?

Não consigo deixar de sentir que estou à beira da morte.

Acredito que não seja por acaso que no tênis se usa a linguagem da vida. Vantagem, serviço, dupla falta, break e love, os elementos básicos do tênis são os que fazem parte da vida diária, porque cada partida é como uma vida em miniatura. Mesmo a estrutura do tênis, a maneira como cada parte se encaixa dentro de outra, como bonecas russas, reproduz a nossa vida atualmente. Pontos viram games, que viram sets, que viram campeonatos, e tudo é tão estreitamente ligado que cada ponto pode ser aquele de uma virada decisiva. Isso me faz pensar em como os segundos podem parecer minutos, que podem parecer horas, e que cada hora pode ser o nosso melhor momento. Ou o pior.

A escolha é nossa.

Mas, se o tênis é como a vida, o que vem depois do tênis deve ser um vazio desconhecido. Esse pensamento me dá arrepios.

Stefanie irrompe porta adentro com as crianças. Os dois pulam na cama, e meu filho pergunta como estou me sentindo.

Bem, bem. E o que achou dos ossos?

Divertido!

Stefanie oferece sanduíches e sucos para as crianças e sai novamente com elas.

Eles combinaram de brincar fora, explica.

E quem não?

Agora posso tirar uma soneca. Aos 36 anos, a única maneira de encarar uma partida noturna, que às vezes se estende até depois da meia-noite, é descansando antes. Além disso, agora que sei mais ou menos quem sou, quero fechar os olhos e fugir dessa imagem. Quando abro os olhos, vejo que se passou uma hora. Em voz alta, digo que está na hora. Chega de se esconder. Volto para o chuveiro, mas este banho é diferente do que tomei pela manhã. O banho da tarde é sempre mais longo, 22 minutos, mais ou menos, e não é para me acordar nem me limpar. O objetivo do banho da tarde é me injetar ânimo, me dar instruções.

O tênis é um esporte no qual o jogador fala sozinho. Nenhum outro esportista fala tanto sozinho quanto um tenista. Jogadores de beisebol, golfe, goleiros, todos resmungam coisas em voz baixa, mas os tenistas *conversam* consigo mesmos – e *respondem*. No calor de uma partida, os jogadores de tênis parecem loucos no meio da praça, discursando, xingando, discutindo com seu *alter ego*. Por quê? Porque este é um esporte tremendamente solitário. Apenas os boxeadores conseguem entender a solidão de um tenista – e os boxeadores vão para o seu *corner*, onde estão seu preparador e seu empresário. Até o adversário do boxeador de certa forma lhe faz companhia, pois é alguém com quem ele pode se engalfinhar, socar e até bater boca. No tênis, o jogador fica cara a cara com o adversário, trocando golpes com ele, mas sem chegar perto nem falar com ele (nem com ninguém) em nenhum momento. Pelas regras do esporte, não é permitido ao tenista conversar nem com seu treinador durante a partida. Algumas vezes, os velocistas são apontados como esportistas igualmente solitários, mas tenho de rir quando ouço isso. O velocista pode, pelo menos, sentir a presença, o cheiro, dos outros corredores. A distância entre eles às vezes é de poucos centímetros. No tênis, o jogador está ilhado. De todos os jogos praticados pela humanidade, o tênis é o que mais se parece com o confinamento numa solitária, o que inevitavelmente provoca o recurso de falar

sozinho. Para mim, esse diálogo comigo mesmo tem início embaixo do chuveiro, no banho da tarde. É nessa hora que começo a me dizer coisas, de vez em quando maluquices, repetindo diversas vezes, até acabar acreditando. Por exemplo, que um quase inválido tem chances no Aberto dos Estados Unidos. Que um cara de 36 anos pode derrotar um adversário no início do melhor de sua forma. Durante minha carreira, venci 869 jogos, fiquei em quinto lugar na lista dos melhores tenistas de todos os tempos, e muitas dessas partidas foram ganhas durante a ducha vespertina.

Com a água fazendo barulho nos meus ouvidos (um ruído que lembra o som produzido por 20 mil fãs), lembro de algumas vitórias especiais. Não vitórias que ficaram na memória dos fãs, mas sim as que ainda me fazem acordar no meio da noite. Squillari, em Paris. Blake, em Nova York. Pete, na Austrália. Depois me lembro de algumas derrotas. Sacudo a cabeça de frustração. Digo a mim mesmo que a partida de hoje à noite será uma espécie de exame para o qual me preparei por 29 anos. Seja o que for, já passei por isso pelo menos uma vez na vida. Se for uma prova de resistência física ou psíquica, não será nada de novo.

Tomara que tudo isto acabe.

Não quero que acabe.

Começo a chorar. Encostado na parede da ducha, deixo toda a água escorrer.

Enquanto faço a barba, dou-me uma ordem estrita: conquiste um ponto de cada vez. Faça ele se esforçar por tudo. Não importa o que aconteça, mantenha a cabeça erguida. E, pelo amor de Deus, aproveite – ou, pelo menos, tente aproveitar, até a dor, até perder, se for isso que está reservado para você.

Penso no meu adversário, Marcos Baghdatis, e tento adivinhar o que estará fazendo naquele momento. Ele é novo no circuito, mas não é o novato típico. Está em oitavo lugar no ranking mundial. É um cara grande e forte, de Chipre, passando por um ano de ótimos resultados. Chegou à final do Aberto da Austrália e à semifinal de Wimbledon. Eu o conheço bem. No Aberto dos Estados Unidos do ano passado, jogamos uma partida apenas de treino. Não costumo fazer isso com meus adversários durante um Grand Slam, mas Baghdatis me convidou de uma forma encantadora, irrecusável. Um programa da televisão cipriota estava fazendo uma reportagem com ele, e ele me perguntou se poderiam nos filmar treinando. Concordei na hora. Por que não? Ganhei o set por 6-2, e depois disso ele era só sorrisos. Percebi que é do tipo que sorri quando está feliz e também quando está nervoso, e nunca dá para saber se é uma coisa ou outra. Isso me lembra alguém, mas não consigo lembrar quem é.

Comentei com Baghdatis que ele tinha um estilo de jogo parecido com o meu e ele respondeu que não era por acaso. Disse que cresceu colando fotos minhas nas paredes do quarto e tentando jogar como eu. Em outras palavras, nesta noite vou enfrentar minha própria imagem no espelho. Ele vai jogar no fundo da quadra, pegar a bola subindo, correr para os lados, exatamente como eu. Será uma partida entre estilos muito parecidos, mas em que cada um vai tentar impor sua vontade, de olho numa chance de enfiar um backhand no fundo da quadra, na linha. Ele não tem um saque arrasador, nem eu, o que significa longos ralis, pontos demorados, muito dispêndio de tempo e energia. Eu me preparo para altas emoções, ajustes, um tênis de desgaste, a forma mais brutal desse esporte.

É claro que a principal diferença entre Baghdatis e mim está no físico. Temos corpos bem diferentes. Ele tem o físico que eu tinha no passado, é ágil, rápido, elétrico. Preciso vencer

uma versão mais jovem de mim mesmo para manter a versão atual em atividade. Fecho os olhos e digo: controle o que puder controlar.

Repito essa instrução, em voz alta. Falar em voz alta me dá coragem.

Fecho a torneira e continuo em pé, tremendo. Como é mais fácil sentir coragem debaixo de um fluxo de água quente! Rapidamente, porém, lembro que coragem debaixo de um banho quente não é coragem de verdade. O que você sente não importa no final das contas; o que o torna um bravo é o que você faz.

Stefanie volta com as crianças. É hora de preparar a Água do Gil.

Eu transpiro muito, mais do que a maioria dos tenistas, e por isso preciso começar a me hidratar várias horas antes de uma partida. Bebo uma grande quantidade de um elixir mágico que Gil, meu preparador há dezessete anos, inventou para mim. Trata-se de uma mistura de carboidratos, eletrólitos, sais, vitaminas e alguns outros ingredientes. Gil guarda a fórmula a sete chaves. (Há duas décadas ele me faz tomar a mesma receita.) Em geral, ele me obriga a começar a tomar essa bebida na noite anterior à partida, e continua me forçando até a hora do jogo. Depois continuo bebendo durante a partida. Em situações diferentes bebo versões específicas, cada qual com sua cor: rosa para dar energia; vermelho para reanimar; marrom para reabastecer.

As crianças adoram me ajudar no preparo do líquido. Disputam para ver quem vai colocar os ingredientes, quem segura o funil, quem ajuda a distribuí-lo nas garrafas plásticas. Mas apenas eu acomodo as garrafas na sacola, ao lado das minhas roupas, toalhas, livros, viseiras e munhequeiras. (Como sempre, as raquetes vão depois.) Ninguém tem autorização para encostar a mão na minha sacola de tênis. Depois de arrumada, ela fica ao lado da porta, como a mala de um assassino, lembrando que enfim o dia se aproxima do momento fatal.

Às cinco da tarde, Gil avisa que me espera no saguão do hotel.

Ele pergunta se estou pronto. Hora de ir à luta, Andre. Começou. *Começou*.

Hoje todo mundo usa essa expressão [*It's on*], mas Gil já fala assim há anos, e ninguém fala como ele. Quando ele diz *It's on* [Começou], sinto minha energia explodir e minha adrenalina saltar como um gêiser. Tenho a impressão de que sou capaz de erguer um carro acima da cabeça.

Stefanie vai com as crianças até a porta e avisa que o papai precisa ir. O que vocês têm a dizer a ele, crianças?

Jaden grita: Arrasa, papai!

Arrasa, papai, repete Jaz, imitando o irmão.

Stefanie me dá um beijo e não diz nada, pois não há nada a ser dito.

Gil se acomoda no banco da frente. Está muito bem vestido, com camisa, gravata e paletó pretos. Para todos os jogos, ele se arruma como se fosse a um encontro amoroso ou a um espetáculo de gala. O tempo todo observa e ajeita os longos cabelos pretos, olhando-se no retrovisor ou no espelho lateral. Eu me sento no banco traseiro com Darren, meu instrutor, um australiano que sempre exibe um bronzeado hollywoodiano e um sorriso de quem acaba de ganhar na loteria. Por alguns instantes, ninguém diz nada. Então, Gil começa a declamar a letra de uma de nossas músicas favoritas, uma antiga balada de Roy Clark, e sua voz de barítono não demora a tomar conta do carro:

Just going through the motions and pretending

we have something left to gain –[1]

Ele olha para mim e espera.

Eu digo: Não se monta fogueira na chuva.

Ele ri. Por um segundo esqueço da minha ansiedade.

Esses acessos ansiosos são engraçados. Às vezes fazem a gente correr para o banheiro, às vezes deixam a gente com tesão. Em certas ocasiões provocam crises de riso e me fazem ansiar pela luta. Identificar o tipo de acesso que você vai ter (uma brabeira ou algo mais suave) é a primeira consideração crítica quando você está a caminho do estádio. Saber como seu nervosismo se manifesta, o que ele revela sobre sua cabeça e seu corpo, é o primeiro passo para tirar o melhor proveito possível da situação. Essa foi uma entre milhares de lições que aprendi com Gil.

Pergunto a Darren o que ele acha de Baghdatis. Que nível de agressividade devo imprimir à partida de logo mais? O tênis envolve vários níveis de agressividade. Todos querem acertar na medida para controlar o ponto, mas sem exagerar e acabar perdendo o controle nem se expor a riscos desnecessários. Minhas dúvidas sobre Baghdatis eram: como ele vai tentar me nocautear? Se eu enfio um backhand cruzado no fundo da quadra para começar o ponto, alguns adversários rebatem com paciência, outros já querem devolver com uma bola imediatamente marcante, mandando um canhão na linha ou subindo à rede com sede. Como nunca joguei com Baghdatis fora daquele set de treino, quero saber como ele pode reagir a um ritmo conservador. É do tipo que encara essa troca de bolas cruzadas ou recua e espera o momento propício?

Darren diz: *Mate*, acho que se você jogar de forma conservadora demais nos ralis, pode esperar que ele vai cercá-lo e atacar com o forehand.

Sei.

Quanto ao backhand dele, ele não consegue afundar muito a bola. Não vai puxar esse gatilho rápido o bastante. Por isso, se você perceber que ele *está* atacando com o backhand na linha de fundo, é porque definitivamente você não está pressionando o suficiente nos ralis.

Ele se mexe bem?

Sim, ele é bom na movimentação. Mas não se sai tão bem quando tem de se defender. Ele se mexe melhor quando precisa atacar.

Hum...

Chegamos ao estádio. Há fãs por todo lado. Dou alguns autógrafos, depois me enfio por uma portinha lateral. Passo por um longo túnel e entro no vestiário. Gil sai para falar com o pessoal da segurança. Ele sempre faz questão de que os guardas saibam o momento exato em que vamos sair para a quadra de treino, em que o treino termina e quando voltamos. Darren e eu deixamos as sacolas e vamos diretamente para a sala de preparação física. Eu me deito sobre uma maca e peço ao primeiro preparador que se aproxima para massagear minhas costas. Darren some e volta cinco minutos depois, trazendo oito raquetes recém-encordoadas. Coloca todas elas sobre a minha sacola, pois faço questão de acomodá-las do meu jeito.

Sou obsessivo com a minha sacola de tênis. Faço questão de mantê-la meticulosamente organizada e não procuro desculpas para esse meu lado anal-retentivo. Essa sacola funciona como minha pasta de negócios, mala de viagem, caixa de ferramentas, lancheira e paleta de

artista. Preciso que esteja sempre inteiramente em ordem. Ela é o que levo quando entro na quadra e o que trago comigo quando saio, dois momentos nos quais minha sensibilidade está a mil, e por isso consigo perceber cada grama do peso dessa sacola. Se alguém colocar um par de meias lá dentro, sem eu ver, sou capaz de sentir a diferença de peso. A sacola de tênis é quase como o coração – a gente precisa saber exatamente o que há lá dentro, o tempo todo.

Também é uma questão de funcionalidade. Preciso das minhas oito raquetes arrumadas cronologicamente ali dentro, a encordoada por último embaixo e a encordoada há mais tempo em cima, porque, quanto mais tempo uma raquete descansa, mais perde a tensão das cordas. Sempre começo o jogo com uma raquete encordoada há mais tempo porque é a que apresenta menos tensão.

Meu encordoador é um cara da escola antiga, do Velho Mundo, um artista tcheco chamado Roman. Ele é o melhor e precisa ser: o trabalho de encordoar uma raquete de tênis pode fazer a diferença numa partida, e uma partida pode fazer a diferença numa carreira, que pode afetar a vida de muitas pessoas. Quando tiro uma raquete recém-encordoada da sacola e vou sacar com ela para fechar a partida, a tensão das cordas pode representar centenas de milhares de dólares. Como jogo para sustentar minha família, a fundação beneficente que mantenho e a minha escola, cada corda daquelas tem a mesma importância que os cabos de uma turbina de avião. Lembrando de tudo que está além do meu controle, sou obcecado pelas poucas coisas que consigo controlar, e a tensão do encordoamento das raquetes é uma delas.

Roman é tão importante para os meus jogos que costumo levá-lo comigo nas viagens. Oficialmente ele mora em Nova York, mas, quando estou disputando Wimbledon, ele passa a viver em Londres e, durante o Aberto da França, vira parisiense. Às vezes, quando me sinto perdido e solitário em alguma cidade do mundo, procuro Roman e fico vendo seu trabalho de encordoar raquetes. Não se trata de não ter confiança no que ele faz. É o contrário: eu me sinto calmo, amparado e inspirado pela habilidade desse artesão. Ele me lembra a singular importância que uma tarefa benfeita tem neste mundo.

As raquetes cruas chegam para Roman numa grande caixa, vindas diretamente da fábrica, e sempre estão em péssimo estado. Para o leigo, parecem todas iguais, mas para Roman são tão diferentes quanto rostos na multidão. Ele gira cada uma de um lado para outro, aperta as sobrancelhas e começa a fazer cálculos. Hora de colocar as mãos na massa, finalmente. Para começar, retira o grip de fábrica e coloca o meu, que é feito sob medida para mim desde os meus catorze anos. Meu grip é tão pessoal quanto minhas impressões digitais, uma decorrência não só do formato da minha mão e do comprimento dos dedos, mas também do tamanho dos meus calos e da força com que seguro o cabo. Roman tem um molde da minha empunhadura e o reproduz em todas as raquetes. Para isso, envolve o molde em couro de bezerro, que ele bate como num pilão para afiná-lo até ficar da espessura que ele quer. Depois de quatro horas de jogo, qualquer diferença milimétrica no cabo incomoda tanto quanto uma pedra no sapato.

Com o grip no ponto, Roman enfia as cordas sintéticas. Ele estica e solta e volta a esticar, como se afinasse as cordas de uma viola. Aí ele aplica o estêncil e sacode vigorosamente a raquete no ar, para secar a tinta. Alguns encordoadores preferem aplicar o estêncil nas cordas pouco antes do início da partida, mas considero isso uma tremenda falta de consideração e de profissionalismo. O estêncil se solta e passa para a bola, e não há nada pior do que enfrentar alguém com bolas manchadas de preto e vermelho. Eu gosto de ordem e limpeza, e isso significa bolas sem marcas de estêncil. Desordem equivale a distração e, dentro da quadra,

qualquer distração pode significar uma reviravolta no jogo.

Darren abre duas latas de bola e coloca duas no bolso. Tomo um gole da Água do Gil e depois uma última ida ao banheiro antes do aquecimento. James, o responsável pela segurança, nos conduz pelo túnel. Como sempre, veste sua habitual camiseta amarela justa e me dá uma piscadela, como se dissesse: *Nós, da segurança, temos de ser imparciais, mas estou torcendo por você*.

James participa do Aberto dos Estados Unidos quase há tanto tempo quanto eu. Ele me conduziu por este túnel antes e depois de vitórias gloriosas e de derrotas insuportáveis. Imenso, simpático e com as clássicas cicatrizes de um cara durão, que ele exibe com orgulho, James se parece um pouco com Gil. É como se ele ocupasse o lugar de Gil naquelas horas em que estou na quadra, fora da influência do meu preparador. Existem algumas pessoas que você espera encontrar no Aberto dos Estados Unidos – o pessoal da organização, os gandulas, os preparadores físicos – cuja presença sempre é reconfortante. Eles ajudam a lembrar quem você é e onde está. James é o primeiro dessa lista. É uma das primeiras pessoas que procuro quando entro no Arthur Ashe Stadium. Ao vê-lo, sei que estou em Nova York – e em boas mãos.

Desde 1993, quando um espectador que assistia a um jogo em Hamburgo invadiu a quadra e esfaqueou Monica Seles durante um jogo, o Aberto dos Estados Unidos destacou um segurança para cada jogador durante todos os intervalos e trocas de lado. James sempre dá um jeito de ficar incumbido de mim. Sua incapacidade de se manter neutro tem um encanto enorme. Quando a partida aperta demais, consigo ver seu olhar apreensivo e acabo dizendo baixinho para ele: Não se preocupe, James, vou dar um jeito neste cara. Sempre consigo que ele dê uma risadinha.

Agora, caminhando ao meu lado rumo às quadras destinadas a treino, ele não está sorridente. Parece triste. Sabe que esta pode ser a última vez que me acompanha. Mesmo assim, não deixa de seguir à risca o nosso ritual pré-jogo. E repete o que sempre me diz:

Deixa eu carregar a sacola.

Não, James, ninguém carrega a sacola, só eu.

Contei a ele que, quanto tinha sete anos, vi Jimmy Connors entregando sua sacola para outra pessoa levar, como se fosse Júlio César. Naquele momento, jurei que sempre carregaria a minha.

Tudo bem, responde James, sorrindo. Eu sei, eu sei. Estou lembrado. Só queria ajudar.

Então pergunto: É você que vai cuidar de mim hoje, James?

Sou eu sim, meu amigo. E vou cuidar bem. Não se preocupe com nada. Pense apenas no jogo, está certo?

Saímos do túnel e entramos num final de tarde de setembro, com um céu já escurecendo em tons de lilás e laranja e um pouco de névoa. Caminho para a arquibancada, aperto a mão de alguns torcedores e dou mais autógrafos, antes de começar o treino. Há quatro quadras de treino, e James sabe que eu prefiro a mais afastada do público para que Darren e eu possamos contar com um pouco de privacidade enquanto batemos bola e armamos a estratégia.

Dou um gemido quando mando um primeiro backhand no fundo, no forehand de Darren.

Não tente essa jogada hoje à noite, ele avisa. Baghdatis vai te massacrar com isso.

Você acha?

Confie em mim, *mate*.

E você diz que ele se mexe bem?

É, muito bem.

Jogamos durante 28 minutos. Não sei por que atento para esses detalhes – quanto tempo dura o banho da tarde, a duração do treino com Darren, a cor da camiseta de James. Não quero prestar atenção nisso, mas presto, o tempo todo, e depois me lembro para o resto da vida. Minha memória não é como a minha sacola de tênis: não consigo controlar o que há lá dentro. Tudo entra e nada parece sair.

Minhas costas aparentemente estão bem. Há uma tensão normal, mas a dor alucinante desapareceu. A cortisona fez efeito. Eu me sinto bem – embora, claro, minha definição de bem-estar tenha mudado bastante nos últimos anos. Ainda assim, me sinto melhor do que quando abri os olhos hoje de manhã, quando pensei em entregar o jogo. Acho que estou em condições de fazer isso. É claro que amanhã terei de enfrentar sérias consequências físicas, mas, da mesma forma como não devo ruminar sobre o passado, não devo ficar antecipando o futuro.

De volta ao vestiário, tiro as roupas suadas e entro no chuveiro. Meu terceiro banho do dia é curto e funcional. Sem tempo para chorar ou me instruir. Visto uma camiseta e shorts secos e coloco os pés para cima na sala de preparação física. Tomo mais um pouco da Água do Gil, o máximo que consigo, porque já são seis e meia e falta praticamente apenas uma hora para começar a partida.

Há uma televisão sobre a mesa e tento assistir ao noticiário. Não consigo. Vou até o escritório e observo o pessoal que trabalha no Aberto dos Estados Unidos, todos ocupados. Não têm tempo para conversar. Passo por uma pequena porta. Stefanie e as crianças chegaram e estão num pequeno parque infantil perto do vestiário. Jaden e Jaz se alternam no escorregador. Percebo que Stefanie está contente por ter as crianças aqui com ela, para distrair sua atenção. Ela está mais aflita do que eu. Parece quase irritada. Sua testa franzida diz: *Isso já deveria ter começado! Vamos lá*! Adoro o jeito como minha mulher encara uma disputa.

Converso um pouco com ela e com as crianças, mas não consigo escutar uma palavra do que eles dizem. Minha cabeça está longe. Stefanie percebe. Ela sente. Ninguém vence 22 Grand Slams se não tiver uma intuição incrivelmente desenvolvida. Além disso, ela ficava igualzinha antes dos seus jogos. Ela me manda voltar para o vestiário: Vá. Nós estaremos aqui. Faça o que você tem de fazer.

Ela não quer assistir à partida ali de baixo. Para ela, é perto demais da quadra. Ela vai ficar com as crianças num camarote alto, andando aflita de lá para cá, rezando e, de vez em quando, cobrindo os olhos.

Pere, um dos preparadores mais antigos, entra na sala. Eu sei dizer qual das bandejas dele é para mim: é a que tem dois tufos enormes de espuma e duas dúzias de ataduras previamente cortadas. Deito numa das seis macas e Pere se instala aos meus pés. Deixar os caras prontos para o combate é uma melequeira e por isso ele puxa uma lata de lixo para perto. Fico contente por Pere ser cuidadoso e sistemático, o Roman dos calos. Ele começa pegando um cotonete e o mergulha num líquido colorido viscoso, que deixa minha pele grudenta e o peito do pé roxo. Essa tinta não sai com nada. O peito do meu pé vive colorido desde que Reagan era o presidente dos Estados Unidos. Em seguida, Pere aplica um produto para fortalecer a

pele. Deixa secar e depois aplica um tufo de espuma sobre cada calo. Chega a vez das ataduras, que parecem papel de arroz. Parece que minha pele absorve essas faixas instantaneamente. Pere envolve cada dedão até deixá-los enormes e finalmente recobre a parte de baixo dos pés. Ele conhece os pontos mais exigidos, sabe onde caio depois de um salto, onde convém aplicar uma camada adicional de proteção.

Agradeço e calço os tênis, sem amarrar. Agora que as coisas começam a ir mais devagar, a intensidade do som aumenta. Até há alguns momentos, o estádio estava silencioso, mas agora está mais do que ruidoso. Dá para sentir no ar o zum-zum, a vibração, a energia dos torcedores apressando-se para sentar, correndo para se acomodar porque não querem perder um minuto do que está para acontecer.

Fico em pé e movimento as pernas.

Não vou mais sentar.

Experimento uma corridinha pelo saguão. Nada mau. As costas parecem aguentar. O corpo todo parece pronto.

Do outro lado do vestiário vejo Baghdatis. Ele está pronto e tenta domar o cabelo em frente ao espelho. Ajunta rapidamente os fios, penteia, puxa para trás. Cara, ele tem muito cabelo! Agora coloca a faixa na cabeça, branca, ao estilo indígena. Ajeita direitinho e dá um último aperto no rabo de cavalo. Sem dúvida, um ritual bem mais glamoroso antes de um jogo do que enfaixar e proteger um monte de calos. Lembro de como eu me preocupava com o cabelo no início da minha carreira. Por um instante sinto inveja. Sinto falta dos cabelos. Então, passo a mão na minha careca e me sinto grato por, entre tantas outras coisas, não precisar me preocupar com a cabeleira numa hora dessas.

Baghdatis começa a se alongar, dobrando-se pela cintura. Apoiado numa perna, encosta o joelho no peito. Nada é mais desconcertante do que ver seu adversário fazer pilates, ioga e tai chi quando você mal consegue cumprimentar outra pessoa. Ele consegue fazer com o quadril movimentos impossíveis para mim desde os meus sete anos.

Só que ele parece exagerar. Está ansioso. Quase consigo ouvir seu sistema nervoso central, um zumbido que lembra o som do estádio. Observo sua conversa com os treinadores, que também estão ansiosos. As expressões do rosto, a linguagem do corpo, a cor da pele, tudo revela que sabem que estão prestes a encarar uma bela briga de rua, e não têm certeza de que querem isso. Sempre gosto quando meu adversário e sua equipe mostram que estão nervosos. Além de bom presságio, é sinal de respeito.

Baghdatis me vê e sorri. Lembro que ele sorri quando está feliz ou nervoso, não dá para saber. Mais uma vez lembro de alguém, sem saber exatamente quem.

Aceno para ele. Boa sorte.

Ele acena de volta. Nós, que estamos prestes a morrer...

Eu me enfio no túnel para trocar uma última palavra com Gil, instalado num canto onde pode ficar sozinho, mas ao mesmo tempo de olho em tudo. Ele me abraça, diz que me ama, que sente orgulho de mim. Encontro Stefanie e dou-lhe um último beijo. Ela está pulando, batendo os pés, acenando. Acho que faria qualquer coisa para se meter numa saia de tênis e entrar na quadra comigo. Minha esposa guerreira. Tenta sorrir, mas o sorriso vira uma careta de preocupação. Vejo em seu rosto tudo o que ela quer falar, mas não se permite dizer. Ouço as palavras que ela se recusa a pronunciar: Vá lá; aproveite; faça o máximo; observe cada detalhe passageiro, pois hoje pode ser muito importante e, ainda que você deteste tênis, talvez

sinta falta disto depois desta noite.

Isso é o que ela quer dizer, mas, em vez disso, ela me beija e diz o que sempre repete antes que eu pise na quadra, uma coisa da qual passei a depender tanto quanto o ar, o sono e a Água do Gil.

Vá lá e arrase.

Um organizador do Aberto dos Estados Unidos, de terno e com um enorme walkie-talkie, chega perto de mim. Parece ser o encarregado da cobertura pela tv e da segurança na quadra. Parece incumbido de tudo, inclusive dos pousos e decolagens do aeroporto de LaGuardia. Cinco minutos, ele alerta.

Viro para o lado e pergunto para alguém: Que horas são?

Hora de ir, respondem.

Não. Quero dizer, que horas são agora? Sete e meia? Sete e vinte? Eu não sei, e isso de repente parece importante. Só que ali não existe nenhum relógio.

Darren e eu olhamos um para o outro. Seu pomo de adão sobe e desce.

Mate, sua lição de casa foi feita. Você está pronto.

Concordo com a cabeça.

Ele fecha a mão em punho e estende o braço para aquele soquinho de boa sorte. É uma batida só, suave, porque isso foi o que fizemos antes da minha vitória na primeira rodada, no começo da semana. Nós dois somos supersticiosos e queremos terminar um torneio do mesmo jeito como começamos. Olho para o punho de Darren, bato nele firme com o meu, mas sem conseguir olhar nos olhos dele. Sei que Darren está com os olhos rasos d'água e tenho consciência do que ver isso pode causar em mim.

Últimos detalhes: enfio os cadarços do tênis. Enfaixo o meu pulso. Eu sempre faço isso sozinho, desde aquela lesão em 1993. Amarro os tênis.

Tomara que isto acabe logo.

Não estou pronto para que isto acabe.

Senhor Agassi, está na hora.

Estou pronto.

Entro no túnel, três passos atrás de Baghdatis, sempre seguindo James. Paramos e esperamos o sinal. O zum-zum que nos envolve fica mais forte. O frio naquele túnel parece o de uma câmara frigorífica. Conheço este túnel tão bem quanto a sala da minha casa, mas hoje ele me parece muito mais frio e um campo de futebol maior do que é na realidade. Olho para os lados. Nas paredes, estão as fotos familiares de antigos campeões do tênis: Navratilova, Lendl, McEnroe, Stefanie. Eu. As imagens têm quase um metro de altura e estão espaçadas de forma regular – regular até demais. Parecem árvores plantadas em bairros planejados de subúrbio. Digo para mim mesmo: *Pare de prestar atenção nessas coisas*. É hora de se concentrar, de entrar em foco, da mesma forma como este túnel concentra o seu olhar.

O chefe da segurança avisa: Muito bem, pessoal, hora de ir!

Andamos.

Graças a preparativos cuidadosos, Baghdatis caminha três passos à frente, conforme nos movemos rumo à luz. De repente outra luz, etérea, que nos deixa cegos, está na nossa cara. São as câmeras de tv. Um repórter pergunta a Baghdatis como ele se sente. Ele responde algo que não consigo ouvir.

Agora a câmera se aproxima do meu rosto e ouço a mesma pergunta.

Talvez esta seja sua última partida, lembra o jornalista. Como se sente com isso?

Respondo, sem saber o que estou falando. Depois de anos de experiência com essa situação, tenho noção de estar dizendo o que querem que eu diga, o que esperam que eu fale a cada vez. Depois continuo andando, e as pernas não parecem minhas.

A temperatura sobe incrivelmente conforme nos aproximamos da porta de acesso à quadra. O barulho agora é ensurdecedor. Baghdatis aparece primeiro. Ele sabe quanto a minha aposentadoria está chamando a atenção. Ele lê jornais. Tem consciência de que, nesta noite, será o vilão. Ele acha que está preparado. Deixo que ele vá, que ouça o ruído se transformar em ovação. Deixo que pense que aquela animação toda da torcida se destina a nós dois. *Então* eu entro. A ovação triplica. Baghdatis percebe que as primeiras saudações eram para ele, mas que esta onda avassaladora de aplausos é dedicada a mim, apenas a mim, o que o força a rever suas expectativas e reavaliar o que tem pela frente. Sem nem encostar na bola, provoquei um razoável abalo em seu bem-estar. Golpe de mestre; coisa de veterano.

Os torcedores fazem ainda mais barulho conforme nos dirigimos para nossas cadeiras. Foi mais alto do que eu esperava, mais alto do que eu já havia escutado alguma vez em Nova York. Mantenho os olhos baixos, sentindo aquela ovação me varrer. Essas pessoas adoram este momento, adoram o tênis. Eu me pergunto como elas se sentiriam se soubessem o meu segredo. Olho fixamente para a quadra. Sempre a parte mais anormal da minha vida, no meio de todo esse turbilhão, a quadra agora é o único espaço em que há normalidade. A quadra, esse lugar onde me senti tão solitário e tão exposto, agora é onde eu espero encontrar refúgio desse desafio emocional.

Navego calmamente pelo primeiro set, que venço por 6-4. A bola obedece a todos os meus comandos. Minhas costas também. Meu corpo está quente, líquido. Cortisona e adrenalina atuando juntas. Venço o segundo set, 6-4. Já vejo no final a linha de chegada.

No terceiro, começo a me cansar. Perco a concentração e o controle. Baghdatis, por sua vez, muda a estratégia. Joga com desespero, uma droga ainda mais poderosa do que cortisona. Ele começa a viver no presente. Corre riscos e cada um deles começa a dar certo. A bola agora me desobedece e se torna cúmplice dele. Fica o tempo todo quicando de modo favorável a ele, o que aumenta a confiança do meu adversário. Vejo a confiança brilhando em seus olhos. Seu desespero inicial se transforma em esperança. Não, em raiva. Ele não me admira mais. Ele me detesta, eu o detesto também, e aqui estamos nós, rosnando e fungando um para o outro, tentando ver quem derruba quem. A torcida se alimenta da nossa rivalidade, grita e bate os pés na arquibancada após cada ponto. Não estão aplaudindo, estão batendo as mãos, e isso produz um som tribal, primitivo.

Baghdatis vence o terceiro set, 6-3.

Não posso fazer nada para conter o ataque do meu adversário. Pelo contrário, as coisas só parecem piorar para mim. Afinal, ele só tem 21 anos, está começando a se aquecer. Encontrou seu ritmo, o motivo para estar aqui hoje, o direito de estar aqui, enquanto eu luto para juntar forças, com a dolorosa consciência do relógio do meu corpo. Não quero ir para o quinto set. Consciente da minha mortalidade, também começo a correr riscos. Consigo fazer 4-0. Tenho dois breaks, o saque, e novamente a linha de chegada aparece no horizonte. Percebo a força magnética me chamando.

Mas aí sinto a força contrária entrar em ação. Baghdatis começa a jogar o melhor tênis do ano. Acaba de se lembrar de que é o número 8 do mundo. Suas jogadas saem como tiros, em golpes que eu não sabia constarem do seu repertório. Elevei o jogo a um padrão perigosamente alto, mas ele me alcança e ultrapassa. Quebra o meu saque e faz 4-1. Confirma o serviço dele e faz 4-2.

Este é o principal game do jogo. Se eu vencer agora, recupero o comando do set e fica claro na cabeça dele (e na minha) que ele teve sorte de vencer um break. Se eu perder, fica 4-3, e tudo recomeça. Nossa noite vai se iniciar outra vez. Embora tenhamos nos massacrado durante dez *rounds*, se eu perder este game, a luta vai recomeçar. Jogamos num ritmo furioso. Ele vem para cima, não segura mais nada. E vence o game.

Ele vem para levar este set, prefere morrer a perdê-lo. Eu sei, ele sabe e todos nas arquibancadas deste estádio também sabem. Há vinte minutos eu estava a dois games de ganhar e avançar no torneio. Agora, estou à beira do colapso.

Baghdatis vence, 7-5.

Começa o quinto set. Estou sacando, com medo, inseguro sobre se meu corpo consegue suportar mais dez minutos diante de um menino que parece mais jovem e mais forte a cada ponto. Eu digo a mim mesmo: Não deixe que tudo acabe assim. De todas as maneiras possíveis, esta não, depois de uma vantagem de dois sets. Baghdatis também está falando consigo mesmo, buscando forças. Jogamos uma verdadeira gangorra de pontos desgastantes, para lá e para cá, como se fôssemos um pêndulo. Ele comete um erro. Eu devolvo com outro. Ele abaixa a bola, eu abaixo mais. Estou sacando em 40 iguais, e jogamos um ponto alucinado, que termina quando ele encaixa uma curtinha de backhand que devolvo na rede. Grito comigo mesmo. Vantagem Baghdatis. É a primeira vez na noite em que fico atrás.

Calma. Controle o que você pode controlar, Andre.

Ganho o ponto seguinte. Novamente iguais. Novo entusiasmo.

Dou o ponto seguinte para ele. Um backhand na rede. Vantagem Baghdatis. Depressão.

Ele vence o ponto seguinte também e ganha o game. Fica na frente em 1-0.

Seguimos cada um para sua cadeira. Ouço as pessoas murmurando as primeiras palavras do elogio fúnebre de Agassi. Tomo um gole da Água do Gil, sentindo pena de mim mesmo e me achando um velho. Olho do outro lado para Baghdatis, me perguntando se ele se sente orgulhoso. Em vez disso, ele está pedindo que um massagista cuide de suas pernas. Pede uma pausa para atendimento médico. Está com estiramento no quadríceps da coxa esquerda. E ele conseguiu jogar desse jeito com distensão na coxa?

Os torcedores aproveitam a pausa e começam a cantar. *Vai lá, An-dre! Vai lá, An-dre!* Começam a fazer uma onda. Há cartazes com o meu nome.

Obrigado pelas lembranças, Andre!

Esta é a casa do Andre.

Finalmente, Baghdatis parece pronto para continuar. O saque é dele. O fato de ter conseguido tirar minha vantagem deve ter-lhe injetado energia adicional. Mas aquela interrupção parece ter quebrado seu ritmo. Quebro o saque dele. Estamos empatados.

Nos seis games seguintes cada um confirma seu próprio saque. Mas agora, empatados em 4-4, meu saque, jogamos um game que parece durar uma semana, um dos games mais exigentes e incríveis da minha carreira. Grunhimos como animais, batemos na bola como gladiadores, o forehand dele, o meu backhand. Todos no estádio prendem a respiração. Até o vento para de

soprar. As flâmulas permanecem imóveis nos mastros. Em 40-30, Baghdatis acerta um forehand que me desloca. Mal chego a tempo de esticar a raquete para a bola. Rebato rente à rede – gemendo de agonia –, e ele manda outro canhão no meu backhand. Corro na direção oposta – ai, minhas costas – e alcanço a bola no último minuto. Mas forcei demais a coluna. Ela travou, e os nervos começam a se manifestar. Adeus, cortisona. Baghdatis acerta um winner na quadra aberta, e, ao vê-la chegar, sei que, pelo resto da noite, meus melhores esforços já ficaram para trás. Tudo o que eu fizer daqui para a frente será limitado, prejudicado, às custas da minha futura saúde e mobilidade.

Olho para o outro lado da rede para ver se Baghdatis percebeu minha dor, mas ele está mancando. Mancando? *Ele está com câimbras*. Está caído no chão, agarrando a perna. Sua dor é maior do que a minha. Se me perguntarem, prefiro um problema congênito de coluna a uma câimbra repentina nas pernas, em qualquer dia. Enquanto ele se contorce no chão, eu percebo: só preciso me manter em pé, sustentar esta maldita bolinha em andamento só mais pouco, e deixar as câimbras dele fazer o resto.

Abandono qualquer pensamento de estratégia ou sutileza. Digo para mim mesmo: Apenas o básico. Quando se joga contra alguém machucado, tudo se resume a instinto e reação. Não se trata mais de uma partida de tênis, mas de um embate nu e cru de vontades. Nada de golpes, de artifícios, nada de jogo de pés. Apenas jogadas básicas.

Novamente em pé, Baghdatis também parou de investir em estratégias, parou de pensar, e isso o torna mais perigoso. Não dá mais para prever o que vai fazer. Ele enlouqueceu com a dor, e não dá para prever o que um louco vai fazer, menos ainda numa quadra de tênis. Em 40 iguais, erro o primeiro saque e depois mando um segundo saque vigoroso, redondo, a mais de cem quilômetros por hora, mas ele enche o braço para responder. Winner de devolução. Vantagem Baghdatis.

Merda. Desabo para a frente. O cara mal consegue andar e ainda detona o meu saque?

Agora, novamente, estou a um único pontinho de nada de ficar atrás em 4-5, o que vai colocar Baghdatis em condição de sacar para o jogo. Fecho os olhos. Erro o primeiro saque outra vez. Acerto outro segundo saque hesitante, só para segurar o ponto e, não sei como, ele erra um forehand fácil. Iguais de novo.

Quando seu corpo e sua mente oscilam à beira do colapso total, um ponto fácil como esse parece o perdão do governador. E ainda assim eu quase desperdiço essa sorte. Erro o primeiro saque. Solto o segundo, e ele rebate uma bola que voa longe. Outro presente. Vantagem Agassi.

Estou a 1 ponto de ficar na frente em 5-4. Baghdatis faz uma careta, se abaixa. Ele não vai ceder. Ganha o ponto. Iguais pela terceira vez.

Prometo a mim mesmo que, se tiver uma nova vantagem, não vou perdê-la.

Nessa altura, Baghdatis não está apenas com câimbras, está aleijado. À espera do meu saque, ele se dobra para a frente. Não consigo acreditar que ele suporte ficar na quadra, quanto mais jogar desse jeito. Sua bravura é proporcional ao tamanho da sua cabeleira. Sinto pena dele, mas ao mesmo tempo digo com os meus botões que não devo ter piedade. Mando o saque, ele devolve, e, na minha ansiedade para acertar o lado aberto da quadra, jogo a bola longe demais. Fora. Erro de principiante. Evidentemente. Vantagem Baghdatis.

Só que ele não consegue aproveitar bem. No ponto seguinte, manda um forehand vários centímetros além da linha de fundo. Iguais pela quarta vez.

Temos um longo rali, que termina quando encaixo uma bola funda no forehand dele e ele erra. Vantagem Agassi. Novamente. Prometi a mim mesmo que não perderia essa oportunidade, se ela voltasse a surgir, e o momento é agora. Mas Baghdatis não me deixa cumprir a promessa. Rapidamente vence o próximo ponto. Iguais pela quinta vez.

Jogamos um ponto incrivelmente longo. Toda bola que ele bate, gemendo, acerta um pedacinho da linha. Toda bola que jogo, gritando, passa raspando pela rede. Forehand, backhand, bolas com efeito, bolas baixas – até ele acertar uma que trisca na linha de fundo e faz um arco assustado para o lado. Pego a bola na subida e ela sai voando acima dele vários metros depois da linha de fundo. Vantagem Baghdatis.

Apenas o básico, Andre. Faça o homem correr. Correr. Ele está caindo, basta obrigá-lo a se movimentar. Saco, ele devolve um chocolate, e eu fico jogando a bola de um lado para outro, até ele gritar de dor e devolver enfim na rede. Iguais pela sexta vez.

Enquanto espera meu próximo saque, Baghdatis se apoia na raquete como se fosse um idoso usando uma bengala. Quando erro o primeiro saque, porém, ele salta adiante, ágil como um siri, e com aquela bengala manda uma bala de devolução no meu forehand, bem fora do meu alcance. Vantagem Baghdatis.

É o quarto break point dele neste game. Acerto um primeiro saque sem graça, tão reles, tão insosso que o Andre Agassi que fui aos sete anos teria ficado com vergonha, e ainda assim Baghdatis devolve uma bola defensiva. Rebato no forehand dele. Ele acerta a rede. Iguais pela sétima vez.

Outro primeiro saque para mim. Ele até enfia a raquete na bola, mas não consegue passar a rede. Vantagem Agassi.

Outra vez, estou sacando para fechar o game. Lembro das duas promessas quebradas. Agora, a chance final. Só que minhas costas estão entrando em espasmo. Mal consigo virar o corpo, quanto mais lançar a bola no ar e acertar um saque a 192 quilômetros por hora. Erro o primeiro saque, claro. Tento compensar no segundo, ser agressivo, mas não consigo. Fisicamente não consigo. Digo a mim mesmo: Saque com três quartos de força, mande a bola sobre os ombros dele, faça ele ir de um lado a outro até cuspir sangue. Só não faça dupla falta.

Mais fácil falar do que fazer. O quadrado de saque está encolhendo. Eu o vejo diminuir de tamanho aos poucos. Será que todo mundo vê o que eu estou vendo? A área de saque está agora do tamanho de uma carta de baralho, tão pequena que não sei se consigo enfiar uma bola ali nem indo lá colocá-la com as mãos. Mando a bola, um saque desastrado. Fora. Claro. Dupla falta. Iguais número oito.

O público grita, ninguém acredita no que está vendo.

Consigo encaixar o primeiro saque. Baghdatis executa uma devolução primorosa. Com três quartos de sua quadra aberta, mando a bola no fundo, no backhand dele, a três metros de distância de onde está. Ele sai correndo, abana a raquete num movimento capenga e não consegue pegar a bola. Vantagem Agassi.

No vigésimo segundo ponto do game, depois de um breve rali, Baghdatis finalmente acerta um backhand em cheio na rede. Game Agassi.

Na troca de lados, observo Baghdatis se sentar. Grande erro. Erro de alguém jovem. Nunca devemos sentar quando estamos com câimbra. Nunca devemos dizer ao corpo que é hora de descansar, e depois dizer: Brincadeirinha! Seu corpo é como o governo federal. Ele diz: Faça o que quiser, mas, se for pego, não minta para mim. Por isso, Baghdatis não vai conseguir

sacar, não vai conseguir nem se levantar da cadeira.

E então ele se levanta e confirma seu game de saque.

Mas o que mantém esse cara em pé?!

Ah, é mesmo, a juventude.

Em 5-5, jogamos um game de pernas de pau. Ele comete um erro, vai para o nocaute. Rebato com outra pancada e venço. Na frente, 6-5.

Baghdatis saca. Chega a 40-15. Ele está a 1 ponto de levar a partida para o tiebreak.

Eu luto para empatar em iguais.

Então faço o ponto seguinte e agora tenho o match point.

Uma troca de bolas rápida e feroz. Ele acerta um forehand selvagem, e, assim que a bola sai da raquete dele, eu sei que ela saiu. Sei que ganhei o jogo e, no mesmo instante, sei que não teria energia para dar nem mais um passo.

Encontro Baghdatis na rede, apertamos as mãos, a dele está tremendo, e saímos apressadamente da quadra. Nem penso em parar. *Preciso continuar andando*. Entro cambaleando no túnel, com a sacola no ombro esquerdo, mas com a impressão de que está no outro ombro porque todo o meu corpo está torcido. Quando chego ao vestiário, não consigo mais dar um passo. Não consigo ficar em pé. Estou afundando no chão. Darren e Gil chegam, tiram a sacola do meu ombro e me carregam até uma maca. O pessoal do Baghdatis o coloca na maca ao lado.

Darren, o que há de errado comigo?

Deite-se, *mate*. Tente se alongar.

Não consigo, não consigo...

Onde dói? Você está com câimbra? Não, estou sufocado. Não consigo *respirar*.

O quê?

Não consigo, Darren, não consigo... *respirar*.

Darren ajuda alguém a colocar gelo no meu corpo, ergue meus braços, e alguém chama um médico. Ele pede que eu me alongue, alongue e aguente firme.

Relaxa, cara. Solta. Seu corpo está travado. Deixa tudo de lado, *mate*, acabou.

Mas não consigo. E o problema é todo esse, não é mesmo? Eu não consigo deixar nada de lado.

Um caleidoscópio de rostos aparece sobre mim. Gil, apertando meu braço, me dá uma bebida para ajudar a recuperação. Eu amo você, Gil. Stefanie beija minha testa e sorri – não sei se está feliz ou nervosa. *Ah, sim, claro. Foi nela que já vi esse sorriso antes*. Um dos preparadores avisa que o médico está a caminho. Liga a tv que está ali perto. Alguma coisa para fazer enquanto vocês esperam, ele explica.

Tento assistir à televisão. Ouço gemidos à minha esquerda. Viro a cabeça devagar e vejo Baghdatis na maca ao lado. Sua equipe cuida da recuperação dele. Alongam o quadríceps e a panturrilha dele entra em câimbra. Alongam esse tendão e o quadríceps encurta. Ele tenta deitar de barriga para baixo e a virilha entra em câimbra. Encolhe-se como uma bola e pede que o deixem em paz. Todos saem do vestiário e ficamos apenas nós dois. Volto a olhar para a televisão.

Alguns instantes depois algo me faz olhar para Baghdatis de novo. Ele está sorrindo para mim. Nervoso ou feliz? Talvez as duas coisas. Sorrio para ele também.

Ouço meu nome vindo do aparelho de tv. Viro a cabeça. Melhores momentos do jogo. Os primeiros dois sets, tão enganadoramente fáceis. No terceiro, Baghdatis começa a acreditar. No quarto, uma briga de foice.

O quinto, o interminável nono game. Uma das melhores partidas da minha vida. Que joguei e a que assisti. O comentarista define a partida como um clássico do esporte.

Em minha visão periférica consigo perceber um discreto movimento. Viro para ver Baghdatis estendendo a mão. Seu rosto diz: Nós *fizemos* isso. Estendo minha mão e pego a dele; ficamos ali, de mãos dadas, enquanto os noticiários reproduzem cenas de nossa selvagem batalha.

Por fim deixo minha mente ir aonde ela queria. Não consigo mais detê-la. Sem pedir licença, minha cabeça me joga irremediavelmente no passado. E, como ela percebe e registra os menores detalhes, vejo tudo com uma clareza incrível – cada revés, vitória, disputa, chilique, cheque de prêmio, namorada, traição, repórteres, esposa, filho, roupa, cartas de admiradores, partidas de vingança, lágrimas derramadas. Como se outro aparelho de televisão transmitisse cada destaque dos meus últimos 29 anos, tudo passando rápido como num turbilhão em alta definição.

Muitas vezes, as pessoas perguntam como é a vida de um tenista, e nunca consigo descrever. Mas existe uma palavra que chega perto. Mais do que qualquer outra coisa, trata-se de um massacrante, empolgante, horrível e espantoso *turbilhão*. Que exerce uma força centrífuga, que passei trinta anos tentando combater. Agora, deitado em pleno Arthur Ashe Stadium, de mãos dadas com um adversário derrotado e à espera de alguém que possa nos ajudar, faço a única coisa que posso. Paro de lutar contra as coisas. Apenas fecho os olhos e acompanho.

Capítulo 1

Tenho sete anos e falo sozinho porque estou assustado e porque sou a única pessoa que escuta o que eu digo. Bem baixinho, digo para mim mesmo: Desista, Andre, apenas desista. Largue a raquete e saia desta quadra de uma vez, agora. Vá para casa e procure alguma coisa gostosa para comer. Vá brincar com Rita, Philly ou Tami. Fique ao lado da mamãe enquanto ela faz tricô ou monta um de seus quebra-cabeças. Não seria legal? Não seria como estar no paraíso, Andre? Apenas desistir? Nunca mais jogar tênis novamente?

Mas eu não consigo fazer isso. Não só meu pai me perseguiria pela casa, me ameaçando com minha própria raquete, como alguma coisa dentro de mim, algum músculo lá no fundo de mim, não me deixa fazer isso. Eu detesto jogar tênis, detesto de todo o meu coração, mas continuo jogando, batendo bola todas as manhãs e todas as tardes, porque não tenho escolha. Não importa quanto eu queira parar, não consigo. Continuo implorando a mim mesmo para parar, mas sigo na quadra, e esse descompasso, essa contradição entre o que eu quero fazer e o que eu realmente faço, parece ser o centro da minha existência.

Neste momento, meu ódio pelo tênis está concentrado no dragão, uma máquina de lançar bolas que foi modificada pelo meu pai cuspidor de fogo. Totalmente pintada de preto, instalada sobre rodas de borracha, com a palavra prince pintada em letras maiúsculas brancas embaixo, à primeira vista parece as outras máquinas de lançar bolas existentes em quase todos os clubes de campo dos Estados Unidos. Mas esta é de fato uma criatura viva, que respira, saída diretamente das minhas revistas de quadrinhos. O dragão tem cérebro, vontade, um coração negro e uma voz aterrorizante. Cada vez que uma bola entra em sua barriga, ele faz uma série de ruídos assustadores. Conforme aumenta a pressão em sua garganta, ele rosna. Conforme a bola se encaminha devagar até sua boca, ele guincha. Por um instante a fera parece quase boba, como a máquina de calda de chocolate que engole Augustus Gloop em *A fantástica fábrica de chocolate*. Mas, quando o dragão mira em mim e dispara uma bola a cerca de 170 quilômetros por hora, o som que ela faz é um rugido capaz de congelar o sangue. Não consigo evitar tremer, todas as vezes.

Meu pai transformou o dragão numa máquina assustadora de propósito. Dotou-a de um pescoço extralongo feito de alumínio e uma cabeça estreita também de alumínio, que se encolhe como um chicote cada vez que o dragão cospe. Ele também instalou sua máquina sobre uma base bem alta e levou-a em toda a sua potência até a rede, de forma que o dragão fica mais alto do que eu. Aos sete anos, sou pequeno para minha idade. (Pareço ainda menor porque estou sempre encolhido e por causa de um corte de cabelo em tigela que meu pai me obriga fazer a cada dois meses.) Só que, diante do dragão, pareço minúsculo. Eu me sinto minúsculo. Indefeso.

Meu pai quer que o dragão fique mais alto do que eu não só para garantir minha atenção e meu respeito. Ele quer que as bolas cuspidas pela boca do dragão caiam nos meus pés como se tivessem sido atiradas de um avião. Com essa trajetória, fica quase impossível devolver a bola da forma convencional: eu preciso bater na bola durante o movimento ou ela vai passar por cima da minha cabeça. Mas nem isso basta para o meu pai. Bata antes, ele grita. *Antes*!

Meu pai grita tudo duas vezes, às vezes três, às vezes dez. Com mais força, ele diz, *mais*

força! Mas o que adianta? Não importa com que força eu bata na bola, não importa quanto eu bata antes, a bola volta. Todas as bolas que mando sobre a rede se juntam aos milhares que já ocupam a quadra. Não são centenas, são milhares. Elas rolam de volta para mim em ondas permanentes. Não tenho espaço para virar, me posicionar, girar meu corpo. Não consigo me mexer sem pisar numa bola – e ai de mim se eu pisar mesmo, porque aí meu pai fica furioso. Basta pisar numa das bolinhas de tênis do meu pai para ele começar a berrar como se eu tivesse pisado no olho dele.

Cada terceira bola arremessada pelo dragão atinge uma bola que já está no chão, e por isso ela pula de lado de um jeito doido. Tento me ajustar no último segundo, pegar a bola logo e rebatê-la direitinho sobre a rede. Sei que isso não é um reflexo comum. Sei que poucas crianças no mundo seriam capazes de ver essa bola, quanto mais conseguir acertá-la com uma raquete. Mas eu não me orgulho dos meus reflexos, não sou elogiado por isso. É apenas o que esperam que eu faça. Todo acerto é algo esperado, todo erro uma crise.

Meu pai diz que, se eu rebater 2.500 bolas por dia, terei rebatido 17.500 numa semana. Ao final de um ano, dá quase 1 milhão de bolas. Ele acredita em matemática. Diz que os números não mentem nunca. Uma criança que consegue bater 1 milhão de bolas por ano será imbatível.

Bata *antes*, berra meu pai. Droga, Andre, bata *antes*. Suba na bola, suba na bola.

Agora é ele que está em cima de mim. Está berrando bem na minha orelha. Não basta rebater todas as bolas que o dragão cospe em mim; meu pai quer que eu bata com mais *força* e mais *rápido* do que a máquina. Quer que eu derrote o dragão. Essa ideia me deixa em pânico. Falo comigo mesmo: Você não pode derrotar o dragão. Como derrotar uma coisa que nunca para? Começo a achar que o dragão se parece muito com o meu pai. Só que o meu pai é pior. O dragão pelo menos fica parado na minha frente, onde posso vê-lo. Meu pai fica atrás de mim, raramente posso vê-lo. Apenas consigo ouvir, dia e noite, seus gritos no meu ouvido.

Mais topspin! Bata com mais força! *Mais força*! Não na rede! Droga, Andre! *Nunca na rede!*

Nada deixa meu pai mais furioso do que mandar uma bola na rede. Ele também reclama quando mando a bola longe ou alta demais, mas, quando ela bate na rede, ele chega a espumar de raiva. Erros são uma coisa, a rede é algo mais. Ele não cansa de repetir: A rede é o seu maior inimigo.

Meu pai mandou levantar o inimigo quase vinte centímetros acima da altura regulamentar, para dificultar ainda mais bater as bolas acima dela. Se eu conseguir mandar as bolas sobre a rede mais alta do meu pai, ele imagina que não terei dificuldades quando estiver jogando em Wimbledon. Não faz diferença eu não querer jogar lá. O que eu quero não conta. Algumas vezes assisto com ele a alguns jogos de Wimbledon na televisão, e nós dois torcemos para Björn Borg, porque ele é o melhor, não para nunca, é o que mais se parece com o dragão – só que eu não quero ser Borg. Admiro seu talento, sua energia, seu estilo, sua habilidade para se concentrar no jogo, mas, se eu um dia chegar a desenvolver essas qualidades, prefiro dirigi-las para algo que não Wimbledon. Alguma coisa que eu mesmo escolha.

Bata com mais força, berra meu pai. *Mais força!* Agora backhands. *Backhands!*

Meu braço parece que vai cair. Tenho vontade de perguntar: Vai demorar muito tempo ainda, pai? Mas não pergunto nada. Faço o que mandam. Bato o mais forte que consigo, depois mais forte ainda. Numa das batidas, chego a me surpreender com a minha força e destreza. Apesar de detestar jogar tênis, gosto de acertar uma bola com uma batida perfeita. É o único

momento de paz. Quando faço algo perfeito, consigo ter um meio segundo de sanidade e calma.

O dragão reage com perfeição, contudo, mandando a próxima bola com mais velocidade ainda.

Prepara o golpe mais curto, instrui meu pai. Prepara curto – só isso. Como escovar a bola, escove a bola!

Às vezes, durante o jantar, ele resolve fazer demonstrações. Abaixe a raquete sob a bola, ele diz, e depois, como um pincel na bola, pincele! Ele mostra o movimento como se fosse um pintor, movendo com suavidade um pincel. Acho que essa é a única vez que vejo meu pai fazer algo com suavidade.

Atenção nos voleios, ele grita – ou pelo menos tenta. De origem armênia, meu pai nasceu no Irã e fala cinco idiomas, nenhum deles direito. Seu inglês tem um sotaque terrível. Sempre troca o som do "v" e do "u", por exemplo. De todas as suas instruções, esta é a favorita. Ele grita tantas vezes que consigo ouvir seus berros nos meus sonhos. Atenção nos *uoleios*! Nos *uoleios*!

Treino tantos "uoleios" que não consigo mais ver a quadra. Nem um único quadradinho de cimento verde aparece sob as bolinhas amarelas. Tropeço numa delas e desmorono como um velho. Finalmente, até meu pai admite que a quantidade de bolas é excessiva. É contraproducente. Se eu não conseguir me movimentar direito, não vamos atingir nossa cota diária de 2.500 bolas. Ele aumenta a rotação do ventilador, a enorme máquina usada para secar a quadra depois que chove. É claro que nunca chove onde moramos – Las Vegas, no estado de Nevada –, e meu pai usa o possante secador para juntar os milhares de bolinhas de tênis. Do mesmo jeito que ele fez com a máquina de lançar bolas, meu pai modificou o secador normal e o transformou em outra criatura demoníaca. Esta é uma das minhas lembranças mais antigas: com cinco anos de idade, estou sendo tirado do jardim da infância para ir com o meu pai até uma oficina de soldas para vê-lo construir uma máquina maluca que parece um cortador de grama e é capaz de encurralar centenas de bolinhas de tênis de uma vez.

Agora eu o observo empurrar o secador, vejo as bolas fugindo dele e sinto simpatia pelas bolas. Se o dragão e o secador são coisas vivas, talvez as bolas também sejam. Talvez façam o que eu faria, se pudesse – fugir para muito longe do meu pai. Depois de mandar todas as bolas para um canto, ele pega uma pá de neve e as coloca dentro de uma fila de latas de lixo metálicas, baldes, com os quais alimenta o dragão.

Ele se vira e me vê observando tudo. Mas que diabos você está olhando? Continue jogando! Continue jogando!

Meu ombro dói. Não consigo mais rebater uma bola.

Bato mais três.

Não aguento nem mais um minuto.

Rebato durante outros dez.

Tive uma ideia. Sem querer querendo, jogo uma bola por cima da cerca. Dou um jeito de acertá-la com o aro de madeira da raquete, e por isso parece uma jogada que não deu certo. Faço isso quando preciso parar um pouco, e pela minha cabeça passa a ideia de que devo ser muito bom para conseguir bater uma bola errada de propósito.

Meu pai ouve a bola bater na madeira e olha para cima. Vê a bola saindo da quadra. Ele

xinga. Mas ouviu o barulho do contato com a madeira, por isso sabe que foi um acidente. Além disso, pelo menos não bateu na rede. Ele sai pisando duro do quintal, na direção do deserto. Agora tenho quatro minutos e meio para recuperar a respiração e observar os falcões que voam em círculos preguiçosos lá no alto do céu.

Meu pai gosta de atirar nos falcões com sua espingarda. Nossa casa fica forrada com as vítimas de seus tiros, aves mortas que cobrem o telhado da mesma forma como as bolas de tênis cobrem a quadra. Meu pai diz que não gosta de falcões porque eles fazem voos rasantes para se alimentar de camundongos e outras criaturas indefesas que vivem no deserto. Ele não consegue suportar a ideia de um ser forte capturar um ser fraco. (O mesmo acontece quando ele vai pescar: seja qual for o peixe que pega, ele beija a cabeça coberta de escamas e joga o peixe de volta na água.) Mas é claro que não se incomoda nem um pouco em fazer de mim a sua presa, em me deixar ficar até sem ar, preso no anzol dele. Ele não percebe a contradição. Não liga para contradições. Não nota que eu sou a criatura mais indefesa deste maldito deserto. Se percebesse, será que me trataria de outro jeito?

Agora ele volta marchando para a quadra, joga a bola na lata de lixo e vê que estou olhando para os falcões. Ele fixa o olhar em mim. Mas que merda você *está fazendo*? Para de pensar. É proibido pensar!

A rede é o maior inimigo, mas pensar é pecado mortal. Meu pai acredita que pensar é a fonte de todas as coisas ruins, porque é o oposto de agir. Quando ele me flagra pensando ou sonhando acordado dentro da quadra, reage como se me pegasse tirando dinheiro da sua carteira. Muitas vezes me pergunto como faço para parar de pensar. Eu me pergunto se ele grita tanto para eu parar de pensar porque sabe que nasci um pensador por natureza. Ou se, por causa de todos os berros, acabei virando um menino que pensa? Será que pensar sobre outras coisas que não tênis é uma espécie de desafio?

Gosto de pensar que sim.

Nossa casa é um barraco que foi ampliado, construído nos anos 1970, com revestimento de estuco branco e beirais escuros descascando. Há grades nas janelas. O teto, onde caem os falcões abatidos, tem telhas de madeira – várias delas faltando. Na porta fica um chocalho de vaca que faz barulho sempre que alguém entra ou sai, como a campainha que avisa que vai começar um novo *round* numa luta de boxe.

Meu pai mandou pintar de verde-bandeira o muro alto de cimento que rodeia a casa. Por que essa cor? Porque verde é a cor do gramado das quadras de tênis. Além disso, ele gosta da facilidade de orientar as pessoas que procuram nossa casa da seguinte forma: Vire à esquerda, desça meio quarteirão e procure um muro pintado de verde.

Como se recebêssemos visitas.

Por todos os lados, a nossa casa é cercada pelo deserto, nada além do deserto, que para mim é outro jeito de dizer “morte”. Pontilhado por arbustos de carrapichos, salsolas e cascavéis enroscadas, o deserto em volta da nossa casa parece não ter razão de existir a não ser servir de depósito de lixo para os moradores. Colchões, pneus, pessoas sem utilidade. Las Vegas – os cassinos, a Strip, os hotéis – está bem longe daqui, uma ilusão faiscante. Meu pai vai até lá, trabalhar nesse mundo ilusório, todos os dias. Ele é chefe dos garçons de um dos cassinos, mas se recusa a morar mais perto. Nós mudamos para cá, para o meio do nada, no coração de lugar nenhum, porque só aqui meu pai conseguiria comprar uma casa com um

quintal grande o bastante para conter a quadra de tênis dos seus sonhos.

Mais uma lembrança de infância: andando de carro à toa por Las Vegas com o meu pai e um corretor de imóveis. Poderia ser divertido se não fosse assustador. Casa após casa, antes mesmo que o corretor estacionasse o carro, meu pai saltava do veículo. O vendedor, no encalço do possível cliente, começava a falar das escolas próximas dali, da criminalidade da região, das taxas de juros da hipoteca – só que meu pai não ouvia nada. Com o olhar fixo lá na frente, ele entrava na casa como um raio, cortava a sala, a cozinha e ia direto para o quintal, onde tirava a trena para ver se a área tinha 23,77 metros por 10,97 metros, as medidas oficiais de uma quadra de tênis. Com grande frequência ele saía gritando, Droga, não tem espaço! Vamos embora! Vamos embora daqui! Meu pai então atravessava a cozinha, a sala de estar e saía pela porta de entrada, com o corretor se apressando para acompanhar os passos dele.

Vimos um imóvel que minha irmã do meio, Tami, queria desesperadamente. Ela implorou para que meu pai comprasse aquela casa, porque a planta tinha formato de T, e essa é a inicial do nome dela. Meu pai quase fechou o negócio, talvez porque a mesma letra também esteja no começo da palavra "tênis". Eu gostei da casa, minha mãe também. Mas o quintal tinha alguns centímetros a menos do que o necessário para acomodar a quadra.

Não tem espaço! Vamos embora!

Finalmente achamos esta casa, com uma área externa tão grande que ele não precisou nem medir. Apenas se postou no meio do quintal, virou-se devagar, olhou, sorriu e projetou o futuro.

Negócio fechado, disse calmamente.

Ainda não tínhamos levado para dentro nossa última caixa com a mudança quando meu pai começou a construir a quadra dos seus sonhos. Até hoje não sei como ele fez isso. Nunca havia trabalhado com construção. Não entendia nada de concreto, asfalto, sistemas de drenagem de água. Não consultou livros nem recorreu a especialistas. Apenas tinha uma imagem na cabeça e dedicou-se a transformá-la em realidade. Como acontece com muitas outras coisas, a concretização do projeto só foi possível graças a muita energia e a uma enorme obstinação. Acho que ele deve estar fazendo a mesma coisa comigo.

Ele precisava de ajuda, é claro. Concretar uma área é um trabalho duro. Por isso, todas as manhãs ele me levava ao Sambo's, uma lanchonete situada na Strip, para recrutar alguns caras que vagavam sem ocupação pelo estacionamento. O meu favorito era Rudy. Cheio de cicatrizes e com uma barrica de abdômen, ele sempre sorria para mim como se entendesse que eu não sabia quem era nem onde estava. Rudy e sua turma iam com a gente até os fundos da nossa casa, e ali meu pai explicava o que precisava ser feito. Depois de umas três horas, meu pai e eu partíamos para o McDonald's e comprávamos um monte de Big Macs e batatas fritas. Na volta, meu pai me deixava tocar o chocalho da porta e avisar os trabalhadores que o almoço estava servido. Eu gostava de agradar a Rudy, de vê-lo comer como se fosse um lobo. Gostava da ideia de que, depois de um trabalho duro, vinha uma doce recompensa – a não ser quando o trabalho duro significava rebater bolas de tênis.

Os dias com Rudy e os Big Macs passaram rápido. De repente meu pai tinha terminado a tão sonhada quadra, o que significava que eu tinha ganho uma prisão. E tinha ajudado a alimentar o pessoal que ergueu minha cela. Tinha ajudado a medir e a pintar as linhas brancas que me confinariam. Por que fiz aquilo? Porque não tinha escolha. O mesmo motivo pelo qual faço todas as outras coisas na vida.

Ninguém nunca me perguntou se eu queria jogar tênis, quanto mais fazer disso a minha vida. Na verdade, minha mãe achava que eu tinha nascido para ser pastor. Mas ela me contou que, antes mesmo do meu nascimento, meu pai tinha decidido que eu seria um tenista profissional. E, com apenas um ano de idade, nas palavras dela, eu confirmei que meu pai tinha razão. Ao assistir a uma partida de pingue-pongue, eu movia apenas os olhos, nunca a cabeça. Meu pai chamou minha mãe para ver.

Olha só, ele disse. Viu como ele mexe só os olhos? Tem talento natural.

Ela me contou que, quando eu ainda estava no berço, meu pai pendurou um móbile com bolinhas de tênis e me estimulava a bater nelas com uma raquete de pingue-pongue que prendeu nas minhas mãos com fita adesiva. Quando eu tinha três anos, ganhei uma raquete em miniatura e ele me disse que eu podia sair batendo em tudo. Eu gostava de acertar os saleiros da casa, gostava de vê-los voando pelo vidro das janelas. Acertava aces no cachorro da família. Meu pai nunca me repreendeu. Ele ficava furioso com muitas coisas, mas nunca reclamou quando eu batia forte em algo com aquela raquetinha.

Quando eu tinha quatro anos, meu pai começou a me levar para bater bola com os tenistas que jogavam na cidade, começando com Jimmy Connors. Meu pai me dizia que Connors era um dos melhores que já existiram. Fiquei mais impressionado com o corte de cabelo dele, em estilo tigela, igual ao meu. No final do nosso bate-bola, Connors disse ao meu pai que tinha certeza de que eu seria um tenista muito bom.

Isso eu já sei, meu pai respondeu, aborrecido. Um tenista muito bom? Não, ele vai ser o número 1 do mundo!

Ele não estava buscando a confirmação de Connors. Estava atrás de alguém que pudesse me ensinar a jogar.

Sempre que Connors vinha a Las Vegas, meu pai encordoava as raquetes dele. Meu pai é um mestre encordoador. (Quem melhor do que o velho para criar e manter a tensão?) É sempre a mesma rotina. Pela manhã, Connors manda uma caixa cheia de raquetes, e oito horas depois meu pai e eu encontramos com ele num restaurante da Strip. Meu pai me manda entrar, levando as raquetes recém-encordoadas. Peço ao gerente para me mostrar a mesa do sr. Connors. Ele me encaminha para um canto do salão, onde Connors está instalado com sua comitiva. Ele ocupa o centro, de costas para a parede. Levo as raquetes para ele com todo o cuidado, sem falar uma palavra. A mesa fica em silêncio, e todos olham para mim. Connors pega as raquetes de qualquer jeito e coloca numa cadeira. Por alguns instantes eu me sinto importante, como se tivesse acabado de entregar espadas recém-afiadas para um dos Três Mosqueteiros. Aí Connors passa a mão na minha cabeça, fala algo sarcástico sobre mim ou meu pai, e o resto do pessoal da mesa cai na gargalhada.

Quanto mais melhora meu desempenho no tênis, pior me saio na escola, o que me dói. Gosto dos livros, mas tenho a impressão de que eles me dão uma surra. Gosto dos professores, mas não entendo boa parte do que eles dizem. Parece que não consigo compreender as coisas ou processar os fatos do modo como os outros alunos fazem. Tenho ótima memória, mas acho complicado me concentrar. Preciso que repitam a explicação duas, três vezes. (Será por isso que meu pai grita tudo duas vezes?) Além disso, sei que meu pai lastima cada momento que passo na escola, porque isso quer dizer que não estou na quadra. Assim, não gostar dos estudos e ir mal na escola parece uma forma de demonstrar lealdade ao meu pai.

Alguns dias, com os filhos a caminho da escola, ele sorri e diz: Vamos fazer um acordo, tá? Que tal se, em vez de ir para a aula, a gente for até o Cambridge Racquet Club? Vocês podem treinar a manhã toda, o que acham?

Sabemos a resposta que ele espera de nós e dizemos: *Oba*!

Só não é para contar para a mãe de vocês, ouviram?

O Cambridge Racquet Club é um pulgueiro comprido e de teto baixo, situado a leste da Strip, que tem dez quadras e um cheiro horrível – poeira, suor, pomadas e algo azedo, um cheiro de coisa vencida que nunca consigo identificar. Para o meu pai, é a extensão da nossa casa. Conversa com o dono, o sr. Fong, sempre de olho em nós para ter certeza de que estamos jogando, e não perdendo tempo rindo e brincando. Finalmente ele dá um assovio curto, um som que reconheço em qualquer lugar. Com os dedos dentro da boca ele emite um som forte e duro, que significa que o jogo acabou. Parem de bater bola e corram para o carro, já.

Meus irmãos sempre largam as raquetes antes de mim. Rita, a mais velha, Philly, meu irmão maior, e Tami, todos jogam tênis bem. Somos a família Von Trapp do tênis. Só que eu, o caçula, o bebê, sou o melhor. É o que o meu pai diz para mim, para os meus irmãos, para o sr. Fong. O Andre é o escolhido. Por isso ele me dá mais atenção. Sou a grande esperança da família Agassi. Às vezes gosto da atenção extra do meu pai, mas às vezes preferia ser invisível, porque ele chega a me assustar. Meu pai faz coisas assustadoras.

Às vezes, por exemplo, ele coloca o polegar e o indicador nas narinas e, controlando a dor que chega a marejar seus olhos, arranca um espesso feixe de pelos escuros do nariz. É assim que ele cuida do seu visual. Na mesma linha, costuma se barbear a seco, sem usar espuma nem creme. Apenas pega um aparelho de barbear descartável, subindo e descendo a lâmina pelo rosto, cortando a pele, esperando então que o sangue que escorre seque por conta própria.

Quando está estressado ou distraído, olha para o vazio e murmura: *Eu te amo, Margaret*. Uma vez perguntei para a minha mãe: Com quem ele está falando? Quem é Margaret?

Minha mãe diz que, quando meu pai tinha a minha idade, estava patinando sobre um lago e o gelo rachou. Ele caiu e se afogou, chegou a ficar sem respirar por um tempão. Quem o tirou da água e o reanimou foi uma mulher chamada Margaret. Ele não a conhecia nem voltou a vê-la outra vez. Mas a imagem dela de vez em quando lhe volta à mente, e ele fala com ela e lhe agradece com sua voz mais suave. Ele diz que a visão de Margaret toma conta dele como um acesso. Ele não tem consciência de que isso está acontecendo e depois que passa fica apenas uma leve lembrança.

Violento por natureza, meu pai está sempre pronto para a briga. Costuma praticar boxe com um adversário imaginário, anda com um machado no carro, sai de casa levando sal e pimenta nos bolsos para jogar nos olhos de algum eventual rival numa briga de rua e cegá-lo por alguns instantes. É claro que as batalhas mais sangrentas são as que ele trava consigo mesmo. Está sempre com o pescoço duro de tensão, que tenta resolver girando e movendo bruscamente a cabeça com irritação. Quando isso não dá resultado, ele se sacode como se fosse um cão, chacoalhando a cabeça para os lados até que seu pescoço faça um barulho parecido com uma pipoca estourando na panela. Quando nem *isso* funciona, ele recorre ao pesado saco de boxe pendurado num arreio fora de casa. Ele sobe numa cadeira, tira o saco de boxe e coloca o próprio pescoço no arreio. Aí empurra a cadeira com os pés e cai no vazio pelo menos uns trinta centímetros, num impulso que é abruptamente interrompido pelo arreio. Na primeira vez em que o vi fazendo isso, eu estava passeando pela casa. Olhei para cima e vi meu pai,

chutando a cadeira, pendurado pelo pescoço, com os sapatos quase um metro longe do chão. Na hora tive a certeza de que ele tinha se suicidado. Corri até ele, aos gritos.

Ao ver minha cara de espanto, ele gritou com raiva: Mas qual é a grande merda de problema com você?

A maioria das batalhas, porém, são travadas contra outras pessoas, e em geral começam sem aviso, nos momentos menos esperados. Quando ele dorme, por exemplo. Durante o sono ele sonha que luta boxe e, não raro, desfere poderosos socos na minha mãe adormecida. O mesmo acontece no carro. Há poucas coisas de que ele gosta mais do que dirigir o seu Oldsmobile verde a diesel, cantando junto com a fita de oito faixas de Laura Branigan. Mas, se outro motorista o fechar, ultrapassar ou reclamar se o meu pai tiver passado na frente dele, tudo vira um caos.

Um dia, estou ao lado dele, no carro a caminho do Cambridge Racquet Club, e ele começa a discutir com outro motorista. Meu pai para o carro, desce e manda o outro motorista fazer o mesmo. Como ele exibe orgulhoso o seu machado, o cara se recusa a brigar. Meu pai começa a bater com o machado nos faróis do carro do outro, espirrando cacos de vidro para todos os lados.

Em outra ocasião, ele passa em cima de mim para chegar ao outro lado e aponta uma carabina para o outro motorista. O cano fica bem na altura do meu nariz. Eu olho fixamente para a frente, sem mexer um músculo. Não sei o que o outro motorista fez de errado, mas entendo que o que ele fez equivale a acertar a bola na rede. Sinto a tensão do dedo do meu pai no gatilho. Aí escuto o barulho do outro carro acelerando e depois um som raro para mim – meu pai rindo. Está se achando o maioral. Digo a mim mesmo que vou lembrar desse momento – meu pai dando risada e a arma bem embaixo do meu nariz – mesmo que eu viva cem anos.

Depois de colocar a arma de volta no porta-luvas e ligar o carro, ele se vira para mim e avisa: Não conte nada disso para sua mãe.

Não consigo entender por que ele diz isso. O que a minha mãe poderia fazer se soubesse? Ela nunca abre a boca para reclamar de nada. Será que meu pai acha que para tudo há uma primeira vez?

Em um raro dia de chuva em Las Vegas, meu pai me leva no carro para buscar minha mãe no trabalho. Estou acomodado no banco, brincando e cantando. Meu pai passa para a pista da esquerda para virar, mas um caminhão buzina para ele. Acho que meu pai esqueceu de ligar a seta. Meu pai o ofende com um gesto obsceno com a mão. A mão dele subiu tão rápido que ele quase me acerta. O motorista do caminhão grita alguma coisa. Meu pai xinga de várias maneiras. O caminhoneiro para e abre a porta. Meu pai também para e desce do carro.

Eu me escondo no banco traseiro e olho tudo pela janela. A chuva fica mais forte. Meu pai se aproxima do caminhoneiro, que lhe dá um soco. Meu pai se vira, escapa do soco e desvia o golpe com o alto da cabeça, depois dispara uma saraivada de golpes que termina com um soco no queixo do cara. O caminhoneiro fica jogado na pista. Tenho certeza de que ele morreu. Se não morreu, vai morrer logo, porque está no meio da rua, e alguém vai atropelar o cara logo, logo. Meu pai volta para o carro e caímos fora. Continuo no banco de trás, olhando o caminhoneiro pela janela de trás, com a chuva pingando sobre seu rosto inconsciente. Eu me viro para olhar para o meu pai, que resmunga, fazendo movimentos com as mãos que seguram o volante. Pouco antes de pegar minha mãe ele avalia as mãos, abre e fecha os punhos para se certificar de que não quebrou nenhum osso. Aí olha para o banco de trás, diretamente nos

meus olhos, embora me dê a impressão de que está olhando para Margaret. De uma forma quase suave, ele diz: Não conta nada para sua mãe.

Momentos como esse, e muitos outros, me veem à mente sempre que penso em falar ao meu pai que não quero jogar tênis. Além de amá-lo e querer agradá-lo, não quero que ele fique aborrecido. Não ouso. Quando ele fica aborrecido, acontecem coisas ruins. Se ele diz que devo jogar tênis e ser o número 1 do mundo, que esse é o meu destino, só me cabe acatar e obedecer. Eu daria o mesmo conselho a Jimmy Connors ou a qualquer outra pessoa.

O caminho para chegar a número 1 do mundo passa pela represa Hoover. Quando estou com quase oito anos, meu pai avisa que já passou a época de treinar no quintal contra um dragão mecânico e em bate-bolas sem importância no Cambridge. É hora de fazer parte de torneios de verdade, contra adversários de verdade, por todos os locais de Nevada, do Arizona e da Califórnia. Todos os finais de semana, a família inteira se aperta no carro e pega a estrada, seja rumo ao norte, pela u.s. 95 para Reno, ou ao sul, por Henderson, ou pela represa Hoover, atravessando o deserto até Phoenix, Scottsdale ou Tucson. O último lugar em que eu gostaria de estar (além da quadra de tênis) é num carro com o meu pai. Mas já está decidido. Estou condenado a dividir a minha infância entre essas duas prisões.

Ganho meus primeiros sete torneios na categoria abaixo de dez anos. Meu pai não esboça reação. Estou apenas cumprindo minha obrigação. No caminho de volta pela represa Hoover, contemplo toda a quantidade de água contida atrás daquela muralha maciça. Observo a inscrição na base do mastro da bandeira: *Em homenagem aos homens que, inspirados pela visão de terras solitárias, as tornaram férteis*... A frase gruda na minha cabeça. Terras solitárias. Será que existe uma terra mais solitária do que nossa casa no deserto? Penso na raiva represada dentro do meu pai, como o rio Colorado atrás da represa Hoover. É apenas uma questão de tempo até que arrebente. Não há nada a fazer, a não ser achar um lugar bem alto.

Para mim, isso significa vencer. Vencer sempre.

Vamos para San Diego. Morley Field. Enfrento um moleque chamado Jedd Tarango, que não chega nem perto do meu nível. Mas ele vence o primeiro set por 6-4. Estou atordoado e assustado. Meu pai vai me matar. Viro o jogo, venço o segundo set por 6-0. No início do terceiro, Tarango torce o tornozelo. Começo a dar curtinhas, fazendo o cara correr com o pé machucado. Mas ele está apenas fingindo, e não há nada de errado com seu tornozelo. Ele reage, devolve minhas bolas e fatura todos os pontos.

Meu pai berra da arquibancada: Chega de curtinhas! Chega de curtinhas!

Mas eu não consigo parar. Tenho uma estratégia e quero segui-la.

Vamos para o tiebreak. É melhor de nove pontos. Vamos ganhando pontos cá e lá até chegar a 4 iguais. Cá estamos. Morte súbita. Um ponto vale o jogo todo. Nunca perdi e não consigo nem imaginar a reação do meu pai se isso acontecer agora. Jogo como se minha vida estivesse na balança, o que não deixa de ser verdade. Talvez Tarango tenha um pai como o meu, porque joga com o mesmo desespero.

Consigo acertar um backhand cruzado, no fundo da quadra. Bato a bola como se fosse uma jogada dentro de um rali, só que a bola vai com mais força e velocidade do que eu esperava. É um winner descarado, um metro dentro da quadra, mas bem longe do alcance de Tarango. Comemoro a vitória. Tarango, parado no meio da quadra, abaixa a cabeça e parece chorar.

Devagar, ele se aproxima da rede.

Agora ele para. De repente, ele olha para o local onde a bola caiu e sorri.

Foi fora, ele diz.

Eu paro.

A bola saiu! Tarango grita.

Assim é a regra nos torneios juniores. Os jogadores são os juízes de linha. Eles decidem se caiu dentro ou fora, e não há como apelar. Tarango preferiu fazer isso a perder, pois sabe que não existe ninguém capaz de fazer nada a respeito. Ergue suas mãos em sinal de vitória.

Eu começo a chorar.

Começa uma confusão na arquibancada, com pais discutindo, gritando, quase se batendo. Não é justo, não é certo, mas é assim. Tarango venceu. Eu me recuso a cumprimentá-lo. Fujo para o Balboa Park. Quando volto, meia hora depois, ensopado e em lágrimas, meu pai está furioso. Não porque eu sumi, mas porque não segui suas instruções durante a partida.

Por que você não me ouviu? Por que insistiu com as curtinhas?

Pela primeira vez, não sinto medo dele. Não importa o tamanho da raiva que ele tem de mim, a minha é maior. Estou furioso com Tarango, com Deus, comigo mesmo. Mesmo tendo sido roubado por Tarango, eu não deveria ter deixado o moleque em posição de me prejudicar. Não devia ter deixado o jogo ir tão longe. Por ter feito isso, tenho uma derrota na minha carreira. E isso não dá para mudar. Não suporto esse pensamento, mas ele é inevitável: sou falível. Imperfeito. Manchado. Um milhão de bolas contra o dragão – para quê?

Depois de anos ouvindo meu pai berrando na minha cabeça por causa dos meus erros, bastou uma derrota para eu assumir o discurso dele. Eu tinha internalizado meu pai – sua impaciência, seu perfeccionismo, sua fúria – até que a voz dele não apenas parece a minha: *é* a minha voz. Não preciso mais dele para me torturar. Desse dia em diante, eu mesmo posso fazer isso sozinho.

Capítulo 2

A mãe do meu pai mora com a nossa família. Ela é uma desagradável senhora de Teerã, com uma verruga do tamanho de uma noz na ponta do nariz. Às vezes não ouvimos uma palavra do que ela diz porque não conseguimos tirar os olhos da verruga. Mas não importa, ela deve estar falando as mesmas coisas desagradáveis que disse ontem, e anteontem, e provavelmente está dizendo tudo isso para o meu pai. Acho que essa é a sua missão na terra: atormentar o meu pai. Ele diz que a mãe o repreendia muito quando ele era pequeno e batia nele. Quando ele se comportava muito mal, mandava-o para a escola usando roupas de menina. Foi por isso que ele aprendeu a lutar.

Quando não está importunando meu pai, a velha senhora fica resmungando sobre seu país, cantando músicas sobre o lugar que deixou para trás. Minha mãe diz que a avó está mal porque sente saudades de casa. A primeira vez que ouvi a expressão *homesick* me perguntei: Como alguém pode ficar doente por não estar em casa? A casa é onde mora o dragão. É o lugar onde, assim que estamos lá, somos obrigados a jogar tênis.

Se minha avó quer voltar para sua terra, sou totalmente a favor. Tenho apenas oito anos, mas eu mesmo a levaria ao aeroporto, porque ela só piora as coisas numa casa que não precisa de mais tensão. Ela deixa o meu pai infeliz, manda o tempo todo em mim e nos meus irmãos e vive numa estranha competição com a minha mãe. Minha mãe conta que, quando eu era bebê, uma vez ela entrou na cozinha e viu minha avó tentando me amamentar. Desde então, as coisas nunca ficaram amigáveis entre as duas.

Claro, existe pelo menos uma coisa boa no fato de minha avó viver conosco. Ela conta histórias sobre o meu pai e a infância dele, e ele às vezes fica tão tocado pelas reminiscências que acaba se abrindo. Se não fosse por ela, não saberíamos muito do passado dele, que foi solitário e triste e ajuda a explicar o estranho comportamento dele e sua raiva em permanente ebulição.

Ah, ela diz com um suspiro, como éramos pobres. Vocês nem podem imaginar. E passávamos *fome*, ela ressalta, apertando a barriga. Não tínhamos comida – nem água encanada ou eletricidade. E nem um móvel sequer na casa.

E onde vocês dormiam?

Nós dormíamos no chão sujo! Todos nós num quarto minúsculo! Um antigo cômodo erguido nos fundos de um quintal imundo. No canto do pátio havia um buraco, que era a privada de todos que moravam ali.

Meu pai interrompe a descrição.

As coisas melhoraram depois da guerra, ele afirma. De um instante para outro, as ruas ficaram tomadas de soldados ingleses e americanos. Eu gostava deles.

E por que você gostava dos soldados?

Porque eles me davam doces e sapatos.

Eles também me ensinaram inglês. A primeira palavra que meu pai aprendeu com os soldados foi *victory* [vitória]. Eles só falavam disso para nós, conta meu pai. *Uíctori*.

E eles eram enormes, explica meu pai. Grandes e fortes. Eu ia atrás deles por toda parte, observando, vendo o que faziam, e um dia segui alguns até o lugar onde passavam o tempo

livre – uma área na floresta onde havia duas quadras de tênis de saibro.

Não havia cercas ao redor das quadras, e por isso as bolas saíam pulando longe o tempo todo. Meu pai corria atrás delas, pegava as bolas e trazia de volta para os soldados, como um cão adestrado, até que eles finalmente o nomearam gandula. Depois, meu pai acabou virando o responsável oficial pelas quadras.

Meu pai conta: Todos os dias eu varria, aguava, alisava o piso da quadra com um tambor pesado. Pintava as linhas de branco. E que trabalheira! Eu usava água de cal.

E quanto eles pagavam para você?

Pagar? Não pagavam nada! Eles me deram uma raquete de tênis. Na verdade era uma velharia, um pedaço velho de madeira encordoado com fios de arame. Mas eu adorava minha raquete. Passava horas com ela, sozinho, batendo bola numa parede de tijolos.

E por que sozinho?

Porque mais ninguém jogava tênis no Irã.

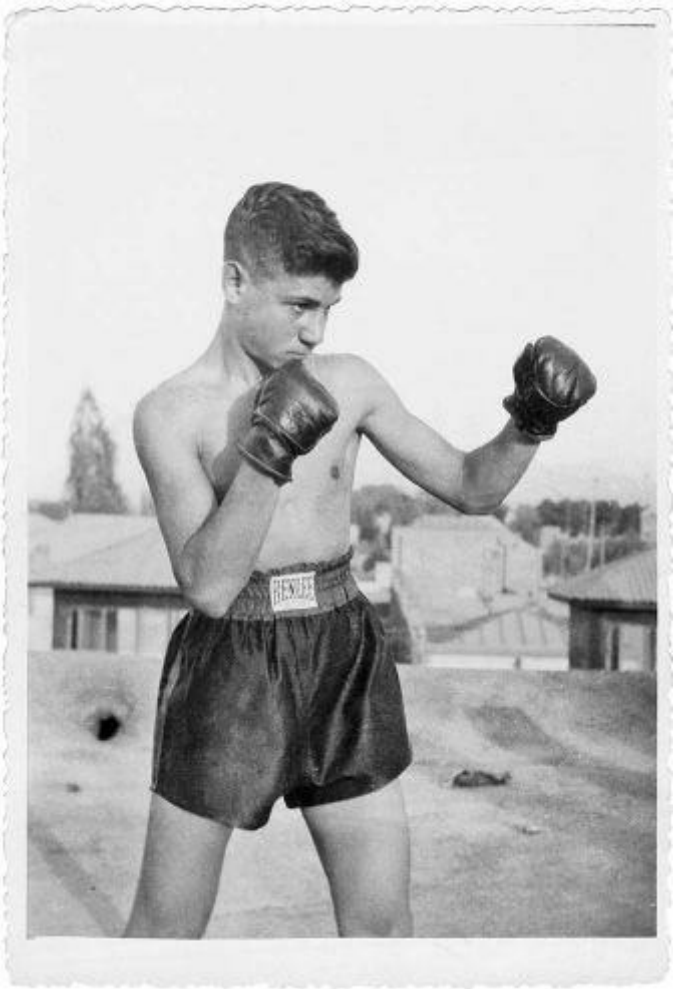
O único esporte que podia oferecer adversários regulares para o meu pai era o boxe. Sua capacidade de brigar tinha sido testada primeiro nas brigas de rua, uma após outra, mas quando ele era adolescente entrou numa academia e começou a aprender as técnicas formais do boxe. Um talento natural, diziam a seu respeito os treinadores. Rapidez nas mãos, leveza nos pés – e um enorme ressentimento contra o mundo. Essa mesma raiva, tão difícil para nós, seus filhos, funcionava como um valioso trunfo dentro do ringue. Ele conseguiu uma vaga na seleção olímpica iraniana de boxe, na categoria peso-galo, e participou dos Jogos Olímpicos de 1948, em Londres. Quatro anos depois, foi para as Olimpíadas de Helsinque. Não se destacou em nenhuma das duas.

Culpa dos árbitros, garante ele. Estavam comprados. Todas as cartas já estavam marcadas. O mundo tinha um grande preconceito contra o Irã.

Mas, já com o meu filho, continua meu pai, talvez o tênis volte a ser um esporte olímpico, e aí o meu filho vai ganhar uma medalha de ouro. Isso vai compensar tudo o que aconteceu.

Um pouco mais de pressão além de toda a pressão que já suporto todos os dias.

Depois de conhecer um pouco do mundo e de participar de Olimpíadas, meu pai não conseguiu mais voltar ao mesmo quarto minúsculo com chão imundo. Resolveu sair do Irã. Falsificou seu passaporte e, com outro nome, comprou uma passagem para Nova York. Passou dezesseis dias na ilha Ellis, depois pegou o ônibus para Chicago e ali se americanizou. Emmanuel passou a se chamar Mike Agassi. Durante o dia trabalhava como ascensorista num dos grandes hotéis da cidade; à noite, lutava boxe.



Meu pai, Mike, em Teerã. Aos dezoito anos, um briguento boxeador peso-galo

Seu treinador em Chicago era Tony Zale, o destemido campeão de peso médio, também chamado "Homem de Aço". Famoso por ter participado de uma das lutas mais sangrentas do esporte, uma saga em três assaltos contra Rocky Graziano, Zale estimulava meu pai. Repetia que ele tinha muito talento, mas o mandava bater com mais força. Bata *com mais força*, berrava Zale quando meu pai treinava no saco de boxe. *Mais força*. Cada soco que você der, bata de baixo para cima.

Com Zale no seu *corner*, meu pai venceu o Chicago Golden Gloves e conseguiu ser chamado para uma luta importante no Madison Square Garden. Era a sua grande chance. Mas, na noite anterior, o adversário adoeceu. Os organizadores se apressaram para encontrar outro lutador e acharam um substituto – um boxeador bem melhor, peso meio-médio. Meu pai concordou em lutar, mas, pouco antes do início do combate, foi tomado pelo medo. Escondeu-se no banheiro, escapou por uma janela e pegou o trem de volta para Chicago.

Fugido do Irã, fugido do Madison Square Garden – acho que meu pai é um artista da fuga. Mas escapar dele ninguém consegue.

Meu pai conta que, quando lutava boxe, sempre queria pegar o melhor soco do oponente. Na quadra de tênis, um dia ele me diz: Quando você sabe que acabou de pegar o melhor golpe do outro cara, e ainda está em pé, e o cara sabe disso, você vai acabar com a raça dele. No tênis é a mesma coisa, ele garante. Ataque o que o outro tem de melhor. Se o adversário é um bom sacador, acabe com o saque dele. Se ele recorre à força, seja mais forte. Se ele tem um grande forehand, insista até que ele passe a odiar o próprio forehand.

Meu pai tem um nome para essa estratégia baseada em contrariar. Ele a define como "criar

uma bolha no cérebro do outro cara". Com essa estratégia, essa filosofia brutal, ele me marcou para toda a vida. Virei um boxeador que joga com uma raquete de tênis. Além disso, enquanto a maioria dos tenistas se orgulha de seu saque, meu pai me tornou um *counterpuncher*, um devolvedor de saques.

* * *

De vez em quando, meu pai parece ficar com saudades de casa também. Ele sente muita falta do irmão mais velho, Isar. Um dia, ele jura, seu tio Isar também vai conseguir escapar do Irã, como eu fiz.

Mas primeiro Isar tem de conseguir que seu dinheiro saia do país. O Irã está ruindo, explica meu pai. A revolução vai começar. O governo está na corda bamba. Por isso eles estão de olho em todo mundo, fazendo de tudo para impedir que as pessoas tirem suas economias dos bancos e saiam do país, de modo que o tio Isar está lenta e secretamente transformando seu dinheiro em joias que esconde em pacotes que manda para nós, em Las Vegas. Quando chega em casa uma caixa embrulhada em papel pardo, enviada pelo tio Isar, parece que é Natal. Nós nos sentamos no chão da sala, cortamos os barbantes e rasgamos o papel, vasculhando tudo até achar diamantes, esmeraldas e rubis no fundo de uma lata de biscoitos ou dentro de um bolo de frutas. Os pacotes do tio Isar chegam a cada poucas semanas, mas um dia chegou uma encomenda bem maior. Tio Isar em carne e osso. Na frente da porta, sorrindo para mim.

Você deve ser o Andre.

Sim.

Eu sou seu tio.

Ele estende a mão e acaricia minha bochecha.

Ele é igualzinho ao meu pai, mas com uma personalidade exatamente oposta. Meu pai é estridente, carrancudo e cheio de raiva. Tio Isar fala com suavidade, é paciente e divertido. Também é muito inteligente (trabalhava como engenheiro no Irã) e todas as noites me ajuda com a lição de casa, um alívio para as sessões de "ajuda" do meu pai. O método de ensino do meu pai consiste em falar uma vez, repetir a frase e depois gritar, e então chamar você de idiota por não ter entendido de cara. Já o tio Isar explica, sorri e espera. Se você não entende, não há problema. Ele repete a explicação, mais devagar. Ele tem todo o tempo do mundo.

Olho para o tio Isar conforme ele passeia pelos cômodos e corredores da nossa casa. Sigo-o como meu pai seguia os soldados americanos e ingleses. Conforme vai aumentando a intimidade com o meu tio, conforme nos conhecemos melhor, gosto de subir nos ombros dele e pular para o seu colo. Ele também gosta disso. Gosta de brincar de lutinha com a gente, de cutucar e ser cutucado pelos sobrinhos e sobrinhas. Todas as noites, eu me escondo atrás da porta da frente e pulo nele assim que ele entra, pois com isso faço ele dar muitas risadas. Suas gargalhadas são o oposto dos sons do dragão.

Um dia, meu tio foi a uma loja comprar algumas coisas. Fiquei contando os minutos. Finalmente ouvi o barulho do portão abrindo e depois fechando, o que significava que eu tinha exatamente doze segundos até tio Isar aparecer na porta. As pessoas sempre levam doze segundos para ir do portão até a porta. Eu me agacho, conto até doze e, quando a porta abre, salto do meu esconderijo.

Buuu!

Não é o tio Isar. É meu pai. Assustado, ele grita, recua e prepara o punho para um soco. Apesar de ter colocado apenas uma parte de sua força, o golpe de backhand do meu pai acerta meu queixo e me faz voar. Num instante eu estava feliz e animado, no outro estava esparramado no chão.

Meu pai se aproxima, furioso. Mas que diabos você está fazendo? Vá para o seu quarto.

Vou para o quarto e me jogo na cama. Fico ali, tremendo, não sei por quanto tempo. Uma hora? Finalmente a porta se abre e escuto a voz do meu pai.

Pegue a raquete. Vamos para a quadra.

É hora de enfrentar o dragão.

Jogo por meia hora, com a cabeça latejando, os olhos marejados.

Bata *com mais força*, grita meu pai. Maldição, *com mais força*! Não na merda da rede!

Eu me viro e olho para o meu pai. Bato a próxima bola cuspida pelo dragão com toda a força que tenho, mas mando bem alta, por cima da cerca. Miro os falcões e nem tento fingir que foi um acidente. Meu pai me olha fixamente. Começa a andar na minha direção com um ar ameaçador. Ele quer me mandar por cima da grade. Mas aí ele para, me xinga com um palavrão e manda ficar bem fora da vista dele.

Entro em casa correndo e encontro minha mãe deitada na cama, lendo um romance, com os cães a seus pés. Ela adora animais, e nossa casa parece a sala de espera do dr. Dolittle. Cães, pássaros, gatos, lagartos e até uma fêmea de camundongo imunda chamada Lady Butt. Pego um dos cachorros e o jogo pelo quarto, ignorando os protestos do animal. Afundo minha cabeça no colo da minha mãe.

Por que o pai é tão mau?

O que aconteceu?

Eu conto o que aconteceu.

Ela acaricia meus cabelos e diz que meu pai não sabe agir de outra maneira. Esse é o jeito dele, ela explica. Que jeito estranho. Temos de lembrar que seu pai quer o melhor para nós, tá?

Uma parte de mim se sente grata pela interminável calma da minha mãe. Mas outra, porém, uma parte que não gosto de reconhecer, se sente traída. A calma dela muitas vezes revela fraqueza. Minha mãe nunca se posiciona. Nunca retruca. Nunca se coloca entre o marido e os filhos. Ela deveria dizer a ele para ir com calma, pegar leve, que a vida não é só tênis.

Mas não está na natureza dela. Meu pai acaba com a paz, minha mãe a mantém. Todas as manhãs ela sai para o trabalho (é funcionária pública) com seu terninho de cor neutra e volta toda tarde às seis horas, cansadíssima, sem jamais se queixar. Com suas últimas reservas de energia, ela prepara o jantar. Aí se acomoda com seus animais e um livro ou seu passatempo favorito: montar quebra-cabeças.

Muito raramente ela perde a calma, e quando isso acontece o espetáculo é épico. Uma vez meu pai reclamou da limpeza da casa. Ela caminhou até o armário, pegou duas caixas de cereais e começou a girar e despejar seu conteúdo para todo lado, como se fossem bandeiras, espalhando Corn Flakes e Cheerios por toda parte. E gritou: Quer a casa limpa? Então limpe você!

Alguns instantes depois, estava calmamente montando seu quebra-cabeça.

Ela gosta especialmente dos quebra-cabeças de Norman Rockwell[2]. Sempre há alguma idílica cena familiar parcialmente montada sobre a mesa da cozinha. Não consigo entender

como ela gosta tanto de encaixar as pecinhas. Toda aquela desordem fragmentada, todo aquele caos – como isso pode ser relaxante? Às vezes, acho que ela e eu temos personalidades opostas. Mas, apesar disso, o que existe de suave em mim, qualquer afeto ou amor que eu sinto pelas pessoas, só poder ter vindo da minha mãe.

Encostado nela, deixando que ela acaricie meu cabelo, penso em quantas coisas eu não consigo entender nela, e tudo parece começar na escolha que ela fez ao se casar com meu pai. Eu pergunto como foi que ela acabou gostando de um cara como ele. Ela dá uma risadinha curta, desanimada.

Foi há muito tempo, ela diz. Ainda em Chicago. Um amigo de um amigo disse ao seu pai: Você deveria conhecer Betty Dudley, ela é o seu tipo. Disse a mesma coisa para mim a respeito dele. Por isso, uma noite ele telefonou para mim no Girls Club, onde eu morava. Conversamos bastante e ele pareceu gentil.

Gentil?

Eu sei, eu sei. Mas foi isso mesmo. Por isso concordei em conhecê-lo. Ele apareceu no dia seguinte, num Volkswagen novinho em folha. Me levou para passear pela cidade, nenhum lugar em especial, apenas um passeio, e me contou sua história. Aí paramos para comer alguma coisa, e eu contei a minha história.

Minha mãe contou que cresceu em Danville, no estado de Illinois, a cerca de 270 quilômetros de Chicago. Era a mesma cidade onde Gene Hackman, Donald O'Connor e Dick Van Dyke tinham crescido. Contou que era gêmea e que seu pai, um dedicado professor de inglês, dava muito valor a falar corretamente. Meu pai, com seu inglês capenga, deve ter ficado agoniado. Ou, o que é mais provável, nem escutou. Imagino que meu pai não conseguiu ouvir minha mãe no primeiro encontro. Deve ter ficado encantado com seus cabelos avermelhados e os límpidos olhos azuis. Vi algumas fotos, e ela era mesmo linda. Pensei que talvez ele tivesse gostado dos cabelos dela porque a cor lembrava uma quadra de saibro. Ou teria sido por causa da altura? Minha mãe é alguns centímetros mais alta do que ele. Eu o vejo pensando nisso como um desafio.

Minha mãe conta que se passaram oito maravilhosas semanas até meu pai conseguir convencê-la de que os dois deveriam unir suas histórias. Fugiram do pai exigente e da irmã gêmea dela. E continuaram fugindo. Meu pai a levou para Los Angeles, mas os dois tiveram dificuldades para achar trabalho lá. Então ele foi com ela através do deserto, rumo a uma nova cidade de jogadores, em plena expansão. Minha mãe arrumou um empregou como funcionária pública, e meu pai entrou no Tropicana Hotel, onde dava aulas de tênis. Não ganhava muito, por isso arrumou um segundo emprego como garçom no Landmark Hotel. Depois, foi contratado como chefe dos garçons no mgm Grand Cassino, e esse emprego o mantinha tão ocupado que ele abandonou os outros dois serviços.

Em seus primeiros dez anos de casamento, meus pais tiveram três filhos. Em 1969, minha mãe foi hospitalizada com terríveis dores no estômago. É preciso fazer uma histerectomia, afirmou o médico. Mas uma nova leva de exames confirmou que ela estava grávida. De mim. Nasci em 29 de abril de 1970, no Sunrise Hospital, a cerca de três quilômetros da Strip. Meu pai me deu o nome de Andre Kirk Agassi, em homenagem aos seus chefes no cassino. Eu pergunto para a minha mãe por que ele escolheu o nome dos patrões. Eles eram amigos? Meu pai os admirava? Devia dinheiro a eles? Ela não sabe. E não se pode perguntar esse tipo de coisa diretamente a ele. Não dá para perguntar nada diretamente a ele. Então, guardo essa

informação junto com todas as outras coisas que não sei sobre os meus pais – peças permanentemente faltando no quebra-cabeça que sou eu.

Meus pais, Mike e Betty Agassi, recém-casados. Chicago, 1959.

Meu pai trabalha duro, passa longas horas no turno da noite no cassino, mas sua vida é o tênis. É o que o motiva a se levantar da cama. Em qualquer lugar de nossa casa podem-se ver provas dessa obsessão espalhadas por todo canto. Além da quadra instalada no quintal e do dragão, há o laboratório do meu pai, também chamado de cozinha. A máquina de encordoamento do meu pai e suas ferramentas ocupam metade da mesa da cozinha. (O último quebra-cabeça de Norman Rockwell da minha mãe ocupa a outra metade – duas obsessões disputando um espaço ocupado.) Sobre o balcão da cozinha, podem-se ver várias pilhas de raquetes, muitas delas serradas pela metade para que meu pai consiga estudar sua estrutura. Ele quer saber *tudo* sobre tênis, tudo. Isso significa dissecar todas as partes do esporte. Está sempre fazendo experiências sobre este ou aquele equipamento. Ultimamente, por exemplo, ele vem aproveitando bolas velhas para prolongar a duração dos nossos sapatos. Quando a borracha começa a desgastar, meu pai corta uma bola de tênis na metade e aplica na sola, na altura dos dedos.

Eu digo a Philly: Não basta morar num laboratório de tênis, ainda temos de andar com bolas debaixo dos pés?

Eu me pergunto por que meu pai ama tanto o tênis. Mas essa é outra pergunta que não posso fazer diretamente a ele. Mas, sem falar, ele dá algumas pistas. Algumas vezes fala sobre a beleza do jogo, o perfeito equilíbrio entre poder e estratégia. Apesar de sua vida imperfeita (ou talvez por causa dela), meu pai é louco por perfeição. Ele diz que a geometria e a matemática representam o máximo que o ser humano pode se aproximar da perfeição, e o tênis é, fundamentalmente, ângulos e números. Meu pai deita na cama e vê uma quadra no teto. Ele garante que realmente consegue ver e, naquela quadra, ele disputa inúmeras partidas imaginárias. É um milagre ele ainda ter energia quando sai para trabalhar.

Como *maître* do cassino, faz parte do seu trabalho acomodar as pessoas para os espetáculos. Por aqui, senhor Johnson. Que prazer em revê-la, senhora Jones. O salário que recebe do mgm é baixo, mas as gorjetas complementam a renda. Vivemos de gorjetas, o que

torna nossa vida imprevisível. Algumas vezes meu pai volta para casa com os bolsos cheios de dinheiro, mas em outras não há um tostão sequer. Seja quanto for, ele sempre separa as moedas com cuidado e conta todas, depois guarda no cofre da família. É desesperador nunca saber qual valor meu pai coloca no cofre.

Meu pai adora dinheiro, não se sente culpado por isso e sempre garante que o tênis é uma fonte de fortuna. É claro que isso é uma parte importante de sua obsessão pelo esporte. Trata-se do caminho mais curto para chegar ao sonho americano. Ele me leva ao Alan King Tennis Classic, e vemos uma mulher linda, fantasiada de Cleópatra, sendo levada ao centro da quadra por quatro caras musculosos e seminus vestidos com túnicas romanas, seguida por um cara fantasiado de Júlio César, que empurra um carrinho de mão repleto de moedas de prata. É o prêmio para o vencedor do torneio. Meu pai olha fixamente para o brilho daquelas moedas, fulgurantes sob o sol de Las Vegas, e parece embriagado. Ele quer aquilo. Quer que eu ganhe aquilo tudo.

Pouco tempo depois daquele dia fatídico, estou com quase nove anos, e meu pai me arruma um trabalho de gandula num torneio do Alan King. Mas eu nem ligo para o dinheiro – o que eu quero é uma míni Cleópatra. O nome dela é Wendi. Ela é uma das gandulas, tem aproximadamente a minha idade e fica linda no uniforme azul. Eu me apaixonei na hora, com todo o meu coração e parte da minha alma. Fico acordado à noite, imaginando-a no teto.

Durante os jogos, quando Wendi e eu nos cruzamos correndo perto da rede, eu tento sorrir e conseguir um sorriso dela de volta. Entre as partidas, compro Coca-Cola para ela, sento-me ao seu lado, tento impressioná-la com meus conhecimentos de tênis.

O torneio Alan King atrai jogadores importantes, e meu pai fica adulando a maioria deles para que concordem em trocar algumas bolas comigo. Alguns são mais receptivos à ideia do que outros. Björn Borg parece adorar a proposta, Connors deixa claro que não quer, mas não pode negar porque meu pai é o encordoador das suas raquetes. Ilie Nastase tenta recusar, mas meu pai finge que é surdo. Campeão de Wimbledon e do Aberto da França, número 1 do mundo, Nastase não acha nenhuma graça na proposta, mas rapidamente descobre que é quase impossível recusar alguma coisa ao meu pai. O homem não desiste.

Quando Nastase e eu estamos batendo bola, Wendi nos observa do poste da rede. Estou nervoso, e Nastase está visivelmente entediado, até ver Wendi.

Ei, diz ele. Ela é sua namorada, Snoopy? Aquela gracinha ali é a sua queridinha?

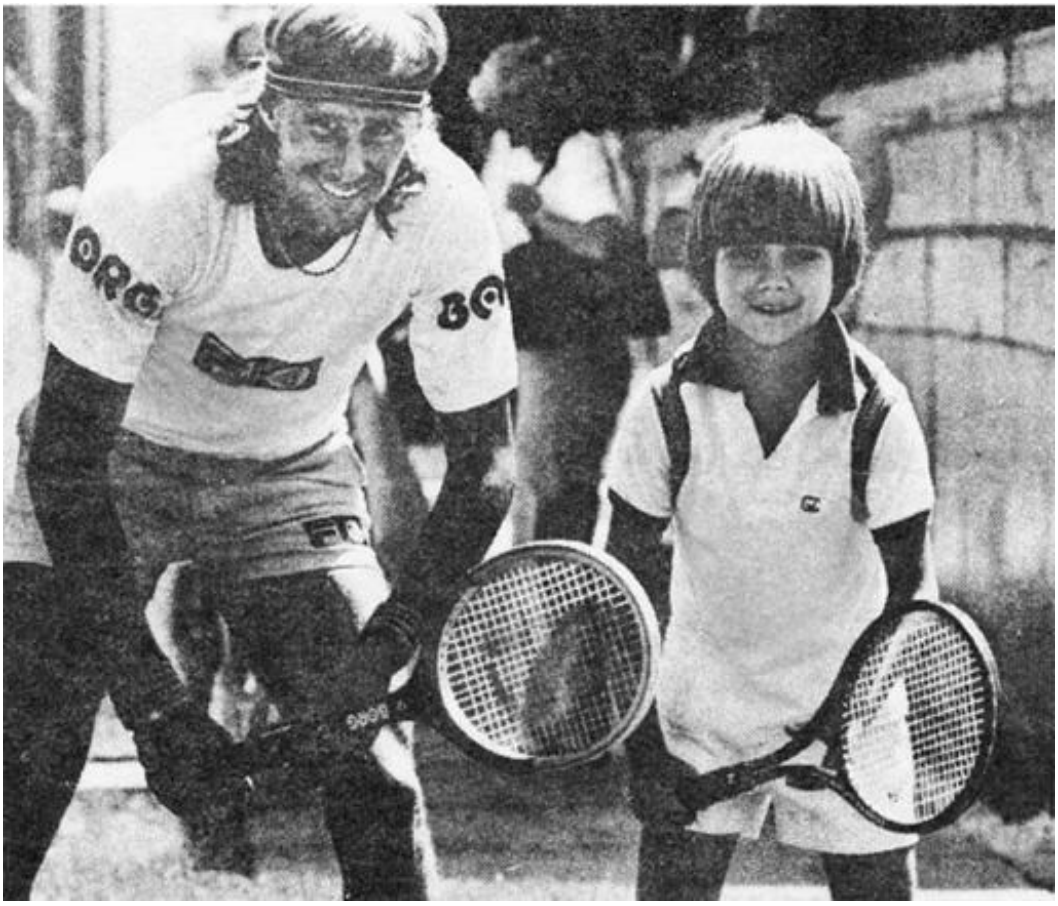
Paro. Olho fixamente para Nastase. Tenho vontade de dar um soco no nariz daquele romeno alto e estúpido, mesmo sabendo que ele tem meio metro e cinquenta quilos a mais do que eu. Já não gostei de ser chamado de Snoopy, mas ele se referir a Wendi com aquela falta de respeito é demais. Tem bastante gente ali, pelo menos duzentas pessoas. Nastase começa a jogar para a plateia, chamando-me de Snoopy várias vezes, me provocando por causa de Wendi. E eu que achava o meu pai incansável.

No mínimo, queria ter tido coragem para dizer: Senhor Nastase, por favor, pare com isso, o senhor está me deixando sem graça. Mas só consigo bater com mais força. Com *mais força*. Aí ele solta outra gracinha sobre Wendi, e então basta, não dá mais para aguentar. Largo minha raquete no chão e saio da quadra pisando duro. Passe bem, senhor Nastase.

Meu pai assiste a tudo, de queixo caído. Ele não está com raiva, não está sem graça – é incapaz de ficar sem graça e reconhece os próprios genes quando os vê em ação. Eu não tinha como saber que nunca o veria tão orgulhoso como naquele dia.

Além das exibições ocasionais ao lado de algum tenista famoso, minhas partidas em público em geral não passam de enganação. Tenho todo um esquema bastante engrenado para fisgar os incautos. Em primeiro lugar, escolho uma quadra bem visível e começo a jogar sozinho, mandando bola para todo lado. Depois, quando algum adolescente metido a besta ou alcoolizado passa por perto, eu o convido para jogar. Em terceiro lugar, deixo que me deem uma bela lavada. Por fim, usando a minha voz mais pidona, pergunto se gostaria de jogar valendo um dólar. Cinco, talvez? Antes que percebam o que está acontecendo, estou sacando para o jogo, por vinte dólares, o suficiente para comprar Coca-Cola para Wendi durante um mês.

Foi Philly quem me ensinou esse truque. Ele dá aulas de tênis e muitas vezes aplica esse golpe nos alunos. Ele joga com eles pelo custo da aula, e depois o dobro ou nada. Mas Andre, ele me diz, com a sua idade e seu tamanho, podia ganhar bem mais grana. Ele me ajuda a criar e ensaiar o que tenho de fazer. De vez em quando penso que só eu me incomodo com a encenação, que as pessoas gostam daquele teatro. Afinal, depois elas podem sair contando aos amigos que conheceram um moleque de nove anos tão maluco por tênis que não erra uma bola.



Com oito anos de idade, batendo bola com meu ídolo, Björn Borg.

Nunca falo com meu pai sobre meu próprio negócio. Não por pensar que ele iria achar errado. Ele adora um golpe bem dado. Apenas não acho necessário conversar com ele sobre tênis além do absolutamente necessário. Mas meu pai tem lá seus próprios esquemas. Costuma acontecer no Cambridge. Uma vez, quando entrávamos, meu pai apontou para um cara conversando com o sr. Fong.

Aquele é Jim Brown, me diz, baixinho. O maior jogador de futebol americano de todos os tempos.

Ele é uma parede enorme de músculos, vestindo roupa de tenista e calçando meias de atleta.

Já o vi antes no Cambridge. Quando não está jogando tênis a dinheiro, está jogando gamão ou dardos, sempre a dinheiro. Como meu pai, o sr. Brown fala muito sobre dinheiro. Neste momento, ele se queixa ao sr. Fong sobre uma partida a dinheiro que estava combinada, mas o adversário não apareceu. Ele parece se enfezar com o sr. Fong.

Brown está dizendo: Eu vim para jogar, sr. Fong, e quero jogar.

Meu pai se aproxima.

Quer uma partida?

Quero.

Meu filho Andre vai jogar com você.

Jim Brown olha para mim e depois para o meu pai.

Não vou jogar com um moleque de oito anos!

Nove.

Nove? Ah, bom, não tinha reparado...

Ele ri, assim como alguns outros caras que estão por perto e ouviram a conversa.

Está claro que o sr. Brown não leva meu pai a sério. Grande erro. Igual ao do motorista de caminhão que ficou estirado no meio da estrada. Fecho os olhos e ainda vejo aquela imagem, as gotas grossas de chuva caindo sobre seu rosto.

Olhe, diz o sr. Brown. Eu não jogo para me divertir, entende? Jogo por *grana*!

Meu filho vai jogar valendo dinheiro.

Senti gotas de suor descendo pelas axilas.

Ah, é? Quanto?

Meu pai ri e diz: Aposto a porra da minha casa.

Não preciso de sua casa, responde o sr. Brown. Já tenho uma. Mas topo se for 10 mil dólares.

Combinado, diz meu pai.

Sigo para a quadra.

Calminha aí, diz o sr. Brown. Quero ver a grana antes.

Vou até em casa buscar, afirma meu pai. Volto logo.

Meu pai corre para a porta. Eu me acomodo numa cadeira e fico imaginando a cena: meu pai abrindo o cofre e pegando um montão de dinheiro. Todas as gorjetas que eu o vi contando ao longo de anos de trabalho, todas as noites de trabalho duro. Agora ele vai apostar tudo em mim. Sinto um peso no meio do peito. Sinto orgulho, claro, ao ver que ele confia tanto assim em mim. Mas, acima de tudo, estou apavorado. O que vai acontecer comigo, com meu pai, minha mãe e meus irmãos, sem falar na minha avó e no meu tio Isar, se eu perder?

Eu já tinha enfrentando uma pressão assim antes, quando meu pai, sem me avisar, escolhe um adversário e me manda derrotá-lo. Mas sempre era outro moleque e não tinha dinheiro na parada. Em geral isso acontece no meio da tarde. Meu pai me acorda de uma soneca e grita: Vá pegar a raquete! Tem um adversário aqui para você derrotar! Ele nunca pensa que estou descansando porque estou exausto depois de passar a manhã inteira jogando contra o dragão, e que garotos de nove anos em geral não tiram mais uma soneca. Esfregando os olhos para espantar o sono, saio de casa e vejo algum menino desconhecido, algum prodígio da Flórida ou da Califórnia, de passagem pela cidade. Eles sempre são maiores e mais velhos – como aquele moleque que tinha acabado de se mudar para Las Vegas, ouviu falar de mim e veio bater na nossa porta. Tinha um Rossignol branco e uma cabeça que parecia uma abóbora. Era

pelo menos três anos mais velho do que eu e deu um sorriso zombeteiro quando me viu saindo de casa, porque eu era muito miúdo. Mesmo depois que eu ganhei o jogo e fiz desaparecer aquele risinho da cara dele, precisei de várias horas para me acalmar e abafar a sensação de que tinha acabado de cruzar a represa Hoover em cima de uma corda bamba.

Mas com Jim Brown agora era diferente, e não apenas porque as economias da família estavam em jogo. O sr. Brown desrespeitou o meu pai, que não pode dar o troco. Ele precisa que eu faça isso. Ou seja, essa partida vai ser sobre mais do que grana. Estamos falando de respeito, virilidade, honra – de um confronto com o maior jogador de futebol americano de todos os tempos. Eu preferia disputar a final em Wimbledon. Contra Nastase. Com Wendi como gandula.

Devagar, percebo que Jim Brown está me observando. Com atenção. Ele se aproxima e se apresenta, com um aperto de mão. Sua mão é um calo só. Ele pergunta há quanto tempo eu jogo, quantas partidas ganhei e quantas perdi.

Eu nunca perdi, respondo baixinho.

Seus olhos se apertam.

O sr. Fong chama Jim Brown de lado e diz: Não faça isso, Jim.

O cara está pedindo, murmura o jogador. O bobão e seu dinheiro.

Você não está entendendo, insiste o sr. Fong. Você vai perder, Jim.

Você está maluco? Ele é uma criança!

Mas não é uma criança qualquer.

Você deve ter enlouquecido.

Ouça, Jim, eu gosto que você venha aqui. Você é meu amigo e é bom para o meu negócio que você apareça aqui. Mas, se você perder 10 mil dólares para esse menino, ficará decepcionado e não vai mais dar as caras.

O sr. Brown volta-se para me medir de cima a baixo, como se não tivesse visto algum detalhe da primeira vez. Chega perto de mim e começa a me encher de perguntas.

Você joga bastante? Todos os dias.

Tá, mas quanto tempo por vez? Uma hora? Duas horas seguidas?

Consigo entender o que ele quer: quer saber quanto eu aguento antes de cansar. Quer avaliar o adversário, encontrar uma estratégia.

Meu pai volta. Tem um maço de notas de cem dólares, que sacode no ar. De repente, o sr. Brown parece mudar de ânimo.

Olha só o que vamos fazer, ele propõe ao meu pai. Vamos jogar dois sets e *depois* decidimos quanto vamos apostar no terceiro.

Como você preferir.

Jogamos na quadra 7, perto da porta. Uma plateia se junta e vibra quando ganho o primeiro set por 6-3. Jim Brown balança a cabeça, fala sozinho, bate a raquete no chão. Não está contente, e agora somos dois descontentes. Não só estou pensando, o que contraria uma regra básica do meu pai, como começo a divagar. Tenho a sensação de que talvez precise parar de jogar a qualquer instante para vomitar.

Mas venço o segundo set por 6-3.

Agora Brown está furioso. Ele se abaixa e amarra o tênis.

Meu pai se aproxima.

E então? Dez mil?

Nada feito, responde o jogador. Acho que devemos apostar só quinhentos dólares.

Você é quem manda.

Meu corpo relaxa, minha mente se acalma. Quero sair dançando pela quadra, já que não terei de jogar valendo 10 mil dólares. Posso jogar solto agora, sem pensar nas consequências. Sem pensar em nada.

Enquanto isso, Brown começa a pensar e aperta o jogo. Começa a cortar a bola, a dar curtinhas, lobes, tenta enfiar a bola nos cantos da quadra, com spin de todo tipo, e outros recursos. Ele também tenta me cansar, me mandando correr de um lado para outro. Mas estou tão aliviado por não ter de jogar para salvar todas as economias do meu pai que Brown não tem como me desgastar e eu não tenho como errar. Ganho dele o terceiro set por 6-2.

Com o suor correndo pelo rosto, ele tira a carteira do bolso e arranca cinco notas novinhas de cem dólares. Ele as entrega para o meu pai e se volta para mim.

Ótimo jogo, filho.

Ele aperta minha mão. Os calos parecem maiores, graças a mim.

Ele pergunta quais são meus objetivos, meus sonhos. Começo a responder, mas meu pai interrompe.

Ele vai ser o número 1 do mundo.

Eu não apostaria contra ele, conclui o sr. Brown.

Pouco tempo depois de derrotar Jim Brown, jogo uma partida de treino com meu pai no Caesars. Estou com 5-2, sacando para o jogo. Nunca derrotei meu pai, e ele se comporta como se estivesse prestes a perder bem mais do que 10 mil dólares.

De repente, ele sai da quadra. Pegue suas coisas, vamos embora.

Ele não quer terminar a partida. Prefere abandonar o jogo a perder para o filho. Lá no fundo, sinto que é a última partida que vamos disputar.

Enquanto arrumo a minha sacola, e fecho o zíper da capa da raquete, sinto uma excitação maior do que senti quando derrotei Jim Brown. Esta foi a vitória mais incrível da minha vida e será difícil saborear outra igual. Vou desfilar essa vitória sobre um carrinho de mão repleto de dólares – coberto com as joias do tio Isar –, porque esta é a vitória que finalmente fez meu pai fugir de mim.

Capítulo 3

Estou com dez anos, disputando o campeonato nacional norte-americano. Segunda rodada. Estou perdendo feio para um garoto mais velho, considerado o melhor do país. Não que isso facilite as coisas para mim. Por que a derrota dói tanto? Como uma coisa pode doer tanto? Saio da quadra desejando estar morto. Vou para o estacionamento, mal me aguentando nas pernas. Enquanto meu pai junta nossas coisas e se despede dos outros pais, eu me acomodo no carro, aos prantos.

Vejo um rosto de homem na janela do carro. Ele é negro e está sorrindo.

Olá, ele diz. Meu nome é Rudy.

O mesmo nome do homem que ajudou meu pai a construir sua quadra de tênis no nosso quintal. Estranho.

Como você se chama?

Andre.

Ele aperta minha mão.

Prazer em conhecer você, Andre.

Ele me conta que trabalha com o grande campeão Pancho Segura, que treina garotos da minha idade. É seu trabalho ir a torneios como esse procurar talentos para Pancho. Ele passa os braços pela janela, apoia o corpo na porta do carro e suspira. Aí me diz que dias como este são difíceis, muito difíceis na verdade, mas no fundo essas experiências servem para me deixar mais forte. Ele fala com uma voz calorosa e espessa, como chocolate quente.

O menino que derrotou você, ora, ele é dois anos mais velho! Temos dois anos para chegar no nível dele. Dois anos é uma eternidade, especialmente quando você treina para valer. Você treina para valer?

Treino, sim.

Você tem um longo caminho pela frente, garoto.

Mas eu não quero mais jogar tênis. Detesto tênis.

Ha, ha, ha! Tenho certeza de que sim. Agora você detesta mesmo, mas, lá no fundo, não detesta, não.

Detesto, sim!

Você só acha que detesta.

Não, eu detesto mesmo.

Você está falando assim porque está bravo, sentindo-se muito machucado, mas isso só mostra quanto você se importa. Significa que quer ganhar. E você pode *usar* essa vontade. Lembre-se deste dia. Tente usar este dia como motivação. Se não quiser sentir o mesmo desgosto novamente, bom, então faça tudo o que puder para evitar isso. Você está disposto a fazer tudo?

Faço um movimento positivo com a cabeça.

Muito bem. Então vá em frente e chore. Sinta essa dor por mais algum tempo. Mas depois diga para você mesmo: Acabou, é hora de voltar ao trabalho.

Tá bom.

Enxugo as lágrimas na manga e agradeço a Rudy. Quando ele se afasta, eu me sinto pronto

para treinar. Que venha o dragão. Estou pronto para bater bola durante horas. Se Rudy estivesse atrás de mim, falando palavras de estímulo no meu ouvido, eu acho que conseguiria *derrotar* aquele dragão. De repente, meu pai se acomoda no assento do motorista e vamos embora devagar, como se estivéssemos num cortejo fúnebre. A tensão no carro é tamanha que eu me encolho no banco traseiro e fecho os olhos. Penso em pular dali, sair correndo, encontrar Rudy e pedir para ele me treinar. Ou me adotar.

Eu detesto todos os torneios juvenis, mas odeio sobretudo o campeonato nacional porque as apostas são mais altas. Os jogos são realizados em outros estados, o que significa que precisamos gastar com viagens de avião, hospedagem, aluguel de carro, refeições. Meu pai gasta muito dinheiro investindo em mim e, quando eu perco, lá se vai outra fatia de seu investimento. Quando eu perco, atraso toda a família Agassi.

Tenho onze anos e participo do campeonato nacional no Texas, em quadra de saibro. Sou um dos melhores do país nesse piso e por isso tenho tudo para ganhar, mas acabo perdendo. Perco nas semifinais, nem chego à final. Agora tenho de jogar uma partida de consolação. Quando se perde nas semifinais, é preciso disputar uma partida para definir o terceiro e o quarto colocados. E, para piorar, nessa disputa específica eu enfrento o meu arqui-inimigo, David Kass. A classificação dele no ranking é logo depois de mim, mas, de alguma forma, ele se transforma quando me vê do outro lado da rede. Não importa o que eu faça, Kass vence – e hoje não é diferente. Eu perco em três sets. Mais uma vez, estou em frangalhos. Desapontei meu pai novamente. Estou consumindo o dinheiro da minha família. Mas não choro. Quero que Rudy se orgulhe e por isso consigo engolir as lágrimas.

Na cerimônia de premiação, um cara ergue o troféu de primeiro colocado, depois o do segundo e finalmente o terceiro. Aí alguém anuncia que este ano será dado um troféu de mérito esportivo ao jovem tenista com mais elegância em quadra. Incrivelmente, anunciam o meu nome – talvez pelo fato de eu ter mordido meu lábio durante uma hora. O cara aponta o troféu na minha direção, faz um sinal para eu me aproximar e pegar a taça. É a última coisa que quero na vida, um prêmio de mérito esportivo, mas eu o recebo, agradeço e algo acontece dentro de mim. Trata-se de um troféu realmente incrível. E eu *fui* um bom esportista. Caminho para o carro, levando o troféu abraçado ao peito, meu pai um passo atrás de mim. Ele não diz nada, nem eu. Eu me concentro no som de nossos passos sobre a calçada. Finalmente, rompo o silêncio. Digo que não quero aquela coisa ridícula. Digo porque acho que é isso que meu pai quer ouvir. Ele fica ao meu lado e arranca o troféu das minhas mãos. Levanta sobre a cabeça e atira no chão. O troféu fica em cacos. Meu pai pega o fragmento maior e arremessa no chão até quebrar em pedacinhos. Em seguida, recolhe os restos e joga tudo numa lata de lixo. Não digo uma palavra sequer. Sei quando não falar nada.

Se pelo menos eu pudesse jogar futebol em vez de tênis... Não gosto de esportes, mas, se sou obrigado a praticar um para agradar a meu pai, preferia que fosse futebol. Jogo três vezes por semana na escola e gosto de correr pelo gramado, sentindo o vento no meu cabelo, pedindo a bola e sabendo que o mundo não vai acabar se eu não marcar um gol. Que o destino do meu pai, da minha família, do planeta inteiro não está sobre os meus ombros. Se meu time não ganhar, a responsabilidade é da equipe inteira, e não vai haver ninguém berrando na minha orelha. Acho os esportes coletivos bem melhores.

Meu pai não se importa que eu jogue futebol, porque pensa que ajuda a desenvolver minha

agilidade na quadra. Mas há pouco tempo eu me machuquei jogando bola, distendi um músculo da perna e, por causa do machucado, deixei de treinar tênis uma tarde. Meu pai não gostou. Olha para a minha perna e depois para mim, como se eu tivesse me machucado de propósito. Mas lesão é lesão. Nem meu pai pode discutir com o meu corpo. Ainda assim, ele sai de casa pisando duro.

Minha mãe dá uma olhada na agenda da escola e vê que tenho uma partida de futebol naquela tarde. O que vamos fazer? pergunta ela.

O time está contando comigo, respondo.

Ela suspira. Como você está se sentindo?

Acho que consigo jogar.

Está bem. Vista seu uniforme.

Você acha que o pai vai ficar bravo?

Você conhece seu pai. Não precisa de motivos para ficar bravo.

Minha mãe me leva de carro até o local do jogo e vai embora. Depois de algumas corridas de um lado a outro do campo, minha perna está bem. Muito bem. Passo entre os zagueiros, rápido, ágil, pedindo a bola e rindo com os meus amigos. Estamos juntos em busca de um objetivo comum. Somos um time. Gosto de sentir isso. Faz sentido para mim.

De repente, ergo os olhos e vejo meu pai. Ele está saindo do estacionamento e caminha furioso rumo ao campo. Começa a falar com o treinador e logo está gritando com o cara. O treinador acena para mim e diz: Agassi, saia do jogo!

Deixo o campo correndo.

Entre no carro, manda meu pai. E tire esse uniforme.

Corro para o carro e encontro o uniforme de tênis no banco traseiro. Visto a roupa e caminho até o meu pai. Entrego o uniforme de futebol para ele, que vai até o campo e joga as roupas no peito do treinador.

Enquanto voltamos para casa, sem olhar para mim meu pai avisa: Você nunca mais vai jogar futebol.

Eu imploro que ele me deixe voltar a jogar. Falo que não gosto de me sentir tão sozinho naquela enorme quadra de tênis. O tênis é um esporte solitário, explico. Não há espaço para se refugiar quando algo sai errado. Não existe escanteio, lateral, área de impedimento. É apenas o tenista ali, como se estivesse nu.

Ele berra a plenos pulmões: Você é um tenista! Vai ser o número 1 do mundo! Você vai ficar rico jogando tênis! *Isso é o que foi planejado e chega de conversa*!

Ele está inflexível e desesperado, porque esse era o plano para Rita, Philly e Tami, mas as coisas nunca deram certo com eles. Rita se revoltou. Tami se recusou a melhorar. E Philly não tem instinto assassino. Meu pai fala isso de Philly o tempo todo. Ele fala para mim, para minha mãe, até para o próprio Philly – bem na cara dele. Philly apenas dá de ombros, o que parece confirmar que ele não tem mesmo instinto assassino.

Mas meu pai diz coisas bem piores para ele.

Você nasceu perdedor, sentencia.

Você tem razão, concorda Philly, em tom triste. Nasci para perder. Nasci para ser um perdedor.

Você é mesmo um perdedor! Tem pena do adversário! Não se importa em ser o melhor!

Philly nem se dá ao trabalho de negar isso. Ele joga bem, tem talento, mas não é

perfeccionista, e na nossa casa a perfeição não é um objetivo: é a lei. Se você não for perfeito, é um perdedor. Perdedor nato.

Meu pai decretou que Philly seria um perdedor quando ele tinha mais ou menos a minha idade e participava do campeonato nacional. Ele não apenas perdeu; ele nem reclamava quando os adversários o trapaceavam, o que deixava meu pai vermelho de fúria, berrando palavrões em assírio, de seu lugar na arquibancada.

Como minha mãe, Philly engole tudo quieto. Vai engolindo, engolindo, até um dia explodir. Na última vez em que isso aconteceu, meu pai estava encordoando uma raquete de tênis, minha mãe passava roupas e Philly estava no sofá, assistindo à tv. Meu pai estava mordendo a orelha dele, cobrando sem piedade o mau desempenho numa competição recente. Subitamente, num tom de voz que nunca ouvi ele usar, Philly berrou: Você sabe por que eu não ganho? Por sua causa! Porque você me chama de perdedor nato!

Philly começou a ofegar de tanta raiva. Minha mãe caiu no choro.

De agora em diante, continuou Philly, vou ser apenas um robô, tá bom pra você? Você quer isso? Vou agir como um robô, não vou sentir nada; vou para lá e para cá, e fazer tudo o que você disser!

Meu pai parou de trabalhar na raquete e olhou com cara de satisfação. Quase em paz. Jesus Cristo, disse, finalmente você está *começando* a entender.

Ao contrário do meu irmão, eu discuto com os adversários o tempo todo. Às vezes, gostaria de ter a capacidade de Philly de deixar as injustiças para lá. Se um adversário tenta trapacear, se dá uma de Tarango, meu rosto fica em chamas. Em geral, minha vingança vem no ponto seguinte. Quando o trapaceiro acerta uma bola no meio da quadra, digo que saiu e olho para ele com uma cara que diz: Agora estamos quites.

Não faço isso para agradar a meu pai, mas sei que ele aprova esse comportamento. Ele diz: Você pensa de um jeito diferente de Philly. Você tem talento, garra e sorte. *Nasceu com o traseiro virado para a Lua*.

Ele diz isso uma vez por dia. Algumas vezes fala com convicção, outras com admiração – e outras ainda com inveja. Fico pálido quando ele diz isso. Tenho a sensação de ter roubado a sorte de Philly, de a ter tirado dele de alguma forma, porque nasci com o traseiro virado para a Lua, e ele com uma nuvem negra na cabeça. Quando Philly tinha doze anos, quebrou o pulso andando de bicicleta. Fraturou os ossos em três lugares, e esse foi o começo de uma série de desgraças. Meu pai ficou tão furioso com Philly que o mandou continuar nos campeonatos, com o pulso quebrado e tudo, o que só serviu para piorar a situação. O problema no pulso de Philly tornou-se crônico e comprometeu seu jogo para sempre. Por causa da fratura, ele foi obrigado a rebater de backhand com uma mão só, o que considera um péssimo hábito e do qual não conseguiu se livrar depois que a lesão sarou. Olho para Philly e penso: Que terrível combinação, má sorte e mau hábito. Vejo como ele chega em casa depois de uma derrota difícil. Ele se sente tão desiludido consigo mesmo, dá para ver no seu rosto, e meu pai consegue deixá-lo ainda pior. Philly se senta num canto, culpando-se pela perda, mas pelo menos é uma luta justa: um contra um. Aí entra meu pai. Ele entra para ajudar Philly a se condenar ainda mais. Começa a enxurrada de insultos, que às vezes até inclui tapas. Philly é transformado numa verdadeira lata de lixo. Acho que tudo isso deveria fazê-lo ter raiva de mim, me atormentar de alguma forma. Mas, em vez disso, depois de cada agressão física ou psicológica do meu pai, Philly se revela mais protetor e cuidadoso comigo. Mais suave. Ele

quer me poupar do mesmo destino. Por isso, por mais que tenha nascido para ser um perdedor, para mim Philly é o vencedor exemplar. Sinto-me feliz por ele ser meu irmão mais velho. Mas feliz por ter um irmão infeliz? Isso é possível? Faz algum sentido? Mais uma das contradições que me definem.

Philly e eu passamos juntos todo o nosso tempo livre. Ele me pega na escola com sua *scooter* e vamos para casa pelo deserto, conversando e rindo mais alto do que o som de inseto zumbindo daquele motorzinho. Dividimos um quarto nos fundos da casa, nosso refúgio do meu pai e do tênis. Philly é tão zeloso com suas coisas quanto eu com as minhas. Ele chegou a pintar uma linha branca no centro do quarto, dividindo as metades de cada um, o lado de iguais e o de vantagem. Eu durmo no lado que é iguais, com a cama mais perto da porta. À noite, antes de apagar as luzes, fazemos um ritual que se tornou essencial para mim. Sentamos cada qual na beira da sua cama e abrimos o coração, cruzando a linha divisória. Philly, sete anos mais velho, tem mais coisas para falar. Ele revela suas mágoas, dúvidas sobre si mesmo, decepções. Fala sobre nunca conseguir vencer. Sobre ser chamado de perdedor nato. Fala sobre a necessidade de pegar dinheiro emprestado de meu pai para continuar jogando tênis e continuar tentando virar um tenista profissional. Nosso pai, nós dois concordamos com isso, não é um cara que alguém queira ter como controlador dos resultados.

De todas as coisas que perturbam Philly, porém, o maior trauma de sua vida é seu cabelo. Andre, diz ele, eu vou ficar careca. Ele fala disso com a mesma gravidade como se tivesse sido desenganado por médicos que lhe disseram que ele só teria quatro semanas de vida.

Mas ele não vai perder os fios de cabelo sem lutar. A calvície é um adversário que ele pretende combater com todas as forças. Ele acredita que o motivo para sua queda de cabelo é que pouco sangue circula pelo couro cabeludo. Por isso, todas as noites, em algum momento de nossa conversa, ele planta bananeira. Coloca a cabeça no colchão e ergue os pés, equilibrando o corpo na parede. Rezo para que dê certo. Peço a Deus que meu irmão, o perdedor nato, não perca ao menos isso: seu cabelo. Minto para ele e digo que posso ver que o milagre está funcionando. Amo tanto meu irmão que diria qualquer coisa para fazê-lo se sentir melhor. Pelo bem dele, eu passaria a noite inteira plantando bananeira.

Depois que Philly me conta suas mágoas, algumas vezes conto as minhas também. Fico impressionado ao ver a rapidez com que ele muda o foco de suas preocupações. Ele escuta até a menor das maldades que meu pai disse, avalia meu nível de aflição e depois balança a cabeça na medida correspondente. Para temores básicos, meia balançada. Para temores grandes, grande balançada da cabeça e testa franzida de um jeito que é sua marca registrada. Mesmo de ponta-cabeça, Philly fala mais com um movimento de cabeça do que a maioria das pessoas numa carta de cinco páginas.

Uma noite, ele me pede que prometa algo.

Claro, Philly. O que você quiser.

Jamais concorde em tomar remédios que o pai quiser dar para você.

Remédios?

Andre, você tem de ouvir o que estou dizendo. Isto é realmente importante.

Tudo bem, Philly, estou ouvindo. Estou ouvindo.

Na próxima vez em que for competir no torneio nacional, se ele quiser dar umas pílulas para você, não tome.

Ele já me dá Excedrin, Philly. Ele me manda tomar Excedrin antes dos jogos porque tem bastante cafeína.

Sim, eu sei. Mas estou falando de outro tipo de pílulas. São bem pequenas, brancas e redondas. Não tome, de jeito nenhum.

Mas e se ele me obrigar? Não consigo dizer "não" para ele.

É, eu sei. Deixa eu pensar.

Philly fecha os olhos. Vejo o sangue subir para a testa, deixando-a vermelho bem escuro.

Tudo bem, ele diz. Já sei. Se você tiver de tomar as pílulas, se ele *forçar* você a fazer isso, jogue mal. Afunde o jogo. Depois, quando sair da quadra, diga que começou a tremer tanto que não conseguiu se concentrar no jogo.

Certo. Mas, Philly, o que são essas pílulas?

Anfetamina.

O que é isso?

É uma droga. Serve para injetar muita energia. Tenho certeza de que ele vai tentar te fazer engolir anfetamina.

E como você sabe disso, Philly?

Ele me mandou tomar.

E foi bem assim que aconteceu. No campeonato nacional, em Chicago, meu pai me dá uma pílula. Abra a mão. Tome isso. Vai ajudar você. Engula.

Ele coloca na minha mão uma pílula minúscula, branca, redonda.

Engoli a droga e não senti nada. Nada diferente. Um pouco mais alerta, talvez. Mas fingi que estava alterado. Meu adversário, um menino mais velho, não representava nenhum perigo, mas mesmo assim perco games de saque e entrego outros. Fiz a partida parecer mais difícil do que era. Saindo da quadra, contei ao meu pai que não estava bem, que achava que ia desmaiar. Ele pareceu se sentir culpado.

O.k., disse, passando a mão pelo rosto. Não foi bom. Não vamos tentar de novo.

Depois do torneio, telefono para Philly e conto o que aconteceu.

Ele responde: Eu sabia!

Eu fiz o que você disse, Philly, e deu certo.

Meu irmão se comporta da maneira que eu imagino que um pai faça. Ao mesmo tempo, se orgulha de mim e sente medo. Quando volto do campeonato, eu o abraço e passamos minha primeira noite de volta em casa trancados no quarto, sussurrando sobre a linha branca, comemorando nossa rara vitória sobre o pai.

Pouco tempo depois, enfrento um adversário mais velho e venço o jogo. É um treino, nada importante, e sou bem melhor do que o cara, mas novamente carrego ele nas costas, encomprido os pontos, faço a partida parecer mais difícil do que é, como havia feito em Chicago. Ao sair da quadra número 7 do Cambridge (a mesma onde tinha derrotado Jim Brown) eu me sinto péssimo, porque meu adversário parece acabado. Eu odeio perder, mas desta vez odeio vencer porque o derrotado é Philly. Será que essa sensação de destruição prova que não tenho instinto assassino? Confuso, triste, desejo encontrar aquele cara, Rudy, ou o outro Rudy antes dele, para perguntar qual o sentido de tudo isso.

Capítulo 4

Estou participando de um torneio no Las Vegas Country Club, concorrendo a uma vaga no campeonato regional. Meu adversário é um garoto chamado Roddy Parks. A primeira coisa que me chama a atenção nele é que ele também tem um pai peculiar. O sr. Parks usa um anel com uma formiga incrustada numa bola de âmbar amarelo. Antes do início da partida, pergunto sobre o anel.

Você sabe, Andre, que, quando o mundo acabar no holocausto nuclear, as formigas serão as únicas criaturas que vão sobreviver? Por isso, quero que o meu espírito passe para o corpo de uma formiga.

Roddy tem treze anos, dois a mais do que eu. É grande para a sua idade e exibe um corte de cabelo ao estilo militar. Mas parece que pode ser derrotado. Logo de cara vejo problemas na forma de jogar dele, aspectos frágeis. Mas, de alguma forma, ele se concentra nessas fraquezas e vence o primeiro set.

Falo sozinho, digo para mim que é preciso investir nas falhas, ir fundo. Ganho o segundo set.

Mais confiante, jogo com rapidez e agilidade. Sinto a vitória. Roddy está no papo, já era. E que tipo de nome é esse, afinal? Mas perco alguns pontos e lá está Roddy, com os braços erguidos sobre a cabeça. Ele vence o terceiro set, 7-5, e o jogo. Olho para os espectadores para localizar meu pai, e ele está me olhando fixamente, preocupado. Não está bravo, mas preocupado. Eu também estou, mas também sinto raiva de mim mesmo, muita raiva. Desejo ser a formiga congelada do anel do sr. Parks.

Estou falando coisas horríveis para mim mesmo enquanto arrumo minhas coisas. Do nada, aparece um garoto e me interrompe.

Ei, diz ele, não fique chateado. Hoje você não jogou o melhor que pode.

Olhei para cima. O menino é uma pouco mais velho do que eu, uma cabeça mais alto e tem uma expressão que não me agrada. Há algo estranho em seu rosto. O nariz e a boca estão fora de alinhamento. E, para piorar, está com uma camisa ridícula, com um carinha jogando polo. Não quero conversa com ele.

Quem é você?

Perry Rogers.

Continuo arrumando minha sacola de tênis.

Mas ele não aceita a dispensa. Começa a dizer que eu não joguei o melhor que podia, que sou bem melhor do que Roddy e que certamente vou derrotá-lo numa próxima ocasião, blá-blá-blá. Ele tenta ser simpático, acredito, mas chegou tão cheio de certezas, como se fosse um Björn Borg Júnior, e eu me levanto para dar um fim nisso. A última coisa de que preciso é de um papo de consolação, pior ainda do que um troféu de consolação, sobretudo se vier de um moleque com uma camisa com um cara jogando polo. Jogo minha sacola no ombro e pergunto: Mas que droga você entende de tênis?

Depois me sinto mal com minha atitude. Não deveria ter sido tão ríspido. Acabo descobrindo que ele também é tenista e está participando do mesmo campeonato. Fico sabendo ainda que tem uma queda pela minha irmã Tami e foi por isso que veio falar comigo.

O que queria era se aproximar de Tami.

Mas se eu me sinto culpado, Perry está muito bravo. Segundo rumores do universo adolescente de Las Vegas, eu devo me cuidar. Perry está preparando algo. Ele diz a todo mundo que fui estúpido com ele e que, na próxima vez em que a gente se encontrar, vai me dar o troco.

Algumas semanas depois, Tami conta que sua turminha vai ao cinema ver um filme de terror. São todos mais velhos do que eu, mas ela pergunta se eu quero ir também.

O tal do Perry também vai?

Acho que sim.

Certo. Eu vou.

Adoro filmes de terror. E tenho uma ideia.

Nossa mãe nos deixa no cinema cedo, para termos tempo de comprar pipoca, balas e pegar os melhores lugares, no meio da sala. Eu sempre quero ficar no meio da sala, no meio da fileira. São os melhores lugares. Tami se acomoda à minha esquerda e deixo livre a poltrona à minha direita. Não demora para chegar o bobão do Perry. Eu me ergo e chamo, Olá, Perry! Estamos aqui!

Ele se vira e parece surpreso. Posso ver que está desconcertado com minha gentileza. Tenta avaliar a situação, pensar bem no que vai dizer. Mas aí ele sorri, visivelmente dispensando qualquer raiva que tivesse guardado. Vai abrindo caminho e entra na nossa fileira, acomodando-se na poltrona ao meu lado.

Olá, Tami, ele diz.

Olá, Perry.

Olá, Andre.

Olá, Perry.

Assim que as luzes se apagam e começa o primeiro trailer, nós dois trocamos um olhar.

Amigos?

Amigos.

O filme é *Horário de visitas*. Conta a história de um psicopata que persegue uma jornalista, invade a casa dela, mata a empregada, então por algum motivo passa batom e surpreende a vítima quando ela volta para casa. A jornalista consegue escapar e se interna num hospital, por considerar um lugar seguro, mas é claro que o psicopata também está escondido lá, fazendo de tudo para descobrir o quarto da vítima, matando todos que tentam atrapalhar sua procura. É um filme bobinho, mas que dá sustos numa boa medida.

Quanto sinto medo, reajo como um gato jogado num quintal cheio de cachorros. Fico paralisado e não mexo um músculo sequer. Mas Perry parece ser do tipo que começa a se mexer sem parar. Conforme o suspense aumenta, ele se contrai, mexe as mãos com nervosismo, derrama o refrigerante. Sempre que o assassino salta de um esconderijo, Perry pula na cadeira. Diversas vezes me viro para Tami e olho como se dissesse: Que saco! Mas não zombo de Perry por causa disso. Sequer comento o medo e o nervosismo dele, depois que o filme acaba. Não quero abalar nosso frágil acordo de paz.

Saímos do cinema e concluímos que a pipoca, os refrigerantes e os salgadinhos não bastaram. Atravessamos a rua rumo ao Winchell's e compramos uma caixa de rosquinhas fritas. Perry pede as suas cobertas de chocolate, eu peço uma com confeitos coloridos.

Comemos as rosquinhas no balcão, conversando. Perry gosta de falar, parece um advogado fazendo uma defesa na Suprema Corte. Aí, no meio de uma frase que parece interminável, ele para e pergunta para o atendente: Este lugar funciona 24 horas?

Funciona, responde o cara.

Todos os dias da semana?

Aham.

Trezentos e sessenta e cinco dias por ano?

É.

Então por que tem essas trancas aí na porta?

Todos nós viramos para olhar. Mas que pergunta brilhante! Começo a rir tanto que quase engasgo. Os granulados do meu *donut* voam da minha boca como se fossem confete. Talvez seja a coisa mais divertida e sagaz que alguém já disse. Certamente a mais divertida e sagaz que alguém falou no recinto desse Winchell's. Nem o atendente resiste, dá um sorriso e reconhece: Cara, isso é um mistério...

Mas a vida não é bem assim?, continua Perry. Cheia de cadeados do Winchell's e de outras coisas que não têm explicação.

Isso mesmo.

Eu sempre achei que era o único que tinha percebido. Mas existe outro moleque que, além de perceber, levanta a questão. Quando minha mãe vem buscar Tami e eu, fico triste ao me despedir de meu novo amigo Perry. Até chego a achar que a camisa polo dele não era tão brega assim.

Pergunto ao meu pai se posso ir dormir na casa do Perry.

De jeito nenhum, ele responde.

Ele não sabe nada sobre a família do moleque. E não confia em ninguém que não conhece. Na verdade, desconfia de todas as pessoas do planeta, mas sobretudo dos pais dos nossos amigos. Nem me preocupo em perguntar o motivo, nem perco tempo discutindo com ele. Prefiro convidar Perry para vir dormir em casa.

Perry é muito educado com os meus pais. É bastante agradável com os meus irmãos, em especial com Tami, mesmo depois que ela desencorajou suas tentativas de aproximação. Pergunto se ele quer conhecer a casa. Claro, ele afirma, e eu mostro o quarto onde durmo com Philly. Ele acha divertida a linha branca pintada no meio do chão. Mostro a quadra no fundo do terreno. Conto quanto odeio o dragão, como costumava imaginar que era um ser vivo, um monstro que respirava. Ele parece entender. Viu bastante filmes de terror para saber que existem monstros de todos os tamanhos e formas.

Como Perry entende bem de horrores, tenho uma surpresa para ele: um vídeo do filme *O exorcista*. Depois de ver como ele quase arrancou a pele durante a sessão de *Horário de visitas*, quero saber como vai reagir ao assistir a um verdadeiro clássico do terror. Depois que todos vão dormir, colocamos o vídeo. Eu tenho uma pequena síncope cada vez que Linda Blair move a cabeça, mas Perry nem pisca. Será que *Horário de visitas* lhe causa tremedeiras enquanto *O exorcista* não o incomoda em nada? Concluo que esse cara tem um jeito muito próprio de lidar com as coisas.

Em seguida, tomamos refrigerantes e ficamos conversando. Perry reconhece que meu pai é bem mais assustador do que qualquer criação de Hollywood, mas garante que o pai dele é

duas vezes pior. Seu pai, explica, é um ogro, um tirano e um narcisista – é a primeira vez que ouço essa palavra.

Perry explica que narcisista é a pessoa que só pensa em si. É a pessoa que acha que um filho equivale a um objeto pessoal, cria uma imagem de como será a vida do filho e não se preocupa em saber o que ele mesmo deseja para si.

Acho a descrição bem familiar.

Perry e eu concordamos que a vida seria um milhão de vezes melhor se nossos pais fossem como os pais de outros meninos. Mas eu percebo uma dor adicional na voz de Perry, porque ele diz que seu pai não o ama. Eu nunca questionei o amor do meu pai. Só desejei que ele fosse mais suave, nos ouvisse mais e explodisse menos. Na verdade, às vezes queria que meu pai me amasse menos. Talvez assim ele saísse de cima de mim e me deixasse fazer minhas escolhas. Digo a Perry que não ter escolha, não ter nada a dizer sobre o que faço nem o que sou, me deixa louco. Por isso dedico meu pensamento, um pensamento obsessivo, às poucas escolhas que tenho – as roupas que visto, o que como, as pessoas que chamo de amigas.

Ele concorda com a cabeça. Entende o que estou dizendo.

No final, em Perry tenho um amigo com quem posso dividir essas preocupações tão sérias, essas várias "travas do Winchell's" que existem na minha vida. Converso com ele sobre ser tenista, apesar de detestar o esporte. Sobre detestar a escola, apesar de gostar dos livros. Sobre me sentir sortudo por ter Philly, apesar da falta de sorte do meu irmão. Perry me escuta com a paciência de Philly, mas com um envolvimento bem maior. Ele não se limita a falar, ouvir e mover a cabeça. Ele dialoga. Analisa a situação, cria estratégias, busca maneiras de me ajudar a melhorar as coisas. Quando conto a ele meus problemas, tudo parece desconexo e bobo à primeira vista, mas Perry consegue organizar as ideias, fazê-las ter lógica, o que é o primeiro passo para que pareçam solucionáveis. Eu me sinto como se tivesse vivido numa ilha deserta, sem ninguém para conversar a não ser as palmeiras, até que um náufrago de ideias claras, um cara sensível e com afinidade comigo (apesar daquela ridícula camisa com o jogador de polo) finalmente surge na praia.

Perry também confia totalmente em mim. Ele me conta que nasceu com lábio leporino, um problema que sempre o deixou muito constrangido e terrivelmente tímido com as garotas. Tinha feito várias cirurgias para corrigir o problema e ainda terá de enfrentar mais uma. Digo que o problema não é tão visível assim, mas seus olhos estão cheios de lágrimas. Ele diz algo sobre seu pai considerá-lo culpado.

Na maioria das conversas, Perry e eu acabamos falando sobre nossos pais e logo sobre o futuro. Falamos sobre os homens que seremos quando estivermos livres dos nossos pais. Prometemos que seremos diferentes, não só dos nossos pais, mas de todos os homens que conhecemos, até daqueles que vemos no cinema. Fazemos um pacto de jamais consumir drogas ou álcool. E prometemos que, quando formos ricos, faremos o que for possível para melhorar o mundo. Apertamos as mãos, num gesto secreto.

Perry vai precisar dar duro para ser rico, pois nunca tem um tostão no bolso. Eu pago tudo. Não tenho muito dinheiro – uma mesada modesta, mais alguns trocados que ganho dos hóspedes dos cassinos e dos hotéis. Mas não ligo; o que é meu é do Perry, porque está decidido que ele é o meu novo *melhor* amigo. Meu pai me dá cinco dólares todo dia para comer, que eu reparto com Perry com satisfação.

Nós nos encontramos todas as tardes no Cambridge. Depois de brincar um pouco e bater

umas bolas, vamos tomar lanche. Escapamos pela saída dos fundos, pulamos o muro e atravessamos um terreno baldio até chegar ao 7-Eleven, onde jogamos videogames e comemos Chipwiches, eu pagando tudo, até a hora de voltar para casa.

O Chipwich é um novo sanduíche de sorvete que Perry descobriu faz pouco tempo. Um pouco de sorvete de baunilha no meio de dois biscoitos massudos de chocolate – a melhor coisa do mundo, segundo Perry, que ficou completamente viciado. Ele gosta mais de Chipwich até do que de falar. É capaz de falar durante uma hora sobre a beleza do Chipwich – e só outro Chipwich consegue fazê-lo parar de falar. Compro montões para ele, já que ele não tem grana para bancar o seu "vício".

Um dia, estamos no 7-Eleven quando Perry para de saborear o seu Chipwich ao olhar para o relógio na parede.

Putz, Andre, é melhor a gente voltar para o Cambridge, porque minha mãe vem me buscar cedo.

Sua mãe?

É. Ela me mandou ficar pronto e esperá-la na porta.

Saímos correndo pelo terreno baldio.

Ih, não, grita Perry. Ela tá chegando!

Olho para a rua e vejo dois carros se aproximando do Cambridge – um fusca e um Rolls-Royce conversível. Quando o fusca passa direto, digo a Perry para não se preocupar, que vai dar tempo. Ela perdeu a entrada, vai ter de retornar.

Não, responde Perry. Vamos lá! Vamos lá!

Ele corre mais ainda, de olho no Rolls-Royce.

Ei, mas o quê...? Perry, você está zoando? Sua mãe tem um Rolls-Royce? Você é... *rico*?

É, acho que sou.

E por que nunca me contou?

Você nunca perguntou.

Para mim, essa é a definição de ser rico: nem passa pela cabeça da pessoa falar isso para o seu melhor amigo. O dinheiro é uma coisa tão sem importância que você nem se preocupa com o jeito como ele aparece.

Mas Perry é mais do que rico. É riquíssimo. É podre de rico. Seu pai, sócio de um importante escritório de advocacia, é dono de uma emissora local de televisão. Ele vende *ar*, conta Perry. Imagine, *vender ar*. Se você pode vender ar, meu amigo, você está feito. (Eu me pergunto se o pai também dá *ar* ao filho como mesada.)

Finalmente, meu pai me deixa ir à casa de Perry. Descubro que ele não mora numa casa, mas numa mansão imensa. A mãe dele nos leva no Rolls-Royce, e meus olhos se arregalam quando passamos pela via que conduz à casa, uma alameda cercada de colinas verdejantes e árvores enormes. Paramos diante de uma construção que parece a mansão do Bruce Wayne. Perry tem uma ala exclusiva para si, incluindo o quarto que é o sonho de qualquer adolescente: tem mesa de pingue-pongue, de sinuca, de pôquer, televisão com tela gigante, frigobar e uma bateria. No final de um extenso corredor fica o quarto de Perry, com paredes forradas com dezenas de capas da *Sports Illustrated*.

Com a cabeça girando como uma mola, olho para todas aquelas fotos de grandes atletas e só consigo dizer uma palavra: Uau.

Fui eu que colei tudo isso, conta Perry.

Na próxima vez em que vou ao dentista, dou um jeito de arrancar as capas de todas as *Sports Illustrated* da sala de espera e escondo embaixo do casaco. Quando entrego para Perry, ele balança a cabeça.

Esta eu já tenho, e essa também. Tenho todas, Andre. Sou assinante da revista.

Ah, certo. Desculpe.

Não só era a primeira vez que eu tinha contato com um moleque rico, mas também a primeira vez que conhecia uma criança que assinava uma revista.

Quando não estamos zanzando pelo Cambridge, ou na mansão dele, estamos conversando ao telefone. Somos inseparáveis. Por isso, ele fica triste quando digo que ficarei fora um mês, para participar de alguns torneios na Austrália. O McDonald's está patrocinando uma equipe de tenistas americanos juniores de elite, para enfrentar o melhor do tênis australiano.

Um mês inteiro?

Eu sei. Mas não tive escolha. Meu pai.

Não estou falando bem a verdade. Sou um dos dois moleques de doze anos que foram selecionados, e por isso estou honrado, excitado, ainda que um pouco apreensivo em viajar para tão longe de casa – o voo deve levar catorze horas. Para não chatear Perry, finjo que não estou animado. Digo para não se preocupar, que vou voltar rapidinho e aí vamos devorar muitos Chipwiches.

Vou sozinho de avião para Los Angeles e assim que chego quero voltar correndo para Las Vegas. Estou apavorado. Não sei muito bem aonde tenho de ir, nem como me localizar no aeroporto. Tenho a impressão de chamar a atenção demais com o agasalho com o símbolo do McDonald's nas costas e meu nome no peito. Mas, a distância, vejo um grupo de crianças com a mesma roupa. É a minha equipe. Eu me aproximo do único adulto do grupo e me apresento.

Ele abre um sorriso generoso. É o treinador. Meu primeiro treinador de verdade.

Agassi, ele diz. O talento de Vegas! Que bom ter você com a gente!

Durante o voo para a Austrália, o treinador fica no corredor, explicando como será a viagem. Vamos participar de cinco torneios em cinco cidades. O campeonato mais importante, porém, é o terceiro, em Sydney. É ali que teremos de mostrar o nosso melhor ao enfrentar os australianos.

As plateias deverão reunir cerca de 5 mil pessoas, acrescenta, e as partidas serão televisionadas para toda a Austrália.

Ele explica a pressão que isso representa.

Mas também há uma notícia boa, conta o treinador. Sempre que vocês vencerem um torneio, vou deixar que tomem uma cerveja.

Eu venço a primeira competição, em Adelaide, sem problemas, e no ônibus o treinador me estende uma Foster's Lager gelada. Lembro de Perry e do nosso pacto. Acho muito estranho ter doze anos e alguém me oferecer bebida alcoólica. Mas a cerveja parece gelada e todos os colegas estão olhando para mim. Além disso, estou a milhares de quilômetros de casa – danese. Tomo um gole. Delicioso. Tomo toda a cerveja em quatro goles e depois enfrento minha consciência pelo resto da tarde. Olho pela janela conforme passamos pelas terras do interior australiano e me pergunto qual será a reação de Perry, se ele vai deixar de ser meu amigo.

Venço três dos quatro torneios restantes. Mais três cervejas. Uma mais gostosa do que a outra. Mas cada gole tem um sabor mais amargo: o gosto da culpa.

Perry e eu logo retomamos nossa rotina habitual. Filmes de terror, conversas intermináveis, Cambrige, 7-Eleven, Chipwiches. De vez em quando, porém, olho para ele e sinto o peso da minha traição.

Estamos a caminho do 7-Eleven e não consigo mais suportar. A culpa está me devorando. Estamos com os fones do *walkman* de Perry, ouvindo Prince. "Purple rain". Dou um toque no ombro dele e peço para tirar os fones.

Que foi?

Não sei como te contar uma coisa.

Ele me olha fixamente.

O que foi?

Perry, eu quebrei o nosso pacto.

Como assim?

Tomei cerveja na Austrália.

Só uma?

Quatro.

Quatro!

Olho para baixo.

Ele pensa um pouco, dirige o olhar para as montanhas. Bem, diz ele, fazemos nossas escolhas na vida, Andre, e você fez a sua. Acho que isso me deixa sozinho.

Mas, alguns minutos depois, ele se mostra curioso. Pergunta qual o sabor da cerveja e, mais uma vez, não consigo mentir. Digo que é muito gostosa. Volto a me desculpar, mas não tem sentido fingir arrependimento. Perry tem razão – eu tinha uma escolha, uma vez na vida, e escolhi. Claro, eu preferia não ter rompido o nosso acordo, mas não posso me recriminar por finalmente escolher algo por conta própria.

Perry franze a testa como um pai. Não como o meu pai ou o dele, mas um pai desses que vemos na tv. Parece que está faltando o figurino, um suéter cardigã e o cachimbo. Percebo que o pacto que fizemos, em sua essência, era o de nos tornar um o pai do outro. Educar o outro. Peço desculpas mais uma vez e percebo quanto senti falta de Perry enquanto estava viajando. Faço outra promessa, desta vez para mim mesmo, de que não voltarei a sair de casa.

Meu pai me aborda na cozinha e diz que precisamos conversar. Eu me pergunto se ele ficou sabendo da história da cerveja.

Ele me manda sentar e se acomoda à minha frente. Entre nós, um quebra-cabeça inacabado de Norman Rockwell. Ele fala sobre uma reportagem que viu recentemente no programa *60 Minutes*. Era sobre uma escola de tênis que existe na costa oeste da Flórida, perto de Tampa Bay. É a primeira escola desse tipo, esclarece meu pai. Um acampamento fechado, dedicado ao treinamento de jovens tenistas, comandado por um ex-paraquedista chamado Nick Bollettieri.

E daí?

E daí que você vai para lá.

O quê?

Você não está melhorando aqui em Las Vegas. Já derrotou todos os moleques da cidade. Derrotou todos os garotos da região oeste. *Andre, você ganhou até de todos os jogadores da faculdade daqui!* Não tenho mais nada para ensinar a você.

Meu pai não fala com todas as palavras, mas está claro: ele decidiu fazer as coisas de outra maneira comigo. Não quer repetir os erros que cometeu com os meus irmãos. Ele estragou o jogo deles por segurá-los demais, apertar demais o cerco e, com isso, estragou também sua relação com eles. Com Rita o estrago foi tão sério que ela resolveu sair de casa e ir morar com Pancho González, a lenda do tênis, que é pelo menos trinta anos mais velho do que ela. Meu pai não quer me limitar, nem me condenar, nem me arruinar. Por isso, está me banindo. Está me mandando para longe, em parte para me proteger dele mesmo.

Andre, diz ele, você vai ter de comer, beber e dormir tênis. É a única maneira de ser o número 1 do mundo.

Eu já como, bebo e durmo tênis, mas ele quer que eu faça isso em qualquer lugar onde estiver.

Quanto custa essa academia de tênis?

Cerca de 12 mil dólares por ano.

Não podemos pagar isso.

Você vai ficar só três meses, aí são 3 mil.

Também não dá para pagar.

É um investimento. Em você. Vamos dar um jeito.

Eu não quero ir.

Vejo que o rosto dele se fecha. Fim da conversa.

Tento ver as coisas pelo lado positivo. São apenas três meses. Consigo aguentar qualquer coisa por três meses. Além disso, será que pode ser pior? Talvez seja como foi na Austrália. Talvez seja divertido. Pode haver alguns benefícios que não consigo prever. Talvez eu me sinta jogando em equipe.

E a escola?, eu pergunto. Estou no meio da sétima série.

Existe uma escola lá perto, diz meu pai. Você vai estudar lá pela manhã, depois jogar tênis à tarde e à noite.

Parece assustador. Um tempo depois, minha mãe comenta que a reportagem do *60 Minutes* na verdade era sobre a personalidade de Nick Bollettieri, à frente de um estabelecimento que explorava trabalho infantil no mundo do tênis.

O pessoal organiza uma festa de despedida para mim, no Cambridge. O sr. Fong está triste, Perry parece querer se suicidar e meu pai demonstra algumas hesitações. Comemos bolo, jogamos tênis com os balões e depois os estouramos com alfinetes. Todo mundo me dá tapinhas nas costas e falam de quanto vou me divertir.

Eu sei, respondo. Não vejo a hora de conhecer aqueles moleques da Flórida.

A mentira parece uma bola errada de propósito, como as que pegam no aro de madeira da minha raquete.

Com a aproximação da data da partida, não consigo dormir bem. Acordo assustado, suado, enrolado nos lençóis. Não consigo comer. Pela primeira vez, a ideia de sentir saudade de casa faz sentido para mim. Não quero sair da minha casa, deixar meus irmãos, minha mãe, meu melhor amigo. Apesar da tensão que vivo em casa e do terror ocasional, ainda assim daria qualquer coisa para ficar. Apesar de toda a dor que meu pai me causou, sua presença sempre foi constante. Ele sempre estava lá, nas minhas costas, e agora não estará mais. Eu me sinto abandonado. Eu achava que tudo o que queria era me livrar dele e, agora que ele me manda

para longe, estou de coração partido.

Passo os últimos dias em casa desejando que minha mãe venha me salvar. Olho para ela como quem implora, mas ela parece dizer: Eu o vi desgraçar três crianças. Você tem sorte de sair de perto enquanto ainda está inteiro.

Meu pai me leva ao aeroporto. Minha mãe também quer ir, mas não pode perder o dia de trabalho. Perry vai no lugar dela. Ele não para de falar o caminho inteiro. Não sei se está tentando consolar a mim ou a si próprio. Serão apenas três meses, ele diz. Vamos escrever cartas, postais... Você vai ver, vai ser legal. Você vai aprender muitas coisas. E talvez eu apareça para uma visita.

Lembro do *Horário de visitas*, aquele filme vagabundo de terror a que assistimos quando nossa amizade começou. Perry está agindo agora como agiu naquele dia, da forma como costuma reagir sempre que está com medo – se contorcendo, se mexendo, pulando no banco. Eu também reajo do meu jeito habitual. Um gato jogado num quintal cheio de cachorros.

Capítulo 5

O micro-ônibus do aeroporto chega ao local da academia logo depois do cair da tarde. A Nick Bollettieri Tennis Academy, instalada numa antiga fábrica de molho de tomate, não é nada impressionante, apenas um conjunto de construções que lembram um presídio. Os nomes também fazem pensar numa prisão: Edifício B, Edifício C. Olho para os lados, esperando encontrar guardas ou uma cerca de arame farpado. E, o que é ainda mais assustador, lá longe, vejo fileiras e fileiras de quadras de tênis.

Conforme o sol se esconde atrás de pântanos negros como tinta, a temperatura despenca. Tento me proteger me enfiando dentro da minha camiseta. Eu achava que na Flórida fazia calor. Um dos funcionários me cumprimenta quando saio do veículo e me leva até o meu alojamento, que está vazio e terrivelmente silencioso.

Onde está todo mundo?

Estão estudando, ele responde. Logo vai começar a horário livre, o intervalo entre os estudos e a hora de ir para a cama. Por que você não vai até o centro de recreação e se apresenta?

No centro de recreação, encontro duzentos caras estranhos, mais algumas garotas de olhar desafiador, reunidos em grupos bem definidos. Um dos maiores grupos cerca uma mesa de pingue-pongue, gritando insultos para os dois que estão jogando. Com as costas coladas na parede, observo o ambiente. Reconheço alguns rostos, inclusive um ou dois tenistas que participaram daquela viagem para a Austrália. E outro ali, com quem joguei na Califórnia. Mais um, de cara demoníaca, que eu enfrentei num terrível jogo de três sets no Arizona. Todos parecem muito talentosos e incrivelmente confiantes. Há meninos de todas as cores, tamanhos, idades e partes do mundo. O mais novo tem sete anos, o mais velho tem dezenove. Depois de passar a vida toda em Las Vegas, eu me sinto um peixinho no meio de um lago imenso. Ou de um pântano. E os maiores peixes são os melhores jogadores do país – Superadolescentes que montam a "panela" mais fechada e isolada.

Tento assistir à partida de pingue-pongue. Até nisso sou inferior aqui. Na minha terra, ninguém me derrotava no pingue-pongue, mas aqui... Metade desses caras conseguiria me destroçar.

Não consigo imaginar como vou me adaptar a esse ambiente, como vou fazer amigos aqui. Quero ir para casa, agora, ou pelo menos telefonar, mas tenho de ligar a cobrar e sei que meu pai não vai querer pagar as chamadas. O simples fato de saber que não consigo ouvir a voz da minha mãe, ou de Philly, por mais que eu precise, me deixa em pânico. Quando o horário livre termina, eu corro para o meu alojamento e deito no meu beliche, desejando desaparecer no pântano escuro do sono.

Três meses, digo para mim mesmo. Só por três meses.

As pessoas gostam de chamar a Bollettieri Academy de campo de treinamento, mas na verdade é um campo de prisioneiros disfarçado. E sem nenhum atrativo. Comemos mal – carnes de cor bege e caldos de consistência gelatinosa, além de uma papa cinzenta que eles espalham em cima do arroz – e dormimos em beliches duros que forram as paredes de

madeirite dos alojamentos em estilo militar. Temos de levantar com o nascer do sol e ir dormir logo depois do jantar. Raramente saímos e temos um contato mínimo com o mundo exterior. Como a maioria dos prisioneiros, tudo o que fazemos é dormir e trabalhar, e a pilha de rochas que temos para quebrar, no caso, são os treinos. Treinos de saque, de jogo de rede, de backhands, de forehands, com ocasionais partidas para reforçar a hierarquia social, do mais forte para o mais fraco. Às vezes, tenho a impressão de que somos gladiadores em preparação para uma luta no Coliseu. Com certeza, os 35 instrutores que latem nos nossos ouvidos durante os treinos se consideram feitores.

Quando não estamos fazendo exercícios, temos de estudar a psicologia do tênis. Temos aula sobre resistência mental, pensamento positivo e visualização. Eles nos ensinam a fechar os olhos e nos imaginar vencendo em Wimbledon, erguendo aquele enorme troféu de ouro sobre nossas cabeças. Depois fazemos exercícios aeróbicos, treinos com peso ou na pista, cujo piso são conchas trituradas, onde corremos até deixarmos de cair de exaustão.

A pressão constante, a competição feroz e a total falta da supervisão de adultos aos poucos nos transforma em animais. Aqui predomina uma espécie de lei da selva. Algo como *Karatê Kid* com raquetes, *O senhor das moscas* com golpes de forehand. Uma noite, dois garotos começam a discutir no alojamento. Um é branco e o outro é asiático. O primeiro recorre a insultos raciais e sai do local. Durante uma hora, o menino asiático fica parado no meio do alojamento, se alongando, movendo os braços e pernas, girando o pescoço. Faz uma metódica sequência de movimentos de judô e depois, com cuidado, passa uma faixa ao redor do tornozelo. Quando o garoto branco aparece, ele gira, joga a perna no ar como se fosse um chicote e acerta um chute direto no queixo dele.

O aspecto mais impressionante é que nenhum dos dois foi expulso, o que contribui bastante para a sensação generalizada de anarquia.

Outros dois garotos se envolvem numa rixa longa, mas pouco intensa. Durante um tempo são apenas provocações, implicâncias, coisas sem importância – até que um dele resolve apelar. Durante dias, ele urina e defeca num balde. Então, um dia, no meio da noite, irrompe no alojamento do outro e despeja todo o conteúdo do balde na cabeça do menino.

A sensação de estar numa selva e a constante ameaça de uma violência ou uma tocaia são reforçadas, logo antes que se apaguem as luzes, pelo som de tambores a distância.

Pergunto a um dos meninos de onde vem isso.

Ah, é só o Courier. Ele gosta de tocar a bateria que seus pais mandaram para ele.

Quem?

Jim Courier. Da Flórida.

Em poucos dias vejo pela primeira vez o diretor “da prisão”, fundador e dono da Nick Bollettieri Tennis Academy. Ele tem cinquenta e poucos anos mas parece ter 250, graças a sua obsessão pelo bronzeado. As outras obsessões são o tênis e os casamentos. (Ele tem cinco ou seis ex-mulheres, ninguém sabe ao certo.) Tomou tanto sol e torrou tanto embaixo das luzes ultravioleta que afetou para sempre a pigmentação da pele. A única parte do rosto que não tem a tonalidade de um pedaço de charque é o bigode, preto e cuidadosamente aparado, que desce pelos cantos da boca quase até o queixo e lhe dá um ar permanentemente carrancudo. Vejo Nick passando pelo local, um pele-vermelha raivoso de óculos escuros que colam nas têmporas, censurando alguém que anda a seu lado e tenta acompanhar o andar do chefe, e rezo para nunca ter de tratar diretamente com ele. Observo quando ele entra na Ferrari vermelha e

sai em disparada, deixando um fino rastro de poeira no caminho.

Um garoto me diz que faz parte de nossas obrigações manter os quatro carros esportivos de Nick sempre lavados e encerados.

Obrigação nossa? Não pode ser.

Diga isso ao juiz.

Pergunto a alguns dos mais velhos, dos veteranos, sobre Nick. Quem é ele? O que o motiva? Eles dizem que Nick é um enganador, um cara que conseguiu montar uma vida bem bacana às custas do tênis, mas não gosta do jogo e nem o conhece muito bem. Não é alguém como o meu pai, realmente fascinado pelos ângulos e números e a beleza do esporte. Mas em outra coisa ele é igual ao meu pai: fascinado por dinheiro. Não passou na seleção para piloto da Marinha norte-americana, abandonou a faculdade de direito e aí resolveu um dia que iria ganhar a vida dando aulas de tênis. Afundado na merda. Com um pouco de dedicação e muita sorte, ele se transformou numa espécie de "titã" do tênis, mentor de talentos. Dá para aprender algumas coisas com ele, dizem os meninos, mas ele não é milagroso.

Não parece ser o tipo de cara que vai me fazer parar de detestar esse esporte.

Estou jogando uma partida de treino, ganhando fácil de um moleque da costa leste, quando percebo que Gabriel, um dos capangas de Nick, está bem atrás de mim, olhando com atenção.

Depois de mais alguns pontos, Gabriel interrompe o jogo. Pergunta: O Nick já viu você jogar?

Não.

Ele franze a testa e se afasta.

Depois, pelo alto-falante que emite som para todas as quadras da Bollettieri Academy, eu escuto:

Andre Agassi, dirija-se à área da suprema corte! Andre Agassi, dirija-se à área da suprema corte – imediatamente!

Eu nunca fui chamado a essa parte da academia, e não consigo imaginar o motivo pelo qual me convocam agora. Corro até lá e encontro Gabriel e Nick, um ao lado do outro, me esperando.

Gabriel diz a Nick: Você tem de ver esse moleque jogar.

Nick vai para a sombra. Gabriel vai para o outro lado da rede. Começamos um treino que dura meia hora. De vez em quando olho rapidamente sobre o ombro: mal consigo ver a silhueta de Nick, concentrado, alisando o bigode.

Bata algumas bolas de backhand, diz Nick. A voz dele é bastante irritante.

Faço o que ele manda. Rebato bolas de backhand.

Agora tente alguns saques.

Obedeço.

Vá para perto da rede.

Eu me aproximo da rede.

Já vi o bastante.

Nick se aproxima. De onde você vem?

Las Vegas.

Qual é a sua colocação no ranking nacional?

Número 3.

Como faço para falar com o seu pai?

Ele está no trabalho. À noite, trabalha no cassino da mgm.

E sua mãe?

A essa hora? Ele deve estar em casa.

Venha comigo.

Caminhamos devagar até o escritório de Nick e ele pede o número do telefone da minha casa. Está acomodado numa cadeira alta de couro preto, quase de costas para mim. Meu rosto parece ainda mais vermelho do que o dele. Ele disca o número e fala com a minha mãe. Ela passa o número do telefone do trabalho do meu pai e ele volta a discar.

Nick começa a gritar. Senhor Agassi! Quem fala é Nick Bollettieri! Isso mesmo. Bem, ouça o que tenho a dizer. Vou lhe dizer algo *muito* importante. Seu filho tem mais talento do que todos os outros meninos que passaram por esta academia. Isso mesmo. Nunca vi nada assim. Nunca. E vou fazer dele um campeão.

Mas que diabos ele está dizendo? Eu vou ficar aqui só três meses. Vou cair fora daqui a exatos 64 dias. Nick está dizendo que quer que eu *fique* aqui? Morar aqui – para sempre? Meu pai não iria tão longe.

Nick diz: Isso mesmo. Não, isso não é problema. Vou acertar as coisas de forma que você não precise pagar um centavo. Andre pode ficar totalmente de graça. Vou rasgar o seu cheque.

Meu coração afunda. Sei que meu pai não resiste a nada que é grátis. Meu destino está selado.

Nick desliga o telefone e gira sua cadeira na minha direção. Não explica nada. Não consola. Nem sequer me pergunta se é isso o que quero. A única coisa que ele diz é: Pode voltar para as quadras.

O diretor do presídio acrescentou vários anos à minha pena, e não há nada a ser feito a não ser pegar a marreta e continuar quebrando rochas.

Todos os dias na Bollettieri Academy começam com um cheiro desagradável. Nas colinas que cercam o local estão instaladas diversas empresas de processamento de laranjas, que liberam um odor tóxico de casca queimada. É a primeira coisa que sinto quando abro meus olhos, um lembrete de que é real, de que não estou em Vegas, não estou na minha cama na área de iguais, não é um sonho. Nunca liguei muito para suco de laranja, mas, depois da passagem pela Bollettieri Academy, nunca mais conseguirei ver uma embalagem de Minute Maid.

Quando o sol clareia os pântanos eliminando a névoa da manhã, corro para chegar ao chuveiro antes dos outros garotos, porque só os primeiros conseguem tomar banho com água quente. Na verdade não é um chuveiro, é apenas um pequeno esguicho que libera um fino jato de agulhadas doloridas, que mal conseguem nos deixar molhados, quanto mais limpos. Aí saímos correndo para o café da manhã, servido numa cafeteria tão bagunçada que parece um hospício onde os enfermeiros esqueceram de medicar os internos. Mas mesmo assim é melhor se apressar, porque mais tarde é pior. A manteiga vai estar coberta com as migalhas de todo mundo, o pão já terá acabado e os ovos que parecem de plástico vão estar mais do que frios.

Do café entramos no ônibus que nos leva para a escola, a Academia Bradenton a 26 minutos dali. Divido meu tempo entre as duas academias, as duas prisões, mas a Academia Bradenton me causa mais claustrofobia, porque faz ainda menos sentido. Na Bollettieri pelo menos aprendo algo sobre tênis. Na Bradenton, a única coisa que aprendo é que sou um estúpido.

Na Bradenton o piso é desgastado, os tapetes sujos e as paredes exibem cerca de catorze tons diferentes de cinza. Não há uma única janela, então a luz é fluorescente, e o ar parado, temperado com uma mistura de cheiros ruins, sobretudo vômito, dejetos e medo. É quase pior do que o fedor de laranja queimada da Bollettieri Academy.

Os outros alunos, não tenistas, moradores da cidade, não parecem se importar. Alguns na verdade até se desenvolvem na Bradenton, talvez porque tenham uma rotina diária mais normal. Eles não precisam equilibrar a vida escolar com uma carreira esportista semiprofissional. Não enfrentam os surtos de saudades de casa, que vêm e vão como ânsias de vômitos. Eles passam sete horas por dia na escola, depois vão para casa jantar e assistir à televisão com a família. Já os que "moram" na Bollettieri ficam só quatro horas e meia na escola e depois entram no ônibus para a longa jornada rumo ao nosso "trabalho" de período integral: bater bola até depois do anoitecer, quando caímos acabados nos beliches de madeira, desejosos de meia hora de descanso antes de voltar para o reino da selva que é o centro de recreação. Aí nos debruçamos durante inúteis poucas horas sobre os livros, antes do horário livre e do apagar das luzes. Sempre estamos atrasados com as tarefas escolares e nos atrasando cada vez mais. O sistema é manipulado, destinado a produzir péssimos estudantes ao mesmo tempo que "forma" bons tenistas.

Não gosto de nada que é manipulado assim, por isso nem me esforço. Não estudo. Não faço as tarefas. Não presto atenção. E não estou nem um pouco preocupado. Nas aulas, sento quieto na minha carteira, olhando para os meus pés, desejando estar em outro lugar, enquanto os professores discorrem sobre Shakespeare, Bunker Hill ou o teorema de Pitágoras.

Os professores não se incomodam com a minha indiferença porque sou um dos Garotos de Nick e eles não querem problemas com o cara. A Academia Bradenton existe porque a Bollettieri não para de mandar ônibus cheios de alunos pagantes a cada semestre. Os professores sabem que seu emprego depende de Nick e por isso não podem nos reprovar, o que nos garante um *status* especial. Nós temos a impressão de gozar de certa "carta branca", sem perceber que a coisa que mais nos é devida – uma educação – é o que menos recebemos ali.

Dentro dos portões metálicos da Academia Bradenton fica o escritório, o centro nervoso da escola e fonte de muito sofrimento. Os boletins e cartas de ameaças são redigidos aqui. Os alunos malcomportados são mandados para cá. Também é aqui que estão a senhora G. e Doc G., diretores da Academia Bradenton e, desconfio muito, alguns atores coadjuvantes frustrados. A senhora G. é uma mulher magrela desprovida de tronco. Na verdade, parece que seus ombros estão colados direto na cintura. Ela tenta disfarçar essa forma esquisita usando saias, mas isso só acentua o problema. No rosto o destaque vai para as duas bolotas de *blush* e uma mancha de batom, uma tríade simétrica de três círculos cujas cores ela combina como as outras pessoas fazem com os sapatos e o cinto. As bochechas e os lábios sempre têm cores combinadas, e *quase* conseguem desviar a atenção da corcova que ela tem nas costas. Mas não há nada que ela possa vestir capaz de distrair o olhar das mãos gigantescas da diretora. As palmas parecem ter o tamanho de uma raquete, e a primeira vez em que ela apertou a minha mão achei que ia desmaiar.

O velho Doc G. tem a metade do tamanho da esposa, mas um número equivalente de problemas físicos. Não é difícil perceber o que eles encontraram em comum. Fraco, assustadiço, Doc G. tem um braço direito que parece atrofiado de nascença. Ele tenta

esconder o braço, mantê-lo atrás das costas ou enfiado num bolso. Ou então movimenta-o no ar, brandindo-o como se fosse uma arma. Ele gosta de chamar os estudantes para uma conversa cara a cara e, sempre que isso acontece, sacode o braço torto até tocar o ombro do aluno, e ali o braço fica até terminar a falação. Se isso não deixar o moleque apavorado, nada vai assustá-lo. O braço de Doc G. parece uma bisteca de porco apoiada no seu ombro, e você continua sentindo a presença dela por um tempão depois. Não dá para não tremer.

A senhora G. e Doc G. instituíram diversas regras na Academia Bradenton, e uma das mais repetidas é a proibição do uso de joias. Por isso, decido furar minhas orelhas. É uma forma fácil de demonstrar rebeldia, que, pelo que posso ver, é o meu último recurso. A rebeldia é a única coisa que posso escolher no meu dia a dia, e essa rebeldia vem com o bônus adicional de representar um belo "dane-se" para o meu pai, que sempre achou horrível homens usarem brincos. Muitas vezes eu o ouvi dizer que isso era coisa de homossexuais. Mal consigo esperar para que ele veja os meus. (Comprei dois, um tipo pino e uma argola de pendurar.) Ele finalmente vai se arrepender por ter me mandado para tão longe de casa, entregue a más influências.

Faço um esforço falso e inútil para esconder o novo acessório, colando um Band-Aid no local. A senhora G. percebe, claro, do jeito que eu esperava que acontecesse. Ela me tira da sala de aula e me interroga.

Senhor Agassi, o que significa esse curativo?

Machuquei a orelha.

Machucou? Não seja ridículo. Tire esse Band-Aid.

Tiro o Band-Aid. Ela vê o pino e engasga.

Na Academia Bradenton não permitimos o uso de brincos, senhor Agassi. Na próxima vez que eu o vir, espero que o Band-Aid e os brincos não estejam mais aí.

No final do primeiro semestre, estou quase reprovado em todas as matérias, com exceção de inglês. Mostro uma estranha aptidão para a literatura, em especial para poesia. Consigo decorar poemas e escrever algumas poesias com certa facilidade. Pedem para fazermos um verso curto sobre nossa vida cotidiana e eu coloco o meu com orgulho sobre a mesa da professora. Ela gosta. Lê o poema para a classe. Alguns outros alunos pedem que eu faça sua lição e eu escrevo por eles, no ônibus, sem problemas. A professora de inglês me chama depois da aula e diz que tenho talento. Sorrio. É diferente de ouvir a mesma coisa do Nick. Isso parece algo que eu gostaria de fazer. Por um instante, imagino como seria fazer outra coisa da vida além de jogar tênis – algo que eu pudesse escolher. Aí vou para a próxima aula, matemática, e meu sonho naufraga num turbilhão de fórmulas de álgebra. Não nasci para estudar. A voz do professor de matemática parece vir de quilômetros de distância. A matéria seguinte, francês, é pior ainda. Eu sou *très stupide*. Traduzo para o espanhol, idioma no qual eu sou *muy estúpido*. A língua espanhola parece ter o poder de abreviar a minha vida. O tédio e a confusão podem me fazer cair duro na minha cadeira. Um dia vão me achar na minha carteira, *muerto*.

Aos poucos, a escola deixa de ser difícil para virar um perigo físico. A ansiedade de subir no ônibus, os 26 minutos de trajeto, os confrontos inevitáveis com a senhora G. e Doc G., tudo isso me deixa realmente doente. O que eu mais temo é o momento, o momento diário, em que sou exposto como um perdedor. Um perdedor na escola. O pavor é tamanho que, com o tempo, a Bradenton termina modificando minha impressão da Bollettieri. Começo a *esperar* pelo

horário de treino e até pela pressão dos torneios, porque pelo menos não estou na escola.

Por causa de determinado campeonato, perco uma importante prova de história na Bradenton, na qual eu tinha certeza de que iria mal. Comemoro essa fuga de um tiro certeiro massacrando meus adversários. Mas, quando volto para a escola, o professor avisa que terei de fazer uma prova substitutiva.

Injustiça. Vou ter de fazer a tal prova. Mas antes preparo uma cola, que escondo no meu bolso.

Só há outra pessoa na sala, uma menina ruiva com rosto gordo e suado. Ela não pisca, não percebe minha presença. Parece estar em coma. Faço a prova depressa, copiando tudo da cola. De repente, sinto um par de olhos sobre mim. Olho para cima e vejo a garota ruiva, saída do coma e com o olhar fixo em mim. Ela fecha o livro e sai. Rapidamente, coloco a cola dentro da cueca. Rasgo outra folha de caderno e, imitando uma escrita feminina, anoto: Estou interessada em você! Me liga! Coloco o bilhete no bolso bem na hora em que a senhora G. entra na sala.

Coloque o lápis na mesa, ela manda.

O que foi, senhora G.?

Você está colando?

Colando? Nesta prova? Se tivesse de colar, não seria nesta prova. Sei tudo desta matéria. Valley Forge. Paul Revere. Moleza.

Esvazie os bolsos.

Tiro algumas moedas, uma caixa de chicletes e o bilhete da minha admiradora imaginária. A senhora G. pega o bilhete e lê baixinho.

Digo: Estou pensando no que devo responder para essa menina. Algu- ma sugestão?

Ela me dá uma bronca e sai. Sou aprovado e anoto no meu “caderninho” uma vitória moral.

Minha professora de inglês é a única que me defende. Além disso, ela é a filha da senhora G. e de Doc G. e insiste com os pais que sou mais inteligente do que minhas notas e meu comportamento indicam. Ela chega a arranjar um teste de q.i., que confirma sua teoria.

Andre, ela diz, você tem de se dedicar. Provar para a senhora G. que você não é o que ela pensa.

Respondo que *estou* me dedicando, fazendo o melhor que posso nas circunstâncias. Mas estou cansado o tempo todo de tanto jogar tênis e distraído por causa da pressão dos torneios e dos chamados desafios. Especialmente estes últimos: uma vez por mês, temos de enfrentar um adversário superior a nós na hierarquia da academia. Eu gostaria que qualquer professor me explicasse como é possível se concentrar na conjugação verbal ou no cálculo do *x* quando você está se preparando mentalmente para uma partida em cinco sets, na mesma tarde, contra alguém de Orlando.

Logo depois de entrar na Bollettieri Academy, começo a me revoltar.

Não conto toda a verdade para ela, porque não posso. Eu me sentiria uma garotinha, chorando de medo da escola, um sem-número de vezes afundado na carteira, encharcado de suor. Não posso falar da minha dificuldade em me concentrar, do meu horror de ser chamado pelo professor, de como esse horror às vezes se transforma numa bolha de ar dentro do meu intestino, que cresce tanto que tenho de sair correndo para o banheiro. Entre as aulas, com frequência estou condenado a ficar no banheiro.

Aí vem também a ansiedade social, o esforço fadado ao fracasso para ser aceito. Na Academia Bradenton, ser aceito custa dinheiro. A maioria dos garotos exibe roupas de marca, enquanto eu tenho apenas três calças jeans, cinco camisetas, dois pares de tênis e um moletom de gola careca com quadrados pretos e cinza. Durante as aulas, em vez de prestar atenção n' *A letra escarlate*, penso em quantos dias por semana posso aparecer com o mesmo moletom e no que vou fazer quando a temperatura subir.

Quanto pior o meu desempenho na escola, maior a minha revolta. Eu bebo, fumo maconha e me comporto como um idiota. Tenho pouca consciência da relação inversa entre minhas notas e a revolta que sinto, mas não fico ruminando nisso. Prefiro a teoria de Nick. Para ele, não vou bem na escola porque tenho tesão pelo mundo. Talvez seja a única coisa sobre mim que ele disse que é metade verdade. (Em geral, ele me descreve como um exibicionista arrogante em busca do sucesso. Até meu pai me definiria melhor.) Meu comportamento habitual parece mesmo uma ereção – violento, involuntário, incontrolável –, e por isso eu o aceito da mesma forma como aceito as muitas mudanças do meu corpo.

Finalmente, quando minhas notas atingem o pior nível possível, minha rebeldia está no apogeu. Entro no cabeleireiro do shopping center Bradenton e mando fazer um corte ao estilo moicano: cabeça raspada nas laterais e apenas uma faixa de cabelo espetado bem no meio.

Você tem certeza de que quer este corte, garoto?

Quero, sim. Com uma crista alta e pontuda, tingida de rosa-choque.

Ele passa a máquina para lá e para cá durante cerca de oito minutos. Aí avisa que está pronto, gira minha cadeira e eu me olho no espelho. Os brincos já eram bacanas, mas isso é bem melhor. Mal posso esperar para ver a cara da senhora G.

Fora do shopping, enquanto espero o ônibus para voltar para a Bollettieri, ninguém me reconhece. Moleques que costumam brincar comigo, que dormem no mesmo pavilhão, passam sem me reconhecer. Para um observador desatento, eu tinha feito algo que parecia um esforço desesperado para aparecer. Mas, na verdade, eu tinha me libertado, soltado o meu verdadeiro eu, o meu eu invisível. Pelo menos, essa era a ideia.

Vou de avião para casa para passar o Natal e, quando o voo se aproxima da Strip, com os cassinos brilhando lá embaixo como se formassem uma fileira de árvores de Natal, a comissária de bordo avisa que temos de aguardar autorização para pousar.

Algumas pessoas resmungam.

Como sabemos que todos estão ansiosos para chegar logo aos cassinos, diz ela, pode ser divertido tentarmos um jogo até que a torre autorize nosso pouso.

Animação a bordo.

Para isso, cada um coloca um dólar dentro desta sacola. Depois, anota num pedaço de papel o número do seu assento. Os números vão para esta outra sacola. Vamos sortear um papel e o vencedor leva todo o dinheiro!

Ela recolhe os dólares enquanto outra comissária se encarrega dos papéis. A comissária vai para o início do corredor e enfia a mão na sacola.

E o grande vencedor é... tambores rufando, por favor... 9F!

Eu estou sentado na poltrona 9F! Ganhei! Ganhei o sorteio! Eu me levanto e aceno. Os passageiros se viram para ver o vencedor. Resmungos. Que legal, quem levou foi o moleque com cabelo moicano cor-de-rosa!

A comissária, relutante, me entrega a sacola com 96 dólares. Passo o resto do tempo contando e recontando o dinheiro, agradecendo à minha boa estrela de ter nascido com o traseiro virado para a Lua.

Como era de esperar, meu pai fica horrorizado com o meu corte de cabelo e meus brincos. Mas se recusa a atribuir a culpa a si mesmo ou à Bollettieri. Ele nunca vai admitir que foi um erro me mandar para lá, nem vai concordar em discutir a possibilidade de eu voltar para casa. Ele apenas se limita a perguntar se eu tinha virado bicha.

Não, respondo, e vou direto para o meu quarto.

Philly vem atrás. Ele elogia o meu novo visual. Até uma “crista” no meio da cabeça é melhor do que ser careca. Conto sobre o golpe de sorte que tive no sorteio do avião.

Que legal! E o que você vai fazer com todo esse dinheiro?

Estou pensando em comprar uma tornozeleira para Jamie. É uma garota que estuda com o Perry. Da última vez em que vim para casa, ela me deixou beijá-la. Mas estou em dúvida, pois preciso muito de roupas novas para ir à escola. Não vou muito longe aparecendo sempre com o mesmo moletom preto e cinza. Quero pertencer ao grupo.

Philly move a cabeça. Essa é uma dúvida dura, mano.

Mas não questiona o motivo pelo qual, se quero mesmo ser aceito no grupo, decidi colocar brincos e fazer um corte de cabelo polêmico. Ele trata meu dilema com seriedade, vê coerência nas minhas contradições, me ajuda a avaliar as alternativas. Decidimos que é melhor gastar a grana com o presente para a garota e deixar as roupas novas para lá.

Na hora em que compro a tornozeleira, porém, fico arrependido. Eu me vejo novamente na Flórida, fazendo rodízio das mesmas roupas de sempre. Comento com Philly e ele inclina um

pouco a cabeça.

Na manhã seguinte acordo com Philly curvado sobre mim, com um sorriso imenso no rosto. Está olhando para o meu peito. Dou uma olhada e vejo uma pilha de dólares.

De onde veio isso?

Ontem fomos jogar cartas, mano. Tive sorte. Ganhei seiscentos dólares.

E o que é isso?

Aqui tem trezentas pratas. Use para comprar alguns suéteres.

Na semana de recesso na primavera, meu pai insiste para que eu participe de torneios semiprofissionais, chamados de satélites, que não exigem classificação. Ou seja, na prática qualquer pessoa pode se inscrever e disputar pelo menos uma partida. Os jogos são realizados em lugares isolados, como Monroe, uma cidade da Luisiana, ou St. Joe, no Missouri. Não posso ir sozinho, porque só tenho catorze anos. Então, meu pai manda Philly me levar e cuidar de mim – e também disputar algumas partidas. Philly e meu pai ainda insistem que meu irmão ainda vai conseguir jogar tênis para valer.

Philly aluga um Omni bege, que logo se torna uma versão móvel do quarto que dividíamos em casa. Lado dele para lá, meu lado para cá. Percorremos milhares de quilômetros, parando apenas para comer em lanchonetes, nos locais das partidas e para pernoitar. Não pagamos hospedagem, porque em cada cidade há famílias voluntárias que se oferecem para acomodar os tenistas visitantes. Quase todas são pessoas agradáveis, mas em geral o que estraga é seu entusiasmo excessivo com os jogos. Já é estranho dormir na casa dos outros, e ter de falar sobre tênis durante o café da manhã então é terrível. Para mim, pelo menos, é. Philly conversa com todo mundo e muitas vezes tenho de interromper o papo e arrastá-lo, para não perdermos a hora.

Philly e eu nos sentimos como dois foras da lei, vivendo na estrada e fazendo o que temos vontade de fazer. Jogamos sobre os ombros as embalagens de *fast-food*, que caem no banco de trás. Ouvimos música alta, xingamos tanto quanto nos dá vontade, falamos o que nos vem à cabeça, sem medo de que alguém venha nos repreender ou ridicularizar. Ainda assim, não falamos sobre os objetivos bem diferentes que temos em relação a essa viagem. Philly quer apenas ganhar um ponto na atp, apenas um só, para poder saber como é entrar no ranking. E eu quero evitar uma partida contra ele, para não ter de derrotar meu querido irmão mais uma vez.

Na primeira competição, acabo com o meu adversário, e Philly é derrotado pelo dele. Depois, dentro do carro, na garagem do estacionamento ao lado do estádio, Philly olha fixamente para o volante, com ar de espanto. Por algum motivo, essa derrota dói mais do que as demais. Ele fecha a mão e soca o volante. Com força. Depois soca outra vez, com mais força. Aí começa a falar sozinho, tão baixo que não consigo escutar. Começa a falar mais alto. Agora está gritando, acusando-se de ter nascido um perdedor, massacrando o volante com vários golpes. A força dos socos é tamanha que acho que ele vai acabar quebrando um osso da mão. Penso no nosso pai, acertando o volante do carro antes de sair para nocautear o motorista de caminhão.

Philly diz: Seria bem melhor quebrar a droga do punho! Pelo menos assim as coisas estariam acabadas. Nosso pai tem razão. Nasci *mesmo* para perder.

De repente, ele para. Olha para mim e parece resignado. Calmo. Como nossa mãe. Ele sorri; a tempestade passou, o veneno foi eliminado.

Agora estou me sentindo melhor, confessa, com uma risada e uma fungada.

Na saída do estacionamento, ele me dá dicas sobre meu próximo adversário.

Poucos dias depois de voltar para a Bollettieri, vou para o shopping Bradenton. Aproveito a oportunidade e ligo a cobrar para casa. Por sorte, Philly atende o telefone. Ele parece estar tão desgostoso como naquele dia no estacionamento.

Então, ele diz, recebemos uma carta da atp.

Mesmo?

Você quer saber qual o seu lugar no ranking, irmão?

Não sei se quero saber...

Você é o número 610.

Sério?

Entre os melhores do mundo, mano.

Isso significa que só existem 609 pessoas melhores do que eu no mundo todo. No planeta Terra, no Sistema Solar, eu sou o número 610. Dou um tapa na parede da cabine telefônica e solto gritos de alegria.

Silêncio do outro lado da linha. Aí, com um fio de voz, Philly pergunta, Qual é a sensação?

Não acredito no meu descuido, berrando de alegria no ouvido do meu irmão quando Philly estava se sentido um lixo. Eu adoraria poder jogar metade dos meus pontos da atp no peito dele. Num tom de tédio absoluto, acompanhado de um falso bocejo, eu digo: Você quer saber? Não é grande coisa. Esses caras exageram.

Capítulo 6

O que mais posso fazer? Nick, Gabriel, a senhora G. e Doc G. – ninguém parece dar a mínima para as minhas extravagâncias. Raspei o cabelo, deixei as unhas crescer (uma tem quase quatro centímetros, e resolvi pintar de vermelho carro de bombeiro). Coloquei *piercings*, quebrei as regras, desrespeitei o toque de recolher, me meti em brigas, tive chiliques, matei aulas e até cheguei a invadir o aposento das meninas depois do horário permitido. Tomei litros e litros de uísque, muitas vezes comodamente instalado no meu beliche, e, numa demonstração adicional de audácia, construí uma "pirâmide" com as provas da minha rebeldia: uma pilha de quase um metro de altura, feita com as garrafas vazias de Jack Daniel's. Também masco tabaco, marcas fortes como Skoal e Kodiak, misturado com uísque. Depois das derrotas, coloco na boca uma porção de tabaco do tamanho de uma ameixa. Quanto pior a derrota, maior a porção de tabaco. O que me resta fazer? Qual novo pecado posso cometer para mostrar ao mundo que estou infeliz e quero ir para casa?

Todas as semanas, os únicos momentos em que não estou cultivando a rebeldia é no horário livre, quando posso me divertir no centro de recreação, ou nos sábados à noite, quando vou ao shopping Bradenton paquerar as meninas. Somando tudo, são dez horas por semana em que estou satisfeito, ou pelo menos não estou dando um nó na cabeça para criar alguma nova forma de desobediência civil.

Ainda estou com catorze anos e a Bollettieri Academy contrata um ônibus para nos levar a um importante torneio em Pensacola. A academia faz diversas excursões como essa, todos os anos, para participar de campeonatos assim pela Flórida, porque Nick acha que funcionam como bons testes. Oportunidades para medir o desempenho, ele define. A Flórida é o paraíso do tênis, garante Nick, e, se somos melhores do que o melhor da Flórida, então seremos os melhores do mundo.

Não tenho dificuldades para chegar à final da minha categoria, mas os outros garotos não apresentam o mesmo desempenho. Todos são desclassificados antes. Por isso, são obrigados a assistir às partidas que disputo. Não têm opção, não há outro lugar para ir. Quando eu termino o campeonato, voltamos todos para o ônibus e viajamos durante doze horas de volta para a Bollettieri.

Não tenha pressa, brincam os outros garotos.

Ninguém está ansioso para passar mais doze horas dentro daquele ônibus lerdo e malcheiroso.

Para me divertir, decido entrar no jogo usando jeans. Nada dos shorts tradicionais de tênis ou do moletom, mas as velhas calças jeans, desbotadas e sujas. Sei que isso não vai afetar o resultado. O adversário é um bobão. Eu poderia derrotá-lo jogando com uma mão amarrada nas costas, numa fantasia de gorila. Para impressionar, passo um pouco de delineador nos olhos e coloco meus brincos mais vistosos.

Ganho a partida em dois sets. Os outros garotos comemoram com animação. Dizem que ganhei pontos por causa do meu estilo. No caminho de volta para a Bollettieri sou alvo das atenções, ganho tapinhas nas costas e manifestações de apoio. Tenho a impressão de que, finalmente, estou entrando para o grupo dos caras legais, sou um dos alfas. Além disso, me saí

bem na parada.

No dia seguinte, logo depois do almoço, Nick manda convocar uma reunião inesperada.

Todo mundo aqui, Nick berra.

Ele nos leva a uma quadra com arquibancada descoberta. Quando todos os duzentos alunos de tempo integral estão acomodados e quietos, ele começa a caminhar diante de nós, falando sobre o significado da Bollettieri Academy e de quanto deveríamos nos sentir privilegiados por estar aqui. Ele ergueu tudo aquilo a partir do nada, falou, e se orgulhava muito de dar seu nome à instituição. A Bollettieri se destaca pela excelência. Pela qualidade. A Bollettieri é conhecida e respeitada em todo o mundo.

Faz uma pausa.

Andre, você pode se levantar por um instante?

Eu me levanto.

Tudo o que eu acabei de dizer sobre este lugar, Andre, você des-res-pei-tou. Você *desacatou* a escola, você a envergonhou com a palhaçada que fez ontem. Aparecer de calças jeans, maquiagem e brincos numa final! Vou te falar uma coisa muito importante, garoto: Se você continuar se comportando assim, se quiser agir como se fosse uma garota, vou te dizer o que vou fazer. No próximo torneio, vou fazer você jogar de saia. Entrei em contato com o pessoal da Ellesse e pedi para mandarem um lote de saias para você. E você vai vestir uma, ah, vai, sim... Porque, se é isso que você é, é assim que vamos tratar você.

Todos os duzentos alunos estão olhando para mim. Quatrocentos olhos, fixos em mim sem piscar. Muitos moleques dão risada.

Nick continua. O seu horário livre acaba de ser revogado. Seu tempo livre agora é meu. Você agora está sob vigilância. Entre nove e dez horas, vai limpar todos os banheiros da academia. Quando os banheiros estiverem perfeitos, vai tomar conta do pátio. Se não gostar disso, bem, é simples... Vá embora. Se for para agir como agiu ontem, não queremos você aqui. Se não for capaz de mostrar que valoriza esta academia da mesma forma como nós valorizamos, então tchau.

A última palavra, *tchau*, explode e ecoa por todas as quadras vazias.

Entendeu bem? Agora todo mundo de volta ao trabalho.

Todos os alunos saem correndo. Eu fico parado, imóvel, tentando decidir o que fazer. Eu poderia xingar o Nick, chamá-lo para uma briga ou começar a berrar. Penso em Philly e depois em Perry. O que eles me aconselhariam a fazer? Penso no meu pai, mandado para a escola com roupa de menina, quando sua mãe queria humilhá-lo. Foi assim que ele aprendeu a brigar.

Não há mais tempo para pensar. Gabriel aparece e avisa que meu castigo começa agora. Pelo resto da tarde, avisa, você vai ficar de joelhos. Vai tirar as ervas daninhas.

No final do dia, livre do saco onde juntei todo o mato recolhido, caminho para o meu quarto. Não existe mais indecisão. Sei exatamente o que vou fazer. Jogo minhas roupas dentro da mala e decido pegar a estrada. Mas aí vem a lembrança de que estamos na Flórida, qualquer imbecil maluco poderia me raptar e nunca mais ninguém ouviria falar de mim. Eu me pergunto se um imbecil maluco não é uma opção melhor do que Nick.

Na minha carteira tenho um cartão de crédito, que meu pai me deu para casos de emergência, e eu acredito que essa situação se encaixa na definição. Vou direto para o

aeroporto e, amanhã a esta hora, estarei contando o que aconteceu para Perry, no quarto dele.

Mantenho os olhos atentos para as fortes luzes. Ouço os latidos de cães de caça a distância. Faço sinal de carona.

Um carro para. Abro a porta e me preparo para jogar a mala no banco traseiro. É Julio, o bedel da equipe do Nick. Ele diz que meu pai está no telefone, na academia, e que falar comigo – agora.

Prefiro os cães de caça.

Digo ao meu pai que quero voltar para casa. Conto o que Nick fez.

Você se veste como uma bicha, acusa meu pai. Acho que merece o que ele fez.

Passo para o meu plano B.

Pai, eu suplico, o Nick está prejudicando o meu jogo. Ficamos o tempo todo treinando no fundo da quadra, nunca exercitamos o jogo de rede. Nunca treinamos saque e voleio.

Meu pai responde que vai conversar com Nick sobre o assunto. Também avisa que Nick garantiu que só ficarei no castigo por algumas semanas, para demonstrar que ele tem autoridade na escola e banca o que diz. Não dá para deixar que um moleque viole as normas impunemente. É preciso manter a disciplina.

Para concluir, meu pai avisa que vou ficar. Não tenho escolha. E desliga o telefone. Tom de discagem.

Julio fecha a porta. Nick tira o telefone da minha mão e diz que meu pai o autorizou a ficar com o meu cartão de crédito.

Não quero entregar o meu cartão a ele de jeito nenhum. Entregar o único recurso que tenho para escapar daqui? Só se passarem sobre o meu cadáver.

Nick tenta negociar o cartão e de repente as coisas ficam claras: ele precisa de mim. Mandou Julio atrás de mim, telefonou para o meu pai e agora está tentando ficar com o meu cartão de crédito? Foi ele quem disse que eu podia ir embora, mas, quando resolvi ir, ele recuou. É um blefe. Apesar dos problemas que causo na academia, aparentemente tenho algum valor para o cara.

Durante o dia, sou o prisioneiro exemplar. Tiro as ervas daninhas, limpo banheiros, uso roupas de tenista. À noite, sou o vingador mascarado. Roubei uma chave mestra da academia e, depois que todos estão dormindo, entro escondido com um bando de prisioneiros, igualmente revoltados. Embora limite meu vandalismo a atitudes menores, como jogar bombas de creme de barbear, meus cupinchas grafitam as paredes. Na porta do escritório do Nick, por exemplo, escrevem *Nick the Dick*. Quando Nick manda pintar a porta, eles refazem a pichação.

Um dos meus principais colaboradores nessas excursões noturnas é Roddy Parks, o cara que me derrotou naquele distante dia em que Perry veio falar comigo pela primeira vez. Só que Roddy é pego. Dedurado pelo colega de quarto. Ouvimos falar que foi expulso. Agora sabemos o que é preciso fazer para ser expulso. *Nick the Dick*. Um fato importante: Roddy pagou o pato, mas não dedurou ninguém.

Além do vandalismo sem importância, meu principal ato de insurreição é o silêncio. Eu juro que, enquanto viver, nunca mais vou falar com Nick. Esse é o meu código, a minha religião, a minha nova identidade. Isso é quem eu sou, o cara que não fala. Nick, é claro, nem percebe. Anda pelas quadras e diz qualquer coisa para mim, sem receber resposta. Ele dá de

ombros. Mas os outros veem que não respondo, e a admiração por mim cresce.

Um dos motivos para a indiferença de Nick é o fato de estar muito ocupado com a organização de um torneio, para o qual espera atrair os melhores tenistas juniores de todo o país. Isso me dá uma grande ideia, um jeito novo de atingir Nick. Converso com um dos caras da sua equipe e comento sobre um moleque de Las Vegas, que seria uma presença importante para o torneio. Ele é incrivelmente talentoso e sempre tenho dificuldades para vencê-lo.

Qual o nome do moleque?

Perry Rogers.

É como colocar isca fresca na ratoeira do Nick. Ele vive de descobrir talentos e depois exibi-los nas competições. Talentos novos geram notícia. Novos astros contribuem para a fama da Bollettieri Academy e ajudam a fortalecer a imagem de Nick como o grande mentor do tênis. De fato, dias depois Perry recebe uma passagem de avião e um convite pessoal para participar do torneio. Ele vem de avião até a Flórida e pega um táxi até a academia. Eu o espero na entrada e nos abraçamos, rindo por termos enrolado o Nick.

Quem eu vou enfrentar?

Murphy Jensen.

Ah, não! Ele é ótimo.

Não se preocupe. Só será daqui a alguns dias. Enquanto isso, vamos nos divertir.

Um dos programas para quem participa do torneio é uma visita a Busch Gardens, em Tampa. No percurso de ônibus até o parque de diversões, aproveito para colocar Perry a par do que acontece. Conto sobre a minha humilhação na frente de todo mundo, falo como me sinto infeliz ali. E na Academia Bradenton. Conto que estou correndo o risco de ser reprovado. Aí é onde perdemos a ligação. Pela primeira vez, ele parece não ser capaz de ver coerência nos meus problemas. Perry adora estudar. Seu sonho é ir para uma boa faculdade no leste do país, fazer curso de direito.

Resolvo mudar de assunto e pergunto sobre Jamie. Ela pergunta por mim? Como ela está? Usa a tornozeleira que dei de presente para ela? Digo que gostaria que levasse outro presente para ela, quando ele voltasse para Las Vegas. Talvez alguma lembrança comprada no Busch Gardens.

Acho que seria legal, concorda Perry.

Não estamos nem há dez minutos no parque, e Perry vê um estande com animais de pelúcia. No alto de uma estante está um enorme panda, branco e preto, com as pernas esticadas para os lados e a minúscula língua vermelha à mostra.

Andre! Você tem de comprar aquele urso para a Jamie!

Claro, a ideia é boa, mas não está à venda. É para quem ganhar o prêmio máximo nesse jogo e isso ninguém ganha fácil. É tudo manipulado. E coisas com cartas marcadas eu detesto.

Não é bem assim. Só temos de acertar duas argolas de borracha ao redor das garrafas de Coca-Cola. Nós somos *atletas*. Conseguimos fazer isso.

Durante meia hora, tentamos acertar as garrafas e só espalhamos argolas de borracha pelo estande inteiro. Nenhuma delas sequer chega perto das garrafas.

Ok, diz Perry. Ouça o que temos de fazer. Você distrai a moça, eu entro lá e coloco as argolas nas garrafas.

Não sei... E se pegarem a gente?

Lembre-se, é para a Jamie. Tudo pela Jamie!

Chamo a atenção da vendedora: Com licença, senhora. A senhora pode me dar uma informação?

Ela se vira. Sim?

Pergunto algo bem bobo sobre como funciona o jogo. Com minha visão periférica, vejo quando Perry se aproxima das garrafas pisando na ponta dos pés. Quatro segundos depois ele está de volta.

Consegui! Consegui!

A atendente se vira. Ela vê duas garrafas de Coca-Cola com as argolas. Parece chocada e sem acreditar no que vê.

Espere um pouco, menino.

Eu ganhei! Me dá aqui o panda.

Eu não vi...

Se você não viu, o problema é seu. E a regra não é ter alguém *vendo*. Onde está escrito que você tem de ver? Quero falar com o seu chefe! Pode chamar o próprio senhor Busch Gardens que eu falo com ele! Posso processar todo mundo que trabalha no parque por causa disso, sabia? Que tipo de fraude é essa? Eu paguei um dólar para tentar acertar as garrafas, é um contrato. Você me deve o panda. Eu posso processar você, meu pai pode processar você! Você tem exatamente três segundos para me dar o urso, que eu ganhei e tenho direito de levar!

Perry está fazendo o que ele mais gosta: falar. Faz igual ao pai, vendendo ar. E a garota do estande faz algo que odeia, que é cuidar de uma barraca de jogo de argolas dentro de um parque de diversão. Não tem discussão. Ela não quer problemas nem precisa de uma dor de cabeça dessas. Com uma vara comprida ela puxa o panda, que é quase do tamanho do Perry. Ele agarra o bicho como se fosse um Chipwich gigante, e saímos correndo, antes que a garota mude de ideia.

Durante o resto da noite, formamos um trio: Perry, eu e o panda. Levamos o urso enorme à lanchonete, ao banheiro, à montanha-russa. É como cuidar de um cara de catorze anos que está em coma. Um panda de verdade não seria mais difícil. Na hora de entrar no ônibus, estamos cansados e felizes por instalar o bicho em sua própria poltrona, que ele ocupa inteira. Além do tamanho, ele impressiona pela largura.

Espero que Jamie goste, eu digo.

Ela vai adorar, afirma Perry.

Uma garota menor senta atrás de nós. Deve ter oito ou nove anos. Não consegue tirar os olhos do urso. Ela fala carinhosamente com o panda e acaricia seu pelo macio.

Que panda lindo! Onde vocês conseguiram?

A gente ganhou como prêmio.

E o que vão fazer com ele?

Vou dar para uma amiga.

Ela pergunta se pode sentar ao lado do panda, se pode pegar ele no colo. Eu digo para ficar à vontade.

Espero que Jamie goste do presente pelo menos a metade do que essa garota gostou.

Na manhã seguinte, Perry e eu estamos ainda no alojamento quando Gabriel enfia sua cabeça pela porta.

O chefe quer falar com você.

O que ele quer?
Gabriel encolhe os ombros.
Vou devagar, pensando no que me espera. Paro diante da porta do escritório de Nick e dou um sorrisinho quando lembro *Nick the Dick*. Vamos sentir sua falta, Roddy.
Nick está sentando atrás da mesa, reclinado em sua alta cadeira de couro preto.
Andre, entre, entre.
Eu me acomodo numa cadeira de madeira, na frente da mesa do Nick.
Ele limpa a garganta. Eu soube que você foi ao Busch Gardens ontem. Gostou?
Não respondo nada. Ele espera. Limpa a garganta novamente.
Também soube que você voltou com um enorme panda.
Continuo olhando para a frente, mudo.
De qualquer maneira, acho que a minha filha se apaixonou pelo urso. Ha, ha.
Lembro da garotinha no ônibus. Filha do Nick, é claro. Como não percebi?
Ela não para de falar dele, continua Nick. Por isso eu gostaria de comprar o urso.
Silêncio.
Você está me ouvindo, Andre?
Silêncio.
Você entende o que eu falo?
Silêncio.
Gabriel, por que o Andre não fala nada?
Ele não fala com você.
Desde quando?
Gabriel franze a testa.
Olha, diz Nick, você só precisa me dizer quanto quer pelo urso, Andre.
Eu nem sequer mexo meus olhos.
Tudo bem. Por que então você não *escreve* num papel quanto quer pelo urso?
Ele me passa um pedaço de papel. Não mexo um músculo.
E seu eu te der duzentos dólares?
Silêncio sepulcral.
Gabriel diz a Nick que depois conversa comigo sobre o panda.
O.k., concorda Nick. Pense no assunto, Andre.

Você não vai acreditar no que aconteceu, conto a Perry, em seguida, já no alojamento. Ele queria o panda. Para a filha. Aquela garotinha no ônibus é a filha do Nick.
Você está brincando! E o que você respondeu?
Não respondi nada.
Como assim, nada?
Fiz um voto de silêncio, lembra? Para sempre.
Andre, você agiu mal. Não, não, desse jeito é um erro. Você tem de rever essa política de voto de silêncio, e rápido. Olha o que você pode conseguir. Pegue o panda, leve para o Nick e diga que não quer dinheiro em troca, quer apenas uma oportunidade de ter sucesso fora daqui. Diga que você quer carta branca, convites para os torneios, outras regras. Comida melhor, tudo melhor. Acima de tudo, diga que não quer ir para a escola. É a sua chance de ficar livre. Agora você tem um trunfo para pedir isso.

Não posso dar o meu panda para aquele escroto. Não posso. Além disso, e a Jamie?

Vamos pensar na Jamie depois. Agora, estamos falando do seu futuro. Você tem de dar o seu panda para o Nick!

Conversamos por um bom tempo depois que as luzes se apagam, trocando acalorados argumentos em voz baixa. Finalmente, Perry me convence.

Então, diz, bocejando, você vai levar o panda lá amanhã.

Não, nada disso. Vou levar no escritório dele agora. Vou entrar com a chave roubada e colocar o panda na cadeirona de couro do Nick, com a bunda para cima.

Na manhã seguinte, após o café, o Gabriel aparece me procurando outra vez.

Para o escritório. Rápido.

Nick está na sua cadeira. O panda agora está no canto, apoiado, olhando para o nada. Nick olha para o urso e depois para mim. Ele diz: Você não fala, usa maquiagem, joga de calças jeans. Me faz convidar o seu amigo Perry para um torneio, mesmo sabendo que ele não joga nada; aliás, ele mal consegue mascar chiclete e andar ao mesmo tempo. E esse cabelo! Nem vou falar desse cabelo. E agora me traz uma coisa que eu pedi, mas para isso invade o meu escritório no meio da noite e coloca o urso de bunda para cima na minha cadeira? Como você entrou no meu escritório? Meu Deus, garoto, qual é o seu problema?

Você quer mesmo saber qual é o meu problema?

Até Nick se espanta ao ouvir minha voz.

Você é o meu maldito problema, respondo, gritando. Você. E, se ainda não percebeu isso, então é mais burro do que parece. Você tem alguma ideia do que é este inferno? O que é estar a 5 mil quilômetros de casa, vivendo nesta prisão, acordando às seis e meia, com meia hora para comer aquela porcaria de café da manhã, entrar naquele ônibus horrível, aguentar aquela escola miserável por quatro horas, voltar correndo e ter mais meia hora para comer mais gororoba antes de se enfiar naquela quadra de tênis, e isso *todos* os dias? Tem alguma ideia? A única coisa que a gente tem para esperar, que realmente diverte um pouco durante toda a semana, é a ida ao shopping no sábado à noite – e nem isso posso fazer mais! *Você tirou isso de mim*! Este lugar é o inferno, e eu quero que tudo pegue fogo!

Os olhos de Nick parecem maiores do que os do panda. Mas ele não está bravo, nem triste. Parece até um pouco satisfeito, já que é a única linguagem que ele conhece. Lembra o personagem de Al Pacino, em *Scarface*, quando uma mulher diz: Com quem, por que, onde e como eu transo não é da sua conta. E Pacino responde: Agora você está *falando*, querida.

Percebo que Nick gosta das coisas quando ficam pesadas.

Muito bem, responde. Entendi o seu ponto. O que você quer?

Ouço a voz de Perry.

Quero sair da escola, respondo. Quero estudar por correspondência, para me dedicar o tempo todo ao tênis. Quero a sua ajuda, e não as migalhas que você oferece. Quero carta branca, convites para torneios. Quero dar os passos para realmente me tornar um profissional.

É claro que não é nada disso que eu quero. É o que Perry disse para eu falar, e já é bem melhor do que o que eu tenho hoje. Mesmo enquanto explico o que quero, tenho minhas dúvidas. Mas Nick olha para Gabriel, Gabriel olha para mim, e o panda observa todos nós.

Vou pensar, responde Nick.

Algumas horas depois que Perry parte de volta para Las Vegas, Nick manda Gabriel me avisar

que minha primeira carta branca será o grande torneio de La Quinta. Eles também vão me inscrever no próximo torneio satélite da Flórida. Além disso, posso me considerar afastado e desobrigado em relação à Academia Bradenton. Nick vai providenciar algum curso por correspondência, assim que der.

Gabriel se afasta, com um sorriso sem graça. Você conseguiu o que queria, moleque.

Observo todos os outros caras entrando no ônibus a caminho da escola. Conforme o ônibus se afasta cuspindo aquela fumaça preta, me acomodo num banco, curtindo o sol. Digo para mim mesmo: Você tem catorze anos e nunca mais vai pisar numa escola. A partir de hoje, todas as manhãs vão ter gosto de Natal e de primeiro dia de férias de verão, as duas coisas juntas. Pela primeira vez em meses, consigo dar um sorriso. Nada de lápis, livros, olhares tortos dos professores. Você está livre, Andre. Nunca mais terá de aprender nada.

Capítulo 7

Coloco meu brinco e corro para a quadra de piso duro. A manhã é minha, toda minha, e passo o tempo todo batendo bola. *Com mais força*. Treino durante duas horas, canalizando para cada jogada a recém-conquistada liberdade. Dá para sentir a diferença. A bola parece explodir da minha raquete. Nick aparece, sacudindo a cabeça. Tenho dó do seu próximo adversário, afirma.

Enquanto isso, em Las Vegas, minha mãe começa um curso por correspondência em meu nome. A primeira correspondência real dela é mandar uma carta para mim, avisando que seu filho talvez não curse uma faculdade, mas com certeza vai, sim, concluir o ensino médio. Respondo agradecendo à minha mãe por ela fazer as lições e as provas por mim. Mas acrescento que, quando ela receber o diploma, pode ficar com ele.

Em março de 1985, vou de avião até Los Angeles e encontro Philly, que está morando num chalé de alguém e dando aulas de tênis, enquanto tenta descobrir o que quer fazer da vida. Ele me ajuda a treinar para o torneio de La Quinta, uma das competições mais importantes. A casinha é minúscula, menor ainda do que o nosso quarto em Las Vegas, menor até do que o Omni que alugamos. Mas isso não importa, porque nos sentimos felizes por estar juntos novamente e com boas expectativas em relação aos meus novos rumos. Só há um problema: não temos dinheiro. Vivemos à base de batatas assadas e sopa de lentilhas. Três vezes por dia assamos duas batatas e esquentamos uma lata de sopa de lentilha genérica. Despejamos o líquido sobre as batatas e *voilà* – é o nosso café, almoço e também jantar. A refeição completa custa 89 centavos e basta para enganar a fome por cerca de três horas.

No dia anterior ao torneio, vamos com o carro velho de Philly até La Quinta. O veículo produz imensas nuvens de fumaça preta no caminho. Eu me sinto como se estivesse a bordo de uma tempestade móvel.

Talvez seja o caso de colocar uma batata no escapamento, sugiro a Philly.

Fazemos a primeira parada num mercadinho. Paro diante das batatas e meu estômago dá voltas. Não aguento mais comer a mesma coisa. Sigo em frente, olhando as prateleiras, e quando vejo estou na parte de congelados. Meus olhos se dirigem para uma atração especial. Sanduíches de sorvete Oreo. Estendo a mão para as embalagens como se fosse um sonâmbulo. Pego uma e depois encontro meu irmão na fila do caixa rápido. Entro atrás dele e, com cuidado, coloco os sanduíches de sorvete junto com as compras, na esteira.

Meu irmão vê o pacote e olha para mim.

Não temos grana para comprar isso.

Vou comer isso em vez da minha batata.

Ele pega o sorvete, olha o preço e solta um assovio. Andre, com esse dinheiro a gente compra dez batatas. Não dá.

Eu sei. Droga.

Levo o sorvete de volta para o congelador e penso: Detesto o Philly. Amo o Philly. Odeio batatas.

Confuso por causa da fome, disputo a partida e ganho de Broderick Dyke na primeira

rodada de La Quinta, 6-4, 6-4. Na segunda rodada ganho de Rill Baxter, 6-2, 6-1. Na terceira, derroto Russel Simpson, 6-3, 6-3. Aí ganho a primeira rodada da chave principal contra John Austin, 6-4, 6-1. Depois de ter ficado um break atrás no primeiro set, volto arrebentando. Tenho quinze anos e estou ganhando de adultos, derrotando o pessoal sem dó, abrindo meu caminho a todo custo. Em todos os locais por onde passo, as pessoas apontam para mim e dizem baixinho: *É ele. Aquele é o moleque que está dando o que falar, um prodígio*. É a palavra mais bonita que já ouvi alguém dizer sobre mim.

O prêmio em dinheiro para chegar à segunda rodada em La Quinta é de 2.600 dólares. Como não sou profissional, não tenho direito ao prêmio. Mas Philly fica sabendo que os organizadores do torneio vão reembolsar as despesas. Sentamos no carro velho dele e fazemos uma lista detalhada de gastos imaginários, incluindo nosso voo em primeira classe saindo de Las Vegas, a hospedagem num hotel cinco estrelas, magníficas refeições em restaurantes caros. Concluímos que somos espertos, porque as despesas inventadas somam exatamente... 2.600 dólares.

Philly e eu temos coragem de apresentar esses números inflacionados porque somos de Las Vegas. Passamos nossa infância em cassinos. Achamos que já nascemos sabendo blefar e jogar alto. Além disso, aprendemos a fazer apostas antes mesmo de parar de usar penico. Há pouco tempo, enquanto andávamos pelo Caesars, Philly e eu passávamos por uma máquina caça-níqueis bem quando ela começou a tocar uma antiga música da época da Depressão, *We're in the money*. Aprendemos a música com nosso pai e por isso interpretamos aquilo como um sinal. Nem sequer nos ocorreu que a máquina tocava a mesma música o dia inteiro. Nós nos acomodamos na primeira mesa de 21 – e ganhamos. Agora, com a mesma presunção, levo a lista de despesas para o diretor do torneio, Charlie Pasarell, enquanto Philly me espera no carro.

Charlie já foi jogador. Na verdade, em 1969 disputou com Pancho González a partida de simples masculina mais longa já realizada em Wimbledon. Pancho tornou-se meu cunhado, ao se casar com minha irmã Rita. Outro sinal de que Philly e eu vamos colocar a mão na grana. Mas o maior sinal de todos é o fato de que um dos amigos mais antigos de Charlie é Alan King, anfitrião daquele torneio realizado em Las Vegas no qual vi Júlio César, Cleópatra e o carrinho de mão cheio de dinheiro, e no qual fui gandula com Wendi – ocasião em que, pela primeira vez, pisei numa quadra de tênis profissional num cargo oficial. Sinais vindos de todos os lados. Coloco a lista na mesa de Charlie e fico esperando.

Hum, diz Charlie, examinando as despesas. Muito interessante.

Como?

Em geral, as despesas não são assim tão exatas...

Sinto uma onda de calor.

Engraçado, Andre, mas as despesas totalizam exatamente o valor que você ganharia se fosse um tenista profissional.

Charlie olha para mim por cima dos óculos. Sinto meu coração encolher até ficar do tamanho de uma lentilha. Penso num jeito de sair da situação. Imagino Philly e eu vivendo naquele chalezinho para hóspedes o resto de nossas vidas. Mas Charlie disfarça um sorriso, abre um cofre e pega um maço de notas.

Aqui tem 2 mil, rapaz. E nem pense em reclamar os outros seiscentos paus.

Obrigado, senhor. Muito obrigado mesmo.

Saio apressado e entro no carro de Philly. Ele dá a partida e acelera como se tivéssemos acabado de assaltar um banco. Separo mil dólares e jogo as notas para o meu irmão.

Essa é a sua parte.

O quê? Nada disso, Andre. Você que deu duro para ganhar essa grana.

Você está brincando? *Nós* demos duro. Philly, eu não teria conseguido sem você! Impossível! Estamos juntos nessa, cara.

Na nossa lembrança vem a manhã em que acordei com trezentos dólares sobre meu peito. Também estamos lembrando de todas aquelas noites, sentados nas áreas de iguais e vantagem do nosso quarto, dividindo tudo. Ele se inclina enquanto dirige e me dá um abraço. Aí começamos a pensar num lugar para jantar. Damos risadas enquanto sugerimos nomes de restaurantes. No final, concordamos que se trata de uma ocasião especial, o tipo de coisa que acontece uma vez na vida, e por isso merece um lugar realmente bacana.

Sizzler.

Já estou sentindo o gosto do filé, comemora Philly.

Nem vou me preocupar em pedir um prato, quero é mais aproveitar a mesa de saladas.

Lá dá para comer camarão quanto aguentar, por um preço fixo.

Mas hoje vão se arrepender por ter adotado esse sistema!

Pode apostar!

Mandamos ver no La Quinta Sizzler, sem deixar uma migalha ou pedaço de pão de lado. Aí paramos e ficamos olhando para o dinheiro que ainda restava. Arrumamos as notas uma do lado da outra, depois fizemos uma pilha. Começamos a falar sobre nosso novo companheiro, Benjamin Franklin. Repletos de calorias, pegamos o ferro a vapor e passamos cada cédula, amaciando com cuidado todas as rugas do rosto de Ben.

Capítulo 8

Continuo morando e treinando na Bollettieri Academy, com Nick como meu instrutor e às vezes também companheiro de viagens, embora ele funcione mais como uma caixa de ressonância. E, honestamente, um amigo. Nossa trégua forçada se transformou numa relação profissional surpreendentemente harmoniosa. Nick respeita a forma como eu me posicionei diante dele e eu o respeito por ter cumprido sua palavra. Estamos nos esforçando para atingir um objetivo comum, que é conquistar o mundo do tênis. Não espero de Nick uma relação de beijos e abraços; meu intuito é conseguir dele cooperação, não informação. Por outro lado, de mim ele espera vitórias que façam sucesso na mídia e ajudem a encher sua academia. Eu não pago um salário para ele, nem tenho dinheiro para isso, mas fica entendido que, quando eu me tornar um profissional, vou dar uma participação do que eu ganhar. Para ele, isso é mais do que generoso.

Início da primavera de 1986. Viajo por toda a Flórida jogando em diversos torneios satélites. Kissimmee, Miami, Sarasota, Tampa. Depois de um ano treinando duro e com toda a minha concentração voltada para o tênis, jogo bem e consigo chegar ao quinto torneio da série, o Masters. Chego à final e, mesmo perdendo, ganho um prêmio no valor de 1.100 dólares.

Eu quero pegar o prêmio, quero muito mesmo. Philly e eu certamente saberíamos usar a grana. No entanto, se eu aceitar serei um tenista profissional para sempre, sem caminho de volta.

Telefono para meu pai em Las Vegas e pergunto o que devo fazer.

Ele responde: Como assim, o que fazer? Pegue o dinheiro, claro!

Se eu pegar, serei um profissional. Não vai dar mais para voltar atrás.

E daí?

Se eu pegar esse prêmio, pai, é isso. Ele reage como se não ouvisse bem.

Você abandonou a escola! Parou de estudar na oitava série. Quais são suas opções? O que mais você acha que vai poder fazer? Ser um doutor?

Nada disso era novidade para mim, mas detesto o jeito como ele falou.

Aviso a direção do evento que vou aceitar o prêmio. Conforme as palavras saem da minha boca, sinto como se abrisse mão de um mundo de possibilidades. Não sei quais elas seriam, mas essa é a questão: nunca vou saber. O cara me dá um cheque e, enquanto saio do escritório dele, tenho a impressão de começar a percorrer uma estrada muito, muito longa, que parece levar para uma floresta escura e ameaçadora.

Dia 29 de abril de 1986. É o meu aniversário de dezesseis anos.

Sem acreditar muito, passo o dia repetindo para mim mesmo: agora você é um tenista profissional. É isso que você é. *Você* é isso. Mas não importa quantas vezes eu repita as palavras, parece que há algo errado.

O único aspecto inquestionavelmente positivo da minha decisão de me tornar profissional é que meu pai mandou Philly me acompanhar o tempo todo, para me ajudar com os detalhes, as intermináveis minúcias e trâmites de um profissional, que vão de alugar carros e fazer reservas em hotéis a encordoar as raquetes.

Você precisa dele, afirma meu pai. Mas nós três sabemos que, na verdade, Philly e eu

precisamos um do outro.

No dia seguinte ao início da minha vida como tenista profissional, Philly recebe um telefonema da Nike. Eles querem conversar comigo sobre um acordo de patrocínio. Philly e eu nos encontramos com o representante da empresa em Newport Beach, num restaurante chamado Rusty Pelican. O nome do representante é Ian Hamilton.

Eu o chamo de sr. Hamilton, mas ele diz que posso tratá-lo apenas por Ian. Ele sorri de uma maneira que me leva a confiar nele de imediato. Philly, no entanto, se mantém desconfiado.

Garotos, diz Ian, acho que o Andre tem um grande futuro.

Obrigado.

E gostaria que a Nike fizesse parte desse futuro, sendo sua *parceira* daqui por diante.

Obrigado.

Gostaria de lhe propor um contrato de dois anos.

Obrigado.

Por esse período, a Nike vai fornecer todos os equipamentos, além de 20 mil dólares.

Pelos dois anos?

Em *cada* ano.

Ah.

Philly interrompe e pergunta: Mas o que o Andre tem de fazer em troca desse dinheiro?

Ian parece confuso. Bem, responde, ele tem de fazer o que tem feito até agora, rapazes. Continuar sendo o Andre. E usar roupas e equipamentos da Nike.

Philly e eu olhamos um para o outro, dois garotos de Las Vegas que ainda se acham bons de blefe. Mas nossa cara de jogadores de pôquer não existe mais. Elas ficaram no Sizzler. Não conseguimos acreditar que isso está acontecendo, e não dá para fingir que não estamos sentindo essa diferença. Pelo menos Philly tem a presença de espírito de pedir licença a Ian, dizendo que precisamos discutir a proposta.

Vamos apressados até os fundos do Rusty Pelican e ligamos de um orelhão para o meu pai.

Pai, digo em voz baixa, Philly e eu estamos conversando com um cara da Nike e ele está me oferecendo 20 mil dólares. O que você acha?

Peça mais grana.

Sério?

Mais grana! Peça mais dinheiro!

Meu pai desliga. Philly e eu ensaiamos o que vamos dizer. Eu faço o meu papel, ele finge que é o Ian. Quem passa por nós, indo e vindo do banheiro masculino, acha que estamos malucos. Finalmente, voltamos para a mesa, andando com calma. Philly anuncia nossa contraproposta: mais dinheiro. Sua expressão é séria. Não consigo evitar a lembrança, mas ele parece o meu pai.

Tudo bem, concorda Ian. Acho que podemos dar um jeito nisso. Tenho como oferecer 25 mil dólares no segundo ano. Fechado?

Apertamos as mãos. Saímos juntos do Rusty Pelican. Philly e eu esperamos que Ian se afaste para começar a cantar *We're in the money*.

Você consegue acreditar que isto está acontecendo?

Não, responde Philly. De verdade? Não consigo.

Posso dirigir de volta para Las Vegas?

Não. Suas mãos estão tremendo. Você provocaria um acidente e não podemos correr esse

risco. Você vale 20 mil, meu chapa!

E 25 mil no outro ano.

No caminho de volta para a casa de Philly, nossa preocupação principal é discutir qual carro bacana, porém barato, poderíamos comprar. O mais importante era achar um que não soltasse fumaceira preta pelo escapamento. Estacionar em frente ao Sizzler num carro que não solta fumaça – cara, *isso* seria o máximo do luxo.

Meu primeiro torneio como profissional é em Schenectady, em Nova York. Chego à final da competição, que vai dar 100 mil dólares ao vencedor, e perco para Ramesh Krishnan, por 6-2/6-3. Não me sinto mal com a derrota, porém. Krishnan é muito bom, melhor do que sua posição como quadragésimo e pouco no ranking, e eu sou um adolescente desconhecido, disputando a final de um torneio relativamente importante. Isso é uma verdadeira raridade – perder sem sentir dor. Eu só sinto orgulho. Na verdade, sinto um fio de esperança, porque sei que poderia ter jogado melhor e sei que Krishnan também sabe disso.

Em seguida vou para Stratton Mountain, em Vermont, onde derroto Tim Mayotte, número doze no ranking. Nas quartas de final jogo com John McEnroe, o que para mim pareceu como jogar com John Lennon. O cara é uma lenda. Cresci vendo-o jogar, admirando-o, mesmo torcendo contra ele muitas vezes porque seu arquirrival, Borg, era meu ídolo. Eu adoraria derrotar Mac, mas esse é o primeiro torneio dele depois de uma breve parada. Ele está descansado, sedento de bola. Há pouco, foi apontado o tenista número 1 do mundo. Alguns momentos antes de entrarmos em quadra, pergunto por que um jogador treinado e competente como ele precisa dar um tempo. Aí ele me mostra a resposta. Demonstra a importância do descanso. Ele me dá uma lavada absurda, 6-3/6-3. Durante a partida, porém, consigo mandar uma bola memorável, um forehand de devolução num saque de Mac, que passa ao lado dele como um foguete. Na coletiva de imprensa após o jogo, Mac declara: Já joguei contra Becker, Connors e Lendl, e nenhum deles jamais devolveu um saque meu com tanta força. Eu nem vi a bola.

Essa única frase, esse elogio sobre mim vindo de um cara com o *status* de Mac, bastou para me colocar no mapa nacional. Os jornais começam a falar de mim. Os fãs começam a escrever. Philly de repente se vê cercado de pedidos para entrevistas. Ele ri sempre que marca mais uma.

É legal ser popular, diz ele.

Enquanto isso, minha posição no ranking acompanha o ritmo da minha popularidade.

No final do verão de 1986, vou para o meu primeiro Aberto dos Estados Unidos com uma vontade imensa de participar da competição. Quando vejo a silhueta de Nova York pela janela do avião, porém, meu desejo desaparece. É uma visão linda, mas que assusta um cara que cresceu no deserto. Muita gente. Muitos sonhos.

Muitas opiniões.

Bem de perto, no nível do chão, Nova York irrita mais do que assusta. Os cheiros ruins, a barulheira ensurdecedora – e o hábito de dar gorjetas. Criado num lar que dependia das gorjetas para viver, eu acredito nelas, só que em Nova York elas têm uma dimensão totalmente nova. Do aeroporto ao meu quarto de hotel, tive de desembolsar cem dólares. Depois de molhar a mão do motorista do táxi, do porteiro, do mensageiro, do carregador de malas, fiquei liso.

Também não consigo chegar na hora para nada. Sempre avalio mal o tempo necessário para ir de um lugar a outro em Nova York. Um dia, pouco antes da abertura do torneio, tinha treino marcado para duas da tarde. Saí do hotel com uma antecedência que me parecia mais do que suficiente para chegar à arena em Flushing Meadows. Peguei um ônibus fretado na porta do hotel e, enquanto o motorista tentava passar pelo emaranhado de ruas e cruzar Triborough, eu já estava tremendamente atrasado. Uma mulher me avisa que deram a quadra para outro jogador.

Eu peço que ela me arrume outro horário para treinar.

Quem é você?

Mostro minhas credenciais, com um sorriso tímido.

Atrás da moça há um quadro a giz, com um monte de nomes de tenistas. Ela consulta os nomes sem animação. Lembro da senhora G. Ela percorre com os dedos a coluna da esquerda.

Tudo bem, diz. Quatro da tarde, quadra 8.

Pergunto o nome do adversário no treino.

Desculpe, não pode ser esse cara. Talvez eu tenha de enfrentá-lo na segunda rodada.

Ela volta a consultar o quadro, contrariada, suspirando, e eu me pergunto se a senhora G. tem uma irmã que desconhece. Pelo menos eu não ostento mais o meu corte de cabelo moicano, o que me tornaria ainda mais ofensivo aos olhos dessa mulher. Por outro lado, meu atual corte também não é nada convencional: um volumoso e fofo *mullet* de duas cores, com as raízes escuras e as pontas alouradas.

Tudo bem, diz a moça. Quadra 17, às cinco da tarde. Mas você vai ter de dividir com mais três caras.

Digo a Nick que tudo nesta cidade me parece muito difícil.

Nada disso, garante ele. Você vai ficar bem.

Tudo isto parece bem melhor visto de longe.

E o que não parece?

Na primeira rodada, enfrento Jeremy Bates, da Grã-Bretanha. Estamos numa quadra do fundo, longe da plateia e das atrações principais. Estou ansioso. E orgulhoso. Depois fico apavorado. Eu me sinto como se fosse o último domingo da final. Minha cabeça parece girar.

Como se trata de um Grand Slam, a energia da partida é diferente de tudo o que senti antes. É mais frenética. Tudo acontece em alta velocidade, num ritmo desconhecido para mim. Além disso, venta bastante e os pontos parecem passar voando como papéis de bala e poeira. Não entendo o que está acontecendo. Nem parece tênis. Bates não é melhor tenista do que eu, mas está jogando melhor agora porque já chegou sabendo o que esperar. Ele me vence em quatro sets, depois olha para o meu camarote, onde estão Philly e Nick, e, com o braço, faz o gesto conhecido como “dar uma banana”. Aparentemente, Bates e Nick já se encontraram no passado.

Eu me sinto desapontado e um pouco envergonhado. Mas sei que não estava preparado para meu primeiro Aberto dos Estados Unidos ou para Nova York. Vejo uma distância entre onde estou e onde preciso estar, mas me sinto confiante a ponto de achar que posso ultrapassá-la.

Você vai melhorar, garante Philly, passando o braço no meu ombro. É só uma questão de tempo.

Eu sei. Obrigado.

E eu realmente sei disso. Sei mesmo. Mas aí começo a perder. Não só a perder, mas a

perder feio. De um jeito fraco, miserável. Em Memphis, sou derrotado na primeira rodada. A mesma coisa acontece em Key Biscayne.

Philly, o que está acontecendo? Não tenho noção do que acontece. Eu me sinto um aventureiro, um tenista de final de semana. Estou perdido.

O pior acontece no Spectrum da Filadélfia. Não é um espaço construído para jogar tênis, mas uma quadra de basquete que foi adaptada, e sem muita habilidade. Cavernosa, com pouca iluminação, acomoda duas quadras de tênis, uma ao lado da outra, e duas partidas ocorrem ao mesmo tempo. No mesmo instante em que devolvo um saque, o tenista da quadra ao lado faz o mesmo, e se a bola dele vai fora no mesmo momento em que a minha atinge o chão, temos de tomar cuidado para não bater a cabeça um no outro. Minha concentração já é frágil o bastante sem ter de me preocupar em me chocar com outros tenistas. Ainda não aprendi a afastar as distrações. Depois de um set não consigo mais pensar e só escuto as batidas do meu coração.

Além disso, meu adversário é ruim, e isso me coloca em desvantagem. Jogo pior quando enfrento oponentes mais fracos. Acho que jogo no nível deles. Não sei como manter o meu nível de jogo enquanto me ajusto ao adversário, pois é como ter de inspirar e expirar ao mesmo tempo. Contra adversários fortes, correspondo ao desafio. Contra adversários piores eu travo, não deixo as coisas acontecer. A pressão é uma das piores coisas que podem acontecer para o tenista.

Philly e eu voltamos lentamente para Las Vegas. Estamos desanimados, mas, pior do que isso, também estamos sem dinheiro. Não ganhei nada em vários meses e, com as viagens, hospedagens, locação de carros e refeições, gastei quase todo o dinheiro que ganhei da Nike. Do aeroporto vou direto para a casa do Perry. Nos enfurnamos no quarto dele com umas garrafas de refrigerante. Assim que fechamos a porta, eu me sinto mais seguro e mais equilibrado. Percebo que as paredes estão tomadas por algumas capas adicionais da *Sports Illustrated*. Observo os rostos dos atletas famosos, e digo a Perry que sempre acreditei que eu seria um grande atleta, querendo ou não. Estava certo de que seria assim. Era a minha vida e, embora não tivesse escolhido isso, meu único consolo era essa certeza. Pelo menos o destino tem uma estrutura. Agora não sei o que o futuro me reserva. Sou bom numa coisa, mas parece que não tão bom quanto pensava. Talvez eu esteja acabado antes mesmo de começar. Seja como for, o que é que Philly e eu vamos fazer?

Digo a Perry que quero ser um garoto normal de dezesseis anos, mas minha vida está cada vez mais longe da normalidade. Não é normal sair humilhado do Aberto dos Estados Unidos. Não é normal jogar uma partida no Spectrum preocupado em dar de cara com algum gigante russo. Não é normal as pessoas se esquivarem de você no vestiário.

E por que se esquivam?

Porque tenho dezesseis anos e estou entre os cem melhores. Além disso, Nick não é muito querido e estou associado a ele. Não tenho amigos, nem aliados. Não tenho namorada.

Jamie e eu terminamos. Minha última paixão, Jillian, outra colega de escola de Perry, não responde a meus telefonemas. Ela quer um namorado que não viva viajando de um lugar para outro, o tempo todo. Não posso dizer que esteja errada.

Perry diz: Eu não tinha ideia de que você estava enfrentando tudo isso.

E agora vem a pior parte, aviso. Estou falido.

E o que aconteceu com os 20 mil da Nike?

Viagens. Despesas. E não sou o único que vai daqui para lá; tem o Philly e o Nick. Faça as

contas. Quando você não ganha, as despesas só crescem. Vinte mil dólares vão embora rapidinho.

Será que seu pai não empresta uma grana?

Não quero pedir, de jeito nenhum. A ajuda dele custa caro demais. Estou tentando me virar sem ele.

Andre, tudo vai dar certo.

Espero.

É verdade, você vai ver. Tudo vai melhorar. Antes que você perceba, estará ganhando novamente. Num piscar de olhos sua cara vai aparecer numa capa da *Sports Illustrated*.

Não sei...

Vai, sim. Tenho certeza. E a Jillian? Pelo amor de Deus, ela não é importante. Você sempre vai ter problemas com as mulheres. É da natureza dos machos ferozes. Só que logo, logo, a garota que vai dar problemas para você será Brooke Shields.

Brooke Shields? De onde você tirou isso?

Perry dá risada.

Não sei, acabei de ler algo sobre ela na *Time*. Acaba de se formar em Princeton. É a mulher mais linda do mundo, brilhante, famosa, e um dia você vai poder namorá-la. Não me entenda mal. Sua vida nunca será normal, mas logo o anormal vai se tornar legal.

Animado por Perry, vou para a Ásia. Só tenho dinheiro para ir e voltar com Philly. Jogo no Aberto do Japão, ganho alguns jogos antes de perder para Andrés Gómez nas quartas de final. Em seguida vou para Seul, onde chego à final. Não consigo vencer, mas levo 7 mil dólares, o suficiente para bancar mais três meses em busca de novos prêmios.

Quando Philly e eu chegamos a Las Vegas, me sinto aliviado. Entusiasmado. Nosso pai nos espera no aeroporto. Enquanto atravessamos o McCarran International Airport, conto a Philly que tomei uma decisão importante. Vou abraçar nosso pai.

Abraçar o pai? Para quê?

Eu me sinto *bem*. Estou feliz, caramba. E por que não? Vou abraçá-lo e pronto. Só vivemos uma vez mesmo...

Nosso pai nos espera no portão, com um boné de beisebol e óculos escuros. Corro para ele, passo meus braços ao redor dele e aperto. Ele não se move. Fica duro como uma estátua. Eu me sinto abraçando um soldado em turno de guarda.

Desisto do abraço e digo a mim mesmo que essa foi a última tentativa.

Em maio de 1987, Philly e eu vamos para Roma. Estou na chave principal e por isso nossa hospedagem será paga pelo evento. Podemos trocar o hotelzinho que Philly reservou, sem televisão no quarto nem cortina no chuveiro, e ficar no Cavalieri, situado no alto de uma colina e com vista para a cidade.

Nos dias livres antes do início da competição, saímos pela cidade e visitamos as atrações. Vamos até a Capela Sistina e ficamos admirados com os afrescos que mostram Cristo entregando as chaves do reino dos céus a São Pedro. Contemplamos o teto pintado por Michelangelo e o guia explica que o artista era um perfeccionista atormentado, que ficava tomado de fúria quando via que sua obra – ou qualquer material com que pretendia trabalhar – tinha a mínima falha.

Passamos um dia em Milão, parando nas igrejas e museus. Por cerca de meia hora, ficamos

admirando *A última ceia*, de Leonardo da Vinci. Nos contaram sobre os cadernos do artista, com observações detalhadas sobre a fisiologia humana e seus projetos futurísticos para helicópteros e banheiros. Nós dois ficamos totalmente impressionados com a inspiração que um único homem pode ter. Ter inspiração, digo a Philly, esse é o segredo.

No Aberto da Itália as quadras são de saibro vermelho, uma superfície com a qual não estou acostumado. Sempre joguei em piso de saibro verde, que permite um pouco mais de velocidade. Digo a Nick que o saibro vermelho parece uma cola quente com breu molhado sobre uma camada de areia movediça. Mal dá para sair do lugar nessa droga de quadra, reclamo para Nick no primeiro treino.

Ele sorri. Você vai se sair bem, garante. Só precisa se acostumar. Tenha paciência e não tente acabar todos os pontos.

Não tenho a mínima ideia do que ele está dizendo e perco na segunda rodada.

Vamos para Paris, para o Aberto da França. Mais quadras de saibro vermelho. Consigo vencer a primeira rodada, mas levo uma bela surra na segunda. Mais uma vez, Philly e eu tentamos dar uma volta pela cidade, melhorar nossa cultura. Vamos ao Louvre. A quantidade de quadros e esculturas nos impressiona. Não sabemos por onde começar, nem para onde ir. Não entendemos tudo o que estamos vendo. Passamos de uma galeria a outra, bestificados. Aí vemos uma obra que conseguimos entender. É um quadro do Renascimento italiano e retrata um jovem nu, parado na beira de um penhasco. Com uma das mãos ele segura um galho de árvore, sem folhas e quebradiço. Com a outra, uma mulher e duas crianças. Pendurado no seu pescoço está um velho, talvez seu pai, que segura algo que parece ser uma sacola de dinheiro. Embaixo deles se vê um abismo com os corpos dos que não conseguiram se segurar. Tudo depende da força daquele homem despido – da força com que se agarra à arvore.

Quanto mais a gente olha, comento com Philly, mais apertado fica o braço do velho em torno do pescoço do rapaz.

Philly concorda. Ele olha para o cara no abismo e diz com suavidade: Aguenta firme aí, meu irmão.

Em junho de 1987, vamos para Wimbledon. Pela programação vou enfrentar um francês, Henri Leconte, na quadra 2, chamada "quadra do cemitério" porque muitos tenistas sofreram derrotas mortais ali. É minha estreia no mais badalado dos campeonatos de tênis, mas desde o momento em que chegamos não gosto daquilo ali. Sou um adolescente caipira de Las Vegas, não tenho educação. Não gosto do que é estranho, e Londres parece o lugar mais estranho do mundo. A comida, os ônibus, a veneração pelas tradições. Até a grama de Wimbledon parece ter um cheiro diferente da grama que eu conheço, ainda que tenha sido pouca.

O que mais incomoda é que os organizadores de Wimbledon parecem gostar muito de dizer o tempo todo para os tenistas o que eles devem ou não fazer. Odeio regras, sobretudo regras arbitrárias. Por que tenho de usar roupas brancas? Não gosto de branco. E por que esse pessoal se preocupa com o que visto?

Acima de tudo, me sinto ofendido ao ser barrado e restringido, ao me fazerem sentir indesejado. Tenho de mostrar um crachá para ir ao vestiário – e não ao vestiário principal, aliás. Vou jogar esse torneio, mas sou tratado como intruso, sem permissão sequer para treinar nas quadras onde vou competir. Só posso usar as quadras fechadas, mais acima na mesma rua. Por isso, na primeira vez em que bato bola na grama é a primeira vez que jogo em

Wimbledon. E é um choque para mim. A bola não obedece, não quica no chão, porque a grama não é grama de verdade, mais parece um lençol de gelo verde coberto com vaselina. Tenho tanto medo de escorregar que ando na ponta dos pés. Quando olho ao redor para ver se a plateia percebeu o meu desconforto, fico apavorado: estão bem em cima de mim. A construção tem o formato de uma casa de bonecas. Meu nome vai para a lista dos que morreram na "quadra do cemitério". Leconte me massacra. Aviso Nick que nunca mais volto aqui. É mais fácil eu abraçar meu pai outra vez do que voltar a pisar em Wimbledon.

Ainda de baixo-astral, algumas semanas depois vou para Washington, d.c. Na primeira rodada, disputando com Patrick Kuhnen, entro em quadra acabado. Sem possibilidades. Depois das andanças pela Europa, não sobrou energia. A viagem, as derrotas, o estresse, tudo isso me esgotou. Além disso, faz muito calor, e não me sinto bem fisicamente. Estou inteiramente despreparado e acabo ficando *ausente*. Quando estamos empatados, cada qual com um set, minha mente abandona a quadra. Solta-se do meu corpo e vai embora. Já estou longe faz tempo quando começa o terceiro set. Perco de 6-0.

Caminho até a rede e aperto a mão de Kuhnen. Ele diz algo, mas não consigo ouvir nem ver nada. Ele parece uma bolha de energia no final de um túnel. Pego minha sacola e saio da arena. Atravesso a rua e vou para o Rock Creek Park, numa região de bosque. Quando me certifico de que não há mais ninguém por perto, eu desabafo com as árvores.

Não aguento mais esta droga! Basta! Desisto!

Continuo andando, andando, até chegar a um lugar onde me vejo cercado por um grupo de moradores de rua. Alguns estão sentados no chão, outros deitados sobre alguns troncos, dormindo. Dois estão jogando cartas. Todos parecem ogros saídos de um conto de fadas. Eu me aproximo de um que parece mais alerta. Abro a sacola e tiro várias raquetes Prince.

Ei, cara, você quer isto? Quer? Eu não vou usar isto nunca mais.

O cara não entende bem o que está acontecendo, mas parece achar que, finalmente, encontrou alguém mais maluco do que ele. Os outros se aproximam e digo para se aproximarem mais. Cheguem aqui, caras. Talvez a temperatura à sombra esteja em torno de 37 ºC, mas é véspera de Natal.

Abro a sacola, tiro o resto das raquetes (cada uma custa algumas centenas de dólares) e distribuo entre os mendigos.

Peguem à vontade! Podem pegar! Com certeza, nunca mais vou precisar disto!

Então, adorando estar com aquela sacola bem mais leve do que quando cheguei, vou andando até o hotel onde Philly e eu estamos hospedados. Eu me sento numa cama e Philly na outra, como nos velhos tempos. Conto a ele o que acabei de fazer. Basta. Não aguento mais isto.

Ele não tenta me convencer de nada. Parece entender. Quem me entende melhor? Falamos sobre os detalhes, fazemos planos. Como contar para o Nick, como contar para o nosso pai, como ganhar a vida daqui por diante?

O que você quer fazer em vez de jogar tênis?

Não sei.

Saímos para jantar, conversar mais, fazer umas contas para ver como estou de grana – e o saldo é de algumas centenas de dólares. Brincamos, dizendo que estamos perto de voltar ao cardápio de batatas assadas com sopa de lentilhas.

De volta ao hotel, o telefone está piscando: há uma nova mensagem para mim. Os organizadores de um torneio de tênis na Carolina do Norte ligaram para dizer que um dos tenistas desistiu de participar. Querem saber se posso jogar. Se eu aceitar, pagam 2 mil dólares.

Philly concorda que pode ser interessante abandonar as quadras com algum dinheiro no bolso.

Tudo bem, respondo. Nosso último campeonato. E vou ter de arrumar algumas raquetes.

Na primeira rodada, enfrento um garoto chamado Michael Chang. Cresci jogando com ele. Jogava com ele nos campeonatos de juniores e nunca perdi uma partida. Nunca tive problemas com ele. Além disso, ele só tem quinze anos, dois a menos do que eu. Ele bate na minha barriga. Era isso o que eu precisava para revigorar minha autoestima abalada: uma vitória garantida. Entro na quadra sorrindo.

Chang, porém, passou por algum tipo de metamorfose desde que nos enfrentamos pela última vez. Seu jogo melhorou muito, e ele agora joga com grande velocidade. Preciso usar tudo o que sei para ganhar. E ganho. Minha primeira vitória depois de meses. Decido adiar minha aposentadoria. Só mais umas semanas. Digo a Philly que quero ir para Stratton Mountain, onde fui bem no ano anterior. Stratton parece o lugar ideal para a última partida.

Vamos de avião para Vermont junto com mais dois tenistas, Peter Doohan e Kelly Evernden. Kelly diz que pegou a chave de Stratton antes de embarcar.

Quer saber com quem você vai jogar?

Quero.

Não, Andre. Acho que você não quer.

Quero, sim. Quem eu vou pegar?

Luke Jensen.

Droga.

Luke é o melhor tenista júnior do mundo, de longe o mais promissor do circuito. Afundo na poltrona e observo as nuvens. Eu deveria ter parado quando estava na frente. Deveria ter me aposentado depois de derrotar Chang.

Luke saca tanto com a direita quanto com a esquerda, por isso o apelido Luke Mão Dupla. Seu saque consegue atingir cerca de duzentos quilômetros por hora, com os dois braços. Mas hoje, contra mim, o primeiro saque foi fora e, no segundo, eu enchi o braço. Fiquei ainda mais surpreso que ele quando acabo com Luke em três sets e avanço no torneio.

O próximo é Pat Cash – que acabou de ganhar Wimbledon, doze dias depois da minha derrota na “quadra do cemitério”. Cash é uma máquina, um atleta muito bem preparado, que se movimenta bem e fecha a rede como uma hidra. Nem em sonho penso em derrotá-lo, só penso em me preservar. Mas, no início da partida, percebo que ele não coloca topspin nas suas bolas, então uso golpes limpos, bem executados, no mesmo nível dos dele, mandando um winner atrás do outro. Como não tenho chances de vencer e tudo o que quero é ser levado a sério, estou livre, solto, e isso é o que deixa Cash atado. Ele parece chocado com o que está acontecendo. Erra o primeiro saque várias vezes, o que me deixa avançar meio passo pela quadra, colocando tudo o que tenho na devolução da bola. Sempre que a minha bola passa por ele, Cash olha através da rede com uma expressão que parece dizer. Mas não era esse o plano. Você não deveria fazer isso.

Muito bobamente, com certa arrogância, ele fica cada vez mais na rede, com cara de surpresa, em vez de ir para o fundo da quadra e pensar em outra estratégia. Depois de uma das minhas melhores devoluções, ele devolve um voleio meia boca e eu lhe dou uma bela passada de novo. Ele fica parado com as mãos na cintura, olhando fixamente para mim, emanando a sensação de ter sido injustiçado.

Pode olhar, eu penso. Fica olhando aí e você vai ver.

No final da partida, ele começa a me mandar bolas incrivelmente fáceis, deixando tudo tão fácil de rebater, tão maravilhosamente de bandeja para meus winners, que a situação acaba parecendo injusta. Eu tenho uma oportunidade legítima de soltar um winner a cada ponto. Eu só queria deixar uma marca, mas estou fazendo um estrago. Fecho com um chocante 7-6/7-6.

Concluo que Stratton Mountain é a minha montanha mágica. É o meu anti-Wimbledon. No ano passado, consegui jogar acima do meu nível aqui e agora estou jogando duas vezes melhor. O cenário é maravilhoso, largos horizontes, totalmente americano. Ao contrário daqueles ingleses convencidos, o pessoal daqui me conhece, ou pelo menos conhecem o eu idealizado que quero que conheçam. Eles não sabem as dificuldades que enfrentei no último ano, a minha iniciativa de dar as raquetes para os moradores de rua, a minha decisão de abandonar as quadras. E, se soubessem, não iriam me condenar. Eles me apoiaram na partida contra Jensen, mas, depois que derrotei Cash, eles me adotaram. *Esse cara é dos nossos*. Ele se sai bem aqui. Inspirado pelo incrível entusiasmo deles, chego à semifinal contra Ivan Lendl, número 1 do ranking. É o maior jogo da minha vida. Meu pai pega um avião em Las Vegas para vir assistir à partida.

Uma hora antes da partida, Lendl anda pelo vestiário apenas com os tênis nos pés. Ao vê-lo tão descontraído, totalmente nu bem na minha frente, já sei o que me espera. A maior de todas as derrotas imagináveis. Perco em três sets. Mesmo assim, saio da quadra encorajado porque ganhei o segundo set. Durante meia hora, dei ao melhor do mundo tudo o que ele queria. Posso evoluir com base nisso. Me sinto bem.

Quer dizer, me sinto bem até ver o que Lendl falou de mim para os jornais. Quando lhe perguntaram sobre o meu jogo, ele torceu o nariz e definiu: *Um corte de cabelo e um forehand*.

Capítulo 9

Termino o ano de 1987 com uma explosão. Venço meu primeiro torneio profissional, em Itaparica, no Brasil, e o mais incrível é que consigo a vitória diante de uma plateia inicialmente hostil. Depois que derroto o principal tenista brasileiro, Luiz Mattar, os torcedores não parecem guardar rancor. Na verda- de, me transformam numa espécie de "brasileiro honorário". Invadem a quadra, me carregam nos ombros e me jogam no ar. Muitos chegam direto da praia. Estão cobertos de bronzeador e eu fico todo lambuzado. Mulheres de biquínis e cangas me dão beijos. Há música, pessoas dançando, alguém estende uma garrafa de champanhe e diz para eu espirrar nas pessoas. O clima de carnaval é perfeito para combater a sensação de quarta-feira de cinzas que tenho dentro de mim. Finalmente consegui. Venci cinco partidas seguidas. (Percebo com certo susto que, para vencer um Slam, vou precisar de sete vitórias.)

Um cara me entrega o cheque do vencedor. Preciso olhar duas vezes para acreditar. Valor do prêmio: 90 mil dólares.

Com o cheque ainda dobrado no bolso da calça jeans, dois dias depois estou na sala de estar da casa do meu pai e tento recorrer a um pouco de psicologia. Pai, quanto você acha que vou ganhar no próximo ano?

Ho, ho, ho, diz ele, feliz. Milhões.

Muito bom. Então não vai haver nenhum problema se eu comprar um carro.

Ele fecha a cara. Xeque-mate.

Eu sabia o que queria. Um Corvette branco com todos os equipamentos. Meu pai insiste que ele e minha mãe devem ir junto comigo à concessionária, para evitar que o vendedor me enrole. Não consigo negar. Meu pai é meu patrão e meu administrador. Não moro mais o tempo todo na Bollettieri Academy, e estou vivendo novamente sob o teto dele – e, portanto, sob seu controle. Viajo pelo mundo inteiro, ganho um bom dinheiro, conquisto uma relativa fama e, apesar de tudo, ele ainda me faz viver com uma mesada. Não está certo, mas, que droga, nada na minha vida está certo. Só tenho dezessete anos, não estou preparado para viver sozinho, mal consigo me manter sozinho dentro da quadra e, no entanto, há pouco estava no Rio, abraçando uma garota vestida com uma canga e com um cheque de 90 mil dólares no bolso. Sou um adolescente que viu coisas demais, um homem-menino sem conta em banco.

Na concessionária, meu pai conversa com o vendedor e a negociação não demora para virar uma discussão. Por que eu não me surpreendo? Sempre que meu pai faz uma nova oferta, o vendedor vai consultar o gerente. Meu pai abre e fecha os punhos.

Finalmente, os dois chegam a um acordo sobre o preço. Estou a poucos segundos de ter o carro dos meus sonhos. Meu pai coloca os óculos e dá uma última olhada na proposta. Passa os dedos e confere item por item, todos os encargos. Espere, o que é isso? Estão cobrando uma taxa de 49,99 dólares?

É a taxa referente à documentação, explica o vendedor.

Essa droga de documentação não é minha. É sua. Você paga a porcaria da sua papelada.

O vendedor não se abate com a grosseria do meu pai. Retruca com palavras duras também. Meu pai exibe aquele olhar, o mesmo que vi quando socou o caminhoneiro. A mera visão de

todos aqueles carros está despertando nele toda a antiga raiva que ele sentia ao dirigir.

Pai, o carro custa 37 mil dólares e você está brigando por causa de uma taxa de cinquenta pratas?

Eles estão tentando roubar você, Andre! Estão tentando me roubar! O mundo está tentando me roubar!

Ele sai da sala do vendedor como um vendaval e vai para o saguão principal, onde os gerentes estão atrás de um balcão alto. Meu pai grita: Vocês acham que estão seguros aqui? Acham que é mais seguro ficar atrás do balcão? Por que vocês não vêm até aqui?

As mãos estão preparadas. Ele está disposto a bater em cinco caras de uma vez.

Minha mãe coloca o braço em volta do meu ombro e diz que o melhor a fazer é sair e esperar lá fora.

Ficamos na calçada e observamos o escândalo do meu pai através da janela da concessionária. Ele está socando a mesa. Agitando os braços. É como ver um filme mudo de terror. Estou mortificado, mas também com uma ponta de inveja. Gostaria de ter um pouco daquela fúria. Gostaria de sentir isso durante as partidas difíceis. Eu me pergunto o que conseguiria no tênis se sentisse essa raiva toda e mirasse com ela cada bola jogada sobre a rede. No meu caso, seja qual for a raiva que eu sinto, eu faço ela se voltar contra mim mesmo.

Mãe – eu pergunto – Como você aguenta? Todos estes anos?

Ah – ela responde – não sei. Ele ainda não foi preso, nem ninguém o matou até hoje. Acho que temos bastante sorte, considerando tudo. Espero que a gente consiga superar este incidente sem que aconteça uma dessas duas coisas agora, e então vamos em frente.

Junto com a raiva do meu pai, gostaria de ter uma parte da calma da minha mãe.

Philly e eu voltamos à concessionária no dia seguinte. O vendedor me entrega a chave do meu Corvette novinho, mas me olha com dó. Ele diz que não me pareço com o meu pai e, embora isso seja um elogio, eu me sinto levemente ofendido. Na volta para casa, a emoção do carro novo está embotada. Digo a Philly que as coisas vão ser diferentes de agora em diante. Driblando o trânsito e testando o motor, eu afirmo: Chegou a hora. Preciso controlar o meu próprio dinheiro. Preciso controlar a droga da minha própria vida.

Em partidas longas, fico sem fôlego. E, para mim, todas as partidas são longas, porque o meu saque é médio. Não consigo sacar para me safar de situações difíceis, não consigo pontos fáceis de saque, e por isso qualquer adversário me leva até o último dos doze *rounds*. Meu conhecimento do jogo vem melhorando, mas meu corpo está dando sinais de cansaço. Estou magro, frágil, e minhas pernas cansam depressa, cedo demais para a minha coragem. Digo a Nick que não estou em forma o bastante para competir com os melhores tenistas do mundo. Ele concorda. As pernas são tudo, ele diz.

Encontro um treinador em Las Vegas, um coronel aposentado chamado Lenny. Do tipo durão, ele pragueja como um marujo e anda como um pirata, em consequência de um tiro que tomou numa guerra há muito tempo, assunto que não gosta de comentar. Depois de uma hora com Lenny, desejo que alguém me dê um tiro. Poucas coisas dão mais prazer a ele do que me insultar e berrar obscenidades o tempo todo.

Em dezembro de 1987, faz um frio fora do comum no deserto. Os crupiês usam gorros de Papai Noel. As palmeiras estão cobertas de luzes. As prostitutas da Strip exibem enfeites de Natal como brincos. Digo a Perry que mal consigo esperar por esse novo ano. Me sinto forte.

Acho que estou começando a *sacar* o tênis.

Venço o primeiro torneio de 1988 em Memphis, e a bola parece ganhar vida quando sai da minha raquete. Meu forehand está melhorando. Consigo fazer a bola passar pelo adversário. Todos olham para mim como se perguntassem: Mas de onde saiu essa bola?

Percebo algo novo também na expressão dos torcedores. O modo como me observam e pedem autógrafos, como gritam meu nome quando entro na quadra, tudo isso me deixa desconfortável, mas satisfaz algo dentro de mim, lá no fundo, alguma ânsia oculta que eu nem sabia que existia. Sou tímido, mas gosto de atenção. Fico incomodado quando os fãs começam a se vestir como eu, embora eu também adore isso.

Em 1988, vestir-se como eu significava usar shorts jeans. São minha marca registrada. Os shorts jeans são sinônimo de Andre Agassi, mencionados em todas as reportagens e referências a mim. Por mais incrível que pareça, eu não escolhi esse figurino: foi ele que me escolheu. Foi em 1987, em Portland, no Oregon. Eu estava disputando o Nike International Challenge e os representantes da Nike me chamaram numa suíte do hotel para mostrar os pilotos e provas dos novos itens da marca. McEnroe estava lá, e é claro que ele podia escolher antes de mim. Ele pegou um par de shorts jeans e disse: Mas que diabos é isto?

Meus olhos saltaram. Mordi o lábio e pensei: Uau. É bem legal. Se você não quer usar, Mac, passa para cá que eu uso.

Assim que Mac deixou aqueles shorts de lado, eu peguei. Hoje visto em todos os meus jogos, e meus fãs fazem o mesmo. Os jornalistas esportivos acabam com a minha raça por causa disso. Dizem que quero aparecer. Na verdade (assim como aconteceu com o meu corte de cabelo moicano), o que eu quero é sumir. Dizem que estou tentando mudar o jogo. O que quero fazer, na realidade, é evitar que o jogo me modifique. Sou chamado de rebelde, mas não tenho interesse em ser rebelde; estou apenas levando adiante uma rebeldia adolescente cotidiana, normal. São diferenças sutis, porém importantes. No fundo, não estou fazendo nada a não ser tentar ser eu mesmo e, como não sei quem eu sou, minhas tentativas de descobrir são disparatadas, desajeitadas e, é claro, contraditórias. Não estou fazendo nada diferente do que fiz na Bollettieri: desafio a autoridade, tento achar uma identidade, mando recados para o meu pai, me rebelo contra a falta de opção da minha vida. Só que agora faço tudo isso num palco maior.

O que quer que eu faça, por quaisquer motivos que sejam, minhas iniciativas despertam eco. Muitas vezes sou chamado de O Salvador do Tênis Norte-Americano, seja lá o que isso quer dizer. Acho que tem a ver com o clima nos meus jogos. Além de usar roupas como as minhas, os fãs copiam meu cabelo. Vejo *mullets* nas cabeças de homens *e* de mulheres. (Fica melhor nas mulheres.) Fico lisonjeado com as imitações, mas também constrangido e totalmente confuso. Não consigo imaginar todas essas pessoas tentando parecer com Andre Agassi, já que eu não quero ser Andre Agassi.

De vez em quando, começo a tentar explicar isso nas entrevistas, mas nunca me saio bem. Tento ser divertido, mas não consigo, ou acabo ofendendo alguém. Tento ser profundo, mas ouço minha própria voz dizendo que não faz sentido. Por isso paro, volto às respostas prontas e aos clichês, e digo aos jornalistas o que eles parecem querer ouvir. É o melhor que posso fazer. Se não consigo entender minhas motivações e meus medos, como explicar isso para jornalistas ansiosos com prazos para fechar as reportagens?

Para piorar as coisas, os jornalistas publicam exatamente o que eu digo, letra por letra,

como se fosse a verdade literal. Eu gostaria de dizer a eles, Esperem, não escrevam desse jeito, estou apenas pensando em voz alta. Você está me perguntando sobre a coisa que eu menos entendo: eu mesmo. Deixe eu me editar, me contradizer. Mas não há tempo. Eles precisam de respostas preto no branco, bem *versus* mal, todas as informações sobre a história em setecentas palavras, e então já passam para outro assunto.

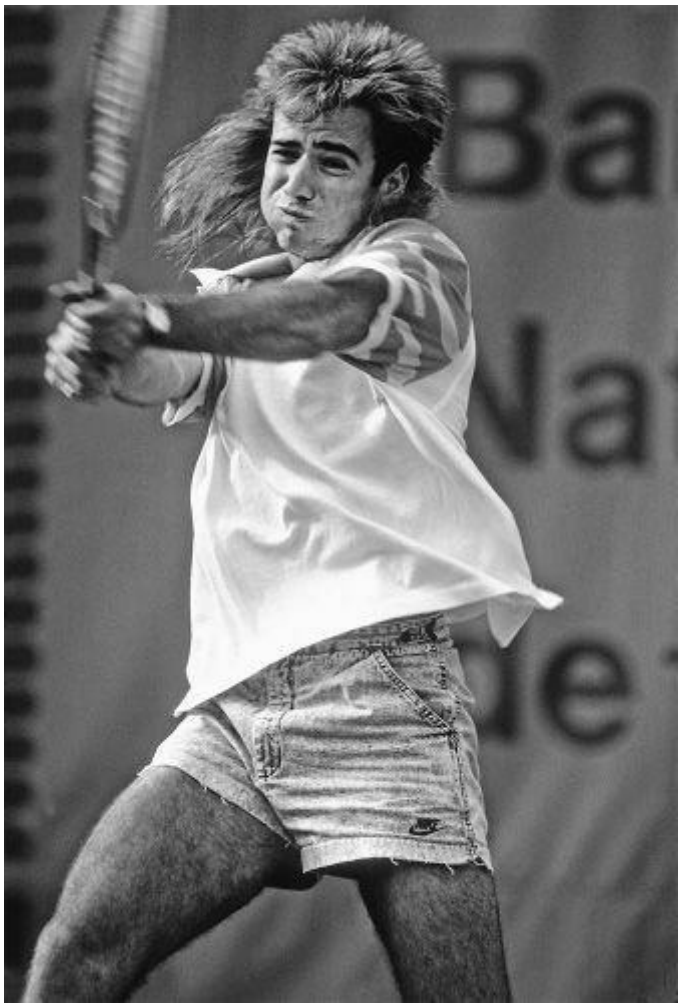
Se eu tivesse tempo, se me conhecesse mais, diria aos jornalistas que estou tentando descobrir quem sou, mas que, por enquanto, só consigo saber quem não sou. Não sou as roupas que visto. Certamente, não sou o jogo que mostro nas quadras. Não sou nada do que o público acha que sou. Não sou um *showman* só porque venho de Las Vegas e uso roupas incomuns. Não sou um *enfant terrible*, definição que sempre aparece nas reportagens a meu respeito. (Acho que ninguém pode ser uma coisa que não consegue pronunciar.) E, pelo amor de Deus, não sou um *punk rocker*. Gosto de ouvir músicas *pop* suaves, românticas, de Barry Manilow e Richard Marx.

É claro que o segredo da minha identidade, o que sei sobre mim e não posso revelar aos jornalistas, é que meu cabelo está caindo. Uso um corte longo e fofo para esconder essa queda. Só Philly e Perry sabem, porque sofrem do mesmo mal. Aliás, meu irmão há pouco tempo voou até Nova York para conversar com o dono de um Hair Club for Men e comprar algumas perucas. Finalmente, desistiu de plantar bananeira. Ele me telefona para contar sobre a incrível variedade de perucas que o Hair Club oferece. É uma variedade enorme, ele conta. Parece o bufê de saladas do Sizzle, só de cabelos!

Peço a ele que compre uma para mim. Todos os dias, encontro um pouco mais da minha identidade perdida no travesseiro, na pia, no ralo do banheiro.

Eu me pergunto: Será que vou ter de usar peruca? Nos *campeonatos*?

E respondo: Tenho outra opção?



Aos dezoito anos, usando o *mullet* volumoso e os shorts jeans, minha primeira marca registrada visual.

Em Indian Wells, em fevereiro de 1988, abro meu caminho até a semifinal, quando enfrento Boris Becker, da então Alemanha Ocidental e o tenista mais famoso do mundo. A figura de Becker impressiona, com cabelos cor de cobre e pernas largas como a minha cintura. Enfrento Becker no auge da sua forma, mas venço o primeiro set. Perco os dois seguintes, inclusive um árduo terceiro set. Deixamos as quadras olhando feio um para o outro, como dois touros bravos. Prometo a mim mesmo que não vou perder para esse cara na próxima vez em que disputarmos uma partida.

Em março, em Key Biscayne, enfrento um antigo colega da Bollettieri Academy chamado Aaron Krickstein. Somos frequentemente comparados um com o outro, por causa da nossa ligação com Nick e de nossa precocidade como tenistas. Ganho os dois primeiros sets e começo a piorar. Krickstein vence os dois seguintes. Quando começa o quinto, estou com câimbras. Ainda não cheguei aonde preciso chegar, em termos físicos, para atingir o próximo nível. Perco o quinto set.

Vou para Isle of Palms, perto de Charleston, e venço meu terceiro torneio. No meio da competição, completo dezoito anos. Os organizadores do evento levam um bolo até o meio da quadra e todos cantam. Nunca gostei de aniversários. Ninguém nunca ligou para o meu aniversário enquanto eu era criança. Mas este é diferente. Sou maior de idade, me lembram todos. Diante da lei, você é um adulto.

E a lei é um saco.

Vou para Nova York, para o Torneio dos Campeões, um marco importante porque é o encontro dos maiores tenistas do mundo. Mais uma vez enfrento Chang, que criou um péssimo

hábito desde que nos encontramos da última vez. Sempre que derrota alguém, ele aponta para o céu. Agradece a Deus, atribui a vitória a Deus, e isso me ofende. Achar que Deus deve tomar partido num jogo de tênis, deve ficar contra mim e ao lado de Chang, parece algo ridículo e ofensivo. Derroto Chang e saboreio cada lance blasfemo. Depois me vingo de Krickstein. Na final, enfrento Slobodan Zivojinovic, um sérvio mais conhecido como duplista. Derroto o cara em sets corridos.

Começo a vencer com mais frequência. Deveria estar feliz, mas em vez disso me sinto nervoso, porque o ciclo acabou. Passei por uma temporada triunfante em quadras de piso duro, meu corpo quer continuar jogando em quadras assim, mas vai começar a temporada no saibro. A mudança brusca de uma superfície para a outra muda tudo. No saibro o jogo é outro, por isso o modo de jogar precisa mudar e o corpo do tenista também. Em vez de sair correndo de um lado para outro, parar de repente e começar de novo, é preciso deslizar para o lado, se inclinar e dançar. Músculos mais acostumados agora desempenham papel de apoio, e músculos pouco exigidos precisam entrar em ação. Já é difícil para mim, na melhor das circunstâncias, não saber quem sou. De repente, ter de virar outra pessoa, um cara que joga no saibro, acrescenta mais um grau de ansiedade e frustração.

Um amigo me explica que as quatro superfícies das quadras de tênis podem ser comparadas às quatro estações do ano. Cada uma apresenta vantagens próprias e faz exigências únicas. Cada uma altera radicalmente sua estruturação, coloca seu organismo em outro nível molecular. Depois de três rodadas no Aberto da Itália, em maio de 1988, não sou mais Andre Agassi. Não estou mais no torneio.

Vou para o Aberto da França de 1988 esperando a mesma coisa. Entrando no vestiário de Roland Garros, vejo os especialistas no saibro encostados na parede, olhando torto. Bando de ratos, define Nick. Eles estão aqui há meses, treinando, esperando que o resto do mundo termine a temporada em quadras de piso duro e venha para a ratoeira de pó de tijolo deles.

Tão desorientadora como a nova superfície, Paris também é um choque para o corpo. A cidade tem todos os mesmos problemas logísticos de deslocamento de Nova York e Londres, as multidões e anomalias culturais, com a barreira adicional do idioma. Além disso, a presença de cães em restaurantes me incomoda. Na primeira vez em que entrei num café nos Champs-Élysées, um cão ergueu a pata e fez xixi na mesa ao lado da minha.

Não dá para não estranhar Roland Garros. É o único lugar em que já joguei que fede a charuto e cachimbo. Estou sacando, num momento crítico do jogo, e um anel de fumaça de cachimbo chega ao meu nariz. Quero achar quem está fumando aquele cachimbo e dar-lhe uma bronca, mas aí penso que é melhor nem encontrar essa pessoa, porque não consigo imaginar que tipo de criatura inacreditável vai até uma quadra de tênis e fica fumando cachimbo para assistir ao jogo.

Apesar do meu desconforto, consigo derrotar os três primeiros adversários. Derroto também o mestre do saibro Guillermo Pérez-Roldán nas quartas de final. Na semifinal, enfrento Mats Wilander. Ele é número 3 do ranking mundial, mas na minha opinião ele é o grande nome do momento. Quando a televisão transmite algum jogo dele, paro o que for e vejo. Ele está se preparando para um ano de resultados incríveis. Já venceu o Aberto da Austrália e é o favorito para ganhar Roland Garros. Consigo levá-lo a um quinto set, que perco por 6-0, sentindo câimbras fortíssimas.

Digo para Nick que não vou jogar Wimbledon. Por que me acabar na grama e gastar tanta

energia? Acho melhor tirar um mês para descansar, me preparando para as partidas em quadras de piso duro, no verão.

Ele fica mais do que feliz por não ir a Londres. Como eu, não gosta de Wimbledon. Além disso, está ansioso para voltar aos Estados Unidos e me achar um preparador melhor.

Nick contrata um chileno fortão chamado Pat, que nunca me pede para fazer nada que ele também não queira fazer, o que eu respeito. Mas ele também tem a mania de cuspir enquanto fala e de se curvar sobre mim enquanto estou treinando com pesos, pingando suor no meu rosto. Tenho a impressão de que deveria aparecer nos treinos de Pat vestindo um poncho de plástico.

A base do sistema de treinamento de Pat é uma sessão insana de corrida, subindo e descendo uma colina perto de Las Vegas. O lugar é afastado e exposto ao sol, e fica mais quente conforme a gente se aproxima do alto, como se fosse um vulcão em atividade. Também fica a uma hora da casa do meu pai, o que me parece desnecessariamente longe. Nada como dirigir até Reno para treinar corrida. Pat insiste, porém, que a colina é a solução para todos os meus problemas físicos. Quando chegamos ao pé da colina e saímos do carro, ele começa a correr morro acima e me manda segui-lo. Em poucos minutos, estou segurando o lado do meu corpo, com o suor escorrendo pelo rosto. Quando chegamos ao topo, mal consigo respirar. Segundo Pat, isso é bom. Sinal de saúde.

Um dia, quando Pat e eu alcançamos o alto da colina, aparece um caminhão todo estropiado. Um velho índio se aproxima de nós. Ele traz uma vara. Se ele quiser me matar não vou conseguir me defender, porque mal sou capaz de levantar meus braços.

Nem posso correr, porque estou sem ar.

O cara pergunta: O que vocês estão fazendo aqui?

Estamos treinando. E você? O que está fazendo aqui?

Vim buscar algumas cascavéis.

Cascavéis! Tem cobra cascavel por aqui?

Tem gente treinando aqui?

Quando eu paro de rir, o índio diz que devo ter nascido com o traseiro virado para a Lua, porque esta é a maldita Colina das Cascavéis. Ele pega doze cobras todos os dias aqui, como espera fazer nesta manhã. É quase um milagre eu não ter pisado em nenhuma até agora, grande e forte e pronta para dar o bote.

Olho para Pat e sinto uma vontade enorme de dar-lhe uma bela cuspida.

Em julho vou para a Argentina, na condição de o mais jovem tenista a integrar a equipe norte-americana da Copa Davis. Jogo bem contra Martín Jaite, argentino, e a plateia me respeita com certo ressentimento. Já tenho dois sets a zero, estou com 4-0 no terceiro e estou esperando o saque de Jaite. Estou curvado para a frente por causa do frio, porque estamos no auge do inverno na Argentina. Acho que a temperatura deve ser de cerca de -1 ºC. Jaite manda um saque que rala na rede e depois saca de novo, uma bola curva, impossível de ser devolvida, que eu estendo a mão e apanho. A plateia se revolta. Acha que estou tentando desrespeitar seu conterrâneo, sou longamente vaiado.

No dia seguinte, os jornais acabam comigo. Em vez de me defender, reajo com truculência. Digo que sempre quis fazer uma coisa assim. Na verdade, porém, estava agindo com frieza e sem pensar, sendo estúpido, não arrogante. Minha reputação aumenta ainda mais.

No entanto, alguns dias depois em Stratton Mountain sou recebido como um filho pródigo. Jogo para agradar às pessoas. Jogo para agradecer por terem apagado as lembranças da Argentina. Há algo nessas pessoas, as montanhas cor de esmeralda, o ar de Vermont... e eu venço o campeonato. Fico sabendo que sou o número 4 do mundo. Mas estou cansado demais para comemorar. Entre Pat, a Copa Davis e o desgaste da viagem, durmo doze horas por noite.

Vou para Nova York no final do verão para participar de um torneio de menor vulto em Nova Jersey, uma espécie de aquecimento para o Aberto dos Estados Unidos de 1988. Chego na final e enfrento Tarango. Dou-lhe uma surra memorável, uma vitória deliciosa, porque ainda consigo fechar os olhos e ver Tarango trapaceando quando eu tinha oito anos. Minha primeira derrota. Nunca vou me esquecer disso. Sempre que derroto um campeão eu penso: Foda-se, Jeff. Vá se foder.

No Aberto dos Estados Unidos, consigo chegar às quartas de final. Para enfrentar Jimmy Connors. Antes da partida, eu me aproximo timidamente dele no vestiário e lembro que já nos enfrentamos uma vez. Em Las Vegas. Eu tinha quatro anos. Foi no Ceasars Palace. Batemos bola, você se lembra?

Não, ele responde.

Ah, certo. Bem, na verdade nos encontramos novamente, outras vezes, quando eu tinha sete anos. Eu costumava entregar as raquetes para você. Meu pai encordoava suas raquetes quando você ia a Vegas, e eu as levava ao seu restaurante favorito, na Strip.

Não lembro, repete, antes de se acomodar num banco, cobrir o corpo com uma toalha branca e fechar os olhos.

Dispensado.

Isso confirma tudo o que ouvi os outros tenistas dizer de Connors. É um babaca, dizem. Grosso, metido, narcisista. Mas eu achava que ele me trataria de outra maneira, que demonstraria algum afeto, considerando toda a história anterior.

Só por causa disso, digo a Perry, vou derrotar esse cara em três sets fáceis – e ele só vai ganhar nove games, no máximo.

A plateia torce para Connors. É o contrário do que acontece em Stratton. Aqui, sou o cara malvado. Sou o novato impertinente que ousa enfrentar o ídolo mais velho. As pessoas querem que Connors supere as desvantagens, derrote o Tempo, e eu estou justamente atrapalhando esse cenário perfeito. Cada vez que eles vibram por Connors, eu penso: Será que eles sabem como ele se comporta no vestiário? Será que sabem o que os outros tenistas falam dele? Têm alguma noção de como ele responde a um alô amistoso?

Estou jogando bem e vencendo com facilidade, quando um cara sentado no alto das arquibancadas grita: *Vamos lá, Jimmy! Ele é um arruaceiro, você é uma lenda!* As palavras pairam no ar por alguns instantes, maiores e mais audíveis do que o dirigível da Goodyear lá no alto, e logo 20 mil torcedores dão risada. Connors dá um sorriso contido, balança a cabeça e joga a bola, de lembrança, para o cara que gritou.

A torcida explode. Ovacionam em pé.

Tomado pela adrenalina e pela raiva, enterro a “lenda” no set final: 6-1.

Depois da partida, falo aos jornalistas sobre minha previsão anterior ao jogo e eles contam para Connors.

Connors responde: Gosto de jogar contra caras que poderiam ser meus filhos. Talvez ele

seja um deles. Passei muito tempo em Las Vegas.

Na semifinal, volto a perder para Lendl. Vamos para o quarto set, mas ele é muito forte. Tentando desgastá-lo, acabo desgastado. Apesar dos esforços de Lenny, o manco, e de Pat, o chileno cuspidor, não consigo enfrentar um cara do calibre de Lendl. Digo a mim mesmo que, quando voltar a Vegas, vou continuar a busca, até achar alguém capaz de me deixar apto para uma batalha.

Só que ninguém é capaz de me deixar apto para uma batalha com a mídia, porque não é uma luta: é um massacre. Todos os dias, é uma nova ladainha anti-Agassi. Uma declaração de outro tenista. Uma crítica de algum jornalista esportivo. Uma calúnia fresquinha, apresentada na forma de análise. Sou um revoltado, um exibido, um impostor, um embuste. Estou bem no ranking graças a uma conspiração, a uma eficiente combinação de contatos e popularidade entre adolescentes. Não mereço toda essa atenção porque jamais ganhei um Slam.

Aparentemente, milhões de pessoas gostam de mim. Recebo sacos cheios de cartas de fãs, inclusive fotos de mulheres nuas com o número do telefone anotado do lado. E, a cada dia, sou massacrado por causa do meu visual, do meu comportamento, ou sem motivo. Assumo o papel do cara mau e rebelde, aceito esse papel, evoluo nesse perfil. O papel parece fazer parte do meu trabalho, então eu o represento. Não demora muito e já estou escalado para o mesmo papel, todas as vezes: para sempre serei o cara mau e rebelde, em todos os jogos, em todos os campeonatos.

Converso com Perry. Vou para a costa leste do país e o visito num fim de semana. Ele estuda administração em Georgetown. Saímos para grandes jantares, ele me leva ao seu bar favorito, o Tombs, e, no meio das cervejas, Perry faz o que sempre fez. Me ajuda a entender minhas dores, deixa minhas angústias mais claras e organizadas. Se eu sou um sujeito que sempre retorna, ele é quem sempre redefine as palavras. Primeiro, ele situa o problema como uma negociação entre mim e o mundo. Aí detalha os termos dessa negociação. Concorda que é horrível ser uma pessoa sensível que é diariamente massacrada, mas ele insiste que isso tudo vai passar. Existe um fim para toda essa tortura. Ele garante que as coisas vão melhorar assim que eu começar a ganhar os Grand Slams.

Ganhar? Para quê? Por que as vitórias mudariam a opinião que as pessoas têm de mim? Ganhando ou perdendo, ainda sou o mesmo cara. É por isso que tenho de vencer? Para calar a boca das pessoas? Para satisfazer um bando de jornalistas e repórteres que não me conhecem? São esses os termos da negociação?

Philly vê que estou sofrendo, tentando encontrar uma solução. Ele também está buscando. Vem procurando isso a vida toda e recentemente interrompeu a busca. Ele me conta que está frequentando uma igreja, ou um tipo de igreja, numa área comercial na parte oeste de Las Vegas. Não tem denominação, ele explica, e o pastor é diferente.

Ele me leva à igreja, e eu preciso admitir que ele tem razão. O pastor, John Parenti, é mesmo diferente. Usa calças *jeans*, camiseta e tem um longo cabelo castanho-claro. Parece mais um surfista. Não é um pastor tradicional, e eu respeito isso. Ele é – não há como não achar isso – um rebelde. Também gosto do seu proeminente nariz aquilino e dos olhos tristes, que lembram os de um cão. Acima de tudo, gosto do estilo direto de sua pregação. Ele simplifica o que está na *Bíblia*. Nada de vaidades, nada de dogmas. Apenas bom- -senso e clareza de ideias.

Parenti é tão informal que não quer ser chamado de pastor Parenti. Prefere que o chamemos pelas iniciais, J.P. Diz que quer que sua igreja não pareça uma igreja, mas sim uma casa na qual os amigos se encontram. Ele afirma não ter respostas. Apenas leu a *Bíblia* algumas dezenas de vezes, de cabo a rabo, e tem algumas ideias que gostaria de compartilhar.

Penso que ele tem mais respostas do que diz ter. E eu preciso de respostas. Me considero cristão, mas a igreja de J.P. é o primeiro lugar onde me sinto realmente perto de Deus.

Philly e eu comparecemos todas as semanas. Nós nos programamos para chegar assim que J.P. começa a falar e sempre nos acomodamos no fundo, quietos, abaixados para não sermos reconhecidos. Um domingo, Philly diz que vai a um encontro com J.P., e eu me recuso a ir. Uma parte de mim gostaria de ir, mas a outra tem medo das pessoas que não conheço. Sempre fui tímido, mas a recente avalanche de manchetes negativas me deixou à beira da paranoia.

Dias depois, estou dirigindo por Las Vegas, sentindo-me muito mal depois de ler os últimos ataques. Quando dou por mim, estou parado diante da igreja de J.P. É tarde, as luzes estão apagadas – com exceção de uma. Olho pela janela. Uma secretária está organizando papéis. Bato na porta e digo que preciso falar com J.P. Ela diz que ele está em casa. Ela não diz: *Onde o senhor deveria estar*. Com voz trêmula, pergunto se posso telefonar para ele. Realmente, preciso falar com ele. Com alguém. Ela disca o número e me passa o fone.

Alô?, ele diz.

Olá. Sim. Você não me conhece. Meu nome é Andre Agassi, sou tenista. Bem, é que...

Sei quem você é. Tenho visto você na igreja nos últimos seis meses. Claro que reconheci você. Mas não quis incomodá-lo.

Agradeço pela discrição, por respeitar minha privacidade. Não tenho encontrado esse tipo de respeito nos últimos tempos. Mas eu queria, bem... Gostaria de conversar um pouco.

Quando?

Agora?

Ah, sim. Bem, acho que posso ir até aí e encontrar você.

Com todo o respeito, posso ir ao seu encontro? Tenho um carro veloz, acho que posso chegar aí antes do que você aqui.

Ele pensa um pouco: Certo.

Chego em treze minutos. Ele me espera à porta.

Obrigado por concordar em conversar comigo. Eu me sinto como se não tivesse mais ninguém a quem recorrer.

Do que você precisa?

Gostaria de saber se podemos, hã, apenas nos conhecer?

Ele sorri. Ouça, diz ele, não sou muito bom no papel de pai.

Eu rio de mim mesmo. Respondo: Certo, certo. Mas talvez você possa me dar algumas orientações? Orientações para a vida? Orientações de leituras?

Como um mentor?

Isso.

Também não sou muito bom nesse papel.

Ah.

Conversar, ouvir, estar disponível – isso eu sei fazer.

Franzo a testa.

Ouça, diz J.P. Minha vida é tão complicada quanto a das outras pessoas. Talvez até mais.

Não posso oferecer muito como pastor. Não sou esse tipo de pastor, entende? Se você está procurando conselhos, me desculpe. Se está procurando um amigo, aí pode ser.

Concordo com a cabeça.

Ele abre a porta, pergunta se eu gostaria de entrar. Mas eu pergunto se ele gostaria de dar uma volta de carro. Consigo pensar melhor quando dirijo.

Ele espicha o pescoço e vê o meu Corvette branco. Parece um aviãozinho particular estacionado no passeio. O rosto dele perde um pouco da cor.

Passeio por Las Vegas com J.P. no carro, de um lado a outro da Strip, depois pelas montanhas que cercam a cidade. Mostro o que o carro pode fazer, mostro o motor num trecho vazio da estrada, e depois me abro. Conto minha história, de um jeito solto e desorganizado, e ele tem a habilidade de Perry de recontar o que ouve, com tudo fazendo sentido, usando palavras muito apropriadas. Ele entende minhas contradições e ajuda a entender algumas delas.

Você é um menino que ainda mora com os pais, diz ele, mas é conhecido em todo o mundo. Deve ser difícil. Está tentando se expressar livremente, de forma criativa e artística, e é atacado a cada tentativa. Isso é *muito* difícil.

Conto sobre as críticas que recebo, de como trabalhei para chegar a uma boa colocação no ranking, que nunca derrotei ninguém realmente bom, sobre como tenho sorte. Nasci com o traseiro virada para a Lua. Ele diz que estou vivendo o ricochete, sem nunca ter recebido o golpe.

Dou risada.

Ele diz que deve ser bizarro ter estranhos achando que nos conhecem, nos amando além do que seria razoável, enquanto outros acham que nos conhecem e nos reprovam além do que seria razoável. E tudo isso enquanto continuo sendo um estranho para mim mesmo.

O que torna a situação mais perversa, acrescento, é que tudo gira em torno do tênis, e eu detesto tênis.

Certo. Mas na verdade você não detesta tênis.

Detesto, sim.

Conto sobre o meu pai. Conto sobre os berros, a pressão, a raiva, o abandono. J.P. exibe uma expressão engraçada. Mas você consegue perceber que Deus não se parece em nada com seu pai, não é?

Quase deixo o Corvette ir sozinho para o acostamento.

Deus, explica J.P., é o oposto do seu pai. Ele não fica no seu pé o tempo todo. Não berra no seu ouvido, não o repreende por suas imperfeições. Sabe aquela voz raivosa que você escuta o tempo todo? Não é Deus. Ainda é o seu pai.

Eu viro para ele e digo: Você pode me fazer um favor? Repita isso.

Ele repete tudo, palavra por palavra.

Por favor, mais uma vez.

E ele fala tudo novamente.

Eu agradeço. Pergunto sobre a vida dele. Ele me diz que detesta o que faz. Não aguenta mais ser pastor. Não quer mais ser o responsável pela alma das pessoas. É uma ocupação que não tem descanso, ele diz, e não lhe dá tempo para refletir nem ler. (Eu me pergunto se ele está tentando me dar uma indireta.) Ele também vive assombrado por ameaças de morte. Prostitutas e drogados procuram a igreja para dar um jeito na própria vida e, quando isso acontece, os

cafetões, os viciados e as famílias que dependiam da condição anterior para viver culpam J.P.

Mas o que você gostaria de fazer?

Na verdade, escrevo canções. Sou compositor. Gostaria de viver da música.

Ele conta que compôs uma música, *When God ran*, que fez muito sucesso no meio cristão. Canta um trecho da música. Ele tem uma bela voz, e a música é emocionante.

Eu digo que, se ele realmente quer isso de verdade, deve investir e terá sucesso.

Quando começo a falar como um palestrante motivacional, vejo que estou cansado. Olho para o meu relógio. Três da manhã. Uau – digo, abafando um bocejo –, se você não se importa, pode me deixar na casa dos meus pais? Moro logo ali depois da esquina e estou acabado. Não consigo dirigir nem mais um minuto. Fique com o meu carro, vá para casa e me devolva quando puder.

Não quero ficar com o seu carro.

E por que não? É um carro bacana. Voa como o vento.

Eu sei. Mas, e se eu bater?

Se você bater e não se machucar, vou achar engraçado. Não ligo a mínima para este carro.

Quando você quer que eu... ou melhor, quando devo trazer o carro para você?

Quando der.

No dia seguinte, ele traz o carro.

Dirigir até a igreja com esta coisa já foi o bastante para mim, diz ele, jogando as chaves. Sabe, Andre, eu celebro funerais. Não dá para aparecer num enterro num Corvette branco.

Convido J.P. para ir a Munique assistir à Copa Davis. Estou ansioso por esse torneio, não por mim, mas pelo país. Imagino que é o mais perto que chegarei de jogar em equipe, por isso imagino que a viagem será divertida e agradável, com jogos fáceis, e quero partilhar essa experiência com meu novo amigo.

Logo no começo vejo que vou enfrentar Becker, que na Alemanha Ocidental é quase um deus. Os admiradores dele lotam a casa, 12 mil pessoas dando apoio a cada movimento que ele faz e vaiando tudo o que eu faço. Mesmo assim estou calmo, porque estou concentrado. Estou no meu propósito. Não consigo errar. Além disso, eu tinha prometido a mim mesmo, há alguns meses, que nunca mais perderia de Becker e estou fazendo de tudo para cumprir essa promessa. Estou dois sets na frente. J.P., Philly e Nick são os únicos ali torcendo para mim, e posso ouvi-los. Um belo dia em Munique.

Mas então perco minha concentração e em seguida minha confiança. Perco um game de saque e, na troca de lados, sento-me, desanimado.

De repente, alguns organizadores alemães me chamam. Dizem que é para voltar para a quadra.

O jogo não acabou.

Volte, sr. Agassi, volte *para a quadra*.

Becker está dando uma risadinha. A plateia ri às gargalhadas.

Caminho até a quadra, com os olhos latejando. Me vejo outra vez na Bollettieri Academy, sendo humilhado por Nick na frente de todos os outros alunos. Já tenho bastante dor de cabeça aguentando a zombaria da imprensa, mas não suporto isso ao vivo. Perco o game e o jogo.

Depois de ter tomado banho, na hora de entrar no carro do lado de fora do estádio, ignoro J.P. e aviso Philly e Nick: o primeiro que falar sobre tênis está demitido.

Eu me acomodo na sacada do meu quarto de hotel em Munique, sozinho, contemplando a cidade. Sem pensar, começo a colocar fogo em pequenas coisas. Papéis, roupas, sapatos. Durante anos, esse tem sido um dos modos furtivos que encontrei para enfrentar o excesso de estresse. Não faço isso de forma deliberada. Sinto um impulso muito forte e saio em busca de fósforos.

Quando minha pequena fogueira já esta com boas chamas, J.P. aparece. Ele observa e, com calma, acrescenta uma folha do papel timbrado do hotel. Depois coloca um guardanapo. Eu jogo o cardápio do serviço de quarto. Durante uns quinze minutos alimentamos o fogo, sem falar uma palavra. Quando a última chama se apaga, ele pergunta: Quer sair para dar uma volta?

Damos um passeio pelas cervejarias do centro de Munique. Em todos os lugares que olhamos, as pessoas parecem animadas, festivas. Bebem em canecas de um litro, cantando e rindo. As risadas me fazem tremer.

Chegamos a uma grande ponte de pedra, com uma passarela de pedregulhos. Atravessamos a passarela. Lá embaixo, passa um rio impetuoso. No meio da ponte nós paramos. Não há ninguém por perto. O som das risadas e da música está bem baixo. Só ouvimos o barulho da água. Olho para o rio e pergunto a J.P.: E se eu não for bom mesmo? E se hoje não foi um dia ruim, mas meu melhor dia? Sempre tenho desculpas para as derrotas. Eu poderia tê-lo derrotado *se* tivesse feito isto ou aquilo. *Se* eu quisesse. *Se* eu jogasse o melhor que posso jogar. *Se* eu ouvisse o que me disseram. Mas, e se eu estiver jogando o melhor que posso, estiver me empenhando, e ainda não for o melhor do mundo?

Bem, e se for isso?

Eu acho que prefiro morrer.

Eu me apoio na lateral da ponte, soluçando. J.P. tem a decência, a sabedoria, de não dizer e não fazer nada. Ele sabe que não há nada a ser dito, a ser feito, a não ser esperar que essa fogueira se apague.

Enfrento Carl-Uwe Steeb, outro alemão, na tarde seguinte. Desgastado tanto física quanto emocionalmente, jogo contra Steeb da maneira menos indicada. Sim, estou atacando seu backhand, que é seu golpe mais fraco, mas faço isso com ritmo. Se eu não acelerasse o ritmo, ele teria de se virar, e seu backhand ficaria ainda mais fraco. Sua maior fraqueza ficaria exposta. Usando o meu ritmo, porém, ele consegue fazer slices que chegam baixos, nesta quadra de piso rápido. Estou deixando o cara melhor do que ele é, porque estou tentando fazer mais do que preciso, tentando ser perfeito. Com um sorriso cordial, Steeb aceita o presente, usando bem as pernas e seu backhand recém-promovido por Andre Agassi, curtindo aquele jogo ao máximo. Mais tarde, o capitão da Copa Davis e um famoso jornalista esportivo me acusam de entregar o jogo.

Parte do problema com meu jogo, em 1989, é a raquete. Eu sempre usei Prince, mas Nick me convenceu a assinar um contrato com uma nova empresa, a Donnay. Por quê? Porque Nick estava em dificuldades financeiras, mas, se me levasse para a Donnay, conseguiria um contrato lucrativo para ele também.

Nick, eu disse na época, adoro minhas raquetes Prince.

Você poderia jogar com um cabo de vassoura, respondeu. Não faria diferença.

Agora, com a Donnay, eu me *sinto* jogando com um cabo de vassoura. Parece que estou jogando com a mão esquerda, como se tivesse tido uma lesão cerebral. Tudo parece meio fora de direção. A bola não obedece, não faz o que mando.

Estou em Nova York, passeando com J.P. Passa bastante da meia-noite. Estamos numa *delicatessen*, com intensas luzes fluorescentes, ouvindo os caras do balcão discutir em vários idiomas do Leste Europeu. Estamos tomando café, eu com a cabeça apoiada nas mãos, falando para J.P. sem parar: Quando bato na bola com essa raquete nova, não sei para onde a bola vai.

Você vai encontrar uma solução, diz J.P.

Como? Qual solução?

Não sei, mas você vai resolver isso. É uma crise passageira, Andre. Uma de muitas. Tão certo como o fato de estarmos sentados aqui é que outras crises virão. Maiores, menores, de todos os tamanhos. Encare esta como um treino para a próxima.

E então a crise se soluciona *durante* o treino. Dias depois, estou na Flórida, batendo bola na Bollettieri Academy e alguém me dá uma Prince novinha. Acerto três bolas, somente três, e parece uma experiência religiosa. Todas as bolas partem como um raio laser para o lugar que eu mando. A quadra se abre para mim como se fosse Xanadu.

Não estou nem aí para os contratos, Nick. Não vou sacrificar minha vida por causa de um acordo.

Vou dar um jeito nisso, ele garante.

Ele pega uma raquete Prince, mexe nela e aplica o estêncil para deixá-la como uma Donnay. Eu parto para diversas vitórias fáceis em Indian Wells. Perco nas quartas de final, mas não me importo, porque recuperei a minha raquete e o meu estilo de jogar.

No dia seguinte, três executivos da Donnay aparecem em Indian Wells.

Isso é inaceitável, asseguram. Dá para ver claramente que você está jogando com uma Prince adulterada. Isso vai nos arruinar. Você será responsabilizado por destruir a empresa.

A raquete que vocês fabricam será responsabilizada pela minha destruição.

Ao ver que não tenho nenhum remorso e que não vou mudar de ideia, eles prometem fabricar uma raquete melhor para mim. Eles vão embora e duplicam a Prince, do mesmo jeito que Nick tinha feito, só que dão um jeito para que pareça mais convincente. Levo minha falsa Donnay para Roma e enfrento um cara que conheci nos torneios juniores, Pete alguma coisa. Sampras, eu acho. De família grega, nascido na Califórnia. Quando o enfrentei nos juniores, ganhei fácil. Eu tinha dez anos, e ele nove. Só voltamos a nos ver há alguns meses, num torneio. Não lembro qual. Eu estava sentado num lindo gramado ao lado do hotel, logo depois de vencer uma partida. Philly e Nick estavam comigo. Estávamos relaxados, aproveitando o ar puro e vendo Pete, que tinha acabado de perder uma partida. Ele estava jogando na quadra do hotel, num treino após o jogo, e quase todas as bolas que jogava pareciam ruins. Ele errava três de quatro devoluções. O backhand dele era horrível, e ele batia com uma mão só, o que era novo. Alguém tinha prejudicado o back- hand dele, e isso iria claramente custar sua carreira.

Esse cara nunca vai se dar bem no circuito, disse Philly.

Ele pode ficar contente se conseguir se qualificar para os torneios, completei.

Seja quem for que fez isso com o jogo dele, deveria se envergonhar, acrescentou Nick.

Deveria ser processado, disse Philly. Ele tem todas as condições físicas. É alto, movimenta-se bem, mas alguém o transformou num horror. Alguém é responsável por isso. *E*

deveria pagar.

Primeiro fiquei confuso com a veemência de Philly. Depois percebi: ele estava projetando. Estava se vendo em Pete. Ele sabia como é tentar jogar direito e não conseguir entrar no circuito, sobretudo com um backhand batido involuntariamente com uma mão só. Na desgraça de Pete, no destino de Pete, Philly viu o dele mesmo.

Agora, em Roma, vejo que Pete melhorou desde aquele dia, mas não muito. Tem um bom saque, mas nada extraordinário, não um saque como o de Becker. Tem um braço rápido, boa movimentação, agilidade e chega perto dos alvos. Ele quer mandar uma ace que desloque o outro bem na lateral, e quando não acerta é por pouco – ele não é daqueles que tentam um ace aberto na lateral e te mandam a bola no peito. O verdadeiro problema vem depois do saque. Ele não tem consistência. Não consegue manter três bolas seguidas dentro das linhas. Ganho dele por 6-2/6-1. Ao sair da quadra, penso que ele terá um caminho duro pela frente. Eu me sinto mal pelo cara. Parece ser boa gente. Mas sinceramente não espero vê-lo novamente no circuito, nunca mais.

Chego à final. Enfrento Alberto Mancini. Forte, ágil, com pernas rijas, manda a bola com um tremendo peso e penetração, e um spin que é um verdadeiro tornado e que chega à sua raquete como se fosse uma bola de arremesso. Chego ao match point no quarto set, mas perco o ponto – e aí perco as estribeiras. No final, perco o jogo.

De volta ao hotel, fico sentado no quarto por horas, assistindo à tv italiana e botando fogo nas coisas. Acho que as pessoas não entendem a dor de perder uma final. Você treina, viaja e rala muito para ficar pronto. Você vence uma semana, quatro jogos em seguida. (Ou, num Slam, duas semanas e seis partidas.) Aí você perde aquele último jogo e seu nome não aparece no troféu, não vai para o livro dos recordes. Perde uma vez só, mas é um perdedor.

Vou para o Aberto da França de 1989 e, na terceira rodada, enfrento Courier, meu colega na Bollettieri. Sou franco favorito, mas Courier vira o jogo e esfrega sua vitória na minha cara. Fecha os punhos e olha fixo para mim e para Nick. Além disso, no vestiário, faz questão de amarrar os tênis na frente de todo mundo e sair para dar uma corrida. Mensagem: derrotar Andre não me cansou nem um pouco.

Depois, quando Chang vence o torneio e agradece a Jesus Cristo por mandar a bola sobre a rede, eu fico péssimo. Como ele, de todos os jogadores, conseguiu vencer um Slam antes de mim?

Mais uma vez, não vou para Wimbledon. Outra enxurrada de insultos da mídia. Agassi não vence os Slams em que entra e deixa de ir aos que realmente são importantes. Mas para mim isso é uma gota no oceano. Estou me tornando insensível.

Embora a imprensa esportiva me considere um saco de pancadas, grandes empresas me imploram para aparecer com seus produtos. Em meados de 1989, um dos meus patrocinadores, a Canon, agendou uma série de fotos, incluindo algumas no interior de Nevada, no Valley of Fire. Gosto da ideia. Todos dos dias da minha vida eu atravesso um vale de fogo.

Como se trata de um anúncio de campanha para uma empresa que produz equipamento fotográfico, o diretor quer um cenário colorido. Bem vivo, ele diz. Cinematográfico. Ele manda montar uma quadra de tênis no meio do deserto e, quando vejo a construção, não consigo deixar de pensar no meu pai, erguendo uma quadra no meio do deserto. Muita coisa

mudou desde então. Mudou mesmo?

Durante um dia inteiro o diretor me filma jogando tênis sozinho, com as montanhas vermelhas e as formações rochosas alaranjadas ao fundo. Estou cansado, queimado de sol, pronto para um descanso, mas o diretor não quer saber. Ele me manda tirar a camisa. Sou conhecido por tirar a camiseta, em momentos de exuberância adolescente, e atirar para os espectadores.

Aí ele resolve me filmar numa caverna, mandando bolas para a câmera, como se fosse arrebentar as lentes.

Depois, no Lago Mead, filmamos várias cenas com o lago ao fundo.

Tudo isso parece bobo, sem sentido, mas inócuo.

De volta a Las Vegas, fazemos algumas imagens na Strip, depois à beira de uma piscina. Como se a própria sorte tivesse feito a escolha, o local selecionado é a piscina do antigo Cambridge Racquet Club. Finalmente, partimos para o último clique num clube de campo de Vegas. O diretor me manda vestir um terno branco e depois me faz dirigir um Lamborghini branco até a entrada principal. Saia do carro, diz ele, vire para a câmera, tire os óculos escuros e diga: *Imagem é tudo*.

Imagem é tudo?

Sim. Imagem é tudo.

Entre as tomadas, olho ao redor e, no meio dos espectadores, vejo Wendi, a antiga gandula, paixão da minha infância, agora crescida. Uau, ela *certamente* melhorou bastante desde o torneio Alan King.

Está carregando uma mala. Acabou de sair da faculdade e está voltando para casa. Você é a primeira pessoa que eu quis ver, diz.

Está linda. O cabelo castanho está comprido e cacheado, e os olhos exibem um tom verde impossível. Só consigo pensar nela enquanto o diretor me manda ir para lá e para cá. Quando o sol se põe e o diretor grita Corta! Valeu!, Wendi e eu pulamos no meu novo Jeep, sem portas e sem capota, e saímos em grande estilo, como Bonnie e Clyde.

Wendi pergunta: Qual é a frase que eles mandavam você dizer para a câmera?

Imagem é tudo.

E o que isso significa?

Boa pergunta. É para uma empresa que faz câmeras fotográficas.

Algumas semanas depois, começo a ouvir essa frase duas vezes por dia. Depois seis vezes, depois dez. Isso me lembra das ventanias em Vegas, do tipo que começa com um débil farfalhar das folhas e depois se transforma num vendaval, com ventos uivantes e poderosos que duram três dias.

Da noite para o dia, aquele *slogan* vira sinônimo da minha pessoa. Os jornalistas esportivos associam a frase à minha natureza, à essência do meu ser. Dizem que é minha filosofia, minha religião e anunciam que será também o meu epitáfio. Dizem que sou apenas uma imagem, que não tenho substância, pois jamais ganhei um Slam. Afirmam que o *slogan* confirma como sou mercenário, vivendo da fama e bem mais preocupado com dinheiro do que com o tênis. Nos jogos, os torcedores começam a me perturbar com o *slogan*, Vamos lá, Andre! Imagem é tudo! Eles gritam isso se eu demonstro emoção, e também se não demonstro emoção nenhuma. Gritam quando eu ganho e também quando eu perco.

Essa frase, presente em todos os lugares, somada à onda de hostilidade, críticas e ao sarcasmo que ela provoca, é muito dolorosa. Eu me sinto traído – pela agência de publicidade, pelos executivos da Canon, pela mídia, pelos torcedores. Sinto-me abandonado. Sinto-me como me senti quando cheguei à Bollettieri Academy.

A máxima indignidade, porém, é quando as pessoas insistem que *eu disse* que sou uma imagem vazia, que proclamei isso, simplesmente porque falei essa frase num comercial. Tratam esse *slogan* ridículo como se fosse minha confissão. É a mesma coisa que mandar prender Marlon Brando por assassinato por causa de uma fala em *O poderoso chefão*.

Conforme a campanha publicitária se amplia e esse *slogan* horrível passa a aparecer em todas as reportagens escritas sobre mim, eu mudo. Construo uma defesa, um lado hostil. Paro de dar entrevistas. Começo a descontar nos juízes de linha, nos adversários, repórteres – até nos fãs. Eu me sinto no direito de agir assim porque o mundo está contra mim, o mundo está tentando me esmagar. Estou me transformando no meu pai.

Quando a plateia vaia, quando gritam *Imagem é tudo*, eu grito de volta. *Assim como vocês não me querem aqui, eu também não quero estar aqui!* Em Indianápolis, depois de uma derrota terrível e de uma sonora vaia, um repórter vem me perguntar o que saiu errado. Você não parecia você hoje, ele diz com um sorriso que não é bem um sorriso. Há alguma coisa te aborrecendo?

Sem medir palavras, mando ele se foder.

Ninguém jamais me aconselhou a não tratar mal os jornalistas. Ninguém se preocupou em alertar que ser ríspido, mostrar os dentes para eles, deixa a imprensa ainda mais furiosa. Não se deve demonstrar medo, mas também não convém demonstrar fúria. Mas, ainda que alguém me desse esse conselho sensato, não sei se conseguiria segui-lo.

Em vez disso, prefiro me esconder. Eu me comporto como um fugitivo, e meus companheiros de isolamento são Philly e J.P. Todas as noites, vamos a um antigo café na Strip, um lugar chamado Peppermill. Tomamos xícaras e mais xícaras de café, comemos tortas, conversamos sem parar – e cantamos. J.P. trocou a vida de pastor pela de compositor. Mudou-se para Orange County e passou a dedicar sua vida à música. Junto com Philly, cantamos as nossas canções favoritas até que os outros clientes do Peppermill começam a se virar para olhar para nós.

J.P. também é um comediante frustrado, admirador de Jerry Lewis, e com suas graças Philly e eu quase não aguentamos de tanto rir. Depois, tentamos entrar na dele e fazer coisas engraçadas também. Dançamos ao redor da garçonete, engatinhamos pelo chão e às vezes rimos a ponto de perder o fôlego. Rio mais do que ri a minha infância inteira e, apesar de uma dose de histeria, essas risadas ajudam a curar feridas. Durante algumas horas, tarde da noite, o riso faz com que eu me sinta o antigo Andre, seja ele quem for.

Capítulo 10

Não muito longe da casa do meu pai fica o amplo *campus* da Universidade de Nevada – Las Vegas, que, em 1989, começa a ganhar projeção por causa das equipes esportivas. O time de basquete é poderoso, com astros do nível da nba, e o time de futebol americano também melhora a olhos vistos. Os Runin' Rebels são famosos pela velocidade e por seu excelente condicionamento. Além disso, eles são os Rebels – o meu tipo de mascote. Pat acha que deve haver alguém na universidade capaz de me ajudar a entrar em forma, quando ele está fora da cidade.

Um dia, vamos para o *campus* e nos dirigimos ao ginásio, que eu acho tão intimidador quanto a Capela Sistina. Tantos corpos perfeitos, tantos homens enormes. Eu tenho 1,78 metro, peso 67 quilos e as roupas da Nike ficam bem folgadas em mim. Digo a mim mesmo que isto é um erro. Além de me sentir terrivelmente inferiorizado, ainda me sinto deslocado numa instituição acadêmica, seja lá qual for.

Pat, quem estou enganando? Aqui não é o meu lugar.

Mas estamos aqui, responde ele, cuspindo.

Encontramos a sala do treinador de força. Digo a Pat para esperar; eu entro e falo com o cara. Enfio a cabeça na porta e ali, do outro lado da sala, atrás de uma mesa do tamanho do meu Corvette, vejo um gigante ao vivo. Ele parece a estátua de Atlas instalada na entrada do Rockefeller Center, que eu vi na primeira vez em que participei do Aberto dos Estados Unidos, a não ser pelo fato de que este Atlas aqui tem longos cabelos pretos e olhos escuros, grandes e redondos, como os pesos distribuídos ordenadamente pelo ginásio. Ele me dá a sensação de ser capaz de esmagar a primeira pessoa que o incomodar.

Dou um pulo para trás.

Vai você, Pat.

Pat entra na sala. Escuto a voz dele dizendo algo e depois um som de barítono em resposta. Parece um motor de caminhão. Pat me chama.

Prendo a respiração e outra vez apareço na porta.

Olá, eu digo.

Olá, responde o gigante.

Ahn, bem, meu nome é Andre Agassi. Jogo tênis e, ahn, moro em Las Vegas, e...

Eu sei quem você é.

Ele fica em pé. Mede 1,80 metro; 1,40 só de peito. Por um momento, imagino que ele consegue virar aquela mesa enorme se estiver com raiva. Em vez disso, ele dá a volta e me estende a mão, a maior que eu vi na vida. A mão é proporcional aos ombros, bíceps e pernas, todos imensos para mim.

Gil Reyes, ele se apresenta.

Prazer em conhecê-lo, sr. Reyes.

Pode me chamar de Gil.

Tudo bem. Gil. Sei que você deve estar bastante ocupado e não quero tomar o seu tempo. Só queria saber, quer dizer, Pat e eu estamos querendo saber se podemos conversar sobre as chances de usar estas instalações, de vez em quando. Eu realmente preciso melhorar meu

condicionamento.

Claro, ele responde. A voz dele me faz pensar no fundo do mar e no centro da Terra. Mas, além de profunda, a voz é suave.

Ele nos mostra o local e nos apresenta a vários alunos atletas. Falamos sobre tênis, basquete, suas diferenças e semelhanças. Aí o time de futebol americano entra.

Desculpe, diz Gil. Preciso falar com os camaradas. Fiquem à vontade. Usem os aparelhos ou pesos que quiserem. Mas, por favor, tomem cuidado. E sejam discretos. Tecnicamente falando, vocês sabem, isso é contra as regras.

Obrigado.

Pat e eu levantamos alguns pesos, fazemos exercícios para as pernas, flexões, mas estou mais interessado em observar Gil. Os jogadores de futebol americano o cercam e ouvem o que ele diz com respeito. Ele parece um general espanhol orientando seus conquistadores. Ele dá as ordens. Você, neste banco. Você, para aquele aparelho. E você, faça tal exercício. Enquanto ele fala, ninguém desvia o olhar. Ele não pede a atenção dos jogadores, simplesmente a monopoliza. Finalmente, Gil manda formar uma roda e se aproximar; lembra que o segredo está no esforço, apenas no esforço. Todos se reúnem e estendem as mãos dadas. Uma sobre a outra, Um, dois, três: *Rebels*!

Eles se afastam e cada um vai para o seu exercício. E eu penso em como me sentiria melhor se fizesse parte de um time.

Pat e eu vamos ao ginásio da universidade todos os dias e, enquanto faço o trabalho com pesos e outros exercícios, sinto que Gil nos observa. Percebo que ele notou quanto estou fora de forma, e que os outros atletas também notaram. Eu me sinto um amador e muitas vezes quero ir embora, mas Pat sempre me impede.

Depois de algumas semanas, Pat precisa voltar para o leste do país. Problemas de família. Bato na porta da sala de Gil e conto que Pat precisou se ausentar, mas deixou um programa para eu seguir. Mostro o papel que Pat deixou e pergunto a Gil se ele poderia me ajudar.

Claro, responde ele. Mas parece um pouco contrariado.

A cada exercício, Gil sobe uma sobrancelha. Ele avalia o programa deixado por Pat, vira o papel nas mãos, franze a testa. Eu peço que ele me diga o que está pensando, mas ele só faz cara de preocupado.

Ele pergunta: Qual o objetivo deste exercício?

Não sei muito bem.

Me diga há quanto tempo você vem fazendo isso.

Há bastante tempo.

Imploro para ele falar abertamente.

Não quero desmerecer o trabalho de ninguém, ele avisa. Também não quero ser inoportuno, mas não dá para mentir para você. Se alguém consegue colocar num papel a rotina de treino de uma pessoa, então essa rotina não vale nem o papel. Você está me pedindo para ajudá-lo num programa que não considera quem você é, como você se sente, qual aspecto exige mais dedicação. Não permite nenhuma *mudança*.

Faz sentido. Mas você pode me ajudar? Talvez dar algumas dicas?

Bem, vejamos. Quais são os seus objetivos?

Falo sobre a recente derrota para Alberto Mancini, da Argentina. Ele levou a melhor

fisicamente, me fazendo ir de um lado a outro como um valentão na beira da praia jogando areia na minha cara. Eu estava com o jogo ganho, tinha tudo para ganhar, mas não consegui derrotá-lo. Estava sacando para o match point e Mancini quebrou o meu saque, depois ganhou o tiebreak, depois quebrou de novo o meu saque três vezes no quinto set. Fiquei perdido. Preciso me fortalecer para que isso não volte a acontecer. Perder é uma coisa; ser massacrado é outra. Não posso mais aceitar essa situação.

Gil me ouve, sem se mexer nem me interromper, absorvendo o que digo.

Aquela bola felpuda faz alguns movimentos que parecem ter vida própria, e eu não consigo controlá-la o tempo todo. Mas uma coisa que eu acho que posso controlar é o meu corpo. Pelo menos, acho que poderia controlar, se tivesse as informações certas.

Gil enche seu imenso peito de ar e expira devagar.

Ele pergunta: Como está sua agenda?

Estarei fora as próximas cinco semanas. Vou jogar em quadras de piso duro, nos torneios de verão. Quando eu voltar, seria realmente uma honra se pudéssemos trabalhar juntos.

Tudo bem, concorda Gil. Vamos dar um jeito. Boa sorte na sua viagem. Nos vemos na volta.

No Aberto dos Estados Unidos de 1989, volto a enfrentar Connors nas quartas de final. É a primeira vitória de cinco sets da minha carreira, depois de cinco derrotas seguidas. Mas, por algum motivo, isso só serve para atrair mais críticas: eu deveria ter derrotado Connors em três sets. Alguém declara que me ouviu gritar para o meu irmão Philly: Vou levar até o quinto set para fazer ele sofrer mais!

Mike Lupica, colunista do *Daily News* de Nova York, aponta dezenove erros não forçados no terceiro set e diz que levei Connors até o quinto set para provar que consigo chegar lá. Ou seja: quando não me acusam de perder de propósito, condenam minha forma de vencer.

Quando volto para o ginásio da universidade, vejo no rosto de Gil que ele estava me esperando. Apertamos as mãos. É o começo de algo novo.

Ele me conduz por entre as estantes de pesos e afirma que muitos exercícios que eu estava fazendo estavam errados, muito errados, mas que o jeito como eu fazia era pior ainda. Diz que estou preparando um desastre e vou acabar prejudicando o meu corpo.

Ele me dá uma aula geral sobre a mecânica do corpo, a física, a hidráulica e a arquitetura da anatomia humana. Para saber o que o seu corpo quer, ele diz, é preciso ser um pouco engenheiro, um pouco matemático, um pouco artista e algo místico.

Não sou muito bom em aulas expositivas, mas, se todas fossem como as de Gil, eu ainda estaria na escola. Absorvo cada dado, cada esclarecimento, com a certeza de que nunca vou esquecer uma só dessas palavras.

É incrível, conta Gil, como existem besteiras sobre o corpo humano, como conhecemos pouco o nosso próprio corpo. Por exemplo: as pessoas puxam peso sobre superfícies inclinadas para trabalhar o peitoral. Mas não faz sentido, conta ele. Não faço esse tipo de exercício há trinta anos. Você acha que meu peito seria maior se eu fizesse?

Não.

Esses exercícios abdominais que você faz, como se levasse um peso nas costas enquanto sobe uma escada, sabe? São bons para provocar lesões catastróficas. E você tem sorte por ainda não ter acabado com o seu joelho.

Como assim?

Tem a ver com os ângulos, Andre. Num ângulo, você aciona o quadríceps. Ótimo, muito bom. Em outro, você aciona o joelho, colocando uma pressão enorme nessa articulação. Faça isso um monte de vezes e pronto – o estrago estará feito.

Os melhores exercícios, Gil explica, usam a força da gravidade. Ele me explica como usar a gravidade e a resistência para forçar um músculo, de forma a fortalecê-lo. Mostra como fazer exercícios corretos e seguros para os bíceps. Depois me mostra um quadro com desenhos dos músculos, braços, articulações, tendões. Fala sobre arco e flecha, demonstra os pontos de pressão de um arco quando ele é esticado para trás e usa esse modelo para explicar o que acontece com as minhas costas, por que elas doem depois de um jogo ou de malhar na academia.

Conto a ele sobre minha coluna, meu problema de espondilolistese, a vértebra fora do lugar. Ele anota tudo, diz que vai pesquisar o problema em livros de medicina e descobrir o que puder para mim.

Em resumo, ele diz, se você continuar fazendo o que faz, terá uma carreira curta. Problemas bem sérios de coluna, problemas nos joelhos. Além disso, se continuar erguendo pesos do jeito que eu vi, terá problemas nos cotovelos.

Enquanto explica tudo isso, Gil às vezes disseca a palavra. Ele gosta de enfatizar um ponto soletrando a palavra-chave. Gosta de esmiuçar as palavras para mim, desmembrá-las, mostrar o que significam em sua essência, como uma noz dentro da casca. *Caloria*, por exempo. Gil me conta que a palavra vem do termo em latim *calor*, uma medida térmica. Gil explica que as pessoas acham que as calorias são ruins, mas nós precisamos de calor. Com os alimentos, abastecemos o forno natural que é o nosso corpo. Como isso pode ser ruim? É *quando* você come, *quanto* come, os alimentos que *escolhe* que fazem a diferença.

As pessoas acham que comer é ruim, esclarece Gil, mas temos de avivar nosso fogo interior.

Isso mesmo, eu penso. Meu fogo interior precisa ser avivado.

Falando em fogo, Gil menciona informalmente que detesta tempo quente. Não consegue suportá-lo. Tem uma sensibilidade incomum a altas temperaturas, e sua ideia de tortura é ficar sentado ao sol. Ele liga o ar-condicionado.

Anoto isso.

Conto sobre as corridas com Pat na Colina das Cascavéis, sobre como eu me sentia quando chegávamos ao alto. Ele pergunta: Quanto vocês corriam por dia?

Uns oito quilômetros.

E por quê?

Não sei.

Você já correu tudo isso durante uma partida?

Não.

Com qual frequência você corre mais de cinco passos numa direção antes de parar?

É raro.

Não entendo nada de tênis, mas a *minha* impressão é que, no terceiro passo, o melhor seria pensar em parar. Senão, você bate na bola e continua correndo, o que significa que estará fora de posição para a próxima rebatida. O segredo está em acelerar, bater, parar e pisar no freio e depois voltar depressa para a posição central. Pelo que eu vejo, o seu esporte não depende de

corrida, mas de saber começar e saber parar. Você precisa se concentrar em fortalecer os músculos necessários para sair correndo e parar.

Dou risada e digo que talvez essa seja a coisa mais sensata que já ouvi alguém falar sobre tênis.

Quando chega a hora de fechar o ginásio, à noite, ajudo Gil a limpar o lugar e apagar as luzes. Nós nos acomodamos no meu carro e começamos a conversar. Um dia ele percebe que meus dentes estão batendo.

Mas este carro tão moderno não tem aquecedor?

Tem, sim.

E por que você não liga?

Por que você disse que não gosta de calor.

Ele fica imóvel. Diz que não consegue acreditar que eu me lembrei disso. Ele não aguenta pensar que estou passando frio por causa dele. Liga o aquecedor no máximo. Continuamos conversando, e logo noto as gotas de suor se formando na sobrancelha e sobre os lábios de Gil. Desligo o aquecedor e abro as janelas. Conversamos por mais meia hora, até ele perceber que estou ficando roxo de frio. Desse jeito, abrindo e fechando as janelas e demonstrando nosso respeito um pelo outro, ficamos conversando até de madrugada.

Conto a ele minha história. Meu pai, o dragão, Philly, Perry. Falo sobre minha ida forçada para a Bollettieri Academy. Aí ele me conta a história dele. Fala sobre a infância no subúrbio de Las Cruces, no Novo México. Sua família era de lavradores. Cultivavam nozes pecã e algodão. Trabalho pesado. No inverno, colheita das nozes; no verão, colheita do algodão. Mas aí a família mudou-se para a região leste de Los Angeles, e Gil cresceu rápido no duro ambiente das ruas.

Era uma guerra, conta ele. Levei até tiro. Ainda tenho a bala na minha perna. Além disso, não falava inglês, só espanhol, e ficava na escola injuriado, sem abrir a boca. Aprendi inglês lendo Jim Murray no *Los Angeles Times* e ouvindo Vin Scully narrar os jogos do Dodger no rádio. Eu tinha um aparelho pequeno, toda noite ouvia a kabc. Vin Scully foi meu professor de inglês.

Depois de dominar o idioma, Gil decidiu aprender a cuidar do corpo que Deus lhe deu.

Ele diz: Só os fortes sobrevivem, não é? Bom, não dava para treinar com pesos numa academia, então a gente dava um jeito de improvisar. Os caras que tinham passado um tempo presos ajudavam a gente. Por exemplo, a gente pegava latas de café, enchia de cimento e colocava na ponta de uma vara. Pronto, já tínhamos peso para erguer. A mesa para a gente se deitar era feita de caixotes de leite.

Ele me contou como conseguiu chegar a faixa preta no caratê. Falou sobre 22 lutas profissionais das quais participou, inclusive uma da qual saiu com a mandíbula quebrada. Mas o cara não me nocauteou, ele arremata, orgulhoso.

Quando decidimos nos despedir, porque o céu já começava a clarear, eu aperto a mão de Gil com relutância e digo que estarei de volta no dia seguinte.

Eu sei, ele diz.

Treino com Gil durante todo o outono de 1989. Os progressos são muitos, e nosso relacionamento se fortalece. Dezoito anos mais velho do que eu, ele é para mim uma figura paterna. De certa forma, também me sinto um pouco como o filho que ele nunca teve. (Ele é

pai de três meninas.) É uma das poucas coisas sobre as quais não falamos. Tudo o mais é abordado com clareza.

Gil e sua esposa, Gaye, seguem uma tradição muito querida. Toda quinta-feira à noite, cada um na família pode pedir o que quiser para o jantar e Gaye prepara. Uma das filhas quer cachorro-quente? Sem problemas. Outra prefere panquecas de chocolate? Ela faz. Crio o hábito de passar na casa de Gil às quintas, para provar cada delícia. Em pouco tempo, começo a jantar com a família um dia sim, outro não. Quando fica muito tarde ou não tenho vontade de dirigir até em casa, durmo no chão da casa dele.

Gil tem outra tradição. Ele acha que, não importa quanto uma pessoa pareça desconfortável, se ela está dormindo não está tão desconfortável assim e não deve ser acordada. Por isso, ele nunca me desperta. Apenas joga uma coberta leve em mim e me deixa dormir até de manhã.

Escuta, ele me diz um dia, você sabe que a gente adora que você fique aqui. Mas eu preciso perguntar. Um cara boa-pinta, com muita grana no bolso, que pode ir aonde quer – e mesmo assim vem para a minha casa comer cachorro-quente às quintas-feiras. Depois dorme encolhido no chão duro.

Gosto de dormir no chão. É melhor para as minhas costas.

Não estou falando do chão. Estou falando da minha casa. Você tem certeza de que quer ficar aqui? Deve ter outros lugares melhores para você.

Não consigo imaginar nenhum lugar onde eu queira estar, Gil.

Ele me dá um abraço. Eu achava que sabia o que era um abraço, mas descobri que só dá para saber o que é isso quando o abraço vem de um cara com um peito de 1,40 metro.

Na véspera do Natal de 1989, Gil pergunta se quero passar a noite na casa deles, comemorar a data com sua família.

Pensei que você jamais pediria.

Enquanto Gaye assa biscoitos e as meninas estão no andar de cima dormindo, Gil e eu nos sentamos no chão da sala para montar alguns presentes que Papai Noel “trouxe”. Digo a Gil que não me lembro de ter me sentido tão tranquilo na vida.

Você não estaria curtindo mais se estivesse numa festa? Com amigos?

Estou onde quero estar, Gil.

Paro de montar um brinquedo que está na minha mão e olho para Gil. Digo a ele que nunca me senti dono da minha vida, nem por um único dia. Que ela sempre pertenceu a outra pessoa. Primeiro, ao meu pai. Depois, a Nick. E sempre, sempre ao tênis. Até meu corpo não me pertencia até eu conhecer Gil, que está fazendo o que, em teoria, os pais deveriam fazer: fortalecer os filhos.

Por isso, Gil, aqui com você e sua família, pela primeira vez na vida eu sinto que estou onde quero estar.

Entendi, Andre. Assunto encerrado, Feliz Natal, filho.

Capítulo 11

Se eu tenho de jogar tênis, o esporte mais solitário que existe, então, fora das quadras, sem dúvida vou me cercar do máximo de pessoas possível. E cada uma terá seu papel específico. J.P. cuidará da minha alma atribulada. Nick vai ajudar com os aspectos básicos do meu jogo. Philly vai me auxiliar nos detalhes, nas providências, e vai me dar respaldo.

Os jornalistas esportivos zombam de mim por causa da minha *entourage*. Dizem que viajo com tanta gente assim porque isso alimenta o meu ego. Falam que preciso de todo esse pessoal ao meu redor porque não sei ficar sozinho. Eles têm razão. Não gosto de ficar sozinho. Mas essas pessoas à minha volta não são uma comitiva, são uma equipe. Eu preciso delas pela companhia, para me dar conselhos e para manter uma educação contínua. São a minha equipe, mas também meus gurus, meu painel de vencedores, de campeões. Eu os estudo e também aproveito coisas deles. Adoto uma expressão de Perry ou um caso contado por J.P., uma pose ou um gesto de Nick. Aprendo sobre mim mesmo, me educo pela imitação. De que outra maneira poderia fazê-lo? Passei a infância numa câmara de isolamento, e minha adolescência numa câmara de tortura.

Na verdade, em vez de diminuir a minha equipe quero aumentá-la. Quero acrescentar Gil oficialmente. Quero contratá-lo, em tempo integral, para me ajudar a aumentar a força e melhorar meu condicionamento físico. Ligo para Perry em Georgetown e conto a ele que estou com um problema.

Que problema?, ele pergunta. Você quer trabalhar com Gil? Então contrate o Gil.

Mas você tem Pat. O chileno cuspidor. Eu simplesmente não posso *demitir* o cara. Não consigo demitir ninguém. Mesmo que conseguisse, como iria pedir ao Gil que largasse um emprego importante, que paga bem, na Universidade de Las Vegas, para trabalhar exclusivamente comigo? Que porra de cara sou eu?

Perry diz que eu mande Nick transferir Pat, para que trabalhe com os outros tenistas dos quais Nick é o técnico. Depois, ele diz, sente com o Gil e faça a proposta. Deixe que ele decida.

Em janeiro de 1990, pergunto a Gil se ele me daria a grande honra de trabalhar comigo, viajar comigo, me treinar.

Largar meu emprego na universidade?

É.

Mas não sei nada de tênis.

Não se preocupe, eu também não.

Ele ri.

Gil, acho que posso fazer muita coisa. Acho que posso fazer... *coisas*. Mas depois do pouco tempo que passamos juntos, tenho uma certeza razoável de que só conseguirei fazer isso com a sua ajuda.

Eu não preciso repetir a proposta. Está bem, responde. Eu gostaria de trabalhar com você.

Ele não pergunta quanto lhe pagarei. Não menciona a palavra *dinheiro*. Diz que somos duas almas afins, embarcando numa grande aventura. Que sabia isso quase desde o primeiro dia em que nos vimos. Diz que eu tenho um destino. Que sou como Lancelot.

Quem é esse?

Sir Lancelot. Sabe, do rei Arthur. Os Cavaleiros da Távola Redonda. Lancelot era o principal cavaleiro de Arthur.

Ele matou dragões?

Todo cavaleiro mata dragões.

Só há um obstáculo no nosso caminho. Gil não tem um ginásio em casa. Ele precisa converter sua garagem num ginásio em grande escala – o que vai demorar muito, porque ele próprio quer construir os aparelhos de peso.

Construí-los?

Quero soldar o metal, fazer os cabos e as roldanas com as minhas próprias mãos. Não quero deixar nada ao acaso. Não quero que você se machuque. Pelo menos não no meu turno.

Penso no meu pai, construindo suas máquinas de bolas e foles, e imagino que essa é mesmo a única coisa que ele e Gil têm em comum.

Até o ginásio de Gil estar terminado, continuamos a malhar na universidade. Ele mantém o emprego, trabalha com o time de basquete dos Rebels durante uma temporada brilhante, culminando com uma vitória explosiva sobre o time da Duke, pelo título nacional. Depois de concluídas suas obrigações, quando o ginásio da casa dele estiver *quase* terminado, Gil diz que estará pronto.

Andre, agora, *você* está pronto? Pela última vez, você tem certeza de que quer fazer isso?

Gil, tenho mais certeza disso do que jamais tive a respeito de qualquer outra coisa que eu já fiz.

Eu também.

Ele diz que vai até a universidade hoje de manhã para devolver as chaves.

Horas mais tarde, na hora em que sai da universidade, lá estou eu, esperando. Ele ri quando me vê e vamos comer cheeseburgers, para comemorar esse início de colaboração.

Algumas vezes uma sessão de musculação com Gil é, na verdade, um papo. Não tocamos num único peso. Sentamos nos bancos e conversamos livremente. Há muitas maneiras de ficar forte, Gil diz, e algumas vezes conversar é a melhor delas. Quando ele não está me ensinando alguma coisa a respeito do meu corpo, estou ensinando a ele alguma coisa sobre tênis, sobre a vida durante uma turnê. Conto a ele como o jogo é organizado, o circuito dos torneios menores e os quatro principais, ou Grand Slams, que todos os jogadores usam como parâmetro. Conto-lhe a respeito do calendário do tênis, como começamos o ano do outro lado do mundo, no Aberto da Austrália, e depois simplesmente vamos seguindo o caminho do sol. Depois vem a temporada do saibro, na Europa, que culmina em Paris, com o Aberto da França. Depois vem junho, a temporada da grama e Wimbledon. Ponho a língua para fora e faço uma careta. Depois vem o verão, a temporada de quadras em piso duro, que fecha com o Aberto dos Estados Unidos. Depois a temporada de quadras cobertas – Stuttgart, Paris, o Campeonato Mundial. É tudo muito parecido com o Dia da Marmota.[3] Os mesmos locais, os mesmos adversários, só os anos e os escores são diferentes – e, ao longo do tempo, os escores todos se empilham como números de telefone.

Tento falar com Gil a respeito da minha psique. Começo do início, falo da minha verdade central.

Ele ri. Você na verdade não *detesta* o tênis, ele diz.

Detesto, Gil, detesto mesmo.

A expressão do seu rosto muda e fico imaginando se ele está pensando que abandonou o emprego na universidade cedo demais.

Se isso é verdade, por que jogar?

Não tenho competência para mais nada. Não sei fazer nenhuma outra coisa. O tênis é a única coisa para a qual estou qualificado. Além disso, meu pai teria um ataque se eu quisesse me dedicar a algo diferente.

Gil coça a orelha. Isso é novidade para ele. Gil conheceu centenas de atletas, mas nunca ouviu nenhum que detestasse o atletismo. Ele não sabe o que dizer. Tranquilizo-o, observando que não há nada a dizer. Eu mesmo não entendo. Só consigo dizer que é assim.

Também conto a Gil sobre a derrocada de a "imagem é tudo". Sinto, de algum modo, que ele precisa saber disso, para avaliar onde está se metendo. A coisa toda me faz ficar com raiva, mas agora a raiva foi mais fundo. É difícil falar a respeito, difícil compreender. Parece que tenho uma poça de ácido na boca do estômago. Quando ouve meu relato, Gil também fica indignado, mas ele tem menos dificuldade para explodir num acesso de raiva. Quer expressar essa emoção imediatamente. Quer socar um ou dois executivos de publicidade. Ele diz: Algum imbecil desocupado em Madison Avenue arma uma campanha publicitária idiota, faz você dizer uma frase para uma câmera, e isso quer dizer alguma coisa a seu respeito?

Milhões de pessoas acham que sim. E dizem isso. E escrevem isso.

Eles se aproveitaram de você, diz ele. Pura e simplesmente. Não é sua culpa. Você não sabia o que estava dizendo, não sabia como aquilo seria ouvido, distorcido, mal interpretado.

Nossas conversas se estendem mais além da sala de pesos. Saímos para jantar. Saímos para o café da manhã. Falamos ao telefone seis vezes por dia. Ligo para Gil tarde, uma noite, e conversamos durante horas. À medida que a conversa esmorece, ele pergunta: Você quer vir amanhã e dar uma malhada?

Adoraria, mas estou em Tóquio.

Estamos falando há três horas e você está em Tóquio? Achei que estivesse do outro lado da cidade. Eu me sinto culpado, cara. Eu te alugando todo este...

Ele se interrompe. Diz: Sabe o que mais? Não me sinto culpado. Não. Sinto-me honrado. Você precisava conversar comigo e não importa se está em Tóquio ou em Timbuktu. Tudo bem, cara, saquei.

Desde o início, Gil mantém um registro meticuloso dos meus exercícios. Ele compra um caderno de capa marrom e anota cada sequência, cada série, cada exercício – todos os dias. Registra meu peso, minha dieta, meu pulso, minhas viagens. Nas margens, desenha diagramas e até imagens. Diz que quer tabelar o meu progresso, compilar uma base de dados que sirva de referência para os anos seguintes. Está fazendo um estudo a meu respeito, para reconstruir minha evolução desde o início. Parece Michelangelo, avaliando um bloco de mármore, mas Gil não se deixa desanimar por minhas deficiências. É como da Vinci anotando tudo. Vejo nos cadernos de Gil, no cuidado que ele tem com eles, no jeito como nunca pula um dia, que eu o inspiro, e isso me inspira.

Não é preciso dizer que Gil vai viajar comigo para muitos torneios. Ele deve observar meu condicionamento em jogo, monitorar minha alimentação, certificar-se de que estou sempre hidratado. (Mas não apenas hidratado. Gil tem um preparado especial de água, carboidratos e eletrólitos que preciso beber na noite anterior a cada jogo.) O treinamento dele não termina

quando estamos em trânsito. Pelo contrário, torna-se mais importante durante as viagens.

Combinamos que a nossa primeira viagem juntos será em fevereiro de 1990, para Scottsdale. Digo a Gil que precisamos estar lá umas duas noites antes do início do torneio, para o *hit-and-giggle*.

Hit e quê?

É uma exibição com algumas celebridades a fim de levantar recursos para obras de caridade, fazer os patrocinadores corporativos se sentir bem, divertir os fãs.

Parece gostoso.

E o melhor é que vamos no meu Corvette novo. Mal consigo esperar para te mostrar como ele corre.

Mas, quando estaciono em frente à casa de Gil, percebo que talvez essa não tenha sido uma boa ideia. O carro é muito pequeno, e Gil é muito grande. O carro é tão pequeno que faz Gil parecer ter o dobro do tamanho. Ele se contorce para caber no assento do passageiro e, mesmo assim, tem de se inclinar para o lado, e depois disso a cabeça dele ainda bate no teto. O Corvette parece que vai desmontar a qualquer momento.

Ao ver Gil espremido e desconfortável, fico ainda mais motivado a correr. Claro que não preciso de nenhum incentivo extra nesse Corvette. O carro é supersônico. Ligamos a música e voamos para fora de Las Vegas, através da represa Hoover, na direção da escarpada floresta de agaves espinhosos do noroeste do Arizona. Resolvemos parar para o almoço nos arredores de Kingman. A perspectiva de comer, combinada com a velocidade do Corvette, a música alta e a presença de Gil me fazem pisar fundo no acelerador. Entramos em Mach 1. Vejo Gil fazer uma careta e rodar um dedo. Olho no retrovisor – uma patrulha rodoviária a centímetros do para--choque traseiro.

O policial rapidamente me passa uma multa por excesso de velocidade.

Não é a minha primeira, digo a Gil, que sacode a cabeça.

Em Kingman, paramos no Carl's Jr. e matamos um almoço enorme. Nós dois adoramos comer e ambos temos um fraco por *fast-food*, de modo que escapamos da tabela de valores nutricionais pedindo batatas fritas, e depois repetimos o pedido, enchendo outra vez nossos copos de refrigerante. Quando espremo Gil de volta no Corvette, me dou conta de que estamos bem atrasados em nosso plano de viagem. Precisamos repor o tempo. Piso fundo e voo de volta para a u.s.-95. Até Scottsdale são 322 quilômetros. Duas horas de estrada.

Vinte minutos mais tarde Gil faz o mesmo gesto com o dedo.

Agora é um policial diferente. Pega meus documentos, o registro do carro e pergunta: Você recebeu recentemente uma multa por excesso de velocidade?

Olho para Gil, e ele franze a testa.

Bem, se você considerar uma hora atrás *recente*, então, sim, seu guarda, recebi.

Espere aqui.

Caminha até o carro dele. Volta um minuto depois.

O juiz quer que você volte a Kingman.

Kingman? O quê?

Venha comigo, senhor.

Venha com... e o carro?

Seu amigo pode dirigi-lo.

Mas, não posso apenas seguir o senhor?

Senhor, o senhor vai ouvir tudo o que eu disser e fazer tudo o que eu mandar. É por isso que o senhor não está voltando a Kingman algemado. O senhor vai se sentar no banco traseiro do meu carro e seu amigo nos seguirá. Agora. Saia.

Estou no banco traseiro de um carro de polícia, e Gil nos seguindo no Corvette, rente a ele como um espartilho de barbatanas de baleia. Estamos no meio do nada e eu escuto os acordes metálicos malucos dos banjos de *Deliverance*. São necessários 45 minutos para chegarmos até o tribunal municipal de Kingman. Sigo o patrulheiro por uma porta lateral e vejo-me diante de um juiz pequeno e idoso, usando um chapéu de caubói e uma fivela no cinto do tamanho de uma fôrma de torta.

Os banjos estão ficando mais ruidosos.

Olho em torno em busca de um certificado na parede, alguma coisa que prove que aquilo é mesmo um tribunal e que ele é realmente um juiz. Só vejo cabeças de animais mortos.

O juiz começa a fazer uma série de perguntas a esmo.

Você vai jogar em Scottsdale?

Vou, sim senhor.

Você já jogou nesse torneio?

Ahn... já, senhor.

Que tipo de saque você tem?

Perdão?

Com quem vai jogar na primeira rodada?

Acaba que o juiz é fã de tênis. Além disso, tem acompanhado de perto minha carreira. Ele acha que eu deveria ter vencido Courier no Aberto da França. Tem montes de opiniões a respeito de Connors, Lendl, Chang, a situação atual do tênis, a falta de grandes jogadores norte-americanos. Depois de compartilhar suas opiniões comigo, generosamente, durante 25 minutos, ele pergunta: Você se incomoda de assinar alguma coisa para os meus filhos?

Sem problemas, senhor. Meritíssimo.

Assino tudo o que ele põe à minha frente, depois espero a sentença.

Tudo bem, diz o juiz. Condeno-o a infernizar os carinhas lá em Scottsdale.

Desculpe? Não enten... Quero dizer, meritíssimo, dirigi de volta até aqui, uns cinquenta quilômetros, certo de que ia para a cadeia, ou pelo menos, pagar uma multa.

Não! Não, não, não, eu só queria conhecê-lo. Mas é melhor você mandar seu amigo lá dirigir até Scottsdale, porque mais uma multa hoje e eu terei de mantê-lo em Kingman até que as vacas voltem do pasto.

Caminho para fora do tribunal, mas corro até o Corvette, onde Gil espera. Digo a ele que o juiz é um fã de tênis que queria me conhecer. Gil acha que estou mentindo. Peço a ele que simplesmente se afaste depressa do tribunal. Ele sai... lentamente. Em condições normais, Gil é um motorista cauteloso. Mas está tão nervoso com nossos encontros com os agentes da lei no Arizona que mantém o carro em sexta marcha e vai a menos de noventa quilômetros por hora até Scottsdale.

Naturalmente chego atrasado ao *hit and giggle*. Quando entramos no estacionamento do estádio visto meu uniforme de tênis. Paramos na guarita do segurança e digo ao guarda que estou sendo esperado, sou um dos principais jogadores desse evento. Ele não acredita. Mostro minha carteira de motorista, que felizmente ainda guardo comigo. Ele manda o carro passar.

Gil diz: Não se preocupe com o carro, tomo conta dele. Vai.

Agarro minha sacola de tênis e corro pelo estacionamento. Gil me conta mais tarde que, quando entrei na quadra, ele ouviu os aplausos. As janelas do Corvette estavam fechadas, mas, mesmo assim, ele ouviu a torcida. Nesse momento, ele teve uma percepção do que eu estava querendo lhe dizer. Após a controlada atuação perante o juiz do Velho Oeste, escutar o estádio saudando minha chegada com um rugido frenético, ele entendeu. Ele confessa que, até essa viagem, não percebera que a vida era tão... *insana*. Ele realmente não sabia no que estava se metendo. Eu digo a ele que somos dois.

Nós nos divertimos muito em Scottsdale. Vamos nos conhecendo mais, rapidamente, do jeito como você fica conhecendo as pessoas com quem viaja. Durante um jogo, no meio do dia, eu paro e espero que um funcionário do torneio se apresse com um guarda-sol até o lugar em que Gil está sentado. Ele está sob a luz direta do sol, suando furiosamente. Quando o funcionário entrega o guarda-sol a Gil, ele parece confuso. Depois olha para baixo, me vê acenar e entende. Abre um sorriso de mais de um metro e meio, e nós dois rimos.

Vamos uma noite jantar no Village Inn. É tarde, estamos comendo um prato que é meio jantar e meio café da manhã. Quatro caras entram no restaurante e se sentam num cubículo distante. Eles falam e riem do meu cabelo, das minhas roupas.

Provavelmente gay, diz um.

Definitivamente homo, diz seu companheiro.

Gil pigarreia, limpa a boca com um guardanapo de papel, me diz para curtir o resto da refeição. Para ele bastava.

Você não vai comer, Gilly?

Não, cara. A última coisa que quero durante uma briga é estar com a barriga cheia.

Depois que terminei, Gil diz que tem uns assuntos para tratar na mesa ao lado. Se alguma coisa acontecer, diz, eu não devo me preocupar – ele sabe como voltar para casa. Levanta-se muito lentamente. Aproxima-se dos quatro camaradas. Inclina-se sobre a mesa deles. A mesa range. Exibe sua força física para eles e diz: Vocês gostam de estragar a refeição dos outros? É assim que vocês gostam de passar o tempo, hein? Bom, então eu mesmo vou ter de fazer isso. O que vocês estão comendo aí? Hambúrguer?

Ele pega o hambúrguer do homem e come a metade, numa dentada.

Precisa *ketchup*, diz Gil, com a boca cheia. Sabe que mais? Agora estou com sede. Acho que vou tomar um gole do seu refrigerante. É. E depois acho que vou derramá-lo inteiro na mesa, quando largar o copo. Eu quero – *eu quero* – que um de vocês tente me impedir.

Gil toma um longo gole, depois, lentamente, quase tão devagar quanto dirige, derrama o resto do refrigerante sobre a mesa.

Nenhum dos quatro se mexe.

Gil larga o copo vazio e olha para mim. Andre, você está pronto para ir embora?

Não venci o torneio, mas não importa. Estou contente, feliz, quando retomamos a estrada de volta para Vegas. Antes de sair da cidade, paramos para um lanche no Joe's Main Event. Conversamos sobre o que acontecera nas últimas 72 horas e concordamos que essa viagem parece ser o início de outra maior. Em seu caderno Da Vinci, Gil me desenha algemado.

Do lado de fora, paramos no estacionamento e olhamos as estrelas. Sinto um amor arrebatador, uma enorme gratidão por Gil. Agradeço-lhe por tudo o que fez, e ele me diz que nunca mais preciso agradecer nada.

Depois me faz um discurso. Gil, que aprendera inglês em jornais e jogos de beisebol, apresenta um monólogo poético fluente, alegre, bem ali, do lado de fora do Joe's, e uma das coisas que eu realmente lastimo na vida foi não ter um gravador ali comigo. Mesmo assim, me lembro daquele discurso praticamente palavra por palavra.

Andre, eu jamais tentarei mudá-lo, porque nunca tentei mudar ninguém. Se eu pudesse mudar alguém, mudaria a mim mesmo. Mas sei que posso dar a você uma estrutura e um gabarito para alcançar o que quer. Há uma diferença entre um cavalo de tiro e um cavalo de corrida. Você não os trata da mesma maneira. A gente ouve todo esse papo a respeito de tratar as pessoas igualmente, e não tenho certeza se *igual* significa da mesma maneira. Pelo que me diz respeito, você é um cavalo de corrida, e eu sempre vou tratá-lo à altura. Serei firme, mas justo. Vou liderar, jamais empurrar. Não sou dessas pessoas que expressam ou manifestam sentimentos muito bem, mas, de agora em diante, apenas saiba disso: começou, cara. *Começou.* Você sabe do que estou falando? Estamos numa briga, e você pode contar comigo até só restar um único homem de pé. Em algum lugar lá em cima há uma estrela com seu nome escrito. Talvez eu não consiga ajudar você a encontrá-la, mas tenho ombros bastante fortes, e você pode ficar de pé sobre os meus ombros enquanto procura essa estrela. Ouviu? Durante o tempo que quiser. Suba nos meus ombros e estenda a mão, cara. Estenda a mão.

Capítulo 12

No Aberto da França de 1990 fui parar em todas as manchetes, jogando com roupas cor-de-rosa. Está na primeira página dos cadernos de esporte e, em alguns casos, nas páginas de notícias. *Agassi in the Pink.* Especificamente, calças de compressão cor-de-rosa sob shorts desbotados com ácido. Digo aos repórteres: Não é cor-de-rosa; tecnicamente, é Lava Quente. Fico espantado com o interesse deles. Fico espantado por eu me importar tanto que eles entendam direito. Mas meus sentimentos importam, prefiro que escrevam sobre a cor dos meus shorts do que sobre minhas falhas de caráter.

Gil, Philly e eu não queremos lidar com a imprensa, com a multidão, com Paris. Não gostamos de nos sentir estrangeiros, de nos perder, de perceber as pessoas olhando para nós porque falamos inglês. Então, nos trancamos no meu quarto do hotel, ligamos o ar-condicionado e pedimos que nos entreguem comida do McDonald's e do Burger King.

Nick, no entanto, tem um problema sério de claustrofobia. Ele quer sair, ver a paisagem. Cara, ele diz, estamos em Paris! Torre Eiffel? A porra do Louvre?

Já estive lá, já fiz isso, diz Philly.

Não quero nem chegar perto do Louvre. E não sou obrigado a ir. Posso fechar os olhos e ver aquele quadro assustador de um homem pendurado no penhasco enquanto o pai dele se agarra ao seu pescoço e os outros seres amados se penduram nas pernas desse pai.

Digo a Nick: Não quero ver nada, nem ninguém. Só quero ganhar esta porra e voltar para casa.

Passo facilmente pelas rodadas preliminares, jogando bem; depois enfrento Courier outra vez. Ele vence o primeiro set no tiebreak, mas se atrapalha e me dá o segundo. Ganho o terceiro e depois, no quarto, ele se encolhe e morre, 6-0. O rosto dele fica vermelho. O rosto dele fica Lava Quente. Quero dizer a ele: Espero que isso tenha sido bem chocante para você. Mas não digo. Talvez eu esteja amadurecendo. Sem dúvida, estou ficando mais forte.

Depois vem Chang. O campeão defensor. Jogo meio ressabiado porque ainda não consigo acreditar que ele tenha vencido um campeonato antes de mim. Invejo sua ética de trabalho, admiro sua disciplina em quadra – mas simplesmente não gosto do cara. Ele continua a dizer, sem escrúpulos, que Cristo está do lado dele da quadra, numa mistura de egoísmo e religião que me irrita. Acabo com ele em quatro sets.

Na semifinal, jogo com Jonas Svensson. Ele tem um saque maciço, que escoiceia como uma mula, e nunca tem medo de chegar até a rede. Mas joga melhor em pisos rápidos, de modo que me sinto bem em pegá-lo no saibro. Como ele tem uma devolução de forehand ampla, que sobe no ar, resolvo logo que vou forçar no seu backhand. Repetidamente ataco aquele backhand vulnerável e muito depressa estou na frente, com 5-1. Svensson não se recupera. Set, Agassi. No segundo set, fecho 4-0. Ele se recupera com 3-4. É o mais perto que o deixo chegar. Por mérito próprio, ele encontra um raio de confiança e ganha o terceiro set. Normalmente eu ficaria abalado. Mas neste ano eu olho para o meu camarote e vejo Gil. Ouço o discurso dele no estacionamento e venço o quarto set por 6-3.

Estou na final – até que enfim. Minha primeira final num campeonato. Enfrento Gómez, do

Equador, que eu acabara de vencer duas semanas atrás. Ele tem trinta anos, está às vésperas de se aposentar – na verdade, eu achava que ele já *tinha* se aposentado. Por fim, dizem os jornais, Agassi vai mostrar o seu potencial.

Aí, acontece a catástrofe. Na noite da véspera da final, estou tomando uma chuveirada e sinto a peruca que Philly tinha me comprado subitamente se desmanchar nas minhas mãos. Devo ter usado o tipo errado de condicionador. A trama está se desfazendo – o raio da coisa está se desmontando.

Num estado de pânico revoltante, chamo Philly ao meu quarto do hotel.

Puta desastre, digo a ele. Minha peruca – olha só!

Ele a examina.

Vamos deixá-la secar e depois prendê-la no lugar.

Com o quê?

Grampos para bobes de cabelo.

Ele corre Paris inteira à procura de grampos. Não consegue achar nada. Liga para mim e diz: Que diabo de cidade é esta? Eles não usam grampos?

No saguão do hotel ele encontra Chris Evert e lhe pede grampos. Ela não tem. Chris pergunta para que ele quer grampos. Ele não responde. Por fim, ele encontra uma amiga da nossa irmã Rita que tem um saco cheio de grampos. Ele me ajuda a ajeitar a peruca, coloca-a no lugar e consegue firmá-la com nada menos que vinte grampos.

Será que vai ficar no lugar?, pergunto.

Vai, vai. É só você não ficar se mexendo muito.

Nós dois soltamos um riso sombrio.

Claro que eu podia jogar sem a peruca. Mas, depois de meses e meses de escárnio, críticas e zombaria, fiquei muito constrangido. *Imagem é tudo*? O que diriam se soubessem que eu estava usando peruca o tempo todo? Ganhando ou perdendo, não falariam a respeito do meu jogo. Só do meu cabelo. Em vez de alguns garotos na Bollettieri Academy rindo de mim, ou dos 12 mil alemães na Copa Davis, o mundo inteiro iria rir. Posso fechar os olhos e praticamente ouvi-los. E sei que não dá para encarar.

No aquecimento durante o jogo, eu rezo. Não pela vitória, mas para que minha peruca fique no lugar. Em circunstâncias normais, eu estaria tenso por estar jogando minha primeira final de campeonato. Mas minha frágil peruca me fez ficar catatônico. Mesmo que não esteja escorregando, imagino que está. Cada vez que avanço para devolver uma bola, a cada salto, imagino-a aterrissando no saibro, como um falcão que meu pai abateu no céu. Dá para ouvir a torcida arfando. Posso ver milhões de pessoas subitamente chegarem mais perto da tv, virando-se umas para as outras em dúzias de línguas e dialetos, dizendo alguma versão de: será que o *cabelo* do Agassi acaba de cair?

Meu plano de jogo para Gómez reflete meus nervos em frangalhos, minha timidez. Sabendo que ele não tem pernas jovens, sabendo que vai se dobrar num quinto set, planejo espichar o jogo, orquestrar longos ralis, desgastá-lo. Quando o jogo começa, no entanto, fica claro que Gómez também sabe que idade tem, e então ele tenta acelerar tudo. Ele joga um tênis rápido, arriscado. Gómez vence o primeiro set com pressa. Perde o segundo, mas também às pressas. Agora, eu sei que estaremos ali no máximo por três horas, em vez de quatro, o que significa que o condicionamento não terá muita importância. Essa agora é uma partida de jogadas, do

tipo que Gómez pode vencer. Com dois sets completos e sem demorar muito, estou enfrentando um cara que vai estar em condições o tempo inteiro, mesmo se chegarmos ao quinto set.

É claro que o meu plano de jogo fracassou fatalmente desde o início. Patético, na verdade. Não poderia funcionar, não importa quanto tempo o jogo durasse, porque você não pode vencer uma final de campeonato jogando para não perder ou esperando que seu adversário perca. Minha tentativa de armar pontos demorados, com longas trocas de bola, simplesmente encorajou Gómez. Ele é um veterano que sabe que essa pode ser sua última chance num campeonato. O único jeito de vencê-lo é minar sua fé e sua vontade, é ser agressivo. Ele me vê jogando de modo conservador, orquestrando em vez de dominando, e isso o anima.

Ele vence o terceiro set. Quando começa o quarto, percebo que fiz outro cálculo errado. A maior parte dos jogadores, quando se cansa no final de um jogo, perde algum vigor nos saques. Tem dificuldade para permanecer em cima de pernas cansadas. Mas o saque de Gómez é uma estilingada. Ele nunca se levanta na ponta dos pés. Ele se inclina sobre a bola. Quando ele se cansa, portanto, ele se inclina ainda mais, e o efeito natural de estilingue se torna mais acentuado. Eu estava esperando que o saque dele ficasse mais fraco. Em vez disso ficou mais contundente.

Ao vencer o jogo, Gómez é excessivamente agradável e encantador. Ele chora, acena para as câmeras. Sabe que será um herói nacional em seu Equador natal. Imagino como é o Equador. Talvez eu me mude para lá. Talvez seja o único lugar em que eu consiga me esconder da vergonha que sinto neste momento. Sento-me no vestiário, com a cabeça baixa, imaginando o que dirão as centenas de colunistas e redatores de manchetes, sem falar nos meus colegas de profissão. Dá para ouvi-los, agora. A imagem é tudo, Agassi não é nada. O senhor Lava Quente é uma Trapalhada Quente.

Philly entra. Vejo em seus olhos que ele não apenas se solidariza – ele vive o momento. Isso é uma derrota dele também. Dói nele. Então ele diz a coisa certa, atingindo o tom certo, e sei que sempre o amarei por isso.

Vamos dar o fora desta porra de cidade.

Gil empurra o grande carrinho com as nossas bagagens pelo aeroporto Charles de Gaulle. Estou um passo à frente. Paro para olhar a tabela das chegadas e partidas. Gil não. O carrinho tem uma beirada de metal afiada, que me atinge no calcanhar de aquiles, delicado e exposto – estou usando mocassins sem meias. Um jorro de sangue espirra no chão brilhante. Depois outro. O calcanhar está sangrando abundantemente. Gil corre para pegar um curativo na mala, mas digo a ele para relaxar e ir com calma. É bom, digo. Adequado. Acho que devia haver um meio litro de sangue do meu calcanhar no chão, antes de sairmos de Paris.

Mais uma vez não jogo Wimbledon, porém treino muito com Gil o verão inteiro. A garagem da casa dele está terminada, cheia de uma dúzia de aparelhos feitos a mão e muitos outros detalhes exclusivos. Na janela, instalou um ar-condicionado maciço. No chão, aplicou um piso de grama artificial esponjosa. E, no canto, pôs uma velha mesa de sinuca. Jogamos *nine-ball* entre as repetições e as séries. Muitas noites, ficamos no ginásio até as quatro da manhã, Gil buscando novas formas de construir minha mente, minha confiança, além, naturalmente, do meu corpo. Ele ficou abalado com o Aberto da França, como eu. Uma manhã, antes de o sol se levantar, ele repassa algumas palavras que sua mãe sempre lhe diz.

Qué lindo es soñar despierto. Como é bom sonhar acordado. Sonhe enquanto estiver acordado, Andre. Qualquer um pode sonhar enquanto dorme, mas você precisa sonhar o tempo inteiro, contar seus sonhos em voz alta e acreditar neles.

Em outras palavras, no final de um campeonato, devo sonhar. Devo jogar para ganhar.

Agradeço a Gil. Dou-lhe um presente. É um colar com uma pirâmide de ouro, e dentro da pirâmide estão três argolas. Representam o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Eu o desenhei e pedi a um joalheiro na Flórida que o fizesse para mim. Tenho brincos do mesmo formato.

Ele põe o cordão, e dá para ver que vai ser mais fácil fazer frio no inferno do que ele tirar sua pirâmide do pescoço.

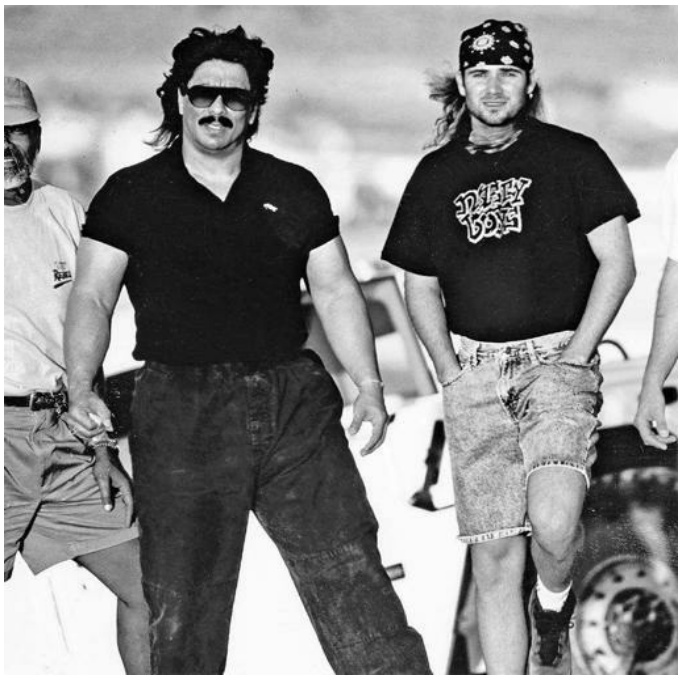
Gil gosta de gritar comigo quando estou malhando, mas isso não lembra nem de longe os gritos do meu pai. Gil grita por amor. Se estou tentando estabelecer um novo recorde pessoal, se estou me preparando para levantar mais peso do que jamais levantei, ele fica de pé no fundo e grita: *Vamos lá, Andre! Vamos! Grande tempestade!* Seus gritos fazem meu coração bater contra as costelas. Depois, para mais uma arremetida de inspiração, ele algumas vezes levanta seu próprio peso máximo: 250 quilos. É uma cena impressionante ver um homem botar tanto ferro acima do peito, e isso sempre me faz pensar que qualquer coisa é possível. Como é belo sonhar. Mas os sonhos, digo para ele, num dos nossos momentos de paz, cansam tanto...

Ele ri.

Não posso prometer que você não vai se cansar, diz ele. Mas, por favor, saiba disso. Há muita coisa boa esperando você do outro lado do cansaço. Canse-se, Andre. É aí que você vai se conhecer. Do outro lado do cansaço.

Sob os cuidados e a minuciosa supervisão de Gil, em agosto de 1990 eu já adquiri uns cinco quilos de músculos. Vamos para Nova York, para o Aberto dos Estados Unidos, e eu me sinto sem gordura, alto, magro e perigoso. Enfrento Andrei Cherkasov, da União Soviética, num jogo fácil de três sets. Abro meu caminho na marra até as semifinais, venço Becker em quatro sets furiosos e ainda tenho no tanque combustível mais do que suficiente. Gil e eu voltamos para o hotel e assistimos à outra semifinal, para saber quem vou ter de encarar amanhã, McEnroe ou Sampras.

Não parece possível, mas o garoto que achei que nunca mais veria reconstituiu seu jogo. E está forçando McEnroe a entrar na luta da sua vida. Depois me dou conta de que ele não está lutando contra McEnroe – McEnroe está lutando com ele, e está perdendo. Meu oponente amanhã, incrivelmente, será Pete.



Com Gil, no deserto, nos arredores de Las Vegas, pouco tempo depois de termos começado a trabalhar juntos em tempo integral, em 1990.

A câmara se aproxima do rosto de Pete e vejo que não sobrou nada. Além disso, os comentaristas dizem que seus pés, repletos de ataduras, estão cobertos de bolhas. Gil me faz beber sua Água até eu quase vomitar, e depois vou para a cama sorrindo, pensando em como vou me divertir amanhã, fazendo Pete sambar. Vou fazê-lo correr de um lado para outro, da esquerda para a direita, de São Francisco até Bradenton, até que aqueles pés cheios de bolha sangrem. Penso na velha máxima do meu pai: *Ponha uma bolha no cérebro dele*. Calmo, em forma, seguro, durmo como uma pilha dos halteres do Gil.

Pela manhã, me sinto pronto para jogar uma partida de dez sets. Não tenho problemas com a peruca – porque não estou usando minha peruca. Estou usando um novo sistema de camuflagem, que me dá pouquíssimo trabalho manter, e envolve uma tira para cabeça mais grossa e bem colorida. Não há, simplesmente, como perder para Pete, esse garoto atrapalhado que acompanhei com simpatia no ano passado, aquele pobre trapalhão que não conseguia manter a bola na quadra.

Aí aparece um novo Pete. Um Pete que nem sequer erra. Estamos jogando pontos longos, pontos exigentes, e ele está impecável. Pega tudo, rebate tudo, pulando para trás e para a frente feito uma gazela. Os saques dele são bombas, ele chega voando à rede, enfiando o jogo dele direto na minha goela. E está devolvendo todos os meus saques sem dó nem piedade. Estou indefeso. Estou com raiva. Estou dizendo para mim mesmo: Isto não está acontecendo.

Sim, está.

Então, em vez de pensar no que posso fazer para ganhar, começo a pensar no que posso fazer para não perder. É o mesmo erro que cometi contra Gómez, com o mesmo resultado. Quando está tudo terminado, digo aos repórteres que Pete praticou comigo um bom assalto de rua, no velho estilo de Nova York. Sim, alguma coisa que me pertencia me fora tirado. Mas não posso dar parte à polícia, não há esperança de justiça, e todo mundo vai pôr a culpa na vítima.

Horas mais tarde meus olhos se abrem. Estou na cama, no hotel. Fora tudo um sonho. Durante um fabuloso meio segundo, acho que devo ter adormecido naquela colina varrida pela brisa, enquanto Philly e Nick riam do jogo podre de Pete. Sonhei que Pete, entre todos os possíveis

adversários, era quem me vencia no final de um Slam.

Mas não. É verdade. Aconteceu. Observo o quarto se iluminar aos poucos, e minha cabeça e meu espírito ficarem palpavelmente mais escuros.

Capítulo 13

Desde que Wendi veio me ver na filmagem do comercial *Imagem é tudo*, ela e eu nos tornamos um casal. Ela viaja comigo, cuida de mim. Somos um par perfeito, porque crescemos juntos e achamos que podemos continuar assim, crescendo juntos. Viemos do mesmo lugar, queremos as mesmas coisas. Amamos um ao outro de paixão, embora concordemos que a nossa deve ser uma relação *aberta* – palavra dela. Wendi diz que somos crianças demais para assumir algum compromisso, confusos demais. Ela não sabe quem é. Cresceu numa família mórmon, depois resolveu que não acreditava mais na doutrina daquela religião. Foi para a faculdade, depois descobriu que era a faculdade totalmente errada para ela. Até saber quem ela é, como diz, não pode se entregar inteiramente a mim.

Em 1991 estamos em Atlanta com Gil, comemorando meu 21º aniversário. Estamos num bar, um local velho e decadente em Buckhead, com mesas de sinuca queimadas por cigarros e canecas de cerveja de plástico. Nós três estamos rindo, bebendo, e até Gil, que nunca toca em bebida, se permite ficar um tanto alegre. Para registrar essa noite para a posteridade, Wendi trouxe sua filmadora. Entrega a máquina para mim e me diz para filmá-la tentando fazer cestas de basquete num daqueles jogos eletrônicos. Ela vai me ensinar, diz. Eu filmo Wendi tentando encestar, durante uns três segundos, e depois deixo a câmera deslizar lentamente por seu corpo.

Andre, diz ela, por favor, tira essa câmera da minha bunda.

Entra um bando de sujeitos ruidosos. Mais ou menos da minha idade, parecem um time local de futebol americano ou de rúgbi. Fazem diversos comentários grosseiros a meu respeito, depois desviam a atenção para Wendi. Estão bêbados, são grossos, tentam me ridicularizar na frente dela. Penso em Nastase fazendo a mesma coisa há catorze anos.

O time de rúgbi joga uma pilha de moedas de um quarto de dólar na beirada da nossa mesa de sinuca. Um deles diz: Em seguida somos nós. Saem, com sorrisos irônicos.

Gil larga sua caneca de plástico, pega as moedas e caminha lentamente para uma máquina automática. Compra um saco de amendoins e volta até a mesa. Lentamente vai comendo os amendoins, sem tirar os olhos dos jogadores de rúgbi nem por um momento, até que eles, sabiamente, resolvem escolher outro bar.

Wendi ri e sugere que, além de suas muitas funções e deveres, Gil deveria ser meu guarda-costas.

Ele já é, digo a ela. Mesmo assim essa palavra não cai bem. Gil não é exatamente isso. Ele protege o meu corpo, a minha cabeça, o meu jogo, o meu coração, a minha namorada. Ele é o objeto imutável na minha vida. O meu salva-vidas.

Eu gosto especialmente quando as pessoas – repórteres, fãs, estranhos – perguntam a Gil se ele é o meu guarda-costas. Sempre aparece um sorriso em seus lábios quando ele diz: Toque nele e veja o que acontece.

No Aberto da França de 1991, ralo muito para avançar seis rodadas e alcanço a final. Minha terceira final de campeonato. Enfrento Courier e sou o favorito. Todo mundo diz que vou

vencê-lo. Eu digo que vou vencê-lo. *Preciso* vencê-lo. Não consigo imaginar o que seria chegar até a final de três campeonatos seguidos e não vencer.

A boa notícia é: eu sei como vencer Courier. Venci-o ainda no ano passado, no mesmo torneio. A má notícia é que este é um jogo pessoal, o que me faz ficar tenso. Começamos no mesmo lugar, no mesmo alojamento na Bollettieri, nossos beliches ficavam a menos de um metro de distância. Eu era tão melhor que Courier, tão mais favorecido pelo Nick, que perder para ele na final de um campeonato parecia o mesmo que a lebre perder para a tartaruga. Já era bastante ruim Chang ter vencido um campeonato antes de mim. E Pete. Mas Courier também? Não posso deixar que isso aconteça.

Começo jogando para vencer. Aprendi com os meus erros nos dois últimos campeonatos. O primeiro set, para mim, é um passeio: venço por 6-3; e, no segundo, na frente em 3-1, tenho um break point. Se eu ganhar esse ponto, vou faturar o set e ganhar o jogo. Subitamente a chuva começa a cair. Os fãs se cobrem e correm para se abrigar. Courier e eu nos retiramos para o vestiário, onde ficamos andando de um lado para outro feito leões enjaulados. Nick entra, e eu olho para ele em busca de conselho, encorajamento, mas ele não diz nada. *Nada*. Já sei há algum tempo que continuo com Nick por hábito e fidelidade, e não por causa de algum treinamento de fato. Mesmo assim, nesse momento, não é do técnico que eu preciso, mas de uma demonstração de humanidade, que é um dos deveres de qualquer técnico. Preciso de algum reconhecimento, naquela hora carregada de adrenalina pela qual estou passando. É pedir demais?

Depois de terminada a chuva, Courier se posiciona mais longe, atrás da linha de fundo, esperando reduzir um pouco a força dos meus saques. Ele teve tempo de descansar, de refletir, de recarregar as baterias, volta a atacar para evitar que eu avance e ganha o segundo set. Agora estou com raiva. Furioso. Venço o terceiro, 6-2. Ponho na cabeça de Courier, e na minha, que o segundo set foi um acaso. Com a vantagem de dois sets a um, sinto a linha de chegada me puxando. Meu primeiro campeonato. Só dois sets mais.

No início do quarto set, perco doze dos primeiros treze pontos. Estou desmontando ou Courier está jogando melhor? Não sei. Não vou saber nunca. Mas sei que essa sensação é familiar. Assustadoramente familiar. Uma sensação de inevitabilidade. Essa ausência de peso quando o pique desaparece. Courier vence o set, 6-1.

No quinto, empatado em 4-4, ele quebra o meu saque. Agora, de repente, eu só quero perder.

Não consigo explicar de nenhum outro modo. No quarto set, tinha perdido a vontade, mas agora perdi todo o desejo. Assim como eu tinha certeza da vitória no início do jogo, agora tenho certeza da derrota. Eu a quero. Anseio por ela. Digo baixinho: Que seja rápida. Já que perder é a morte, prefiro que seja rápida, e não lenta.

Já não escuto a torcida. Já não ouço meus próprios pensamentos, apenas um ruído brando nos meus ouvidos. Não consigo escutar ou sentir nada além do meu desejo de perder. Perco o décimo e decisivo game do quinto set e dou os parabéns a Courier. Os amigos me contam que a minha era a expressão mais desolada que já tinham visto no meu rosto.

Depois, não me censuro. Friamente explico para mim mesmo deste jeito: Você não tem o que é preciso para ultrapassar a linha. Você simplesmente se abandonou... você precisa desistir deste jogo.

A derrota deixa uma cicatriz. Wendi diz que quase dá para ver, uma marca, como se eu tivesse sido atingido por um raio. É mais ou menos isso que ela diz no longo voo de volta a Vegas.

Ao entrarmos pela porta da frente da casa de meus pais, meu pai vem nos encontrar no saguão. Ele ataca direto. Por que você não fez ajustes depois que a chuva parou? Por que você não devolveu no backhand dele? Não respondo. Não me mexo. Estava esperando a bronca havia 24 horas e já estou insensível a ela. Mas Wendi não está. Ela faz uma coisa que nunca ninguém fez, algo que sempre tive a esperança de que minha mãe fizesse. Ela se enfia entre nós dois. Ela diz: Será que não podemos ficar sem falar sobre tênis durante duas horas? Duas horas... sem tênis?

Meu pai para, de boca aberta. Tenho medo de que dê um tapa nela. Mas ele se vira e se precipita pelo corredor em direção ao seu quarto.

Olho para Wendi. Nunca a amei tanto.

* * *

Nem toco nas raquetes. Não abro a minha sacola de tênis. Não treino com Gil. Fico por ali assistindo a filmes de terror com Wendi. Só filmes de terror conseguem me distrair, porque eles captam alguma coisa do que eu senti durante aquele quinto set contra Courier.

Nick me atazana para que eu jogue em Wimbledon. Rio na cara dele, bronzeada e tudo.

De volta à sela, diz ele. É o único jeito, garoto.

Foda-se o cavalo.

Escuta uma coisa, diz Wendi. Honestamente, não dá para ficar pior.

Deprimido demais para discutir, deixo Nick e Wendi me empurrarem para dentro de um avião até Londres. Alugamos uma linda casa de dois andares, escondida da via principal, perto do All England Lawn Tennis and Croquet Club. Tem um jardim encantador nos fundos, com rosas cor-de-rosa e todas as variedades de pássaros canoros, um pequeno paraíso onde posso me sentar e quase me esquecer de que estou em Londres. Wendi faz com que a casa pareça um lar. Enche-a de velas, víveres – e do seu perfume. Prepara refeições deliciosas à noite, e de manhã embrulha um sanduíche no guardanapo para eu levar para a quadra de treino.

O torneio é adiado cinco dias por causa da chuva. No quinto dia, embora a casa seja aconchegante, já estamos a ponto de enlouquecer. Quero entrar na quadra. Quero me livrar do gosto ruim na boca que ficou depois do Aberto da França ou então perder logo e voltar para casa. Finalmente a chuva vai embora. Jogo contra Grant Connell, especialista em saque e voleio, que ganhou a vida em quadras rápidas. É um adversário desajeitado de primeira rodada para meu primeiro jogo na grama depois de anos. Espera-se que ele me derrote. De algum modo consigo arrancar uma vitória em cinco sets.

Chego às quartas de final, quando jogo contra David Wheaton. Estou ganhando, dois sets a um, com duas vantagens no quarto set, e de repente estiro alguma coisa no flexor do meu quadril, no músculo que faz a articulação se dobrar. Mancar, isso é tudo o que consigo fazer para terminar o jogo. Wheaton vence com facilidade.

Digo a Wendi que eu poderia ter ganho o jogo. Comecei a me sentir melhor do que no Aberto da França. Maldito quadril.

A boa notícia, acho, é que eu quis ganhar. Talvez tenha conseguido fazer a minha vontade dar a volta e apontar na direção certa.

Eu me recupero rapidamente. Em poucos dias meu quadril já está bom. Minha cabeça, no entanto, continua a latejar. Entro no Aberto dos Estados Unidos e perco na primeira rodada. *Na primeira rodada*. Mas o assustador mesmo é como perdi. Jogo contra Krickstein, o bom e velho Krickstein, e mais uma vez simplesmente não quero. Sei que posso vencê-lo e, mesmo assim, não vale a pena. Não gasto a energia necessária. Sinto uma estranha clareza a respeito da minha falta de empenho. É falta de inspiração, pura e simples. Não questiono isso. Não me dou ao trabalho de querer que desapareça. Enquanto Krickstein corre, salta e avança para devolver as bolas, eu o observo com um interesse apenas moderado. Só depois é que baixa a vergonha.

Preciso fazer alguma coisa radical, alguma coisa para quebrar os tentáculos sedutores que a derrota parece lançar sobre mim. Resolvo ir morar sozinho. Compro uma casa de três quartos no sudoeste de Las Vegas e a transformo no suprassumo da residência de solteiro, quase uma paródia do apartamento de solteiro. Um dos quartos vira sala de lazer com todos os jogos clássicos – Asteroides, Space Invaders, Defender. Sou péssimo nesses jogos, mas pretendo melhorar. Transformo a formal sala de estar em *home theater* com os mais modernos equipamentos de som e falantes nos sofás. Transformo a sala de jantar em sala de bilhar. Espalho cadeiras de couro fantasticamente fofas pela casa inteira, com exceção da sala de visitas, onde instalo um sofá maciço, modular, de chenile verde, com estofo duplo de plumas de ganso. Na cozinha coloco uma máquina de refrigerantes cheia de Mountain Dew, meu preferido, e barris de cerveja. Nos fundos, ponho uma banheira de água quente e um laguinho de fundo preto.

Melhor que tudo isso, transformo o quarto de dormir numa caverna, tudo inteiramente preto, com cortinas para total vedação, que não admitem a mínima fresta de luz do dia. É a casa de um adolescente preso, de um menino homem determinado a deixar o mundo completamente do lado de fora. Caminho em torno dessa nova casa, desse cercadinho de luxo, ousando pensar em como estou crescido.

Mais uma vez não vou ao Aberto da Austrália, no início de 1992. Nunca disputei esse torneio, e agora não me parece a ocasião para começar. Mesmo assim, jogo a Copa Davis bastante bem, talvez por ser no Havaí. Enfrentamos a Argentina. Venço meus dois primeiros jogos. Então, na véspera do último dia, Wendi e eu saímos para beber com McEnroe e a mulher dele, Tatum O'Neal. Exageramos, e vou para a cama às quatro da manhã, achando que alguém vai assumir meu lugar no domingo, num jogo sem sentido, muitas vezes chamado de jogo para cumprir tabela.

Mas não foi o caso. Embora de ressaca e desidratado, preciso sair e jogar contra Jaite, cujo saque uma vez eu peguei com a mão. Por sorte, Jaite também está de ressaca. Ainda bem que é só uma partida protocolar; nós dois parecemos mortos e *borrachos*. Para esconder meus olhos vermelhos, jogo usando óculos da Oakley, e de algum modo jogo bem. Relaxado. Saí da quadra como vencedor, imaginando se não haveria uma lição nisso. Será que posso lançar mão desse tipo de relaxamento quando a coisa for para valer, quando for um campeonato? Será que devo entrar em todos os jogos de ressaca?

Na semana seguinte, vejo-me na capa da revista *Tennis*, batendo um bolão, com meus óculos Oakley. Horas depois de a revista chegar às bancas, Wendi e eu estamos na residência de solteiro quando um caminhão de entrega estaciona à porta. Saímos. Assine aqui, diz o

entregador.

O que é isso?

Presente. De Jim Jannard, fundador da Oakley.

A traseira do caminhão abaixa e, lentamente, desce um Dodge Viper vermelho.

Bom saber que, mesmo tendo perdido meu jogo, ainda consigo promover produtos.

Minha classificação despenca. Saio da lista dos dez primeiros. A única vez em que me sinto razoavelmente competente na quadra é quando jogo na Copa Davis. Em Fort Meyers, ajudo os Estados Unidos a derrotar a Tchecoslováquia, ganhando os dois jogos. Fora isso, o único jogo no qual demonstro alguma melhora é no Asteroides.

No Aberto da França venço Pete, o que dá uma sensação boa. Depois enfrento outra vez Courier, agora na semifinal. As lembranças do último ano ainda estão frescas, doloridas, e eu perco de novo – em três sets corridos. Mais uma vez, depois da vitória, Courier amarra o tênis e sai para correr. Eu ainda não consigo queimar as calorias dele o suficiente.

Vou capengando até a Flórida e despenco na casa de Nick. Não ponho a mão numa raquete o tempo inteiro que passo lá. Depois, com relutância, faço um treino em quadra dura, na Bollettieri Academy, e vamos todos para Wimbledon.

O talento reunido em Londres, em 1992, é impressionante. Há Courier, classificado como número 1, vindo de duas vitórias em campeonatos. Há Pete, que continua a melhorar. Há Stefan Edberg, que está jogando feito um maluco. Desci para a décima segunda posição e, do jeito que estou jogando, vou descer ainda mais.

No jogo de primeira rodada, contra Andrei Chesnokov, da Rússia, jogo mal. Perco o primeiro set. Frustrado, me critico, me amaldiçoo, e o árbitro me dá uma advertência oficial porque eu disse *Foda-se.* Quase dou meia-volta para soltar mais alguns *Foda-se, foda-se, foda-se*. Em vez disso, resolvo chocá-lo, chocar todo mundo, respirando fundo e me recompondo. Aí, faço uma coisa ainda mais chocante. Venço os três sets seguintes.

Estou nas quartas de final. Contra Becker, que chegou a seis das últimas sete finais em Wimbledon. Esta é de fato a sua quadra, o seu refúgio. Mas tenho observado bem o saque dele, ultimamente. Venço em cinco sets, jogados durante dois dias. As lembranças de Munique são postas de lado.

Na semifinal enfrento McEnroe, três vezes campeão em Wimbledon. Ele tem 33 anos, aproxima-se do final de sua carreira e não é cabeça de chave. Dado seu *status* de "pobre coitado" e suas lendárias realizações, os fãs querem que ele vença, claro. Parte de mim também quer que ele vença. Mas eu o derroto em três sets. Estou na final.

Espero enfrentar Pete, mas ele perde o jogo da semifinal para Goran Ivanisevic, uma grande e forte máquina de saques da Croácia. Já joguei contra Ivanisevic duas vezes antes, e nas duas ele me derrotou em sets corridos. Sinto muito Pete não ter ganho e sei que estarei me reunindo a ele em breve. Não tenho a menor chance contra Ivanisevic. É um "peso médio" contra um peso pesado. O único suspense é se será nocaute simples ou nocaute técnico.

Se, em circunstâncias normais, o saque de Ivanisevic é potente, hoje está uma obra de arte. Ele saca bolas impossíveis de responder, por todos os lados, saques monstros, e o medidor de velocidade marca 220 quilômetros por hora. Mas não é só a velocidade, é a trajetória. As bolas aterrissam num ângulo de 75º. Tento não ligar. Digo a mim mesmo que saques

irrebatíveis acontecem. Cada vez que um saque dele passa por mim, digo baixinho que ele não vai conseguir fazer isso o tempo inteiro. Simplesmente caminhe até o outro lado e se prepare, Andre. A partida será decidida nos poucos segundos saques.

Ele vence o primeiro set, 7-6. Não consigo quebrar o saque dele nem uma vez. Concentro-me em não exagerar na reação, em respirar e expirar, em continuar paciente. Quando me passa pela cabeça a ideia de que é a quarta vez que estou perdendo a final de um torneio, afasto esse pensamento com displicência. No segundo set, Ivanisevic dá alguns moles, comete erros, e eu consigo ganhar o game de saque dele. Venço o segundo set. Depois o terceiro. O que quase me faz sentir pior, porque mais uma vez estou à distância de um set do campeonato.

Ivanisevic se recupera no quarto set e me destrói. Enraiveci o croata. Ele perde apenas poucos pontos agora. Lá vamos nós outra vez. Dá para eu ver as manchetes amanhã tão claramente quanto a raquete na minha mão. Quando começa o quinto set, corro no lugar para fazer o sangue circular e me digo uma coisa: Você quer isso. Você não quer perder, não desta vez. O problema nos três últimos campeonatos é que você não tinha gana suficiente para ganhar, portanto não lutou, mas desta vez você quer, de modo que agora tem de fazer Ivanisevic e todo mundo aqui *saber* que você quer.

Em 3-3, meu saque, o game point é meu. Eu não tinha conseguido encaixar o primeiro saque durante o set inteiro, mas agora, misericordiosamente, consigo. Ele devolve no centro da quadra, eu bato no backhand dele, ele manda um balão. Tenho de dar dois passos para trás. A bola alta é uma das mais fáceis de jogar. Além disso, é o epítome das minhas campanhas nos campeonatos, porque é fácil demais. Não gosto de coisas muito fáceis. Está lá para quem quiser pegar – vou pegar? Giro, bato uma bola alta, perfeita como nos manuais, e ganho o ponto. Confirmo o meu saque.

Agora o saque é de Ivanisevic, em 4-5. Ele faz dupla falta. Duas vezes. Ficou 0-30. Ele está desmontando com tanta pressão. Não consegui fazer o cara se perder durante a última hora e meia, e agora ele mesmo está se perdendo. Erra outro primeiro saque. Está desmoronando. Eu sei. Eu *vejo*. Ninguém sabe melhor do que eu como é desmontar. Sei também como a gente se sente quando desmorona. Sei exatamente o que está acontecendo no corpo de Ivanisevic. A garganta dele está apertada. As pernas estão tremendo. Mas aí ele acalma o corpo e seu segundo serviço cai no fundo da área de saque, um raio de luz amarela que mal toca a linha. Uma nuvenzinha de giz sobe, como se ele tivesse atingido a linha com um rifle de assalto. Depois dá outro saque irrebatível. De repente está 30-iguais.

Ivanisevic perde outro primeiro saque, dá o segundo. Capricho na resposta, ele dá um meio voleio, corro e dou-lhe uma passada, e começo a longa caminhada de volta até a linha de fundo. Digo a mim mesmo: Você pode ganhar esta coisa com uma jogada. *Uma única jogada*. Você nunca esteve tão perto. Pode ser que nunca mais esteja.

E esse é o problema. E se eu chegar assim tão perto e não vencer? O ridículo. A condenação. Faço uma pausa, tento fazer meu foco voltar para Ivanisevic. Preciso adivinhar de que jeito ele vai atacar com o saque. O.k., um canhoto típico, sacando para a área de serviço da direita num ponto de pressão, manda uma bola curva inclinada, com efeito, bem ampla, que desloca o adversário para fora da quadra. Mas Ivanisevic não é típico. Seu saque num ponto de pressão em geral é uma bomba direto no meio. Por que ele prefere esse saque? Deus sabe. Talvez ele não devesse sacar assim. Mas é como prefere. Isso eu sei a respeito dele. Sei que vai mandar o saque no meio. Não deu outra, aí vem ele, mas a bola bate na rede.

Coisa boa, porque o saque era um cometa, ia direto na linha. Mesmo eu tendo adivinhado certo, ido para o lado certo, não conseguiria encostar a raquete naquele saque.

Agora a torcida se levanta. Peço tempo, para ter uma conversa comigo mesmo, em voz alta, dizendo: Ganhe este ponto, Andre, ou eu nunca mais vou parar de matracar na tua orelha por causa disso. Não espere que ele faça dupla falta, não espere que ele erre. *Você* controla o que *você* pode controlar. Responda o saque dele com toda a sua força e, se você rebater e perder, dá para aguentar. Dá para sobreviver a isso. Uma devolução, sem remorsos.

Devolva *mais forte*.

Ele lança a bola, saca no meu backhand. Dou um salto, rebato com toda a minha força, mas estou tão tenso que a bola que eu queria mandar no backhand dele entra com uma velocidade medíocre. De algum modo ele perde aquele voleio fácil. A bola dele beija a rede, e simplesmente assim, depois de 22 anos e 22 milhões de golpes com uma raquete de tênis, sou o campeão de Wimbledon em 1992.

Caio de joelhos. Caio de barriga. Não consigo acreditar na emoção que me invade. Quando cambaleio para ficar de pé, Ivanisevic aparece ao meu lado. Abraçando-me, diz afetuosamente: Parabéns, campeão de Wimbledon. Hoje você mereceu.

Grande partida, Goran.

Ele me dá pancadinhas no ombro. Sorri, vai até a cadeira dele e enrola uma toalha na cabeça. Entendo a emoção que ele sente mais do que a minha própria. Grande parte do meu coração está com ele enquanto me sento na cadeira para me recompor.

Um homem muito britânico se aproxima e me diz para eu me levantar. Ele me entrega a grande e linda taça de ouro da vitória. Não sei como segurá-la, nem para onde ir com ela. Ele aponta e me diz para fazer um círculo em torno da quadra. Erga o troféu acima da cabeça, diz ele.

Caminho em torno da quadra com o troféu erguido acima da cabeça. Os fãs aplaudem. Outro homem tenta tirar o troféu de mim. Puxo-o de volta. Ele explica que vai levá-lo para a gravação. Com o meu nome.

Olho para o meu camarote, aceno para Nick, Wendi e Philly. Todos estão aplaudindo, esfuziantes. Philly está abraçando Nick. Nick está abraçando Wendi. Eu te amo, Wendi. Inclino-me perante a realeza e saio da quadra.

No vestiário, fico olhando para o meu reflexo deformado no troféu. Dirijo-me ao troféu e ao reflexo: Toda a dor e sofrimento que você me causou.

Fico nervoso por estar tão tonto. Isso não devia ter tanta importância. Não devia dar uma sensação tão boa. Ondas e ondas de emoção continuam a me invadir, alívio, êxtase e até uma espécie de serenidade histérica, porque eu finalmente fiz jus a uma breve trégua dos críticos, especialmente dos críticos internos.

Mais tarde, depois do almoço, de volta à casa que eu alugara, telefonei para Gil, que não pudera fazer a viagem porque tinha de ficar em casa com a família depois da longa temporada no saibro. Ele queria tanto estar aqui. Fala sobre o jogo comigo, os acertos e os erros – é chocante quanto ele aprendeu sobre tênis em tão pouco tempo. Ligo para Perry e J.P., e depois, tremendo, ligo para meu pai em Vegas.

Pai? Sou eu! Está me ouvindo? O que achou?

Silêncio.

Pai?

Você não tinha nada que perder aquele quarto set.

Pasmo, espero, sem confiar na minha própria voz. Depois digo: Mas ainda bem que eu ganhei o quinto, não foi?

Ele não diz nada. Não porque discorde ou desaprove, mas porque está chorando. Lá de longe, escuto meu pai fungando e limpando as lágrimas, e sei que ele está orgulhoso, mas que simplesmente é incapaz de expressar isso. Não consigo culpar o homem por não saber como dizer o que está sentindo. É a maldição da família.

* * *

Na noite da final há o famoso Baile de Wimbledon. Há anos ouço falar nele, e estou morto de vontade de ir, porque o vencedor da chave dos homens dança com a vencedora da chave das mulheres, e, neste ano, como na maior parte dos últimos anos, isso significa Steffi Graf. Tenho um fraco pela Steffi desde que a vi pela primeira vez dando uma entrevista na tv francesa. Fiquei aturdido, fascinado por sua graça discreta, sua beleza sem esforço. De algum modo, ela parecia até ser cheirosa. Além disso, ela *era* boa, fundamentalmente, essencialmente, inerentemente boa, transbordando retidão moral e um tipo de dignidade que já não existe mais. Achei que, durante meio segundo, tinha visto um halo ao redor da cabeça dela. Mandei uma mensagem para ela depois do último Aberto da França, mas ela não respondeu. Agora, mal posso esperar para fazê-la girar pela pista de dança, sem me importar com o fato de que não sei dançar.

Wendi sabe dos meus sentimentos em relação a Steffi e não tem nem um pouco de ciúme. Temos uma relação aberta, ela lembra. Temos, os dois, apenas 21 anos. Na verdade, nas vésperas da final, vamos os dois à Harrods para comprar meu smoking, caso eu precise dele, e Wendi brinca com a vendedora, dizendo que eu só quero vencer para poder dançar com Steffi Graf.

Então, usando smoking completo pela primeira vez na vida, com Wendi pelo braço, entro elegantemente no salão. Imediatamente somos abordados por casais britânicos de cabelos grisalhos. Os homens têm pelos nas orelhas e as mulheres cheiram a bebida velha. Parecem encantados com minha vitória, sobretudo porque significa sangue novo no clube. Alguém novo com quem conversar nesses eventos horrorosos, horrorosos, alguém diz. Wendi e eu ficamos de costas um para o outro, como mergulhadores no meio de um cardume de tubarões. Luto para decifrar alguns dos sotaques britânicos mais carregados. Tento esclarecer para uma senhora idosa que se parece com Benny Hill que estou muito animado para a tradicional dança com a campeã.

Infelizmente, diz a mulher, neste ano não haverá a dança.

O quê?

Os jogadores não adotaram a dança com tanto entusiasmo nos últimos anos. Então ela foi cancelada.

Ela vê o desapontamento no meu rosto. Wendi se vira, ela também ri.

Não chego a dançar com Steffi, mas haverá outro tipo de consolo: uma apresentação formal. Então anseio por ela a noite inteira. Aí acontece. Ao apertar sua mão, digo a Steffi que tentara me comunicar com ela no Aberto da França do ano anterior e esperava que ela não tivesse

interpretado mal minhas intenções. Digo que eu realmente adoraria conversar com ela alguma hora.

Ela não responde. Simplesmente sorri, um sorriso enigmático, e não consigo saber se está contente com o que acabei de dizer ou nervosa.

Capítulo 14

Agora que venci um campeonato, devo ser uma pessoa diferente. Todo mundo diz isso. Fim de "imagem é tudo". Agora, afirmam os jornalistas esportivos, para Andre Agassi, vencer é tudo. Depois de dois anos dizendo que sou uma fraude, um artista bloqueado, um rebelde sem causa, tratam-me como uma celebridade. Declaram que sou um vencedor, um jogador de peso, que sou para valer. Dizem que a minha vitória em Wimbledon os obriga a me reavaliarem, a reconsiderarem quem eu realmente sou.

Mas não sinto que Wimbledon tenha me transformado. Sinto, na verdade, como se tivesse me permitido desvendar um pequeno segredo indecente: vencer não muda nada. Agora que venci um campeonato, sei de alguma coisa que muito pouca gente no mundo pode saber. A intensidade de uma boa sensação pela vitória não é maior do que a péssima sensação de uma derrota, e um sentimento bom não dura tanto quanto um sentimento mau. Nem de perto.

Eu me sinto realmente mais feliz, no verão de 1992, e mais substancial, porém o motivo não é Wimbledon. É Wendi. Estamos mais próximos. Sussurramos promessas um para o outro. Aceitei que não estava destinado a ficar com Steffi. Foi uma bela fantasia enquanto durou, mas me dediquei a Wendi e vice-versa. Ela não trabalha, não estuda. Frequentou diversas faculdades e nenhuma era adequada. Então agora ela passa o tempo todo comigo.

Em 1992, no entanto, passar o tempo juntos, de repente, fica mais complicado. Numa sessão de cinema, comendo num restaurante, nunca estamos verdadeiramente sozinhos. As pessoas aparecem do nada, pedindo uma foto, exigindo um autógrafo, buscando a minha atenção e a minha opinião. Eu achava que fosse famoso havia muito tempo. Dei meu primeiro autógrafo quando tinha seis anos, mas agora descobri que na realidade eu era infame. Wimbledon me legitimou, alargou e aprofundou meu poder de atração, pelo menos de acordo com os agentes, dirigentes e especialistas em marketing com quem me encontro de modo regular. As pessoas querem se aproximar de mim; acham que têm esse direito. Compreendo que tudo nos Estados Unidos custa um preço. Agora descubro que *este* é o preço do sucesso nos esportes: quinze segundos de tempo para cada fã. Dá para aceitar isso, em tese. Só queria que não significasse a perda da privacidade com a minha namorada.

Wendi não dá bola. Ela encara de bom humor todas as intromissões. Isso impede que eu leve qualquer coisa a sério demais, inclusive a mim mesmo. Com a ajuda dela, resolvo que a melhor maneira de encarar o fato de ser famoso é esquecer que sou famoso. Dou duro para excluir a fama da minha cabeça.

Mas fama é uma força. Não há como parar. Você fecha a sua janela para a fama e ela escorrega por baixo da porta. Viro-me um dia e descubro que tenho dezenas de amigos famosos, mas não sei como conheci a metade deles. Sou convidado para festas e salas vip, eventos de gala onde os famosos se reúnem, e muitos me pedem o número do meu telefone, impõem seus telefones a mim. Assim como a minha vitória em Wimbledon automaticamente me fez sócio vitalício do All England Club, também me admitiu nesse nebuloso Clube de Pessoas Famosas. Meu círculo de conhecidos agora inclui Kenny G, Kevin Costner e Barbra Streisand. Sou convidado a passar a noite na Casa Branca, a jantar com o presidente George Bush antes de sua reunião de cúpula com Mikhail Gorbachev. Durmo no Quarto Lincoln.

Acho tudo surreal, depois perfeitamente normal. Fico impressionado como o surreal passa a ser a norma. Fico maravilhado com o fato de que ser famoso é pouco estimulante, como as pessoas famosas são triviais. São confusas, hesitantes, inseguras e muitas vezes odeiam o que fazem. É uma coisa que sempre escutamos – como aquele velho adágio de que dinheiro não compra a felicidade –, mas nunca acreditamos nela até que a vemos nós mesmos. Saber disso em 1992 me dá uma nova medida de confiança.

Velejo perto de Vancouver Island, em férias, com meu novo amigo David Foster, o produtor musical. Logo depois de Wendi e eu embarcarmos no iate de Foster, Costner vem a bordo e nos convida para nos reunirmos a ele em seu iate, ancorado a cinquenta metros de distância. Vamos imediatamente. Embora tenha um iate, Costner parece ser o macho clássico. Descontraído, engraçado, legal. Adora esportes, acompanha os jogos com muito interesse e parte do pressuposto de que eu também adoro. Digo-lhe timidamente que não acompanho os esportes. Que não gosto de esporte.

Como assim?

Quero dizer, não gosto de esportes.

Ele ri. Você quer dizer, além do tênis?

Detesto tênis mais que tudo.

Está bem, está bem. Acho que é uma brabeira. Mas você na realidade não detesta o tênis.

Detesto.

Wendi e eu passamos grande parte daquele passeio de barco observando os três filhos de Costner. Bem-comportados, agradáveis, são além disso notavelmente bonitos. Parecem ter saído de um dos quebra-cabeças de Norman Rockwell da minha mãe. Logo depois de ter me conhecido, Joe Costner, de quatro anos, agarra a perna da minha calça, olha para mim com seus enormes olhos azuis. Grita: Vamos brincar de *luta*! Eu o apanho e o suspendo de cabeça para baixo, e o som de seu riso é um dos sons mais deliciosos que já ouvi. Wendi e eu dizemos que estamos irremediavelmente encantados com os pequenos Costner, mas na verdade estamos deliberadamente brincando de ser pais deles. De vez em quando, flagro Wendi esgueirando-se da presença dos adultos para dar outra olhada nas crianças. Dá para ver que ela vai ser uma ótima mãe. Imagino estar lá ao lado dela, passando por tudo, ajudando-a a criar três lourinhos de olhos verdes. A ideia me encanta – e a ela também. Abordo o assunto de família, de futuro. Ela nem pisca. Ela também quer.

Semanas mais tarde, Costner nos convida para irmos a sua casa em Los Angeles, para a pré-estreia de seu novo filme, *O guarda-costas*. Wendi e eu não gostamos muito do filme, mas desmaiamos com a música tema, “I will always love you”.

Essa será a nossa música, diz Wendi.

Sempre.

Cantamos essa música um para o outro, recitamos a letra um para o outro e, quando a ouvimos no rádio, paramos o que estamos fazendo para revirar os olhos um para o outro, o que faz todo mundo ao nosso redor ficar enjoado. Não estamos nem aí.

Digo a Philly e a Perry que posso imaginar passar o resto da minha vida com Wendi, que em breve vou pedi-la em casamento. Philly me faz um profundo aceno com a cabeça. Perry acende o sinal verde.

Wendi é a tal, digo a J.P.

E Steffi Graf?

Ela me dispensou. Esqueça. É Wendi.

Estou mostrando meu brinquedo novo para J.P. e Wendi.

J.P. pergunta: Como é mesmo o nome disso?

Hummer. Foi usado na Guerra do Golfo.

O meu é um dos primeiros a ser vendidos nos Estados Unidos. Estamos percorrendo todo o deserto ao redor de Las Vegas nele, quando atolamos na areia. J.P. brinca que não devem ter passado por areia na Guerra do Golfo. Saltamos e começamos a atravessar o deserto a pé. Tenho de pegar um voo nesta tarde e jogar amanhã. Se não conseguirmos sair deste deserto, todo mundo vai ficar com muita raiva de mim. Mas enquanto caminhamos sem parar, meu jogo parece uma questão trivial. A questão principal passa a ser a sobrevivência. Não vemos nada em qualquer direção, e está ficando escuro.

Parece que isso pode se tornar um momento crítico na nossa vida, diz J.P. E o pior é que não é num bom sentido.

Obrigado pelo pensamento positivo.

Finalmente chegamos a um barraco. Um velho ermitão nos empresta a pá. Caminhamos de volta ao Hummer, e eu apressadamente começo a cavar em torno da roda traseira. De repente a pá atinge alguma coisa dura. Caliche, a camada de solo que parece cimento sob o deserto de Nevada. Sinto alguma coisa estalar dentro do meu pulso. Dou um grito.

O que foi?, indaga Wendi.

Não sei.

Olho para o pulso.

Esfregue um pouco de terra nele, diz J.P.

Libero o Hummer, pego o avião e até ganho o jogo no dia seguinte. Dias mais tarde, no entanto, acordo em agonia. O pulso parece estar quebrado. Mal consigo dobrá-lo para a frente e para trás. Parece que diversas agulhas de costura e lâminas de barbear enferrujadas foram enfiadas na articulação. Isso é ruim. É sério.

Então a dor desaparece. Fico aliviado. Depois volta. Fico com medo. Logo, logo, a dor ocasional se torna constante. É tolerável pela manhã, mas lá para o final do dia só consigo pensar na sensação de uma agulha com lâmina de barbear.

Um médico diz que tenho tendinite. Especificamente, *dorsal capsulitis*. Pequenos rasgos no pulso que se recusam a cicatrizar. Resultado de uso excessivo, diz ele. Os únicos tratamentos possíveis são repouso e cirurgia.

Escolho o repouso. Eu me recolho, dou um alívio para o pulso. Depois de semanas carregando o pulso como se fosse um passarinho machucado, ainda não consigo malhar, fazer uma flexão ou abrir uma janela sem uma careta.

O lado bom da lesão no pulso é que dá para passar mais tempo com Wendi. Em vez da temporada em piso duro, o início de 1993 se torna a temporada de Wendi, e me entrego a ela. Ela gosta da atenção extra, mas, ao mesmo tempo, se preocupa por estar abandonando os estudos. Matriculou-se em outra faculdade. A quinta. Ou sexta. Perdi a conta.

Descendo Rainbow Boulevard, dirigindo com a mão esquerda para poupar o pulso direito, desço a janela e aumento o rádio. A brisa de primavera agita o cabelo de Wendi. Ela diminui o rádio e diz que se passou muito tempo até ela realmente saber o que queria.

Concordo com a cabeça e aumento o volume do rádio.

Ela abaixa o som e diz que frequentou todas essas faculdades, morou em todos esses estados, em busca de um sentido para sua vida, de um objetivo – e nada parece certo. Ela simplesmente não consegue descobrir quem é.

Mais uma vez, concordo com a cabeça. Conheço essa sensação, e vencer Wimbledon não tinha contribuído em nada para aliviar essa pressão dentro de mim. Depois olho para Wendi e me dou conta de que ela não está apenas conversando à toa, ela quer chegar a algum lugar com isso. Ela quer esclarecer alguma coisa... a nosso respeito. Wendi se vira no assento e me olha nos olhos. Andre, andei pensando muito a esse respeito e simplesmente não acho que vou conseguir ser feliz, realmente feliz, se não descobrir quem eu sou e o que devo fazer com a minha vida. Eu não sei como conseguir fazer isso se nós continuarmos juntos.

Ela está chorando.

Não posso mais ser sua companheira de viagem, diz ela, sua parceira, sua fã. Bem, sempre serei sua fã, mas você sabe do que estou falando.

Ela precisa se encontrar e para fazer isso precisa ser livre.

E você também, diz ela. Não poderemos, cada um, tornar reais nossos objetivos pessoais se continuarmos juntos.

Até mesmo uma relação aberta aprisiona demais.

Não dá para discutir com ela. Se é assim que ela se sente, não há nada que eu possa dizer. Quero que ela seja feliz. Claro que nesse momento toca nossa música no rádio. “I will always love you”. Olho para Wendi, tento encontrar seu olhar, mas ela mantém o rosto virado. Faço o retorno e volto para a casa dela e a acompanho até a porta. Ela me dá um longo, último abraço.

Vou embora e mal consigo chegar ao fim do quarteirão antes de estacionar e ligar para Perry. Quando ele atende, não consigo falar. Estou chorando demais. Ele pensa que é um trote.

Alô, diz ele, aborrecido. A...*lô*?

Desliga.

Ligo outra vez, mas ainda não consigo falar. Outra vez ele desliga.

Eu desapareço. Enterro-me na casa de solteiro, bebo, durmo, como porcarias. Sinto dores agudas no peito. Conto para Gil. Ele diz que parece um caso típico de coração partido. Pequenos rasgos que não se cicatrizam. Resultado de uso excessivo.

Depois diz: O que você está fazendo a respeito de Wimbledon? É hora de começar a pensar em ir para o exterior. Hora de mandar ver, Andre. Vamos lá.

Eu mal consigo segurar o telefone, quanto mais uma raquete de tênis. Mesmo assim, quero ir. Poderia servir de distração. Poderia usar parte do tempo na viagem com Gil trabalhando por um objetivo comum. Além disso, sou um campeão defendendo seu título. Não tenho escolha. Logo antes do nosso voo, Gil arranja um médico em Seattle, supostamente o melhor, que me dá uma injeção de cortisona. A injeção funciona. Chego à Europa mexendo o pulso, sem dor.

Antes vamos para Halle, na Alemanha, para um torneio de preparação. Nick se encontra conosco lá e imediatamente tenta conseguir algum dinheiro comigo. Ele vendeu a Bollettieri Academy porque contraiu dívidas, e esse foi o maior erro de sua vida. Vendeu-a por muito pouco. Agora precisa de dinheiro. Não é o mesmo – ou talvez seja mais ainda ele mesmo. Diz

que não lhe pagam o que vale. Diz que fui um investimento monumental. Ele gastou centenas de milhares de dólares para eu me desenvolver, e tem direito a mais centenas de milhares de dólares além das centenas de milhares que já dei a ele. Pergunto se, por favor, podemos falar nisso quando estivermos de volta. No momento estou com muita coisa pesando na cabeça.

Claro, concorda ele. Depois que voltarmos.

Fiquei tão abalado com esse confronto que, no torneio de Halle, perco de cara no primeiro jogo, na primeira rodada, contra Steeb. Ele me derrota em três sets. Foi no que deu a preparação.

Mal joguei no ano passado e, quando joguei, joguei mal, de modo que sou o campeão com menor pontuação em defesa de seu título na história de Wimbledon. Meu primeiro jogo na quadra central é contra Bernd Karbacher, um alemão cujo cabelo grosso sempre tem a mesma aparência, do início até o fim do jogo, o que me irrita, por motivos óbvios. Tudo a respeito de Karbacher parece ter sido projetado para desviar a atenção. Fora seus invejáveis cachos, ele tem as pernas arqueadas. Caminha não só como se tivesse montado num cavalo o dia inteiro, mas também como se tivesse acabado de desmontar, depois de uma longa viagem, e sua bunda estivesse assada. Combinando com sua aparência, o jogo dele é muito estranho. Seu backhand é ótimo, um dos melhores do circuito, mas ele o usa para evitar correr. Ele detesta correr. Detesta se movimentar. Às vezes também não gosta muito de sacar. Tem um primeiro saque agressivo, mas o segundo não é lá grande coisa.

Com meu pulso dormente, tenho meus próprios problemas de saque. Vou ter de mudar minha inclinação para trás, diminuir bastante a amplitude, limitar os movimentos repentinos. Naturalmente, isso gera problemas. Rapidamente fico atrás no primeiro set, 2-5. Estou prestes a me tornar o primeiro campeão em décadas a ser derrotado na primeira rodada. Mas me recomponho, obrigo-me a chegar a um acordo com meu novo saque e resolvo que vou vencer. Karbacher monta em seu cavalo e vai embora.

Os fãs britânicos são gentis. Aplaudem, ovacionam, dão valor ao esforço gasto para conseguir curar meu pulso. Os tabloides britânicos, no entanto, são outro assunto. Estão cheios de veneno. Publicam reportagens estranhas, por incrível que pareça, sobre meu peito, cujos pelos raspei há pouco. Só um pouco de inocente produção e parece que amputei um membro. Estou com o pulso quebrado, e eles só falam do meu peito. Minhas coletivas de imprensa se transformam em esquetes de Monty Python, uma em cada duas perguntas é a respeito de meu tórax recém-depilado. Os repórteres britânicos têm obsessão por pelos – se ao menos soubessem a verdade sobre meu cabelo... Além disso, diversos tabloides dizem que estou gordo, e os jornalistas têm um prazer malicioso em me chamar de Burger King. Gil tenta pôr a culpa da minha aparência nas injeções de cortisona no pulso, porque provocam inchaço, mas ninguém acredita.

Nada, no entanto, fascina tanto os britânicos quanto Barbra Streisand. Ela chega à quadra central para me ver jogar e há praticamente uma saudação de trompetes. Celebridades vão a Wimbledon o tempo todo, mas a aparição de Barbra provoca um tumulto como nunca vi. Os repórteres a assediam, depois me atormentam para falar sobre ela, e os tabloides se esforçam ao máximo para dissecar e diminuir a importância do nosso relacionamento, que não passa de uma apaixonada amizade.

Eles querem saber como nos conhecemos. Recuso-me a contar-lhes, porque Barbra é a pessoa mais tímida e reservada que conheço.

Tudo começou com Steve Wynn, o empresário de cassinos, que conheço desde criança. Ele e eu estávamos jogando golfe um dia, e mencionei que gostava da música de Barbra Streisand. Ele disse que ela era uma grande amiga. Daí começou uma série de telefonemas, durante os quais Barbra e eu fomos criando uma ligação. Quando venci Wimbledon, ela enviou um amável telegrama, dando parabéns, dizendo, sarcasticamente, que era legal colocar um rosto numa voz.

Algumas semanas depois, ela me convidou para uma pequena reunião na propriedade dela em Malibu. David Foster estaria lá, disse, e alguns outros amigos. Finalmente nos conhecemos.

O rancho era cheio de chalés, um dos quais era uma sala de cinema. Depois de um almoço leve, caminhamos até lá para a pré-estreia de *O clube da felicidade e da sorte*, a quintessência do filme chique, durante o qual achei que ia morrer de tédio. Depois fomos até outro chalé, um salão de música, com um piano de cauda perto da janela. Ficamos por ali comendo e conversando, enquanto David se sentava ao piano, tocando uma miscelânea de músicas sentimentais. Ele fez diversas tentativas para que Barbra cantasse. Ela não quis. Ele insistiu. Ela recusou. Ficou em cima dela até pegar mal. Desejei que ele parasse. Os cotovelos da Barbra estavam apoiados no piano, e ela estava de costas para mim. Vi-a se retesar. Estava claramente aterrorizada de cantar na frente de outras pessoas.

Menos de cinco minutos mais tarde, no entanto, cantarolou alguns compassos. O som encheu o aposento, das vigas às tábuas do chão. Todo mundo parou de falar. Copos se chocaram. Talheres tilintaram. Os ossos nas minhas costelas e no meu pulso vibraram. Durante um instante achei que alguém tinha posto um dos discos de Barbra num sistema de som Bose e ligado a pleno volume. Não podia acreditar que um ser humano fosse capaz de produzir tanto som, que uma voz humana pudesse preencher cada centímetro quadrado de uma sala.

Daquele momento em diante, fiquei ainda mais intrigado com Barbra. A ideia de que ela possuísse um instrumento tão arrasador, um talento tão poderoso, e não conseguisse usá-lo livremente, para seu próprio prazer, era fascinante. E familiar. E deprimente. Encontramo-nos logo depois daquele dia. Ela me convidou para ir ao rancho. Dividimos uma pizza e conversamos durante horas, descobrindo muitas coisas em comum. Ela era uma perfeccionista torturada, que detestava fazer uma coisa na qual era excelente. Mesmo assim, apesar de anos de semiaposentadoria, apesar de todas as dúvidas a respeito de si mesma e de seus medos torturantes, admitiu que avaliava a possibilidade de voltar ao palco. Incentivei-a a voltar. Disse-lhe que não era certo privar o mundo daquela voz, daquela voz espantosa. Acima de tudo, disse-lhe que seria perigoso render-se ao medo. Medos são como as drogas mais leves, disse eu. Você cede para a droga sem importância, e logo está se entregando às mais pesadas. E daí que ela não quisesse se apresentar? Tinha de se apresentar.

Naturalmente me sentia um hipócrita cada vez que dizia isso a Barbra. Nas minhas próprias lutas contra o medo e o perfeccionismo, eu perdia mais do que ganhava. Conversei com ela do jeito como conversava com os jornalistas: disse-lhe coisas que eu sabia serem verdadeiras e coisas que eu esperava que fossem verdadeiras, na maior parte das quais eu mesmo não conseguia acreditar inteiramente, nem agir de acordo com elas.

Depois de passarmos uma longa tarde de primavera jogando tênis, falei com Barbra a respeito da nova cantora que vira em Vegas, uma mulher com uma grande voz, não muito diferente da de Barbra. Perguntei: Você gostaria de ouvi-la?

Claro.

Levei-a até o meu carro e liguei um cd com essa nova sensação, uma canadense chamada Céline Dion. Barbra escutou atentamente, mordendo a unha do polegar. Dava para ver o que ela pensava: Eu posso fazer isso. Ela estava se imaginando outra vez em cena. Mais uma vez, me senti útil, mas também um grandissíssimo hipócrita.

Meu sentimento de hipocrisia chegou ao máximo quando Barbra finalmente se obrigou a subir ao palco. Lá estava eu, na primeira fila – usando um boné de beisebol preto. Minha peruca não estava legal outra vez, e eu tinha medo do que as pessoas pudessem pensar ou dizer. Além de ser hipócrita naquela noite, senti-me um escravo do medo.

Com muita frequência, Barbra e eu ríamos do choque e do escândalo causados por sairmos juntos. Concordamos que éramos bons um para o outro, e daí que ela fosse 28 anos mais velha? Éramos compatíveis, e o clamor do público apenas acrescentava tempero à nossa ligação. Aquilo fazia nossa amizade parecer proibida, um tabu – outro aspecto da minha rebelião geral. Namorar Barbra é feito usar Lava Quente. Mesmo assim, se estou cansado, se não estou no humor adequado, como é o caso em Wimbledon, o menosprezo do público pode doer. E Barbra cai na jogada daqueles que nos menosprezam, comentando com um jornalista que sou um mestre Zen. Os jornais deitam e rolam com esse comentário. Começo a escutar constantemente a citação de ser um mestre Zen. Por um curto intervalo de tempo, substitui o "imagem é tudo". Não entendo a reação, talvez por não saber o que é um mestre Zen. Só posso supor que seja alguma coisa boa, já que Barbra é minha amiga.

Botando de lado o assunto Barbra, e evitando jornais e tv, cumpro escala em Wimbledon, em 1993. Depois de sobreviver a Karbacher, venço João Cunha-Silva, de Portugal, Patrick Rafter, da Austrália, e Richard Krajicek, da Holanda. Estou nas quartas de final, enfrentando Pete. Como sempre, Pete. Imagino como meu pulso poderá aguentar seu saque, que ele desenvolveu, transformando num petardo. Mas Pete tem suas próprias dores. Seu ombro dói, seu jogo está ligeiramente pior. Pelo menos é o que dizem. Nunca se sabe o jeito como ele vai vir contra mim. Vence o primeiro set em menos tempo do que eu gasto me vestindo para o jogo. Vence o segundo set com a mesma velocidade.

Vai ser um dia curto, digo para mim mesmo. Olho para o meu camarote, e lá está Barbra, cheia de flashes pipocando à sua volta. Penso: Será que esta é mesmo a minha vida?

Quando começa o terceiro set, Pete tropeça. Adquiro novo fôlego. Esse set fica comigo, e o quarto também. A roda gira na minha direção. Vejo o medo tomar conta da fisionomia de Pete. Estamos empatados, dois sets para cada um, e a dúvida, a dúvida inequívoca, o segue como as longas sombras da tarde sobre a grama de Wimbledon. Para variar, desta vez não sou eu, mas Pete quem grita e se amaldiçoa.

No quinto set, Pete está fazendo careta e massageando o ombro. Pede atendimento médico. Durante a pausa, enquanto é tratado, digo para mim mesmo que este jogo é meu. Dois Wimbledon seguidos... Uau, não é uma *coisa*? Vamos ver o que os tabloides publicarão então. Ou o que eu vou dizer. *Que tal o seu Burger King agora?*

No entanto, quando retomamos o jogo, Pete é outra pessoa. Não está revivido, não está reenergizado – é alguém inteiramente diferente. Ele conseguiu de novo, se desvencilhou daquele outro Pete cheio de dúvidas, como uma cobra se descarta da pele. E agora está começando a me descartar. À frente em 5-4, começa o décimo game da partida explodindo

três aces diretos. Mas não são quaisquer aces. Eles têm até um som diferente. São como canhões da Guerra Civil. Triplo match point.

Subitamente, ele se encaminha para a rede, com a mão estendida, vitorioso mais uma vez. Esse aperto de mão dói fisicamente, e a dor não tem nada a ver com o meu pulso dolorido.

* * *

De volta ao meu ninho de solteiro, dias depois de perder para Pete, só tenho um objetivo. Quero evitar pensar em tênis por sete dias. Tudo o que preciso é de uma pausa. Estou com dor na alma, dor no pulso, meus ossos estão cansados. Preciso ficar sem fazer nada durante uma semana – só quero sentar e ficar quieto. Estou bebericando a minha primeira xícara de café, folheando o usa *Today*, quando uma manchete atrai o meu olhar. Porque traz o meu nome. "Bollettieri separa-se de Agassi". Nick conta ao jornal que não tem mais nada a ver comigo. Ele quer passar mais tempo com a família. Depois de dez anos é assim que ele me faz tomar conhecimento da sua decisão. Nem ao menos uma lembrancinha barata sobre a minha mesa, à guisa de despedida.

Minutos mais tarde, chega um envelope FedEx com uma carta de Nick. Não diz nada além do que está na reportagem do jornal. Leio-a dezenas de vezes antes de guardá-la numa caixa de sapatos. Vou até o espelho. Não me sinto assim tão mal. Não sinto nada. Estou adormecido. Como se a cortisona tivesse se espalhado do meu pulso para o corpo inteiro.

Vou até a casa de Gil e sento-me com ele no ginásio. Ele escuta, sente-se mal e tem raiva junto comigo.

Bem, digo. Acho que é temporada de "Romper com o Andre". Primeiro Wendi, agora Nick.

Minha comitiva está diminuindo mais depressa do que meu cabelo.

Embora não faça sentido, eu gostaria de voltar às quadras. Quero a dor que apenas o tênis propicia.

Mas não tanta dor. O efeito da cortisona já passou inteiramente, e a sensação de agulha com lâmina de barbear no meu pulso está simplesmente demais. Consulto outro médico, e ele diz que meu pulso precisa de uma cirurgia. Consulto ainda outro médico e ele diz que mais descanso pode funcionar. Fico com o médico do descanso. Depois de quatro semanas de repouso, no entanto, piso numa quadra e percebo numa jogada que cirurgia é a minha única opção.

Eu simplesmente não confio em cirurgiões. Confio em muito pouca gente, e especialmente não gosto da ideia de confiar num perfeito estranho, entregando todo o controle a alguém que acabo de conhecer. Encolho-me diante da ideia de me deitar numa mesa, inconsciente, enquanto alguém abre meu pulso, que é meu meio de vida. E se naquele dia ele estiver distraído? E se estiver desligado? Vejo isso acontecer nas quadras o tempo todo – metade do tempo acontece comigo. Estou entre os dez primeiros, mas, em alguns dias, pareço estar na categoria dos amadores. E se ele for o Andre Agassi da medicina? E se nesse dia ele não estiver em seu jogo classe A? E se estiver bêbado ou drogado?

Peço a Gil que esteja presente na sala de operação durante a cirurgia. Quero que ele faça o papel de sentinela, monitor, escudo, testemunha. Em outras palavras, quero que ele faça o que sempre faz. Fique de guarda. Mas desta vez usando avental e máscara.

Ele franze a testa. Sacode a cabeça. Não sabe.

Gil tem diversas qualidades deliciosamente delicadas, como seu horror ao sol, mas a mais querida são seus melindres. Ele não suporta a visão de agulhas. Fica nervoso quando tem de tomar uma vacina contra gripe.

Mas, por mim, ele vai encarar. Ele diz: Vou ser valente.

Vou ficar te devendo uma, digo a ele.

Jamais, responde. Não há essa coisa de dívidas entre nós.

Em 19 de dezembro de 1993, Gil e eu voamos até Santa Barbara e damos entrada no hospital. Enquanto as enfermeiras esvoaçam pelo quarto, me preparando, digo a Gil que estou tão nervoso que posso desmaiar.

Aí eles não vão precisar de anestesia.

Gil, isso pode ser o final da minha carreira de tenista.

Não.

E depois? O que vou fazer?

Eles botam uma máscara sobre o meu nariz e a minha boca. Respire fundo, dizem. Minhas pálpebras estão pesadas. Luto para mantê-las abertas, luto contra a perda do controle. Não vá embora, Gil. Não me deixe. Olho para os olhos negros de Gil, acima da máscara cirúrgica, observando, sem piscar. Gil está aqui, digo a mim mesmo. Gil entendeu. Gil está de plantão. Tudo vai dar certo. Deixo meus olhos se fechar, deixo um tipo de névoa me engolir. Meio segundo mais tarde estou acordando e Gil está inclinado sobre mim, dizendo que o pulso estava pior do que pensavam. Muito pior. Mas eles o limparam, Andre, e vamos torcer pelo melhor. É tudo o que podemos fazer, não é? Torcer pelo melhor.

Fixei residência no sofá de chenile verde com estofado duplo de plumas de ganso, controle remoto numa mão, telefone na outra. O cirurgião diz que tenho de manter o pulso elevado durante vários dias, de modo que me deito com ele apoiado numa grande almofada dura. Embora esteja sob a ação de analgésicos potentes, ainda assim me sinto ferido, preocupado, vulnerável. Pelo menos tenho alguma coisa com que me distrair. Uma mulher. Uma amiga da mulher de Kenny G, Lyndie.

Conheci Kenny G por intermédio de Michael Bolton, que conheci jogando na Copa Davis. Estávamos todos no mesmo hotel. Então, saída do nada, Lyndie me liga e disse que encontrou a mulher perfeita para mim.

Bom, gosto de perfeição.

Acho que vocês dois realmente vão se dar bem.

Por quê?

Ela é bonita, inteligente, sofisticada, engraçada.

Acho que não. Ainda estou tentando me recuperar da Wendi. Além do mais, não gosto dessas coisas arranjadas.

Você vai gostar deste arranjo. O nome dela é Brooke Shields.

Já ouvi falar nela.

O que você tem a perder?

Muito.

Andre.

Vou pensar. Qual é o número dela?

Você não pode ligar para ela. Ela está na África do Sul fazendo um filme.

Ela deve ter um telefone.

Nadica. Ela está no meio do nada. Está numa tenda, ou palhoça, no deserto. Você só tem acesso a ela por fax.

Ela me deu o número do fax de Brooke e pediu o meu.

Não tenho fax. É a única geringonça que não tenho nesta casa.

Dei a ela o número de Philly.

Aí, logo antes da minha cirurgia, recebi uma ligação de Philly.

Há um fax para você aqui em casa – da Brooke Shields?

E assim começou. Faxes para lá e para cá, uma correspondência a distância, com uma mulher que eu nunca vira. O que começou estranho foi ficando cada vez mais estranho. O ritmo da conversa era ridiculamente lento, o que estava bem para nós dois – ninguém estava com pressa. Mas a imensa distância geográfica também rapidamente nos fez baixar a guarda. Passamos de alguns faxes de flerte inocente para os segredos mais íntimos. Dentro de poucos dias, nossos faxes adquiriram um tom de afeto, de intimidade. Senti como se namorasse firme essa mulher que eu nunca vira e com quem eu nunca falara.

Parei de telefonar para Barbra.

Agora, imobilizado, com o pulso cheio de bandagens apoiado numa almofada, não tenho nada a fazer além de ficar obcecado pelo próximo fax de Brooke. Às vezes, Gil aparece e me ajuda com os diversos rascunhos. Fico intimidado pelo fato de Brooke ter se formado em Princeton, em literatura francesa, enquanto eu larguei o colégio na nona série. Gil afasta esse papo, estimula minha confiança.

Além do mais, ele diz, não se preocupe em saber se ela gosta de você. Preocupe-se em saber se você gosta dela.

Tá, digo eu. *Tá. Você tem razão.*

Então peço a ele que me consiga alguns exemplos do trabalho de Brooke Shields, e assistimos, nós dois, a um festival de cinema. Fazemos pipoca, diminuímos as luzes, e Gil bota o primeiro filme. *A lagoa azul*. Brooke como uma sereia impúbere, isolada com um menino numa ilha paradisíaca. Uma versão de Adão e Eva. Rebobinamos, avançamos, congelamos, debatemos se Brooke Shields é o meu tipo.

Nada mau, diz Gil. Nada mau mesmo. Ela definitivamente merece outro fax.

O namoro por fax continua durante semanas, até que Brooke envia um fax breve dizendo que terminou a filmagem e está voltando aos Estados Unidos. Chega em duas semanas. Aterrissa no lax. Por coincidência, tenho de estar em Los Angeles no dia seguinte à chegada dela. Estou gravando uma entrevista com Jim Rome.

Encontramo-nos na casa dela. Vou para lá direto do estúdio, ainda com a maquiagem pesada da tv, que fizera para a entrevista com Rome. Ela abre a porta com força, com aquela aparência de estrela de cinema, usando uma *écharpe* esvoaçante no pescoço. E sem maquiagem. (Ou, pelo menos, com menos que eu.) Mas o cabelo dela está bem curto, o que me produz um abalo. Sempre a imaginei com longos cabelos ao vento.

Cortei para fazer um papel, ela diz.

Em quê? *Bad news bears*?

A mãe dela aparece do nada. Trocamos um aperto de mão. Ela é cordial, mas rígida. Sinto uma vibração estranha. Sei, instintivamente, não importa o que aconteça, que essa mulher e eu

jamais nos daremos bem.

Levo Brooke para jantar. No caminho, pergunto: Você mora com sua mãe?

Moro. Quer dizer, não. Não na verdade. É complicado.

Sempre é, quando se trata dos pais.

Vamos ao Pasta Maria, um pequeno restaurante italiano em San Vicente. Peço uma mesa de canto, para que possamos ter privacidade, e não demora muito para eu me esquecer da mãe de Brooke, de seu corte de cabelo, de tudo. Ela tem uma pose notável, e carisma, e é surpreendentemente engraçada. Nós dois rimos quando o garçom se aproxima da mesa e pergunta: As senhoras já consultaram o menu?

Talvez seja hora de cortar o cabelo, digo.

Pergunto sobre o filme que ela acaba de fazer na África. Ela gosta de ser atriz? Ela fala com paixão da aventura de fazer um filme, de como é divertido trabalhar com atores e diretores talentosos, e percebo que ela é o oposto exato de Wendi, que nunca conseguiu saber o que queria. Brooke sabe exatamente o que quer. Vê os sonhos dela e não hesita em descrevê-los, mesmo que tenha problemas em saber como fazer que eles se realizem. Cinco anos mais velha que eu, ela é mais cosmopolita, mais antenada, mas, mesmo assim, transmite uma despreocupada inocência, uma carência que me faz querer protegê-la. Ela faz aflorar o Gil que tenho dentro de mim, uma faceta que eu não sabia possuir.

Falamos sobretudo das mesmas coisas que disséramos por fax, mas agora pessoalmente. Sobre nossos pratos de massa, aquelas coisas soam diferente, mais íntimas. Agora há uma nuance, um subtexto, uma linguagem corporal e os feromônios. Além disso, ela me faz rir muito, e faz ela mesma rir. Brooke tem um riso adorável. Assim como minha cirurgia de pulso, aquelas nossas três horas se passaram num milésimo de segundo.

Ela é excepcionalmente afetiva e carinhosa quando falo do meu pulso, examinando a cicatriz cor-de-rosa de três centímetros de comprimento, tocando-a de leve, fazendo perguntas. Além disso, demonstra empatia, porque também vai ter de enfrentar uma cirurgia, nos dois pés. Os dedos dos pés doem por causa de anos de estudo de dança, diz ela, e os médicos vão ter de quebrá-los e endireitá-los. Conto a ela sobre como Gil ficou de guarda na sala de cirurgia comigo, e ela pergunta, brincando, se pode pedi-lo emprestado.

Descobrimos que, apesar de nossas vidas parecerem diferentes, temos diversos pontos em comum. Ela sabe o que é crescer com um pai autoritário, impetuoso, ambicioso, corrosivo. A mãe de Brooke fora sua agente desde seus onze meses de idade. A diferença: a mãe ainda administrava seus interesses. E elas quase romperam, porque a carreira de Brooke está em declínio. O filme na África fora o primeiro trabalho importante que ela conseguia depois de um bom tempo. Estava fazendo comerciais de café na Europa só para pagar a hipoteca da casa. Ela diz coisas assim, impressionantemente sinceras, como se nos conhecêssemos há décadas. Não só porque amaciamos o terreno com os faxes. Ela é naturalmente aberta, o tempo todo, dá para eu perceber. Queria ter metade dessa abertura. Não consigo falar muito com ela a respeito dos meus próprios tormentos interiores, embora não possa deixar de admitir que detesto tênis.

Ela ri. Você na verdade não detesta o tênis.

Detesto.

Mas você não *detesta*, detesta?

Detesto, sim.

Conversamos sobre nossas viagens, comidas, músicas, filmes favoritos. Nos amarramos num filme recente, *Terra das sombras*, a história do escritor britânico C.S. Lewis. Conto a Brooke que o filme tocou alguma coisa dentro de mim. Havia o relacionamento próximo de Lewis com o irmão dele. Havia sua vida protegida, emparedada, contra o mundo. Havia seu medo do risco e da dor do amor. Mas uma mulher excepcionalmente valente o faz ver que a dor é o preço de ser humano, e que vale bem a pena. No final, Lewis diz a seus alunos: *A dor é o megafone de Deus para acordar um mundo surdo.* Ele fala: *Somos como blocos de pedra ... [Os] golpes de Seu cinzel, que nos machucam tanto, são o que nos torna perfeitos*. Perry e eu vimos o filme duas vezes, digo a Brooke, e decoramos metade dos diálogos. Fico emocionado por Brooke também amar esse filme. Fico ligeiramente admirado de ela ter lido diversos livros de Lewis.

Bem depois da meia-noite, enquanto nos demoramos sobre xícaras vazias de café, já não podemos ignorar os olhares impacientes dos garçons e do dono do restaurante. Precisamos ir embora. Levo Brooke para casa e, na calçada, em frente à casa, tenho a sensação de que a mãe dela está nos espiando atrás da cortina do andar de cima. Dou um beijo casto em Brooke e pergunto se posso visitá-la outra vez.

Por favor.

Enquanto se afasta, ela nota um furo no meu jeans, na região lombar. Enfia o dedo pelo furo coçando meu cóccix com a unha. Dá um rápido sorriso maroto antes de correr para dentro.

Dirijo meu carro alugado por Sunset Boulevard. Planejara voltar a Vegas, sem ao menos sonhar que o encontro daria tão certo ou pelo menos que seria tão longo, mas é tarde demais para pegar um avião. Resolvo parar e passar a noite no primeiro hotel que encontrasse, por acaso um Holiday Inn que já vira dias melhores. Dez minutos mais tarde, estou deitado num quarto bolorento, no segundo andar, escutando o tráfego chiar ao longo da Sunset e da 405. Tento rever o encontro – e, o que é mais importante, chegar a alguma conclusão a respeito dele, a respeito do que significa. Mas minhas pálpebras estão pesadas. Luto para mantê-las abertas, luto, como sempre, contra a falta de controle, que me parece ser a suprema perda de escolha.

Capítulo 15

Meu terceiro encontro com Brooke foi na noite anterior à cirurgia que ela fez nos pés. Estamos em Manhattan, na sala do térreo da casa dela. Estamos nos beijando, quase nos finalmentes, mas antes tenho de contar a ela a respeito do meu cabelo.

Ela desconfia que tenho alguma coisa para falar. O que houve? pergunta.

Nada.

Você pode me contar.

Só que não fui inteiramente sincero com você.

Estamos deitados num sofá. Sento-me, dou um soco numa almofada, respiro fundo. Ainda procurando as palavras certas, olho para as paredes. São decoradas com máscaras africanas, rostos sem olhos nem cabelo. São estranhas. Também vagamente familiares.

Andre, o que é?

Isto não é fácil de admitir, Brooke. Mas olhe, venho perdendo cabelo há algum tempo e uso uma peruca para disfarçar.

Estendo a mão, pego a mão dela e a ponho sobre a minha peruca.

Ela sorri. Eu desconfiava, diz ela.

É mesmo?

Grande coisa.

Você não está dizendo isso só por dizer?

São os seus olhos que acho atraentes. E seu coração. Não o seu cabelo.

Olho para os rostos sem olhos, sem cabelo, e imagino que estou caindo.

Vou com Brooke ao hospital e espero-a na sala de recuperação. Estou lá quando chegam com ela, os pés atados como os meus, antes de um jogo, e ainda estou lá quando ela acorda. Sinto a enorme onda de um sentimento de proteção e ternura – que diminui quando ela recebe um telefonema de seu grande amigo, Michael Jackson. Não consigo entender sua amizade constante com Jackson, dadas todas as histórias e acusações. Mas Brooke diz que ele é feito a gente. Outro prodígio que não teve infância.

Sigo Brooke até a casa dela e passo dias à beira de sua cama enquanto ela se recupera. A mãe de Brooke me encontra uma manhã no chão, ao lado da cama da filha. Fica escandalizada. Dormindo no chão? Isso simplesmente não se faz. Digo-lhe que prefiro dormir no chão. Minhas costas. Ela sai bufando.

Dou a Brooke um beijo de bom-dia. Sua mãe e eu estamos começando com o pé esquerdo.

Olhamos para os pés de Brooke. Palavras mal escolhidas.

Preciso ir embora. Tenho de estar em Scottsdale para o meu primeiro torneio depois da cirurgia.

Vejo-a em poucas semanas, digo para ela, beijando-a, abraçando-a.

O sorteio me favorece em Scottsdale, mas isso não diminui o meu medo. Aproxima-se o primeiro teste de verdade para o meu pulso – e se eu não estiver curado? E se estiver pior? Tenho um pesadelo recorrente: estou no meio de um jogo e minha mão cai. Estou no meu

quarto do hotel, fecho os olhos, tento visualizar o pulso que está curado e o jogo que vai bem, quando ouço uma batida à porta.

Quem é?

Brooke.

Com dois pés quebrados, ela fez questão de vir.

Venço o torneio sem sentir dor.

Semanas mais tarde, Pete e eu combinamos de dar uma entrevista simultânea ao repórter de uma revista. Pete vem ao meu quarto do hotel, onde deve acontecer a entrevista, e fica chocado ao conhecer Peaches.

Mas o que que é isso?, ele diz.

Pete, esta é Peaches. É uma papagaia velha que resgatei numa loja de animais de estimação em Las Vegas que estava fechando as portas para sempre.

Bela ave, diz Pete zombeteiro.

Ela *é* uma bela ave, digo eu. Não morde. Imita as pessoas.

Feito quem?

Feito eu. Ela espirra igual a mim, fala como eu – só que tem um vocabulário melhor. Tenho um ataque cada vez que o telefone toca. Peaches grita, Telefone! *Tele*-fo-ne!

Conto a Pete que em Vegas tenho um zoológico inteiro. Um gato chamado King, um coelho chamado Buddy, seja lá o que for para evitar a solidão. Homem nenhum é uma ilha. Ele abana a cabeça. Aparentemente não acha o tênis um esporte tão solitário quanto eu.

Damos a entrevista e de repente sinto que estou no quarto com dois papagaios. Pelo menos, quando eu sacaneio um repórter, sacaneio com algum talento, com um pouco de cor. Pete parece mais robótico do que Peaches.

Não me importo de contar a Pete, mas considero Peaches parte integrante da minha equipe, que está sempre crescendo, sempre mudando, numa constante experiência. Perdi Nick e Wendi, mas acrescentei Brooke e Slim, um garoto inteligente, doce, de Vegas. Frequentamos a escola primária juntos. Nascemos com um dia de diferença – no mesmo hospital. Slim é um bom camarada, mesmo sendo uma alma perdida, de modo que o contrato para trabalhar como meu assistente particular. Ele cuida da minha casa, deixa entrar o encarregado da piscina e os diversos sujeitos da manutenção, classifica a correspondência e atende aos pedidos de fotos e autógrafos dos fãs.

Agora acho que preciso acrescentar alguém para administrar a equipe. Chamo Perry de lado e peço a ele para dar uma olhada na administração dos meus negócios, ver se estão me cobrando demais. Ele revisa os contratos e diz que realmente eu podia me sair melhor. Ponho meus braços em torno dos ombros dele, agradeço – e tenho uma ideia. Por que *você* não se torna o meu administrador, Perry? Preciso de alguém em quem confie.

Sei que ele está ocupado. Está no segundo ano na faculdade de direito da Universidade do Arizona, ralando feito um condenado. Mas peço a ele, por favor, para pensar seriamente em aceitar o emprego, pelo menos em meio período.

Não preciso pedir duas vezes. Perry quer o emprego, quer começar já. Vai trabalhar entre as aulas, diz ele. Pela manhã, nos fins de semana, seja lá quando. Fora ser uma grande oportunidade, o emprego vai permitir que ele devolva o que me deve. Emprestei a Perry o dinheiro para a faculdade porque ele não queria pedir ao pai. Sentou-se à minha frente, uma

noite, e me contou como o pai dele usava o dinheiro para controlar as pessoas, em especial Perry. Tenho de me libertar do meu pai, ele disse. Tenho de me libertar, Andre, de uma vez por todas.

Poucos apelos eu acharia mais irresistíveis. Preencho um cheque para ele na mesma hora.

Como meu novo administrador, a principal tarefa de Perry é encontrar um novo técnico, alguém para ficar no lugar de Nick. Ele elabora uma curta lista de candidatos, e no topo está um cara que acabou de escrever um livro sobre tênis: *Winning ugly* [Ganhando feio].

Perry me entrega o livro, insiste para que eu o leia.

Olho para ele de cara feia. Obrigado, mas não, obrigado. Chega de escola para mim.

Além do mais, não preciso ler o livro. Conheço o autor. Conheço bem Brad Gilbert. Ele também é tenista. Já o enfrentei diversas vezes, inclusive há poucas semanas. O jogo dele é o oposto do meu. Ele é sucateiro, no sentido de que mistura velocidades, usa mudanças de ritmo, instruções trocadas, má-fé. Tem habilidades limitadas e se orgulha visivelmente disso. Se eu sou o clássico camarada que faz sempre menos do que seu potencial, Brad é o exemplo consumado do cara que consegue mais do que promete. Em vez de dominar os adversários, ele os frustra, explora suas deficiências. Ele cansou de me explorar. Fico intrigado, mas é inviável. Brad ainda está jogando. Na verdade, em razão da minha cirurgia e do tempo que fiquei afastado das quadras, ele já ocupa uma classificação superior à minha.

Não, diz Perry, Brad está se aproximando do final da carreira. Ele tem 32 anos, e talvez esteja aberto à ideia de ser técnico. Perry repete que ficou profundamente impressionado com o livro de Brad e acha que contém o tipo de conhecimentos práticos de que eu preciso. Em março de 1994, quando estamos todos em Key Biscayne para o torneio, Perry convida Brad para jantar num restaurante italiano em Fisher Island. Café Porte Chervo. Bem na água. Um dos nossos favoritos.

É cedo. O sol acaba de desaparecer atrás dos mastros e velas dos barcos no cais. Perry e eu chegamos cedo, e Brad chega na hora exata. Esqueci como ele parece distinto. Moreno, rude, certamente é boa-pinta, mas não do jeito clássico. Sua fisionomia não é cinzelada; parece *moldada*. Não consigo afastar a ideia de que Brad parece o homem de Neandertal, que acabou de saltar de uma máquina do tempo, ligeiramente sem fôlego por ter descoberto o fogo. Talvez seja todo aquele monte de pelos que me faz pensar assim. A cabeça, os braços, os bíceps, ombros e rosto são cobertos de pelos pretos. Brad tem tanto cabelo que eu fico ao mesmo tempo horrorizado e com inveja. Suas sobrancelhas já são em si fascinantes. Penso: Eu poderia fazer um magnífico aplique só com a sobrancelha esquerda.

O maître, Renato, diz que podemos nos sentar no terraço, com vista para o cais.

Eu digo: Parece ótimo.

Não, diz Brad. Não e não. Temos de nos sentar *lá dentro*.

Por quê?

Por causa de Monte.

Perdão? Quem é Monte?

Monte de Mosquitos. Mosquitos – é, eu realmente sofro muito com eles, e, acredite-me, Monte está aqui, Monte está aqui com a força toda, e Monte gosta de mim. Olhe para eles! Nuvens! Olhe! Não, eu preciso sentar lá dentro. *Longe* de Monte.

Ele explica que os mosquitos são o motivo pelo qual está usando jeans, e não shorts, mesmo que os termômetros marquem 38 ºC e esteja úmido. Monte, diz ele mais uma vez, com um

estremecimento.

Perry e eu nos entreolhamos.

Está bem, Perry diz. Que seja lá dentro.

Renato nos põe numa mesa ao lado da janela. Ele nos entrega os cardápios. Brad passa os olhos pelo dele e franze a testa.

Problema, diz ele.

O quê?

Eles não têm a minha cerveja. Bud Ice.

Talvez tenham...

Tem de ser Bud Ice. É a única cerveja que eu bebo.

Levanta-se e diz que vai até o mercado ao lado comprar algumas Bud Ice.

Perry e eu pedimos uma garrafa de vinho tinto e esperamos. Não dizemos nada durante a ausência de Brad. Ele volta em cinco minutos com meia dúzia de Bud Ice, que pede a Renato para pôr no gelo. Não na geladeira, diz Brad, porque não gela o suficiente. No gelo, ou então no congelador.

Quando Brad finalmente está instalado, metade de uma Bud Ice goela abaixo, Perry começa.

Então, escute, Brad, um dos motivos pelos quais quisemos nos encontrar com você é que queremos que você se encarregue do jogo do Andre.

Como assim?

O jogo do Andre. Gostaríamos que você nos dissesse o que pensa.

O que penso?

É.

Você quer saber o que acho do jogo dele?

Isso mesmo.

Você quer que eu seja sincero?

Por favor.

Brutalmente sincero?

Inteiramente.

Ele dá um gole enorme e começa um cuidadoso, minucioso, brutal – tal como foi anunciado – resumo das minhas deficiências como jogador de tênis.

Não é nada do outro mundo, diz ele. Se eu fosse você, com sua habilidade, seu talento, suas rebatidas e trabalho com os pés, eu já estaria dominando. Mas você perdeu o fogo que tinha aos dezesseis anos. Aquele moleque que pegava a bola cedo, era agressivo, que diabos aconteceu com ele?

Brad diz que o meu problema geral, o problema que ameaça terminar prematuramente com minha carreira – o problema que parece ser o legado do meu pai –, é o perfeccionismo.

Você sempre tenta ser perfeito, diz ele, e você sempre quase chega lá, e isso fode com a sua cabeça. Sua confiança acaba por causa do perfeccionismo. Você faz com que cada jogada seja uma bola campeã, quando simplesmente manter um jogo firme, consistente, feijão com arroz, seria o suficiente para vencer 90% das vezes.

Ele fala a milhares de rotações por minuto, um zumbido constante, parece um mosquito. Constrói os argumentos com metáforas esportivas, de todos os esportes, indiscriminadamente. É um ávido fã de esportes, e também fã de metáforas.

Pare de buscar o golpe decisivo, diz ele. Pare de bater as bolas para as grades. Tudo o que

você tem de ser é sólido. Em simples, duplas, leve as engrenagens para a frente. Pare de pensar em você, em seu próprio jogo, e lembre-se de que o cara do outro lado da rede tem fraquezas. Ataque as fraquezas dele. Você não tem de ser o melhor do mundo cada vez que está na quadra. Você tem apenas de ser melhor do que aquele camarada. Em vez de *você* ter sucesso, faça com que *ele* fracasse. Melhor ainda, *deixe-o* fracassar. É tudo questão de probabilidade e percentagens. Você é de Las Vegas, deveria entender de probabilidades e percentagens. A casa sempre vence, certo? Por quê? Porque as probabilidades estão a favor da casa. E daí? Seja a casa! Use as probabilidades a seu favor. Atualmente, ao tentar fazer com que cada bola seja a jogada perfeita, você está botando as probabilidades contra você. Está correndo risco demais. Você não precisa correr tanto risco. Foda-se a jogada. Simplesmente mantenha a bola indo e vindo. Para trás e para a frente. Tranquilamente. Sólido. Seja como a *gravidade*, cara, simplesmente como a porra da gravidade. Quando você vai atrás da perfeição, quando você faz da perfeição seu objetivo supremo, você sabe o que está fazendo? Você está correndo atrás de uma coisa que não existe. Você está fazendo todo mundo ao seu redor sofrer. Você está causando sofrimento para você mesmo. Perfeição? Mais ou menos cinco vezes por ano você é perfeito, quando você não tem condição de perder para ninguém, mas não são essas cinco vezes por ano que fazem um tenista. Ou um ser humano, aliás. São as outras vezes. É tudo uma questão de cabeça, cara. Com o seu talento, se você estiver 50% ligado no jogo, mas 95% ligado na cabeça, você vai ganhar. Mas se você estiver 95% no jogo e 50% ligado na cabeça, você vai perder, perder, perder. Mais uma vez, já que você é de Vegas, vamos pensar assim. São necessários 21 sets para ganhar um torneio. Só isso. Você só precisa vencer 21 sets. Sete jogos, melhor de cinco sets. Isso é 21. No tênis, como nas cartas, 21 é vencedor. *Blackjack*! Concentre-se nesse número, e você não poderá errar. Simplifique, simplifique. Cada vez que você vencer um set, diga para você mesmo: Menos um. Esse já é meu. No início de um torneio, conte *para trás* a partir de 21. É o pensamento positivo, entende? É claro, falando de mim mesmo, quando estou jogando *blackjack*, prefiro ganhar com dezesseis, porque *isso* é ganhar feio. Não há necessidade de ganhar com 21. Não há necessidade de ser perfeito.

Ele já está falando há quinze minutos. Perry e eu não o interrompemos, nem sequer tínhamos olhado um para o outro, não tínhamos dado um gole no vinho. Por fim Brad enxuga sua segunda cerveja e anuncia: Onde fica o banheiro neste lugar? Preciso mijar.

No momento em que ele sai, digo a Perry: É o nosso cara.

Sem dúvida.

Quando Brad volta, o garçom chega para anotar os pedidos. Brad pede *penne arrabbiata* com frango grelhado e mussarela.

Perry pede frango *a parmeggiana*. Brad olha para Perry com nojo. Má pedida, diz ele.

O garçom para de escrever.

O que você quer, diz Brad, é pedir um peito de frango, e então pedir a mussarela e o molho separados. Veja, assim o peito de frango está fresco, e não encharcado, além do mais você pode controlar a proporção entre frango, queijo e molho.

Perry agradece a Brad pela técnica no pedido, mas vai se ater ao que já tinha falado. O garçom olha para mim. Aponto para Brad e digo: Vou querer o mesmo que ele.

Brad sorri.

Perry limpa a garganta e diz, Então, Brad. Você teria algum interesse em ser o técnico de

Andre?

Brad pensa. Durante três segundos. Sim, diz ele. Acho que gostaria. Acho que posso ajudá-lo.

Pergunto: Quando começamos?

Amanhã, diz Brad. Encontro você na quadra às dez da manhã.

Ahn. Bom. Isso pode ser um problema. Nunca jogo antes de uma hora.

Andre, diz ele, começamos às dez.

Estou atrasado, claro. Brad olha o relógio.

Achei que tínhamos dito às dez?

Cara, eu nem sei o que significa dez da manhã.

Começamos a bater bola, e Brad começa a falar. Ele não para, como se as horas entre o monólogo da noite anterior e o treino desta manhã tivessem sido um mero intervalo. Ele decompõe o meu jogo, antecipa e analisa minhas jogadas à medida que as executo. O principal ponto que ele enfatiza é o backhand na linha de fundo.

No segundo em que você tiver a chance de enfiar um backhand na linha de fundo, ele diz, você tem de fazer isso. Essa é a sua jogada premiada. É o seu capital. Dá para pagar um monte de contas com essa jogada.

Jogamos alguns games, e ele para frequentemente para vir à rede e me explicar por que acabo de fazer a coisa mais burra do mundo.

Por que você fez isso? Eu sei que é uma jogada assassina, mas nem todas as jogadas precisam ser assassinas. Algumas vezes a melhor jogada é segurar a bola, mandar uma bola boa que dê ao outro cara a chance de errar. Deixa o outro cara jogar.

Gosto do jeito como as coisas estão indo. Vibro em reação às ideias de Brad, ao seu entusiasmo, à sua energia. Encontro paz em seu argumento de que o perfeccionismo é voluntário. O perfeccionismo é uma coisa que eu escolhi e que está acabando comigo, e eu posso escolher outra coisa. Eu devo escolher outra coisa. Ninguém nunca disse isso para mim. Sempre parti da noção de que o perfeccionismo era feito o meu cabelo ficando cada vez mais ralo ou a minha coluna engrossando. Uma parte inata em mim.

Depois de uma leve refeição no meio do dia, ponho os pés para cima, assisto à tv, leio os jornais, sento-me sob a sombra de uma árvore – depois saio para vencer o meu jogo contra Mark Petchey, um garoto britânico da minha idade. Meu jogo seguinte é contra Becker, que agora está sendo treinado por Nick. Depois de dizer publicamente que não podia se imaginar treinando qualquer um dos meus rivais, Nick agora treina um dos meus arquirrivais. Na verdade, Nick senta-se no camarote de Becker. Becker está dando grandes saques, como sempre, a 216 quilômetros por hora, mas, com Nick no camarote dele, estou de adrenalina até a tampa e me sinto capaz de lidar com qualquer coisa que ele jogue do meu lado. E Becker sabe disso. Ele para de competir e joga para a plateia. Perdendo um set e com um break contra, ele entrega a raquete para a pegadora de bola, como se dissesse: Tome, você pode fazer tão bem quanto eu.

Estou pensando: Sim, deixe-a jogar, eu vou acabar com vocês dois.

Depois de despachar Becker, estou na final. Meu adversário? Pete. Como sempre, Pete.

Programaram o jogo para ser televisionado em rede nacional. Brad e eu estamos ambos pilhados ao entrar no vestiário, mas encontramos Pete deitado no chão. Um médico e um

preparador se inclinam sobre ele. O diretor do torneio paira ao fundo. Pete leva os joelhos ao peito e geme.

Intoxicação alimentar, diz o médico.

Brad sussurra para mim: Adivinha quem acaba de vencer Key Biscayne.

O diretor me leva com Brad para um lado e pergunta se estamos dispostos a dar a Pete tempo para se recuperar. Sinto Brad se enrijecer. Sei o que ele quer que eu diga. Mas digo ao diretor: Dê a Pete todo o tempo que ele precisar.

O diretor suspira e põe a mão no meu braço. Obrigado, diz ele. Temos 14 mil pessoas na plateia. Mais a rede de televisão.

Brad e eu nos instalamos no vestiário, mudando os canais na tv, dando telefonemas. Ligo para Brooke, que está fazendo uma audição para *Grease* na Broadway. Caso contrário, ela estaria aqui.

Brad me lança um olhar malvado.

Relaxe, digo a ele, Pete provavelmente não vai melhorar.

O médico aplica uma intravenosa em Pete, depois o põe de pé, apoiado. Pete bamboleia como um potro recém-nascido. Ele jamais vai conseguir.

O diretor do torneio se aproxima de nós.

Pete está pronto, diz ele.

Puta que pariu, diz Brad. Nós também.

Deverá ser uma noite curta, digo a Brad.

Mas Pete repete o feito. Ele manda seu gêmeo do mal para a quadra. Esse *não* é o Pete que estava encolhido feito uma bola no chão do vestiário. Esse não é o Pete que estava recebendo uma intravenosa e cambaleando em círculos. Esse Pete está no auge da vida, sacando em velocidade, um saque arqueado, quase sem suar. Está jogando seu melhor tênis, invencível, e pula à frente em 5-1.

Agora estou com raiva. É como se eu tivesse encontrado um passarinho machucado, levado para casa e tratado dele até ele se recuperar, para depois ele vir e arrancar meus olhos a bicadas. Revido e venço o set. Certamente resisti ao único ataque que Pete consegue desfechar. É impossível que ele ainda tenha alguma coisa escondida.

Mas no segundo set ele está ainda melhor. E no terceiro é um monstro. Ele vence o jogo, melhor de três sets.

Irrompo vestiário adentro. Brad está me esperando, fervendo de raiva. Ele diz outra vez que, se estivesse no meu lugar, teria obrigado Pete a perder por desistência. Teria exigido que o diretor me entregasse o cheque de vencedor.

Eu não sou assim, digo a Brad. Não quero ganhar desse modo. Além do mais, se não consigo derrotar um cara que está com intoxicação, estirado no chão, então eu não *mereço*.

Brad subitamente para de falar. Os olhos dele se arregalam. Ele balança a cabeça. Não pode discutir com isso. Ele respeita meus princípios, diz, mesmo que não concorde.

Saímos juntos do estádio feito Bogart e Claude Rains no final de *Casablanca*. O começo de uma linda amizade. Um novo e vital integrante da equipe.

Aí a equipe entra numa veia perdedora de proporções épicas.

Adotar os conceitos de Brad é feito aprender a escrever com a mão esquerda. Ele chama sua filosofia de Bradtênis. Eu a chamo de Braditude. Seja lá o diabo que for, é difícil. Sinto-

me de volta à escola, sem compreender nada, ansiando por estar em qualquer outra parte. Vezes e vezes seguidas, Brad diz que preciso ser consistente, constante, como a gravidade. Ele fala isso sem parar: Seja como a gravidade. Pressão constante, fazendo o oponente vergar. Ele tenta me animar com a noção da alegria de ganhar feio, com a virtude de uma vitória feia, mas eu só sei como perder feio. E pensar feio. Confio em Brad, sei que seus conselhos são corretos, faço tudo o que ele manda – então, por que não estou ganhando? Abandonei o perfeccionismo – então, por que não sou perfeito?

Vou para Osaka, perco outra vez para Pete. Em vez de gravidade, sinto-me um trapalhão.

Vou a Monte Carlo e perco para Yevgeny Kafelnikov – na primeira rodada.

Para piorar ainda mais as coisas, perguntam a Kafelnikov, nas entrevistas depois do jogo, como ele se sente por ter me derrotado, já que tantos fãs estavam torcendo por mim.

Difícil, diz Kafelnikov, porque Agassi é feito Jesus.

Não entendo o que ele quer dizer, mas não acho que seja um cumprimento.

Vou para Duluth, Georgia, perco para MaliVai Washington. Depois, no vestiário, sinto-me esmagado. Brad aparece, sorrindo. Boas coisas, ele diz, estão prestes a acontecer.

Olho para ele, incrédulo.

Ele diz: Você tem de sofrer. Você tem de perder uma porrada de jogos apertados. E então, um dia, você vence um jogo apertado e os céus vão se abrir, e você vai dar a volta por cima. Você só precisa dessa única reviravolta, dessa abertura, e depois disso nada vai impedir você de ser o melhor do mundo.

Você está maluco.

Você está aprendendo.

Você é doido.

Você vai ver.

Vou para o Aberto da França de 1994 e jogo cinco sets cruéis contra Thomas Muster. Fico atrás em 1-5 no quinto set, e então alguma coisa acontece. Sempre ouço a filosofia de Brad na minha cabeça, mas agora está vindo de dentro, não de fora. Já a internalizei, do jeito como tinha internalizado a voz do meu pai. Me esforço muito e empato o set em 5-5. Muster quebra o meu saque. Ele está sacando para o jogo. Mesmo assim, levo o jogo para 30-40, tenho esperanças. Estou na ponta dos pés, pronto, mas ele acerta um backhand que não alcanço. Estendo a raquete, bato longe.

Fim de jogo, Muster.

Perto da rede, ele esfrega a minha cabeça, despenteia meu cabelo. Além de condescendente, o gesto dele quase tira a minha peruca do lugar.

Boa tentativa, ele diz.

Olho para Muster com ódio puro. Grande erro, Muster. Não ponha a mão no meu cabelo. Jamais encoste a mão no meu cabelo. Só por isso – digo a ele, na rede – vou te fazer uma promessa. Nunca mais vou perder para você.

No vestiário, Brad me dá os parabéns.

Boas coisas, diz ele, estão prestes a acontecer.

O quê?

Ele abana a cabeça. Confie em mim – boas coisas.

Claro que ele não compreende a dor que sinto ao perder. E, quando alguém não entende,

não adianta explicar.

Em Wimbledon, em 1994, chego à quarta rodada, mas perco uma partida dificílima para Todd Martin. Estou machucado, assustado, decepcionado. No vestiário, Brad sorri e diz: Boas coisas.

Vamos para o Aberto do Canadá. Brad me choca no início do torneio. Boas coisas, diz ele, *não* estão prestes a acontecer. Pelo contrário, vejo algumas coisas más no horizonte.

Ele está examinando a chave em que caí. nb, diz ele.

Que diabos significa nb?

Nada Bom. Você pegou uma chave terrível.

Deixa eu ver.

Arranco o papel da mão dele. Brad tem razão. Meu primeiro jogo é moleza, contra Jakob Hlasek, da Suíça, mas na segunda rodada pego David Wheaton, que sempre me traz um caminhão de problemas. Mesmo assim, há poucas coisas que eu deteste mais do que expectativas ruins. É só me dizer que não posso fazer alguma coisa. Informo Brad de que vou vencer isto aqui.

E quando eu vencer, acrescento, você vai ter de botar um brinco na orelha.

Não gosto de joias, diz ele.

Ele pensa um pouco.

Está bem, diz. Feito, combinado.

A quadra no Aberto do Canadá parece incrivelmente pequena, o que faz o adversário parecer maior.

Wheaton é um cara grande, mas aqui no Canadá ele parece ter três metros de altura. É uma ilusão de óptica, mas, mesmo assim, me parece que ele está a cinco centímetros do meu rosto. Distraído, perco dois match points no tiebreak do terceiro set.

Aí, inteiramente fora do normal, recupero o autocontrole. Descarto todas as distrações e ilusões de óptica, reajo e venço. Faço o que Brad disse que eu faria. Venço um jogo apertado. Mais tarde, digo a Brad, esse foi o jogo que você disse que eu ia vencer. Foi o jogo que você disse que iria mudar as coisas.

Ele sorri como se eu tivesse simplesmente me sentado num restaurante sozinho e pedido frango *a parmeggiana* com o peito de frango separado do queijo e do molho. Muito bom, Gafanhoto. Um dia da caça, outro do caçador.

Meu jogo está ficando mais acelerado, minha cabeça está desacelerando, passo como uma ventania pelo resto da chave e venço o Aberto do Canadá.

Brad escolhe um pequeno diamante.

Ao ir para o Aberto dos Estados Unidos, em 1994, sou o número 20 do mundo, portanto, não sou cabeça de chave. Desde os anos 1960, só cabeças de chave venceram o Aberto dos Estados Unidos.

Brad gosta. Ele diz que não quer que eu seja cabeça de chave. Quer que eu seja o curinga do baralho. Você vai jogar com gente forte nas primeiras rodadas, ele diz, e, se passar por eles, você ganha o torneio.

Ele tem certeza disso. Tanta certeza que promete raspar os pelos do corpo inteiro quando eu ganhar. Estou sempre dizendo a Brad que ele é muito peludo. Ele faz o Pé Grande se parecer com Kojak. Ele precisa aparar aquele peito, aqueles braços – e aquelas sobrancelhas. Ou

apara ou dá um nome para elas.

Acredite em mim, digo a ele, raspe esse peito e você vai sentir coisas que nunca sentiu antes.

Vença o Aberto dos Estados Unidos, diz ele, e você também vai sentir.

Por causa da minha baixa classificação, estou abaixo do alcance do radar nesse Aberto dos Estados Unidos. (Eu estaria ainda mais por baixo se Brooke não estivesse presente, provocando uma foto cada vez que vira a cabeça.) Sou todo negócios, e me visto a caráter. Uso boné preto, shorts pretos, meias pretas, sapato preto e branco. Mas no início do meu primeiro jogo, contra Robert Eriksson, sinto os velhos nervos sobressaltados. Sinto enjoo. Luto contra isso, pensando em Brad, recusando-me a acolher pensamentos de perfeição. Concentro-me em ser sólido, deixando Eriksson perder, e ele perde. Ele me manda direto para a segunda rodada.

Então – depois de quase sufocar – venço Guy Forget, da França. Depois elimino Wayne Ferreira, da África do Sul, em sets corridos.

Em seguida vem Chang. Acordo na manhã do jogo com uma diarreia feroz. Quando chega a hora do jogo, estou fraco, exaurido e balbuciando como Peaches. Gil me faz beber uma dose extra da sua Água. Esse lote tem uma espessura, uma densidade que mais parece óleo. Eu me forço a engolir aquilo, quase vomitando diversas vezes. Enquanto isso Gil cochicha: Obrigado por confiar em mim.

Depois entro numa clássica dança da gangorra com Chang. Ele é aquele fenômeno raro – um adversário que quer ganhar tanto quanto eu, nem mais, nem menos. Nós dois sabemos, desde o primeiro saque, que iremos até o último fim dos fins. Retoque de foto. Não há outra solução possível. Mas, no quinto set, pensando que estamos destinados a um tiebreak, ganho ritmo e quebro o saque dele logo de cara. Solto golpes malucos, e sinto que ele está perdendo pique. Quase não é justo, depois de uma luta daquelas tão equilibrada, que eu esteja tirando o jogo da mão dele dessa forma. Eu deveria ter mais dificuldade para derrubá-lo nos minutos finais, mas é vergonhosamente fácil.

Na coletiva de imprensa, Chang fala aos repórteres de um jogo diferente do que eu acabo de jogar. Ele diz que deveria ter jogado outros dois sets. Andre teve sorte, diz. Além do mais, Chang expressa muito orgulho por ter exposto falhas no meu jogo e prevê que outros jogadores no torneio serão gratos a ele. Diz que agora estou vulnerável. Frito.

Em seguida enfrento Muster. Cumpro minha promessa de nunca mais perder para ele. Preciso de cada grama de autocontrole para não esfregar a cara dele na rede.

Estou na semifinal. Devo jogar com Martin no sábado. Na sexta-feira à tarde, Gil e eu estamos almoçando no P.J. Clarke's. Pedimos a mesma coisa de sempre: cheeseburgers em *English muffins* grelhados. Estamos na seção da nossa garçonete preferida, a que sempre concordamos que deve ter uma história para contar, se alguém fosse valente o suficiente para perguntar. Enquanto esperamos a comida, folheamos uma pilha de jornais de Nova York. Vejo que a coluna de Lupica[4] é a meu respeito. Eu não deveria lê-la, mas leio. Ele escreve que vou perder o Aberto dos Estados Unidos, mas você pode contar que eu *vou* dar um jeito de perder.

Agassi, Lupica escreve, simplesmente não é um campeão.

Fecho o jornal e sinto como se as paredes se aproximassem, como se minha visão estivesse se estreitando até ficar só um pontinho. Lupica parece ter tanta certeza, como se pudesse

prever o futuro. E se ele tiver razão? E se essa for ela, a minha hora da verdade, e eu me revelar um engodo? Se não acontecer agora, então, terei outra chance de vencer o Aberto dos Estados Unidos? Tantas coisas precisam acontecer com a gente. Finais não crescem em árvores. E se eu nunca vencer este torneio? E se eu sempre olhar para trás, para este momento, com remorso? E se contratar Brad tiver sido um erro? E se Brooke for a garota errada para mim? E se minha equipe, reunida com tanto cuidado, for a equipe errada?

Gil ergue os olhos e me vê ficar branco.

O que houve?

Leio a coluna para ele. Ele não se mexe.

Gostaria de me encontrar com esse Lupica algum dia, ele diz.

E se ele tiver razão?

Controle aquilo que você pode controlar.

É.

Controle aquilo que você pode controlar.

Certo.

Aqui vem nossa comida.

Martin, que acabara de me vencer em Wimbledon, é um adversário mortal. Ele tem um belo jogo quando saca e um jogo sólido quando recebe. É imenso, com mais de dois metros de altura, e rebate o saque nos dois lados com precisão e convicção. Ele vai encher o braço para devolver um saque que não é de primeira, o que põe uma pressão enorme num sacador médio como eu. Com os seus próprios saques ele é inacreditavelmente preciso. Se perder, será apenas por um fiozinho de nada. Martin acerta a linha, e não tem o menor interesse em atingir a metade interior da linha – ele quer atingir a metade de fora. Por algum motivo, sou melhor contra os grandes sacadores que erram bastante. Gosto de provocar, de adivinhar para que lado o saque vai. Com jogadores como Martin, é mais fácil eu adivinhar errado do que certo, e com isso fico sem cobertura lateral. Ele é um páreo duríssimo para um jogador com o meu perfil. Assim que começa a nossa semifinal, gosto das chances dele, e das de Lupica, mais do que das minhas.

Mesmo assim, ao longo dos primeiros games, percebo que várias coisas estão a meu favor. Martin é melhor na grama que na quadra dura. Essa é a *minha* superfície. Além disso, como eu, ele é do tipo que não joga com todo o seu potencial. É, como eu, escravo dos próprios nervos. Compreendo o homem com quem estou jogando, portanto, compreendo-o intimamente. Conhecer seu inimigo *é* uma grande vantagem.

Acima de tudo, Martin tem um tique. Um sinal. Alguns jogadores, antes de sacar, olham para o adversário. Alguns não olham para lugar algum. Martin olha para um ponto especial na área de saque. Se ele olha muito tempo para aquele ponto, vai sacar na direção oposta. Se ele apenas lança um rápido olhar, vai sacar diretamente naquele ponto. Você pode não notar isso no 0-0 ou no 15-0, mas no break point ele fixa aquele ponto com um olhar maníaco, como o assassino num filme de terror, ou dá uma olhada e desvia os olhos como um iniciante numa mesa de pôquer.

O jogo se desenrola tão facilmente, no entanto, que não preciso dos sinais de Martin. Ele parece instável, diminuído pela ocasião, enquanto eu estou jogando com uma determinação incomum. Vejo-o duvidar de si mesmo – quase consigo ouvir suas dúvidas – e fico com pena. Quando saio da quadra, tendo vencido em quatro sets, penso: Ele tem de amadurecer um

pouco. Aí caio em mim. Será que eu realmente disse isso – a respeito de outra pessoa?

Na final enfrento Michael Stich, da Alemanha. Ele chegou à final de três campeonatos, de modo que não é como Martin, é uma ameaça em qualquer superfície. Além disso, é um atleta estupendo, com uma envergadura inacreditável. Tem um primeiro saque poderoso, pesado e rápido, e, quando está funcionando, o que geralmente acontece, consegue sacar até a semana seguinte. Ele é tão preciso que você fica chocado quando ele perde o saque, e tem de dominar seu choque para permanecer jogando aquele ponto. Mesmo quando ele erra, no entanto, você não está fora de perigo, porque aí retoma seu saque seguro, um tiro de canhão que deixa você no chão. E, só para você ficar ainda mais um pouco desequilibrado, Stich não tem padrões nem tendências. Você nunca sabe se ele vai sacar, subir à rede e volear ou jogar na linha de fundo.

Esperando assumir o controle, ditar os termos, tento neutralizar rapidamente esses obstáculos, batendo na bola de modo limpo, rápido, fingindo não ter medo. Gosto do som que a bola faz quando sai da minha raquete. Gosto do som da torcida, seus *uuhs* e *aahs*. Stich, porém, fica nervoso. Quando você perde o primeiro set tão rapidamente quanto ele perdeu, 6-1, sua reação é entrar em pânico. Posso ver isso na sua linguagem corporal, ele está sucumbindo a esse instinto.

Ele se recompõe no segundo set, no entanto, e me dá uma trabalheira danada. Fecho em 7-6, mas acho que dei sorte. Sei que qualquer um poderia ter ganho.

No terceiro, nós dois elevamos o nível do jogo. Sinto a linha de chegada me chamando, mas agora ele está mentalmente comprometido com sua luta. Houve ocasiões, no passado, em que desistiu do jogo contra mim, quando correu riscos desnecessários porque não acreditou em si mesmo. Desta vez, não. Está jogando de modo inteligente, provando para mim que vou ter de arrancar o troféu de suas mãos se eu realmente quiser ganhar. E eu quero. Então arranco. Temos pontos longos, disputados, sequências de trocas de bola depois do meu saque, até que ele se dá conta de que estou comprometido, que estou disposto a bater bola com ele o dia inteiro. Vejo-o de repente sem fôlego, segurando o lado do corpo. Começo a imaginar como o troféu vai ficar na residência de solteiro lá em Las Vegas.

Não há quebras de saques no terceiro set. Até 5-5. Finalmente quebro o saque dele e agora estou sacando para o jogo. Escuto a voz de Brad, tão clara como se ele estivesse atrás de mim. *Ataque o forehand dele. Quando estiver em dúvida, o forehand, o forehand.* Então coloco a bola no forehand de Stich. Ele erra várias vezes seguidas. Acho que, para nós dois, o resultado que se segue era inevitável.

Caio de joelhos. Meus olhos se enchem de lágrimas. Olho para o meu camarote, para Perry, Philly, Gil e especialmente para Brad. Você sabe tudo o que precisa saber a respeito das pessoas quando vê as expressões delas nos momentos do seu maior triunfo. Acreditei no talento de Brad desde o início, mas agora, vendo sua pura e irrestrita felicidade por mim, *acredito* nele sem restrições.

Os repórteres me dizem que sou o primeiro jogador que não fora cabeça de chave, desde 1966, a vencer o Aberto dos Estados Unidos. Mais importante ainda, o primeiro homem que ganhou, nessas mesmas condições, foi Frank Shields, avô da quinta pessoa no meu camarote. Brooke, que estivera lá para ver todos os jogos, parece tão inteiramente feliz quanto Brad.

Minha nova namorada, meu novo treinador, meu novo administrador, meu pai substituto.

Por fim, a equipe está firmemente, irrevogavelmente, montada.

Capítulo 16

Acho que você deveria se livrar dessa peruca, diz Brooke. E desse rabo de cavalo. Raspe o cabelo bem curto e fique livre disso.

Impossível. Vou me sentir nu.

Você vai se sentir liberado.

Vou me sentir exposto.

É como se ela estivesse sugerindo que eu mandasse arrancar todos os meus dentes. Digo-lhe para esquecer isso. Depois vou embora e penso no assunto durante alguns dias. Penso a respeito de todo o sofrimento que meu cabelo já me causou, da inconveniência das perucas, da hipocrisia, do fingimento e da mentira. Talvez a ideia não seja assim tão estapafúrdia, afinal de contas. Talvez seja o primeiro passo em direção à sanidade.

Fico de pé na frente de Brooks uma manhã e digo: Vamos cortá-lo.

Cortar o quê?

Cortar o cabelo. Cortá-lo *todo*.

Marcamos o ritual do corte para tarde da noite, numa hora normalmente reservada para sessões espíritas e *raves*. Será na cozinha da casa de Brooke, depois que ela voltar do teatro. (Brooke ganhou um papel em *Grease*.) Vamos dar uma festa, diz ela, convidar uns amigos.

Perry está lá. E, apesar do nosso rompimento, Wendi também. Brooke está abertamente irritada com a presença de Wendi, e vice-versa. Perry está confuso. Explico a Brooke e a Perry que, apesar da nossa histórica romântica, Wendi ainda é uma grande amiga, uma amiga para a vida inteira. Ser tosquiado é um passo dramático, e preciso de amigos que me deem apoio moral, assim como precisei de Gil quando fiz a cirurgia no pulso. Na verdade, passa pela minha cabeça que, para aquela cirurgia, eu também tive de ser sedado. Fomos comprar vinho.

O cabeleireiro de Wendi, Matthew, põe minha cabeça na pia, lava meu cabelo, depois puxa ele bem apertado.

Andre... tem certeza?

Não.

Está pronto?

Não.

Quer fazer isso em frente a um espelho?

Não. Não quero olhar.

Ele me senta numa cadeira de madeira e então... tique. Lá se vai o rabo de cavalo.

Todo mundo aplaude.

Ele começa cortando o cabelo dos lados da cabeça, rente, próximo ao crânio. Penso no moicano de Bradenton Mall. Fecho os olhos, sinto meu coração latejar, como se estivesse prestes a jogar uma final. Isto foi um erro. Talvez o erro que vai definir minha vida. J.P. me aconselhou a não fazer isso. J.P. disse que sempre que ele assiste a um de meus jogos, ele ouve as pessoas falar do meu cabelo. As mulheres me amam por causa do meu cabelo, os homens me detestam por causa dele. Agora que J.P. deixou de ser pastor e se dedicou à música, anda fazendo uns trabalhos em publicidade, compondo jingles para comerciais de

rádio e tv, de modo que falou com alguma autoridade ao proclamar: Para o mundo corporativo, Andre Agassi *é* o cabelo dele. E, quando o cabelo de Andre Agassi tiver sumido, os patrocinadores corporativos irão embora também.

Além disso, ele sugeriu enfaticamente que eu relesse a história da Bíblia a respeito de Sansão e Dalila.

Enquanto Matthew corta, corta, *corta*, eu me dou conta de que devia ter ouvido J.P. Alguma vez J.P. já me deu alguma orientação errônea? À medida que os chumaços de cabelo vão caindo no chão, sinto chumaços de mim ser cortados.

Aquilo demora onze minutos. Então Matthew puxa a bata e diz: *Ta-dah*!

Vou até o espelho. Vejo uma pessoa que não reconheço. Na minha frente está um estranho total. Meu reflexo não é diferente, simplesmente não sou eu. Mas, na realidade, o que foi mesmo que eu perdi? Talvez seja mais fácil para mim ser *esse* cara. Todo esse tempo com Brad, tentando consertar o que está *dentro* da minha cabeça, e nunca me ocorreu consertar o que está *sobre* a minha cabeça. Sorrio para o meu reflexo, passo a mão pelo couro cabeludo. Alô. Prazer em conhecê-lo.

À medida que a noite se transforma em manhã, à medida que vamos esvaziando diversas garrafas de vinho, sinto-me alegre e em alta dívida com Brooke. Você tinha razão, digo a ela. Minha peruca era uma algema. E meu cabelo natural crescido num comprimento absurdo, tingido de cores diversas, também era um peso, me fazia ficar pequeno. Parece tão trivial... o cabelo. Mas o cabelo tem sido o ponto crucial da minha imagem pública e da minha autoimagem — e tem sido uma farsa.

Agora a farsa está no chão da casa de Brooke, parecendo minúsculos montes de feno. Sinto-me bem por estar livre daquilo. Sinto-me verdadeiro. Sinto-me livre.

E faço jus a isso. No Aberto da Austrália de 1995, começo como o Incrível Hulk. Não deixo passar um set, numa blitz que não deixa um único prisioneiro para a final. Essa é a primeira vez que jogo na Austrália, e não consigo imaginar por que esperei tanto tempo. Gosto da superfície, do local, do calor. Tendo crescido em Vegas, não sinto tanto o calor como os outros jogadores, e a característica que define o Aberto da Austrália é a temperatura espantosa. Assim como a fumaça dos charutos e cachimbos fica na memória depois de jogar Roland Garros, a lembrança nebulosa de jogar num forno gigantesco permanece em você durante semanas depois que você sai de Melbourne.

Além disso, gosto do povo australiano, e eles aparentemente também me curtem. Mesmo que não seja eu, sou esse novo camarada careca com uma bandana, de cavanhaque e brinco de argola. Os jornais se esbaldam com a minha nova aparência. Todo mundo tem uma opinião. Os fãs que torciam por mim estão desorientados. Os fãs que torciam contra têm um novo motivo para não gostar de mim. Leio e ouço uma notável sucessão de piadas de pirata. Nunca soube que poderia haver tantas piadas de pirata. Mas não me importo. Digo a mim mesmo que todo mundo vai ter de lidar com este pirata, aceitar este pirata, quando eu levantar aquele troféu.

Na final, bato de cara com Pete. Perco um primeiro set monótono. Perco covardemente, numa dupla falta. Lá vamos nós outra vez.

Uso um pouco mais de tempo antes do segundo set, para me recompor. Dou uma olhada para o meu camarote. Brad parece frustrado. Ele nunca acreditou que Pete fosse melhor jogador. A expressão dele diz: *Você é* o melhor jogador, Andre. Não o respeite tanto.

Pete está sacando granadas armadas, uma depois da outra, a típica fuzilaria de Pete. Mas,

no meio do segundo set, eu sinto que ele está cansado. Suas granadas estão vindo com os pinos. Ele está desgastado física e emocionalmente porque está vivendo um inferno nestes últimos tempos. Seu treinador durante muito tempo, Tim Gullickson, sofrera dois derrames e depois descobrira um tumor no cérebro. Pete está traumatizado. À medida que o jogo vira para o meu lado, sinto-me culpado. Eu estaria disposto a parar, deixar Pete ir para o vestiário, tomar uma intravenosa e voltar como o outro Pete, que gosta de me dar um pé na bunda nos torneios.

Eu quebro o saque dele duas vezes. Ele deixa os ombros cair, entrega o set.

O terceiro vai para um tiebreak nervoso. Consigo fazer 3-0, e depois Pete ganha os quatro pontos seguintes. De repente ele faz 6-4 e está sacando para fechar o set. Solto um grito de homem das cavernas, como se estivesse na sala de pesos com Gil, e ponho tudo o que tenho numa devolução que raspa a rede e cai antes da linha. Pete olha para a bola, depois para mim.

No ponto seguinte ele solta um forehand que voa longe. Estamos num impasse sem solução em 6-6. Segue-se um rali furioso que termina quando surpreendo Pete subindo à rede e batendo um voleio macio de backhand. Funciona tão bem que repito. Set, Agassi. Pique, também.

O quarto set é uma conclusão já antevista. Mantenho meu pé no acelerador e venço, 6-4. Pete parece resolvido. Montanha demais para subir. Na verdade, ele está enlouquecedoramente tranquilo quando vem até a rede.

É meu segundo campeonato seguido, o terceiro no total. Todo mundo diz que foi minha melhor campanha até agora, porque é a minha primeira vitória sobre Pete numa final. Mas penso que daqui a vinte anos eu vou mesmo é me lembrar dele como meu primeiro campeonato careca.

A conversa passa imediatamente para minha chegada a número 1 do mundo. Pete tinha sido o número 1 durante setenta semanas, e todo mundo na minha equipe diz que estou destinado a chutá-lo do topo dessa alardeada montanha. Digo a eles que tênis não tem nada a ver com destino. O destino tem coisas melhores a fazer do que contar os pontos da atp (Associação dos Tenistas Profissionais).

Mesmo assim, faço com que ser o número 1 se torne meu objetivo porque minha equipe quer isso.

Eu me enfio no ginásio de Gil e treino furiosamente. Falo do objetivo com ele, e Gil projeta um plano de batalha. Primeiro, cria um programa de estudo. Dedica-se a elaborar uma lista de números de telefone e endereços dos médicos esportivos e nutricionistas mais famosos no mundo, entra em contato com todos eles, transforma-os em seus consultores particulares. Conferencia secretamente com especialistas no Centro de Treinamento Olímpico dos Estados Unidos, em Colorado Springs. Voa de uma costa à outra, entrevistando os maiores e mais inteligentes pesquisadores em saúde e bem-estar, anotando em seu caderno Da Vinci cada palavra que dizem. Lê tudo, desde revistas sobre músculos até obscuros estudos médicos e áridos relatórios técnicos. Assina o *New England Journal of Medicine*. Em pouco tempo ele se torna uma universidade portátil, com um professor e um assunto. O corpo discente: eu.

Depois ele determina o meu limite físico e me força a chegar a ele. Logo me faz levantar pesos com quase o dobro do meu, fazendo de cinco a sete séries com mais de 150 quilos. Faz com que eu trabalhe com halteres de 25 quilos em séries torturantes, de três modos: flexões

consecutivas que queimam três grupos musculares diferentes nos meus ombros. Depois trabalhamos os bíceps e os tríceps. Queimamos meus músculos até eles virarem cinzas. Gosto quando Gil fala de queimar músculos, de atear fogo neles. Gosto de poder exercitar minha piromania de modo construtivo.

Em seguida nos concentramos no meu torso, começando com um aparelho especial que Gil projetou e construiu. Como todos os seus aparelhos, ele serrou os pedaços, cortou e soldou. (Os projetos em seu caderno da Vinci são impressionantes.) É o único aparelho desse tipo no mundo, ele diz, porque me permite trabalhar os abdominais sem comprometer minhas costas frágeis. Vamos pegar pesado no abdômen, diz ele, trabalhá-lo até ele ficar em fogo, e então vamos fazer as torções russas: você segura uma placa de ferro de 23 quilos, uma roda grande, e gira para a esquerda, para a direita, a esquerda, a direita. Isso vai queimar os músculos laterais e os oblíquos.

Por fim, passamos para a máquina feita em casa por Gil para trabalhar as escápulas. Ao contrário de todas as similares nas academias do mundo inteiro, a de Gil não compromete minhas costas nem o pescoço. A barra que puxo durante os exercícios fica ligeiramente à minha frente. Eu nunca estou na posição incorreta.

Enquanto estou erguendo pesos, Gil também me alimenta constantemente, a cada vinte minutos. Ele quer que eu ingira quatro partes de carboidratos para uma parte de proteína, e cronometra minha ingestão em intervalos de nanossegundos. *Quando* você come e *como* você come, isso é que é importante. Cada vez que me viro ele me empurra uma tigela de aveia com alto teor de proteína, ou um sanduíche de bacon, ou um bagel com pasta de amendoim e mel.

Finalmente, a parte superior do meu corpo e minhas entranhas imploram por misericórdia. Então, saímos e subimos e descemos correndo a colina atrás da casa de Gil. Gil Hill. Rápidas explosões de força e velocidade, para cima e para baixo, para cima e para baixo; corro até minha cabeça implorar para eu parar, e depois ainda corro um pouco mais, sem dar bola para a minha cabeça.

Ao entrar no carro à tardinha, muitas vezes não sei se terei condições de dirigir até em casa. Algumas vezes nem tento. Se não tenho forças suficientes para girar a chave na ignição, volto e me enrosco num dos bancos da casa de Gil e adormeço.

Depois do preparo físico com ele, pareço ter trocado meu corpo velho pelo último modelo lançado no mercado. Mesmo assim, ainda se pode melhorar. Eu podia melhorar minha alimentação fora da academia. Gil, no entanto, não estala o chicote quando cometo os meus lapsos. Ele certamente não gosta do jeito que eu como quando não estou com ele – Taco Bell, Burger King –, mas diz que de vez em quando preciso de gostosuras reconfortantes. Minha psique, diz ele, é mais frágil do que as minhas costas, e ele não quer sobrecarregá-la. Além disso, um homem precisa ter um ou dois vícios.

Gil é um paradoxo, e nós dois sabemos disso. Ele pode me dar aulas sobre nutrição enquanto me vê tomar um *milk-shake*. Não tira o *milk-shake* da minha mão. Ao contrário, pode até dar um gole. Gosto de pessoas contraditórias, claro. Gosto também do fato de Gil não ser um capataz. Já tive capatazes demais para a minha vida inteira. Gil me compreende, me afaga e ocasionalmente – apenas ocasionalmente – cede ao meu apetite por comida de lanchonete, talvez porque ele coma junto comigo.

Em Indian Wells, enfrento Pete outra vez. Se conseguir derrotá-lo, estarei a centímetros do topo. Estou no auge do condicionamento, mas jogamos um jogo desleixado, cheio de erros

dispensáveis. Nós dois estamos distraídos. Pete ainda se sente mal por causa do treinador dele. Eu estou preocupado com o meu pai, que fará uma cirurgia de coração a peito aberto em poucos dias. Desta vez, Pete dá um jeito de passar por cima de suas confusões, enquanto eu deixo que as minhas me consumam. Perco em três sets.

Corro para o Centro Médico da ucla (Universidade da Califórnia, Los Angeles) e encontro meu pai preso a aparelhos, cheios de longos tubos. Eles me lembram a máquina de arremessar bolas da minha juventude. *Você não consegue derrotar o dragão*. Minha mãe me abraça. Ele o viu jogar ontem, ela diz. Ele viu você perder para Pete.

Desculpe, pai.

Ele está deitado de costas, drogado, indefeso. Suas pálpebras se abrem com esforço. Ele me vê e faz um gesto com a mão. Aproxime-se.

Inclino-me. Ele não consegue falar. Tem um tubo na boca que desce pela garganta. Murmura alguma coisa.

Não entendo, pai.

Novos gestos. Não entendo o que está tentando me dizer. Agora gesticula com raiva. Se tivesse força, ele sairia da cama e me derrubaria.

Faz gestos pedindo um bloco e uma caneta.

Diga-me mais tarde, pai.

Não, não. Ele sacode a cabeça. Ele *tem* de me dizer agora.

As enfermeiras entregam-lhe um bloco e uma caneta. Ele rabisca algumas palavras, depois faz um gesto de pincelada. Como um artista, uma pincelada delicada. Por fim eu compreendo.

O backhand, ele está tentando dizer. Bata no backhand do Pete. *Você devia ter explorado mais o backhand de Pete.*

Cuide de seus voleios. Bata *com mais força.*

Endireitando-me, sinto um impulso avassalador de perdoar, porque me dou conta de que meu pai não consegue ser diferente, que ele nunca conseguiu ser de outro jeito, assim como tampouco não consegue se entender. Meu pai é o que é, e sempre será. Embora não consiga ser diferente, embora não consiga perceber a diferença entre me amar e amar o tênis, é amor, de qualquer maneira. Poucos de nós recebemos a graça de nos conhecer; e, até nos conhecermos, talvez o melhor a fazer seja nos tornarmos consistentes. Se meu pai é alguma coisa, ele é a própria consistência.

Ponho a mão de meu pai ao lado de seu corpo, obrigo-o a parar de gesticular, digo-lhe que entendo. Sim, sim, no backhand. Vou jogar no backhand de Pete na próxima semana em Key Biscayne. E vou lhe dar um pé na bunda. Não se preocupe, pai. Vou vencê-lo. Agora descanse.

Ele abana a cabeça. Sua mão ainda se debatendo ao lado do corpo, ele fecha os olhos e adormece.

Na semana seguinte, venço Pete na final de Key Biscayne.

Depois do jogo voamos juntos para Nova York, onde devemos pegar o voo para a Europa, para a Copa Davis. Mas antes, assim que aterrissamos, arrasto Pete para o Eugene O'Neal Theater para ver Brooke como Rizzo, em *Grease*. Era a primeira vez que Pete via um show da Broadway, eu acho, mas era a quinquagésima vez que eu assistia a *Grease*. Consigo recitar cada palavra de "We go together", número que representei, na maior cara de pau e com muitos risos, no *Late Show*, de David Letterman.

Gosto da Broadway, acho familiar o clima do teatro. O trabalho de um ator da Broadway é

físico, extenuante, exigente, e a pressão de todas as noites é intensa. Os melhores atores da Broadway me lembram atletas. Se eles não derem o melhor de si, eles sabem; se não souberem, a plateia conta para eles. Isso tudo se perde em Pete, no entanto. Desde o número de abertura ele já está bocejando, se mexendo na cadeira, olhando o relógio. Ele não gosta de teatro e não entende os atores, já que nunca fingiu nada na vida. Na quase escuridão das luzes da ribalta, eu rio com o desconforto dele. De algum modo, fazê-lo assistir a *Grease* parece me dar mais prazer do que tê-lo vencido em Key Biscayne. *We go together, like rama lama lama...*

Pela manhã pegamos o Concorde para Paris, depois um avião particular até Palermo. Mal me instalo no hotel quando o telefone toca.

Perry.

Na minha mão, diz ele, seguro a última classificação.

Manda ver.

Você... é o número 1.

Derrubei Pete do topo da montanha. Depois de 82 semanas como número 1, Pete está me olhando de baixo para cima. Sou o 12º jogador de tênis a ser número 1 em duas décadas desde que começaram a manter a atualização das classificações no computador. A segunda pessoa a me telefonar é um repórter. Digo-lhe que estou feliz com a classificação. É uma ótima sensação ser o melhor possível.

É mentira. Isso não é nem um pouco o que estou sentindo. É como eu quero me sentir. É o que esperam que eu sinta, o que eu digo a mim mesmo para sentir. Mas, na verdade, não sinto nada.

Capítulo 17

Passo muitas horas percorrendo as ruas de Palermo, bebo café preto forte, imaginando que diabos há de errado comigo. Eu cheguei lá – sou o jogador de tênis número 1 do mundo, e, no entanto, sinto-me vazio. Se ser número 1 dá um sentimento de vazio sem prazer, então para que isso? Por que simplesmente não parar?

Já me imagino anunciando que vou parar. Escolho as palavras que usarei nas coletivas de imprensa. Diversas ideias vêm à minha cabeça. Brad, Perry, meu pai, cada um deles decepcionado, consternado. Além disso, digo a mim mesmo que essa aposentadoria não vai resolver meu problema essencial, não vai me ajudar a descobrir o que quero fazer com a minha vida. Serei um aposentado aos 25 anos, o que lembra bem de perto aquele cara que largou a escola antes de concluir o primeiro grau.

Não, o que eu preciso é de um novo objetivo. O problema, esse tempo todo, é que tive os objetivos errados. Nunca quis realmente ser o número 1, isso foi só alguma coisa que os outros quiseram para mim. Então sou o número 1. Então um computador me ama. E daí? O que acho que sempre quis, desde menino, e o que quero agora, é muito mais difícil, muito mais substancial. Quero vencer o Aberto da França. Aí vou ter o crédito dos quatro Grand Slams. O conjunto completo. Serei apenas o quinto homem a conseguir esse feito na era dos campeonatos abertos, e o primeiro norte-americano.

Nunca dei muita bola para a classificação dos computadores e nunca dei bola para o número de campeonatos que venci. Roy Emerson tem o maior número de campeonatos (doze), e ninguém acha que ele é melhor que Rod Laver. Ninguém. Meus companheiros tenistas, assim como qualquer especialista ou historiador de tênis que eu respeite, concordam que Laver foi o melhor, o rei, porque venceu os quatro principais torneios. E tem mais, venceu todos no mesmo ano – duas vezes. Tudo bem, na época havia apenas dois tipos de piso, grama e saibro, mas, mesmo assim, ele é um verdadeiro deus. Inimitável.

Penso nos grandes das eras passadas, em como todos correram atrás de Laver, como sonharam em ganhar os quatro Slams. Todos eles deixaram de jogar alguns campeonatos porque não estavam nem aí para a quantidade. Eles se importavam com a versatilidade. Temiam não ser considerados verdadeiramente grandes se seus currículos estivessem incompletos, se um ou dois dos quatro grandes prêmios lhes escapassem das mãos.

Quanto mais penso a respeito de vencer os quatro campeonatos, mais excitado eu fico. É uma percepção repentina e chocante a meu próprio respeito. Percebo que é isso que quero há muito tempo. Simplesmente reprimi esse desejo porque ele não parecia possível, sobretudo depois de chegar à final do Aberto da França por dois anos seguidos e perder. Além disso, me permiti ser depreciado por jornalistas esportivos e por fãs que não entendem, que contam o número de torneios que um jogador venceu e usam esse número artificial como parâmetro de seu legado. Vencer os quatro é o verdadeiro Santo Graal. Então, em 1995, em Palermo, resolvo que quero ir atrás desse Graal, a toda velocidade.

Enquanto isso, Brooke nunca vacila na busca de seu próprio Graal. O show na Broadway está fadado a um grande sucesso, e ela não se sente vazia. Mas tem fome. Quer mais. Olha para a grande oportunidade que vem a seguir. As ofertas demoram a chegar, no entanto. Tento

ajudar. Digo a ela que o público não a conhece. Eles acham que sim, mas não a conhecem. Este é um problema com o qual tenho uma relativa familiaridade. Certas pessoas acham que Brooke é uma modelo, outras que ela é atriz. Brooke precisa aprimorar sua imagem. Peço a Perry que ajude, que dê uma olhada na carreira de Brooke.

Não demora para ele formar uma opinião e fazer um plano. Ele diz que Brooke precisa de um show na tv. O futuro dela, diz ele, está na tv. Então ela imediatamente começa a procurar roteiros e pilotos em que possa brilhar.

Logo antes do início do Aberto da França de 1995, Brooke e eu vamos passar alguns dias em Fisher Island. Nós dois precisamos de descanso e sono. Mas eu não consigo nem dormir nem descansar. Não consigo parar de pensar em Paris. Fico deitado na cama, duro como arame esticado, jogando partidas imaginárias.

Alimento essa obsessão no voo para Paris, embora Brooke esteja comigo. Ela não está trabalhando no momento, então pode viajar.

É a nossa primeira vez em Paris juntos, ela diz me beijando.

É, digo eu, alisando a mão dela.

Como dizer a Brooke que isso não é nem de longe um passeio de férias? Que essa viagem não é nem remotamente dedicada a nós?

Ficamos no Hotel Raphael, quase na esquina do Arco do Triunfo. Brooke gosta do velho elevador ruidoso com porta de ferro que fecha manualmente. Gosto do pequeno bar iluminado à luz de velas, ao lado do saguão. Os quartos são pequenos, também, e não têm tv, o que escandaliza Brad. Ele não consegue entender, na verdade. Ele fecha a conta minutos depois de ter se registrado, mudando-se para um hotel mais moderno.

Brooke fala francês, de modo que pode me mostrar Paris através de lentes novas, mais amplas. Sinto-me à vontade explorando a cidade, porque não tenho medo de me perder, e ela consegue traduzir o que eu digo. Falo sobre a primeira vez que estive aqui, com Philly. Conto-lhe a respeito do Louvre, do quadro que nos angustiou, aos dois. Ela fica fascinada e quer que eu a leve para ver.

Outra hora, digo.

Comemos em restaurantes chiques, visitamos bairros distantes, nos quais eu jamais me aventuraria sozinho. Alguns deles me encantam, mas a maior parte me deixa indiferente, porque não quero romper minha concentração. O dono de um café nos convida a descer à sua antiga adega, uma tumba medieval bolorenta, repleta de garrafas empoeiradas. Ele entrega uma para Brooke. Ela lê a data no rótulo: 1787. Brooke aninha a garrafa como se fosse um bebê, depois a levanta para mim, incrédula.

Não entendo, cochicho. É uma garrafa. Cheia de poeira.

Ela me fuzila com o olhar, como se quisesse quebrar a garrafa na minha cabeça.

Numa noite, já tarde, vamos caminhar ao longo do Sena. É o trigésimo aniversário de Brooke. Paramos perto de um lance de degraus de pedra que levam ao rio, e eu dou a ela uma munhequeira de tênis forrada de brilhantes. Ela ri, coloca-a no pulso e brinca com o fecho. Nós dois admiramos como a pulseira capta a luz da lua. Então, logo além do ombro de Brooke, de pé num degrau de pedra, um bêbado francês cambaleia até nosso raio de visão e lança um alto jato de urina em arco, sobre o Sena. Via de regra, não acredito em presságios, mas isso me pareceu agourento. Só não consigo dizer se prenuncia alguma coisa a respeito do Aberto da França ou sobre meu relacionamento com Brooke.

Por fim o torneio começa. Venço meus primeiros quatro jogos sem perder um set. É evidente, para os repórteres e comentaristas, que sou um jogador diferente. Mais forte e mais concentrado. Estou em missão. Ninguém vê isso mais claramente do que os demais tenistas de saibro. Sempre notei como os jogadores silenciosamente detectam o chefe da matilha entre eles, o modo como distinguem o jogador que está sentindo isso, quem tem a maior probabilidade de ganhar. Neste torneio, pela primeira vez, eu sou esse jogador. Sinto todos eles me observando no vestiário. Percebo-os seguindo todos os meus movimentos, as pequenas coisas que faço, estudando até a maneira como arrumo minha sacola. Eles são mais rápidos ao se desviar, quando passo por eles, ansioso para sair da sala de preparação física. Um novo grau de respeito se dirige a mim, e, embora eu não o leve muito a sério, não posso deixar de gostar. Melhor eu receber esse tratamento que outra pessoa.

Brooke, no entanto, não parece notar qualquer diferença em mim, não me trata nem um pouco diferente. À noite, sento-me no quarto do hotel olhando pela janela, para Paris, uma águia num penhasco, mas ela me fala disso e daquilo, de *Grease* em Paris, que fulano e sicrano disseram assim e assado. Ela não entende o trabalho que fiz na academia de Gil, as provações, os sacrifícios e a concentração que levaram a essa nova confiança – ou a enorme tarefa que está à minha frente. E ela nem tenta entender. Está mais interessada em saber onde vamos comer em seguida, que adega de vinhos vamos pesquisar. Para ela é líquido e certo que vou ganhar, e quer que eu me apresse e ganhe logo, para podermos nos divertir. Não é egoísmo da parte dela, é apenas uma impressão equivocada de que vencer é normal, e perder anormal.

Nas quartas de final, enfrento Kafelnikov, o russo que me comparou a Jesus. Rosno para ele do outro lado da rede quando o jogo começa: Jesus está prestes a te dar uma bela lambada com a antena do carro. Sei que posso vencer Kafelnikov. Ele também sabe. Está escrito na cara dele. Mas, no início do primeiro set, eu mergulho para pegar uma bola e sinto alguma coisa arrebentar. O flexor do quadril. Eu não ligo, finjo que não aconteceu, finjo que não tenho quadril, mas o quadril envia mensagens de dor para cima e para baixo, ao longo da minha perna.

Não consigo me curvar. Não consigo me mexer. Peço atendimento, e o médico me dá duas aspirinas e diz que não há nada a fazer. Os olhos dele estão do tamanho de fichas de pôquer quando fala isso.

Perco o primeiro set. Depois o segundo. No terceiro, eu reajo. Chego a 4-1, com a torcida me incentivando a ir em frente. *Allez, Agassi!* Mas fico mais imóvel a cada minuto. Kafelnikov, movimentando-se bem, empata o set, e sinto meus membros se afrouxarem. Outra crucificação russa. *Au revoir*, Graal. Saio da quadra sem ao menos pegar a raquete.

O teste verdadeiro não seria Kafelnikov. Seria Muster, que gosta de desarrumar meu cabelo e domina o saibro. Então, mesmo que eu tivesse passado por Kafelnikov, não sei quão capenga estaria contra Muster. Mas eu prometera a Muster que jamais perderia para ele outra vez, era essa a minha intenção, e eu gostava das minhas chances. Acho que não importa quem estivesse do outro lado da rede, eu poderia ter feito algo de grandioso. Ao sair de Paris, não me sinto derrotado; sinto-me roubado. Foi essa, eu sei. Minha última chance. Nunca mais estarei em Paris tão forte, tão jovem. Nunca mais inspirarei tanto medo no vestiário.

Minha oportunidade de ouro de ganhar quatro Slams tinha acabado.

Brooke já voltara para casa antes de mim, de modo que éramos só Gil e eu naquele voo. Gil

fala baixo sobre como vamos tratar aquele flexor, como vamos nos ajustar depois do que acabávamos de passar, enquanto nos aprontamos para o que está por vir – a temporada na grama. Passamos uma semana em Las Vegas, sem fazer nada, vendo filmes e esperando que meu quadril sare. Uma ressonância magnética nos diz que a lesão não é permanente. Belo consolo.

Voamos para a Inglaterra. Sou o cabeça de chave número 1 em Wimbledon, em 1995, porque ainda estou classificado como o número 1 do mundo. Os fãs me saúdam com um entusiasmo e uma alegria que se chocam intensamente com meu humor. A Nike estivera lá com antecedência, estimulando o comércio, distribuindo Agassi Kits – adesivos de costeletas, bigodes Fu Manchu, bandanas. É esse o meu novo look. Eu me transformei de pirata em bandido. É surreal, como sempre, ver aqueles caras tentando se parecer comigo. Como sempre, ainda é um pouco mais surreal ver meninas tentando fazer o mesmo. Meninas com Fu Manchu e costeletas – quase me faz sorrir. Quase.

Chove todos os dias, mas mesmo assim os fãs se aglomeram em Wimbledon. Enfrentam a chuva, o frio, fazem filas até Church Road por amor ao tênis. Quero ir lá e ficar com eles, fazer perguntas, descobrir o que os faz gostar tanto de tênis. Imagino como seria sentir uma paixão dessas pelo jogo. Eu me pergunto se, debaixo de tanta chuva, os falsos Fu Manchus desmancham, como as minhas velhas perucas.

Venço meus dois primeiros jogos facilmente, e depois ganho de Wheaton em quatro sets. A grande notícia naquele dia, no entanto, é Tarango, que perdeu e depois brigou com um juiz antes de sair da quadra. Aí a mulher de Tarango deu um tapa no juiz. Foi um dos grandes escândalos na história de Wimbledon. Em vez de enfrentar Tarango, portanto, vou ter de encarar Alexander Mronz, da Alemanha. Os repórteres me perguntam qual adversário eu prefiro, e eu tenho muita vontade de contar a história de Tarango trapaceando, quando eu tinha oito anos. Mas não conto. Não quero me envolver num bate-boca público com Tarango, e temo que a mulher dele se torne minha inimiga. Digo as coisas diplomáticas, que não importa contra quem eu jogue, mesmo que Tarango fosse uma ameaça mais efetiva.

Bato Mronz em três sets fáceis.

Na semifinal, enfrento Becker. Já ganhei dele nas oito últimas vezes em que jogamos. Pete já passara para a final e estava esperando o vencedor de Agassi x Becker, o que queria dizer que estava me esperando, porque cada final de campeonato começa a parecer um encontro marcado entre mim e Pete.

Tiro o primeiro set de Becker, sem problemas. No segundo, avanço para uma vantagem de 4-1. Estou chegando, Pete. Apronte-se, Pete. Aí, sem mais nem menos, Becker começa a jogar um jogo mais duro, mais vigoroso, ganhando diversos pontos aqui e ali. Depois de arranhar minha confiança com um prego minúsculo, ele agora pega uma marreta. Joga plantado na linha de fundo, tática pouco usual para ele, e simplesmente me sobrepuja com sua força. Quebra meu saque e, embora eu ainda esteja com 4-2, sinto alguma coisa arrebentar. Não no quadril – na minha cabeça. Subitamente não sou capaz de controlar meus pensamentos. Estou pensando em Pete, esperando. Estou pensando na minha irmã Rita, cujo marido, Pancho, acaba de perder uma grande luta contra o câncer de estômago. Estou pensando em Becker, ainda trabalhando com Nick – que, mais bronzeado do que nunca, da cor de um contrafilé, está sentado acima de nós no camarote de Becker. Imagino se Nick contou meus segredos para Becker – por exemplo, como calculei o saque de Becker. (Logo antes de lançar a bola no ar, Becker põe a

língua para fora, e ela aponta como uma minúscula seta vermelha para onde ele está mirando.) Estou pensando em Brooke, que andou fazendo compras na Harrods nesta semana com a namorada de Pete, uma estudante de direito chamada DeLaina Mulcahy. Todos esses pensamentos passam com estrépito pela minha cabeça, fazendo com que eu me sinta disperso, fraturado, e isso tudo permite que Becker pegue impulso. E ele não vacila. Ganha em quatro sets.

Essa derrota é uma das mais arrasadoras da minha vida. Depois do jogo, não falo uma palavra com ninguém. Gil, Brad, Brooke – não falo com eles porque não consigo. Estou quebrado, tomei um tiro no estômago.

Brooke e eu tínhamos combinado viajar em férias para o exterior. Estamos planejando isso há semanas. Queríamos um lugar remoto, sem telefone, sem outras pessoas, e então fazemos reservas em Indigo Island, a 240 quilômetros de Nassau. Depois do fracasso de Wimbledon, quero cancelar o plano, mas Brooke me lembra de que reservamos a ilha inteira, e o dinheiro do depósito não será devolvido.

Além disso, falam aquele lugar é um paraíso, ela diz. Vai ser bom para a gente.

Eu enrugo a testa.

Exatamente como eu temia, no momento em que chegamos, o paraíso se revela uma supermax, *a* prisão de segurança máxima. Na ilha inteira há apenas uma casa, e não é grande o suficiente para nós três – Brooke, eu e meu mau humor negro.

Brooke fica deitada ao sol e aguarda que eu fale. Ela não está assustada com o meu silêncio, mas tampouco o compreende. No mundo dela, todo mundo finge, enquanto que, no meu, a gente não pode fingir que algumas coisas não existem.

Depois de dois dias de silêncio, agradeço a ela por ter sido tão paciente e aviso que estou de volta à Terra.

Vou dar uma corrida na praia, digo a ela.

Começo num ritmo tranquilo, depois me vejo dando arrancadas de cem metros. Já estou pensando em voltar à forma, me recarregando para as quadras duras da temporada de verão.

Vou para Washington, d.c., participar do Legg Mason Tennis Classic. O tempo está absurdamente quente. Brad e eu tentamos nos aclimatar ao calor, treinando no meio da tarde. Quando terminamos, os fãs se reúnem e fazem perguntas aos gritos. São poucos os outros jogadores que ficam para conversar com os fãs, mas eu fico. Para mim, os fãs são sempre preferíveis aos jornalistas.

Depois de assinarmos os últimos autógrafos e respondermos às últimas perguntas, Brad diz que precisa de uma cerveja. Ele tem um ar matreiro. Alguma coisa está para acontecer. Levo-o ao Tombs, o lugar que Perry e eu frequentávamos quando o visitei durante sua temporada em Georgetown. O bar tem uma minúscula porta para a rua, depois uma escada estreita que desce para a escuridão úmida e um cheiro de banheiro sujo. Tem também uma dessas cozinhas abertas, de modo que você pode vigiar os cozinheiros. Embora essa seja uma boa ideia em alguns lugares, não é nada demais no Tombs. Achamos um canto reservado e pedimos bebidas. Brad está irritado porque eles não têm Bud Ice. Aceita Bud. Sinto-me fantástico depois da malhação, relaxado, em boa forma. Não penso em Becker há quase vinte minutos. Brad põe um ponto final nisso. Do bolso de dentro de seu pulôver preto de *cashmere*, ele tira um maço de jornais e, de um modo agitado, deixa-o cair sobre a mesa.

Becker, ele diz.

O quê?

Isso foi o que ele disse depois de vencer você em Wimbledon.

O que me importa?

Ele está falando merda.

Que tipo de merda?

Ele lê.

Becker usou a coletiva de imprensa depois do jogo para se queixar de que Wimbledon me promove mais do que aos outros jogadores. Ele se queixou de que os organizadores de Wimbledon se desdobram injustamente para programar meus jogos na quadra central. Queixou-se de que todos os principais torneios me paparicam. Depois passou para o plano pessoal. Chamou-me de elitista. Disse que não me aproximo dos outros jogadores. Que as pessoas não gostam de mim no circuito. Que não sou aberto, e que, se fosse, os outros jogadores não teriam tanto medo de mim.

Em resumo, lançou uma declaração de guerra.

Brad jamais gostou de Becker. Brad sempre o chamou de B.B. Sócrates, porque ele acha que Becker tenta se mostrar como intelectual, quando não passa de um caipira que cresceu demais. Mas Brad agora está tão enfurecido que não consegue parar quieto no nosso reservado no Tombs.

Andre, diz ele, esta briga está mais do que comprada. Ouça o que estou dizendo. Vamos nos encontrar outra vez com este filho de uma puta. Vamos nos encontrar com ele no Aberto dos Estados Unidos. E até lá vamos nos preparar, treinar, planejar a vingança.

Leio outra vez as citações de Becker. Não consigo acreditar. Eu sabia que o camarada não gostava de mim, mas *isso*. Olho para baixo e noto que estou abrindo e fechando os punhos.

Brad diz: Está ouvindo? Eu quero que você *E−LI−MI−NE este filho da puta*.

Considere feito.

Brindamos com nossas garrafas de cerveja, fazemos um juramento.

Além do mais, digo para mim mesmo, depois de Becker vou continuar ganhando. Simplesmente não vou mais perder. Pelo menos não até que eu esteja farto. Estou enjoado de perder, enjoado de me decepcionar, enjoado e cansado desses caras desrespeitarem o meu jogo tanto quanto eu o desrespeito.

Assim, o verão de 1995 passa a ser o Verão da Vingança. Movido à base de pura animosidade, passo pelo torneio de d.c. como um rolo compressor. Na final enfrento Edberg. Sou melhor jogador, mas os termômetros marcam quase 40 ºC, e um calor desses é um grande equalizador. Nessa temperatura, todos os homens são iguais. No início do jogo, não consigo pensar, não consigo encontrar uma brecha. Por sorte, Edberg também não. Venço o primeiro set, ele vence o segundo, e no terceiro estou com 5-2. Os fãs aplaudem – quer dizer, os que não estavam sofrendo de insolação. O jogo é interrompido várias vezes para que alguém nas arquibancadas possa receber cuidados médicos.

Estou sacando o último ponto. Ou pelo menos é o que me dizem. Além disso, estou alucinando. Não sei o que estou jogando. Será pingue-pongue? Tenho de atingir essa bola amarela felpuda para trás ou para a frente? Mando ela para quem? Meus dentes batem. Vejo três bolas passarem pela rede, eu vou na do meio.

Minha única esperança é que Edberg também esteja alucinando. Talvez ele apague antes de mim e eu vença por desistência. Espero, observo-o com cuidado, mas aí tudo dá uma virada para pior. Meu estômago se contrai. Ele quebra meu saque.

Agora ele está sacando. Peço tempo, saio e vomito o café da manhã num vaso de plantas decorativo, no fundo da quadra. Depois retomo meu lugar, e Edberg não tem o menor problema em vencer o game do seu saque.

Estou outra vez sacando para o jogo. Estamos num rali fraquinho, os dois devolvendo bolas tímidas no centro da quadra, como meninas de dez anos jogando badminton. Ele quebra meu serviço... outra vez.

Cinco a cinco. Deixo cair a raquete e saio tropeçando da quadra.

Existe uma regra não escrita, ou talvez esteja escrita, segundo a qual, se você sai da quadra com a raquete, está abandonando o jogo. Então deixo cair a raquete para que as pessoas saibam que vou voltar. No meu estado delirante, ainda me importo com as regras do tênis, mas também me importo com as regras da física. O que desce, neste calor, tem de subir, e logo. Vomito várias vezes no caminho até o vestiário. Corro para o banheiro e vomito uma refeição que comera há dias. Talvez há anos. Sinto-me como se fosse entrar em choque. Por fim, o ar-condicionado do vestiário, mais o esvaziamento total do meu estômago, começam a me recuperar.

O juiz bate na porta.

Andre! Você vai perder pontos se não voltar para a quadra imediatamente.

Estômago vazio, cabeça rodando, eu volto. Quebro o saque de Edberg. Não tenho noção de como fiz isso. Depois fecho o game do meu saque e ganho a partida.

Tropeço até a rede, onde Edberg está apoiado, quase desmaiando. Nós dois temos dificuldades para ficar na quadra durante a cerimônia. Quando me entregam o troféu, penso em vomitar dentro dele. Entregam-me um microfone para eu dizer algumas palavras, e penso em vomitar nele também. Peço perdão pelo meu comportamento, em especial para as pessoas sentadas perto do vaso de plantas em que vomitei. Quero sugerir em público que os organizadores pensem em transferir esse torneio para a Islândia, mas preciso vomitar outra vez. Largo o microfone e corro.

Brooke pergunta por que eu simplesmente não desisti.

Porque é o Verão da Vingança.

Depois do jogo, Tarango faz objeções em público ao meu comportamento. Ele exige explicações de por que eu saí da quadra. Diz que estava esperando para jogar seu jogo de duplas, e eu o atrasei. Ele está aborrecido. Eu fico encantado. Quero voltar à quadra, encontrar aquele vaso de flores, mandar embrulhar para presente e enviar para Tarango com um bilhete dizendo, Desafie *isso*, seu trapaceiro.

Eu jamais esqueço. Isso é uma coisa que Becker está prestes a aprender, e da maneira mais difícil.

De d.c. vou para Montreal, onde felizmente está mais fresco. Venço Pete na final. Três sets duramente batalhados. Vencer Pete sempre dá uma sensação boa, mas dessa vez mal a registrei. Quero Becker. Venço Chang na final em Cincinnati, louvado seja Deus, e depois vamos para New Haven, de volta para o forno do verão no nordeste dos eua. Chego à final e enfrento Krajicek. Ele é grande, tem seus dois metros de altura, pelo menos, e é corpulento, mas surpreendentemente leve com os pés. Em dois passos está na rede, rosnando, pronto para

degustar o coração da gente como aperitivo. Além disso, o saque dele é monstruoso. Não quero passar três horas lidando com aquele saque. Depois de vencer três torneios em rápida sucessão, me sobrou muito pouca coisa. Brad, no entanto, não vai tolerar esse papo.

Você está em treinamento, lembra? O jogo do rancor para acabar com todos os jogos de rancor? Deixe rolar, diz ele.

Então eu deixo rolar. O problema é que Krajicek faz o mesmo. Ele me vence no primeiro set, 6-3. No segundo, tem duplo match point. Mas eu não cedo. Empato o set, venço o tiebreak e o terceiro set. É a minha vigésima vitória em jogos diretos, minha quarta vitória direta em torneios. Venci 63 de 70 jogos neste ano, 44 em 46 em quadra de piso duro. Os repórteres perguntam se me sinto invencível, e eu digo que não. Eles acham que estou sendo modesto, mas eu digo a verdade. É como me sinto. É o único jeito como posso me sentir no Verão da Vingança. O orgulho é ruim, o estresse é bom. Não quero me sentir confiante demais. Quero sentir raiva. Uma raiva infinita que devore tudo.

Toda conversa no circuito é sobre minha rivalidade com Pete, em grande parte por causa de uma nova campanha da Nike, inclusive um popular comercial de tv no qual saltamos de um táxi em plena São Francisco, instalamos uma rede e começamos a jogar. A *New York Times Sunday Magazine* publica um longo perfil a respeito da rivalidade e do abismo entre nossas personalidades. Descreve a concentração de Pete no tênis, seu amor pelo jogo. Imagino o que o autor falaria sobre o abismo se soubesse dos meus verdadeiros sentimentos em relação ao tênis. Se apenas eu contasse a ele...

Separo a reportagem. Pego-a outra vez. Não quero ler. Mas devo. Parece estranho, enervante, porque Pete não é a prioridade em meus pensamentos, no momento. Dia e noite penso em Becker, só em Becker. Mesmo assim, passando os olhos pelo artigo, estremeço quando Pete diz o que ele gosta em mim.

Ele não consegue se lembrar de nada.

Finalmente ele diz: Gosto do jeito como ele viaja.

Por fim, chega agosto. Gil, Brad e eu vamos para Nova York de carro, para o Aberto dos Estados Unidos. Na nossa primeira manhã no Louis Armstrong Stadium, vejo Brad no vestiário segurando uma cópia das chaves sorteadas.

Bom, ele diz, sorrindo. Muito bom. tb. Tudo de Bom.

Estou no mesmo lado da chave de Becker. Se tudo acontecer de acordo com o plano de Brad, enfrentarei Becker na semifinal. Depois Pete. Eu penso: Se, quando nascemos, pudéssemos dar uma olhada no sorteio na vida, projetar nosso trajeto para a final...

Nas primeiras rodadas, estou no piloto automático. Sei o que quero, vejo o que quero logo à minha frente, e os adversários são meros cones de rua. Edberg. Alex Corretja. Petr Korda. Preciso passar por eles para chegar ao meu alvo, então passo. Depois de cada vitória, Brad não exibe sua exuberância típica. Ele está monitorando o progresso de Becker, mapeando seus jogos. Quer que Becker vença cada jogo, cada ponto.

Quando saio da quadra com outra vitória, Brad diz secamente: Outro dia ótimo.

Obrigado. É, foi bom.

Não. Digo B.B. Sócrates. Ele venceu.

Pete dá conta do recado dele. Chega à final do seu lado da chave e agora espera o vencedor de Agassi x Becker. É Wimbledon outra vez, Parte ii. Mas agora não estou pensando em Pete.

Não estou me antecipando. Andei me preparando para Becker e, agora que o momento chegou, minha concentração está tão intensa que me assusta.

Um amigo pergunta se, quando a coisa é pessoal com um adversário, não sinto nem o menor impulso de soltar a raquete e avançar na garganta dele. Quando é um jogo de rancor, quando há sangue ruim, não seria melhor resolver a questão com alguns *rounds* de velhos e emocionantes socos? Digo a meu amigo que o tênis *é* dar porrada. Todo jogador de tênis, mais cedo ou mais tarde, se compara a um boxeador, porque o tênis é um pugilismo sem contato. É violento, *mano a mano*, e a escolha é tão brutalmente simples quanto em qualquer ringue. Matar ou ser morto. Bater ou aceitar apanhar. As surras no tênis apenas são mais profundas, abaixo da pele. Lembram-me o velho método dos agiotas em Las Vegas, de bater em alguém com um saco de laranjas, porque não deixa marcas externas.

Mesmo assim, tendo dito isso, sou apenas humano. Então, antes de chegarmos à quadra, enquanto Becker e eu estamos no túnel, digo a James, o guarda de segurança: Mantenha-nos separados. Não quero nem ver este alemão filho de uma puta. Acredite, James, é melhor você não deixar que eu o veja.

Becker sente a mesma coisa. Ele sabe o que disse e sabe que eu li aquilo cinquenta vezes e decorei. Sabe que estou ruminando os comentários dele o verão inteiro e sabe que quero sangue. Ele também. Ele jamais gostou de mim, para ele também foi o Verão da Vingança. Vamos para a quadra evitando o contato visual, recusando-nos a cumprimentar a torcida, concentrados em nossos equipamentos, nas sacolas de tênis e na desagradável tarefa a ser cumprida.

Desde o gongo de abertura, o jogo é o que eu imaginava. Nós arreganhamos as presas, rosnamos, xingamos em duas línguas diferentes. Ganho o primeiro set, 7-6. Becker parece irritantemente indiferente. Por que não estaria? Foi assim que nosso jogo em Wimbledon começou. Ele não se preocupa em ficar atrás – já provou que consegue aguentar meu pior soco e voltar à luta.

Venço o segundo set, 7-6. Agora ele começa a se contorcer, a tentar achar alguma brecha. Tenta jogar com a minha cabeça. Ele já me viu perder a calma antes, de modo que acha que pode me fazer perder a calma outra vez, a coisa mais castradora que um tenista pode fazer com o outro: e atira beijos para o meu camarote. Para Brooke.

Funciona. Fico tão furioso que por um lapso de tempo perco o foco. No terceiro set, à frente de Becker em 4-2, ele mergulha para alcançar uma bola que não tinha nada que alcançar. Chega lá, ganha o ponto, depois quebra meu saque, depois vence o set. A torcida agora está enlouquecida. Parecem ter percebido que isso é pessoal, que esses dois camaradas não gostam um do outro, que estão acertando velhas contas. Apreciam todo o drama e querem que sigamos até o final. Agora realmente parece outra vez Wimbledon. Becker se alimenta da energia da torcida. Ele joga mais beijos para Brooke, sorrindo com selvageria. Funcionou uma vez, por que não repetir? Olho para Brad, ao lado de Brooke, e ele me lança um olhar de aço, o olhar especial de Brad que diz: *Vamos lá, cara! Vamos!*

O quarto set é taco a taco. Cada qual vence o seu game de saque, procurando uma brecha. Olho o relógio. Nove e meia. Ninguém ali está indo para casa. Tranquem as portas, encomendem os sanduíches, não vamos sair enquanto esta porra desta coisa não estiver resolvida. Nunca quis *nada* com tanta intensidade. Fecho o meu game de saque, faço 6-5, e agora Becker saca para continuar no jogo.

Ele espicha a língua para a minha direita, saca na direita. Adivinho certo e arrebento na devolução. Winner. Devolvo os dois saques seguintes com golpes indefensáveis. Agora ele está sacando em 0-40, um triplo match point para mim.

Perry está latindo para ele. Brooke lança urros de gelar o sangue para ele. Becker sorri, acenando para os dois, como se fosse a Miss América. Erra o primeiro saque. Sei que vai ser agressivo no segundo. Ele é um campeão, vai dar um saque de campeão. Além disso, a língua está no meio da boca. Não dá outra, ele manda um saque acelerado direto no estômago. Normalmente você tem de se preocupar com o ricochete e a quicada alta, de modo que você se movimenta para entrar no saque, tenta pegar a bola bem antes que ricocheteie acima do seu ombro, mas eu aposto, mantenho a posição, e essa aposta dá certo. Aqui está a bola, sob meu controle. Giro o quadril para fora do caminho, coloco-me em posição para devolver a bola que vai ser o tiro da minha vida. O saque é um nada mais rápido do que eu previra, mas me ajusto. Estou nas pontas dos pés, me sentindo um Wyatt Earp, um Homem-Aranha, um Espártaco. Rebato. Todos os pelos do meu corpo estão eriçados. Quando a bola sai da minha raquete, escapa um som da minha boca que é puramente animal. Sei que jamais farei esse som outra vez, que nem sequer vou bater numa bola de tênis com mais força, nem com mais perfeição. Bater uma bola inteiramente perfeita – essa é a única paz. Quando ela aterrissa na quadra de Becker, o som ainda está saindo de dentro de mim.

AAAAGHHHHHHHHH.

A bola passa fulgurante por Becker. Jogo, Agassi.

Becker caminha até a rede. Deixe-o ficar lá. Os fãs estão de pé, balançando, em êxtase. Eu olho para Brooke, Gil, Perry e Brad, especialmente para Brad. Vamos lá! Continuo a olhar Becker, que ainda está ao lado da rede. Não estou nem aí. Deixo-o lá de pé como uma Testemunha de Jeová à minha porta. Finalmente, *finalmente*, tiro as munhequeiras do pulso, vou até a rede e espicho a mão em sua direção, sem olhar para ele. Becker aperta minha mão, que eu recolho em seguida.

Um repórter de tv corre para a quadra e me faz algumas perguntas. Respondo sem pensar. Depois olho para a câmara com um sorriso e digo: Pete! Estou chegando.

Corro para o túnel, para a sala de musculação. Gil está lá, preocupado. Ele sabe quanto essa vitória deve ter me custado fisicamente.

Estou numa pior, Gil.

Deite-se, homem.

Minha cabeça zune. Estou ensopado. São dez da noite e tenho de jogar a final em menos de dezoito horas. Entre agora e amanhã, tenho de sair desse estado quase psicótico, ir para casa, comer uma boa refeição quente, beber um galão da Água do Gil até mijar um rim inteiro, e depois dormir um pouco.

Gil me leva de volta para a casa de Brooke. Jantamos, e depois me sento no chuveiro durante uma hora. É um desses chuveiros que fazem você achar que deve preencher um cheque para diversos grupos de ambientalistas e talvez plantar uma árvore. Às duas da madrugada me deito ao lado de Brooke e apago.

Abro os olhos cinco horas mais tarde, sem saber onde estou. Sento-me e dou um grito, a versão compacta do meu grito final contra Becker. Não consigo me mexer.

Primeiro acho que é uma cólica estomacal. Depois percebo que é muito mais sério. Rolo

para fora da cama, de quatro. Sei o que é. Já tive isso antes. Uma ruptura de cartilagem entre as costelas. Tenho uma ideia bem razoável do golpe que causou essa ruptura. Mas ela deve ter sido especialmente grave, porque não consigo expandir a caixa torácica. Mal consigo respirar.

Lembro vagamente que são necessárias três semanas para curar essa lesão. Mas tenho nove horas antes de enfrentar Pete. São sete da manhã, o jogo é às quatro. Chamo Brooke. Ela deve ter saído. Estou deitado de lado, dizendo em voz alta: Isso não pode estar acontecendo. Por favor, não deixe isso acontecer.

Fecho os olhos e rezo para conseguir entrar na quadra. Até pedir só isso parece ridículo, porque nem consigo ficar em pé. Por mais que tente, não posso me levantar.

Deus, por favor. Não posso deixar de aparecer para a final do Aberto dos Estados Unidos.

Arrasto-me até o telefone e ligo para Gil.

Gilly, não consigo ficar em pé. Literalmente, não consigo ficar em pé.

Vou já para aí.

Quando ele chega, estou em pé, mas com dificuldade para respirar. Digo para ele o que acho que é, e ele concorda. Observa-me tomar uma xícara de café, depois diz: Precisamos ir.

Olhamos o relógio e faço a única coisa em que consigo pensar num momento desse: rimos.

Gil me leva até o estádio. Na quadra de treino, eu bato uma bola e as costelas me apertam. Bato outra. Grito de dor. Bato uma terceira. Ainda dói, mas posso botar um pouco de tempero nela. Consigo respirar.

Como se sente?

Melhor. Estou em mais ou menos 38%.

Olhamos um para o outro. Talvez isso seja o suficiente.

Mas Pete está a 100%. Ele vem pronto, preparado para uma dose daquilo que me viu dar a Becker. Perco o primeiro set, 6-4. Perco o segundo set, 6-3.

Venço o terceiro, no entanto. Estou aprendendo que posso me sair bem. Estou encontrando atalhos, fazendo concessões, entrando pela porta dos fundos. Vejo algumas chances de transformar essa coisa num milagre. Simplesmente não consigo explorá-las. Perco o quarto set, 7-5.

Os repórteres me perguntam qual a sensação de vencer 26 jogos seguidos, vencer o verão inteiro, apenas para dar de cara com a rede gigante que é Pete. Penso: Como é que você acha que eu me sinto? Digo: No próximo verão vou perder um pouquinho. Estou em 26-1 e abro mão de todas essas vitórias por esta aqui.

No trajeto de volta à casa de Brooke, seguro minhas costelas, olhando pela janela, revivendo cada jogada do Verão da Vingança. Todo aquele trabalho, aquela raiva, vencer, treinar, esperar e suar, tudo conduzindo para a mesma sensação decepcionante de vazio. Não importa quanto você vença: se você não é o último a vencer, é um perdedor. E no final eu sempre perco, porque sempre há Pete. Como sempre, Pete.

Brooke nem se aproxima. Ela me lança olhares gentis e enruga a testa com simpatia, mas aquilo não parece verdadeiro, porque ela não entende. Ela está esperando que eu me sinta melhor, que isso passe, para as coisas voltarem ao normal. Perder não é normal.

Brooke me disse que tem um ritual quando eu perco, um jeito de matar o tempo até a normalidade ser restaurada. Enquanto estou em silêncio, de luto, ela passa em revista o armário dela, tirando tudo o que não usou durante meses. Dobra os suéteres e camisetas, reorganiza meias e sapatos em gavetas e caixas. Na noite em que perco para Pete, dou uma

espiada no armário da Brooke.

Imaculado.

Durante o nosso breve relacionamento, ela teve muito tempo para matar.

Capítulo 18

Enquanto enfrento Wilander na Copa Davis, altero meus movimentos para proteger a cartilagem das costelas, que está rompida. Mas, quando você protege alguma coisa, com muita frequência danifica outra. Bato um forehand estranho e sinto um músculo no peito se estirar. Fico aquecido durante o jogo, mas, quando acordo na manhã seguinte, não consigo me mexer.

Os médicos me interditam durante semanas. Brad está a ponto de se suicidar.

Um período de inatividade pode lhe custar a classificação de número 1, diz ele.

Não estou nem aí. Pete é o número 1, não importa o que o computador diga. Pete venceu dois Grand Slams neste ano e venceu nosso confronto em Nova York. Além disso, ainda não dou a mínima importância para esse negócio de número 1. Teria sido legal; mas não era o meu objetivo. Depois, mais uma vez, vencer Pete também não era o meu objetivo, mas perder para ele me fez despencar numa tristeza sem fim.

Sempre tive dificuldade em me livrar de derrotas duras, mas essa para Pete é diferente. Essa foi a derrota suprema, a *über-loss*, a perda alfa-ômega que eclipsou todas as outras. Derrotas anteriores para Pete, a derrota para Courier, a derrota para Gómez me foram feridas na carne, comparadas a esta, que parece uma lança que atravessa o coração. A cada dia a derrota parece renovar-se. Todo dia digo a mim mesmo para parar de pensar nisso, e não consigo. O único alívio é pensar que vou me aposentar.

Enquanto isso, Brooke trabalha sem parar. Sua carreira artística está decolando. Por conselho de Perry, ela comprou uma casa em Los Angeles e foi atrás de papéis na tv. Agora descolou uma ótima oportunidade, uma ponta como atriz convidada num episódio do seriado *Friends*.

É o programa número 1 no mundo, diz ela. Número 1!

Pisco. Essa expressão outra vez. Ela nem repara.

O produtor de *Friends* pediu a Brooke que fizesse o papel de uma tiete. Eu me encolho, pensando no pesadelo que ela suportou com tietes e fãs entusiasmados demais. Mas Brooke acha que a experiência dela com tantos tietes será uma boa preparação para esse papel. Diz que entende como funciona a cabeça de uma tiete.

Além do mais, Andre, é *Friends*. O programa número 1 na tv. Isso pode levar a um papel permanente no programa. Além do fato de *Friends* ser número 1, meu episódio vai ao ar logo depois do Super Bowl[5] – 50 milhões de pessoas vão assistir ao programa. Isso é como o *meu* Aberto dos Estados Unidos.

Uma analogia com o tênis. A maneira mais segura de me afastar do desejo dela. Mas finjo sentir prazer e digo as coisas corretas. Se você está feliz, digo, estou feliz também. Ela acredita em mim. Ou finge que acredita, o que muitas vezes provoca a sensação de dar no mesmo.

Concordamos que Perry e eu iremos com ela a Hollywood para assistir à gravação do episódio. Estaremos no camarim dela, como ela está sempre no meu.

Não acha que vai ser divertido?

Não, penso.

Sim, digo. Divertido.

Não quero ir. Mas também não quero mais ficar em casa, falando sozinho. Peito dolorido, ego ferido – até eu não quero mais ficar sozinho comigo mesmo.

Nos dias anteriores à gravação de *Friends*, nos entrincheiramos na casa de Brooke em Los Angeles. Um amigo ator vem todos os dias ajudá-la a passar as falas. Eu os observo. Brooke está animada, sente pressão, ensaia muito – um processo que conheço. Estou orgulhoso dela. Digo-lhe que ela vai se tornar uma estrela. Boas coisas estão prestes a acontecer.

Chegamos ao estúdio no final da tarde. Meia dúzia de atores nos saúdam calorosamente. São o elenco, presumo, que dão o nome à série *Friends*, mas, pelo que posso perceber, poderiam ser seis atores desempregados de West Covina. Nunca assisti ao programa. Brooke abraça-os, cora, gagueja, embora já tenha passado vários dias ensaiando com eles. Nunca a vi assim tão deslumbrada. Apresentei-a a Barbra Streisand, e ela não reagiu desse jeito.

Fico alguns passos atrás de Brooke, na sombra. Não quero roubar dela nem um raiozinho que seja das luzes da ribalta. Além disso, não me sinto sociável. Mas os atores são fãs de tênis e não param de me arrastar para conversas. Perguntam sobre minha lesão, congratulam-me pelo ano de sucesso. O ano me parece tudo menos de sucesso, mas agradeço-lhes o mais educadamente que posso e me recolho outra vez.

Eles insistem. Falam do Aberto dos Estados Unidos. Da rivalidade com Pete. Como é isso? Vocês dois são ótimos no tênis.

É, bem...

Vocês são amigos?

Amigos? Será que eles realmente me perguntam isso? Será que estão perguntando porque são *Friends*? Nunca pensei nisso antes, mas sim, acho que Pete e eu somos amigos.

Viro-me para Perry em busca de apoio. Mas ele está como Brooke, estranhamente deslumbrado. Na verdade, está parecendo um pouco alguém acostumado com aquele lugar. Fala de produção com os atores, mencionando nomes, bancando o iniciado.

Por misericórdia, Brooke é chamada a seu camarim. Perry e eu a seguimos e nos sentamos perto dela, enquanto uma equipe de pessoas seca e penteia seu cabelo, e outra equipe cuida da maquiagem e do guarda-roupa. Observo Brooke enquanto ela se observa no espelho. Está feliz, superexcitada, como uma menina que se enfeita para sua festa de quinze anos – e eu estou totalmente deslocado. Sinto que vou me desligar. Digo as coisas apropriadas, sorrio e falo frases de encorajamento, mas por dentro sinto como se uma válvula se fechasse. Imagino se o que eu sinto é a mesma coisa que ela sente quando estou tenso antes de um torneio ou infeliz com uma derrota. Meu interesse fingido, minhas respostas fabricadas, minha fundamental falta de interesse – é a isso que eu a reduzo na metade do tempo?

Caminhamos até o cenário, um apartamento roxo com móveis de segunda mão. Ficamos por ali, matando tempo, enquanto homens grandes lidam com as luzes e o diretor confere coisas com autores. Alguém conta piadas, tentando aquecer a plateia. Encontro um assento na primeira fila, próximo a uma porta falsa pela qual Brooke deve entrar. A plateia está elétrica, assim como a equipe. Há uma sensação de crescente expectativa. Não consigo parar de bocejar. Sinto-me como Pete, obrigado a assistir a *Grease*. Por que será que tenho tanto respeito pela Broadway e tanto desdém por isto aqui?

Alguém berra: Silêncio! Outra pessoa berra: Ação! Brooke entra e bate à porta falsa. Esta se abre e Brooke diz sua primeira fala. A plateia ri e aplaude. O diretor berra: Corta! Uma

mulher diversas filas atrás de mim grita: Você está ótima, Brooke!

O diretor elogia Brooke. Ela escuta o elogio, balançando a cabeça. Obrigada, diz, mas posso fazer melhor. Ela quer repetir a cena, quer outra chance. Está bem, diz o diretor.

Enquanto eles se aprontam para a nova tomada, Perry dá conselhos a Brooke. Ele não sabe patavina a respeito de representar, mas Brooke está tão insegura que acata qualquer coisa que lhe digam naquele momento. Escuta e balança a cabeça. Estão em pé, bem na minha frente, e ele a instrui como se fosse um diretor do Actors Studio.

Aos seus lugares, por favor!

Brooke agradece a Perry e corre para a porta.

Silêncio, todo mundo!

Brooke fecha os olhos.

Ação!

Ela bate à porta falsa, faz a cena exatamente do mesmo modo.

Corta!

Fantástico, o diretor diz para Brooke.

Ela corre para mim e pergunta o que achei. Excelente, digo, e não estou mentindo. Ela estava excelente. Ainda que a tv me aborreça, ainda que a atmosfera e as falsidades me deixem frio, eu respeito o trabalho intenso. Admiro a dedicação dela. Brooke dá tudo de si. Beijo-a e digo para ela que estou orgulhoso.

Você já acabou?

Não, tenho outra cena.

Ah.

Vamos para outro cenário, um restaurante. O papel de tiete agora é num encontro com o objeto de seus afetos, Joey. Ela está sentada a uma mesa em frente ao ator que faz o papel de Joey. Outra espera interminável. Novas observações de Perry. Por fim, o diretor berra: Ação!

O ator que faz o papel de Joey parece ser um cara bastante legal. Quando a cena começa, no entanto, eu me dou conta de que vou ter de dar um pontapé na bunda do cara. Aparentemente o roteiro pede que Brooke agarre a mão dele e lamba. Mas ela vai um passo além, devorando a mão dele como se fosse um sorvete de casquinha. Corta! Isso foi ótimo, diz o diretor. Mas vamos fazer mais uma vez. Brooke ri. Joey ri – e limpa a mão num guardanapo. Eu acompanho de olhos arregalados. Brooke não falara nada sobre lamber a mão de ninguém. Ela sabia qual seria a minha reação.

Isso não é a minha vida, não pode ser a minha vida. Não estou realmente ali, não estou realmente sentado com duzentas pessoas vendo a minha namorada lamber a mão de outro homem.

Olho para o teto, diretamente para as lâmpadas.

Vão fazer isso outra vez.

Silêncio, por favor!

Ação!

Brooke pega a mão de Joey e a põe dentro da boca até os nós dos dedos. Desta vez ela revira os olhos para trás e desliza a língua pela mão dele...

Pulo da minha cadeira, corro escada abaixo, passo por uma porta lateral. Está escuro. Como ficou escuro tão depressa? Logo do lado de fora da porta está meu Lincoln alugado. Atrás de mim vêm Perry e Brooke. Perry está perplexo. Brooke está frenética. Ela agarra meu

braço e pergunta: Aonde você está indo? Você não pode estar indo embora!

Perry diz: O que aconteceu? O que é que há?

Você sabe. Vocês dois sabem.

Brooke implora que eu fique. Perry também. Digo a eles que não há a menor chance, não quero vê-la lamber a mão daquele homem.

Não faça isso, diz Brooke.

Eu? *Eu*? Não estou fazendo nada. Voltem e divirtam-se. Boa sorte! Lamba um pouco mais a mão dele. Estou fora.

Dirijo rápido pela autoestrada, costurando o trânsito. Não sei bem para onde estou indo, exceto que não vou voltar para a casa de Brooke. Foda-se. De repente percebo que estou indo para Las Vegas, e não paro até chegar lá, e me sinto ótimo com essa decisão. Acelero o motor e passo rugindo pelos limites da cidade, em direção ao deserto, nada entre mim e minha cama, a não ser um estirão de terra inculta e uma faixa de estrelas.

Quando o rádio começa a emitir estática, tento sintonizar minhas emoções. Senti ciúmes sim, mas também me senti deslocado, fora de contato comigo mesmo. Assim como Brooke, eu estava desempenhando um papel, o papel do Namorado Babaca, e achei que estava tendo sucesso. Mas, quando começaram as lambidas de mão, não consegui mais interpretar o papel. É claro, já vi Brooke beijar outros homens no palco. Além disso, tive a experiência de um pervertido que não podia esperar para me contar que tinha transado com a minha namorada num cenário de cinema quando ela tinha quinze anos. Isso é diferente. Isso ultrapassou os limites. Não finjo saber onde está o limite, mas lamber a mão está definitivamente além desse limite.

Chego à minha residência de solteiro às duas da manhã. Dirigir me cansou, apaziguou minha raiva. Ainda estou zangado, mas contrito. Telefono para Brooke.

Desculpe. Eu só... eu precisava sair dali.

Ela diz que todo mundo perguntou onde eu estava. Que eu a humilhei, pus em risco a grande oportunidade dela. Diz que todo mundo tinha observado como ela estava ótima, mas que não pôde curtir sequer um momento de seu sucesso porque a única pessoa com quem ela queria compartilhá-lo tinha ido embora.

Você foi a principal perturbação, diz ela, elevando a voz. Tive de bloquear você da minha mente para me concentrar nas minhas falas, o que fez com que tudo ficasse mais difícil. Se eu alguma vez fizesse alguma coisa assim com você, num jogo, você ficaria furioso.

Não dava para eu ver você lamber a mão daquele cara.

Eu estava representando, Andre. *Representando*. Esqueceu que sou uma *atriz*, que representar é o que faço como meio de vida, que é tudo fingimento?

Faz de conta?

Se apenas eu *conseguisse* esquecer.

Começo a me defender, mas Brooke diz que não quer nem ouvir. Ela desliga.

Fico no meio da sala e sinto o chão tremer. Por um breve momento penso na hipótese de Vegas estar sendo atingida por um terremoto. Não sei o que fazer, onde ficar. Caminho até a estante em que estão meus troféus de tênis e pego um deles. Atiro-o para o outro lado da sala. Um a um, faço isso com todos os meus troféus. Copa Davis? Crau. Aberto dos Estados Unidos? Crau. Wimbledon? Crau, crau. Tiro a raquete da sacola de tênis e tento arrebentar a

mesa de centro de vidro, mas só a raquete quebra. Pego os troféus quebrados e os atiro outra vez contra a parede e depois contra outras coisas na casa. Quando os troféus já não podem mais ser atirados, me atiro no sofá, que está coberto de reboco das paredes atingidas.

Horas mais tarde abro os olhos. Examino os danos como se fossem responsabilidade de outra pessoa... É verdade. Foi outra pessoa. A pessoa que faz metade da merda que eu faço.

O telefone toca. Brooke. Peço desculpas outra vez, conto a ela que quebrei todos os meus troféus. O tom dela fica mais suave. Está preocupada. Ela detesta o fato de eu ter ficado tão transtornado, de eu sentir ciúme, que eu esteja sofrendo. Digo que a amo.

Um mês depois estou em Stuttgart para o início da temporada em quadra coberta. Se eu tivesse de enumerar todos os lugares do mundo em que eu não quero estar, todos os continentes e países, as cidades grandes e pequenas, as aldeias, vilarejos e burgos, Stuttgart estaria no topo da lista. Mesmo que eu viva até os mil anos de idade, penso, nada de bom jamais vai me acontecer em Stuttgart. Nada contra Stuttgart. Eu simplesmente não quero estar aqui, agora, jogando tênis.

E, contudo, estou, e é um jogo importante. Se eu vencer, consolidarei minha classificação como número 1, o que Brad deseja muito. Estou jogando contra MaliVai Washington, que conheço bem. Joguei com ele o tempo inteiro quando éramos juniores. Bom atleta, cobre a quadra como uma lona, sempre me obriga a fazer força para vencê-lo. As pernas dele são puro bronze, de modo que não posso atacá-las. Não consigo cansá-lo como faço com um adversário típico. Tenho de vencê-lo na cabeça. E é isso que faço. Estou um set na frente, mandando bala, quando de repente sinto como se tivesse pisado numa ratoeira. Olho para baixo, a sola do meu tênis caiu. Descascou.

Não trouxe outro par de tênis.

Paro o jogo, digo aos organizadores que preciso de um novo par de tênis. Anunciam pelo alto-falante, um urgente *stacato* em alemão. Será que alguém pode emprestar um par de tênis ao senhor Agassi? Tamanho 42?

Tem de ser um Nike, acrescento... por causa do meu contrato.

Um homem que está no alto das arquibancadas se levanta e sacode seu tênis. Ele ficaria feliz em me emprestar seu *Schuh*. Brad sobe e apanha o calçado. Embora o homem calce 39, forço o tênis no pé, como alguma Cinderela imbecil, e retomo o jogo.

É isso a minha vida?

Isso não pode ser a minha vida.

Estou jogando uma partida pela classificação de número 1 do mundo com um par de tênis emprestado de um estranho em Stuttgart. Penso no meu pai usando bolas de tênis para emendar nossos sapatos quando éramos crianças. Fica parecendo ainda mais desajeitado, mais ridículo. Estou emocionalmente exausto e imagino por que não paro, não saio, não vou embora. O que me obriga a continuar? Como devo escolher as jogadas no meu saque, para segurar o game e quebrá-lo, no saque do outro? Mentalmente saio da arena. Vou para as montanhas, alugo uma cabine de esqui, faço uma omelete, ponho os pés para cima, inspiro o cheiro de neve da floresta.

Digo a mim mesmo: Se eu vencer este jogo, vou me aposentar. E se eu perder este jogo, vou me aposentar.

Perco.

Não me aposento. Em vez disso, faço o oposto de me aposentar: entro num avião e vou para

a Austrália, jogar outro campeonato. O Aberto da Austrália de 1996 está a dias de distância, e sou o cara que deve defender o título. Não estou emocionalmente disposto. Pareço perturbado. Meus olhos estão injetados, meu rosto está esquelético. O comissário de bordo deveria me chutar para fora. Quase que eu mesmo me chuto. Minutos depois de Brad entrar no avião, quase pulo do meu assento e saio correndo. Brad, vendo minha expressão, agarra meu braço.

Vamos, diz ele. Relaxe. Nunca se sabe. Talvez alguma coisa boa vá acontecer.

Engulo uma pílula para dormir e entorno uma vodca. Quando abro os olhos, o avião está taxiando em Melbourne. Brad nos leva até o hotel, o Como. Minha cabeça está numa neblina tão densa quanto um purê de batatas. Um mensageiro me mostra o quarto, que tem um piano e uma escada em espiral com brilhantes degraus de madeira. Tamborilo os dedos em algumas teclas do piano, cambaleio escada acima até a cama. Caio de costas. Meu joelho atinge a beirada afiada de uma balaustrada de metal e abre. Tropeço escada abaixo. Há sangue por toda parte.

Chamo Gil. Ele chega em dois minutos, diz que foi a patela, a rótula. Corte feio, diz ele. Machucado feio. Ele faz um curativo, me põe no sofá. De manhã, me deixa de molho. Não me deixa treinar. Temos de ter cuidado com aquela patela, diz ele. Será um milagre se ela aguentar sete jogos.

Mancando a olhos vistos, jogo a primeira rodada com uma bandagem no joelho e um filme nos olhos. Fica claro para os fãs, comentaristas esportivos, os jornalistas, que não sou o mesmo jogador de um ano atrás. Perco o primeiro set e rapidamente fico atrás em dois breaks no segundo. Vou ser o primeiro campeão, desde Roscoe Tanner, a perder um jogo na primeira rodada de um campeonato.

Estou jogando contra Gastón Etlis, da Argentina, seja lá quem for. Ele nem sequer parece um jogador de tênis. Parece um professor de escola substituto. Tem cachos suarentos e barba por fazer. É um cara que joga duplas, mas está jogando simples porque, por algum milagre, se classificou. Parece atônito por estar ali. Um cara como este, eu normalmente venço no vestiário, com um olhar mais duro, mas ele está um set à frente e lidera o segundo. Jesus. E ele é quem está sofrendo. Se eu pareço estar com dor, ele parece em pânico. É como se ele tivesse um sapo de 45 quilos entalado na garganta. Espero que ele tenha a coragem de me liquidar, de acabar comigo, porque neste momento é melhor para mim perder e ir embora dali bem cedo.

Mas Etlis engasga, paralisa, toma decisões espantosamente erradas.

Começo a me sentir fraco. Raspei a cabeça nesta manhã, estou inteiramente careca, com o crânio nu, porque queria me punir. Por quê? Porque ainda me ressinto de ter estragado a cena de Brooke em *Friends*, porque quebrei todos os meus troféus, porque vim para um campeonato sem ter treinado o suficiente – e porque perdi para Pete na porra do Aberto dos Estados Unidos. Você não consegue enganar o cara que está no espelho, como sempre me diz Gil, de modo que vou fazer aquele homem pagar. Meu apelido no circuito é O Punidor, por causa do jeito como faço os caras correr para trás e para a frente. Agora estou determinado a punir meu adversário mais intratável, eu mesmo, queimando a cabeça dele.

Missão cumprida. O sol da Austrália está grelhando a minha pele como uma labareda. Dou bronca em mim mesmo, depois me perdoo, depois aperto o *reset* e encontro um jeito de empatar o segundo set. Então venço o tiebreak.

Minha cabeça tagarela sem parar. O que mais posso fazer com a minha vida? Devo romper

com Brooke? Devo me casar com ela? Perco o terceiro set. Mais uma vez Etlis não consegue aguentar a prosperidade. Venço o quarto set depois de outro tiebreak. No quinto set, Etlis se esgota, desiste. Não estou orgulhoso nem aliviado. Estou com vergonha. Minha cabeça parece uma bolha de sangue. *Ponha uma bolha no cérebro dele.*

Mais tarde os repórteres perguntam se me preocupo com as queimaduras de sol. Eu rio. Honestamente, digo a eles, queimadura de sol é a menor das minhas preocupações. Quero acrescentar: Já estou mentalmente frito. Mas não acrescento.

Nas quartas de final, jogo contra Courier. Ele já me venceu seis vezes consecutivas. Tivemos batalhas tremendas na quadra e nos jornais. Depois que me venceu no Aberto da França de 1989, ele se queixou de toda a atenção que eu atraio. Disse que se sentia sempre jogando em segundo lugar comigo.

Parece um problema de insegurança, eu disse aos jornalistas.

Ao que Courier contra-atacou: *Eu* sou inseguro?

Além disso, ele se ressente da minha aparência e da minha psique sempre em mutação. Uma vez, quando lhe perguntaram o que achava do novo Agassi, ele disse: Você quer dizer o novo Agassi ou o novo *novo* Agassi? Desde então fizemos as pazes. Eu disse a Courier que torço pelo sucesso dele, que o considero um amigo, e ele disse o mesmo. Mas ainda há uma cortina de tensão entre nós, e pode ser que sempre haja, pelo menos até um dos dois se aposentar, já que nossa rivalidade vem desde a puberdade, desde Nick.

O jogo começa tarde, atrasado por causa das quartas de final das mulheres. Entramos na quadra quase à meia-noite e jogamos nove games de saques. Bom, então é assim que vai ser. Aí a chuva começa a cair. Os organizadores poderiam fechar o teto, mas isso demoraria quarenta minutos. Perguntam se não preferimos voltar amanhã. Nós dois dizemos que sim.

Dormir ajuda. Acordo refeito, querendo vencer Courier. Mas não é Courier que está do outro lado da rede – é um pálido fac-símile. Embora estivesse 2 sets a 0 na frente, parece hesitante, exaurido. Reconheço esse olhar. Já o vi no espelho muitas vezes. Caio de boca, pronto para matar. Venço o jogo, derrotando Courier pela primeira vez em anos.

Quando os repórteres me perguntam sobre o jogo de Courier, digo: Ele não está onde quer estar.

Quero dizer: Isso é muito comum, atualmente.

A vitória me permite recuperar a posição de número 1. Mais uma vez destronei Pete, mas é apenas outro lembrete de que não o venci, de que não consegui vencê-lo.

Na semifinal enfrento Chang. Sei que posso vencer, mas também sei que vou perder. Na verdade, quero perder, devo perder, porque Becker está esperando na final. A última coisa de que preciso no momento é outra guerra santa contra Becker. Não poderia dar conta disso. Não teria estômago para isso, o que significa que eu iria perder. Dada a escolha entre Becker e Chang, prefiro perder para Chang. Além do mais, psicologicamente é sempre mais fácil perder na semifinal do que na final.

Então hoje eu vou perder. Parabéns, Chang. Espero que você e o seu Messias sejam muito felizes.

Mas perder de propósito não é fácil. É quase mais difícil que vencer. Você tem de perder de tal modo que a torcida não perceba, e de uma maneira que *você* não perceba – porque é claro que você não está inteiramente consciente de perder de propósito. Você não está nem semiconsciente. Sua cabeça falha, mas o seu corpo continua a lutar. Memória muscular. Nem é

a sua cabeça inteira que perde de propósito, mas uma facção rebelde, um grupo fragmentado. As más decisões tomadas deliberadamente são assumidas num espaço escuro, muito abaixo da superfície. Você não faz aquelas coisas minúsculas que tem de fazer. Você não corre os poucos metros a mais, você não vai na bola. Você é lento ao voltar das paradas. Você hesita em se curvar ou se abaixar. Você só usa as mãos, não as pernas, nem o quadril. Você faz um erro descuidado, compensa o erro com um golpe espetacular, depois faz mais dois erros, e devagar, mas com certeza, vai escorregando para trás. Você na verdade nunca pensa: Vou mandar essa bola na rede. É mais complicado, mais insidioso.

Na coletiva de imprensa depois do jogo, Brad diz aos repórteres: Hoje, Andre deu de cara na parede.

É verdade, eu penso. Tão verdadeiro. Mas não digo a Brad que fracasso todos os dias. Ele ficaria arrasado se soubesse que hoje a parede me deu uma sensação boa; que eu beijei a parede; que estou contente por ter perdido; que preferia estar naquele avião de volta para Los Angeles do que excitando a equipe para um novo confronto com nosso velho amigo B.B. Sócrates. Prefiro estar em qualquer outro lugar que não aqui – até em Hollywood, minha próxima parada. Já que perdi, vou para casa a tempo de assistir ao Super Bowl, seguido do episódio especial de uma hora de duração de *Friends*, com Brooke Shields.

Capítulo 19

Perry me amola todos os dias, perguntando o que houve, qual é o problema. Não posso dizer a ele. Não sei. Mais exatamente, não quero saber. Não quero admitir para Perry ou para mim mesmo que uma derrota para Pete pode ter um efeito tão duradouro. Pela primeira vez, não quero me sentar com Perry e tentar desemaranhar as meadas do meu subconsciente. Já desisti de me entender. Não tenho interesse em autoanálise. No longo prazo, perdendo a luta contra mim mesmo, estou afundando.

Jogo em San José e sou aniquilado por Pete. Definitivamente, o que o doutor mandou. Perco as estribeiras diversas vezes durante o jogo, xingando a raquete, gritando comigo mesmo. Pete parece se divertir. O juiz me pune por xingar.

Ah, você gostou disso? Então tome.

Dou um saque para o andar de cima.

Vou para Indian Wells, perco para Chang nas quartas de final. Não consigo encarar a coletiva de imprensa depois do jogo. Eu me mando dali, pago uma bela multa. Vou para Monte Carlo. Perco para Alberto Costa, da Espanha, em 54 minutos. Ao sair da quadra, escuto assobios e vaias. Podem muito bem vir de dentro do meu coração. Quero gritar para a torcida: Eu concordo!

Gil me pergunta: O que está acontecendo?

Conto a ele. Desembucho tudo. Desde que perdi para Pete no Aberto dos Estados Unidos, perdi a vontade.

Então não vamos mais fazer isso, diz Gil. Temos de ter clareza quanto ao que fazemos.

Quero sair, digo, mas não sei como... nem quando.

No Aberto da França de 1996, já estou completamente arrasado. Grito comigo mesmo durante todos os jogos da primeira rodada. Recebo uma advertência oficial. Grito mais alto. Sofro punição de um ponto. Estou a uma *porra de um caralho* de ser desclassificado do torneio. Começa a chover, e, durante a espera, sento-me no vestiário e fico olhando fixamente para a frente, como se estivesse hipnotizado. Quando retomo o jogo, sobrevivo ao meu adversário, Jacobo Diaz, que não consigo nem enxergar. Ele está tão borrado e pálido quanto os reflexos nas poças de chuva ao longo das alamedas em volta da quadra.

Derrotar Diaz apenas adia o inevitável. Na rodada seguinte perco para Chris Woodruff, do Tennessee. Ele sempre me faz lembrar um cantor de *country-western* e joga como se preferisse se apresentar num rodeio. É ainda mais desajeitado no saibro e, para compensar, fica agressivo, especialmente em suas devoluções de backhand. Não consigo contra-atacar essa agressividade. Cometo 63 erros não forçados. Ele reage com uma alegria desenfreada, e eu olho para ele, invejando, não sua vitória, mas seu entusiasmo.

Os comentaristas esportivos me acusam de abandonar o barco, de não ir em todas as bolas. Eles não entendem. Quando abandono o barco, dizem que não sou bom o suficiente; quando não estou bastante bom, dizem que abandono o barco. Eu quase digo a eles que não estava entregando a rapadura, mas estava me torturando por não ser bom o bastante. Sempre que sei que não mereço vencer, que não sou digno de vencer, eu me torturo. Vocês deviam pesquisar isso.

Mas não digo nada. Mais uma vez saio do estádio sem ficar para as entrevistas obrigatórias. Mais uma vez pago alegremente a multa. Dinheiro bem gasto.

Brooke me leva a um lugar em Manhattan cuja sala da frente é menor que uma cabine telefônica, mas tem um salão de jantar principal grande e caloroso, pintado de amarelo-mostarda. Campagnola – gosto do jeito como ela pronuncia o nome, gosto do cheiro, gosto do jeito como nós dois nos sentimos ao entrar, vindos da rua. Gosto da foto autografada de Sinatra ao lado da chapelaria.

Esse é o meu lugar *favorito* em Nova York, diz Brooke, então eu logo o adoto como meu favorito também. Nós nos sentamos num canto, comemos uma refeição leve naquela nebulosa hora de lusco-fusco entre a multidão do almoço e o movimento do jantar. Normalmente não servem refeições a essa hora, mas o gerente diz que, no nosso caso, vai abrir uma exceção.

O Campagnola rapidamente se torna uma extensão da nossa cozinha e, então, de nosso relacionamento inteiro. Brooke e eu vamos lá para nos lembrar dos motivos pelos quais estamos juntos. Vamos lá em ocasiões especiais e para fazer os monótonos dias da semana parecerem ocasiões especiais. Vamos lá com tanta frequência e tão automaticamente depois de cada jogo do Aberto dos Estados Unidos que os *chefs* e garçons começam a acertar os relógios pela nossa chegada. Durante o quinto set de um jogo, algumas vezes me vejo pensando no pessoal do Campagnola, sabendo que estão de olho em mim na tv enquanto preparam a mussarela, os tomates e o *prosciutto*. Sei, enquanto jogo a bola para cima, prestes a dar o saque, que logo, logo estarei sentado à mesa do canto, comendo camarões fritos na manteiga, com molho de vinho branco e limão, e um acompanhamento de raviólis tão macios e suaves que deviam contar como sobremesa. Sei que quando Brooke e eu chegarmos à porta, quer eu ganhe, quer eu perca, o lugar vai explodir em aplausos.

O gerente do Campagnola, Frankie, está sempre vestido nos trinques – trinques do tipo Gil. Terno italiano, gravata florida, lenço de seda. Ele sempre nos cumprimenta com um sorriso que exibe falhas nos dentes e uma nova coleção de histórias engraçadas. Ele é como um segundo pai para mim, diz Brooke quando nos apresenta, e essas são palavras mágicas. Pai substituto é um papel pelo qual tenho grande respeito, de modo que gosto imediatamente de Frankie. Depois ele nos oferece uma garrafa de vinho tinto, nos fala a respeito de celebridades, vigaristas, banqueiros e membros da máfia que frequentam o restaurante, faz Brooke rir até ficar com as bochechas rosadas, e agora eu gosto dele por motivos próprios.

Frankie diz: John Gotti? Você quer saber de John Gotti? Ele sempre se senta bem ali, na mesa do canto, olhando para fora. Se alguém vier matá-lo, ele quer ver o homem chegar.

Sinto o mesmo, digo.

Frankie dá um sorriso sombrio, depois balança a cabeça. Eu sei, certo?

Frankie é honesto, trabalhador, sincero, o tipo de pessoa que me agrada. Percebo que procuro o rosto dele no momento em que passamos pela porta. Sinto-me melhor, minhas dores e ansiedades diminuem, quando Frankie joga os braços para cima, sorri e nos conduz até nossa mesa. Algumas vezes ele expulsa outros clientes, e Brooke e eu fingimos não notar aquelas testas franzidas e as reclamações.

A principal virtude de Frankie é o jeito como fala dos filhos. Ele os adora, gaba-se deles, mostra fotos à menor oportunidade. Mas claramente se preocupa com o futuro deles. Enquanto passa a mão pelo rosto cansado, uma noite, me diz que os filhos ainda estão na escola

primária, mas ele já está preocupado com a faculdade. Ele geme com o preço da educação superior. Frankie não sabe como vai chegar lá.

Dias mais tarde converso com Perry e peço-lhe para colocar um lote de ações da Nike em nome de Frankie. Na vez seguinte em que Brooke e eu passamos pelo Campagnola, conto isso a Frankie. As ações não podem ser tocadas durante dez anos, digo, mas, a essa altura, devem valer o suficiente para aliviar a carga da matrícula.

O lábio inferior de Frankie treme. Andre, diz ele, não posso acreditar que você tenha feito isso por mim.

Seu olhar é de choque total. Eu não entendia o significado e o valor da educação, o sacrifício e o estresse que representam para a maioria dos pais e filhos. Nunca pensei em educação sob esse prisma. A escola era sempre um lugar do qual eu dava um jeito de fugir, não uma coisa valiosa. Dar aquelas ações foi simplesmente uma coisa que fiz porque Frankie especificamente mencionou a faculdade, e eu queria ajudar. Quando eu vi o que significava para ele, no entanto, fui eu quem se sentiu instruído.

Ajudar Frankie me dá mais satisfação e faz com que eu me sinta mais ligado e vivo, com que eu me sinta mais *eu mesmo* do que qualquer outra coisa que tenha me acontecido em 1996. Falo para mim: Lembre-se disso. Concentre-se nisso. Essa é a única perfeição que existe, a perfeição de ajudar os outros. Essa é a única coisa que podemos fazer e que tem algum valor ou significado duradouro. É para isso que estamos aqui. Para nos fazer sentir uns aos outros seguros.

À medida que 1996 chega ao fim, a segurança parece um bem especialmente precioso. Brooke recebe com regularidade cartas de tietes, ameaçando-a – e algumas vezes a mim – de morte e horrores indizíveis. As cartas são detalhadas, pavorosas, doentes. Mandamos todas elas para o fbi. Além disso, pedimos a Gil que trabalhe com os agentes policiais, acompanhe o progresso deles. Várias vezes, quando uma carta pode ser rastreada, Gil fica perigoso. Embarca num avião e faz uma visita ao maníaco. Em geral ele aparece de manhã cedo, pouco antes de o sol nascer, na casa ou no trabalho do tiete. Ele apresenta a carta e diz com muita suavidade: Eu sei quem você é e onde você mora. Agora olhe bem para mim, porque, se você incomodar Brooke ou Andre de novo, você vai me ver outra vez, e não vai querer isso, porque aí vai ser *pra valer*.

As cartas mais assustadoras não são passíveis de rastreamento. Quando elas ultrapassam determinado patamar de pavor, quando ameaçam alguma coisa que vai acontecer em determinada data, Gil fica de pé do lado de fora da casa de Brooke enquanto dormimos. Quando digo de pé, quero dizer *de pé*. Na soleira. De braços cruzados. Ele se instala ali, olhando para a esquerda e para a direita, e fica assim a noite inteira.

Noite após noite.

A tensão e a sordidez cobram um preço alto de Gil. Ele se preocupa constantemente, achando que não está fazendo o suficiente, que pode ter deixado passar alguma coisa, que vai piscar ou desviar os olhos uma vez, e algum bandido vai resvalar por ele. Fica obcecado. Cai numa depressão quase debilitante, e eu caio com ele, porque sou o motivo. Eu provoquei isso em Gil. Sinto uma culpa profunda e sou assolado por premonições de morte.

Tento me convencer a sair dessa. Digo a mim mesmo que a gente não pode ser infeliz quando tem dinheiro no banco e seu próprio avião. Mas não adianta, sinto-me desatento, indefeso, preso numa vida que não escolhi, perseguido por pessoas que não posso ver. E não

posso discutir nada disso com Brooke, porque não consigo admitir essa fraqueza. Sentir-se deprimido depois de uma derrota é uma coisa, mas me sentir deprimido a respeito de nada, a respeito da vida em geral, é outra inteiramente diferente. Não posso ficar desse jeito. Eu me recuso a admitir que me sinto assim.

Mesmo que eu quisesse discutir o assunto com Brooke, não temos nos comunicado bem ultimamente. Não estamos na mesma frequência. Não estamos em sintonia. Por exemplo, quanto tento conversar com ela sobre Frankie, sobre a satisfação em ajudá-lo, ela não parece escutar. Depois do divertimento inicial de me apresentar a ele, ela ficou fria em relação a Frankie, como se ele tivesse feito seu papel e agora fosse hora de sair do palco. Isso segue um precedente, um padrão que se repete com muitas pessoas e lugares que Brooke traz para a minha vida. Museus, galerias, celebridades, escritores, programas, amigos – muitas vezes eu recebo mais deles do que Brooke. No momento em que começo a curtir alguma coisa, a aprender com isso, ela a descarta.

Isso me faz imaginar se nós dois combinamos. Não acho que combinamos. E, no entanto, não consigo sair dessa, não consigo sugerir que devemos dar um tempo, porque já estou me distanciando do tênis. Sem Brooke e sem tênis, vou ficar sem nada. Tenho medo do nada, do vácuo, da escuridão. Então me agarro a Brooke, e ela também se agarra a mim. Embora pareça amor, é mais o agarramento representado naquele quadro do Louvre. Agarrar-se para salvar a própria vida.

À medida que Brooke e eu nos aproximamos do nosso segundo aniversário de união, resolvo que devemos formalizar nosso envolvimento. Dois anos é um marco significativo na minha vida amorosa. Em todos os relacionamentos anteriores, dois anos tinham sido o momento de continuar ou romper – e antes eu já escolhera romper. A cada dois anos me canso da garota que estou namorando ou ela fica cansada de mim, como se um despertador disparasse no meu coração. Fiquei com Wendi dois anos, e aí ela disse que o nosso relacionamento era aberto, o que prefigurava o fim. Antes de Wendi fiquei com uma garota em Memphis durante dois anos exatos, e então pulei fora. Por que minha vida amorosa funciona em ciclos de dois anos, eu não sei. Nem sequer estava consciente do padrão até Perry me chamar atenção para isso.

Seja lá por que motivo for, estou determinado a mudar. Aos 26 anos, acredito que esse padrão deve ser quebrado agora, ou daqui a pouco terei 36 anos, olharei para trás, para uma série de relacionamentos de dois anos que não levaram a nada. Se é para eu ter uma família um dia, se é para eu vir a ser feliz, tenho de quebrar esse ciclo, o que significa me forçar a passar além da marca dos dois anos, obrigar-me a me comprometer.

Claro, tecnicamente, não foram dois anos com Brooke. Com nossos esquemas malucos, meus jogos e as filmagens dela, na verdade passamos apenas alguns meses juntos. Ainda estamos nos conhecendo, ainda estamos aprendendo. Parte de mim sabe que não deveria forçar uma decisão. Parte de mim simplesmente não quer se casar no momento. Mas quem se incomoda com o que eu quero? Quando é que o que eu quero já foi um bom indicador do que eu devo fazer? Com quanta frequência eu entro num torneio, querendo jogar, apenas para perder nas primeiras rodadas? Quantas vezes entro com relutância, sentindo-me o fim da picada, apenas para vencer? Talvez o casamento – a suprema jogada, o supremo torneio de eliminação em simples – seja a mesma coisa.

Além disso, todo mundo ao meu redor está se casando. Perry, Philly, J.P. Na verdade,

Philly e Perry encontraram suas esposas juntos, na mesma noite. Depois do Verão da Vingança, é o Inverno do Casamento.

Pedi conselhos a Perry. Conversamos horas em Vegas e ao telefone. Ele tende a achar que sim, que Brooke é a moça certa, ele diz. O que você quer de melhor do que uma supermodelo formada em Princeton? Afinal de contas, não fantasiamos a respeito dela anos atrás? Ele não predissera que Brooke viria? E agora aqui está ela... o destino. Qual é o problema? Ele me lembra de *Terra das sombras*. C.S. Lewis não se torna inteiramente vivo, não cresce, até se abrir para o amor? Foi com o amor que ele cresceu, diz o filme. E como Lewis lembra a seu aluno: *Deus quer que cresçamos*.

Perry diz que conhece uma excelente joalheira em Los Angeles. A mesma a quem recorreu quando ficou noivo. Deixando de fora a questão de fazer ou não o pedido, diz ele, apenas concentre-se por um momento no anel.

Sei o tipo de anel que Brooke quer – redondo, lapidação Tiffany – porque ela me disse. De cara. Brooke nunca se intimida em compartilhar suas opiniões sobre joias, roupas, carros, sapatos. Na verdade, as conversas mais animadas que temos são a respeito de *coisas*. Costumávamos conversar sobre nossos sonhos, nossas infâncias, nossos sentimentos. Agora discutimos avidamente os melhores sofás, os melhores aparelhos de som, os melhores cheeseburgers, e, embora eu ache essas conversas interessantes, um aspecto importante da arte de viver, temo que Brooke e eu tenhamos posto uma ênfase indevida nelas.

Preparo-me, ligo para a joalheira e digo que estou interessado num anel de noivado. As palavras saem roucas. Sinto o coração latejar. Pergunto a mim mesmo: Isso não deveria ser um momento de alegria – um dos melhores momentos da vida? Antes de conseguir responder, a joalheira me metralha com suas próprias perguntas. Tamanho? Quilate? Cor? Brilho? Ela não para de falar a respeito de brilho, de perguntar sobre o brilho.

Penso: *Moça, você está perguntando à pessoa errada*.

Digo: Tudo que sei é que é redondo, lapidação Tiffany.

Quando você precisa dele?

Logo?

Dá para fazer. Acho que tenho *exatamente* o anel.

Dias mais tarde, o anel chega por um mensageiro. É um estojo grande. Perambulo com ele no bolso durante duas semanas. O estojo parece pesado como chumbo e perigoso, como eu.

Brooke está fora, fazendo um filme. Falamos ao telefone todas as noites, e algumas vezes seguro o telefone com uma mão e acaricio o anel com a outra. Ela está nas Carolinas, onde faz um frio do cão, mas o roteiro pede que o tempo esteja ameno, de modo que o diretor a obriga, e aos demais atores, a chupar cubos de gelo. Isso evita que a respiração deles solte fumaça.

Melhor que lamber mãos.

Ela diz algumas de suas falas para mim e rimos, porque soam falsas. Soam como falas.

Depois de desligarmos, vou dar uma volta de carro, com a calefação ligada, as luzes das faixas no asfalto brilhando como diamantes. Repito nossa conversa e simplesmente não consigo distinguir entre as falas do roteiro e as falas que acabamos de dizer um para o outro. Tiro o estojo com o anel do bolso e abro-o. O anel capta e reflete a luz. Ponho-o sobre o painel.

Brilho.

Enquanto Brooke termina o filme, eu concluo uma miserável temporada de tênis que faz com que os comentaristas esportivos digam abertamente, algumas vezes com alegria, que estou liquidado. Três torneios, dizem ele. É bem mais do que achamos que ele iria vencer. Brooke diz que precisamos sair. Para longe dali. Desta vez escolhemos o Havaí. Ponho o anel na bagagem.

Meu estômago dá voltas enquanto o avião se precipita na direção dos vulcões. Olho para as palmeiras, o litoral espumante, as úmidas florestas enevoadas e penso: Outra ilha paradisíaca. Por que sempre nos sentimos obrigados a correr para ilhas paradisíacas? É como se tivéssemos a Síndrome da Lagoa Azul. Fantasio que o motor para, que o avião cai em espiral bem dentro da boca de um vulcão. Para meu pesar, aterrissamos em segurança.

Aluguei um bangalô no resort Mauna Lani. Dois quartos, cozinha, sala de jantar, piscina, um *chef* em horário integral. Mais uma grande extensão de praia branca só para nós.

Passamos os primeiros dias ali no bangalô, relaxando ao lado da piscina. Brooke está às voltas com um livro que fala de ser solteira e feliz aos trinta anos. Ela segura o livro sobre o rosto, lambendo o dedo e virando as páginas ruidosamente. Nem me passa pela cabeça que isso possa ser uma indireta. Nada passa pela minha cabeça, com exceção do pedido de casamento que estou prestes a fazer.

Andre, você parece distraído.

Não. Estou aqui.

Está tudo bem?

Por favor, me deixe em paz, penso eu, estou tentando decidir quando e onde vou fazer meu pedido de casamento a você.

Pareço um assassino, planejando, pensando constantemente na hora e no local. Só que um assassino tem um motivo.

Na terceira noite, embora planejemos jantar no bangalô, sugiro que a gente se vista bem, como se fosse uma ocasião especial. Grande ideia, diz Brooke. Ela sai do quarto uma hora mais tarde, com um vestido branco esvoaçante que cai até os tornozelos. Uso uma camisa de linho e calça bege, a indumentária perfeitamente errada, porque os bolsos das calças são rasos, e o estojo do anel não cabe. Mantenho a mão sobre o bolso para esconder o volume.

Espreguiço-me como se estivesse prestes a jogar uma partida. Sacudo as pernas, depois sugiro uma volta a pé. Sim, diz Brooke, parece uma ótima ideia. Ela toma um gole de vinho, sorri com displicência, sem noção do que vai acontecer. Caminhamos dez minutos até chegarmos a uma parte da praia onde não conseguimos ver qualquer sinal de civilização. Entorto o pescoço para me certificar de que ninguém está se aproximando. Nenhum turista. Nenhum *paparazzo*. A pista está livre. Penso naquela frase de *Ases indomáveis*. Eu tinha o tiro, não havia perigo, de modo que atirei.

Fico alguns passos atrás de Brooke e deixo-me cair com um joelho na areia. Ela se vira, olha para baixo, e a cor foge de seu rosto ao mesmo tempo em que as cores do pôr do sol ficam mais vívidas.

Brooke Christa Shields?

Ela mencionara diversas vezes, em conversas, que, qualquer homem que lhe fizesse um pedido de casamento, deveria fazê-lo com seu nome completo, Brooke Christa Shields. Eu nunca soube por que e nunca me ocorreu perguntar, mas agora me lembro disso.

Repito: Brooke Christa Shields?

Ela põe uma mão na testa. Espere, diz ela. O quê? Você está...? Espere. Não estou pronta.

Somos dois.

Ela limpa as lágrimas enquanto eu tiro o estojo do bolso, abro-o, pego o anel e ponho no dedo dela.

Brooke Christa Shields? Você...

Ela me coloca em pé. Eu a beijo e penso que realmente gostaria de ter avaliado melhor a situação. Será esta a pessoa com quem Andre Kirk Agassi supostamente vai passar os próximos noventa anos?

Sim, diz ela. Sim, sim, sim.

Espere, penso eu. Espere, espere, espere.

Ela diz que quer um repeteco.

Um dia depois Brooke me fala que estava em tal estado de choque na praia que não conseguia me ouvir. Ela quer que eu repita o pedido, palavra por palavra.

Preciso que você diga outra vez, insiste ela, porque não posso acreditar que realmente tenha acontecido.

Eu tampouco.

Ela já está planejando o casamento antes de sairmos da ilha. Quando voltamos a Los Angeles, retomo o final não planejado, nada cerimonioso, de minha carreira de tenista. Fico aluado durante os torneios. Ou perco nas rodadas iniciais, portanto fico muito em casa, o que diverte Brooke. Estou plácido, dormente, e tenho bastante tempo para falar de bolos de casamento e convidados.

Voamos para a Inglaterra, para o torneio de Wimbledon de 1996. Logo antes dos jogos, Brooke insiste para irmos a um café da tarde especial no hotel Dorchester. Imploro para não ir, mas ela insiste. Estamos rodeados de casais mais velhos, todos usando *tweed*, "gravatas-borboleta" e medalhas. Metade deles parece dormir. Comemos pequenos sanduíches de pão sem casca, pratos transbordantes de salada de ovos e *scones* com geleia e manteiga – tudo coisa projetada expressamente para entupir as artérias humanas, sem o benefício de um gosto bom. A comida me faz ficar de mau humor, e o cenário parece ridículo, como um chá para crianças numa casa de repouso. Mas, no momento em que estou prestes a sugerir que peçamos a conta, noto que Brooke está em êxtase. Ela se diverte enormemente. Quer mais geleia.

Na primeira rodada, enfrento Doug Flach, número 281 do ranking, vindo do pré-torneio classificatório, o que está bem acima de suas possibilidades, embora não dê para dizer isso ao vê-lo jogar contra mim. Ele joga como se estivesse em comunicação espiritual com Rod Laver, e eu jogo como Ralph Nader. Estamos em Graveyard Court. A essa altura daria para duvidar que já há uma placa com meu nome ali. Perco o mais rápido possível. Brooke e eu nos apressamos de volta a Los Angeles, para nos envolvermos em conversas mais profundas a respeito de renda Battenburg e tendas forradas com *chiffon*.

À medida que o verão se aproxima, há apenas uma participação que me interessa e me inspira. E não é o meu casamento. São as Olimpíadas de Atlanta. Não sei por quê. Talvez pareça ser algo novo. Talvez pareça não ter nada a ver comigo. Jogarei pelo meu país, por um time de 300 milhões de pessoas. Estarei fechando um círculo. Meu pai foi um atleta olímpico; agora, serei eu.

Planejo um programa de treinamento com Gil, um regime olímpico, e empenho todo o meu

esforço nas sessões de treinamento. Passo duas horas com Gil todas as manhãs, depois malho com Brad durante duas horas, depois corro para cima e para baixo em Gil Hill, no período mais quente do dia. Quero calor. Quero dor.

Quando os Jogos Olímpicos começam, os comentaristas esportivos me desancam por não aparecer na cerimônia de abertura. Perry também me mata por causa disso. Mas não estou em Atlanta pela cerimônia de abertura, estou lá pelo ouro, e preciso acumular toda a concentração e energia que conseguir nesses dias. O tênis é disputado em Stone Mountain, a uma hora de carro da cerimônia de abertura, no centro da cidade. Ficar de pé no calor e na umidade da Georgia, usando paletó e gravata, e esperar durante horas para caminhar pelas raias, depois ir de carro até Stone Mountain e dar o melhor de mim? Não. Não consigo. Adoraria ter a experiência do desfile, saborear o espetáculo das Olimpíadas, mas não antes do primeiro jogo. Digo isso a mim mesmo, é foco. Isso é o que significa botar a substância acima da imagem.

Com uma boa noite de sono assegurada, venço o jogo da primeira rodada contra Jonas Björman, da Suécia. Na segunda rodada passo fácil por Karol Kucera, da Eslováquia. Na terceira rodada encaro o teste mais duro de Andrea Gaudenzi, da Itália. Ele tem um jogo baseado em músculos. Gosta de trocar golpes físicos. Se você o respeitar demais, ele fica ainda mais macho. Não mostro respeito algum em relação a ele. Mas a bola não me respeita. Estou cometendo todo tipo de erros não forçados. Antes de saber o que está acontecendo, estou um set e um game atrás. Olho para Brad. *O que devo fazer?* Ele grita: Pare de errar!

Ah, claro. Sábio conselho. Paro de errar, paro de tentar dar *winners*, ponho a pressão de volta em Gaudenzi. É realmente simples assim, e consigo raspar do fundo do tacho uma vitória feia, satisfatória.

Nas quartas de final, estou à beira da eliminação contra Ferreira. Ele tem 5-3 no terceiro set, sacando para o jogo. Mas nunca me derrotou antes, e sei exatamente o que está se passando dentro de seu corpo. Alguma coisa que meu pai costumava dizer volta para mim: Se você enfiar um pedaço de carvão no cu dele, você tira um diamante. (Redondo, lapidação Tiffany.) Sei que o esfíncter de Ferreira está apertado, e isso me torna confiante. Troco várias bolas com ele, quebro seu saque e ganho.

Na semifinal, dou de cara com Leander Paes, da Índia. Ele é um feijão voador e pulador, um pacote de energia hipercinética, com as mãos mais rápidas do circuito. Mesmo assim, nunca aprendeu a bater uma bola de tênis. Bate fora da velocidade, com golpes que parecem mais intencionais que deliberados, cortadas, lobes – ele é o Brad de Bombaim. Depois, detrás desse lixo todo, ele voa para a rede e a cobre tão bem que a coisa parece funcionar. Depois de uma hora, parece que ele não atingiu uma só bola de forma limpa – e, no entanto, está aplicando uma tremenda lavada. Como estou preparado, fico paciente, fico calmo, e venço Paes por 7-6, 6-3.

Na final jogo contra Sergi Bruguera, da Espanha. O jogo é adiado por causa de uma tempestade, e a previsão do tempo diz que serão necessárias cinco horas antes de voltarmos à quadra. Então eu engulo um sanduíche de frango apimentado do Wendy's. Comida reconfortante. No dia do jogo, não me preocupo com calorias e nutrição. Preocupo-me em ter energia e me sentir satisfeito. Além disso, por causa dos meus nervos, é raro eu ter fome no dia do jogo, de modo que, sempre que tenho apetite, procuro aproveitar. Dou ao meu estômago tudo o que ele pede. Ao engolir o último pedaço do frango apimentado, no entanto, as nuvens

se abrem, a tempestade passa, e vem o calor. Agora tenho um sanduíche de frango apimentado assentado no estômago, faz 32 ºC, e o ar está espesso como molho. Não consigo me mexer – e tenho de jogar por uma medalha de ouro? Que boa hora para me entupir de comida reconfortante; estou num extremo estado de desconforto gástrico.

Mas não me importo. Gil pergunta como eu me sinto, e digo a ele: Ah... o.k. Vou atrás de todas as bolas, vou fazer esse cara correr, e, se ele está pensando que vai levar a medalha para a Espanha, vai ver só o que acontece.

Gil sorri de orelha a orelha. É o meu garoto.

É uma das raras vezes, Gil diz, em que ele não vê medo nos meus olhos quando entro na quadra.

Desde o primeiro saque parto para cima de Bruguera, faço ele ir de um canto ao outro, obrigo-o a cobrir uma porção de terreno do tamanho de Barcelona. Cada ponto é um golpe em seu torso. No meio do segundo set, temos um rali titânico. Ele ganha o ponto para voltar a iguais. Leva tanto tempo se preparando para o ponto seguinte que eu poderia reclamar com o árbitro. Por direito, eu deveria reclamar, e Bruguera deveria receber uma advertência. Em vez disso, uso o momento para caminhar até o boleiro, agarrar uma toalha, cochichar para Gil: Como está o nosso amigo, visto daí?

Gil sorri. Ele quase ri, só que Gil nunca ri durante uma luta.

Embora Bruguera tenha ganho o ponto, Gil vê, e eu também, que aquele ponto vencedor vai lhe custar os seis games seguintes.

Gil grita: É o meu garoto!

Ao subir ao pódio, eu penso: Como vou me sentir? Já vi isso na tv tantas vezes, será possível que aquilo corresponda às minhas expectativas? Ou, como tantas outras coisas, não vai chegar nem perto?

Olho para a esquerda e para a direita. Paes, o vencedor do bronze, está de um lado. Bruguera, o vencedor da prata, do outro. Minha plataforma é trinta centímetros mais alta – uma das poucas vezes em que fico mais alto do que meus adversários. Mas me sinto com três metros de altura em qualquer superfície. Um homem põe a medalha de ouro no meu pescoço. Começa o hino nacional. Sinto meu coração inchar, e isso não tem nada a ver com tênis, nem comigo, e por isso excede todas as minhas expectativas.

Passo os olhos pela multidão e vejo Gil, Brooke, Brad. Procuro meu pai, mas ele está escondido. Ele me disse na noite anterior que eu conseguira resgatar uma coisa tirada dele anos antes, e mesmo assim não quer estar visível, não quer prejudicar o caráter especial do meu momento. Ele não entende que esse momento é especial exatamente porque não é meu.

* * *

Dias mais tarde, por motivos que não consigo entender, o brilho pós-Olimpíadas desapareceu. Estou na quadra em Cincinnati, perdendo a cabeça. Jogo para mim mesmo outra vez e destruo a raquete num acesso de raiva. Prossigo para vencer o torneio, no entanto, o que parece ridículo. E isso só piora meu sentimento de que é tudo uma piada.

Então, em agosto, no rca Championships em Indianápolis, jogando uma partida de primeira rodada contra Daniel Nestor, um sérvio do Canadá, estou bem à frente. Mas me sinto indevidamente irritado por ele ter acabado de quebrar o meu saque. Não consigo me livrar da

raiva repentina. Olho para o céu e fantasio que estou indo embora voando. Já que não posso sair voando, pelo menos essa bola de tênis podia. Fique livre, bolinha. Bato-a alta, acima das arquibancadas, para fora do estádio.

Advertência automática.

A juíza de cadeira, Dana Laconto, diz no microfone: Violação de código. Advertência. Violência com a bola.

Foda-se, Dana.

Ela chama o árbitro. Diz ao juiz que Agassi disse "Foda-se, Dana".

O juiz se aproxima e pergunta: Você disse isso?

Disse.

Este jogo está terminado.

Ótimo. Foda-se você também. E foda-se o árbitro sobre o qual você veio montado.

Os fãs começam um tumulto. Eles não entendem o que está acontecendo, porque não conseguem me ouvir. Só sabem que pagaram para ver um jogo e agora o jogo está cancelado. Estão vaiando, jogando almofadas e garrafas de água na quadra. A mascote do rca Championships é um cachorro Spuds MacKenzie, que agora trota para dentro da quadra, esquivando-se de almofadas e garrafas de água. Ele chega até o meio da rede, ergue a pata e urina.

Eu não podia deixar de aprovar completamente.

Ele faz uma saída garbosa. Estou exatamente atrás dele, de cabeça baixa, arrastando minha sacola de tênis. A torcida enlouquece, como a multidão num filme de gladiadores. Estão fazendo chover lixo sobre a quadra.

No vestiário Brad diz, Que diab...?

Eles me desclassificaram.

Por quê?

Conto a ele.

Ele sacode a cabeça.

O filho dele de sete anos, Zach, chora porque as pessoas são malvadas com o tio Andre. E porque o Spuds MacKenzie fez xixi na rede. Eu mando os dois embora e sento-me no vestiário durante uma hora, com a cabeça baixa. Então cá estamos. Mais um fundo do poço. Tudo bem. Dá para encarar. Aliás, posso me sentir confortável aqui. Posso me estabelecer. O fundo do poço pode ser muito aconchegante, porque pelo menos você está em paz. Você sabe que não vai a lugar algum durante um tempo.

Mas o fundo do poço ainda assim é uma queda. Vou para o Aberto dos Estados Unidos, e logo há uma controvérsia. Alguma coisa a respeito da disposição dos cabeças de chave. Alguns tenistas reclamam que recebi um tratamento especial, que fui privilegiado no sorteio porque os organizadores do torneio e da atp queriam ver uma final entre mim e Pete. Muster diz que sou uma prima-dona. Por isso, sinto um prazer especial ao jogar seu belo rabo de desarrumador de cabelos para fora das quartas de final, dando prosseguimento à minha promessa de jamais perder para ele outra vez.

Alcanço a semifinal contra Chang. Mal posso esperar para lhe dar uma surra, depois de perder para ele meses atrás, em Indian Wells. Não deveria ser problema. Ele está de volta ao *back nine* em sua carreira, diz Brad. Eu também, dizem as pessoas. Mas tenho uma medalha de ouro. Quase queria usá-la neste jogo. Chang, no entanto, não está nem aí para minha medalha

de ouro. Ele manda dezesseis aces, se salva de três break points, me obriga a fazer 45 erros não forçados. Sete anos depois de vencer seu último campeonato, Chang é todo-poderoso, onipotente. Ele se elevou, eu decaio.

No dia seguinte os jornalistas acabam comigo. Eu parei. Fracassei. Eu nem me importo. Quase parece que estão zangados comigo. E eu sei por quê. Como consequência da minha derrota, eles agora têm de aturar Chang por mais um dia.

Não assisto à final na tv, quando Pete derrota Chang em sets diretos. Mas leio a respeito. Todas as reportagens dizem categoricamente que Pete é o melhor jogador de sua geração.

À medida que o ano vai chegando ao fim, vou a Munique, onde as vaias são ensurdecedoras. Perco para Mark Woodforde, que derrotei por 6-0, 6-0 há apenas dois curtos anos. Brad está apoplético. Ele me implora para dizer o que há de errado.

Não sei.

Diga-me, homem. Diga-me.

Eu diria, se soubesse.

Concordamos que tenho de descansar, desistir do Aberto da Austrália.

Vá para casa, diz ele. Descanse um pouco. Passe algum tempo com a sua noiva. Isso vai curar seja lá o que o estiver afligindo.

Capítulo 20

Brooke e eu compramos uma casa em Pacific Palisades. Não é o que eu queria. Eu queria mesmo era uma grande casa de fazenda de formato irregular, com uma sala de estar ao lado da cozinha. Mas ela adora esta, de modo que cá estamos, morando num arremedo de casa rural francesa com vários níveis, construída na encosta de um penhasco. Não tem circulação e parece estéril, a casa ideal para um casal sem filhos que planeja passar muito tempo em aposentos diferentes.

O agente imobiliário falou efusivamente da vista espetacular que se tem da cidade. No primeiro plano está Sunset Boulevard. À noite, dá para ver o Holiday Inn, onde fiquei depois do nosso primeiro encontro. Muitas noites, contemplo o hotel e imagino o que teria acontecido se eu tivesse continuado no carro, se nunca tivesse ligado para Brooke outra vez. Resolvo que a vista dessa casa nova é melhor quando a neblina impede que eu veja o Holiday Inn.

No final de 1996 damos uma festa, uma combinação de Réveillon e inauguração da casa. Convidamos um pessoal de Vegas e os amigos de Brooke de Hollywood. Conversamos com Gil sobre a segurança. Depois de um novo lote de cartas assustadoras, temos de nos proteger de intrusos, de modo que Gil passa a maior parte da noite em pé, no acesso para carros, fazendo a triagem das pessoas à medida que elas chegam. McEnroe aparece, e eu brinco com ele a respeito de ter conseguido passar por Gil. Ele se senta no deque, falando de tênis, meu tema menos favorito nestes dias, de modo que oscilo entre entrar e sair da conversa. Passo a noite misturando margaritas, observando J.P. tocar bateria com uma baqueta de aço Buddy Rich, e sentado na frente da lareira. Atiço o fogo, ponho mais lenha, contemplo profundamente as chamas. Digo a mim mesmo que 1997 vai ser melhor do que 1996. Faço votos para que 1997 seja o meu ano.

Brooke e eu estamos no Golden Globe Awards, quando recebo uma chamada de Gil. Sua filha de doze anos, Kacey, sofrera um acidente. Ela estava andando de trenó, durante uma excursão com seu grupo da igreja a Mt. Charleston, a uma hora de viagem de Las Vegas, e bateu de frente contra um banco de neve congelado. Quebrou o pescoço. Largo Brooke e tomo o primeiro avião para Vegas, chegando ao hospital ainda de smoking. Encontro Gil e Gaye no corredor, parecem que mal se aguentam nas pernas. Abraçamo-nos e eles me falam que é ruim, muito ruim. Kacey vai precisar de uma cirurgia. Os médicos dizem que há risco de ela ficar paralítica.

Passamos dias no hospital, conversando com médicos, tentando manter Kacey confortável. Gil precisa ir para casa dormir um pouco. Ele mal consegue ficar em pé, mas não quer ir embora, vai montar guarda para a filha. Tenho uma ideia. Eu tinha comprado do pai de Perry uma minivan superequipada. Ela tem antena parabólica e uma cama dobrável. Eu a estaciono bem perto do hospital, ao lado da porta principal, e digo a Gil: Agora, quando a hora de visita tiver terminado, você não tem de ir para casa, basta descer e tirar umas poucas horas de sono na sua nova van. E, como todas as vagas da frente do hospital são de estacionamento pago, enchi os porta-copos do carro com moedas de 25 centavos.

Gil me lança um olhar estranho, e percebo que é a primeira vez que ele e eu invertemos os

papéis. Durante alguns dias, sou eu que o faz ficar mais forte.

Quando o hospital libera Kacey, uma semana mais tarde, os médicos dizem que ela está fora de perigo. A cirurgia foi um sucesso e logo ela vai estar em pé. Mesmo assim, quero acompanhá-la até em casa, permanecer em Las Vegas, ver como ela se recupera.

Gil não quer nem ouvir falar. Ele sabe que tenho de ir a San José.

Digo a Gil que vou sair do torneio.

De jeito algum, diz ele. Não há nada a fazer a não ser esperar e rezar. Vou ligar para você com notícias atualizadas. Vá. Jogue.

Nunca tive uma discussão com Gil e não vou deixar que esta seja a primeira. Com relutância vou a San José e jogo pela primeira vez em meses. Enfrento Mark Knowles, um dos meus antigos companheiros de quarto na Bollettieri Academy. Depois de uma sólida carreira em duplas, ele está tentando entrar para o grupo dos jogadores de simples. É um ótimo atleta, mas não devo ter problemas com ele. Conheço seu jogo melhor do que ele próprio. Mesmo assim, ele me obriga a jogar um terceiro set. Embora eu vença, não é uma vitória fácil, e isso fica atravessado na minha garganta. Vou abrindo a minha picada pelo torneio, aparentemente em rota de colisão com Pete, mas vacilo na semifinal contra Greg Rusedski, do Canadá. Minha cabeça corre de volta para Las Vegas, horas antes do meu corpo.

Estou na minha residência de solteiro, assistindo à tv com Slim, meu assistente. Estou mal. Kacey não vai nada bem, e os médicos não sabem por quê. Gil está no limite. Enquanto isso, a data do meu casamento se aproxima. Penso o tempo todo em adiá-lo, ou simplesmente cancelá-lo, mas não sei como.

Slim também está estressado. Há pouco tempo, quando transava com a namorada, disse ele, a camisinha rompeu. Agora ela está com a menstruação atrasada. Durante um intervalo comercial, ele fica de pé e anuncia que só há uma coisa a fazer. Entrar no barato.

Ele diz: Você quer entrar no barato comigo?

Barato?

É.

Com quê?

Gack.

Que diabos é gack?

Crystal meth.

Por que chamam isso de gack?

Porque é o único som que você consegue emitir quando está chapado. Sua cabeça roda tão rápido que tudo o que você consegue falar é gack, gack, gack.

É como eu me sinto o tempo inteiro. Para quê?

Faz você se sentir o Super-Homem, cara. Estou dizendo para você.

Como se estivesse vindo da boca de outra pessoa, alguém de pé bem atrás de mim, escuto estas palavras: Quer saber? Que se foda. É. Vamos entrar no barato.

Slim deposita um montinho de pó na mesinha de centro. Bate o pó e cheira. Bate outra vez. Eu cheiro um pouco. Recosto-me no sofá e penso no Rubicão[6] que acabo de atravessar. Há um momento de arrependimento, seguido de uma enorme tristeza. Depois vem um tsunami de euforia que varre qualquer pensamento negativo que tenha ocupado a minha cabeça, qualquer pensamento negativo que eu já pensei na vida. É uma injeção de cortisona no córtex. Nunca me

senti tão vivo, tão esperançoso – e, acima de tudo, nunca senti tamanha energia. Sou tomado por um impulso, um desejo desesperado de limpar. Saio detonando a casa inteira, limpando-a do chão ao teto. Tiro o pó dos móveis. Esfrego a banheira. Faço as camas. Varro o chão. Quando não há mais nada a limpar, lavo a roupa. A roupa toda. Dobro cada suéter e cada camiseta, e ainda nem arranhei aquele estoque de energia. Não quero me sentar. Se tivesse uma mesa de prata, eu a poliria. Se tivesse sapatos de couro, eu os engraxaria. Se tivesse um pote gigantesco de moedas, eu as enrolaria uma a uma em papel. Procuro Slim por toda parte – ele está na garagem, desmontando o motor do carro dele e montando-o outra vez. Digo-lhe que agora poderia fazer qualquer coisa, qualquer coisa, cara, qualquer coisa, qualquer coisa, *qualquer porra de coisa*. Poderia entrar no carro, dirigir até Palm Springs e jogar dezoito buracos, depois dirigir de volta para casa, fazer almoço e ir nadar.

Não durmo durante dois dias. Quando finalmente durmo, é o sono dos mortos e dos inocentes.

* * *

Ao jogar, semanas mais tarde, luto contra Scott Draper. Canhoto, talentoso, é um bom jogador, mas já o venci bonito no passado. Não devia ter nenhum problema com ele, no entanto ele está zerando minha contagem. Estou tão longe de conseguir derrotar Draper, na verdade, que sinceramente imagino se fui eu mesmo que o venci da última vez. Como eu podia ter sido tão melhor em tão pouco tempo? Ele está me deixando para trás em todos os fundamentos do jogo.

Depois, os repórteres perguntam se estou bem. Não parecem acusadores nem malvados. Parecem Perry e Brad. Estão realmente preocupados, tentando descobrir o que há de errado.

Brooke está notavelmente despreocupada. Agora só faço perder os jogos, e só não perco quando não participo de um campeonato; o único comentário dela é que curte poder ficar mais tempo perto de mim. Além disso, já que em geral estou jogando com menor frequência, ela diz que estou menos rabugento.

A desatenção de Brooke em parte se deve aos planos para o casamento, mas também decorre do rigoroso regime de treinamento pré-nupcial que está fazendo. Ela malha com Gil para ficar em forma e entrar naquele vestido branco. Corre, levanta pesos, faz alongamentos, conta cada caloria. Para aumentar a motivação, ela grudou uma foto na porta da geladeira, e em torno da foto pôs uma moldura magnética em forma de coração. É a foto de uma mulher perfeita, diz ela. A mulher perfeita, com pernas perfeitas – as pernas que Brooke quer ter.

Atônito, olho para a foto. Estendo a mão e toco a moldura.

Essa é...?

É, Brooke diz. Steffi Graf.

Jogo a Copa Davis em abril, procurando ainda uma centelha. Treino muito, malho duro. Jogamos contra a Holanda. Meu primeiro jogo, em Newport Beach, é contra Sjeng Schalken. Ele tem 1,95 metro, mas saca como se tivesse 1,98 metro. Mesmo assim, bate limpo na bola e, como eu, é um justiceiro, um jogador de linha de fundo que tenta fazer seu adversário dar de cara no chão. Sei o que me espera. O dia está ensolarado, ventoso e estranho – os fãs holandeses usam tamancos e acenam com tulipas. Venço Schalken em três sets cansativos.

Dois dias mais tarde jogo contra Jan Siemerink, vulgo Homem Lixo. Ele é canhoto, um

excelente voleador, que chega rapidamente à rede e a cobre bem. Mas essa é a única parte do jogo dele que não é comicamente, fundamentalmente fora do ponto. Cada forehand de Siemerink parece errado, cada backhand parece ir para o lado oposto. Até o saque tem uma qualidade amalucada, como se tivesse sido feito com um estilingue. Lixo. Começo o jogo confiante, depois lembro que o desajeitamento dele é uma arma poderosa. Seus golpes abissais mantêm a gente fora de equilíbrio. O tempo de jogo da gente nunca parece certo. Depois de duas horas, estou todo atrapalhado, me sinto sem fôlego e estou com uma dor de cabeça de rachar. Além disso, ele está com dois sets a zero. Mesmo assim, de algum modo acabo ganhando, acumulando 24 vitórias e quatro derrotas em jogos da Taça Davis, um dos melhores saldos jamais obtidos por um norte-americano. Os comentaristas esportivos elogiam esse pequeno detalhe e perguntam por que não consigo aplicar isso no resto do meu jogo. Mesmo que esse seja um elogio moderado, fico contente. É gostoso. Agradeço um pouco pela Taça Davis.

Por outro lado, a Taça Davis acaba com meu horário na manicure. Brooke fez muitos pedidos a mim, para o casamento, mas sua exigência não negociável foi que minhas unhas estivessem perfeitas. Eu arranco minhas cutículas com os dentes, um hábito nervoso de vida inteira, e, quando ela puser uma aliança no meu dedo, diz, quer que minhas mãos estejam com a melhor aparência possível. Logo antes do jogo com o Homem Lixo, e outra vez depois do jogo, eu me submeto. Sento-me na cadeira da manicure, observo a mulher lidar com minhas cutículas e digo a mim mesmo que isso parece tão fora de propósito, tão esquisito quanto o meu jogo contra o Homem Lixo.

Penso: Agora, *isto* é que eu chamo de lixo.

Com quatro helicópteros cheios de paparazzi circulando no céu, em 19 de abril de 1997, Brooke e eu nos casamos. A cerimônia tem lugar em Monterey, numa igreja minúscula e abafada, criminosamente quente. Eu daria qualquer coisa por uma lufada de ar fresco, mas as janelas têm de ficar fechadas por causa do barulho dos helicópteros.

O calor foi um dos motivos pelos quais comecei a suar durante a cerimônia. O motivo principal, no entanto, é que meu corpo e meus nervos foram para o brejo. Enquanto o padre segue com a lenga-lenga dele, o suor pinga da minha testa, do meu queixo, das minhas orelhas. Está todo mundo olhando. Eles também suam, mas não feito eu. O paletó do meu novo smoking Dunhill está ensopado. Até meus sapatos guincham quando ando. Além disso, foram ajustados com saltos para aumentar minha altura, outra exigência não negociável de Brooke. Ela tem quase 1,80 metro e não quer ficar muito mais alta que eu nas fotografias, de modo que calça sapatos antiquados, com saltos bem baixos, enquanto estou usando o que parece ser pernas de pau.

Antes de sairmos da igreja, uma noiva falsa, uma substituta de Brooke, sai na frente. Para despistar os paparazzi. A primeira vez que ouvi falar desse plano eu nem dei bola, me recusei a prestar atenção. Agora, ao ver a sósia de Brooke sair, tive um pensamento que homem nenhum deve ter no dia de seu casamento: queria sair também. Queria ter um noivo falso para tomar o meu lugar.

Uma carruagem puxada por cavalos está a postos para levar Brooke e a mim até a recepção, numa fazenda chamada Stonepine. Mas, primeiro, temos um curto deslocamento de carro até a carruagem. Sento-me no carro ao lado de Brooke, o olhar caído sobre o meu colo. Sinto-me

mortificado com o meu ataque de suor histérico. Brooke me diz que está tudo bem. Ela é muito gentil, mas não está tudo bem. Nada está bem.

Lá vamos nós para a recepção, entrar num sólido muro de ruídos. Vejo um carrossel de rostos e rodopio – Philly, Gil, J.P., Brad, Slim, meus pais. Há gente famosa que não conheço, a quem nunca fui apresentado, mas reconheço vagamente. Amigos de Brooke? Amigos de amigos? Alguns dos amigos de *Friends*? Avisto Perry, meu padrinho e autoentronizado produtor do casório. Ele usa fones de ouvido tipo Madonna para ficar em comunicação constante com os fotógrafos, os floristas e o pessoal do bufê. Está tão empertigado e tão tenso que me deixa ainda mais nervoso, o que eu achava ser impossível.

No final da noite, Brooke e eu cambaleamos para nossa suíte nupcial, que eu tinha mandado encher com centenas de velas. Velas demais – o quarto está um forno. Mais quente que na igreja. Mais uma vez, começo a suar. Nós sopramos as velas, e os detectores de fumaça disparam. Desativamos os detectores e abrimos as janelas. Enquanto o quarto refresca, descemos de volta à recepção, para passar nossa noite de núpcias comendo musse de chocolate com os convidados do casamento.

Na tarde do dia seguinte, num churrasco para os amigos e a família, Brooke e eu fazemos uma entrada grandiosa. Seguindo o plano dela, usamos chapéus de caubói e camisas de brim, e chegamos a cavalo. O nome da égua que estou montando é Sugar. Os olhos tristes dela me lembram Peaches. As pessoas me rodeiam, falam comigo, me dão os parabéns, me dão tapinhas nas costas, e eu preciso fugir dali. Passei boa parte do churrasco com meu sobrinho Skyler, filho de Rita e Pancho. Arranjamos um arco e flechas e praticamos tiro ao alvo num carvalho distante.

Ao puxar o arco para trás, sinto uma dor forte e repentina no pulso.

Desisto do Aberto da França de 1997. De todas as superfícies, o saibro é a pior para um pulso dolorido. Não há meio de eu aguentar cinco sets contra aqueles ratos malditos que estiveram treinando e se exercitando no saibro enquanto eu estava na manicure e cavalgando Sugar.

Mas para Wimbledon eu vou. Quero ir. Brooke conseguiu um emprego de atriz na Inglaterra, o que significa que ela pode me acompanhar. Isso vai ser bom, eu acho. Uma mudança de local. Uma viagem, nossa primeira viagem como marido e mulher, para outro lugar que não seja uma ilha.

Embora, pensando bem, a Inglaterra seja uma ilha.

Em Londres, passamos várias noites felizes. Jantares com amigos. Uma peça experimental. Passeios ao longo do Tâmisa. As estrelas estão em bom alinhamento para Wimbledon. Então resolvo que preferia pular no Tâmisa. Com um desânimo saído do nada, não consigo ir treinar.

Digo a Brad e a Gil que vou sair desse torneio. Meu motor está afogado.

Brad diz: Que diabos significa “afogado”?

Já joguei tênis por um monte de motivos, digo, e simplesmente parece que nenhum deles nunca foi *meu*.

As palavras saem aos trambolhões, sem pensamento prévio, exatamente como naquela noite com Slim. Mas soam notavelmente verdadeiras. Tão verdadeiras que inclusive eu as anoto. Repito-as para os jornalistas. E para os espelhos.

Depois de desistir daquele torneio, fico em Londres, esperando que Brooke termine a filmagem. Saímos uma noite com um grupo de atores para ir a um restaurante de fama mundial

que Brooke está muito a fim de experimentar, o Ivy. Brooke e os atores conversam entre si enquanto eu silenciosamente fico entrincheirado numa ponta da mesa, comendo. Pastando, na realidade. Peço cinco pratos, e, na sobremesa, detono três grudentos pudins de caramelo.

Lentamente, uma atriz nota a quantidade de comida que desaparece na minha ponta da mesa. Ela olha para mim, alarmada.

Você sempre come assim?, ela pergunta.

Estou jogando em d.c., e o meu adversário é Flach. Brad diz para eu me vingar da derrota do ano passado em Wimbledon, mas não consigo imaginar alguma coisa que tenha menos importância. Vingança? Outra vez? Já não trilhamos esse caminho antes? Isso me deixa tão triste e fatigado... Brad está tão cego por ser como é que não percebe o que estou sentindo. Quem ele pensa que é? Brooke?

Claro que eu perco para Flach, depois digo a Brad que estou fora durante o verão.

Brad diz: O verão inteiro?

Te vejo no outono.

Brooke está em Los Angeles, mas passo a maior parte do tempo em Las Vegas. Slim está aqui, e ficamos chapados os dois, muitas vezes. É uma mudança bem-vinda ter energia, sentir-se feliz, aliviar o motor afogado. Gosto de me sentir inspirado outra vez, mesmo que a inspiração seja induzida quimicamente. Fico acordado a noite inteira, diversas noites seguidas, apreciando o silêncio. Ninguém telefona, ninguém passa fax, ninguém me amola. Nada a fazer a não ser dançar pela casa, dobrar a roupa lavada e pensar.

Quero sair do vácuo, digo a Slim.

É, ele diz. É. O vácuo.

Fora a agitação do barato, experimento uma satisfação inegável ao me prejudicar e abreviar minha carreira. Depois de décadas simplesmente roçando a superfície do masoquismo, agora estou fazendo disso a minha missão.

Mas a consequência física é horrenda. Depois de dois dias chapado, de insônia, sou um extraterrestre. Tenho a audácia de perguntar a mim mesmo por que estaria me sentindo tão mal. Sou um atleta, meu corpo deveria ter condições de lidar com isso. Slim fica chapado o tempo todo, mas parece bem.

E aí, de repente, Slim já não está bem. Ele se torna irreconhecível, e não se pode pôr a culpa apenas nas drogas. Já estava descontrolado com a perspectiva de ser pai; agora me telefona uma noite do hospital e diz: Aconteceu.

O quê?

Ela teve o bebê. Meses antes da época. Um menino. Andre, ele pesa somente 624 gramas. Os médicos não sabem se ele vai sobreviver.

Corro para o Sunrise Hospital, onde Slim e eu nascemos com 24 horas de diferença. Olho através do vidro para o que me dizem ser um bebê, embora tenha apenas o tamanho da palma da minha mão. Os médicos dizem a Slim e a mim que o bebê está muito mal. Eles têm de aplicar uma intravenosa com antibióticos.

Na manhã seguinte os médicos dizem que a intravenosa saiu do lugar. Pingou na perna do bebê, e agora a perna está queimada. Além disso, o bebê não está respirando sozinho. Precisam botá-lo num respirador. É arriscado. Os médicos temem que os pulmões do bebê não estejam desenvolvidos o suficiente para o respirador, mas sem isso ele vai morrer.

Slim não diz nada. Façam o que acharem melhor, eu digo aos médicos.

Como temiam, horas mais tarde, um dos pulmões do bebê entra em colapso. Depois o outro. Agora os médicos dizem que os pulmões *realmente* não têm como aguentar o respirador, mas, sem o respirador, o bebê vai morrer. Eles simplesmente não sabem o que fazer.

Há uma última esperança. Um aparelho que pode fazer o trabalho de um respirador, sem danificar os pulmões. Um aparelho que retira o sangue do bebê, oxigena-o, depois injeta-o de volta no corpo. Mas o lugar mais próximo onde há um aparelho desses é Phoenix.

Imediatamente eu arranjo um avião médico. Uma equipe de médicos e enfermeiras desliga o bebê do respirador e levam-no como um ovo para a pista. Aí, Slim, a namorada e eu embarcamos em outro avião. Uma enfermeira nos dá um número para chamar ao aterrissarmos, para saber se o bebê sobreviveu ao voo.

Assim que as rodas tocam o solo em Phoenix, respiro fundo e ligo.

Ele está...?

Ele sobreviveu, mas agora temos de levá-lo até o aparelho.

No hospital, ficamos horas sentados. O relógio não se mexe. Slim fuma um cigarro depois do outro. A namorada chora baixinho em cima de uma revista. Eu me afasto um minuto para ligar para Gil. Kacey não está indo bem, diz ele. Ela sofre dores constantes. Não parece o Gil. Parece o Slim.

Volto à sala de espera. Aparece um médico, retirando a máscara do rosto. Não sei se consigo lidar com mais notícias ruins.

Conseguimos ligá-lo ao aparelho, diz o médico. Até agora, tudo bem. Os próximos seis meses dirão.

Alugo uma casa perto do hospital para Slim e a namorada. Depois pego um avião de volta para Los Angeles. Eu deveria dormir durante o voo, mas, em vez disso, fico olhando fixo para o assento da frente e pensando em como tudo é tão frágil. *Os próximos seis meses dirão*. A qual de nós essa terrível afirmação não se aplica?

Em casa, sentado na cozinha, conto para Brooke toda essa história triste, horrível, milagrosa. Ela está fascinada – mas perplexa.

Ela pergunta: Como você pôde se envolver tanto?

Como não poderia?

Semanas mais tarde, Brad me convence a voltar brevemente para jogar no Campeonato da atp, em Cincinnati. Enfrento Gustavo Kuerten, um brasileiro. Ele leva 46 minutos para me derrotar. Minha terceira derrota seguida na primeira rodada. Gullickson anuncia que me tirou da equipe da Taça Davis. Sou um dos melhores jogadores que já houve nos Estados Unidos, mas não o culpo. Quem poderia culpá-lo?

No Aberto dos Estados Unidos de 1997 não sou cabeça de chave, pela primeira vez em três anos. Visto uma camisa cor de pêssego, e não conseguem manter o estoque no quiosque local. Impressionante. As pessoas ainda querem se vestir como eu. As pessoas querem se parecer comigo. Será que elas me olharam direito, ultimamente?

Chego às oitavas de final contra Rafter, que está tendo seu ano de retomada. Depois de alcançar a semifinal no Aberto da França, ele é o meu favorito pessoal para vencer este torneio. É um grande sacador e voleador, lembrando Pete, mas eu sempre achei que Rafter e eu tínhamos uma rivalidade melhor do ponto de vista estético, porque ele é mais consistente.

Pete pode jogar 38 minutos horríveis, e depois, um minuto antes do apagar das luzes, ganhar o set, enquanto Rafter joga bem o tempo inteiro. Ele tem quase 1,80 metro e um centro de gravidade baixo, e consegue mudar de direção como um carro esporte. É um dos caras mais difíceis do circuito para vencer – e é ainda mais difícil não gostar dele. Ele é todo classe, vença ou perca, e hoje ele vence. Aperta a minha mão como um cavalheiro e me dá um sorriso no qual há um inequívoco traço de comiseração.

Daqui a dez dias vou jogar em Stuttgart. Eu devia ficar quieto, descansar, treinar, mas, em vez disso, vou para a Carolina do Norte, para uma cidadezinha chamada Mount Pleasant, por causa de Brooke. Ela ficou íntima de David Strickland, de seu novo programa de tv, *Suddenly Susan*, e David está indo para a Carolina do Norte para passar o aniversário com a família. Brooke quer que nós também viajemos com ele. Ela acha que seria bom para nós dois ficarmos um tempo no campo, respirando ar puro, e não consigo encontrar um bom motivo para dizer não.

Mount Pleasant é uma curiosa cidade sulista, mas não vejo monte algum, e o lugar não é nem um pouco agradável. A casa dos Stricklands é confortável, com velhos pisos de madeira e camas macias, e um caloroso, envolvente cheiro de canela e casquinha assada de torta. Mas, de um modo até incongruente, está localizada num campo de golfe, com a varanda de trás a apenas vinte metros de um dos *greens*, de modo que há sempre alguém na minha visão periférica se preparando para uma tacada. A dona da casa, Vovó Strickland, tem um busto amplo, bochechas que parecem maçãs e está sempre em pé, em frente ao fogão, assando algo ou misturando outro panelão de *paella*. Não são exatamente alimentos para quem tem de treinar, mas, para ser educado, raspo o prato e peço mais.

Brooke parece estar no céu, e em parte eu entendo. A casa é rodeada por colinas ondulantes cheias de árvores antigas, as folhas apresentam nove tons diferentes de laranja, e ela adora David. Eles têm uma ligação especial, uma linguagem secreta de piadas particulares e gracejos cômicos. De vez em quando entram na pele dos personagens do programa, fazendo uma cena, e depois riem até ficar roucos. Depois rapidamente explicam o que acabaram de fazer e dizem, tentando me informar para que eu não me sinta excluído. Mas é sempre muito pouco, muito tarde. Sou a terceira roda da bicicleta, e sei disso.

À noite a temperatura cai. O ar fresco tem um perfume de pinheiro, de terra, que me faz ficar triste. Permaneço em pé na varanda dos fundos, olhando para as estrelas, imaginando o que há de errado comigo, por que esse cenário não tem o poder de me encantar. Penso naquele momento lá atrás, quando Philly e eu resolvemos que eu iria parar. Quando veio aquele telefonema para eu jogar aqui, na Carolina do Norte. O resto é história. Repetidamente eu me pergunto: E se...?

Resolvo que preciso trabalhar. O trabalho, como sempre, é a solução. Afinal de contas, Stuttgart está apenas a dias de distância. Seria legal vencer. Ligo para Brad, e ele localiza uma quadra de tênis a uma hora daqui. Além disso, arranja um parceiro para ser meu *sparring*, um jovem amador que adoraria apenas bater bola comigo todas as manhãs. Dirijo através da névoa matinal, na direção de Blue Ridge Mountains, e conheço o amador. Agradeço-lhe por dedicar seu tempo, mas ele diz que o prazer é dele. Será uma honra para mim, senhor Agassi. Sinto-me virtuoso – estou cumprindo minha obrigação, mesmo aqui neste posto remoto – e então começamos a bater bola. Nessa altitude maior, a bola voa de qualquer modo, desafiando

a gravidade. É como jogar no espaço sideral. Mal vale o esforço.

Aí o jovem desloca o ombro.

Passo os dois dias seguintes da nossa estada sulina comendo *paella* e me preocupando. Quando começo a ficar tão entediado que acho que vou bater com a cabeça num pinheiro, parto para o campo de golfe e tento acertar a bola de primeira, no buraco perto da varanda.

Por fim, é hora de ir embora. Despeço-me de Brooke com um beijo, dou um beijo de despedida em Vovó Strickland e noto que os dois beijos têm a mesma quantidade de paixão. Pego um avião para Miami para fazer a conexão de um voo direto para Stuttgart. Enquanto caminho para o portão de embarque, quem vejo? Pete. Como sempre, Pete. Ele parece não ter feito outra coisa durante meses senão treinar e, quando não estava treinando, ficava deitado num catre, numa cela nua, pensando em me derrotar. Está descansado, focado, inteiramente concentrado. Sempre achei que as diferenças entre Pete e mim eram exageradas pelos jornalistas esportivos. Parecia conveniente demais, importante demais para os fãs, para a Nike e para o tênis que Pete e eu fôssemos tão radicalmente opostos, como os Yankees e os Red Sox do tênis. O melhor sacador contra o melhor rebatedor. O reservado californiano contra o impetuoso de Las Vegas. Aquilo tudo parecia bosta. Ou, para usar a palavra preferida de Pete, besteirol. Mas, naquele momento, jogando conversa fora perto do portão de embarque, o abismo entre nós parece genuína e assustadoramente grande, como o abismo entre o bem e o mal. Muitas vezes eu disse a Brad que o tênis representa uma parte imensa na vida de Pete e uma parte não grande o suficiente na minha, mas Pete parece ter as proporções mais ou menos certas. Tênis é o seu trabalho, e ele o desempenha com brio e dedicação, enquanto todo o meu papo sobre manter uma vida fora do tênis parece apenas isso – só papo. Simplesmente uma maneira bonita de racionalizar toda a minha dispersão. Pela primeira vez desde que o conheço – inclusive as vezes em que ele me detonou a cabeça – invejo a chatice de Pete. Gostaria de poder imitar sua espetacular falta de inspiração, sua peculiar *não necessidade* de inspiração.

Perco para Martin na primeira rodada em Stuttgart. Ao sair do estádio, Brad está num estado de humor que nunca vi. Ele me olha com pasmo e tristeza, e uma piedade parecida com a de Rafter. Ao chegarmos ao hotel, ele me pede que vá ao seu quarto.

Fuça um pouco pelo minibar e tira duas garrafas de cerveja. Nem sequer olha para os rótulos. Não importa que sejam alemãs. Quando Brad bebe cerveja alemã sem notar qual é ou sem se queixar, alguma coisa está acontecendo.

Ele está de jeans e um suéter preto de gola rulê. Parece sombrio, severo – e mais velho. Eu o fiz envelhecer.

Andre, temos uma grande decisão a tomar, e vamos tomá-la antes de sairmos deste quarto nesta noite.

O que está acontecendo, Brad?

Não vamos continuar deste modo. Você é melhor do que isto. Pelo menos, era. Você tem de parar ou começar tudo outra vez. Mas não pode continuar se envergonhando desse jeito.

O quê...?

Deixe-me terminar. Você ainda tem jogo. Pelo menos eu acho que tem. Você ainda pode vencer. Boas coisas ainda podem acontecer. Mas você precisa de uma reestruturação geral. Você precisa voltar ao começo. Retirar tudo e se remontar. Estou falando de começar do zero.

Quando Brad fala de eu parar, sei que está falando a sério.

Eis o que você precisa fazer, ele diz. Você precisa treinar como nunca treinou em anos. Na base. Precisa adequar seu corpo, equilibrar a cabeça, depois começar do começo. Estou falando de desafios, contra caras que nunca sonharam em ter a chance de conhecê-lo, quanto mais de jogar contra você.

Ele para. Toma um grande gole de cerveja. Eu não digo nada. Chegamos à encruzilhada, é isso, e sinto que já nos encaminhávamos para ela havia meses. Anos. Olho pela janela para o trânsito de Stuttgart. Detesto tênis mais do que nunca – mas me detesto ainda mais. Digo a mim mesmo: E daí que você detesta tênis? Quem se importa? Todas essas pessoas lá fora, todos esses milhões que detestam o que fazem para viver e acabam fazendo mesmo assim. Talvez fazer o que você detesta, mas fazer bem e alegremente, seja a questão. Então você detesta tênis. Deteste quanto quiser. Mesmo assim, você ainda tem de respeitá-lo – e respeitar a você mesmo.

O.k., Brad, eu digo, ainda não estou pronto para cair fora. Estou nessa. Diga-me o que fazer, e eu farei.

Capítulo 21

Mudança.

Hora de mudança, Andre. Você não pode continuar desse jeito. Mudança, mudança, mudança – digo essa palavra para mim mesmo diversas vezes por dia, todos os dias, enquanto passo manteiga na torrada, de manhã, enquanto escovo os dentes, menos como uma advertência e mais como um mantra tranquilizador. Longe de me deprimir, ou de me dar vergonha, a ideia de que tenho de mudar completamente, da cabeça aos pés, me traz de volta ao centro. Pelo menos não escuto aquela dúvida martirizante que segue qualquer resolução pessoal. Desta vez não vou fracassar, não posso, porque ou é mudar agora ou não mudar nunca. A ideia de estagnação, de permanecer *este Andre* pelo resto da minha vida é que acho verdadeiramente deprimente e vergonhosa.

Apesar disso... Nossas melhores intenções muitas vezes são frustradas por forças externas – forças que nós mesmos pusemos em movimento há muito tempo. As decisões, especialmente as más decisões, têm um embalo próprio, e ele pode ser uma coisa infernal para a gente deter, como todo atleta sabe. Mesmo quando juramos mudar, mesmo quando sofremos e reparamos nossos erros, o embalo que vem do nosso passado continua a nos empurrar pelo caminho errado. Esse embalo domina o mundo. O embalo diz: Espera aí, sou eu quem ainda está mandando aqui. Como um amigo gosta de dizer, citando um antigo poema grego: A cabeça dos deuses permanentes não muda tão depressa.

Semanas depois de Stuttgart, caminhando pelo aeroporto de LaGuardia, recebo um telefonema. É um homem de voz rouca, uma voz que julga e condena. A voz da Autoridade. Ele diz que é médico, trabalha para a atp. (Penso no significado dessas letras: Associação dos Tenistas Profissionais.) Há uma condenação na voz dele, como se ele fosse dizer que estou morrendo. E então é exatamente isso o que ele me diz.

Tinha a tarefa de testar uma amostra da minha urina num torneio recente. É meu dever, ele diz, informá-lo de que você não passou no teste padrão para drogas da atp. A amostra de urina que você apresentou continha quantidades residuais de metanfetamina [*crystal meth*].

Caio sobre uma cadeira na área de bagagens. Estou carregando uma mochila que escorrega do meu ombro e cai no chão.

Senhor Agassi?

Sim. Estou aqui. Então, e agora?

Bem, há um processo. Você vai ter de escrever uma carta à atp admitindo sua culpa ou declarando sua inocência.

Ahn, ahn!

Você sabia que havia a possibilidade de essa droga estar no seu sistema?

Sim, sim, eu sabia.

Nesse caso, você vai precisar explicar na sua carta como a droga apareceu lá.

E depois?

Sua carta será examinada por um conselho.

E depois?

Se você ingeriu a droga conscientemente – se você, por exemplo, se declarar culpado –,

claro que será punido.

Como?

Ele me lembrou que o tênis tem três categorias de violação por drogas. Drogas que melhoram o desempenho, claro, constituiriam a Classe 1, diz ele, o que acarretaria uma suspensão por dois anos. No entanto, acrescenta ele, *crystal meth* é claramente um caso de Classe 2. Drogas recreativas.

Penso: Recreação. *Re-criação*.

Eu digo: Significa?

Suspensão por três meses.

O que faço, depois de escrever a carta?

Tenho um endereço para você. Você tem onde anotar?

Pesco meu caderno de notas na mochila. Ele me dita um nome de rua, a cidade, o código postal, e eu rabisco tudo, tonto, sem a menor intenção de realmente escrever a carta.

O médico diz algumas outras coisas, que não escuto, e depois eu agradeço e desligo. Tropeço para fora do aeroporto e faço sinal para um táxi. Seguindo por Manhattan, olhando para fora da janela borrada, digo para a parte de trás da cabeça do chofer: Olha só quanta mudança.

Vou direto para a casa de Brooke. Por sorte ela está em Los Angeles. Eu jamais conseguiria esconder minha emoção dela. Eu teria de lhe contar tudo, e não estava em condições de lidar com isso, no momento. Caio na cama e imediatamente apago. Quando acordo, uma hora mais tarde, dou-me conta de que foi apenas um pesadelo. Que alívio.

Demora vários minutos para eu aceitar que não, que o telefonema foi de verdade. O médico era de verdade. A metanfetamina era real demais.

Meu nome, minha carreira, agora está tudo em jogo, numa mesa de dados na qual ninguém vence. Seja lá o que eu tenha realizado, seja lá pelo que eu tenha trabalhado, logo, logo, poderá não significar nada. Parte do meu desconforto com o mundo do tênis sempre foi uma sensação torturante de que aquilo não tinha sentido. Agora estou prestes a aprender o verdadeiro significado da expressão “sem sentido”.

Bem feito para mim!

Fico deitado, acordado até de madrugada, pensando no que fazer, a quem contar. Tento imaginar qual é a sensação de se envergonhar publicamente, não por causa das minhas roupas ou por causa do meu jogo, por causa de algum bordão publicitário que alguém me impôs, mas pela minha suprema burrice, minha e só minha. Serei um pária. Serei uma história de advertência.

Mesmo assim, embora esteja sofrendo, durante os poucos dias seguintes, eu não entro em pânico. Não ainda, não exatamente. Não posso, porque outros problemas mais angustiantes me pressionam de todos os lados. As pessoas ao meu redor, as pessoas que amo, estão sofrendo.

Os médicos têm de operar uma segunda vez o pescoço da pequena Kacey. A primeira operação foi claramente uma barbeiragem. Dou um jeito de ela voar para Los Angeles, para ter o melhor tratamento, mas, durante a recuperação pós-cirúrgica, ela está outra vez imobilizada, deitada de costas numa cama de hospital, sofrendo horrivelmente. Incapaz de virar a cabeça, ela diz que o couro cabeludo e a pele ardem. Além disso, o quarto está incrivelmente quente, e ela é feito o pai, não suporta calor. Beijo o rosto dela e digo: Não se preocupe. Vamos dar um jeito nisso.

Olho para Gil. Ele está encolhendo a olhos vistos.

Corro até a loja de eletrodomésticos mais próxima e compro o maior e pior aparelho de ar-condicionado que eles têm. Gil e eu o instalamos na janela de Kacey. Quando giro o seletor para frio máximo e aperto o botão que liga, Gil e eu batemos palmas, e Kacey sorri à medida que o ar fresco afasta a franja de seu bonito rosto redondo. Em seguida corro para uma loja de brinquedos, na seção de natação, e compro uma daquelas boias minúsculas para bebês. Deslizo a boia sob a cabeça de Kacey, posicionando-a no centro, depois encho até que a boia, suave e gradualmente, suspende a cabeça dela sem alterar o ângulo do pescoço. Um olhar de puro alívio, gratidão e alegria inundam o rosto dela, e nesse olhar, nessa corajosa menininha, encontro o que estava buscando, a pedra filosofal que une todas as experiências, boas e más, dos últimos anos. O sofrimento dela, seu sorriso de quem segue aguentando todo o sofrimento, minha ajuda para aliviar o tormento dela –, *isso* é o motivo de tudo. Quantas vezes vão ter de me mostrar? É para isso que estamos aqui. Para lutar em meio à dor e, quando possível, aliviar a dor dos outros. Tão simples. Tão difícil de ver.

Viro-me para Gil e ele vê tudo, seu rosto brilhante com as lágrimas.

Mais tarde, enquanto Kacey dorme, enquanto Gil finge não dormir num canto, eu me sento numa cadeira de espaldar duro ao lado da cama, com um bloco de anotações no colo, e escrevo uma carta para a atp. É uma carta cheia de mentiras entremeadas de pedaços de verdade.

Reconheço que as drogas estavam no meu sistema – mas afirmo que nunca as tomei intencionalmente. Digo que Slim, que desde então demiti, é um conhecido usuário de drogas, e que ele muitas vezes batiza seus refrigerantes com anfetamina – o que é verdade. Aí chego à mentira central da carta. Digo que recentemente bebi por acaso um dos refrigerantes batizados, ingerindo sem querer as drogas de Slim. Digo que me senti envenenado, mas achei que as drogas sairiam rapidamente do meu sistema. Pelo jeito, não saíram.

Peço compreensão e indulgência, e apressadamente assino: Sinceramente.

Fico lá sentado com a carta no colo, observando o rosto de Kacey. Sinto vergonha, é claro. Sempre disse a verdade. Quando minto, quase sempre é sem saber, ou para mim mesmo. Mas, ao imaginar o olhar no rosto de Kacey quando ela souber que Tio Andre é usuário de drogas, foi proibido de jogar tênis por três meses, e depois ao multiplicar esse olhar por alguns milhões de rostos, não sei mais o que fazer a não ser mentir.

Prometo a mim mesmo que pelo menos essa mentira será o final de tudo isso. Vou enviar a carta, mas não vou fazer mais nada. Vou deixar meus advogados lidar com o resto. Não vou me apresentar diante de conselho algum, nem mentir na cara de mais ninguém. Eu nunca vou mentir publicamente a esse respeito. Daqui para a frente, vou deixar tudo nas mãos do destino e dos homens de terno. Se eles conseguirem dar um jeito em particular, discretamente, ótimo. Se não, enfrento o que vier.

Gil acorda. Dobro a carta e saio com ele para o corredor.

Sob as lâmpadas fluorescentes, ele parece tenso, pálido. Ele parece – não posso acreditar – *fraco*. Eu tinha esquecido: é em corredores de hospitais que conhecemos o sentido da vida. Abraço-o e digo a ele que o amo e que vamos superar isso tudo.

Ele balança a cabeça, me agradece, resmunga alguma coisa muito incoerente. Ficamos de pé, em silêncio, durante um tempo enorme. Nos olhos dele dá para ver os pensamentos circundando o abismo. Depois ele tenta se distrair. Precisa falar de alguma coisa, qualquer

coisa, que não seja medo e preocupação. Ele pergunta como estão as coisas comigo.

Digo a ele que resolvi me comprometer outra vez com o tênis, começar nas disputas de menor importância e trabalhar para voltar a subir. Digo-lhe que Kacey me inspirou, me mostrou o caminho.

Gil diz que ele quer ajudar.

Não, você já tem muito com que se ocupar.

Hei. Suba nos meus ombros, lembra? Estenda a mão?

Não posso acreditar que ele ainda tenha fé; eu já lhe dei tantos motivos para duvidar. Tenho 27 anos, a idade em que um jogador de tênis começa a apagar, e estou falando de uma segunda chance. Mesmo assim, Gil não franze a testa, não ergue uma sobrancelha.

Começamos do início, como se eu fosse um adolescente, como se nunca tivesse treinado, porque é isso que estou parecendo. Estou lento, gordo, frágil como um gatinho. Não levanto peso há um ano. A coisa mais pesada que ergui foi o aparelho de ar-condicionado de Kacey. Preciso redescobrir o meu corpo, aumentar cautelosa e gradualmente minha força.

Mas primeiro: estamos no ginásio de Gil. Estou sentado no banco, ele está apoiado contra o extensor de perna. Digo-lhe o que fiz com meu corpo. As drogas. Conto-lhe sobre a suspensão iminente. Não posso lhe pedir que me oriente a sair das profundezas a menos que ele saiba quão fundo eu caí. Ele parece tão esmagado quanto no quarto de sua filha no hospital. Para mim, Gil sempre se pareceu a estátua de Atlas, mas agora parece que o peso do mundo está literalmente sobre seus ombros, como se ele estivesse erguendo os problemas de seis bilhões. A voz dele engasga.

Eu nunca tive tanto nojo de mim mesmo.

Digo a ele que estou fora das drogas, que nunca mais tocarei nelas, mas nem preciso dizer. Ele sabe disso tão bem quanto eu. Ele pigarreia, agradece-me por ter aberto o jogo, depois põe tudo isso de lado. Onde você esteve, ele diz, não importa. Daqui para a frente, vamos buscar saber aonde você estará indo.

Para onde nós estaremos indo, digo.

Certo.

Ele faz um plano. Esboça uma dieta adequada. E nem pensar naquele Cara Legal, diz. Nem pensar em escapadas, comida de lanchonete, atalhos.

Você vai ter de abandonar até a bebida, ele acrescenta.

Acima de tudo, vai me manter num horário severo. Comer, exercício, levantar pesos, bater bola em horas precisas do dia.

Como parte do meu novo estilo de vida ascético, verei menos minha mulher. Será que ela vai notar?

Passo um mês feroz, rigoroso, com Gil, tão rigoroso quanto nosso miniacampamento de treinamento militar no início de 1995, e depois entro num torneio de *challenger*, o mais elementar degrau da escala do tênis profissional. O cheque para o vencedor é de 3.500 dólares. A torcida é menor que a de um típico jogo de futebol americano de escola secundária.

O local é a Universidade de Los Angeles. Território familiar para um momento tão pouco familiar. Enquanto Gil e eu entramos no estacionamento, penso em quão longe cheguei, e quão longe não cheguei. Essas são as mesmas quadras em que joguei quando tinha sete anos. Foi para aqui que vim no dia em que Gil largou o emprego para trabalhar comigo. Fiquei

exatamente ali, do lado de fora do escritório dele, pulando num pé só, porque estava tão excitado com a estrada que se apresentava à nossa frente. Agora, a poucos metros daquele ponto, vou jogar contra incompetentes e a turma dos que "já foram e não são mais".

Em outras palavras, os iguais a mim.

Um torneio *challenger* é a definição da insignificância, e em nenhum outro lugar isso é mais evidente do que no vestiário dos jogadores. A refeição antes do jogo é comida de avião: frango borrachento, legumes moles, refrigerantes chocos. Nos tempos dos Grand Slams, eu percorria a interminável mesa do bufê, conversando com *chefs* de chapéus brancos enquanto eles me preparavam omeletes leves como plumas e macarrão feito na hora. Tudo isso terminou.

As indignidades não param por aí. Num *challenger*, há menos pegadores de bola. Faz sentido, já que praticamente não há bolas. Você recebe apenas três por jogo. Dos dois lados da sua quadra há fileiras de quadras com outros jogos que acontecem simultaneamente. Quando você joga uma bola de saque, você vê os jogadores à sua esquerda e à sua direita. Você os escuta discutindo. Eles não se importam se estão interrompendo a sua concentração. Foda-se a sua concentração. De vez em quando, uma bola passa rolando embaixo dos seus pés, vinda de outra quadra, e você escuta: Oi, pode me ajudar?! Você precisa parar o que estiver fazendo e jogar a bola de volta. Agora *você* é o pegador de bola. Outra vez.

Além disso, você cuida do seu próprio placar de pontos. Manualmente. Durante a troca, mudo os pequenos números de plástico, que parecem peças de um jogo infantil. Os fãs riem e gritam coisas. Como os poderosos caíram! *A imagem é tudo*, hein, meu camarada? Um funcionário graduado diz publicamente que Andre Agassi jogar num *challenger* é como Bruce Springsteen tocar num bar de esquina.

E o que há de mais se Springsteen tocar num bar de esquina? Acho que seria legal se Springsteen tocasse de vez em quando num bar de esquina.

Estou classificado em 141º lugar no mundo, o mais baixo que já atingi em minha vida adulta, o mais baixo que jamais sonhei em ser classificado. Os comentaristas esportivos dizem que estou humilhado. Eles adoram dizer isso. Eles não podiam estar mais enganados. Eu estava humilhado no quarto de hotel com o Brad. Eu estava humilhado cheirando metanfetamina com Slim. Agora, estou simplesmente satisfeito de estar fora disso.

Brad acha o mesmo. Ele não acha nada de degradante a respeito de *challengers*. Ele está reenergizado, rededicado, e adoro ele por isso. Está animado com esse *challenger*, me instruindo como se eu estivesse em Wimbledon. Ele não duvida de que esse é o primeiro passo na estrada de volta ao número 1. Inevitavelmente submeto sua fé a teste no mesmo instante. Sou uma sombra do meu eu anterior. Minhas pernas e braços podem estar se recuperando, mas minha cabeça ainda está terrivelmente fora de forma. Chego à final, e aí a minha cabeça pifa. Tremendo por causa da pressão, da estranheza, do ridículo das arquibancadas, eu perco.

Brad não desanima. É necessário reaprender algumas técnicas, diz ele. Escolher jogadas, por exemplo. Você tem de treinar novamente esse músculo com o qual o jogador de tênis decide, no calor da batalha, que um golpe é o certo e outro é o errado. Você precisa se lembrar de que não tem importância fazer a melhor jogada no mundo – certo? Se for o momento errado, é a jogada errada.

Toda jogada é uma suposição com base em fatos ou informações e eu não sou mais uma

pessoa instruída. Sou tão inexperiente quanto era quando jogava com os juniores. Demorei 22 anos para descobrir meu talento, para vencer meu primeiro Grand Slam – e apenas dois para perder tudo.

Uma semana depois de Vegas jogo um *challenger* em Burbank. O local era um parque público. A quadra central tinha uma árvore enorme num dos lados, fazendo uma sombra de seis metros. Já joguei em milhares de quadras durante a minha carreira, e essa era a pior de todas. A distância escuto crianças jogando bola e queimada, os escapamentos de automóveis, alto-falantes estridentes.

O torneio se estende pelo final de semana da Ação de Graças, e chego à terceira rodada, que cai no dia do feriado. Em vez de comer peru em casa, estou lutando numa quadra de um parque público em Burbank, 120 pontos abaixo da classificação que eu tinha duas Ações de Graça atrás. Enquanto isso, em Göterborg, a Copa Davis está em curso. Chang e Sampras contra a Suécia. É triste, mas é justo que eu não esteja lá. Não é o meu lugar. O meu lugar é aqui, nesta ridícula quadra ao lado de uma árvore. A não ser que eu aceite o lugar onde devo estar, jamais chegarei *lá* outra vez.

No aquecimento antes do jogo, me dou conta de que estou a apenas quatro minutos do estúdio onde Brooke está gravando *Suddenly Susan*, do qual Perry agora é o produtor. O programa se revelou um sucesso imediato, e Brooke está ocupada, trabalhando doze horas por dia. Mesmo assim, parece estranho que ela não dê uma chegadinha para assistir a alguns pontos. Nem quando eu chego em casa ela pergunta a respeito do jogo.

E aí, eu também não pergunto sobre *Suddenly Susan*.

Falamos sobre coisas. Não falamos sobre nada.

* * *

A única ocasião em que quebro o ritmo do meu treinamento é para me reunir com Perry e traçar as bases para a minha fundação de caridade. Foi a esse respeito que conversamos faz quinze anos, dois adolescentes idealistas com a boca cheia de biscoito recheado com sorvete. Queríamos atingir um estágio a partir do qual pudéssemos retribuir, e finalmente chegamos a ele. Eu tinha negociado um contrato de logo prazo com a Nike, que me pagaria dezenas de milhões de dólares ao longo da década seguinte. Comprei uma casa para meus pais. Cuidei de cada pessoa de minha equipe. Agora tenho uma situação financeira que me permite pensar maior, ampliar as minhas lentes. Em 1997, embora tivesse atingido o fundo do poço, ou exatamente porque atingi o fundo do poço, estou pronto.

Minha principal preocupação são as crianças em situação de risco. Os adultos podem pedir socorro, mas as crianças não têm voz, não têm poder. Então, o primeiro projeto que minha fundação garante é um abrigo para crianças vítimas de “maus-tratos” e abandonadas, postas sob a custódia dos tribunais. O abrigo inclui um chalé para crianças de saúde frágil e uma escola improvisada. Em seguida, lançamos um programa para vestir 3 mil crianças de favelas todos os anos. Depois uma série de bolsas na Universidade de Los Angeles. Depois um clube para meninos e meninas. Minha fundação compra uma construção de 205 mil metros quadrados que está caindo aos pedaços e a transforma num local modelo com mais de dois quilômetros quadrados, com laboratório de computação, lanchonete, biblioteca e quadra de tênis. Colin Powell discursa na inauguração.

Passo muitas horas despreocupadas no novo Boys and Girls Club, encontro-me com as crianças, escuto as histórias delas. Levo-as para a quadra de tênis, ensino-as a segurar direito uma raquete, observo seus olhos brilhar porque nunca tinham segurado uma raquete antes. Sento-me com elas na sala de informática, onde a demanda por tempo on-line é tão grande que elas ficam de pé em longas filas, esperando sua vez com a maior paciência. Fico chocado, me dá dó ver como estão resolvidas a aprender. Outras vezes eu simplesmente fico no centro de recreação do clube, jogando pingue-pongue com as crianças. Nunca entro naquele centro de recreação sem pensar no da Bollettieri Academy, onde senti tanto medo, naquela primeira noite, com as costas coladas na parede. Essa lembrança me faz querer adotar todas as crianças assustadas que vejo.

Um dia, no centro de recreação, sento-me com Stan, o homem que administra o Boys and Girls Club. Pergunto a ele: Que mais podemos fazer? Como poderíamos fazer uma grande diferença na vida deles?

Stan diz: Você tem de arrumar um jeito de ocupar mais o dia deles. Caso contrário, é um passo à frente, dois atrás. Você realmente quer fazer diferença? Você quer causar um impacto duradouro? Você precisa de mais tempo do dia deles. Na verdade, você precisa do dia deles *inteiro*.

Então, em 1997, conferencio outra vez com Perry e chegamos à ideia de acrescentar educação ao nosso trabalho. Aí resolvemos *fazer* da educação nossa tarefa. Mas como? Durante um tempo curto pensamos em abrir uma escola particular, mas os obstáculos burocráticos e financeiros são demais. Por sorte acompanho uma história em *60 Minutes* sobre *charter schools*, e esse é o momento da eureca. Essas escolas são financiadas em parte pelo Estado, e em parte por fundos particulares. O desafio é levantar os recursos, mas o benefício está em manter o controle total da instituição. Com uma escola dessas, poderíamos fazer as coisas do jeito que quiséssemos. Teríamos a liberdade de construir algo único. Especial. E, se funcionar, pode se alastrar como fogo no mato. Pode passar a ser um modelo para escolas do mesmo perfil, pelo país inteiro. Pode mudar a educação que conhecemos até agora.

Não posso acreditar na ironia. Uma reportagem no *60 Minutes* fez com que meu pai me mandasse embora, partisse meu coração, e agora outra reportagem no *60 Minutes* ilumina meu caminho de volta para casa, me dá um mapa para eu encontrar o significado da minha vida, minha missão. Perry e eu resolvemos construir a melhor escola contratada dos Estados Unidos. Resolvemos contratar os melhores professores, pagá-los bem, e torná-los responsáveis pelos graus e notas nos testes. Resolvemos mostrar ao mundo o que pode ser feito quando você estabelece padrões absurdamente altos e abre a carteira. Vibramos com isso.

Darei milhões do meu próprio dinheiro para lançar a escola, mas precisaremos levantar muitos outros milhões. Vamos lançar um título de 40 milhões de dólares, depois pagamos divulgando e negociando em cima da minha fama. Pelo menos minha fama terá um objetivo. Todas essas pessoas famosas que conheci em festas e por intermédio de Brooke – vou pedir a elas que doem seu tempo e talento para minha escola, que visitem as crianças e se apresentem num show anual para levantamento de fundos, que chamaremos de *Grand Slam for Children*.

Enquanto Perry e eu procuramos um local para nossa escola, recebo um telefonema de Gary

Muller, um sul-africano que costumava jogar e treinar no circuito. Ele está organizando um evento de tênis na Cidade do Cabo para levantar fundos para a Fundação Nelson Mandela. Pergunta se eu gostaria de participar.

Não sabemos se Mandela vai estar lá, ele diz.

Se houver uma chance, mesmo que remota, eu vou.

Gary imediatamente liga de volta. Boas novas, diz ele. Você vai conhecer o Grande Homem.

Você está brincando.

Ele confirmou. Ele virá para o evento.

Agarro o telefone com mais força. Há anos eu admirava Mandela. Segui com assombro suas lutas, sua prisão, sua milagrosa libertação e sua espantosa carreira política. A ideia de encontrá-lo ao vivo, de falar com ele, me deixa tonto.

Conto para Brooke. Há muito tempo ela não me vê tão feliz, o que a faz feliz também. Ela quer ir. O evento vai acontecer a uma curta distância de avião do lugar em que ela ficou filmando na África, em 1993, quando começamos a namorar por fax.

Ela sai imediatamente para comprar roupas de safári.

J.P. partilha de minha admiração por Mandela, de modo que o convido a vir conosco na viagem, e ele leva sua mulher, Joni, que Brooke e eu adoramos. Nós quatro voamos para a América do Sul, depois pegamos outro avião para Johannesburgo. Depois entramos num frágil aviãozinho rumo ao coração da África.

Uma tempestade nos obriga a fazer uma aterrissagem não prevista. Procuramos abrigo numa choça com teto de palha no meio do nada, e acima do som dos trovões podemos escutar centenas de animais correndo para se proteger. Ao olhar para fora da cabana, para a vasta savana, observando nuvens de tempestade rodopiar no horizonte, J.P. e eu concordamos que este é um daqueles momentos. Nós dois estávamos lendo as memórias de Mandela, *Long walk to freedom* [Luta pela liberdade], mas nos sentimos como heróis num romance de Hemingway. Penso numa coisa que Mandela disse uma vez numa entrevista: Não importa onde você esteja na vida, há sempre mais jornada adiante. E penso numa das citações preferidas de Mandela, do poema "Invictus", que o sustentou naqueles momentos em que ele achou que sua jornada se havia interrompido: *Sou o dono do meu destino,/Sou o capitão da minha alma.*

Depois de passada a tempestade, nos amontoamos de volta no avião e voamos para uma reserva de caça. Passamos três dias num safári. Todas as manhãs, antes de o sol nascer, subimos num jipe. Seguimos, seguimos e de repente paramos. Esperamos durante vinte minutos na total escuridão, com o motor ligado. À medida que o dia vai nascendo devagar, descobrimos que estamos às margens de um vasto pântano coberto pela névoa, rodeado por dúzias de tipos de animais. Vemos centenas de impalas. Vemos pelo menos 75 zebras. Dezenas de girafas da altura de um prédio de dois andares, dançando à nossa volta e deslizando entre as árvores, mordiscando os galhos mais altos, um barulho de aipo mastigado. Sentimos a paisagem falar conosco: todos esses animais, começando o dia deles num mundo perigoso, transmitem uma tremenda calma e aceitação – por que vocês não conseguem?

Conosco estão um motorista e um atirador. O nome do atirador é Johnson. Adoramos Johnson. Ele é nosso Gil africano. Fica de guarda. Sabe que gostamos dele e sorri com o orgulho de um campeão de tiro. Além disso, conhece a paisagem melhor que os impalas. Em determinado ponto ele agita a mão para as árvores, e milhares de macaquinhos, como se ele

lhes tivesse dado ordem, caem no chão como folhas de outono.

Uma manhã, entramos mais fundo na mata, quando o jipe de repente estremece, dá uma guinada, e vamos rodopiando para a direita.

O que aconteceu?

Quase atropelamos um leão que dormia no meio da estrada.

O leão se senta e olha com uma expressão que diz: *Vocês me acordaram*. A cabeça dele é enorme. Os olhos têm uma cor de Gatorade lima-limão. O cheiro dele é de um almíscar tão primal que nos deixa tontos.

A juba do leão parece com o cabelo que eu costumava usar.

Não façam nenhum som, cochicha o motorista.

Seja lá o que vocês façam, cochicha Johnson, não se levantem.

Por quê?

O leão olha para nós como um grande predador. Nesse instante ele tem medo de nós. Se vocês se levantarem, ele verá que somos diversas pessoas pequenas.

Certo.

Depois de alguns minutos, o leão se retira para trás dos arbustos. Continuamos.

Mais tarde, ao voltar para o acampamento, inclino-me para J.P. e cochicho: Preciso te contar uma coisa.

Manda.

Estou atravessando... Bem, um período difícil, agora. Estou tentando deixar para trás umas coisas ruins.

Qual é o problema?

Não dá para detalhar. Mas queria pedir desculpas se eu parecer... diferente.

Na África do Sul, num safári com Brooke, no final de 1997, dias antes de conhecermos Mandela.

Bem, já que você falou nisso, você está parecendo diferente. Você anda diferente. Mas o que está acontecendo?

Conto a você quando eu souber melhor.

Ele ri.

Aí vê que não estou brincando. Pergunta: Você está bem?

Não sei. Sinceramente, não sei.

Quero contar a ele a respeito da depressão, da confusão, do que se passou com Slim, da iminente suspensão da atp. Mas não consigo. Não agora. Não até que tudo tenha ficado bem para trás. No momento, a sensação é a mesma que tive com o leão, a apenas centímetros de distância e fitando-nos furiosamente. Não quero dar voz aos meus problemas com medo de

atiçá-los, fazê-los despencar sobre mim. Só quero alertar J.P. para a presença deles.

Além disso, conto-lhe que estou me desdobrando no tênis, e que, se conseguir atravessar esse período difícil, se conseguir voltar, tudo será diferente. Eu serei diferente. Mas mesmo se eu não conseguir, mesmo se eu estiver acabado, mesmo se eu perder tudo, mesmo assim estarei diferente.

Ele diz: Acabado?

Eu só queria que você soubesse.

É como uma confissão, um testemunho. J.P. me olha com tristeza. Aperta meu braço e me diz, exatamente com essas palavras, que sou o capitão do meu destino.

Viajamos para a Cidade do Cabo, onde jogo tênis com evidente impaciência, como uma criança fazendo lição de casa num sábado de manhã. Depois, por fim, é hora. Vamos de helicóptero até um complexo, e o próprio Mandela nos recebe no heliporto. Está rodeado de fotógrafos, dignitários, repórteres, auxiliares – e é muito mais alto do que todos eles. Parece não só mais alto do que eu esperava, mas mais forte, mais saudável. Parece um ex-atleta, o que me surpreende, depois de todos os anos de trabalhos forçados e tortura. Mas é claro que ele é um ex-atleta, foi boxeador na juventude – e, na prisão, conforme diz em suas memórias, ele se manteve em forma correndo no mesmo lugar dentro da cela e jogando tênis ocasionalmente numa tosca quadra improvisada. Apesar de toda a sua força, no entanto, seu sorriso é doce, quase angelical.

Digo a J.P. que, para mim, ele parece um santo. Tipo Gandhi, desprovido de qualquer amargura. Seus olhos, embora danificados por anos de trabalho no brilho ofuscante da mina de calcário, são cheios de sabedoria. Seu olhar diz que ele descobriu alguma coisa, algo essencial.

Gaguejo quando ele fixa em mim aqueles olhos e aperta minha mão e diz que admira meu jogo.

Seguimos Mandela até um grande salão onde é servido um jantar formal. Brooke e eu estamos sentados à mesa de Mandela. Brooke está à minha direita, Mandela à direita dela. Durante a refeição ele conta histórias. Tenho muitas perguntas, mas não ouso interrompê-lo. Ele fala da ilha Robben, onde ficou detido durante dezoito de seus 27 anos na prisão. Fala a respeito de ter conquistado alguns dos guardas. Como tratamento especial, às vezes deixavam-no caminhar ao longo das margens de um pequeno lago com um caniço de pesca, para pescar a própria refeição. Ele sorri com a lembrança, quase com nostalgia.

Depois do jantar, Mandela se levanta e faz um discurso comovente. Seu tema: temos de cuidar uns dos outros – essa é a nossa tarefa na vida. Mas, além disso, temos de cuidar de nós mesmos, o que significa que temos de ser *cuidadosos* em nossas decisões, *cuidadosos* em nossos relacionamentos, *cuidadosos* em nossas declarações. Temos de administrar nossa vida cuidadosamente, para não nos tornar vítimas. Sinto como se ele estivesse falando diretamente para mim, como se ele soubesse que eu fora descuidado com meu talento e com minha saúde.

Ele fala de racismo, não apenas na África do Sul, mas pelo mundo inteiro. Não passa de ignorância, ele diz, e o único remédio é a educação. Na prisão, Mandela passou suas horas livres se instruindo. Criou um tipo de universidade, e ele e seus companheiros de prisão eram professores uns dos outros. Sobreviveu à solidão do confinamento constante por meio da leitura; gostava especialmente de Tolstói. Uma das piores punições que seus carcereiros

inventaram foi privá-lo do direito de estudar durante quatro anos. Mais uma vez, suas palavras pareciam reluzir de brilhantismo pessoal. Penso no trabalho que Perry e eu empreendemos em Las Vegas, nossa *charter school*, e me sinto revigorado. Mas também envergonhado. Pela primeira vez em muitos anos estou intensamente consciente da minha falta de instrução. Sinto o peso dessa falta, o infortúnio dessa lacuna. Vejo-a como um crime do qual fui cúmplice. Penso em como milhares de pessoas na minha cidade natal são vítimas desse crime, neste exato momento, privadas de instrução, sem saber quanto estão perdendo.

Finalmente, Mandela fala do caminho que trilhou. Fala a respeito da dificuldade de todas as jornadas humanas – e, mesmo assim, há clareza e nobreza só no fato de empreendermos essa jornada. Quando para de falar e volta a se sentar, sei que minha jornada, comparada à dele, não é nada. Mesmo assim, não é isso que importa. Mandela está dizendo que toda jornada é importante, e que jornada nenhuma é impossível.

Ao me despedir de Mandela, sinto-me magnetizado. Estou mirando a direção certa. Mais tarde, um amigo me mostra uma passagem num romance ganhador de um Prêmio Pulitzer, *A death in the family* [Uma morte em família], de James Agee, na qual uma mulher, em luto profundo, pensa:

> Agora estou mais perto de ser um membro adulto da raça humana...
> Ela achou que nunca antes tinha tido a chance de perceber a força que os seres
> humanos têm para aguentar; e ela amou e venerou todos aqueles que já sofreram, todos aqueles que não conseguiram aguentar.

Isso foi mais ou menos o que senti ao deixar Mandela. É nisso que penso quando o helicóptero se afasta daquele complexo. Amo e venero os que sofrem, os que já sofreram. Agora estou mais próximo de um membro adulto da raça humana.

Deus quer que cresçamos.

Véspera de Ano-Novo, as últimas oito horas deste terrível ano de 1997. Brooke e eu damos outra festa de Réveillon e, na manhã seguinte, acordamos cedo. Puxo as cobertas para cima da cabeça, depois me lembro de que tenho um treino marcado com um garoto do circuito, Vince Spadea. Resolvo cancelar. Não. Grito comigo mesmo. Você não pode cancelar. Você já não é mais aquela pessoa. Você não vai começar 1998 dormindo demais e cancelando um treino.

Obrigo-me a sair da cama e encontrar Spadea. Embora seja apenas um treino, nós dois queremos jogar. Ele transforma aquilo numa batalha, o que eu agradeço, especialmente quando venço. Ao sair da quadra, me sinto sem fôlego, porém forte. O velho tipo de força.

Este vai ser o meu ano, digo a Spadea... 1998 é o meu ano.

Brooke vai comigo ao Aberto da Austrália de 1998 e me vê despachar meus três primeiros adversários, e infelizmente me vê enfrentar Alberto Berasategui, da Espanha. Chego a dois sets a zero, depois, sem saber por que, de modo impossível, sem razão alguma, perco. Berasategui é um adversário cruel, mas, mesmo assim, eu estava ganhando. É uma derrota impensável, uma das poucas vezes em que perdi um jogo estando dois sets a zero na frente. Será isso um contratempo na minha volta ou um beco sem saída?

Vou a San José e jogo bem. Enfrento Pete na final. Ele parece satisfeito de me ver de volta, satisfeito de me ver outra vez do outro lado, como se tivesse sentido minha falta. Tenho de admitir que senti falta dele também. Venço, 6-2, 6-4. Mais para o final do jogo, parte dele parece me dar uma colher de chá. Ele sabe o que estou tentando, como tenho de ir longe.

Brinco com ele no vestiário, a respeito de como tinha sido fácil vencê-lo.

Qual é a sensação de perder para alguém fora dos primeiros cem colocados?

Não estou muito preocupado com isso, ele diz. Não vai acontecer outra vez.

Depois implico com ele a respeito das reportagens mais recentes sobre sua vida pessoal. Ele rompeu com a estudante de direito e dizem que está namorando uma atriz.

Má jogada, digo a ele.

As palavras nos pegam, aos dois, desprevenidos.

Na sala da imprensa, os repórteres me perguntam sobre Pete e Marcelo Ríos, que está duelando pela classificação de primeiro do mundo: Qual dele você acha que vai acabar como número 1?

Nenhum dos dois.

Riso nervoso.

Acho que eu vou ser o número 1.

Risos estridentes.

Não. De verdade. Estou falando sério.

Eles olham assombrados, depois zelosamente escrevem minha previsão insana em seus blocos de notas.

Em março vou a Scottsdale e venço meu segundo torneio seguido. Venço Jason Stoltenberg, da Austrália. Australiano clássico, ele é um sujeito sólido, firme, com um invejável jogo completo que obriga os adversários a agir. Ele é um bom teste de coragem para mim, um bom teste para os meus nervos, e eu passo. Quem quer que seja que cruze o meu caminho neste momento vai ter de lidar com uma coisa com a qual não vai querer lidar.

Vou para Indian Wells e venço Rafter, mas perco para um jovem fenômeno chamado Jan-Michael Gambill. Dizem que é o melhor dos jovens que estão aparecendo. Olho para ele e me pergunto se ele sabe o que tem pela frente, se ele está pronto – se é possível alguém estar pronto.

Vou para Key Biscayne. Quero vencer, estou louco para vencer. Não é do meu feitio querer vencer tanto. O que eu normalmente sinto é um desejo de não perder. Mas, durante o aquecimento para a primeira rodada, digo a mim mesmo que quero isso, e percebo por quê. Não se trata da minha volta. Trata-se da minha equipe. Minha *nova* equipe, minha equipe verdadeira. Estou jogando para levantar recursos e dar visibilidade à minha escola. Depois desses anos todos, consegui o que sempre quis, alguma coisa pelo que jogar que é maior do que eu mesmo. E, no entanto, em contato íntimo comigo. Alguma coisa que leve o meu nome, mas não seja a meu respeito. A Andre Agassi College Preparatory Academy [Academia Preparatória para a Faculdade Andre Agassi].

De início não queria o meu nome na escola. Mas amigos me convenceram de que meu nome poderia trazer marca e credibilidade. Meu nome poderia facilitar o levantamento de recursos. Perry escolhe a palavra *Academy*, e só mais tarde avalio como isso liga permanentemente minha escola ao meu passado, à Academia Bradenton e à Bollettieri Academy, minhas prisões da infância.

Não tenho muitos amigos em Los Angeles, e Brooke tem inúmeros amigos, de modo que, a maior parte das noites, ela está fora, socializando, e eu em casa, sozinho.

Graças a Deus por J.P. Ele mora em Orange County, de modo que para ele é bastante fácil

vir e se sentar comigo perto da lareira, fumar um charuto e conversar sobre a vida. Sua época de pastor parece ser história antiga, mas, durante nossas conversas ao pé do fogo, parece que ele está falando comigo de um púlpito invisível. Não que eu me importe. Gosto de ser sua congregação solitária, seu rebanho de um homem só. No início de 1998 ele cobre todos os temas principais. Motivação, inspiração, legado, destino, renascimento. Ele me ajuda a sustentar o sentimento de missão diante do qual sucumbi na presença de Mandela.

Uma noite digo a J.P. que sinto uma confiança notável no meu jogo, e um novo propósito para estar na quadra – então como é que ainda sinto esse medo todo? Será que o medo jamais irá embora?

Espero que não, diz ele. O medo é o seu fogo, Andre. Eu não gostaria de te ver se ele apagasse inteiramente.

Então J.P. olha em torno, para a minha casa, dá uma baforada no charuto e diz que não consegue deixar de notar que minha esposa nunca está em casa. Sempre que ele aparece, não importa em que dia ou hora, Brooke parece estar fora, com amigos.

Ele me pergunta se isso não me incomoda.

Eu nem tinha notado.

Vou a Monte Carlo em abril de 1998 e perco para Pete. Ele ergue o punho. Nada de colher de chá – a rivalidade está de volta.

Vou para Roma. Estou deitado na minha cama no hotel, descansando depois de um jogo.

Telefonemas de um lado para outro.

Primeiro, Philly. Está fungando, à beira das lágrimas. Conta-me que sua mulher, Marti, acaba de dar à luz uma menininha. Vão chamá-la Carter Bailey. Meu irmão é diferente. Feliz, é claro, mas estourando de orgulho, mas, além disso, Philly parece sentir-se abençoado. Philly parece sentir-se supremamente *sortudo*.

Digo a ele como estou feliz por ele e Marti, e prometo ir para casa assim que puder. Brooke e eu iremos diretamente para lá para ver minha nova sobrinha, falo, com a voz presa na garganta.

O telefone toca outra vez. Passou-se uma hora? Passaram-se três? Na minha memória sempre parece fazer parte da mesma manhã nebulosa, embora os dois telefonemas possam ter ocorrido com dois dias de diferença. São meus advogados, estão no viva-voz. Andre? Está ouvindo? Andre?

Sim, estou ouvindo. Continuem.

Bem, a atp leu e avaliou cuidadosamente sua sincera afirmativa de inocência. Tenho o prazer de dizer que sua explicação foi aceita. Seu teste positivo foi jogado fora. Daqui para a frente, a questão é dada por encerrada.

Não fui suspenso?

Não.

Posso continuar com a minha carreira? A minha vida?

Pode.

Perguntei diversas vezes mais. Tem certeza? Vocês querem dizer, está tudo acabado?

No que diz respeito à atp, sim. Eles acreditam e aceitam sua explicação. Com prazer. Acho que todo mundo está ansioso por ir em frente e deixar isso tudo para trás.

Desligo e fico olhando para o espaço, pensando repetidamente: Nova vida.

Vou para o Aberto da França de 1998, e contra Marat Safin, da Rússia, machuco o ombro. Sempre esqueço quanto a bola pode ficar pesada nesse saibro em particular. É como rebater um arremesso de peso. O ombro está doendo muito, mas fico grato pela dor. Jamais outra vez vou aceitar como natural o privilégio de me machucar numa quadra de tênis.

O médico diz que tenho um pinçamento. Pressão no nervo. Paro por duas semanas. Nada de treino, nada de disputas, nada. Perco o jogo. O que é mais, deixo o jogo ser perdido. Curto e comemoro perdê-lo.

Em Wimbledon, enfrento Tommy Haas, da Alemanha. No terceiro set, durante uma feroz decisão de empate, o juiz de linha dá uma mancada atroz. Haas bate uma bola claramente longa, muito fora, mas o juiz de linha diz que foi dentro, concedendo a Haas a liderança folgada de 6-3. Foi a pior decisão da minha carreira. Sei que a bola foi fora, sei sem a menor dúvida, mas toda a minha discussão foi à toa. O outro juiz de linha e o juiz de cadeira mantêm a decisão. Vou em frente e perco o ponto. Agora fui rebaixado a dois sets a um, um buraco íngreme.

Os organizadores param o jogo, adiam seu final por causa da escuridão. De volta ao hotel, vejo no noticiário que a bola caiu muitos centímetros fora. Só posso rir.

No dia seguinte, ao entrar na quadra, ainda estou rindo. Ainda não me importo com a decisão. Estou simplesmente feliz por estar ali. Talvez ainda não saiba como estar feliz e jogar ao mesmo tempo: Haas vence o quarto set. Depois ele diz aos repórteres que cresceu me idolatrando. Eu venerava o Agassi, diz ele – é uma vitória muito especial para mim porque ele venceu Wimbledon em 1992, e posso dizer que venci Andre Agassi, que era o número 1 e venceu dois Grand Slams.

Parece um elogio fúnebre. Será que o cara acha que me venceu ou que me sepultou?

E será que alguém na sala de imprensa se deu ao trabalho de dizer a ele que na verdade eu venci *três* Slams?

Brooke consegue um papel num filme de produção independente chamado *Preto e branco*. Ela está nas nuvens, porque o diretor é um gênio e o tema é sobre relações raciais, e ela vai poder improvisar suas falas e usar o cabelo em trancinhas rastafári. Além disso, vai morar na floresta durante um mês, acampada com seus companheiros de elenco e, quando falamos ao telefone, ela diz que todos se mantêm a caráter o tempo inteiro. Não é legal?

Legal, digo, rolando os olhos.

Na primeira manhã de volta em casa, tomando café comigo na cozinha, ela está cheia de histórias a respeito de Robert Downey Jr., Mike Tyson, Marla Maples e outras estrelas do filme. Tento me interessar. Ela pergunta sobre o tênis e tenta se interessar. Estamos hesitantes, como se fôssemos estranhos. Não parecemos um casal compartilhando uma cozinha; lembramos mais adolescentes compartilhando um albergue. Somos corteses, educados, até gentis, mas a vibração parece quebradiça, como se tudo pudesse se despedaçar a qualquer minuto.

Ponho outra acha de lenha na lareira da cozinha.

Tenho uma coisa para te dizer, diz Brooke. Enquanto estava fora, fiz uma tatuagem.

Viro-me para ela: Você está brincando.

Vamos ao banheiro, onde há mais luz, e ela abaixa o cós do jeans e me mostra. No quadril. Um cachorro.

Passou pela sua cabeça me consultar?

Exatamente a coisa errada a dizer. Controle, é como ela chama isso. Desde quando ela precisa da minha permissão para enfeitar o corpo *dela*? Volto para a cozinha, sirvo-me de uma segunda xícara de café e olho mais firmemente para o fogo. Olho mais *firmemente*.

Por causa de conflitos nos horários, Brooke e eu não pudemos ter nossa lua de mel logo depois do casamento. Mas agora, como tem de acabar a filmagem, e eu estou apenas *acabado*, parece a hora perfeita. Resolvemos ir para Necker Island, nas Ilhas Virgens Britânicas, a sudeste de Indigo Island. Pertence ao bilionário Richard Branso, e ele diz que vamos adorar.

Ele diz: A ilha é um paraíso!

Desde o momento em que aterrissamos, estamos fora de sintonia. Não conseguimos nos sentir confortáveis. Não conseguimos concordar em como passar nosso tempo. Quero relaxar. Brooke quer fazer mergulho com cilindro de ar. E quer que eu vá com ela. O que significa ter aulas. Digo-lhe que de todas as coisas que quero fazer na minha lua de mel, ter aulas é a mesma coisa que fazer uma colonoscopia.

Enquanto isso assisto a *Friends*.

Ela insiste.

Passamos horas na piscina, e um instrutor nos ensina a usar roupas de mergulho, tanques e máscaras. Não para de entrar água na minha máscara porque a barba está um pouco crescida, e a máscara não adere completamente à minha pele. Vou até o quarto e faço a barba.

Quando volto, o instrutor diz que a fase final do treinamento é um jogo de cartas embaixo d'água. Se você conseguir se sentar calmamente e jogar cartas no fundo da piscina, se você conseguir jogar uma partida inteira sem precisar subir à superfície, então você é um mergulhador. Assim, cá estou, com equipamento completo de mergulhador, no meio do Caribe, sentado no fundo de uma piscina jogando *Go Fish*. Não me sinto um mergulhador. Sinto-me Dustin Hoffman em *A primeira noite de um homem*. Saio da piscina e digo a Brooke: Não dá.

Você jamais quer tentar nada novo.

Curta você. Vá para o meio do oceano, se quiser. Diga "oi" para a Pequena Sereia. Vou para o quarto.

Entro na cozinha e peço uma porção grande de batatas fritas. Depois vou para o quarto, tiro os sapatos, espicho-me no sofá e assisto à tv o resto do dia.

Saímos da ilha paraíso três dias antes. Fim da lua de mel.

Estou em d.c. para o Legg Mason de 1998. Outra onda de calor em julho, outro torneio contundente em d.c. Outros jogadores reclamam do calor, e normalmente eu também estaria me queixando, mas só sinto uma gratidão calma e uma determinação de aço, que mantenho em parte acordando cedo todas as manhãs e em parte escrevendo minhas metas. Depois de passá-las para o papel, de repeti-las em voz alta, também lembro em voz alta: Nada de atalhos.

Logo antes do início do torneio, durante um treino final com Brad, faço esforço, mas sem entusiasmo. Perry me leva de volta ao hotel. Olho pela janela, em silêncio.

Pare, digo.

Por quê?

Só pare.

Ele desvia para o acostamento.

Siga três quilômetros e espere por mim.

Do que você está falando? Está maluco?

Não terminei. Não dei o melhor de mim, hoje.

Corro três quilômetros por Rock Creek Park, o mesmo parque em que dei minhas raquetes em 1987. A cada passada fico perto de desmaiar, mas não me importo. Essa corrida, mesmo que provoque uma insolação, me trará paz de espírito esta noite, durante aqueles importantíssimos dez minutos antes de adormecer. Agora vivo para aqueles dez minutos. Só me importo com esses dez minutos. Já fui aclamado por milhares, vaiado por milhares, mas nada é tão ruim quanto a vaia dentro de sua cabeça durante aqueles dez minutos antes de você adormecer.

Quando chego ao carro, meu rosto está roxo. Deslizo para o banco do carona, ligo o ar-condicionado e sorrio para Perry.

É assim que *fazemos*, diz ele, entregando-me uma toalha enquanto dá a partida.

Chego até a final. Enfrento Draper outra vez. Lembro-me de imaginar que há não muito tempo cheguei a vencê-lo. Lembro de sacudir a cabeça, incrédulo, de ter passado por ele. Um dos pontos baixos na minha carreira. Agora o derroto em cinquenta minutos, 6-2, 6-0. Ganho o torneio pela quarta vez.

Na Copa Mercedes-Benz, chego à semifinal sem perder um set e acabo vencendo a copa. No Aberto du Maurier, em Toronto, enfrento Pete outra vez. Ele joga otimamente o primeiro set, mas se cansa no segundo. Venço-o, e isso custa a ele a classificação de número 1 e me eleva a número 9.

Enfrento Krajicek na semifinal. Ele ainda se sente bem por ter vencido Wimbledon em 1996, o único holandês a fazer isso. No caminho, ele derrota Pete nas quartas de final, provocando a primeira derrota de Sampras em Wimbledon, depois de anos. Mas eu não sou Pete, e não sou eu. Krajicek está atrás em um set, sacando em 3-4 no segundo, 0-40. Triplo break point. Remato a melhor volta à minha vida adulta. A bola parece triscar a rede por um centímetro e deixa uma marca de derrapagem fumegante. É um verdadeiro petardo à moda antiga. Krajicek fecha os olhos, atira a raquete para cima, bate um voleio selvagem. Podia ir para qualquer lado, ele não tinha ideia de para onde, mas foi um *winner*. Se a raquete estivesse aberta mais meio grau, a bola teria atingido alguém na fila da frente, e eu teria quebrado o saque e dominado a partida. Em vez disso, ele ganha o ponto, confirma seu saque, me vence em três sets, acaba com a minha veia de vitórias consecutivas no décimo quinto. Nos velhos tempos, eu teria dificuldade para superar isso. Agora, digo a Brad: Isso é o tênis, certo, bg?

Ao entrar no Aberto dos Estados Unidos de 1998, sou o número 8 no mundo. A torcida está inteiramente do meu lado, o que levanta meu astral, torna meus pés mais leves. Nas oitavas de final, enfrento Kucera, que parece tentar me provocar com o saque. Ele joga a bola, depois para, depois pega a bola e joga outra vez. Estou dois sets a zero atrás, profundamente irritado com esse cara. Aí eu me lembro: quanto melhor você jogar contra Kucera, melhor ele vai jogar contra você. Bata merda para ele, e ele vai bater merda de volta. É isso – ainda estou jogando bem demais! Além disso, estou sacando muito. Quando o serviço é meu, imito Kucera. A torcida ri. Então bato grandes bolas altas idiotas. Exaspero Kucera, irrito aquilo que significa minha volta ao jogo.

Chove. A partida é adiada para amanhã.

Brooke e eu saímos para um jantar tardio com os amigos dela. Atores. Sempre atores. O céu clareou, de modo que comemos do lado de fora de um restaurante no centro da cidade, com mesas no terraço. Depois, estamos na calçada, nos despedindo.

Boa sorte amanhã! Os atores gritam enquanto entram em táxis, rumo a algum outro lugar para beber. Brooke observa-os, vira-se para mim. Seu lábio inferior está saliente. Ela está dividida. Parece uma criança presa entre o que deveria fazer e o que quer fazer.

Dou um gole na minha garrafa de um litro de Água do Gil. Pode ir, eu digo.

Jura? Você não se importa?

Não, minto. Divirta-se.

Pego um táxi até o apartamento de Brooke. Ela vendeu a casa e comprou este lugar, no Upper East Side. Tenho saudade da casa. Tenho saudade da escada da frente, onde Gil ficava de guarda. Tenho saudade até das máscaras africanas sem olhos e sem cabelo, nem que fosse porque elas estavam lá quando Brooke e eu não usávamos máscaras um com o outro. Termino minha Água do Gil e me enfio na cama. Adormeço, mas acordo subitamente quando Brooke volta para casa, horas depois.

Volte a dormir, sussurra ela.

Tento. Não consigo. Levanto e tomo um comprimido para dormir.

No dia seguinte tenho uma batalha titânica contra Kucera. Consigo levar o jogo para o tiebreak. Mas ele tem mais vigor, maior capacidade de resistência. Ele me vence num quinto set duríssimo.

* * *

Estou sentado num canto do nosso banheiro em Los Angeles, observando Brooke se aprontar para sair. Eu fico em casa – outra vez. Conversamos sobre por que é sempre assim.

Ela me acusa de me recusar a participar do mundo dela. Diz que não estou aberto a novas experiências, a novas pessoas. Não estou interessado em conhecer os amigos dela. Poderia conviver toda noite com gênios – escritores, artistas, atores, músicos, diretores. Podia comparecer a inaugurações de galerias de arte, premières mundiais, novas peças, exibições particulares de filmes. Mas tudo o que quero é ficar em casa, assistir à tv e talvez, só talvez, se estiver me sentindo social, convidar J.P. e Joni para jantar.

Não consigo mentir. Essa me parece a noite perfeita.

Andre, diz ela, todos eles são ruins para você. Perry, J.P., Philly, Brad – eles afagam você, fazem as suas vontades, deixam você fazer tudo. Nenhum deles defende mesmo seus melhores interesses.

Você acha que todos os meus amigos são ruins para mim?

Todos, menos Gil.

Todos?

Todos. Especialmente Perry.

Sei que ela anda brigando com Perry, que ele desistiu de seu papel de produtor de *Suddenly Susan*. Sei que ela se irritou por eu não ter imediatamente tomado o lado dela na briga. Mas eu não tinha ideia de que ela estava pronta a eliminar da minha equipe todos os outros.

De pé, virando-se de costas para o espelho, ela diz: Andre, eu considero você uma rosa entre espinhos.

Uma rosa entre...?

Um inocente, rodeado de pessoas que sugam você até o bagaço.

Não sou tão inocente. E esses espinhos me ajudaram desde que eu era menino. Esses espinhos salvaram a minha vida.

Eles estão refreando o seu progresso. Estão impedindo que você cresça. Que você evolua. Você não evoluiu, Andre.

Perry e eu decidimos instalar a academia no pior bairro de West Las Vegas, onde ela pode servir como um marco. Depois de meses procurando locais, tentando achar um terreno à venda, que eu possa comprar e onde consiga acomodar um *campus* em evolução, encontramos um lote de uns 33 mil metros quadrados que satisfaz a todas as nossas exigências. Fica no centro de um solo urbano improdutivo, rodeado de casas de penhores e residências prestes a ser demolidas. Fica no local original de Las Vegas, o posto avançado há muito esquecido, aonde os colonos chegaram logo no início, e que mais tarde foi abandonado. Gosto que nossa escola se situe num lugar que tem um histórico de abandono. Que lugar melhor para iniciar o tipo de mudança que idealizamos para a vida das crianças?

Na cerimônia de lançamento da pedra fundamental, dúzias de políticos, dignitários e líderes comunitários estão presentes. Jornalistas, câmeras de tv, discursos. Empurrando a pá dourada na terra cheia de lixo. Olho em volta e verdadeiramente consigo escutar o som das crianças no futuro, rindo, brincando e fazendo perguntas. Consigo sentir a procissão de vidas que passarão por este ponto e que irão além, a partir deste ponto. Fico com a cabeça leve, pensando nos sonhos que se formarão aqui, nas vidas que serão moldadas e salvas. Estou tão tomado pelo pensamento do que vai acontecer aqui, em alguns anos, em muitas décadas depois que eu mesmo já tiver partido, que não escuto os discursos. O futuro afoga o presente.

Aí alguém me tira do meu devaneio com um solavanco, me diz para ficar ali para uma foto de grupo. Um flash espoca, uma ocasião feliz, mas intimidante. Temos tanto caminho pela frente. As lutas para fazer com que a escola seja aberta, autorizada, financiada serão duras. Se não fosse pelo meu progresso durante estes últimos meses, lutando para reconstruir minha carreira no tênis, para recuperar minha saúde e meu equilíbrio, não sei se teria a coragem.

As pessoas me perguntam onde está Brooke, por que ela não está aqui para o lançamento da pedra fundamental. Digo a verdade a eles. Não sei.

Véspera de Ano-Novo, final de 1998. Brooke e eu damos nossa tradicional festa de Réveillon. Não importa quão distantes estejamos um do outro, ela insiste que durante as festas não podemos dar sinais de nossos problemas para os amigos e a família. Parece que somos atores, e que nossos convidados são a plateia. Mesmo assim, mesmo quando a plateia não está presente, ela representa, e eu vou junto. Horas antes de os convidados chegarem, fingimos estar felizes – um tipo de ensaio geral. Horas depois de terem partido, continuamos fingindo. Um tipo de festa para o elenco.

Hoje parece haver mais amigos e parentes de Brooke do que meus, na plateia. Incluído nesse grupo está o novo cachorro de Brooke, um pit bull albino chamado Sam. Ele rosna para os meus amigos. Rosna como se tivesse sido instruído sobre o que Brooke acha de todos eles.

J.P. e eu nos sentamos num canto da sala, de olho no cachorro, que está deitado aos pés de Brooke, de olho na gente.

Esse cachorro seria legal, J.P. diz, se estivesse sentado *aqui*. Ele aponta para o chão ao

lado do meu pé.

Eu rio.

Não. É verdade. Esse não é um cachorro legal. Não é o *seu* cachorro. Esta não é a *sua* casa. Esta não é a *sua* vida.

Hum.

Andre, há flores vermelhas nessa cadeira.

Olho para a cadeira em que ele está sentado e a vejo como se fosse pela primeira vez.

Andre, diz ele. Flores vermelhas. *Flores vermelhas*.

Enquanto faço a mala para o Aberto da Austrália de 1999, Brooke enruga a testa e pisa duro pela casa. Está irritada com a minha tentativa de voltar. Não pode ser que esteja ressentida por eu ir para a estrada, com tanta tensão entre nós. Então só posso supor que ela acha que estou perdendo meu tempo. Ela certamente não é a única.

Dou-lhe um beijo de despedida. Ela me deseja sorte.

Chego às oitavas de final. Na noite antes do jogo, ligo para ela.

Está difícil, diz ela.

O que está difícil?

Nós. Isso.

É. Está.

A distância entre nós está tão grande, diz ela.

A Austrália fica longe.

Não. Mesmo quando estamos no mesmo quarto... distância.

Penso: Você disse que todos os meus amigos são péssimos. Como poderia não haver uma distância?

Eu digo: Eu sei.

Quando você voltar para casa, diz ela, vamos conversar. Precisamos conversar.

Sobre o quê?

Ela repete: Quando você chegar em casa. Ela parece arrasada. Será que está chorando? Ela tenta mudar de assunto. Contra quem você vai jogar?

Digo a ela. Ela nunca reconhece os nomes, nem entende o que significam.

Ela pergunta: Vai passar na tv?

Não sei. Provavelmente.

Vou ver.

Está bem.

Está bem.

Boa-noite.

Horas mais tarde, jogo contra Spadea, meu parceiro de treino do Dia de Ano-Novo, um ano atrás. Ele não é nem metade do jogador que eu sou. Houve dias, quando eu estava no auge, em que eu o teria derrotado com uma espátula. Mas fiquei fora durante 32 das últimas 52 semanas, sem mencionar os treinos com Gil, as lutas com a escola e as manobras com Brooke. Minha cabeça ainda está ao telefone com ela. Spadea me derrota por uma pequena vantagem, em quatro sets.

Os jornais são cruéis. Eles chamam a atenção para o fato de que fui eliminado nas primeiras rodadas dos últimos seis campeonatos. Bastante justo. Mas eles dizem que eu estou passando

vergonha. Tempo demais na feira, dizem. Agassi não parece saber quando abandonar o jogo. Ele venceu três torneios, tem quase 29 anos. Quanto mais ele realmente espera realizar?

Quase todos os artigos contêm a frase batida: Numa idade em que a maior parte de seus colegas está pensando em se aposentar...

Entro porta adentro e chamo por Brooke. Nada. Estamos no meio da manhã, ela deve estar no estúdio. Passo o dia à espera de que ela chegue em casa. Tento descansar, mas é difícil com um pit bull albino de olho em você.

Quando Brooke chega, já está escuro e o tempo mudou. Uma noite chuvosa, invernal. Ela sugere jantarmos fora.

Sushi?

Ótimo.

Vamos de carro a um dos nossos locais preferidos, Matsuhisa, sentamos nas banquetas do bar. Ela pede saquê. Estou morto de fome. Peço todos os meus preferidos. Um sashimi de atum azul, rolinhos de carne de caranguejo, pepino e abacate enrolado à mão. Brooke suspira.

Você sempre pede a mesma coisa.

Estou com muita fome e cansado demais para me incomodar com a desaprovação dela.

Ela suspira outra vez.

O que há de errado?

Eu nem consigo te olhar nos olhos agora.

Os olhos dela estão cheios d'água.

Brooke?

Não, de verdade, não consigo olhar para você.

Vai com calma. Respire fundo. Por favor, por favor, não chore. Vamos pagar a conta e ir embora. Conversamos sobre isso em casa.

Não sei por quê, mas, depois de tudo o que tem sido escrito a meu respeito nos últimos dias, é importante que os jornais de amanhã não digam que fui visto brigando com minha mulher.

No carro, Brooke ainda está chorando. Não estou feliz, ela diz. Nós não estamos felizes. Há muito tempo que não somos felizes. E não sei se jamais seremos felizes outra vez, se continuarmos juntos.

Então. É isso. Finalmente.

Entro andando em casa como um zumbi. Tiro uma mala do armário. Noto que ele está tão organizado, tão arrumado, que chega a ser inquietante. Percebo como deve ser difícil para Brooke viver com minhas derrotas, meus silêncios, meus altos e baixos. Mas noto também como há pouco espaço no closet reservado para mim. Simbólico. Penso em J.P. *Esta não é sua casa*.

Agarro os poucos cabides que penduram minhas roupas e levo-os para baixo.

Brooke está na cozinha, soluçando. Não chorando como estava no restaurante e no carro, mas soluçando. Está sentada numa banqueta ao lado do bloco de madeira que forma uma ilha no centro da cozinha. Sempre uma ilha. De um jeito ou de outro, passamos todo nosso tempo juntos em ilhas. *Somos* ilhas. Duas ilhas. E não consigo lembrar de quando fomos outra coisa.

Ela pergunta: O que você está fazendo? O que está acontecendo?

O que você quer dizer? Estou indo embora.

Está chovendo. Espere até amanhã.

Por que esperar? Nada como o presente.

Faço uma pilha das coisas essenciais: roupas, liquidificador, café da Jamaica, a cafeteira francesa – e um presente que Brooke me deu recentemente. A assustadora pintura que Philly e eu vimos anos atrás no Louvre. Ela encomendou a um artista uma réplica exata. Olho para o homem pendurado no penhasco. Como, a essa altura, ele ainda não caiu daquele penhasco? Jogo tudo no assento traseiro do meu carro, um Cadillac Eldorado 1976, o último ano em que o fabricaram, conversível, em perfeito estado de conservação. O carro é de um branco puro, lustroso, branco-lírio, de modo que o batizei de Lily. Giro a chave de Lily, e as luzes do painel acendem como um velho aparelho de tv. O contador mostra 37 mil quilômetros. Percebo que Lily é o oposto exato de mim. Velho, com baixa quilometragem.

Caio fora daquela entrada.

A um quilômetro e meio de casa começo a chorar. Através das lágrimas e da neblina que aumenta, mal dá para ver a coroa de metal que ornamenta o capô. Mas continuo indo em frente, até chegar a San Bernardino. A neblina agora é neve. A passagem pelas montanhas está fechada. Ligo para Perry e pergunto a ele se há algum outro caminho para Vegas.

O que houve?

Conto a ele. Separação experimental. Não nos conhecemos mais.

Penso no dia em que Wendi e eu terminamos, quando saí da estrada e liguei para Perry. Penso em tudo o que aconteceu desde então – e, no entanto, estou aqui, outra vez fora da estrada, ligando para Perry com o coração partido.

Ele diz que não há outro jeito de chegar a Vegas, de modo que preciso fazer um retorno, voltar para o litoral e parar no primeiro motel que tiver vaga. Vou bem devagar, escolhendo o caminho através da neve, enquanto o carro rodopia e derrapa na estrada escorregadia. Paro em todos os motéis. Não há vagas. Finalmente consigo a última cama disponível num pulgueiro em Lugar Nenhum, Califórnia. Deito sobre a colcha fedorenta, interrogando a mim mesmo: Como é que você veio parar aqui? Como chegou a isso? Por que está reagindo desse jeito? Seu casamento está longe de ser perfeito, você nem sabe direito por que se casou, para início de conversa, ou se sequer queria *se casar* – então por que você está essa ruína emocional pensando que ele deve ter acabado?

Porque você detesta perder. E divórcio é uma derrota pesada.

Mas você já sofreu perdas duras antes – por que essa parece diferente?

Porque você não vê nenhum jeito pelo qual, como resultado dessa perda, você possa melhorar.

Ligo para Brooke dois dias mais tarde. Estou contrito; ela, endurecida.

Nós dois precisamos de tempo para pensar, ela diz. Não deveríamos nos falar durante algum tempo. Precisamos entrar em nós mesmos, não interferir um com o outro.

Dentro de nós mesmos? O que é que isso significa – durante quanto tempo?

Três semanas.

Três? De onde você tirou esse número?

Ela não responde.

Sugere que eu use o tempo para consultar um terapeuta.

Ela é uma mulher morena e baixinha, num pequeno consultório escuro em Vegas. Sento num

sofá de dois lugares. Que ironia peculiar. Ela se senta numa poltrona, a um metro de distância. Escuta sem interromper. Eu preferia que interrompesse. Quero respostas. Quanto mais eu falo, mais intensamente sinto estar falando comigo mesmo. Como sempre. Não é assim que se salva um casamento. Casamentos não são salvos nem solucionados com uma só pessoa falando.

Acordo tarde naquela noite, no chão. Minhas costas estão duras. Vou até a sala e me sento no sofá, com um bloco e uma caneta. Escrevo páginas e páginas para Brooke. Outra carta suplicante a mão, mas essa é toda verdadeira. Pela manhã, envio as páginas por fax para a casa dela. Observo as folhas passando pelo aparelho de fax e penso em como tudo começou, há cinco anos, deslizando as páginas pelo fax de Philly, prendendo a respiração, esperando pela resposta espirituosa, sedutora, de uma cabana em algum lugar na África.

Desta vez não há resposta.

Passo outro fax. Depois outro.

Ela está muito mais longe que a África.

Telefono.

Sei que você disse três semanas, mas preciso falar com você. Acho que deveríamos nos encontrar, acho que precisamos elaborar essa coisa juntos.

Oh, Andre, diz ela.

Espero.

Oh, Andre, diz ela outra vez. Você não compreende. Você simplesmente não entende. Não se trata de nós – trata-se de você individualmente e de mim individualmente.

Digo-lhe que ela tem razão, que não compreendo. Digo-lhe que não vejo como chegamos a esse ponto. Digo-lhe quanto me sinto infeliz há tanto tempo. Digo-lhe que lamento por termos nos afastado tanto, que eu esfriei. Falo a respeito do turbilhão, o turbilhão constante, a força centrífuga dessa vida fodida do tênis. Conto para ela que há muito tempo não sei quem sou, talvez nunca tenha sabido. Falo a respeito da busca por mim mesmo, do monólogo infindável na minha cabeça, da depressão. Falo de tudo que está no meu coração, e sai tudo hesitante, desajeitado, atrapalhado. É constrangedor, mas necessário, porque não quero perdê-la, já cansei de perder e sei que, se eu for sincero, ela me dará uma segunda chance.

Ela diz que lamenta o meu sofrimento, mas não pode fazer nada a respeito. Ela não pode dar um jeito em mim. *Eu* preciso me consertar, por mim mesmo. Sozinho.

Ao ouvir o tom de discagem, sinto-me resignado, calmo. O telefonema agora parece aquele breve e conciso aperto de mão na rede, entre dois adversários que mal se conhecem.

Como alguma coisa, assisto à tv, vou para a cama cedo. Pela manhã, ligo para Perry e digo-lhe que quero o divórcio mais rápido da história do divórcio.

Entrego a minha aliança de platina para um amigo e o encaminho para a casa de penhores mais próxima. Aceite a primeira oferta deles, digo-lhe. Quando ele me traz de volta o dinheiro, faço uma doação para minha nova escola em nome de Brooke Christa Shields. Na riqueza ou na pobreza, na doença ou na saúde, ela para sempre será uma de suas primeiras patrocinadoras.

Capítulo 22

O primeiro torneio da minha nova vida sem Brooke é em San José. J.P. vem de Orange County, a fim de passar comigo alguns dias fazendo um acompanhamento de emergência. Ele me encoraja, aconselha, adula, promete que dias melhores virão. Ele entende que eu tenho bons e maus momentos. Numa hora eu digo "Que se dane, não quero mais saber"; e no instante seguinte sinto a falta dela. Ele diz que tudo isso faz parte do processo. Que nos últimos anos a minha cabeça era um pântano: águas estagnadas, fétidas, infiltrando-se em todas as direções. Agora era o momento de a minha cabeça ser um rio: impetuoso, com margens definidas, de águas puras, portanto. Digo para ele que vou tentar reter essa imagem. Ele fala sem parar e, enquanto está falando, estou bem. No controle. Seus conselhos são como oxigênio na minha garganta.

Então ele vai embora, de volta para Orange County, e eu fico um trapo de novo. Estou em pé na quadra, no meio da partida, pensando em tudo menos no meu adversário. Fico me perguntando: Se você faz um juramento, perante Deus e a sua família, se você diz "sim" e agora diz "não", que espécie de pessoa que você é?

Um fracasso.

Ando em círculos, me xingando com os piores nomes possíveis. O juiz de linha ouve o palavrão que eu digo, passa por mim, cruza a quadra, vai até o juiz de cadeira. Faz um registro formal de má conduta por uso de palavras de baixo calão.

O juiz me faz uma advertência.

Aí o juiz de linha volta, cruza de novo a quadra, passa por mim, volta a ocupar sua posição. Eu encaro o sujeito. Ô dedo-duro de merda. Mexeriqueiro de quinta categoria. Eu sei que não devia, sei que vai me custar caro, mas não consigo me segurar.

Sua *bicha de merda*.

Ele para, se vira, sai marchando de volta até a cadeira do juiz, faz nova denúncia.

Desta vez, o juiz me tira um ponto.

O juiz de linha volta mais uma vez, retoma seu lugar.

Eu digo: Você *continua* um bicha de merda

Ele para, vira, vai andando outra vez até o juiz de cadeira, que solta um grande suspiro e se inclina para a frente. O juiz chama o "árbitro geral", que também dá um grande suspiro e então faz um aceno, me chamando até lá.

Andre, você chamou o juiz de linha de bicha de merda?

Você quer que eu minta ou que eu diga a verdade?

Eu preciso saber se você disse.

Disse. E quer saber do que mais? Ele *é* um bicha de merda.

Me expulsam do torneio.

Volto para Vegas. Brad me telefona. Diz que daqui a pouco começa Indian Wells. Digo para ele que estou tendo alguns problemas, mas não posso lhe dizer exatamente o quê. E Indian Wells está fora de cogitação.

Tenho de ficar bem, pôr a cabeça no lugar, o que significa passar muito tempo com Gil.

Toda noite compramos um monte de hambúrgueres e ficamos andando de carro pela cidade. Estou quebrando totalmente o programa de treinamento, mas Gil percebe mais uma vez que preciso realmente comer até me sentir saciado. E percebe que também corre o risco de perder o dedo se tentar tirar o sanduíche da mim.

Dirigimos na direção das encostas, subindo e descendo a Strip, escutando o cd especial de Gil. Ele chama esse cd de *Dor de estômago*. Para todas as coisas, a filosofia de Gil é achar a dor, namorar a dor, reconhecer que essa dor é vida. Se você está desiludido, ele diz, não fuja, não se esconda. Entre nisso com tudo. Ele diz: Está doendo, então vamos sentir *mesmo* essa dor. *Dor de estômago* é um mix que ele gravou com as mais sofridas canções de amor que se podem achar. Ouvimos aquelas faixas vezes e vezes e vezes, até decorar todas as letras. Depois de cada faixa, Gil ainda declama a letra. Nunca achei ninguém que cantasse melhor do que Gil declama. Ele bota todos os cantores no chinelo. Dou o dinheiro que for para ouvir Gil declamando em vez de ouvir Sinatra cantando.

A cada ano que passa, a voz de Gil fica mais grave, mais rica, mais redonda, e quando declama o refrão de uma daquelas canções de amor não correspondido parece estar possuído por Moisés e Elvis falando juntos através dele. Merecia ganhar um Grammy por sua interpretação de "Please don't be scared", de Barry Manilow:

Cause feeling pain's a hard way
To know you're still alive.[7]

Mas o jeito como ele faz a versão de Roy Clark para "We can't build a fire in the rain" acaba comigo, todas as vezes. Tem uma frase que realmente é especial para ele e para mim:

Just going through the motions and pretending
we have something left to gain.

Quando não estou com Gil, fico trancado em minha nova residência, a que comprei com Brooke para aquelas raras ocasiões em que voltávamos para casa em Vegas. Agora, essa casa para mim é o Canto do Solteiro II. Gosto dela. Faz mais o meu estilo do que aquela outra, que parecia uma casa de campo na França, onde nós dois vivíamos em Pacific Palisades, mas aqui não há lareira. Não consigo pensar sem uma lareira. Preciso de fogo. Então contratei um cara para fazer uma lareira.

Enquanto ele a está construindo, a casa parece um campo de guerra. Enormes coberturas de plástico protegem as paredes. Os móveis estão forrados com lonas. Uma camada grossa de pó se espalha por todo lado. Certa manhã, contemplando a lareira inacabada, penso em Mandela. Penso nas promessas que fiz para mim e para outras pessoas. Vou até o telefone e ligo para o Brad.

Venha para Vegas. Estou pronto para jogar.

Ele diz que já está vindo.

Inacreditável. Ele podia muito bem me dispensar. Ninguém iria criticá-lo. Mas, em vez disso, ele larga tudo e vem, no instante em que eu telefono para ele. Eu adoro esse cara. Agora, enquanto ele está na estrada, me preocupo com a ideia de ele não se sentir confortável, por causa da bagunça desta construção. Então sorrio. É que eu tenho duas poltronas de couro

bem defronte de uma grande tela de tv e um bar, lotado de Bud Ice. Bom, todas as necessidades básicas de Brad estão atendidas.

Cinco horas depois, ele entra porta adentro, se instala numa das poltronas, abre uma cerveja e no mesmo instante parece estar aninhado no colo da mãe. Tomo uma cerveja com ele. São seis horas, o tempo vai passando. Trocamos para margaritas bem geladas. Às oito, ainda estamos instalados nas poltronas e Brad fica trocando de canais, atrás de algum programa de esportes.

Eu digo: Brad, escuta aqui, preciso te contar uma coisa. Eu já devia ter te contado isso há mais tempo.

Ele está olhando para a tela da tv. Eu estou olhando para a lareira inacabada, imaginando as labaredas.

Você viu o jogo da outra noite?, ele me pergunta. Ninguém vai ganhar da Duke, neste ano.

Brad, isto é importante. É uma coisa que você precisa saber. A Brooke e eu... terminamos. Não vamos conseguir ficar juntos.

Ele se vira. Me olha diretamente nos olhos. Coloca os cotovelos nos joelhos e deixa a cabeça cair para a frente. Não podia imaginar que seria um golpe tão forte para ele. Ele permanece desse jeito durante três segundos inteiros. Depois, ergue os olhos e abre um imenso sorriso, cheio de dentes.

Vai ser um ano excelente, ele diz.

O quê?!

Vamos ter um ano *incrível*.

Mas...

Essa é a melhor coisa que já aconteceu com o seu tênis.

Estou completamente infeliz. Do que você está falando?

Infeliz? Então você está encarando tudo isso pelo lado errado. Vocês não têm filhos. Você está livre como um passarinho. Se tivesse filhos, bom, então realmente haveria problemas. Mas, sendo a situação como é, você se safa na boa.

Bom...

Você está com a bola toda. Sozinho, livre de todo aquele inferno!

Ele parece um alucinado. Delirante. Diz que temos Key Biscayne pela frente. Depois a temporada no saibro, depois mais coisas boas. Que vão acontecer.

Agora, o peso saiu das tuas costas, ele diz. Em vez de ficar à toa em Vegas, remoendo a dor, vamos jogar um pouco de dor em cima dos seus adversários.

Sabe do que mais? Você tem razão. Isso pede outra rodada de margaritas!

Às nove da noite eu digo: Acho que a gente devia comer alguma coisa.

Mas Brad está completamente sossegado e feliz da vida, lambendo a beiradinha de sal de sua taça, e ainda por cima encontrou um jogo de tênis na tv, uma partida noturna do Indian Wells, entre Steffi Graf e Serena Williams.

Sentado na poltrona, ele vem deslizando até onde estou e rasga outro sorriso cheio de dentes.

É aí que está o teu jogo, bem aí!

Aponta para a tv.

E diz: Steffi Graf! É *com ela* que você deveria estar.

Sei. Claro. Ela nem quer saber de mim.

Contei para ele as histórias todas. O Aberto da França de 1991. O Baile de Wimbledon em 1992. Eu tentei. Sem chance. Steffi Graf é como o Aberto da França. Eu não consigo atravessar aquela específica linha de chegada.

Isso tudo é passado, diz Brad. Além do mais, seu jeito de se aproximar antes não era nada *você*. Perguntar uma vez, e então recuar? Nada mais amador. Desde quando você deixa que o adversário dite o teu jogo? Desde quando você aceita um "não" como resposta?

Balanço a cabeça concordando. Talvez.

Você só precisa de um olhar, Brad diz. Um raio de luz. Uma janela. Uma abertura.

O próximo torneio em que Steffi e eu estamos inscritos é Key Biscaine. Brad me diz para relaxar, que vai dar um jeito de me colocar perto dela. Ele conhece o treinador de Steffi, Heinz Gunthardt. E vai conversar com Heinz para agendar um treino com ela.

* * *

Assim que chegamos a Key Biscayne, Brad telefona para Heinz, que fica surpreso com a proposta. E diz "não". Diz que Steffi nunca concordaria em interromper seu programa regular de preparação para um treino com um estranho. Ela é disciplinada demais. Além disso, tímida. Ficaria extremamente constrangida. Mas Brad é insistente, e Heinz ainda deve guardar alguns traços de romantismo. Ele sugere que Brad e eu façamos a reserva da quadra para o horário seguinte ao do treino regular de Steffi, mas que cheguemos cedo. Heinz então vai sugerir, informalmente, que Steffi bata um pouco de bola comigo.

Está tudo combinado, Brad diz. Meio-dia em ponto. Você. Eu. Steffi. Heinz. Vamos começar a festa.

Primeiro, o mais importante. Telefono para J.P. e digo que venha para a Flórida, imediatamente. Preciso de conselhos. De alguém que sonde reações. Preciso de um copiloto. Depois vou para a quadra e faço o treino agendado.

No dia marcado, Brad e eu chegamos à quadra com quarenta minutos de antecedência. Nunca fiquei tão sem fôlego na vida. Cheguei sete vezes na final de torneios do Grand Slam e nunca me senti desse jeito. Quando entramos, vemos Heinz e Steffi intensamente concentrados no treino. Ficamos de lado, acompanhando. Após alguns minutos, Heinz chama Steffi para a rede e diz alguma coisa para ela.

Ela olha.

Eu sorrio.

Ela não.

Ela diz alguma coisa rápida para Heinz e ele fala mais algumas palavras e então ela sacode a cabeça. Mas quando ela volta numa corridinha leve até a linha de fundo, Heinz me faz um aceno para que eu entre na quadra.

Amarro os tênis rapidamente. Tiro uma raquete da sacola e entro na quadra e então, num impulso, arranco a camiseta. É uma falta de vergonha, vejo isso claramente, mas estou desesperado. Steffi olha e dá uma segunda conferida, praticamente imperceptível. Obrigado, Gil.

Começamos a trocar bolas. Ela é impecável, naturalmente, e eu estou fazendo de tudo para conseguir que a bola passe sobre a rede. *A rede é sua maior inimiga*. Relaxe, fico repetindo para mim mesmo. Pare de pensar, Andre. Cara, é só um bate-bola.

Mas não consigo me controlar. Nunca vi uma mulher tão maravilhosa. Em pé, parada, é uma deusa. Em movimento, poesia. Sou um pretendente, mas também um fã. Durante muito tempo fiquei imaginando o que seria receber um forehand de Steffi Graf. Via-a jogar, na tv e em torneios, e sempre fiquei imaginando como seria essa bola quando saísse voando da raquete dela. Ela vem com um elemento muito sutil de força, mas também com spin. Agora, batendo bola com ela, posso sentir a sutileza dos seus golpes. É como se eu pudesse tocá-la, mesmo a doze metros de distância. Cada forehand é uma carícia preliminar.

Ela faz uma série de devoluções de backhand, marcando o saibro com seu famoso slice. Preciso impressioná-la com a minha capacidade para pegar aqueles slices e fazer o que quiser com eles. Mas é mais difícil do que eu tinha pensado. Erro uma devolução. Grito para ela: Você não vai conseguir isso de novo!

Ela não diz nada. Solta outro slice. Eu dobro bem os joelhos para devolver de backhand e bato com toda a força.

A devolução dela para na rede.

Eu grito: Essa jogada paga um monte das minhas contas!

De novo, nada. Ela simplesmente bate a próxima ainda mais no fundo e com um slice ainda mais pronunciado.

Em geral, durante os meus treinos, Brad gosta de ficar ocupado. Ele pega as bolas, dá palpite, fala mais que a boca. Desta vez, não. Está empoleirado na cadeira do juiz, prestando muita atenção, um salva-vidas observando uma praia infestada de tubarões.

Cada vez que eu olho para ele, ele pronuncia silenciosamente uma só palavra: *Lindo*.

Nas laterais da quadra está começando a se reunir um pequeno grupo de pessoas, aparvalhadas. Alguns fotógrafos fazem instantâneos. Por que será? Será que é por ser tão incomum um homem e uma mulher treinarem juntos? Ou será porque fiquei catatônico e erro todas as terceiras bolas? De longe, parece que Steffi está dando uma aula para um sorridente cara mudo, sem camiseta.

Depois de batermos bola durante uma hora e meia, ela acena e vem para a rede.

Muito obrigada, ela diz.

Dou uma rápida corridinha para me aproximar e respondo: O prazer foi todo meu.

Consigo fingir que está tudo completamente normal, até ela começar a alongar as pernas, apoiando-se no poste da rede. Meu sangue todo sobe à cabeça. Preciso fazer alguma coisa concreta, agora, senão vou acabar perdendo o juízo. Nunca fiz alongamento antes, mas este parece um ótimo momento para começar. Coloco uma perna em cima do poste da rede, fingindo que minhas costas são flexíveis. Alongamos, falamos sobre o circuito, queixamo-nos das viagens, comparamos observações sobre as cidades de que gostamos.

Pergunto: Qual é a sua cidade favorita? Quando parar de jogar tênis, onde você se imagina morando?

Ah, está empatado entre Nova York e São Francisco.

Penso: Alguma vez você já pensou em viver em Las Vegas?

Digo: As minhas duas favoritas, também.

Ela sorri. Bom, diz então. Obrigada, novamente.

Às ordens.

Trocamos um par de beijos no rosto, como os europeus.

Brad e eu pegamos a balsa de volta para Fisher Island, onde J.P. está esperando. Nós três

passamos o resto da noite falando de Steffi, como se ela fosse um adversário, o que é mesmo. Brad fala dela como se fosse Rafter ou Pete. Ela tem forças, tem fraquezas. Ele analisa o jogo dela, dando-me instruções. De vez em quando, J.P. telefona para Joni, coloca-a no viva-voz, para ouvir o ponto de vista de uma mulher.

Essa conversa se estende pelos dois dias seguintes. No jantar, na sauna, no bar do hotel, nós três não falamos de outra coisa, só de Steffi. Para usar o jargão militar, estamos arquitetando um plano, com reconhecimento de terreno e coleta de informações. A sensação que me dá é de estarmos planejando a invasão da Alemanha por terra e mar.

Eu digo: Ela me pareceu muito legal.

Brad diz: Ela não tem noção de que você se separou de sua mulher. Ainda não saiu nos jornais. Ninguém sabe. Você precisa dizer para ela que está solteiro, ela precisa saber como você se sente a respeito dela.

Vou mandar umas flores para ela.

Sim, diz J.P. Flores são uma boa ideia. Mas você não pode mandá-las em seu nome. Isso vaza para a imprensa. Vamos pedir para Joni enviar, com o seu nome no cartão.

Bem pensado.

Joni vai a uma floricultura em South Beach e, conforme minhas instruções, compra todas as rosas da loja. Basicamente, ela encomenda que um verdadeiro jardim de rosas seja instalado no quarto de Steffi. No cartão, agradeço pelo treino e convido-a para jantar. Então me sento e começo a esperar que ela me telefone.

Ela não liga. O dia inteiro.

Nem no dia seguinte.

Por mais que eu fique olhando para o aparelho, que eu grite com ele, ele se recusa a tocar. Fico andando de um lado para o outro, arrancando a pelinha dos dedos até que começam a sangrar. Brad vem ao meu quarto e mostra preocupação. Será que eu vou precisar de um sedativo?

Eu grito: Mas que merda! Bom, ela não está interessada, já saquei, mas e um “obrigada”? Se até hoje à noite ela não me ligar, juro que telefono para ela.

Saímos para o jardim. Brad parece distraído e só murmura “han, han”.

O quê?

J.P. diz: Acho que estou vendo as suas flores.

Eles apontam para o pátio de um quarto do outro lado do jardim. O quarto de Steffi, obviamente, porque ali, no pátio, estão os meus enormes buquês de rosas vermelhas de cabos longos.

Não tenho certeza de que isso seja um bom sinal, diz J.P.

Não, Brad diz. Negativo. Não é bom.

Resolvemos que eu vou esperar até Steffi vencer a primeira partida – fato inevitável – e, depois disso, eu telefono. J.P. ensaia comigo o que dizer quando eu ligar. Ele faz o papel de Steffi. Ensaiamos todas as possibilidades. Ele me responde com cada possível sentença que ela talvez diga.

Steffi derrota sua atarantada adversária na primeira rodada em 42 minutos. Eu tinha dado uma boa gorjeta para o capitão da balsa me telefonar no momento em que visse Steffi entrar. Cinquenta minutos após o jogo, recebo a ligação: ela está a bordo.

Espero quinze minutos, o tempo de que ela precisa para chegar à ilha, mais dez minutos para ir do píer ao hotel, e então falo com a telefonista para que ligue no quarto de Steffi. Eu sei o número porque ainda posso ver a droga das flores abandonadas e desprezadas na mesinha do pátio.

Ela atende no segundo toque.

Olá, é o Andre.

Ah.

Eu queria ligar só para saber se você recebeu as flores que mandei.

Recebi.

Ah.

Silêncio.

Ela diz: Não quero que haja mal-entendidos entre nós. Meu namorado está aqui.

Entendi. Tudo bem, compreendo.

Silêncio.

Boa sorte no campeonato.

Obrigada, para você também.

Um cânion interminável de silêncio.

Bom, então, tchau.

Tchau.

Caio sentado no sofá e fico olhando para o chão.

Tenho uma pergunta para você, J.P. diz. O que será que ela poderia ter dito capaz de te deixar com essa cara? Que espécie de diálogo a gente não ensaiou?

O namorado dela está aqui.

Ah.

Então dou um sorriso. Lembro de uma página do audiolivro de pensamento positivo do Brad: talvez ela esteja me mandando um recado. *Claro* que o namorado dela estava sentado bem ali.

E?

Então ela não podia falar e, em vez de dizer, tenho um namorado, caso encerrado, me deixe em paz, ela diz "Meu namorado está *aqui*".

E?

Acho que ela está dizendo que existe uma chance.

J.P. sai para me preparar uma bebida. Diz que eu preciso.

O torneio me oferece uma modesta medida de distração. Infelizmente, essa distração só dura algumas horas. Na primeira rodada, contra Dominik Hrbaty, da Eslováquia, só consigo pensar em Steffi e seu namorado fazendo graça das minhas rosas ou dando um jeito de ignorá-las. Hrbaty me derruba em três sets.

Estou fora do torneio. Deveria sair de Fisher Island, mas fico por ali mais algum tempo, sentado na praia, armando um plano com J.P. e Brad.

Provavelmente, o namorado de Steffi apareceu de repente, Brad diz. Além disso, ela ainda não sabe que você está divorciado. Ela ainda acha que você está casado com Brooke. Dê tempo ao tempo. Deixe que a notícia circule. Então vá à luta.

Você está certo, está certo.

Brad menciona Hong Kong. Diante do meu desempenho diante de Hrbaty, é claro que eu preciso de outro torneio antes de começarmos a temporada de saibro. Vamos para Hong Kong, ele diz. Chega de ficar sentado, pensando em Steffi, falando dela.

Quando dou por mim, estou num avião rumo à China. Olho a tela na parede da cabine: *Tempo de voo estimado, quinze horas e 37 minutos.*

Olho para o Brad. Quinze horas e trinta e sete minutos? Para ficar obcecado com Steffi? Acho que não.

Solto o cinto e fico em pé.

Aonde você vai?

Sair deste avião.

Não seja ridículo. Sente. Relaxe. Estamos aqui. Com a tralha toda. Vamos jogar.

Acabo me acalmando, sento no meu lugar, peço dois Belvedere, tomo um sonífero e, depois do que me parece um mês voando, estou do outro lado da Terra. Estou dentro de um carro que percorre velozmente uma autopista em Hong Kong, ao lado do centro financeiro internacional cujo perfil se recorta cada vez mais alto no céu.

Ligo para o Perry. Quando será divulgada a notícia do meu divórcio?

Os advogados estão terminando os últimos detalhes, ele me diz. Enquanto isso, você e Brooke precisam trabalhar na declaração à imprensa.

Trocamos diversos rascunhos por fax, a equipe dela e a minha. Advogados e assessores de imprensa têm um prato cheio com que se ocupar. Brooke acrescenta uma palavra, eu tiro outra. Faxes e mais faxes. Foi assim que começamos, é assim que terminamos.

A declaração está prestes a ser veiculada, Perry diz. Deve estar nos jornais a qualquer momento agora.

Todo dia, cedo, Brad e eu corremos para o saguão, compramos todos os jornais, depois tomamos café da manhã varrendo as notícias de todas as páginas, em busca da manchete. Pela primeira vez que eu me lembre, mal posso esperar até que os jornais noticiem alguma coisa sobre a minha vida privada. Todo dia eu rezo da mesma maneira: que este seja o dia em que Steffi fique sabendo que estou livre.

Dia após dia, a notícia não está lá. É como esperar que ela me telefone. Queria ter um fio de cabelo que fosse para poder arrancá-lo. Finalmente, a capa da *People* traz uma foto com Brooke e eu. O título diz: *Suddenly Split* [De repente, separados]. Estamos em 26 de abril de 1999, três dias antes de eu completar 29 anos, quase exatamente dois anos após o nosso casamento.

Renascido, renovado, venço o torneio de Hong Kong – mas, no voo de volta para casa, não consigo levantar o braço. Vou ventando do aeroporto para a casa de Gil. Ele examina o meu ombro, faz uma careta. Não gosta nada do jeito da coisa.

Talvez a gente precise fechar as portas e simplesmente não entrar em nenhum torneio da temporada de saibro.

Não, não, não, Brad diz. Temos de ir para Roma para o Aberto da Itália.

Por favor, eu nunca venço aquilo lá. Esqueça.

Não, Brad diz, vamos para Roma, ver como seu ombro reage. Você não queria ir para Hong Kong, não é mesmo? Mas acabou ganhando, certo? Para mim parece que há uma tendência no ar.

Deixo que ele me arraste para outro voo, e em Roma perco na terceira rodada para Rafter,

que eu tinha acabado de derrotar em Indian Wells. Agora eu realmente quero dar um tempo. Mas Brad me convence a jogar a Copa Mundial de Times, na Alemanha. Não tenho forças para discutir com ele.

O tempo na Alemanha está frio, nublado, o que significa que a bola fica pesada. Quando olho para Brad é com vontade de acabar com a raça dele. Não consigo acreditar que ele tenha me arrastado até Düsseldorf, com o ombro lesionado. No meio do primeiro set, perdendo por 3-4, não consigo mais abrir o braço. Entrego o jogo. Basta. Vamos para casa, digo para Brad. Preciso cuidar do meu ombro direito. E ainda tenho de pensar melhor sobre o que fazer com Steffi.

Quando embarcamos no voo de Frankfurt para São Francisco, não estou nem falando com Brad. Estou absolutamente louco de raiva. Temos doze horas de viagem pela frente, lado a lado, e eu digo para ele: Olha só como vai ser, Brad. Fiquei a noite toda em claro, por causa deste ombro. Vou tomar duas pílulas para dormir, agora, e não vou ouvir a sua voz durante as próximas doze horas, e vai ser perfeito. Entendeu bem? E, quando estivermos em terra, a *primeira coisa* que eu quero que você faça é me tirar do Aberto da França.

Ele se inclina na minha direção e durante duas horas fica tentando me convencer de outras coisas. Você *não* vai voltar para Vegas. Você *não* vai desistir. Você vem comigo para a minha casa em São Francisco. Estou com o chalé para convidados todo arrumado, com muita lenha para lareira, do jeito que você gosta, e depois nós dois vamos para Paris e você vai jogar. É o único título de Grand Slam que você ainda não conquistou, que você sempre quis, e se você não jogar não pode ganhar.

O Aberto da França? Por favor. Você tem de estar brincando. Essa história já era.

Como você pode saber? Quem pode dizer que este não é o seu ano?

Ouça o que estou te dizendo. De jeito nenhum 1999 é o meu ano.

Olha aqui, você só estava começando a mostrar alguns traços do jogador que costumava ser. Vi em você uma coisa que eu não via fazia anos. Temos de ir atrás disso.

Eu posso enxergar no fundo o que ele está pensando. Não é que ele ache que no Aberto da França eu tenha alguma remota chance de vencer. Mas, se eu não participar desse torneio, então será mais fácil sair de Wimbledon e com isso já foi o ano todinho. Adeus, retorno às quadras. Olá, aposentadoria.

Quando chegamos a São Francisco, estou novamente cansado demais para argumentar. Apenas entro no carro de Brad, e ele me leva até a casa dele e me instala no chalé para hóspedes. Durmo durante doze horas. Quando acordo, está lá um quiroprático, pronto para me tratar.

Eu digo: Não vai adiantar.

Vai adiantar, Brad diz.

Recebo duas sessões diárias de tratamento. No resto do tempo, observo o nevoeiro e atiço o fogo. Na sexta-feira já me sinto melhor. Brad sorri. Trocamos umas bolinhas na quadra que fica nos fundos da casa, durante uns vinte minutos, e treino alguns saques.

Ligue para o Gil, eu digo. Vamos para Paris.

Em nosso hotel em Paris, Brad está estudando a chave.

E como está? pergunto.

Ele não abre a boca.

Brad?

Não podia ser pior.

Sério?

Um pesadelo. Na primeira rodada, você pega Franco Squillari, um argentino canhoto, provavelmente o osso mais duro de todos, fora os cabeças de chave. Uma fera no saibro.

Não consigo acreditar que ele tenha dito isso para mim.

Treinamos sábado e domingo. Começamos na segunda. Estou no vestiário, aplicando as ataduras nos pés, e lembro que esqueci de trazer uma cueca na sacola. A partida começa em cinco minutos. Será que consigo jogar sem cueca? Nem sei se isso é fisicamente possível.

Brad faz piada, oferece a sua emprestada.

Não está em mim querer ganhar assim tão desesperadamente.

Mas então eu penso: Isso está perfeito. Eu não queria estar aqui, para início de conversa, não deveria estar aqui, estou jogando com o suprassumo do saibro logo na primeira rodada, e na quadra central. Por que não ir sem cueca, então? São 16 mil pessoas na arquibancada, berrando como os camponeses que tomaram Versalhes de assalto. Antes que eu tenha conseguido sequer suar, já estou um set e um break atrás. Olho para o meu camarote e vejo Gil e Brad. *Socorro.* Brad me devolve o olhar, impassível: *Saia dessa sozinho.*

Arrumo o short na cintura, inspiro o mais fundo possível e solto o ar muito devagar. Penso que não pode ficar pior do que está. Digo a mim mesmo: ganhe só um set. Tirar um set desse cara já é um tremendo resultado. Um set: tente isso. Quando a tarefa entra numa escala menor, torna-se exequível e eu me sinto mais à vontade. Começo atacando de backhand, colocando muito bem a bola. A multidão se remexe. Faz muito tempo que eles não me veem jogar bem. Alguma coisa dentro de mim se remexe também.

O segundo set acaba se tornando uma espécie de briga de rua, com luta livre e duelo a pistola a cinquenta passos. Squillari não cede um centímetro, e eu tenho de arrancar o set dele na porrada. 7-5. Então acontece uma coisa chocante. Eu ganho o terceiro set. Agora eu realmente começo a ter alguma esperança, uma sensação que sobe desde os dedos dos pés. Meu corpo vibra. Dou uma olhada em Squillari – ele está acabado. Seu rosto não tem mais expressão. Um dos adversários mais durões do torneio se mostra fisicamente incapaz de dar um passo sequer. Está liquidado. No quarto set dou um baile e, de repente, estou saindo da quadra com uma das mais improváveis vitórias da minha carreira.

De volta ao hotel, coberto de pó de tijolo de cima a baixo, digo a Gil: Você viu o cara? Viu como ele ficou cheio de câimbras? A gente fez ele se contorcer, Gil!

Vi.

O elevador é apertado. Só tem espaço para gente de tamanho normal, ou seja, eu e Gil. Brad nos diz para irmos na frente, que ele pega o próximo. Aperto o botão e, enquanto subimos, Gil se encosta num canto do elevador e eu no outro. Ele está me encarando.

Que foi?

Nada.

Ele continua me encarando.

Qual é, Gil?

Nada. Ele sorri e repete: Nada.

Na segunda rodada, fico sem cueca de propósito. (Nunca mais vou usar cueca. Quando uma coisa dá certo, a gente não muda.) Enfrento Arnaud Clément, da França. O primeiro set eu

ganho por 6-2. Estou no segundo, jogando o melhor tênis que já joguei no saibro. Estou com o sujeito no colo, fazendo ele dormir. Então Clément desperta. E ganha o segundo set. E o terceiro. Como foi mesmo que isso aconteceu? Estou sacando, 4-5, 0-30, no quarto set. Estou a dois pontos de sair do torneio.

Então eu penso: dois pontos. *Dois pontos*.

Ele solta um winner de forehand de dentro para fora. Vou até a marca e dou uma boa olhada. A bola saiu. Faço um círculo em volta dela com a raquete. O juiz de linha corre para ver e confirma. Examina a marca, como se fosse um Hercule Poirot. Ergue a mão e decreta: fora!

Se aquela bola tivesse tocado a linha eu teria um triplo match point de Clément pela frente. Mas, não, agora está 15-30. Olha que diferença. E se...?

Mas me convenço a parar de pensar "e se?". Não pense, Andre. Desligue a cachola. Durante dois minutos, jogo o melhor tênis de que sou capaz. Ganho o game. 5 iguais.

Saque de Clément. Se eu fosse outro tipo de jogador, ele levaria vantagem. Mas eu sou o filho do meu pai. Eu sou dos que retornam. Não deixo que nada passe por mim. Então corro de um lado para o outro. Para a frente e para trás. Ele começa a ficar de língua de fora. Bem no momento em que ele e a multidão estão achando que não posso mais correr atrás das bolas dele, eu corro mais um pouco. Ele é um verdadeiro metrônomo. E então desiste. Dobra-se para a frente como se tivesse levado um tiro na cabeça. As câimbras dele estão com câimbra. Pede atendimento médico.

Quebrei a resistência dele. Seguro facilmente a vantagem e ganho o quarto set.

E o quinto, por 6-0.

No vestiário, Brad está falando sozinho, comigo, e para quem mais quiser ouvir.

O estepe dele furou! Você viu? Puta merda! O estepe dele fez *buuum*!

Os repórteres perguntam se acho que tive sorte porque Clément ficou com câimbra.

Sorte? Eu dei um duro danado para conseguir aquelas câimbras.

No hotel, subindo no minúsculo elevador com Gil, meu rosto está coberto de saibro. Meus olhos, orelhas e boca estão cheios de pó de tijolo. Minha roupa está toda pintada de saibro. Olho para mim. Nunca antes tinha reparado como a argila de Roland Garros, quando seca, parece sangue. Estou tentando espanar um pouco daquilo com a mão, quando sinto que Gil está me encarando de novo.

O que é?

Nada, ele diz, sorrindo.

Na terceira rodada, enfrento Chris Woodruff. Já joguei com ele uma vez, aqui, em 1996, e perdi. Uma derrota desastrosa. Bem no íntimo, eu gostava das minhas chances naquele ano. Desta vez, eu sei desde o começo que vou ganhar. Não tenho dúvida de que terei a minha vingança, servida muito fria, gelada. Dou-lhe um redondo 6-3/6-4/6-4, na mesma quadra daquela partida em que antes ele me derrotou. Brad pediu que fosse lá, porque queria que eu me lembrasse, que eu fizesse questão.

Agora, estou nas oitavas de final do Aberto da França, pela primeira vez desde 1995. Minha recompensa será Carlos Moyá, o campeão que vem para defender seu título.

Nada com que se preocupar, Brad insiste. Apesar de Moyá ser o atual campeão, e de ser realmente bom no saibro, desta vez você pode acabar com ele. Pode atropelar o cara, como

um touro ensandecido, ficando dentro da linha de fundo, chegando mais cedo na bola e fazendo pressão. Ataque o revés de backhand dele, mas, se tiver de usar o forehand dele, faça isso por um motivo claro, com determinação. Não adianta só ficar ali, devolvendo bolinha. Mande bala, imponha o seu jogo. Obrigue o cara a te sentir na quadra.

No primeiro set, sou eu quem está sentindo Moyá. É um set que perco depressa. No segundo, fico duas quebras atrás. Não estou fazendo o meu jogo. Não estou fazendo nada daquilo que o Brad me disse para fazer. Olho para o meu camarote e Brad grita: *Vai lá! Vai pra cima!*

De volta ao elementar. Obrigo Moyá a correr. E a correr mais ainda. Imponho um ritmo sádico, enquanto fico repetindo na minha cabeça o mantrinha básico: Corre, Moyá, corre... As minhas bolas fazem o cara correr um monte, a Maratona de Boston inteira. Ganho o segundo set e a multidão ovaciona. No terceiro, obrigo Moyá a correr mais do que todos os três primeiros adversários juntos e então, assim de repente, ele está exausto. Não quer mais fazer isso. Não foi para isso que ele veio.

Quando começa o quarto set, estou transpirando confiança. Fico saltitando para cima e para baixo. Quero que Moyá veja quanto gás eu ainda tenho de sobra. Ele vê e suspira fundo. Depois de liquidar com ele, ainda saio correndo da quadra, rumo ao vestiário. O primeiro encontrão é com Brad, o que quase me quebra o punho.

Dentro do elevador do hotel, acho que Gil está me encarando de novo.

Gil, qual é, cara?

Estou com uma sensação.

Qual sensação?

Acho que você está em rumo de colisão.

Com o quê?

Com o destino.

Acho que não acredito em destino.

Vamos ver. Mas não vou cantar vitória antes do tempo...

Temos dois dias de descanso. Dois dias para relaxar e pensar em qualquer outra coisa, além de tênis. Brad fica sabendo que Springsteen está no mesmo hotel que a gente. Veio fazer um show em Paris. Brad sugere irmos ver. Compra três ingressos, bem na frente.

No começo, fico em dúvida. Não sei se é uma boa ideia sair e curtir a noite em Paris. Mas a tv fica dando notícias sobre o torneio o tempo todo, o que também não ajuda em nada o meu estado de espírito. Lembro-me de um organizador de campeonato, uma vez, fazendo pouco caso de mim porque joguei um *challenger*. Ele me comparou ao Springsteen tocando num boteco de esquina. Então, tá, eu disse. Vamos tirar esta noite de folga. Vamos ver o Cara.

Brad, Gil e eu entramos no estádio poucos instantes antes de Springsteen subir ao palco. Enquanto atravessamos os corredores de assentos, várias pessoas me reconhecem e apontam. Um sujeito grita o meu nome. Andre! *Allez, Andre*! Outros homens fazem coro. Chegamos aos nossos lugares. Um holofote percorre a multidão. E de repente estaciona em cima de nós. Estamos na tela gigantesca do estádio, em cima do palco. A multidão grita enlouquecida. E começa a cantar: *Allez, Agassi! Allez, Agassi!* São mais ou menos 16 mil pessoas, o mesmo tamanho do público de Roland Garros, cantando, aplaudindo, gritando, ovacionando, batendo os pés no tablado de madeira que é o piso do estádio. *Allez, Agassi!* O jeito como cantam tem

um ritmo, um balanço, como as músicas de ninar rimadas para criancinhas. *Dit, dit, da, da, da.* É contagioso. Brad canta também. Eu em pé, aceno para o público. Estou me sentindo honrado. Inspirado. Gostaria que a próxima partida fosse começar já. Aqui. *Allez, Agassi*!

Fico em pé, mais uma vez, o coração batendo na garganta. Então, finalmente, o Cara entra no palco.

Nas quartas de final, encaro Marcelo Filippini, do Uruguai. O primeiro set é fácil. O segundo set é fácil. Eu faço ele correr, ele se atrapalha. *Tramps like us, baby, we were born to run.* Curto isso tanto quanto ganhar – cortar as pernas do meu oponente, reconhecer os muitos anos com Gil rendendo juros, num espremido intervalo de duas semanas. Venço o terceiro set sem a menor resistência de Filippini: 6-0.

Você está destroçando os caras! Brad grita. Oh, meu Deus, Andre, você realmente está destruindo os caras.

Estou na semifinal. Meu adversário é Hrbaty, que acabou de me pôr para fora de Key Biscaine, quando eu estava em pleno estado de estupor por causa de Steffi. O primeiro set é meu, 6-4. O segundo também: 7-6. As nuvens escurecem. Uma leve garoa começa a cair. A bola fica mais pesada, e por isso não consigo jogar na ofensiva. Hrbaty leva vantagem com isso e arremata o terceiro set, 6-3. No quarto, ele abre 2-1, e um jogo que estava na minha mão começa a escorregar como areia no meio dos dedos. Ele tem um set de desvantagem, mas evidentemente entrou no ritmo e pegou pique. Eu me sinto mal e mal segurando a onda.

Olho para Brad. Ele aponta para o céu. Pare o jogo.

Faço um sinal para o supervisor e para o juiz de cadeira. Indico o saibro, que já está uma lama. Digo que não vou jogar nessas condições. É perigoso. Eles examinam a lama, como se fossem mineiros à cata de ouro. Conversam um com o outro. E interrompem o jogo.

No jantar, com Gil e Brad, estou de péssimo humor porque sei que o jogo estava virando contra mim. Só a chuva me salvou. Se não fosse por isso, estaríamos no aeroporto neste exato momento. E agora eu não consigo acreditar que tenho a noite inteira para ruminar sobre o jogo e me preocupar com o que vem pela proa amanhã.

Fico encarando o meu prato de comida, em silêncio.

Brad e Gil conversam como se eu não estivesse à mesa com eles.

Ele está em ordem, fisicamente, Gil diz. Está em forma. Então fale alguma coisa boa na orelha dele, Brad. Diga-lhe como fazer.

O que você quer que eu diga?

Pense em alguma coisa.

Brad dá um gole na cerveja e se vira para mim. O.k., Andre. Olha aqui. É o seguinte. Eu preciso de 28 minutos de você, amanhã.

Como é?

Vinte e oito minutos. É uma analisada rápida da fita. Você pode fazer isso. Você tem cinco games para ganhar, só isso, e não deve levar mais de 28 minutos.

O tempo. A bola.

O tempo vai ficar firme.

Estão dizendo que vai chover.

Não, vai ficar bom. Basta que você nos dê 28 minutos excelentes.

Brad sabe como eu penso, como a minha cabeça funciona. Ele sabe que ordem,

especificidade, metas claras e precisas são mel para mim. Mas ele também sabe como é que o tempo vai ficar? Pela primeira vez, cruza a minha cabeça a ideia de que ele talvez não seja um treinador, mas um profeta.

De volta ao hotel, Gil e eu nos espremeмos no elevador.

Vai dar tudo certo, Gil diz.

É.

Antes de ir para a cama, ele me obriga a tomar um gole da Água do Gil.

Não quero.

Beba.

Quando estou hidratado a ponto de urinar um líquido branco como algodão, ele me deixa dormir.

No dia seguinte, estou tenso no começo do jogo. Perdendo por 1-2, no quarto set, sacando, estou atrás dois break points. Não, não, não. Batalho para chegar a iguais. Empato. Agora o set está igualado. Tendo evitado o desastre, de repente me sinto solto, feliz. Isso é tão típico nos esportes... Você fica pendurado por um fio de nada na boca de um buraco sem fundo. Fica cara a cara com a própria morte. E então o adversário, ou a vida, poupa você e você se sente tão abençoado que joga com abandono. Venço o quarto set e o jogo. Estou na final.

Olho primeiro para o Brad, que está todo alvoroçado apontando para o relógio de pulso e para o marcador digital na lateral da quadra.

Vinte e oito minutos. Em cima.

* * *

Na final, pego Andrei Medvedev, da Ucrânia, o que não é possível. Simplesmente não é possível. Há poucos meses, em Monte Carlo, Brad eu trombamos com Medvedev numa boate. Ele tinha sofrido uma derrota arrasadora naquele dia e estava bebendo para ver se esquecia a própria dor. Nós o convidamos a ficar conosco. Ele se atirou numa cadeira à nossa mesa e anunciou que estava abandonando o tênis.

Não posso mais jogar este jogo de merda, ele disse. Estou velho. Esse jogo me deixou para trás.

Eu lhe disse que parasse com aquela bobagem.

Como você tem coragem de dizer uma asneira dessas, perguntei. Olha para mim, com 29 anos, cheio de lesões, divorciado, e *você* está todo mordido, aos 24, porque te deram um baile? O teu futuro é brilhante.

O meu jogo é uma merda.

É? Então melhore.

Ele me pediu conselhos, dicas. Me pediu que analisasse o jogo dele, do mesmo modo como um dia eu tinha pedido a Brad que fizesse isso com o meu. E eu sou do estilo de Brad. Brutalmente honesto. Disse a Medvedev que ele tinha um ótimo saque, uma grande devolução e um backhand de primeira classe. O forehand não era lá seu melhor golpe, claro, o que não era segredo para ninguém, mas ele podia disfarçar, porque era grande o bastante para deslocar os adversários para o outro lado.

Sua movimentação é ótima!, gritei. Volte aos fundamentos. Permaneça em movimento, arrase com o primeiro saque e force o backhand no fundo.

Desde aquela noite, ele vem seguindo os meus conselhos ao pé da letra e tem jogado a mil.

Tem ganho uma partida atrás da outra no circuito e, neste torneio, mastigou todos os adversários. Cada vez que a gente se tromba nos vestiários, ou na área de Roland Garros, piscamos um para o outro, trocamos acenos.

Nem uma única vez imaginei que entraríamos em rota de colisão.

Portanto, Gil estava errado. Eu não estava em rota de colisão com o destino, mas com um dragão cuspindo fogo que eu mesmo tinha ajudado a criar.

Em todo lugar aonde vou, os parisienses me cercam para me desejar boa sorte. O torneio é o assunto da cidade. Nos restaurantes e cafés, nas ruas, chamam meu nome, me beijam no rosto, me incentivam a ir em frente. A história de como fui recebido pela plateia no show do Springsteen tinha chegado à imprensa. As pessoas, os jornalistas, estão todos fascinados com minha improvável campanha em Roland Garros. Todos conseguem se identificar com isso. Eles enxergam uma parte de si mesmos em meu retorno, em minha volta do mundo dos mortos.

Estamos na noite anterior à final. Estou sentado no quarto do hotel, assistindo à tv. Desligo o aparelho, vou até a janela. Estou com enjoo. Penso neste último ano, nos últimos dezoito meses, nos últimos dezoito anos. Milhões de bolas, milhões de decisões. Eu sei que esta é a minha última chance de vencer o Aberto da França, minha última chance de ganhar os quatro torneios de Grand Slam e completar o conjunto, o que significa minha cartada final para me redimir. A ideia de perder me apavora e a ideia de vencer me assusta quase o mesmo tanto. Ficarei grato? Serei digno disso? Vou poder construir algo ou deitar tudo a perder?

Além disso, Medvedev nunca está longe dos meus pensamentos. Ele tem o meu jogo. Que eu dei para ele. Tem até o mesmo nome que eu, Andrei. Vai ser Andre contra Andrei. Eu contra meu *doppelgänger*.

Brad e Gil batem à porta.

Pronto para jantar?

Seguro a porta aberta e digo que entrem por um instante.

Eles param assim que dão um passo para dentro do quarto, observando enquanto eu abro a porta do minibar. Sirvo-me de uma enorme dose de vodca. O queixo de Brad despenca quando ele me vê beber aquilo tudo de um gole só.

Mas que merda você acha...? Estou tão nervoso que estou passando mal, Brad. Não consegui engolir nada, o dia inteiro. Preciso comer, e a única maneira de fazer isso é se eu ficar menos tenso.

Não se preocupe, Gil diz para Brad. Ele está bem.

Depois do jantar, quando estou de volta ao quarto, tomo um remédio para dormir e me enfio na cama. Telefono para J.P. e ele me diz que ali onde está é o início da tarde.

Que horas são aí?

Tarde, muito tarde.

Como você está se sentindo?

Por favor, *por favor*, fale comigo um pouco sobre qualquer coisa menos tênis.

Você está legal?

Tudo menos tênis.

Tá certo. Bom. Olha só. Que tal eu ler um poema para você? Ultimamente tenho lido muita poesia.

Sim. Bom. Tanto faz.

Ele vai até a estante, pega um livro e começa a ler suavemente.

> Embora muito seja tirado, muito permanece; e embora
> Agora não sejamos a força que no passado
> Movimentava céus e terra, o que somos, somos;
> Uma mesma têmpera de heroicos corações,
> Enfraquecidos pelo tempo e pelo destino, mas fortes na vontade
> De lutar, buscar, encontrar e não se entregar.

Adormeço sem nem desligar o telefone.

Gil bate à minha porta, vestido como se fosse se encontrar com De Gaulle. Está com aquele belo paletó preto esporte, as calças pretas vincadas, o chapéu preto. E está usando o colar que dei para ele. Eu estou com o brinco que combina. Pai, Filho, Espírito Santo.

No elevador ele diz: Vai dar tudo certo.

Vai.

Mas não está tudo bem. Eu sinto durante o aquecimento. Estou encharcado de suor. Estou suando como se estivesse indo de novo para o altar, me casar. Estou num tal estado de nervos que meus dentes batem de fazer barulho. O sol está forte no céu, o que deveria me deixar feliz, porque a bola vai ficar mais seca e mais leve. Mas o calor do dia também está fazendo com que eu sue muito mais.

Quando o jogo começa, sou só uma pilha de nervos encharcada de suor. Cometo erros idiotas, erros de principiante, todas as espécies de erros e merdas que alguém pode fazer numa quadra de tênis. Em apenas dezenove minutos, perdi o primeiro set por 6-1. Do seu lado, Medvedev não poderia parecer mais tranquilo. E por que não? Está fazendo tudo o que se esperaria que fizesse. Tudo. Eu disse para ele fazer isso, lá em Monte Carlo. Ele está ditando o ritmo, movimentando-se com total agilidade, encaixando os golpes de backhand no fundo, onde bem entende. Está fazendo um jogo meticuloso, preciso, impiedoso. Se dou um passo para dentro da quadra, se tento ganhar um ponto avançando para a rede, ele me passa com uma cruzada de backhand.

Ele está com um short xadrez, como se estivéssemos na praia e, a bem da verdade, ele mais parece estar curtindo um dia na Riviera. Está cheio de energia, vigoroso, em férias. Ele dá a impressão de que poderia ficar aqui dias e dias seguidos, sem se cansar.

No início do segundo set, surgem nuvens escuras no céu. De repente cai uma chuvinha leve. Centenas de guarda-chuvas se abrem nas arquibancadas. O jogo é interrompido. Medvedev vai apressado para o vestiário, e eu também.

Não há ninguém aqui. Ando para cima e para baixo. Pingos d'água caem de alguma torneira. Esse som ecoa nas portas metálicas dos armários ali dentro. Sento-me num banco, suando, olhando para um armário aberto.

Brad e Gil chegam. Brad, usando uma jaqueta branca e chapéu branco, num contraste absoluto com Gil, todo de preto, bate a porta com toda a força e berra: Mas que merda está acontecendo?

Ele é bom demais, Brad. Simplesmente bom demais. Não consigo ganhar dele. Este maldito de quase 1,95 metro está sacando como um alucinado, não erra um. O serviço dele está acabando comigo, não alcanço o backhand dele, e não consigo igualar os pontos quando ele

está sacando. Não sei como.

Brad não abre a boca. Lembro de Nick, nessa mesma situação, sem abrir a boca, durante o intervalo por causa da chuva, quando perdi para o Courier, há oito anos. Algumas coisas não mudam mesmo. O mesmo torneio escorregando pelo meio dos meus dedos, a mesma sensação de enjoo, a mesma reação grosseira do meu treinador.

Eu berro com Brad: Você está de brincadeira comigo? Vai escolher justo este momento, de todos os momentos possíveis, para resolver não falar nada? Justamente *agora* é que você resolveu finalmente calar a sua maldita boca?

Ele me olha fixamente. Então começa a esbravejar. Brad, aquele que jamais levanta a voz com *ninguém*, perde o controle.

O que você quer que eu diga, Andre? O que é que você quer que eu *diga*? Você já me disse que ele é bom demais. E como é que você poderia realmente saber? Você não pode saber como ele está jogando! Você está tão perdido lá na quadra, tão cego de medo, tão em pânico, que fico até surpreso que consiga ver o cara. Bom demais? É você que está *fazendo* ele parecer tão bom.

Mas...

Basta que você se solte. Se é para perder, pelo menos perca fazendo o seu próprio jogo. Bata naquela porra daquela bola!

Mas...

E se não tiver certeza de onde bater, te dou uma ideia. Bata lá mesmo onde ele está colocando as bolas dele. Se ele encaixar um backhand cruzando a quadra toda, você faz a mesma coisa, só que um pouco melhor. Você não tem que ser melhor do que o mundo todo, lembra? Só tem que ser melhor do que *um* sujeito. Ele não tem um único golpe que você também não tenha. Foda-se o saque dele. Você vai quebrar o saque dele quando começar a encaixar as tuas bolas. Bata na bola, só isso. Se você perder, paciência. Eu aguento viver com isso, mas vamos perder do nosso jeito. Nos últimos treze dias, eu vi você acertar as bolas no fundo. Vi você arrasar, sob pressão, liquidar os caras. Por isso, pelo amor de Deus, pare de sentir pena de você mesmo, pare de me dizer que o sujeito é bom demais e pelo amor de Deus pare de tentar ser perfeito! Apenas bata na bola. Obrigue o cara a ter trabalho com você. Obrigue *ele* a te sentir na quadra. Você não está se mexendo. Não está batendo na bola. Pode até achar que sim, mas ouça o que te digo, você só está lá, paradão. Se é para ir para o buraco, tudo bem, vá para o buraco, mas só depois de ter gasto toda a munição. Sempre, sempre, sempre, caia, mas caia atirando com tudo.

Ele abre a porta de um armário e bate com toda a força. A porta vem e vai, volta e se fecha e fica trancada.

O “árbitro geral” aparece.

De volta à quadra, senhores.

Brad e Gil saem do vestiário. Reparo que, ao se aproximarem para passar pela porta, Gil dá um rápido e disfarçado tapinha nas costas de Brad.

Eu caminho lentamente de volta à quadra. Temos alguns breves minutos de aquecimento e depois recomeçamos a partida. Eu já me esqueci da contagem. Tenho de olhar para o placar para me lembrar. Ah, é mesmo. Estou na frente, 1-0, no segundo set. Mas o serviço é de Medvedev. Mais uma vez volta-me a lembrança da final contra Courier, em 1991, quando a interrupção causada pela chuva quebrou o meu ritmo de jogo. Talvez desta vez eu possa dar o

troco. Carma de tênis. Talvez, do mesmo jeito como aquela parada por causa da chuva me confundiu, esta sirva para me ajudar.

Medvedev, de sua parte, está contando com seu carma ucraniano. Ele retoma exatamente de onde parou, volta a fazer muita pressão e me força o tempo todo a recuar e ficar num jogo defensivo, que não é o meu jogo. Agora o dia ficou intensamente nublado, úmido, e essas condições atmosféricas parecem deixar Medvedev ainda mais forte. Ele gosta de um ritmo cadenciado. É um elefante irado, aproveitando bem o tempo, com calma, me esmagando sob suas patas. No primeiro game após a interrupção, ele dá um saque que voa a 192 quilômetros por hora. Em segundos, fica 1-1.

Em seguida, ele quebra o meu saque. Depois ele confirma o dele, quebra o meu de novo e fecha o segundo set com um memorável 6-2.

No terceiro, cada um ganha o próprio saque em seguida, nos primeiros cinco games. De repente, pela primeira vez na partida, eu quebro o dele. E fico na frente, 4-2. Ouço o público exclamar de surpresa e admiração.

Mas Medvedev quebra o meu serviço em seguida. Ganha o game com o dele e empata o set em 4-4.

O sol reaparece. Está brilhando com força e o saibro começa a secar. O ritmo do jogo se acelera consideravelmente. Estou sacando e, em 15 iguais, temos uma troca alucinada de bolas que eu acabo ganhando, depois de um lindo voleio de backhand. Agora, em 30-15, ouço Brad berrando para que eu olhe para a bola, bata na bola. Ela sai voando. Perco o primeiro serviço, solto um grito muito forte. Fora. Depressa, saco de novo. Fora. Dupla falta. 30 iguais.

Pronto. Era isso o que eu queria? Está aí. Eu vou mesmo perder. Medvedev está agora a meros seis pontos do título. Mas eu vou perder jogando como Brad disse, do meu jeito.

Meu saque. O primeiro, fora. Teimoso como uma mula, me recuso a aliviar um mínimo que seja no segundo. Fora de novo. Duas duplas faltas em seguida.

Agora está 30-40. Break point. Caminho em círculos, apertando os olhos, prestes a romper em lágrimas. Preciso me controlar, de verdade. Coloco o pé na linha, lanço a bolinha no ar e erro outro saque. Agora, já são cinco saques que eu perco em seguida. Estou desmoronando. Só falta mais um saque errado para ele servir para o jogo, em busca do título do Aberto da França.

Ele se inclina para a frente, pronto para neutralizar meu segundo serviço. Gente que volta do mundo dos mortos, como eu, sempre é capaz de adivinhar o que se passa na cabeça do adversário, e Medvedev sabe que o meu emocional está em frangalhos depois de eu ter perdido cinco saques em seguida. Portanto, com alguma medida de certeza, ele está achando que eu não tenho mais coragem para ser agressivo. Ele está esperando que o meu saque seja mole e colocado. Ele acha que eu não tenho outra escolha. Ele vem para dentro, avançando razoavelmente desde a linha de fundo, o que é para mim a mensagem de que está prevendo uma bolinha fácil, que vai me fazer engolir com terra e tudo com um winner de devolução. A expressão no rosto dele é inequívoca: vá adiante, maldito. Seja agressivo. Se tiver coragem.

Este é o momento crucial para nós dois. Este é o momento decisivo da partida, talvez até das nossas próprias vidas. É o instante em que é testada a vontade, a coragem, a virilidade. Jogo a bola no ar e me recuso a afinar. Contrariando a expectativa de Medvedev, meu saque é duro, agressivo e dirigido ao backhand dele. A bola bate no chão de um jeito torto, que derrapa, ele se estica todo e devolve uma paulada no meio da quadra. Ataco com um forehand,

enfiando a bola atrás de onde ele está, mas ele chega lá e me devolve a bola no meu backhand, bem baixa. Todo dobrado, rebato com um voleio meio estranho de forehand que pega na linha, ele rebate de volta rente à rede e então eu devolvo com um toque muito leve, uma curtinha mortal, um winner numa bola assim tão curta.

Faço o game no meu saque.

Enquanto saio andando para a minha cadeira, sinto que meus passos quase saltitam. A plateia entra em delírio. O pique não diminuiu, mas se encolheu para ele. Era o momento do Medvedev, e ele não aproveitou. E eu vejo que está na cara dele que ele também sabe disso.

Allez, Agassi! Allez!

Um game dos bons, eu penso. Jogue um só game dos bons e você vai ganhar o set e, então, pelo menos você pode sair da quadra com a cabeça erguida.

O vento soprou e as nuvens se afastaram. O sol secou o saibro, ele ficou duro de novo, e o ritmo agora está rápido como um relâmpago. Flagro Medvedev dando uma espiadinha aflita para o céu, quando voltamos para nossos lugares na quadra. Ele quer que as nuvens de chuva voltem. Ele não quer aquele sol de rachar de jeito nenhum. Está começando a suar. As narinas dele vibram. Parece um cavalo – um dragão. *Você pode derrotar o dragão.* Sacando, ele está atrás, em 0-40. Quebro o serviço dele e levo o terceiro set.

Agora o jogo fica do meu jeito. Faço o cara correr de um lado para o outro, bato na bola sem dó. Faço tudo o que o Brad me aconselhou. Medvedev está um passo atrás, visivelmente desconcentrado. Ele teve muito tempo para pensar que estava vencendo a partida. Faltavam só cinco pontos. Cinco pontos. E isso está atormentando a cabeça dele. Ele está repetindo isso sem parar, fica ouvindo na cabeça dele. *"Estava tão perto. Eu estava lá. Na fita de chegada!"* Ele está vivendo o passado e eu estou no presente. Ele está pensando. Eu estou sentindo. Não pense, Andre. Bata *mais forte*.

No quarto set, quebro o serviço dele de novo. Então entramos numa briga das boas. Apresentamos, os dois, um tênis de alto nível, consistente, correndo muito, bufando, enterrando as bolas sem piedade. Este set pode ser de qualquer um dos dois. Mas tenho uma nítida vantagem, uma arma secreta que posso usar a qualquer momento em que precise ganhar um ponto: meu jogo de rede. Tudo o que estou fazendo na rede está dando certo e isso evidentemente está perturbando Medvedev, mexendo com a cabeça dele. Ele parece nervoso, quase paranoico. Se eu só finjo que vou chegar à rede, ele se retrai. Eu salto, ele recua.

O quarto set é meu.

Logo no começo do quinto, eu quebro o serviço dele e faço 3-2. Está acontecendo. Está virando. Aquilo que deveria ter sido meu em 1990, em 1991 e em 1995 está voltando para mim, de novo. Estou em vantagem, 5-3, 15-40, ele sacando. Tenho dois match points. Preciso ganhar isto aqui *agora*, ou vou ter de sacar para o jogo, e isso eu não quero. Se eu não ganhar já o jogo, posso acabar não ganhando mais. Se eu não ganhar esta partida neste momento, vou ficar na mão do Medvedev e agoniado por ter perdido a chance, depois de ter chegado tão perto. Se eu não ganhar isto aqui agora, vou ter de lembrar do Aberto da França quando for velhinho, me embalando numa cadeira de balanço, resmungando por causa do Medvedev com aquela mantinha xadrez cobrindo meus joelhos. Já fiquei obcecado por causa deste torneio nos últimos dez anos. Não vou aguentar a ideia de continuar obcecado por causa dele durante os próximos oitenta. Depois de toda a luta e de tanto suor, depois deste retorno improvável, deste campeonato milagroso, se eu não ganhar esta coisa agora nunca mais serei feliz, realmente

feliz. E o Brad terá de ser internado num hospício. A fita de chegada está tão perto que até já posso beijá-la. *Ela está me puxando, eu sinto isso*.

Medvedev quebra os meus dois match points. Por ora, afasta o espectro da morte. Estamos novamente empatados. Mas eu ganho o ponto de novo. Outro match point.

E então eu grito para mim mesmo: Agora, *agora*, ganhe isto aqui agora.

Mas ele vence o ponto seguinte, e então o game.

A troca de lados leva uma eternidade. Enxugo o rosto na toalha. Olho para Brad, esperando ver um ar de desconsolo, do tamanho do meu. Mas a cara dele é de determinação. Ele levanta quatro dedos. *Quatro pontos mais*. Quatro pontos que vão significar quatro Slams. *Vamos! Força!*

Se é para eu perder este jogo, se estou fadado a conviver com um remorso que vai me corroer até o fim, que não seja porque eu não fiz o que o Brad recomendou. Eu escuto a voz dele na minha orelha: Vá à fonte.

A fonte é o forehand do Medvedev.

Voltamos para a quadra. Eu vou bater tudo no forehand dele, e ele sabe que vou fazer isso. No primeiro ponto, ele está tenso, hesita numa bola que chega perto da linha e devolve na rede.

O segundo ponto é dele, porém, quando devolvo um backhand na rede.

De repente, reencontro o meu saque. Do nada, eu desencanto um primeiro serviço que ele não aguenta. Com um forehand cansado, a bola voa longe. No próximo saque, eu bato mais forte e ele devolve um forehand na rede.

Estamos no ponto do campeonato. Metade da multidão grita o meu nome e a outra metade clama por silêncio. Solto uma bomba fulminante no primeiro serviço e, quando Medvedev dá um passo para o lado e tenta rebater com um movimento desajeitado, acabo me tornando a segunda pessoa a saber que venci o Aberto da França. A primeira foi o Brad. E o Medvedev, a terceira. A bola dele voa muito além da linha de fundo. Uma das maiores alegrias da minha vida foi assistir àquela bola pingando no chão.

Ergo os braços e a minha raquete cai no saibro. Estou chorando. Esfregando a cabeça. Arrebatado pela sensação maravilhosa que é aquela. Ganhar não é para causar um sentimento tão espetacular. Ganhar nunca é para ser tão bom. Mas é, é mesmo, e eu não consigo me controlar. Estou explodindo de felicidade, grato a Brad, a Gil, a Paris – até a Brooke e a Nick. Se não fosse por Nick eu não estaria aqui. Se não fossem todos os altos e baixos com Brooke, toda a infelicidade e todo o sofrimento dos últimos tempos, isto agora não teria sido possível. Consigo até reservar uma dose de gratidão por mim mesmo, por todas as boas e más escolhas que me trouxeram até este momento.

Saio da quadra jogando beijos para todos os lados, o gesto mais sincero que posso pensar em fazer para expressar toda a gratidão que brota do meu coração e lateja em todo o meu corpo, uma emoção que eu sinto como se fosse a mãe de todas as outras. Juro para mim mesmo que, daqui por diante, eu sempre vou fazer isso, perdendo ou ganhando, sempre que sair de uma quadra de tênis. Vou jogar beijos para todos os lados, pelos quatro cantos da Terra, agradecendo a todo mundo.

Fazemos uma pequena comemoração num restaurante italiano, o Stressa, no centro de Paris, perto do Sena, perto do local onde dei a Brooke a pulseira de tênis. Estou tomando champanhe

dentro do meu troféu. Gil está bebendo uma Coca e fisicamente é incapaz de não sorrir. A todo momento ele coloca a mão sobre a minha – pesa como um dicionário – e diz: Você conseguiu.

A gente conseguiu, Gilly.

McEnroe está ali. Ele me entrega um telefone e diz: Tem alguém que quer te dar um alô.

Andre? Andre! Parabéns! Fiquei muito feliz vendo você hoje à noite. Eu te invejo.

Borg.

Inveja? Por quê?

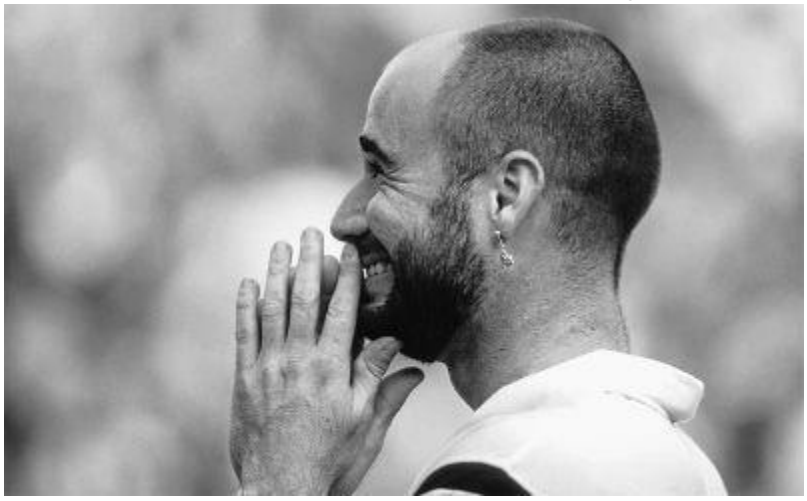
Por fazer o que tão poucos de nós fizeram.

O sol está nascendo quando Brad e eu andamos de volta para o hotel. Ele coloca o braço em volta dos meus ombros e diz: A estrada acabou do jeito certo.

Como assim?

Ele diz: Normalmente na vida, a estrada acaba do pior jeito possível. Mas, desta vez, terminou do jeito certo.

Envolvo Brad com os meus braços. Essa foi uma das pouquíssimas coisas a cujo respeito o profeta se enganou, em todo este mês. A estrada está só começando.



Segundos após derrotar Andrei Medvedev e arrebatar o Aberto da França de 1999.

Capítulo 23

No Concorde, no caminho de volta para Nova York, Brad me diz que é o destino, o *destino*. Ele já tomou algumas cervejas.

Você ganhou o Aberto da França de 1999 da chave masculina, ele diz. E quem foi que por acaso venceu na chave feminina? Quem? Diga para mim.

Eu abro um sorriso.

É isso mesmo. Steffi Graf. É o destino vocês dois acabarem juntos. Só duas pessoas na história ganharam todos os quatro Slams e uma medalha de ouro: você e Steffi Graf. O Golden Slam. Vocês dois estão predestinados a se casar.

Inclusive, ele prossegue, faço a seguinte previsão. Ele pega um folheto promocional do Concorde, desses que ficam na bolsa do assento à sua frente, e anota no canto direito, no alto da folha: *2001 – Steffi Agassi*.

E o que isso quer dizer?

Que vocês dois vão se casar em 2001. E terão seu primeiro filho juntos em 2002.

Brad, ela tem namorado. Esqueceu?

Depois das duas semanas que você acaba de viver, vai me dizer que alguma coisa é impossível?

Bom, te digo isto. Agora que ganhei o Aberto da França, me sinto um pouquinho mais... não sei. Digno?

É isso aí. Agora você está falando coisa com coisa.

Eu não acredito que as pessoas sejam predestinadas a vencer torneios de tênis. Predestinadas a se unir, pode ser, mas não predestinadas a conseguir mais winners e aces do que o adversário. Apesar disso, reluto um pouco em duvidar de qualquer coisa que Brad diga. De modo que, só por garantia, e porque eu gosto do som, acabo rasgando o pedacinho daquele folheto onde ele escreveu sua última profecia e guardo no meu bolso.

Passamos os cinco dias seguintes em Fisher Island, entre recuperação e celebrações. Principalmente, celebrações. A festa cresce. A esposa de Brad, Kimmie, vem de avião. J.P. e Joni também. Tarde da noite ligamos o som e ficamos ouvindo vezes e vezes seguidas Sinatra cantando “That’s life”, enquanto Kimmie e Joni dançam como go-go girls em cima da mesa e da cama.

Então uso as quadras de grama do hotel. Bato bola com Brad vários dias seguidos, e tomamos um avião para Londres. A meio caminho, sobrevoando o Atlântico, lembro que vamos chegar no mesmo dia do aniversário de Steffi. Que chances eu tenho de me encontrar com ela? E se isso acontecer? Seria muito legal poder dar alguma coisa para ela.

Olho para Brad, que dorme. Eu sei que ele vai querer sair do aeroporto direto para as quadras de treino de Wimbledon, portanto não teremos tempo para parar numa papelaria. Preciso criar um cartão de aniversário agora. Mas com o quê?

Reparo que o cardápio entregue aos passageiros da primeira classe é bem bonito. Na capa tem uma foto de uma igreja no campo, sob uma fatia da Lua. Junto duas capas para fazer um cartão só, e na parte de dentro escrevo: *Querida Steffi, eu queria aproveitar a oportunidade para te desejar um feliz aniversário. Você deve estar muito orgulhosa. Parabéns pelo que*

eu sei que é só uma fatia daquilo que você ainda tem pela frente.

Faço furinhos nos dois cardápios; agora só preciso de alguma coisa para que as duas partes fiquem juntas. Pergunto à comissária de bordo se ela tem algum barbante ou fita. Talvez alguma coisa com brilho? Ela me arruma um pouco de ráfia, que vinha enrolada no gargalo de uma garrafa de champanhe. Com todo o cuidado, passo o fio pelos furinhos. A sensação é de estar encordoando uma raquete.

Quando o cartão fica pronto, acordo Brad e mostro para ele meu trabalho artesanal.

Habilidades do Velho Mundo, digo.

Ele esfrega o olho com um dedo dobrado, aprova com um movimento de cabeça. Você só precisa de um olhar, ele diz. Uma abertura. Guardo o cartão na minha sacola de tênis e espero.

Existem três níveis de quadras de treino em Aorangi Park, o setor específico para isso em Wimbledon. É como uma montanha em patamares, um templo asteca de quadras de tênis. Brad e eu batemos bola na camada média, durante uma hora e meia. Quando terminamos, guardo minhas coisas calmamente na sacola, como sempre faço. É difícil a gente se reorganizar depois de um voo transatlântico. Estou arrumando tudo com cuidado, tornando a arrumar, enfiando a camiseta molhada num saco plástico, quando Brad começa a cutucar o meu ombro.

Cara, ela está vindo, ela está vindo.

Ergo a cabeça como um setter irlandês. Se eu tivesse rabo, estaria abanando. Ela está a mais ou menos trinta metros, vestida com calças azuis justas, de um tecido próprio para treino. Reparo, pela primeira vez, que ela caminha como eu, com os pés ligeiramente voltados para dentro. Seu cabelo loiro está amarrado num rabo de cavalo e brilha ao sol. Mais uma vez, é como um halo de luz.

Eu me aprumo e nos cumprimentamos com aquele par de beijos no rosto, à europeia.

Parabéns pelo Aberto da França, ela diz. Fiquei muito feliz por você. Fiquei com lágrimas nos olhos.

Eu também.

Ela sorri.

E parabéns para você também, digo. Você abriu o caminho. Aqueceu a quadra para mim.

Obrigada.

Silêncio.

Felizmente, não há fãs nem fotógrafos por perto, então ela parece descontraída, sem pressa. Também me sinto estranhamento relaxado. Já Brad fica fazendo uns barulhinhos estridentes, como um balão de gás soltando o ar devagarzinho.

Ah, eu digo. Acabo de me lembrar. Tenho um presentinho para você. Eu sabia que é seu aniversário, então fiz um cartão. Feliz aniversário.

Ela pega o cartão, fica olhando para ele durante vários segundos e depois ergue os olhos, comovida.

Como você sabia que é meu aniversário?

Sabendo...

Obrigada, ela diz. De verdade.

E se afasta em passos rápidos.

No dia seguinte, ela está saindo das quadras de treino bem na hora em que Brad e eu chegamos. Desta vez há enormes grupos de fãs e repórteres por todo lado, e ela parece muito

incomodada. Ela se demora, faz um meio aceno na nossa direção e num sussurro teatral me pergunta: Como te encontro?

Vou dar o meu telefone para o Heinz.

O.k.

Tchau.

Tchau.

Depois do treino, Perry, Brad e eu nos instalamos na casa que alugamos, para conversar sobre quando ela vai telefonar.

Logo, Brad diz.

Muito em breve, Perry diz.

O dia passa sem que o telefone toque.

O dia seguinte também.

Estou agoniado. Wimbledon começa na segunda e não consigo dormir, não consigo pensar. O remédio para dormir não adianta nada neste nível de ansiedade.

É melhor ela telefonar logo, Brad diz, senão você vai perder na primeira rodada.

Sábado à noite, logo após o jantar, o telefone toca.

Alô?

Olá, é a Stefanie.

Stefanie?

Stefanie.

Stefanie... Graf?

Sim.

Ah, você se chama Stefanie?

Ela explica que a mãe começou a chamá-la Steffi há alguns anos, e aí a imprensa ficou sabendo e começou a chamá-la assim. O nome pegou. Mas, para ela, é Stefanie.

Então será Stefanie, eu digo.

Enquanto converso com ela, fico deslizando pela sala de estar aproveitando que estou com meias de treino. Fico indo e vindo pelo chão de madeira em cima de um skate invisível. Brad fica aflito e me pede para parar, para eu me sentar. Ele tem certeza de que vou quebrar a perna ou torcer o tornozelo. Acabo me acalmando e fico só deslizando como os esquiadores na grama, traçando um grande círculo pela sala toda. Ele sorri e diz para Perry: Vamos ter um bom torneio. Vai ser um *bom* Wimbledon.

Psiu, digo para ele.

Então me tranco no quarto dos fundos.

Ouça, digo para Stefanie, lá em Key Biscaine, você disse que não queria nenhum mal-entendido comigo. Bom, eu também não quero mal-entendidos com você. Por isso, eu preciso te dizer, eu só preciso dizer, antes de continuarmos conversando, que eu acho você *maravilhosa*. Eu te respeito, te admiro e simplesmente adoraria poder te conhecer melhor. É esse o meu objetivo. Minha única intenção. É o que está na minha cabeça. Diga que isso é possível. Diga que podemos sair para jantar.

Não.

Por favor.

Não é possível, não aqui.

Não aqui. O.k. Podemos ir a algum outro lugar?

Não. Tenho namorado.

Penso: o namorado. Ainda. Li a respeito dele. Piloto de carros de corrida. O mesmo namorado há seis anos. Tento criar alguma coisa inteligente para falar, alguma maneira de lhe dizer que se abra para a *possibilidade* de estar comigo. Diante de um silêncio que já está se tornando incomodamente longo, o momento praticamente se dissipando, a única coisa que me ocorre é isto:

Seis anos é muito tempo.

Sim, ela diz, é mesmo.

Se vocês não estão indo em frente, estão indo para trás. Eu já vivi isso.

Ela não abre a boca. Mas é o jeito como ela fica calada. Toquei num ponto sensível.

Continuo. Isso não pode ser exatamente aquilo que você está buscando. Quer dizer, não estou querendo supor nada, mas...

Seguro o ar. Ela não me contradiz.

Eu continuo: Não quero ser desrespeitoso, nem tomar liberdades, mas, será que por favor, de repente, talvez você poderia só, não sei, só me *conhecer*?

Não.

Café?

Não posso estar em público com você. Isso não seria correto.

E cartas? Posso te escrever?

Ela ri.

Posso mandar coisas para você? Posso fazer com que você me conheça um pouco antes de resolver se quer me conhecer?

Não.

Nem mesmo por carta?

Tem uma pessoa que lê a minha correspondência.

Entendo.

Agora estou batendo a mão em punho na testa. Pense, Andre, *pense*.

Então digo, O.k., escute, tive uma ideia. Seu próximo torneio será em São Francisco. Eu vou estar lá, treinando com Brad. Você disse que adora São Francisco. Vamos nos encontrar lá.

Isso é... possível.

Isso é... *possível*?

Espero que ela explique melhor. Ela se cala.

Então eu posso te telefonar ou você prefere me ligar?

Telefone para mim depois que o campeonato terminar, ela diz. Nós dois vamos jogar, e você me liga quando o torneio acabar.

E me dá o número do celular. Anoto num guardanapo de papel, que beijo e coloco na minha sacola de tênis.

Avanço até a semifinal e meu adversário será Rafter. Venço em três sets seguidos. Nem preciso imaginar quem está me esperando na final. É Pete. Como sempre, Pete. Vou caminhando aos trancos e barrancos até em casa, na minha cabeça vejo em sequência banho, comida, cama. O telefone toca. Estou certo de que é Stefanie, para me desejar boa sorte contra Pete, confirmando que nos veremos em São Francisco.

Mas é Brooke. Está em Londres e pergunta se pode vir me ver.

Assim que desligo e me viro, Perry está ali, a centímetros da minha cara.

Andre, pelo amor de Deus, me diz que você respondeu "não". Por favor, me diz que você não vai deixar aquela mulher entrar aqui.

Ela vem, sim. De manhã.

Antes da sua final de Wimbledon?

Não tem problema.

Ela chega às dez, com um imenso chapéu inglês, dotado de aba mole e um arranjo de flores de plástico. Rapidamente, mostro a casa para ela. Fazemos comparações com as casas que ela e eu costumávamos alugar, naqueles tempos. Pergunto se ela gostaria de beber alguma coisa.

Você tem algum tipo de chá?

Claro.

Ouço Brad tossindo no quarto ao lado. Eu sei muito bem o que aquela tossinha quer dizer. É a manhã da final. O atleta jamais deve mudar sua rotina na manhã de uma final. Todos os dias tomei café, durante aquele torneio. Devia estar tomando café agora.

Mas quero ser um bom anfitrião. Faço chá e vamos tomá-lo acomodados, sentando-nos à mesa perto da janela da cozinha. Conversamos sem realmente dizer nada. Pergunto se ela quer me dizer alguma coisa em especial. Ela sente a minha falta, é o que queria dizer.

Ela repara numa pilha de revistas no canto da mesa, exemplares de uma *Sports Illustrated* recente. Estou na capa. A manchete diz *Suddenly Andre* [De repente, Andre]. (De repente estou começando a detestar a palavra *de repente*.) Os organizadores do torneio me mandaram, explico. Querem que eu autografe para distribuir entre os fãs, os organizadores e a equipe de Wimbledon.

Brooke pega uma revista e fica olhando atentamente para a minha foto. Observo-a enquanto ela examina a capa. Penso naquele dia, há treze anos, sentado com Perry no quarto dele, embaixo de centenas de capas da *Sports llustrated*, sonhando com Brooke. Agora ela está aqui, estou na capa da mesma revista, Perry é um ex-produtor do programa de tv dela, e todos nós mal nos falamos.

Ela lê a manchete em voz alta. De repente, Andre. Repete: De repente, Andre?

E levanta os olhos. Oh, Andre.

Que foi?

Oh, Andre. Sinto *muito*.

Por quê? Aqui está, seu grande momento, e eles ficam falando de *mim*.

* * *

Stefanie também está na final. Ela perde para Lindsay Davenport. Também tinha entrado em duplas mistas com McEnroe, tinham chegado à semifinal, mas ela desistiu, parou por causa de um problema na panturrilha. Estou no vestiário, me arrumando para o jogo com Pete, e McEnroe está falando para um grupo de jogadores como Stefanie largou ele na mão.

Ele está dizendo: Vocês conseguem acreditar nessa desgraçada? Ela me pede para jogar dupla mista e, porra, então eu concordo e aí quando a gente chega à semifinal ela dá para trás?

Brad firma a mão no meu ombro. Fica frio, campeão.

Começo o jogo com Pete pegando pesado. Minha cabeça voa em diversas direções ao mesmo tempo – como aquele Mac ousa dizer uma coisa dessas de Stefanie? E qual era a de

Brooke usando aquele chapelão? – mas, de algum jeito, meu jogo está saindo consistente, rente. Estamos em 3-3 no primeiro set, saque do Pete, ele tem 0-40. Triplo break point. Vejo Brad sorridente, socando Perry, gritando, *Vamos! Força!* Acabo me lembrando de Borg, a última pessoa a vencer o Aberto da França e Wimbledon em seguida, um feito que agora está ao meu alcance.

Penso em Borg me telefonando de novo para me dar parabéns. Andre? Andre, sou eu, Björn. Te invejo, cara.

Pete me desperta do devaneio. Um saque indefensável. Outro saque indefensável. Uma mancha no ar. Ace. Game, Sampras.

Olho para Pete, estarrecido. Nenhum ser, vivo ou morto, já sacou daquele jeito um dia. Ninguém na história do campeonato teria sido capaz de devolver aqueles saques.

Ele liquida comigo em três sets a zero, acabando o jogo com dois aces, dois pontos contundentes de exclamação para concluir um desempenho inteiramente impecável. É o primeiro jogo que eu perco, num Slam, nas últimas catorze partidas, uma sequência de vitórias quase inédita na minha carreira. Mas a história deixará registrado que esta é a sexta vez que Pete leva Wimbledon, seu décimo segundo título em Slams no geral, o que o coloca entre os maiores jogadores de todos os tempos – merecidamente. Depois, Pete me diz que nunca me viu bater na bola com tanta força, em golpes tão limpos, quanto naqueles primeiros seis games, o que o obrigou a jogar ainda mais, acelerando o seu segundo serviço em pelo menos mais quarenta quilômetros por hora.

No vestiário, me fazem passar pelo teste antidoping. Quero mais que tudo no mundo urinar e correr de volta para casa e ligar para Stefanie, mas não posso, porque tenho uma bexiga de baleia. Aquilo dura uma eternidade. Finalmente, minha bexiga resolve dar uma força para o meu coração.

Solto a sacola no chão, ainda perto da porta, e corro para o telefone como se fosse pegar a deixadinha da minha vida. Os dedos tremem. Disco. Cai direto na secretária eletrônica. Deixo um recado. Olá, é o Andre. O torneio acabou. Perdi para o Pete. Sinto muito você ter perdido para a Lindsay. Ligue assim que puder.

Sento. Espero. O dia passa. Sem telefonema. Mais um dia. Sem telefonema.

Seguro o telefone bem diante do nariz e ordeno: Toque!

Ligo para ela de novo, deixo outro recado. Nada.

Volto para a costa oeste. Assim que saio do avião, vejo se há algum recado no celular. Nada.

Vou para Nova York, participar de um evento beneficente. Ouço os recados do celular a cada quinze minutos. Nada.

J.P. vem me encontrar em Nova York. Vamos para a cidade. P. J. Clarke's e Campagnola. Uma alvoroçada ovação, assim que entramos. Vejo meu amigo Bo Dietl, um policial que virou celebridade da tv. Está sentado à mesa, uma mesa grande, junto com sua turma: Mike, o russo, Shelly, o alfaiate, Al Tomatoes e Joey Tampas e Panelas. Insistem para que sentemos com eles.

J.P. pergunta a Tampas e Panelas como foi que ficou com esse apelido.

Amo cozinhar!

Mais tarde, é uma gargalhada geral quando toca o celular do Joey. Ao abrir para atender, ele grita *Tampas!*

Bo diz que vai dar uma festa em Hamptons, neste fim de semana. Insiste para J.P. e eu irmos. Tampas vai cozinhar, ele diz. Diz a ele de qual comida você mais gosta, seja qual for, e ele prepara. Aquilo me faz lembrar as antigas quintas-feiras na casa de Gil, há nem sei quanto tempo.

Digo a Bo que não perderemos isso por nada.

O pessoal que está na casa de Bo lembra um encontro do elenco de *GoodFellas* com *Forrest Gump*. Ficamos em volta da piscina, fumando charuto, bebendo tequila. De vez em quando, tiro o número de Stefanie do bolso e estudo o pedacinho de papel. A certa altura, entro na casa de Bo e disco o número dela a partir do telefone fixo dele – de repente, ela está evitando o meu número. Direto na caixa postal.

Frustrado, inquieto, bebo mais umas três ou quatro margaritas, depois tiro a carteira e o celular do bolso, coloco numa cadeira e vou dar uma bomba na piscina, ainda todo de roupa. Todo mundo entra na brincadeira. Mais ou menos uma hora depois, vejo se há recado na minha caixa postal. Você tem *uma* nova mensagem.

Por algum motivo, o meu celular não tocou.

Oi, ela diz. Desculpe não ter ligado para você de volta. Fiquei bem doente. Meu corpo não aguentou mais, depois de Wimbledon. Tive de sair rapidamente de São Francisco, e voltar para casa, na Alemanha. Mas agora já estou melhor. Ligue de volta para mim quando puder.

Ela não deixa nenhum número, claro, porque já me deu o do celular dela.

Procuro nos meus bolsos. Onde foi que coloquei aquele número?

Meu coração para. Lembro que o anotei num guardanapo de papel, que estava no meu bolso quando caí na água. Afobado, enfio a mão no fundo do bolso e tiro o papelzinho de lá de dentro. Está completamente desmilinguido.

Lembro de ter ligado para Stefanie uma vez, do telefone fixo de Bo. Pego Bo pelo braço, e digo que, custe o que custar, seja lá o favor que ele precisar pedir, quem ele precisar pagar, intimidar ou matar, eu não quero nem saber, eu cuido depois, mas ele tem de me arrumar a relação dos telefonemas feitos hoje da linha fixa dele. E tem de ser *agora*.

Fácil, Bo diz.

Ele liga para um cara que tem um camarada cujo melhor amigo tem um primo que trabalha na companhia telefônica. Uma hora depois estamos com a lista das ligações. A relação tem o tamanho do catálogo telefônico de Pittsburgh. Bo grita para o pessoal dele: De agora em diante estou de olho em vocês, seu bando de espertos! Não é à toa que a porra da minha conta de telefone vem tão alta!

Mas ali está o número dela. Agora eu o anoto em seis lugares diferentes, inclusive na palma da minha mão. Ligo para Stefanie e ela atende no terceiro toque. Então eu conto o que foi preciso até achar um jeito de retornar o telefonema dela. Ela ri.

Estamos os dois inscritos no próximo torneio em Los Angeles. Será que podemos nos encontrar lá? Será?

Depois do campeonato, sim, ela diz.

Vou para Los Angeles e jogo bem. Topo com Pete na final. Perco 7-6/7-6, mas não me importo. Saio correndo da quadra, me sentindo o sujeito mais feliz do mundo.

Tomo banho, faço a barba, me visto. Agarro minha sacola e caminho para a porta – onde está Brooke.

Ela soube que eu estava na cidade e resolveu aparecer, vir me ver jogar. Ela me olha de cima a baixo, minuciosamente.

Uau. Você está todo arrumado. Algum encontro importante?

Na verdade, sim.

Oh, com quem?

Não respondo.

Gil, ela diz, com quem ele está indo se encontrar?

Brooke, acho que é melhor perguntar isso para o Andre.

Ela me olha fixamente. Suspiro.

Vou sair com Stefanie Graf.

Stefanie?

Steffi.

Eu sei que estamos os dois lembrando a foto na porta da geladeira. Eu digo, por favor, Brooke, só não comente isso com ninguém. Ela é muito reservada, e não gosta de ser alvo de atenção.

Não direi a ninguém.

Obrigado.

Você está bonito.

Mesmo?

Aham.

Obrigado.

Ergo a sacola e apoio no ombro. Ela caminha comigo pelo túnel sob as arquibancadas, até onde os jogadores estacionam.

Olá, Lily, ela diz, colocando a mão no reluzente capô branco do Cadillac. A capota já está abaixada. Jogo a sacola no banco de trás.

Divirta-se, Brooke diz. Ela me dá um beijo no rosto.

Saio dirigindo vagarosamente, e dou uma olhada em Brooke pelo retrovisor. Mais uma vez vou me afastando dela dirigindo Lily. Mas desta vez eu sei que é a última e que nunca mais vamos nos falar.

A caminho de San Diego, onde Stefanie está jogando, telefono para J.P., que me passa algumas instruções. Não force a barra, ele diz. Não tente ser perfeito. Seja natural.

Acho que sei como colocar esse tipo de conselho em prática dentro de uma quadra de tênis, mas me sinto perdido se for para um encontro.

Andre, ele diz, algumas pessoas são termômetros e outras são termostatos. Você é um termostato. Você não marca a temperatura do ambiente, você muda a temperatura. Portanto, tenha confiança, dê as cartas. Mostre para ela quem você é, na real.

Acho que posso fazer isso. É melhor eu ir buscá-la com ou sem capota?

Com. Mulher se preocupa com o cabelo.

E quem não se preocupa? Mas não é mais fresco sem capota?

O cabelo dela, Andre, o cabelo.

Fico sem capota. Prefiro ficar frio do que ser cavalheiresco demais.

Stefanie alugou um chalé num resort grande. Encontro o resort, mas o chalé dela, não, então telefono para pedir mais detalhes de como chegar.

Que carro você está dirigindo?

Um Cadillac grande como um navio de cruzeiro.

Ahh, já estou te vendo.

Olho para cima. Ela está no alto de uma encosta gramada, acenando.

Ela grita: Espera aí!

E vem descendo a encosta correndo, dando a impressão de que vai saltar dentro do carro.

Espere, digo. Eu tenho uma coisa para te dar. Posso entrar um minuto?

Ah, hum.

Só um instante.

Relutante, ela volta encosta acima, andando. Eu dou a volta e paro diante da porta de entrada do chalé dela.

Dou-lhe de presente um caixa com velas especiais, que comprei para ela em Los Angeles. Ela parece gostar.

O.k., ela diz. Pronto?

Eu pensava que iríamos tomar alguma coisa antes.

Beber? O que, por exemplo?

Não sei. Vinho?

Ela diz que nunca bebe vinho.

Podíamos pedir para trazerem alguma coisa aqui.

Ela suspira. Entrega-me uma carta de vinhos e pede que eu escolha um.

Quando o sujeito do room service bate na porta, ela pede que eu espere na cozinha. Diz que não quer ser vista com ninguém. Está constrangida com o nosso encontro. Culpada. Ela facilmente imagina o sujeito da entrega indo correndo contar para os outros caras do room service. Ela tem namorado, como me diz, avivando minha memória.

Mas a gente só...

Não tenho tempo para explicar, ela diz. E me empurra para dentro da cozinha.

Posso ouvir o coitado do cara da entrega, ligeiramente apaixonado por Stefanie, tão nervoso quanto eu, mas por motivos muito diferentes. Ela está tentando apressá-lo, ele está atrapalhado com a garrafa, e naturalmente deixa o vinho cair no chão. Um Château Beychevelle 1989.

Quando enfim o cara some, ajudo Stefanie a recolher os cacos do vidro quebrado.

E digo: Acho que estamos começando isto muito bem, você não acha?

Eu tinha reservado uma mesa perto da janela no Georges on the Cove, com vista para o mar. Nós dois pedimos um prato de frango com legumes sobre uma camada de purê de batatas. Stefanie come mais depressa do que eu e não toca no vinho. Eu percebo que ela não é daquele tipo de mulher apreciadora de comer, fazer refeições completas com três pratos e depois ainda estender-se com um café. Também está inquieta porque reconheceu alguém que está sentado atrás de nós.

Conversamos sobre a minha Fundação. Ela fica encantada com a escola que estou construindo. Ela também tem uma Fundação que fornece aconselhamento psicológico para crianças vitimadas pela guerra e pela violência, em locais como África do Sul e Kosovo.

O assunto Brad naturalmente vem à baila. Eu comento com ela a incrível capacidade técnica dele como treinador, sua peculiar habilidade para lidar com as pessoas. Rimos muito de todo

o esforço que ele fez para que esta noite acontecesse. Mas não digo nada sobre a última previsão dele. Também não indago sobre o namorado dela. Pergunto o que ela aprecia fazer no tempo livre. Ela diz que adora o mar.

Você gostaria de ir à praia amanhã?

Pensei que você estaria embarcando para o Canadá.

Posso ir num voo de madrugada, amanhã ainda.

Ela pondera.

Está bem.

Depois do jantar, eu a levo até o resort. Ela se despede com o par de beijos no rosto, que está começando a parecer um golpe defensivo de caratê. Entra correndo no seu chalé.

Enquanto dirijo de volta, ligo para o Brad. Ele já está no Canadá e muitas horas à minha frente. Eu o desperto. Mas ele fica todo ligado quando digo que o encontro correu muito bem.

Vamos nessa, ele diz meio grogue, disfarçando um bocejo. Força!

Ela estende uma toalha na areia e tira a calça jeans. Por baixo, está usando um maiô inteiriço, branco. Ela entra na água, até a altura dos joelhos. Fica ali admirando o horizonte, uma das mãos na cintura, a outra protegendo os olhos do sol.

Ela pergunta: Você não vem?

Não sei.

Estou com um short de tênis, branco. Não pensei em trazer sunga, uma vez que sou um filho do deserto. Não me dou bem na água. Mas nadaria até a China neste exato momento, se fosse preciso. Só com o short de tênis, vou andando até onde ela está parada. Ela ri do meu traje de banho e finge ficar chocada porque estou sem cueca. Eu digo que tenho andado assim desde o Aberto da França e que nunca mais vou voltar atrás.

Pela primeira vez conversamos sobre tênis. Quando digo a ela que detesto tênis, ela se vira para mim com determinação e fala: Claro. Quem não detesta?

Falo de Gil. Pergunto sobre o condicionamento dela. Ela menciona que costumava treinar com a equipe olímpica de atletismo da Alemanha.

Qual é a sua melhor corrida?

Oitocentos metros.

Nossa. Essa é para valer. Qual velocidade você consegue atingir?

Ela sorri, tímida.

Você não quer me dizer?

Ela não responde.

Ora, qual é? Que tempo você consegue correr?

Ela aponta para a ponta da praia, onde está um balão vermelho.

Você está vendo aquele ponto vermelho lá adiante?

Estou.

Você nunca conseguiria ganhar de mim até lá.

Mesmo?

Mesmo.

Ela sorri. E então dispara. Saio rasgando atrás dela. A sensação que me dá é de que estive correndo atrás dela a minha vida inteira, só que agora *estou* literalmente correndo atrás dela. No começo, eu só consigo acompanhar o ritmo, mas perto da chegada eu diminuo a distância.

Ela chega ao balão vermelho com dois corpos de vantagem. Então se vira e o som de seu riso me alcança como raios de luz trazidos pelo vento.

Nunca fiquei tão feliz da vida por perder.

Capítulo 24

Estou no Canadá; ela, em Nova York. Estou em Vegas; ela, em Los Angeles. Mantemos contato por telefone. Certa noite, ela me pede a lista dos meus favoritos. Livro, filme, canção.

Provavelmente você nunca ouviu falar do meu filme favorito.

Me diz qual é.

Passou há muitos anos. Chamava-se *Terra das sombras*. Era sobre C.S. Lewis, aquele escritor.

Ouço um barulho que parece o telefone caindo.

Isso é impossível, ela fala. Isso simplesmente *não é* possível. Esse é o *meu* filme favorito.

É sobre se comprometer, se abrir para o amor.

Sim, ela diz, é mesmo. Eu sei.

Somos como blocos de pedra... e os golpes do cinzel Dele nos atingem na medida justa para nos tornar perfeitos.

Sim, sim. Perfeitos.

Na semifinal contra Kafelnikov em Montreal, eu não consigo fechar um ponto que seja. Ele é o atual número 2 do mundo e está me dando uma tal surra que o público nas arquibancadas está cobrindo os olhos. Digo a mim mesmo: não tenho a menor influência no resultado deste jogo. Não tenho vez no que está acontecendo comigo hoje. Não estou apenas sendo derrotado. Estou sendo *desqualificado*. Mas estou bem. No vestiário, vejo o treinador do Kafelnikov, Larry, encostado na parede, sorrindo.

Larry, essa foi a partida mais terrível de tênis que já joguei na vida. Mas te faço uma promessa. Diga ao seu rapaz que ele ainda vai tomar umas duas surras de mim.

Mais tarde, naquele mesmo dia, recebo uma ligação de Stefanie. Ela está no aeroporto de Los Angeles.

Pergunto: Como você se saiu no torneio?

Eu me machuquei.

Ai! Que pena.

É, é isso. Acabou.

Para onde você está indo?

De volta para a Alemanha. Tenho... umas pendências para resolver.

Eu sei o que isso significa. Ela está indo falar com o namorado, contar que eu existo, terminar com ele. Sinto um sorriso idiota se espalhando pelo meu rosto.

Quando ela voltar da Alemanha, diz, vai me encontrar em Nova York. Poderemos passar algum tempo juntos, antes do Aberto dos Estados Unidos de 1999. Ela menciona que vai precisar fazer uma coletiva de imprensa.

Uma coletiva de imprensa? Para quê?

Minha aposentadoria.

A sua... *você está parando?*

Foi exatamente isso que eu disse. Acabou.

Quando você disse *acabou*, pensei que estivesse falando daquele campeonato. Não sabia

que você estava dizendo *acabou*.

Senti como se estivesse nu na praça, pensando no tênis sem Stefanie Graf, a maior jogadora de tênis de todos os tempos. Perguntei a ela como se sentia sabendo que nunca mais na vida usaria uma raquete numa competição. Esse é o tipo de pergunta que os repórteres me fazem todo dia, mas não sei o que dizer. Eu quero saber. A minha pergunta nasce de um misto de curiosidade e inveja.

Ela diz que está bem. Em paz, mais do que pronta para parar.

Fico imaginando se estou pronto. Penso sobre a minha própria mortalidade como tenista. Mas, uma semana mais tarde, estou em Washington, d.c., enfrentando Kafelnikov na final. Dou-lhe uma sova de 7-6/6-1 e, em seguida, uma bela piscada para Larry, o treinador dele. Promessa é dívida.

Verifico que não estou acabado. Ainda tenho umas promessas a cumprir.

Estou prestes a me tornar número 1 de novo. Desta vez, não é o objetivo do meu pai, de Perry, de Brad, e fico me lembrando que não é o meu tampouco. Seria ótimo, só isso. Daria um belo arremate à campanha do meu regresso. Seria um marco memorável nesse caminho. Subo correndo um lado da encosta de Gil Hill e desço correndo pelo outro. Estou treinando para chegar ao primeiro lugar no ranking, digo a Gil. E para o Aberto dos Estados Unidos. E, embora pareça estranho, também para Stefanie.

Mal posso esperar para você conhecê-la, digo.

Ela chega a Nova York, e eu a levo rapidamente até um casarão do século xix na região norte do estado, sede da fazenda de um amigo. A propriedade tem 1.500 acres, e a casa várias grandes lareiras de pedra. Em todo aposento em que ficamos, podemos nos sentar, contemplar as chamas, conversar. Digo para ela que sou um bicho do fogo. Eu também, ela diz. As folhas estão começando a mudar de tom, e em cada janela vemos um panorama de cartão postal, com áreas de mata e montanhas cobertas de vegetação vermelho-dourada. Não há mais ninguém num raio de centenas de quilômetros.

Passamos o tempo caminhando, percorrendo trilhas, indo conhecer as pequenas cidades das redondezas, vasculhando preciosidades em antiquários. À noite, estirados no sofá, assistimos à versão original da *Pantera cor-de-rosa*. Depois de meia hora estamos rindo tanto com Peter Sellers que precisamos parar a fita para recuperar o fôlego.

Ela parte após três dias. Tem de passar as férias com a família. Imploro que volte no último fim de semana do Aberto dos Estados Unidos. Que ela venha por mim. Para ficar no meu camarote. Imagino se não estou atraindo azar supondo que vou jogar no último fim de semana, mas também não me importo.

Ela diz que vai tentar.

Chego à semifinal. Estou na chave com Kafelnikov. Stefanie telefona e diz que vem. Mas não para ficar no meu camarote. Para isso ela ainda não está pronta.

Tudo bem, então eu posso conseguir um lugar para você.

Eu consigo o meu lugar, ela diz. Não se preocupe comigo. Eu conheço bem tudo ali, me viro.

Rio. Claro que sim.

Ela acompanha da plateia superior, usando um boné cuja aba puxou até cobrir os olhos. Claro que as câmeras da cbs encontram-na no meio da multidão, e McEnroe, como

comentarista, diz que os organizadores do torneio deveriam se envergonhar de não ter dado a Steffi Graf um lugar melhor. Derroto Kafelnikov de novo. Ó, diz para o Larry que mando um abraço.

Na final enfrento Martin. Pensei que fosse ser Pete. Em público eu tinha dito que preferia que fosse Pete, mas ele tinha saído do torneio com um problema nas costas. Então é o Martin, que tem estado ali, do outro lado da rede, em tantos momentos críticos. Em Wimbledon, em 1994, quando eu ainda estava lutando para assimilar os ensinamentos de Brad, perdi para o Martin numa partida duríssima, de cinco sets, batalhada ponto a ponto. No Aberto dos Estados Unidos, naquele mesmo ano, Lupica predisse que Martin levaria a melhor comigo, na semifinal, e eu acreditei nele, mas mesmo assim consegui bater o Martin e vencer o campeonato. Em Stuttgart, em 1997, foi minha apavorante derrota na primeira rodada para Martin que finalmente levou Brad ao colapso. Agora é Martin que porá em teste a minha recém-descoberta maturidade, que permitirá comprovar se as mudanças pelas quais passei são temporárias ou permanentes.

Já no primeiro game quebro o serviço dele. A plateia está praticamente toda comigo. Mas Martin não abaixa a cabeça, não perde a compostura um milímetro. Ele me obriga a dar um duro danado para ganhar o primeiro set, vem mais forte no segundo, que leva de virada, depois de um tiebreak muito apertado. E então ganha o terceiro, depois de outro tiebreak ainda mais apertado. Está com dois sets a um, o que é uma vantagem poderosa neste torneio. Nunca ninguém superou uma desvantagem dessas, na final, aqui. Em 26 anos, nunca aconteceu. Eu vejo nos olhos de Martin que ele está sentindo isso, esperando que eu manifeste as antigas falhas e rachaduras da minha armadura mental. Está esperando pelo momento em que vou desabar, em que o velho Andre, nervoso, sobressaltado, com quem ele tantas vezes jogou no passado, volte a dar as caras. Mas eu nem dobro nem cedo. Faço 6-3 no quarto set e no quinto, com Martin evidenciando sinais de exaustão, estou com a corda toda. E venço por 6-2. Saio da quadra sabendo que estou curado, que estou de volta, exultante porque Stefanie estava ali para ver isso. Cometi apenas cinco erros não forçados nos últimos dois sets. Nenhuma vez, naquele dia, perdi o saque, a primeira vez em minha carreira em jogos de cinco sets em que não perdi meu serviço, e justamente no jogo em que arremato o quinto título de Grand Slam. Quando eu voltar para Vegas, quero apostar quinhentos dólares no número 5, numa roleta.

Na coletiva de imprensa, um repórter pergunta por que eu achava que o público de Nova York estava torcendo por mim, fazendo um barulho tão grande.

Eu também queria saber. Mas acho que pode ser porque me viram crescer.

Claro que os fãs de todos os lugares me viram crescer, mas em Nova York a expectativa era maior, e isso ajudou a acelerar e a validar o meu amadurecimento.

Pela primeira vez, sinto que cresci, e tive a coragem de dizer isso em voz alta.

Stefanie vem comigo para Vegas. Fazemos todas as coisas típicas de quem está em Vegas. Vamos a cassinos, assistimos a espetáculos, vamos a uma luta de boxe com Brad e Kimmie. Era Oscar De La Hoya x Félix Trinidad – nosso primeiro encontro oficial em público. Nossa entrada em cena para valer. No dia seguinte, uma foto nossa de mãos dadas, trocando um beijo ao lado do ringue, aparece nos jornais.

Agora não há mais como voltar atrás, digo a ela.

Ela me olha fixamente e depois, graças a Deus, vai devagar abrindo um sorriso.

Ela passa o fim de semana na minha casa. O fim de semana se transforma numa semana. Depois num mês. J.P. telefona um dia e pergunta como estão indo as coisas.

Melhor do que nunca.

Quando é que você vai encontrar Stefanie de novo?

Ela ainda está aqui.

Como assim?

Cubro o bocal com a mão e digo baixinho: Ainda é o Terceiro Encontro. Ela ainda não foi embora.

Bom... *como é que é*?

Penso que uma hora ou outra ela vai acabar voltando para a Alemanha, cuidar das coisas dela, mas não falamos sobre isso e eu não quero puxar o assunto. Não quero fazer absolutamente nada que interrompa o que está acontecendo.

Assim como não se deve acordar um sonâmbulo.

Mas então chega o momento em que *eu* tenho de ir à Alemanha. Jogar em Stuttgart. Ela quer ir junto – inclusive concorda em ficar no meu camarote – e eu fico encantado porque ela estará comigo. Afinal, Stuttgart é uma cidade importante para nós dois. Foi onde ela se tornou profissional e onde eu novamente voltei ao circuito profissional. No entanto, durante o voo não conversamos sobre tênis. Falamos de crianças. Eu digo que quero ter filhos – com ela. Uma coisa audaciosa de dizer, mas não consigo me controlar. Ela pega minha mão, está com lágrimas nos olhos, depois olha pela janela.

Em nossa última manhã em Stuttgart, Stefanie tem de se levantar cedo, precisa pegar um voo logo mais. Ela me dá um beijo na testa, de despedida. Eu cubro a cabeça com o travesseiro e volto a dormir. Quando acordo uma hora mais tarde e entro ainda meio sonado no banheiro, vejo, em cima do meu estojinho de barbear, a cartela de anticoncepcionais de Stefanie. Como se dissesse: não preciso mais disso.

Eu não só me torno o número 1, como termino 1999 como o número 1, a primeira vez na vida em que termino o ano ocupando a primeira posição. Interrompo a sequência de seis anos de Pete terminando o ano como número 1. Depois, venço o Aberto de Paris e me torno o primeiro jogador em todos os tempos a vencer o Aberto de Paris e o Aberto da França no mesmo ano.

Mas no Campeonato Mundial da atp perco para Pete. Nosso 28º confronto. Ele ganhou dezessete vezes, e eu onze. Em finais de Grand Slam, ele tem três, e eu uma. Nem chega a ser uma rivalidade mesmo, como os jornalistas esportivos dizem, uma vez que Pete geralmente vence. Não posso desmentir e nem mais ficar aborrecido com ele.

Faço a única coisa que posso. Vou para a casa de Gil fazer treino muscular. Subo e desço correndo a Gil Hill até começar a ter visões. Corro de manhã e corro à noite. Corro na véspera de Natal e Gil cronometra o meu tempo. Ele diz que estou bufando tão alto quando chego ao topo da encosta que ele consegue me ouvir de lá de baixo. Eu corro até ter de me dobrar para a frente e vomitar em cima de umas moitas. Finalmente, ele vai ao meu encontro lá em cima e diz que basta. Ali, em pé, admiramos todas as luzinhas de Natal lá adiante, e depois buscamos estrelas cadentes.

Estou orgulhoso de você, ele diz. Por estar aqui, hoje. Nesta noite, véspera de Natal. Isso representa muito.

Eu agradeço por *ele* estar ali comigo. Por abrir mão de sua véspera de Natal.

Deve haver muitos outros lugares onde você preferia estar.

Em *nenhum* outro lugar, ele afirma.

Quando começa o Aberto da Austrália, derroto Mariano Puerta sem perder um set, e ele publicamente elogia a minha concentração. Eu sinto, estou em rumo de colisão com Pete outra vez, e totalmente certo de que vamos nos trombar na semifinal. Eu perdi quatro das cinco últimas vezes que jogamos, e neste ano ele continua tão bom como sempre. Ele me alcança com 37 aces, mais do que jamais conseguiu enfiar na quadra comigo. Mas eu estou na véspera de Natal com Gil. A dois pontos de perder a partida, deslancho um ataque furioso. Ganho o jogo e me transformo no primeiro tenista, desde Laver, a chegar à final de quatro Grand Slams seguidos.

Na final, tenho Kafelnikov pela proa de novo. Custa algum tempo eu me aquecer. Ainda estou meio quebrado, depois da peleja com Pete. Perco o primeiro set, mas reencontro o meu andamento, o meu toque, e venço o jogo no quarto set. Meu sexto Slam. Na coletiva de imprensa após o jogo, agradeço a Brad e Gil terem-me ensinado que o meu melhor é bom o bastante. Um fã grita o nome de Stefanie, pergunta o que está havendo.

Vai cuidar da tua vida, eu digo, brincando. Na realidade, gostaria de falar ao mundo inteiro sobre isso. E falarei. Em breve.

Gil diz para o *New York Times*: Realmente acredito que nunca mais veremos Andre parar de lutar.

Brad diz para o *Washington Post*: Ele acumula 27 vitórias e apenas uma derrota, nos últimos quatro torneios do Grand Slam. Somente Rod Laver, Don Budge e Steffi Graf fizeram mais do que isso.

Nem mesmo Brad realmente se dá conta da honra que é para mim ser incluído nesse grupo.

Capítulo 25

Stefanie me diz que seu pai está vindo a Vegas para uma visita. (Os pais dela são divorciados há muito tempo e a mãe, Heidi, já mora a quinze minutos de distância.) Assim, chegou o momento inevitável. Nossos pais vão se encontrar. A perspectiva nos deixa aos dois nervosos.

Peter Graf é um homem suave, sofisticado, culto. Gosta de fazer piadas, muitas piadas, e eu não entendo nenhuma delas, pois o inglês dele tem lá seus defeitos. Quero gostar dele e percebo que ele quer que eu goste dele, mas fico agitado na presença dele, pois sei da história. Ele é o Mike Agassi alemão. Ex-jogador de futebol, fanático por tênis, começa a fazer Stefanie jogar assim que ela para de usar fraldas. Diferentemente do meu pai, contudo, Peter nunca deixou de administrar a carreira da filha e as finanças dela, e passou dois anos na prisão por não pagar os impostos devidos. Esse assunto nunca é mencionado, mas às vezes dá a sensação de termos um elefante alemão na sala.

Eu devia ter esperado por isso: a primeira coisa que Peter quer ver assim que chega a Nevada não é a represa Hoover, nem a Strip, mas a máquina de bolas do meu pai. Ele ouviu muito falar dela e agora quer estudá-la de perto. Eu o levo até a casa do meu pai e, no caminho, ele vai puxando assunto da forma mais amistosa. Mas eu não o compreendo muito bem. Ele está falando em alemão? Não, é uma mistura de alemão, inglês e tênis. Está perguntando sobre o jogo do meu pai. Com que frequência o meu pai joga? Ele joga bem? Está tentando ter uma noção dele, antes de chegarmos lá.

Meu pai não se sai bem com quem não fala inglês perfeitamente e não se dá bem com estrangeiros, então eu sei que já estamos com duas desvantagens enquanto andamos até o pórtico da entrada da casa dos meus pais. Entretanto, fico aliviado quando percebo que o esporte é uma língua universal, que esses dois homens, ambos aficionados, ambos ex-atletas, sabem como usar o corpo para se comunicar, com volteios, gestos e sons guturais. Digo ao meu pai que Peter gostaria de ver a famosa máquina de bolas. Meu pai fica lisonjeado. Vai à nossa frente levando-nos até a quadra, nos fundos, e traz para fora o dragão, deslizando sobre as rodinhas. Ele liga o motor, sobe bem o pedestal. Ele fala sem parar, dando uma explicação completa para Peter, gritando para ser ouvido acima do rugido do dragão – totalmente alheio ao fato de que Peter não está entendendo uma só palavra.

Vá até lá, meu pai me diz.

Ele me entrega uma raquete, aponta o outro lado da quadra, mira a máquina para a minha cabeça.

Demonstração, ele diz.

Estou tremendo, assolado por violentas recordações, e apenas a ideia de que há uma tequila esperando por mim em casa, na volta, é que me deixa em condições de funcionar.

Peter se posiciona atrás de mim e observa quando rebato.

Ahh, ele diz, *Ja*. Bom.

Meu pai acelera a máquina. Vai girando o dial até que as bolas parecem estar saindo duas por vez. Meu pai deve ter acrescentado alguma engrenagem ao dragão. Não me lembro de as bolas virem tão rápidas, antes. Nem tenho tempo de voltar com a raquete antes de rebater a próxima. Peter me recrimina por ter errado. Pega a raquete da minha mão, me empurra para o lado. E

diz: *Este* é o golpe que você deveria ter. Você nunca fez isto. E me mostra o famoso slice da Stefanie, que ele diz ter ensinado a ela. A raquete tem de estar mais parada, ele diz. Deste jeito.

Meu pai está lívido. Em primeiro lugar, Peter não está prestando atenção na palestra que ele está dando. Em segundo lugar, Peter está interferindo no jeito de jogar do seu principal aluno. Meu pai dá a volta pela rede e vem gritando: Esse slice é uma merda! Se Stefanie tivesse *este* golpe, ela se sairia muito melhor. Então ele demonstra o revés de backhand com as duas mãos, que ele me ensinou.

Com esse movimento, meu pai diz, Stefanie teria ganho 32 Grand Slams!

Aqueles dois homens não conseguem se entender e, mesmo assim, estão conseguindo bater boca ardorosamente. Viro de costas, concentrando-me em rebater as bolas. Dedico toda a minha atenção ao dragão. De vez em quando, Peter menciona meus adversários, Pete e Rafter, e então meu pai responde com as rivais de Stefanie, Monica Seles e Lindsay Davenport. Aí, meu pai lembra de falar de boxe. Ele faz uma analogia com o boxe e Peter uiva um protesto.

Eu também fui boxeador, Peter diz – e teria te derrubado com um nocaute.

Há muitas coisas que podem ser ditas ao meu pai. Mas isso não. Isso, nunca. Eu me encolho todo, pois eu sei o que vem vindo. Quando me viro, é bem na hora em que vejo o pai de Stefanie, com os seus 63 anos, despindo bruscamente a camisa, enquanto desafia o meu pai, em seus 69 anos: Dá uma olhada em mim. Veja *este* físico! Sou mais alto do que você. Posso manter você longe só usando o meu *jab*.

Meu pai responde: Você acha mesmo? Então vem! Você e eu.

Peter está xingando em alemão, meu pai está xingando em assírio, e os dois estão se encarando com os punhos cerrados. Estão se movimentando em círculos, indo e vindo com o tronco, saltitando e negaceando, e, antes que um deles avance de verdade a mão, interfiro e aparto os dois.

Meu pai berra: Este filho de uma puta está dizendo merda!

Pode ser, pai, mas... por favor.

Estão os dois bufando, suados. As pupilas do meu pai estão dilatadas. O peito nu de Peter está brilhante de suor. No entanto, eles percebem que não vou deixar que se atraquem, de modo que se afastam para cantos neutros da quadra. Desligo o dragão e saímos dali.

Em casa, Stefanie me recebe com um beijo e me pergunta como foi.

Te conto depois, respondo, enquanto pego o copo com tequila.

Não sabia que uma margarita podia ter um gosto tão bom.

Depois de uma sólida participação na Copa Davis, perco logo no começo de Scottsdale, um torneio que costumo ganhar. Jogo mal em Atlanta e volto com uma distensão na panturrilha. Perco na terceira rodada em Roma e, embora relutante, admito que isso não pode continuar assim. Não posso jogar *todos* os campeonatos. Já tenho quase trinta anos, preciso escolher com mais cuidado as minhas batalhas.

A cada duas entrevistas, uma é sobre o fim da minha carreira. Digo aos repórteres que meu melhor tênis ainda está por vir. Eles sorriem, contrafeitos, como se achassem que estou brincando. Nunca falei mais sério na vida.

Quando chega o momento de defender o Aberto da França de 2000, entro em Roland Garros esperando sentir uma onda de nostalgia. Mas está tudo diferente. O lugar foi reformado.

Aumentaram as arquibancadas. O vestiário está novo. Não gosto de nada. Nada mesmo. Eu queria que Roland Garros ficasse do mesmo jeito para sempre. Quero que tudo fique do mesmo jeito. Eu queria entrar andando na quadra central, ano após ano, e repetir 1999, quando minha vida mudou. Na coletiva de imprensa após a vitória contra Medvedev, eu disse aos jornalistas que agora poderia largar o tênis sem remorsos. Mas, um ano depois, comprovo que estava enganado. Sempre lamentarei uma coisa: não poder voltar atrás e reviver o Aberto da França de 1999, nunca mais.

Na segunda rodada enfrento Kucera. Ele sempre tem a minha ficha. O mero fato de me ver de frente injeta meio tanque de adrenalina no cara. Até mesmo quando eu o vejo no vestiário, antes da partida, ele me dá a impressão de que acaba de se lembrar da surra que me deu no Aberto dos Estados Unidos de 1998. Ele vem com tudo para cima de mim, jogando um tênis excelente, me obrigando a correr até eu ficar um trapo e, embora eu consiga manter o ritmo, começo a ter bolhas no pé direito. Vou mancando até o lado da quadra e peço um intervalo para cuidar desse problema. Um preparador torna a refazer as ataduras no meu pé, mas a verdadeira bolha está dentro da minha cabeça. Desse ponto em diante, não ganho mais nenhum game.

Olho para o meu camarote e vejo Stefanie de cabeça baixa. Ela nunca me viu perder desse jeito.

Mais tarde, comento com ela que não entendo por que às vezes eu me perco – ainda. Ela me diz algumas coisas, baseada em sua experiência. Pare de pensar, ela diz. Sentir é o que é. *Sentir*.

Nada que eu não tenha escutado antes. Parece uma versão mais branda, mais afetuosa, do meu pai falando. Mas quando é Stefanie dizendo isso, as palavras calam fundo.

Durante dias conversamos sobre pensar x sentir. Ela diz que uma coisa é não pensar, mas que não se pode então resolver sentir. Não é possível *tentar* sentir. A gente precisa se permitir sentir.

Em outros momentos, Stefanie sabe que não há nada a ser dito. Ela toca meu rosto e inclina de lado a cabeça. E eu vejo que ela entende – ela também passou por isso – e é o que basta. Isso é exatamente o que eu preciso.

Vamos para o torneio de Wimbledon em 2000. Me dá um grande prazer ver Stefanie descobrir Londres. Finalmente, ela diz, ela pode mesmo ver esta linda cidade, porque não está olhando para ela em meio à nevoa da pressão e das lesões. Os tenistas profissionais viajam tanto quanto quaisquer outros atletas, mas o estresse e as exigências do esporte nos impedem de ver as coisas. Agora Stefanie pode ver tudo. Ela passeia a pé por todos os lugares, entrando nas lojas e nos parques. Come num famoso lugar onde servem panquecas, um restaurante em que ela sempre quis comer. Eles têm um cardápio com 150 tipos de panqueca e ela prova praticamente todos eles, sem ter de se preocupar com se sentir pesada na quadra depois.

Fiel à disciplina, não vejo mais nada em Londres além da chave em que caí. Dentro das minhas viseiras, consigo batalhar até chegar à semifinal. Contra Rafter. Ele está construindo uma linda carreira. Duas vezes campeão do Aberto dos Estados Unidos, ex-número 1 do mundo. Agora estão falando que ele está retornando após uma cirurgia no ombro, embora seus aces estejam entrando tanto na minha direita como na esquerda. Quando não está me enfiando aces pela goela, está dançando depois do saque, sem deixar passar uma bola que seja. Tento

usar lobbies. Bato as bolas com uma força que não parece defensável quando elas saem da minha raquete, mas ele sempre devolve todas elas no tempo. O jogo dura três horas e meia de um tênis de alta qualidade e enfim tudo se acumula no sexto game do quinto set. Tentando injetar o segundo saque com um algo a mais, cometo dupla falta.

Break point.

Saco, ele devolve uma bola rasa e ligeira, a minha para na rede.

Não consigo devolver a quebra. Ele está acertando 74% do seu primeiro serviço e é assim que chega à final. Ele realmente conquistou o mérito de enfrentar Pete em busca do título do campeonato. Eu queria muito jogar com Pete tendo Stefanie na plateia. Mas não vai ser desta vez. Um ano atrás, venci Rafter aqui, na semifinal, quando ele começou a sentir a lesão no ombro. Agora ele retorna e me derrota na semifinal, com o ombro plenamente recuperado. Gosto do Rafter, e gosto de simetria. Não tenho como discutir com essa situação.

Stefanie e eu voamos de volta para casa. Preciso descansar. Então as más notícias começam a chover. Minha irmã Tami recebe o diagnóstico de câncer no seio. Alguns dias depois, minha mãe recebe o mesmo diagnóstico. Abro mão da minha vaga na equipe olímpica que vai para Sydney. Quero ficar com a minha família o maior tempo possível. Preciso parar por este ano, até janeiro no mínimo.

Minha mãe não quer nem ouvir falar disso.

Vá, ela me diz. Jogue. Faça o seu trabalho.

Eu tento. Vou para d.c., mas só jogo daquele jeito de sempre, quando não consigo me concentrar. Contra Corretja quebro três raquetes de pura raiva e perco em dois sets sem a menor graça.

No Aberto dos Estados Unidos de 2000 sou o cabeça de chave número 1. O favorito da competição. Na véspera do início do torneio, sento com Gil no saguão do Lowell Hotel, sentindo não que estou favorecido, mas fodido. Este deveria ser um momento feliz. Eu poderia ganhar isto aqui. Chocar o mundo. E não dou a mínima.

Gil, para que continuar?

Talvez você não deva fazer isso.

Por que é que eu me sinto – *assim* – do jeito de antes, de novo?

Essa é uma pergunta retórica. Kacey está totalmente recuperada, indo de vento em popa, falando sobre universidade, mas Gil nunca esquece como é quando você tem alguém que ama numa cama de hospital. Ele sabe o que estou dizendo sem que eu nem precise abrir a boca: por que as pessoas que amamos precisam sofrer? Por que a vida não pode ser perfeita? Por que, todo dia, em algum lugar da Terra, alguém tem de perder?

Gil diz: Você não pode jogar, a menos que se sinta inspirado. Está na sua natureza. Essa sempre foi a sua natureza, desde que você tem dezenove anos. E você não consegue se sentir inspirado a menos que as pessoas à sua volta estejam bem. E eu amo você por isso.

Se eu não jogar, vou decepcionar as pessoas. Vou decepcionar a minha família se eu não jogar.

Com um movimento de cabeça ele concorda.

Por que o tênis e a vida sempre parecem adversários?

Ele não diz nada.

A gente fez tudo, não é mesmo? Quero dizer, fizemos a corrida toda, certo? Estamos no fim desta merda, não estamos?

Ele diz: Isso não posso dizer. Só sei que ainda existe mais alguma coisa dentro de você e que existe mais alguma coisa dentro de mim. Se a gente for embora, tudo bem. Mas ainda teremos alguma coisa sobrando, e acho que você prometeu para si mesmo que iria jogar até o fim dos fins.

No primeiro dia de treino, batendo bola com Brad, não consigo sacar nem para salvar a minha própria pele. Vou embora da quadra, e Brad sabe quando não perguntar nada. Volto para o hotel e deito na cama, olhando para o teto durante duas horas, sabendo que não vou ficar muito tempo em Nova York.

Na primeira rodada, jogo com um aluno de Stanford, Alex Kim, que de tão nervoso está sentindo enjoo. Sinto pena dele, mas acabo o jogo em três sets. Na segunda rodada, tenho Clément pela frente. O dia está quente, e nós dois já estamos completamente suados antes de concluir o primeiro ponto. Começo bem, quebro o serviço dele, fico na frente em 3-1. Está tudo bem. Então, do nada, eu nunca joguei tênis na vida. Diante de uma arquibancada absolutamente lotada, eu simplesmente desmorono.

Mais uma vez, os jornalistas esportivos fazem soar o velho gongo. O fim está próximo para Agassi. Gil tenta dizer a eles que não estou acabado. Ele diz: Andre funciona com o coração, à base de emoções, de crenças, e das pessoas que ele ama. Quando tudo isso não está bem, a gente enxerga no que ele faz.

Na saída do Arthur Ashe Stadium, uma garotinha diz: Lamento muito você ter perdido.

Ah, querida, não lamente muito.

Ela sorri.

Volto logo para Vegas, para ficar com a minha mãe. Mas ela está tranquila, distrai-se com seus livros e quebra-cabeças, deixando todos nós envergonhados com sua calma inabalável. Percebo que a subestimei ao longo dos anos. Interpretei erradamente seu silêncio como fraqueza, aquiescência. Vejo que ela é o que o meu pai fez dela, como foi com todos nós, mas que, apesar disso, no fundo ela é muito mais.

Também constato que, neste momento de perigo em sua vida, ela gostaria que acreditassem mais nela. Sempre imaginei que ela não *quisesse* nenhuma espécie de reconhecimento, que ela apenas quisesse fazer parte dos móveis e utensílios. Mas, agora, o que ela quer é ser objeto de atenção, de valorização. Ela quer que eu perceba que ela é mais forte do que eu pensava. Está fazendo o tratamento, sem se queixar, e, se sente orgulho disso, se quer que eu sinta orgulho, ela também quer que eu saiba que sou farinha do mesmo saco. Ela sobreviveu ao meu pai, como eu. E sobreviverá a isto, assim como eu.

Tami, que está se tratando em Seattle, também está melhor. Já passou pela cirurgia e, antes de começar a quimioterapia, vem para Vegas passar um tempo com a família. Ela me conta que está apavorada com a perspectiva de ficar sem cabelo. Eu lhe digo que não entendo por quê. Perder o cabelo foi a melhor coisa que me aconteceu. Ela ri.

Ela diz que talvez seja uma boa ideia se livrar do cabelo antes que o câncer faça isso. Um ato de desafio, tomar o controle.

Gosto disso, eu digo para ela. Te ajudo.

Organizamos um churrasco na minha casa e, antes que todos cheguem, nos trancamos no banheiro. Tendo como testemunhas apenas Philly e Stefanie, procedemos a uma cerimônia formal de raspar o cabelo. Tami quer que eu faça as honras. Ela me entrega a máquina elétrica

de raspar a careca. Eu regulo para 000, o corte mais rente que o cortador tem, e pergunto se antes ela quer fazer um corte moicano.

Esta pode ser sua última oportunidade de se ver nesse *look*.

Ela diz que não. Vamos logo para o careca radical.

Eu passo a máquina com rapidez, rente ao couro cabeludo. Ela sorri como Elvis no dia em que entrou no Exército. Enquanto seu cabelo vai caindo em camadas no chão, eu digo a ela que tudo vai ficar ótimo. Agora você está livre, Tami, livre. Além disso, eu digo, pelo menos o *seu* cabelo pode crescer todo de volta. Comigo e com Philly, foi embora para sempre, querida. Ela ri, ri muito, e me dá uma sensação muito boa fazer minha irmã rir quando todos os dias a vida faz de tudo para que ela chore.

Em novembro de 2000, minha família está se recuperando o suficiente para que eu me sinta pronto para tentar de novo. Em janeiro, vamos para a Austrália. Sinto-me bem quando aterrissamos. Eu gosto mesmo daqui. Devo ter sido um aborígine em outra vida. Sempre me sinto em casa quando estou aqui. Sempre experimento um prazer especial quando entro na Rod Laver Arena, jogando sob a égide do nome de Laver.

Aposto com Brad que vou ganhar do começo ao fim. Consigo sentir isso na minha pele. E, quando eu ganhar, ele vai ter de dar um mergulho no rio Yarra, que é um tributário fétido e poluído que serpenteia por Melbourne. Abro caminho até a semifinal, quando topo com Rafter de novo. Jogamos uma partida de três horas de pancadaria, repleta de intermináveis pontos disputados com extensa troca de grunhidos e gritos de ambas as partes. Ele tem um set na frente. E então desaba. É o calor australiano. Estamos os dois completamente encharcados de suor, mas ele ficou com câimbras. Eu venço os dois sets seguintes.

E na final está Clément, para uma partida de desforra, quatro meses depois de ele ter-me despachado do Aberto dos Estados Unidos. Raras vezes saio da linha de fundo. Cometo poucos erros e, os que cometo, deixo rapidamente para trás. Enquanto Clément resmunga consigo mesmo em francês, sinto-me calmo e sereno. O legítimo filho de minha mãe. Acabo com ele em três sets a zero.

Este é o meu sétimo título em Grand Slam, o que me coloca em décima posição na relação dos supercampeões. Estou empatado com McEnroe, Wilander e alguns outros, e uma posição à frente de Becker e Edberg. Somente Wilander e eu até agora ganhamos três Abertos da Austrália na era dos campeonatos abertos. Neste momento, porém, a única coisa que me importa é garantir que Brad nade de costas no Yarra e voltar para casa e para Stefanie.

A primeira parte de 2001 nós passamos nos instalando no Ninho do Solteirão versão 2, transformando-o numa casa de verdade. Compramos móveis de que nós dois gostamos. Oferecemos jantares para poucos amigos por vez. Ficamos horas e horas, noite adentro, conversando sobre o futuro. Ela compra para mim um pequeno quadro a giz, para ficar na cozinha, onde vamos anotar as providências que precisam ser tomadas, mas para mim ele será o Quadro de Elogios. Penduro o quadro na parede da cozinha e prometo a Stefanie que toda noite vou escrever alguma coisa sobre o meu amor por ela. E que, no dia seguinte, vou apagar e novamente, à noite, escrever outra coisa. Também compro uma caixa de Beychevelle 1989 e prometemos que todo ano, na data que marca o nosso primeiro encontro, tomaremos uma garrafa.

Em Indian Wells, chego à final e vou jogar com Pete. Venço o jogo e, no vestiário, depois

da partida, ele conta que vai se casar com Bridgette Wilson, a atriz com quem está namorando.

Continuo alérgico a atrizes, digo.

Ele ri, mas eu não estou brincando.

Diz que a conheceu no *set* de *Parece, mas não é*.

Eu rio, mas ele não está brincando.

Há muitas coisas que eu gostaria de dizer ao Pete sobre casamento, sobre atrizes, e não posso. O nosso relacionamento não é dessa natureza. Há muitas coisas que eu gostaria de perguntar a ele – como fica tão concentrado, se ele lamenta ou não dedicar tanto a vida a tênis. Nossas personalidades tão diferentes, nossa permanente rivalidade, são obstáculos a esse nível de intimidade. Percebo que, a despeito da influência que tivemos um no outro, a despeito da nossa quase amizade, somos desconhecidos, e talvez assim continuemos para sempre. Desejo tudo de melhor para ele, e digo isso sinceramente. Para mim, estar com a mulher certa é a verdadeira felicidade. Depois de todo o tempo que gastei montando a minha assim chamada equipe, a única coisa que eu quero agora é me sentir um integrante valorizado da equipe de Stefanie. Espero que ele se sinta assim também em relação a sua noiva. Espero que ele se importe tanto com o lugar que ocupa no coração dela como parece se importar com seu lugar na história. Gostaria de poder dizer isso a ele.

Uma hora após o término do campeonato, Stefanie e eu damos uma aula de tênis. Wayne Gretzky adquiriu essa nossa aula num leilão beneficente e quer que ensinemos alguma coisa aos seus filhos. Passamos bons momentos com os Gretzkys. Depois, ao cair da tarde, voltamos lentamente para Los Angeles. Durante o trajeto, conversamos sobre aquelas crianças, realmente queridas. Penso nos filhos de Costner.

Stefanie olha um pouco pela janela e depois se volta para mim. Ela diz: Acho que estou atrasada.

Para o quê?

Atrasada.

Ah. Você quer dizer... *oh*!

Paramos em várias drogarias e compramos todos os tipos de teste de gravidez à venda. Então nos enfiamos no Hotel Bel-Air. Stefanie entra no banheiro e, quando sai, tem uma expressão indecifrável no rosto. Ela estende o bastãozinho na minha direção.

Azul.

O que “azul” quer dizer?

Acho que... você sabe.

Menino?

Acho que quer dizer que estou grávida.

Ela repete o teste. De novo. Todas as vezes, azul.

É o que nós dois queríamos, e ela está encantada, mas ao mesmo tempo assustada. São muitas mudanças. O que acontecerá com seu corpo? Temos apenas algumas horas juntos antes que eu pegue um “corujão” para Miami e ela vá para a Alemanha. Saímos para jantar, no Matsuhisa. Pegamos lugares no sushi bar, de mãos dadas, falando um para o outro como vai ser fantástico. Não me dou conta, senão bem mais tarde, de que aquele era o mesmo restaurante em que a situação com Brooke enfim se desemaranhou. É exatamente como o tênis. A mesma quadra em que você sofre sua pior derrota é a mesma que pode se tornar o cenário do seu mais saboroso triunfo.

Depois que terminamos de comer e chorar e comemorar, eu digo: Acho que deveríamos nos casar.

Ela arregala os olhos. Acho que sim.

Mas sem badalação, decidimos. Sem igreja. Sem bolo. Sem vestido. Vamos nos casar num dia que esteja livre, numa fase menos carregada da temporada de torneios.

Instalo-me para uma entrevista de uma hora com Charlie Rose, um sujeito genial em seu programa de entrevistas na tv, durante o qual minto do começo ao fim.

Não é que eu esteja decidido a mentir, mas cada pergunta de Rose parece conter uma resposta já implícita, a resposta que ele está preparado e ansioso para ouvir.

Você já gostava de tênis quando era pequeno?

Sim.

Você adorava esse esporte.

Costumava dormir com a raquete.

Quando se lembra do que o seu pai fez por você, hoje você diz: Fico feliz por ele ter dado, no começo, aquilo que me tornou tão guerreiro? Sem dúvida, fico feliz por jogar tênis. Fico feliz por meu pai ter-me levado a aprender a jogar.

Parece que fui hipnotizado, ou que sofri uma lavagem cerebral, o que não é uma sensação nova. Digo as mesmas coisas que já disse antes, as mesmas coisas que pronunciei ao longo de incontáveis coletivas de imprensa e entrevistas e bate-papos em coquetéis. Será que são mentiras, se em parte eu mesmo comecei a acreditar nelas? Serão mentiras que, à força de tanto repeti-las, acabaram adquirindo um verniz de verdade?

Só que, desta vez, essas mentiras têm um som diferente. Elas ficam boiando no ar, e sobra na minha boca um gosto amargo. Quando enfim a entrevista está terminada, sinto um vago desassossego. Não é tanto culpa, mas uma sensação de remorso. De ter perdido uma oportunidade. Fico pensando no que poderia ter acontecido, o que Rose teria feito ou dito, o muito mais que teríamos curtido aquele momento, se eu tivesse sido honesto com ele e comigo. Na realidade, Charlie, eu detesto tênis.

Esse desassossego íntimo permanece durante dias. E fica bem pior quando a entrevista vai ao ar. Prometo a mim mesmo que, um dia, vou olhar bem de frente para um entrevistador do calibre de Rose e dizer toda a verdade, nua e crua.

No Aberto da França, em 2001, há uma pessoa invisível no meu camarote. Stefanie está grávida de quatro meses e a presença de nosso filho, ainda na barriga dela, me devolve as pernas de um adolescente. Chego às oitavas de final e enfrento Squillari, com quem tenho uma história tão comprida. Entrando na quadra junto com ele, tenho a sensação de que a nossa é uma história mais comprida do que a da França com a Inglaterra. Ver Squillari me leva de imediato novamente para 1999 – quando enfrentei uma das partidas mais difíceis da minha carreira. Um dos momentos decisivos. Se ele tivesse me derrotado naquele dia, há dois anos, não sei se estaria aqui. Não sei se Stefanie estaria aqui – e, portanto, talvez nosso bebê ainda por nascer não estivesse aqui também.

Inspirado por esses pensamentos, me recolho e me concentro. Conforme o jogo vai se desenrolando, fico cada vez mais cheio de energia, mais focado. Minha concentração é inabalável. Um torcedor descontrolado grita uma obscenidade contra mim. Rio. Levo um tombo feio, corto o joelho, dou um mau jeito na perna. Fico em pé, me recomponho, como se

não tivesse havido nada. Nada consegue me segurar. Menos ainda Squillari. Aos poucos vou deixando de percebê-lo. Estou ali sozinho, muito mais do que de costume.

Nas quartas de final é a vez de Sébastien Grosjean, da França. Dou um baile no primeiro set, perdendo somente um game, mas então Grosjean se liga em algum reservatório oculto de fé e começa a acreditar que pode vencer o jogo. Agora a nossa autoconfiança está empatada, mas ele está atacando melhor a bola. Quebra o meu saque e faz 2-0, e depois quebra de novo e ganha o segundo set com a mesma facilidade com que eu levei o primeiro.

No terceiro, ele quebra o meu serviço logo de cara, e ganha o game com um belo lobe. Depois, confirma o seu serviço, e quebra o meu, de novo. Fim da linha.

No quarto set, tenho chances de quebrar o saque dele, mas não consigo aproveitar como devia. Mando um backhand que sai fraco, indigno do meu jogo, e, enquanto assisto à bola voar longe, sei que estou ficando sem tempo. Ele está sacando para o jogo, e eu estou me segurando na pontinha da linha, quando enterro um forehand no meio da rede. Match point. Ele me derrota com um ace.

Mais tarde, os jornalistas me perguntam se perdi a concentração com a chegada do presidente Bill Clinton. De todas as desculpas que já ouvi e dei para justificar uma derrota, nem mesmo eu conseguiria encontrar algo mais capenga do que isso. Eu nem sabia que Clinton estava lá, digo aos repórteres. Estava com outras coisas na cabeça. Outros espectadores invisíveis.

Levo Stefanie à academia do Gil, com a desculpa de que ela quer se exercitar. Ela está radiante porque sabe a razão de irmos até lá.

Gil pergunta a Stefanie se ela está se sentindo bem, se gostaria de beber algo, se gostaria de se sentar. Ele a leva até uma bicicleta estacionária e ela se acomoda de lado. Ela fica examinando a prateleira que Gil montou numa parede, para guardar os troféus dos meus Slams, incluindo os que mandou refazer depois do meu acesso descontrolado por causa do episódio de *Friends*.

Mexo um pouco com uma corda para alongamentos e depois digo: Olha, Gil, han, escuta só. Já escolhemos o nome do nosso filho.

Ah! E qual é?

Jaden.

Gosto desse nome, Gil diz, sorrindo, balançando a cabeça. Gosto mesmo. Gosto dele.

E... também encontramos o segundo nome perfeito.

E qual é?

Gil.

Ele nos olha, imóvel.

Eu digo: Jaden Gil Agassi. Se ele crescer e se tornar metade do homem que você é, será um fenômeno de bem-sucedido. E, se eu puder ser metade do pai que você tem sido para mim, terei superado o meu próprio padrão.

Stefanie está chorando. Meus olhos estão marejados. Gil está a uma distância de três metros, na frente da máquina para alongar as pernas. Está com o lápis atrás da orelha, sua marca registrada, os óculos pendurados na ponta do nariz, o caderno Da Vinci aberto. Em três passos está me abraçando e eu sinto o colar, no pescoço dele, apertar a minha bochecha. Pai, Filho, Espírito Santo.

Estou quase derrotando Rafter no torneio de Wimbledon em 2001. Quinto set, sacando para o jogo, estou a dois pontos de ganhar. Mas devolvo na rede um golpe hesitante de backhand. No ponto seguinte, erro uma devolução de backhand fácil. Ele renasce das cinzas. Agora é ele que pensa que está perto de acabar comigo.

Eu grito: *Filho de uma puta.*

Uma juíza de linha imediatamente faz uma observação para o juiz de cadeira.

Recebo uma advertência por xingar.

Agora não penso em mais nada além dessa futriqueira dessa juíza de linha. Perco o set, 8-6, e o jogo. Sinto que é uma decepção, mas que ao mesmo tempo também não importa.

Além de pensar na saúde de Stefanie e em nossa família que está aumentando, meus pensamentos nunca se afastam da minha escola, que deve ser inaugurada neste outono, com duzentos alunos, da terceira à quinta série, embora tenhamos planos para expandir rapidamente e incluir do jardim de infância até o fim do primeiro grau. Em dois anos, teremos construído as instalações para os anos intermediários e, em mais dois, para o colegial.

Adoro o nosso projeto, o design, mas sinto um orgulho especial do nosso compromisso de bancar financeiramente as nossas ideias. Com muito dinheiro. Perry e eu ficamos horrorizados quando soubemos que Nevada investe menos em educação do que praticamente qualquer outro estado dos Estados Unidos – 6.800 dólares por aluno, em comparação com a média nacional de 8.600 dólares. Por isso, na minha escola, juramos compensar essa diferença e ainda investir mais um pouco. Reunindo fundos públicos de âmbito estadual e doações particulares, vamos investir intensamente nas crianças e, dessa maneira, provar que na educação, assim como em todas as coisas, você recebe conforme paga.

Também vamos manter as crianças na escola durante mais horas por dia – oito, em vez das habituais seis, como é comum em Nevada. Se eu aprendi alguma coisa é que tempo e exercícios práticos rendem realizações. Além disso, vamos insistir para que os pais se envolvam bastante com a escola. Um dos dois, o pai ou a mãe, terá de passar doze horas por mês em atividades voluntárias como auxiliares de ensino, dentro das classes, ou como monitores nas excursões da escola. Queremos que os pais se sintam acionistas e que se comprometam e se responsabilizem totalmente pelo projeto de levar seus filhos até a faculdade.

Muitos dias, quando me sinto abatido ou desencorajado, vou até onde a escola está sendo erguida e vejo a construção subindo. De todas as minhas contradições, está é a mais incrível e a mais envolvente: o guri que desprezava e temia a escola se transforma no homem inspirado e revigorado pela visão da sua própria escola ganhando contornos dia a dia mais definidos.

No entanto, não posso estar lá no dia da inauguração. Estou jogando o Aberto dos Estados Unidos de 2001. Estou jogando *pela* escola, por isso estou dando o meu melhor. Passo arrasando pelas quatro rodadas iniciais e, nas quartas de final, topo com Pete. Desde o momento em que saímos do túnel, sabemos que esta será a mais aguerrida de todas as nossas disputas até agora. A gente simplesmente sabe. É a 32ª vez que nos enfrentamos, e ele já venceu dezessete vezes; eu, catorze. Estamos os dois com uma expressão incomumente sombria. Bem aqui, neste exato momento, estamos diante do jogo que definirá a rivalidade. Quem vencer esta, vencerá tudo.

Espera-se que Pete esteja a meia velocidade. Já são catorze meses sem ganhar um torneio.

Tem-se mostrado birrento. Fala abertamente em se aposentar. Mas tudo isso é irrelevante porque está jogando contra mim. Mesmo assim, acabo vencendo o primeiro set no tiebreak e agora me sinto com chances. A minha estatística registra que tenho 49 vitórias e uma derrota neste torneio, quando venço o primeiro set.

Será que alguém aí pode refrescar a memória do Pete com esses dados? Ele ganha o segundo no tiebreak.

O terceiro também vai para o tiebreak. Cometo uma série de erros imbecis. Cansaço. Ele leva o terceiro.

No quarto, criamos vários ralis épicos em certos games. Vamos para mais um tiebreak. Já estamos jogando há três horas e nenhum dos dois quebrou o serviço do outro. Passa da meia-noite. Os torcedores – mais de 23 mil pessoas – ficam em pé. Eles não nos deixam iniciar o quarto tiebreak. Batendo os pés e aplaudindo ruidosamente, estão encenando o *seu* tiebreak como torcedores. Antes de partirmos para o tudo ou nada, eles querem dizer "obrigado".

Fico comovido. Vejo que Pete está comovido. Mas não posso pensar no público. Não posso me permitir pensar em nada mais além de entrar no santuário do quinto set.

Pete sabe que a vantagem está levemente do meu lado, caso comecemos o quinto set. Ele sabe que vai precisar de um tiebreak irrepreensível para impedir o quinto set. E é o que faz. Uma noite do tênis mais impecável se encerra quando rebato uma bola de forehand na rede.

Pete solta um grito.

Realmente, sinto minha pulsação desacelerar. Não me sinto mal. Tento me sentir mal, mas não consigo. Fico pensando se é porque estou me acostumando a perder para ele em grandes partidas, ou se simplesmente ficando cada vez mais contente com a minha carreira e a minha vida. Em todo caso, coloco minha mão no ombro de Pete e desejo-lhe tudo de bom e, embora não seja mesmo uma despedida, me dá a sensação de ser um ensaio para o adeus que já não pode estar muito distante.

Em outubro de 2001, três dias antes da data esperada para o parto de Stefanie, convidamos nossas mães e levamos um juiz de paz até nossa casa, em Nevada.

Eu adoro ver quando Stefanie está com a minha mãe. As duas mulheres tímidas da minha vida. Stefanie costuma levar dois ou três quebra-cabeças novos para ela. E eu adoro a mãe de Stefanie, Heidi. Ela se parece muito com a filha, de modo que me conquistou no primeiro *Guten Tag*. Descalços, usando calças jeans, Stefanie e eu nos colocamos diante do juiz, no jardim de casa. A título de guirlandas de casamento, usamos fios torcidos de uma ráfia antiga que Stefanie encontrou numa gaveta – o mesmo material que eu tinha usado para decorar o primeiro cartão de aniversário que dei para ela. Nós não percebemos a coincidência então, só muito depois.

Meu pai insiste que não se incomodou absolutamente nada por não ter sido convidado. Ele não quer ser convidado. A última coisa que ele quer é ir a um casamento. Ele não gosta de casamentos. (Ele saiu andando no meio da cerimônia do meu primeiro casamento.) Para ele, tanto faz onde, ou quando, ou como eu torne Stefanie minha esposa, ele diz, desde que eu o faça. Ela é a maior tenista de todos os tempos, ele diz. Do que não se pode gostar?

O juiz vai pronunciando metodicamente toda a sequência legal a que é obrigado, e Stefanie e eu estamos prestes a dizer "sim" quando uma equipe de jardineiros entra em cena. Saio correndo até onde eles estão e peço para que, por favor, desliguem suas máquinas de cortar

grama e ventiladores de folhas, por cinco minutos, para podermos nos casar. Eles pedem desculpas. Um deles coloca o dedo sobre os lábios.

Pelo poder a mim concedido, diz o juiz, e finalmente, depois de todo este longo, longo tempo, na presença de duas mães e três jardineiros, Steffi Graf torna-se Stefanie Agassi.

Capítulo 26

Uma época de nascimento e renascimento. Algumas semanas após a inauguração da minha escola, chega o meu filho. Na sala de parto, quando o médico me entrega Jaden Gil, sinto-me maravilhado, arrebatado. Meu amor por ele é tamanho que sinto o meu coração se rasgar e abrir, como algo que estivesse mais do que maduro. Mal posso esperar para conhecê-lo, e saber mais sobre ele, e muito mais ainda. Também me pergunto: Quem é este lindo intrometido? Será que Stefanie e eu estamos prontos para receber em casa este absoluto desconhecido? Eu mesmo sou um desconhecido para mim. O que serei para o meu filho? Será que ele vai gostar de mim?

Levamos Jaden para casa e passo horas olhando para ele. Pergunto a ele quem ele é, de onde veio, o que será. Pergunto a mim mesmo como poderei ser tudo para ele que eu precisei e nunca tive. Quero me aposentar imediatamente, passar todo o meu tempo com ele. Mas agora, mais do que nunca, preciso jogar. Por ele, por seu futuro e pelas minhas outras crianças na escola.

Meu primeiro jogo é uma vitória contra Rafter no torneio do Master Series em Sydney. Digo aos jornalistas, após a partida, que tenho dúvidas quanto a ser capaz de me manter na ativa tempo suficiente para que meu filho possa me ver jogar, mas certamente é um belo sonho.

Então, desisto do Aberto da Austrália de 2002. Meu pulso está latejando e não posso competir. Brad fica frustrado. Eu não esperaria nada menos. Mas, desta vez, ele não está conseguindo se desvencilhar de sua frustração. Desta vez é diferente.

Alguns dias depois, ele diz que precisamos conversar. Nos encontramos para tomar um café, ele põe as cartas na mesa.

Tivemos uma bela jornada juntos, Andre, mas fomos até onde podíamos ir. Estamos estagnados. Do ponto de vista criativo. Usei até o último dos truques do meu repertório, meu chapa.

Mas...

Foram oito anos, até poderíamos seguir juntos mais um pouco, mas você está com 32 anos. Está com uma nova família, tem novos interesses. Talvez não fosse má ideia você encontrar outra pessoa que te acompanhe nesta fase em que você está mais caseiro. Alguém capaz de te motivar novamente.

Após derrotar Pete em Indian Wells, comemoro com Brad, sem saber que esse será um de nossos últimos triunfos juntos.

Ele faz uma pausa. Olha para mim e depois desvia os olhos. No fundo, no fundo, ele diz, somos tão próximos que meu pior receio é termos um bate-boca sério, agora que o fim está se aproximando, e que essa briga se estenda.

Penso: Isso jamais aconteceria, mas é melhor prevenir do que remediar.

Abraçamo-nos.

Enquanto ele sai pela porta, sinto aquela espécie de melancolia que baixa no domingo à noite, após um fim de semana idílico. Eu sei que Brad também está se sentindo assim. Talvez não seja a melhor maneira de encerrar a nossa jornada juntos, mas é a melhor possível.

Fecho os olhos e tento me imaginar com uma pessoa nova. O primeiro rosto que vejo é o de Darren Cahill. Ele acaba de encerrar uma temporada brilhante como treinador de Lleyton Hewitt, que já foi número 1 e é considerado um dos melhores na escolha de golpes na história do tênis, e uma boa parte desse crédito cabe a Darren. Além disso, topei com Darren há pouco tempo em Sydney e tivemos uma longa conversa sobre sermos pais. Foi um momento de clara aproximação entre nós. Darren, que também se tornou pai recentemente, convenceu-me a ler um livro sobre como fazer os bebês dormir. Ele jurava que o livro era ótimo e disse que seu filho era famoso no circuito por ser um bebê que dormia profundamente.

Sempre gostei de Darren. Gosto do estilo leve e descontraído como ele leva a vida. E acho o sotaque australiano dele muito repousante. Isso *sempre* me deixa com sono. Leio o livro que ele recomendou e telefono da Austrália para Stefanie, para ler alguns trechos para ela. Funciona. Agora eu ligo para Darren e conto que não estou mais trabalhando com Brad. Pergunto se ele teria interesse pela vaga.

Ele diz que se sente honrado, mas que está quase fechando como treinador do Safin. Mas vai pensar a respeito, e depois me telefona.

Tudo bem, eu respondo. Não tem pressa.

Em meia hora estou ligando de novo para ele. E pergunto: Mas o que é que você tanto tem de pensar? Você não pode treinar o Safin. O cara é uma vaca louca. Você tem de trabalhar *comigo*. A sensação é que o certo é *isso*. Darren, eu te prometo, cara, eu ainda tenho jogo, cartas na manga. Não estou acabado. Estou *concentrado* – só preciso de alguém que me ajude

a me manter focado.

Legal, ele diz, rindo. o.k., *mate*.

Em nenhum momento ele fala de dinheiro.

Stefanie e Jaden vão comigo para Key Biscayne. Estamos em abril de 2002, alguns dias antes de eu completar 32 anos, e aquele campeonato está fervendo de jogadores com metade da minha idade, caras jovens como Andy Roddick, o próximo *próximo* salvador do tênis dos Estados Unidos, judiação. Além disso, tem um novo menino maravilha suíço chamado Roger Federer.

Eu gostaria muito de vencer esse torneio, para minha esposa e meu filhinho de seis meses. No entanto, também não me preocupo com perder, não me importo de perder, *por causa* deles, justamente. Todas as noites, poucos minutos após voltar para casa depois de sair da quadra, com Jaden no colo e abraçado a Stefanie, mal consigo me lembrar se ganhei ou se perdi. O tênis desaparece do meu horizonte quase tão depressa quanto a luz do dia. Quase imagino que os calos da minha mão de tenista estão sumindo, que os nervos inflamados das minhas costas estão se acalmando e sarando. Sou em primeiro lugar pai, em segundo tenista, e essa é uma evolução que vai acontecendo sem que eu me dê conta.

Certo dia de manhã, Stefanie sai para comprar mantimentos e fazer uma rápida sessão de ginástica. Ela se arrisca a me deixar sozinho com Jaden. Minha primeira vez a sós com ele.

Vocês dois vão ficar bem?, ela pergunta.

Claro que sim.

Sento Jaden no balcão da pia do banheiro, ele fica encostado no espelho, e deixo que brinque com a minha escova de dentes enquanto me apronto. Ele gosta de ficar chupando as cerdas da escova enquanto me observa raspar a cabeça com a máquina elétrica.

Pergunto a ele: O que você acha do seu pai careca?

Ele sorri.

Sabe uma coisa, filho? Antigamente eu era como você: tinha um cabelo comprido que voava para todo lado. Você não engana ninguém com esse cabelinho todo penteado.

Ele abre ainda mais o sorriso. Sem a menor noção do que eu estou dizendo, claro.

Meço o cabelo dele com meus dedos.

A bem da verdade, meu chapa, o seu cabelo parece um ninho de rato aqui em cima. Acho que um cortezinho caprichado caía bem.

Instalo uma lâmina diferente na máquina, o acessório para dar acabamento no corte. Quando passo a máquina pela pequena cabeça de Jaden, porém, ela raspa uma faixa no couro cabeludo dele, que surge branco e luminoso como uma linha de fundo recém-varrida.

Acessório errado.

Stefanie vai me matar. Preciso dar um jeito no cabelo dele antes que ela volte. Mas, no desespero de acertar o corte todo, acabo encurtando tudo. Antes que eu consiga entender o que aconteceu, deixei meu filho ainda mais careca do que eu. Agora ele parece um minieu.

Quando Stefanie entra porta adentro, de repente estanca e arregala os olhos, uma verdadeira cara de pires. Mas o que é...? Andre, ela diz, mas o que é que você tem na cabeça? Eu deixo vocês sozinhos por 45 minutos e você *rapa a cabeça do moleque*?

Eu digo que foi sem querer. Acessório errado. Peço que me perdoe.

Digo: Eu sei que parece que eu fiz de propósito. Eu sei que estou sempre falando de

brincadeira que quero *raspar o coco de todo mundo*. Mas juro, Stefanie, foi por engano.

Tento lembrar para ela aquela velha lenda das vovós de antigamente, que diziam que, se você raspar o cabelinho do bebê, depois os fios crescem mais depressa e mais encorpados. Mas ela levanta a mão e começa a rir. Ela ri de se dobrar para a frente. Agora Jaden está rindo porque a mamãe está rindo. E agora estamos todos às gargalhadas, esfregando a careca de Jaden e a minha, brincando que agora só falta a Stefanie, e que vai ser melhor ela dormir de touca! Estou rindo demais para conseguir falar e alguns dias depois, na final de Key Biscaine, derroto Roger Federer. É uma boa vitória. Ele está tão a mil quanto qualquer outro jogador do torneio. Quando chegou, veio com 23 vitórias consecutivas na bagagem, só neste ano.

Este é o 51º torneio que venço, e a minha 700ª vitória, no geral. Todavia, tenho certeza de que vou me lembrar deste campeonato menos por ter derrotado Federer do que por aquela gargalhada em família. Fico imaginando se aquela risada teria tido alguma relação com a vitória. É mais fácil se sentir livre e solto, ser espontâneo, depois de rir junto com as pessoas que você ama. As ligações certas.

No início de 2002, entro num ritmo muito bom com Darren. Falamos a mesma língua, vemos o mundo pelo mesmo prisma. Então ele consolida a minha confiança, a minha inabalável certeza, ousando mexer no encordoamento das minhas raquetes – para melhor.

Sempre joguei com ProBlend, uma corda que é metade Kevlar e metade náilon. A gente pode arrastar um marlim de quatrocentos quilos com ProBlend. Nunca rompe, nunca cede, mas também nunca permite um golpe com spin. É como bater na bola com a tampa de uma lixeira. As pessoas dizem que o jogo mudou, que os jogadores ficaram mais fortes, que as raquetes aumentaram de tamanho, mas a mudança mais acentuada dos últimos tempos foi no encordoamento. A introdução de novas cordas de poliéster, que permitem um topspin venenoso, transformou os jogadores de média habilidade em grandes tenistas, e os grandes tenistas em verdadeiras lendas.

Mesmo assim, sempre relutei em mudar. Agora Darren insiste que eu faça isso. Estamos no Aberto da Itália. Acabo de enfrentar Nicolas Kiefer, da Alemanha, na primeira rodada. Venci por 6-3/6-2 e estou dizendo a Darren que deveria ter perdido. Joguei muito mal. Não estou confiando neste saibro, digo a ele. O piso de pó de tijolo já me deixou para trás.

Experimente jogar com o novo encordoamento, *mate*.

Faço cara de poucos amigos. Não acredito muito. Tentei mudar a raquete uma vez. Desastre total.

Ele prepara uma das minhas raquetes com o novo encordoamento e diz, de novo: Só experimente.

Durante um treino com ele, não erro uma única bola durante duas horas. E depois não erro mais nenhuma bola no torneio inteiro. Nunca tinha vencido o Aberto da Itália. Mas agora venço por causa de Darren e suas cordas milagrosas.

De repente, estou aguardando com ansiedade o Aberto da França de 2002. Estou empolgado, ávido por lutar, reservadamente otimista. Estou vindo de mais um título, Jaden está dormindo um pouco mais e conto com mais uma arma. Na quarta rodada, estou dois sets e um break atrás de um azarão, um francês chamado Paul-Henri Mathieu. Ele tem vinte anos, mas não está na mesma forma física que eu. No tênis não há relógio, meu filho. Eu aguento ficar aqui batendo

bola o dia inteiro.

E começa a chover. Sentado no vestiário, vem à minha mente a lembrança de Brad berrando comigo a plenos pulmões, em 1999. Torno a ouvir tudo o que ele disse, então, palavra por palavra. Quando caminhamos de volta para a quadra, estou sorrindo. Estou sacando, 40-0, e Mathieu quebra o meu saque. Não dou a mínima. Simplesmente quebro o dele, de volta. No quinto set, ele abre 3-1. Mais uma vez, me recuso a perder.

Se tivesse sido qualquer outro, mas não Agassi, Mathieu comentou com os jornalistas depois, eu teria vencido.

Na rodada seguinte, vem o espanhol Juan Carlos Ferrero pela proa. Chove outra vez. Desta vez eu peço que a partida seja interrompida até o dia seguinte. Ferrero está ganhando, não quer parar. Fica muito mal-humorado quando os organizadores atendem ao meu pedido e suspendem o jogo. No dia seguinte, ele descarrega todo o mau humor em cima de mim. Surge uma pequena oportunidade para mim no terceiro set, mas ele rapidamente a neutraliza. Ele fecha esse set e posso enxergar seu nível de confiança subindo e emanando dele, como vapor, quando enfim me derrota.

Sinto-me em paz quando saio da quadra, acompanhado por Darren. Gosto do modo como joguei. Cometi erros, meu jogo tem suas falhas, mas eu sei que vamos trabalhar para consertar essas deficiências. Estou com as costas doendo, mas é principalmente de ficar curvado para a frente, para ajudar Jaden a andar. Uma lombalgia deliciosa.

Algumas semanas depois, estamos no torneio de Wimbledon de 2002, e a minha espetacular nova atitude me abandona porque o novo encordoamento me deixa na mão. No piso de grama, o meu topspin recentemente incrementado é tão capaz de assentar na quadra quanto um balão de hélio. Na segunda rodada, pego Paradorn Srichaphan, da Tailândia. Ele é bom, mas não muito. Está aceitando tudo o que eu bato. Ocupa o 67º lugar do ranking e acho que é impossível ele me derrotar, e então ele quebra o meu serviço no primeiro set.

Eu tento de tudo para reencontrar o meu jogo. Nada dá certo. Minhas bolas são fatias de bolo que Srichaphan devora. Nunca vi os olhos de um adversário abrirem tanto quanto os dele quando avança para rebater o meu forehand. Ele está devolvendo as bolas muito baixas, e o único pensamento consciente e coerente que me ocorre é este: Gostaria de poder rebater as bolas tão baixas quanto ele e ser recompensado por isso. Como posso fazer as pessoas desta plateia entenderem que isso não sou eu, que não é minha culpa? É o encordoamento. No segundo set faço alguns ajustes, luto e jogo bem, mas Srichaphan demonstra uma suprema confiança. Ele está certo de que aquele é o dia dele, e, quando você tem essa certeza, o dia acaba mesmo sendo seu. Ele acelera uma bola impossível que magicamente pega um pedacinho da linha lateral, depois vence um tiebreak e, com isso, acumula dois sets. No terceiro eu apenas me rendo da maneira mais pacífica.

É um frio consolo saber que Pete perdeu, no mesmo dia.

Darren e eu passamos os dois dias seguintes experimentando diferentes combinações de encordoamento. Eu digo que não posso continuar com as novas cordas de poliéster e, no entanto, ele me fez desistir do encordoamento antigo. Se eu tiver de voltar a usar ProBlend, digo, não jogo mais tênis.

Ele está com a cara enfarruscada. Depois de se tornar o meu treinador, há seis meses, fez um pequeno ajuste de encordoamento que, sem querer, pode ter apressado o momento da minha aposentadoria. Ele promete que fará tudo o que estiver ao seu alcance para encontrar a

combinação certa de cordas para o meu jogo.

Eu digo a ele: Encontre o que vai me deixar rebater as bolas na altura do calcanhar e isso dar certo. Como Srichaphan. Faça com que eu goste de Srichaphan.

Combinado, *mate*.

Ele trabalha dia e noite e enfim encontra uma combinação do seu agrado. Vamos para Los Angeles e é uma perfeição. Ganho a Copa Mercedes-Benz.

Vamos para Cincinnati e jogo bem, mas não bem o bastante para ganhar. Então, em d.c., derroto Enqvist, sempre um adversário duro para mim, à altura. Em seguida, é a vez de outro garoto de quem dizem que será a próxima sensação: James Blake, de 22 anos. Ele tem um jogo bonito, elegante, e hoje eu não faço parte desse nível. Ele simplesmente é mais jovem, mais rápido e melhor atleta. E também leva em muita consideração o meu histórico, as minhas conquistas, para apresentar o seu jogo classe A. Gosto de que ele tenha vindo com toda a artilharia de que é capaz. É um elogio a mim, embora signifique que eu não tenho a menor chance. Essa não é uma derrota que eu posso atribuir ao encordoamento.

Entro no Aberto dos Estados Unidos, incerto quanto ao que esperar de mim. Vou passando pelas primeiras rodadas e, nas quartas de final, topo com Max Mirnyi, um bielorrusso de Minsk. O pessoal o apelidou de A Besta, o que não chega nem perto de descrever quem ele realmente é. Do alto dos seus 1,93 metro, manda um saque que é uma das coisas mais assustadoras que já tive de encarar. A bola cria um rastro amarelo incandescente, como se fosse um cometa, e faz um arco alto sobre a rede, para então cair de repente, bem em cima da gente. Não tenho golpe para devolver esse saque. Ele ganha o primeiro set com uma facilidade bestial.

Todavia, no segundo, Mirnyi comete diversos erros não forçados, o que me injeta um pouco de energia, de pique. Começo a enxergar um pouco melhor o primeiro serviço dele. Daí em diante disputamos os pontos até o final, jogando um tênis de alta qualidade e, quando a última devolução de forehand dele vai fora, nem consigo acreditar. Estou na semifinal.

Depois de toda essa mão de obra, consigo por meus próprios méritos um confronto com Hewitt, o cabeça de chave número 1, vencedor de Wimbledon neste ano. Mais dentro do meu horizonte, ele é um ex-aluno de Darren. O fato de o meu atual treinador ter treinado Hewitt por vários anos acrescenta um teor extra de intensidade à pressão. Darren quer que eu ganhe de Hewitt. E eu quero derrotar Hewitt por Darren. Mas, no primeiro set, eu rapidamente fico atrás em 0-3. Estou com um monte de informações na cabeça sobre Hewitt, dados que Darren me passou junto com outros de minhas próprias experiências anteriores com ele, mas custa um pouco de tempo processar todas essas informações e decifrá-lo. Quando faço isso, tudo muda rapidamente de figura. Vou para cima com a carga toda e levo o primeiro set, 6-4. Percebo que a “chama piloto” no olhar de Hewitt se apagou. Ganho o segundo set. Ele disputa muito os pontos e vence o terceiro. No quarto, ele de repente não consegue mais acertar o primeiro serviço e, em cima do segundo saque dele, consigo liquidar o assunto. Meu Deus, estou na final.

O que significa Pete. Como sempre, Pete. Já jogamos 37 vezes ao longo das nossas carreiras, quatro vezes em finais de Grand Slam. Ele está em vantagem, com dezenove vitórias contra catorze minhas, e 3-1 em finais de Slams. Ele diz que comigo joga o seu melhor tênis, e eu acho que ele em mim desperta o meu pior desempenho. Na noite anterior à final, não posso me impedir de pensar em todas as vezes em que achei que ia ganhar dele, sabia que ia vencer

Pete, precisava ganhar dele, e sempre perdia. E o sucesso dele contra mim começara exatamente ali, há doze anos, quando ele me surpreendeu com uma derrota cabal por 3 sets a 0. Naquele ano, eu era o favorito, assim como agora.

Bebericando a Água Mágica de Gil antes de ir dormir, digo a mim mesmo que desta vez vai ser diferente. Pete não ganha um Slam em mais de dois anos, agora. Está perto do fim. Eu estou somente começando de novo.

Vou para baixo das cobertas e me lembro de uma vez, em Palm Springs, há muitos anos. Brad e eu estávamos jantando num restaurante italiano, o Mama Gina's, e vimos Pete comendo em companhia de amigos, do outro lado do salão. Quando estava de saída, ele se aproximou para nos cumprimentar. Boa sorte amanhã. Você também. Depois, vimos quando ele estava na calçada, esperando que trouxessem seu carro. Não dissemos uma palavra, os dois pensando na grande diferença que ele tinha feito em nossas vidas. Quando Pete foi embora dirigindo, perguntei a Brad quanto ele achava que Pete tinha dado de gorjeta ao rapaz do valet.

Brad chutou. Cinco pratas, no máximo.

De jeito nenhum, eu disse. O cara tem milhões. Ganhou só em dinheiro 40 milhões em prêmios. Aposto que ele é mais do tipo que daria dez pratas.

Quer apostar? Apostado.

Comemos rapidamente e fomos para fora. Oi, eu disse ao valet. Conte a verdade para nós. Quanto o sr. Sampras te deu de gorjeta?

O rapaz ficou olhando para o bico do sapato. Ele não queria falar. Estava avaliando a situação, pensando que talvez estivesse participando de um desses programas em que a câmera de tv fica escondida.

Dissemos ao rapaz que tínhamos feito uma aposta entre nós, de modo que realmente fazíamos questão que ele nos dissesse. Finalmente, ele disse em voz muito baixa: Vocês realmente querem saber?

Manda.

Ele me deu um dólar.

Brad pôs a mão no coração.

Mas isso não é tudo. Ele me deu o dólar e me disse que eu entregasse o dinheiro para o sujeito que realmente tivesse trazido o carro dele até ali.

Nós não podíamos ser mais diferentes, Pete e eu, e, perto de adormecer na noite anterior à nossa talvez final *final*, jurei que no dia seguinte o mundo inteiro iria comprovar as nossas diferenças.

A nossa partida começou atrasada devido a um jogo dos New York Jets que entrou nos acréscimos e atrasou a transmissão da final de tênis pela tv. Isso me favorece. Estou em melhor forma e gosto de saber que estaremos jogando até pelo menos meia-noite. Mas imediatamente eu estou dois sets atrás. Outra surra na mão do Pete. Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo.

Então percebo que Pete parece acabado. E velho. Dou um banho no terceiro set e o público todo consegue perceber que os ventos estão soprando para o meu lado. A torcida fica enlouquecida. Eles não se importam com quem ganhe, querem só assistir a uma partida de cinco sets entre Agassi e Sampras. Enquanto corre o quarto set, eu sei, no fundo do coração, como sempre soube quando é com Pete, que, se eu conseguir levar isto aqui para o quinto set,

vou ganhar. Estou mais descansado. Estou jogando melhor. Somos os dois jogadores mais velhos a se encontrar numa final do Aberto dos Estados Unidos, em mais de trinta anos, mas estou me sentindo como se fosse um dos adolescentes que ultimamente vêm mandando bala nos torneios. Sinto- me parte da nova geração.

Em 3-4, Pete está sacando e eu tenho dois break points. Se eu ganhar este game, vou servir para o set. Então é isto: este é o game do jogo. Ele encontra um ace mortal, salva o primeiro. No segundo break point, acerto uma devolução fulminante nos pés dele. Acho que a bola já está bem atrás dele – já estou comemorando – quando, de algum jeito, ele encontra a bola e dá um bate-pronto que morre no chão logo depois da rede, do meu lado. Iguais.

Estou assombrado. Pete fecha o game e agora parte para um break em cima de mim.

Agora é ele quem está servindo para o jogo e, quando isso acontece, Sampras é um matador frio e impiedoso. Tudo acontece depressa demais.

Ace. Borrão. Voleio de backhand, não consigo alcançar.

Aplausos. Aperto de mãos sobre a rede.

Pete me dá um sorriso amistoso, um tapinha nas costas, mas a expressão do rosto dele é inconfundível. Eu já vi isso antes.

Toma aqui um dólar, rapaz. Pode trazer o meu carro.

Uma palavrinha em particular com Pete Sampras, na final do Aberto dos Estados Unidos em 2002.

Capítulo 27

Abro os olhos devagar. Estou no chão, ao lado da cama. Sento-me para dar bom-dia a Stefanie, mas então lembro que ela está em Las Vegas, e eu em São Petersburgo. Não, um minuto. São Petersburgo foi na semana passada.

Estou em Paris.

Não, Paris foi depois de São Petersburgo.

Estou em Xangai. Certo, é isso, estou na China.

Vou até a janela, abro as cortinas. A silhueta da cidade foi projetada por alguém viajando com chá de cogumelo. Lembra Vegas num cenário de ficção científica. Cada edifício é uma maluquice diferente, todos eles arrumados contra um fundo de céu estritamente azul. Não importa onde eu esteja, falando claro, porque há partes de mim ainda na Rússia e na França e mais em uns doze lugares onde joguei recentemente. E a maior parte de mim está em casa, como sempre, com Stefanie e Jaden.

No entanto, não importa onde eu esteja, a quadra de tênis é sempre a mesma, assim como a finalidade de eu estar aqui: quero ser o número 1, ao final da temporada de 2002. Se eu conseguir chegar à vitória aqui em Xangai, uma pequena vitória, serei o mais velho tenista do mundo a conquistar a posição de número 1 na história deste esporte, tirando esse recorde do Connors.

Ele é um arruaceiro – você é uma lenda!

Eu quero isso, digo com os meus botões. Não preciso, mas realmente quero.

Peço o café da manhã no quarto, depois vou para a escrivaninha escrever no meu diário. Não sou do tipo que mantém um diário, mas há pouco tempo comecei um e rapidamente se tornou um hábito fazer anotações nessas páginas. Sinto-me impelido a escrever. Estou obcecado com a ideia de deixar registrada a minha história, em parte porque de repente sinto um receio muito forte de não estar vivo tempo bastante para que Jaden possa me conhecer. Eu vivo dentro de aviões e, com o mundo se tornando cada vez mais perigoso, mais imprevisível, temo não ser capaz de contar a Jaden tudo o que vi e aprendi. Assim, toda noite, onde estiver, rabisco algumas linhas no diário. São pensamentos soltos, impressões, lições aprendidas. Agora, um pouco antes de sair para o estádio de Xangai, anoto isto:

> Olá, amigão. Você está em Vegas com a mamãe e eu estou em Xangai, sentindo falta de você. Tenho chance de ganhar este campeonato. Mas juro que a única coisa em que penso é ir para casa e ficar com você. Eu me pressiono muito por causa do tênis. Mas, de algum jeito estranho, fico me forçando a continuar. Levei algum tempo para perceber isso. Durante muitos anos, jogar tênis foi uma luta, para mim. Agora, eu somente me empenho o máximo que posso e deixo que o resto aconteça naturalmente. Ainda não me traz uma sensação espetacular a maior parte do tempo, mas eu afasto a aflição porque existem muitas outras coisas boas também. É bom jogar, é bom para o seu futuro, é bom para muita gente da minha escola. Sempre dê valor aos outros, Jaden. Quando a gente cuida dos outros sente uma paz muito grande. Eu amo você e você pode contar comigo para sempre.

Fecho o diário, saio do quarto e sou liquidado por Jiri Novak, da República Tcheca. Uma humilhação. E, o que é pior, não posso ir embora deste país e voltar para casa. Preciso ficar mais um dia para um jogo extra, de consolação.

De volta ao hotel, afogado em emoções, escrevo para Jaden outra vez:

> Acabo de perder o jogo e me sinto péssimo. Não quero voltar lá amanhã, de novo. A tal ponto não quero que cheguei inclusive a desejar ter uma lesão. Imagina só, não querer fazer alguma coisa a tal ponto que você acaba desejando se machucar. Jaden, se um dia você também se sentir derrotado por alguma coisa com a força com que estou sentindo isso agora, apenas mantenha a cabeça baixa e continue em frente, trabalhando, dando o seu melhor. Encare o que há de pior e perceba então que não é o fim do mundo. Essa é a sua chance de ficar em paz. Eu queria desistir, ir embora, voltar para casa e ver você. É muito difícil ficar e jogar, é muito fácil voltar para casa e estar com você. Por isso é que vou ficar.

No final do ano, como era de esperar, Hewitt é o número 1. Digo a Gil que precisamos melhorar mais um pouco o trabalho. Ele elabora um novo programa para este novo eu, mais velho. Extrai ideias do seu caderno Da Vinci e durante semanas só trabalhamos a região lombar das minhas costas, em franca deterioração. Dia sim, no outro também, ele fica em cima de mim enquanto fortaleço as pernas. *Grande tempestade! A Austrália chama!*

Pernas fracas dominam, Gil diz. Pernas fortes obedecem.

Na ocasião em que embarcamos no Ambien Express, de Vegas a Melbourne, minha sensação é que eu poderia correr ou nadar ali. Sou o cabeça de chave número 2 do Aberto da Austrália 2003, e chego com a corda toda, feroz. Chego à semifinal e mastigo Ferreira em noventa minutos. Em seis partidas perco somente um único set.

Na final enfrento Rainer Schuettler, da Alemanha. Venço por três sets a zero, perdendo apenas cinco games no jogo, para consolidar a mais irretocável vitória já testemunhada no Aberto da Austrália. Meu oitavo Grand Slam e o melhor desempenho em todos os tempos. Provoco Stefanie, dizendo que parece uma das partidas dela, o mais perto que um dia conseguirei chegar de sentir na própria pele o tipo de domínio que ela tem.

Quando me entregam o troféu, digo ao público: Nunca temos garantia de nada, em dia nenhum. Certamente dias como este são muito raros.

Mais tarde disseram que parecia que eu tinha passado por alguma experiência de quase morte.

Foi mais uma experiência de quase vida. É assim que fala quem quase não vive.

Sou o mais velho jogador dos últimos 31 anos a vencer um Slam, e os jornalistas nem querem ouvir falar sobre em estar encerrando a carreira. Vezes e vezes seguidas, antes de eu sair da Austrália, os repórteres perguntam qual é o meu plano de aposentadoria. Respondo que não planejo os fins assim como não planejo os começos. Eles dizem que sou o último da minha geração. O último moicano dos anos 1980. Chang anuncia que está parando. Courier já se aposentou há três anos. As pessoas me tratam como um velhinho biruta, pois Stefanie está novamente grávida e é de conhecimento público que circulamos por Vegas a bordo de uma minivan. Entretanto, me sinto eterno.

É irônico que a minha falta de flexibilidade pareça estar alongando a minha carreira. Ajuda a minha durabilidade. Como não consigo me virar bem, sempre fico com a raquete colada ao corpo, e a bola sempre à minha frente. Com isso, não uso força desnecessária, nem submeto minha estrutura a um torque excessivo. Mantendo essa forma, segundo Gil, meu corpo ainda aguenta bem uns três anos.

Depois de um breve intervalo em Vegas, vamos para Key Biscayne. Já ganhei este torneio dois anos seguidos, cinco vezes no total, e nada consegue me deter. Na final, dou uma lavada em Moyá, meu antigo adversário no Aberto da França, atualmente o número 5 do mundo. Três

sets a zero. Esta é a minha sexta vitória nesta quadra, e bato o recorde de Stefanie. Brinco com ela dizendo que, finalmente, faço alguma coisa melhor do que ela. Mas, como ela é supercompetitiva, eu sei muito bem que não é bom provocá-la demais.

Jogando nos campeonatos masculinos no saibro, nos Estados Unidos, em Houston, eu só preciso chegar à final para voltar a ser o número 1 do mundo. E é o que faço. Derroto Jürgen Melzer por 6-4/6-1e saio com Darren e Gil para comemorar. Entorno vários coquetéis de vodca com cranberries. Não dou a mínima que amanhã estarei jogando a final com Roddick – já sou o número 1.

Justamente por isso ganho dele. Essa mistura perfeita entre se importar e não se importar é a melhor preparação.

A poucos dias de completar 32 anos, sou o mais velho jogador a se tornar o número 1 na história do tênis. Vou para Roma sentindo-me um verdadeiro Ponce de Léon, e desço do avião com uma dor altamente geriátrica no ombro. Na primeira rodada jogo mal, mas nem fico ruminando muito sobre isso, tiro logo o fato da minha cabeça. Algumas semanas mais tarde, no Aberto da França de 2003, meu ombro continua doendo, mas meus treinos são pesados. Darren diz que sou um portento.

Na segunda rodada, estou na quadra Suzanne Lenglen, local repleto de más lembranças. Ali perdi para Woodruff em 1996. Para Safin, em 1998. Agora estou enfrentando um guri da Croácia, Mario Ancic. Perco os dois primeiros sets e entro no terceiro com esforço. Ele tem dezenove anos, 1,93 metro e, além de tudo, saca e voleia sem o menor medo de mim. A quadra Lenglen costuma ser mais densa, mais lenta, mas hoje a bola está rápida. Estou tendo uma rara dificuldade para conseguir controlá-la. Todavia, recupero o autocontrole e venço os dois sets seguintes. No quinto, exausto, com o ombro em pandarecos, tenho quatro match points e perco os quatro. Faço dupla falta em três deles. Finalmente consigo ganhar do moleque, mas só porque ele ficou um pouquinho mais com medo de perder do que eu.

Chego às quartas de final, onde tenho Guillermo Coria, da Argentina, pela frente. Outro garotão. Publicamente ele diz que sou o ídolo dele. Ouçam uma coisa, digo aos jornalistas. Eu preferia muito mais não ser o ídolo dele e jogar numa quadra de piso duro do que ser esse ídolo e enfrentá-lo no saibro. Cara, como eu detesto o saibro. Perco quatro dos cinco primeiros games. Depois ganho o set. Cara, como eu amo o saibro.

Coria não demonstra a menor emoção. No segundo set, salta para uma vantagem de 5-1. Não erra rigorosamente nada. É rápido e está ficando mais rápido. Alguma vez eu consegui ser tão rápido? Tento confundi-lo. Subo à rede. Não adianta nada. Hoje, ele simplesmente está melhor do que eu. Me tira do campeonato e me tira do primeiro lugar.

Na Inglaterra, num torneio de aquecimento para Wimbledon, derroto Peter Luczak, da Austrália. Esta é a milésima partida da minha carreira. Quando alguém me dá essa informação, sinto uma necessidade esmagadora de me sentar. Tomo uma taça de vinho com Stefanie e tento rememorar todas as mil partidas. Eu me lembro de cada uma, digo a ela.

Claro que sim, ela responde.

Para comemorar o aniversário de Stefanie, eu a levo a um show de Annie Lennox em Londres. Ela é uma das cantoras compositoras prediletas de Stefanie, mas nesta noite ela é a minha musa. Nesta noite, ela está cantando e falando diretamente para mim. Inclusive, faço questão de dizer a Gil que precisamos incluir alguma coisa de Lennox na nova edição de *Dor*

de estômago 2. De repente, eu podia escutar a fita antes de cada jogo.

Minhas duas grandes fontes de ânimo, Gil e Stefanie, sentados no meu camarote no Aberto da Austrália de 2003.

Pouco depois de vencer o Aberto da Austrália de 2003.

This is the path I'll never tread

These are the dreams I'll dream instead...[8]

Sou um dos favoritos em Wimbledon 2003. Como? Nenhum pai ganhou este campeonato desde os anos 1980. Pais não ganham Grand Slams. Na terceira rodada, jogo com Younes El Aynaoui, do Marrocos. Ele também acaba de se tornar pai. Brinco com os jornalistas quando digo que estou ansioso para jogar com um sujeito que dorme tão pouco quanto eu.

Em suas instruções antes do jogo, Darren diz: Quando você conseguir que o cara tenha dificuldade para rebater de backhand, no início da partida, quando você vir que ele devolveu um slice, você tem de rebater a bola bem no ar. Com isso, você manda para ele um aviso, ele não vai se dar bem com bolas seguras dentro de uma postura defensiva. Ele vai ter de achar algo especial para trocar bola com você. É assim que, no começo da partida, você dá o recado e mais tarde no jogo ele começará a errar.

Bom conselho. Rapidamente construo uma vantagem, dois sets a um. El Aynaoui, porém, não se dobra. No quarto ele vem para cima e faz três set points. Eu não quero que isto aqui entre no quinto set. Me recuso a ir para o quinto. Os últimos pontos do quarto set são tremendos, e eu faço tudo o que é preciso, tudo que Darren recomendou. Quando acaba, depois de ganhar o set e o jogo, estou completamente liquidado. Tenho um dia de descanso, mas sei que não é suficiente.

Na quarta rodada é a vez de jogar contra Mark Philippoussis, um garotão australiano com enorme talento e fama de fazer péssimo uso dele. O saque dele é sensacional, insuportavelmente sensacional, e hoje está mais do que ótimo. O cara dispara petardos a 225 quilômetros por hora. Emplaca *somente* 46 aces. Mesmo assim, a partida chega aonde nós dois sabemos que chegará: no quinto set. Em 3-4, ele sacando, de repente tenho um break point. Ele erra o primeiro serviço. Saboreio o gosto da vitória. No segundo, ele dispara um torpedo a 210 quilômetros por hora, no meio da área de saque. Essa é uma velocidade inadmissível, mas a bola veio bem onde eu pensava que ele atacaria. Coloco a raquete à frente, devolvo a bola para ele por reflexo e a única coisa que ele pode fazer é ficar ali e olhar. Ele quase leva a bolada. No entanto, a bola cai meio centímetro depois da linha de fundo. Fora.

Se ela tivesse entrado, eu teria aproveitado o break, o embalo, e estaria sacando para o jogo. Mas não é para ser. Agora, acreditando que pode ganhar, Philippoussis cresce um pouco mais, e quebra o meu serviço. Tudo acaba num piscar de olhos. Num minuto estou sacando para o jogo, e no minuto seguinte ele está erguendo os braços em triunfo. Tênis.

No vestiário, meu corpo está diferente. A grama se tornou um pesadelo, e uma partida de cinco sets nesse tipo de piso me deixa fisicamente em frangalhos. Além disso, neste ano, as quadras de Wimbledon estão assistindo a jogos mais disputados, o que significa ralis mais longos, mais movimentação, mais corridas atrás da bola, mais flexões. De repente, minhas costas se tornaram um problema. Elas nunca foram 100%, mas agora a dor está muito presente, perturbadora. A dor desce pelas costas, atravessa as nádegas, evita os joelhos, entra pela parte da frente das pernas e por fim vai me espetar nos tornozelos. Estou grato por não ter ganho de Philippoussis, por não ter avançado no campeonato, porque teria de cancelar minha participação na próxima partida.

Quando o Aberto dos Estados Unidos de 2003 está acontecendo, Pete anuncia seu afastamento definitivo das quadras. Durante a coletiva de imprensa, ele para várias vezes a fim de se recompor. Percebo que eu também me sinto profundamente comovido. Nossa rivalidade sempre foi um dos pontos altos da minha carreira. Perder para Pete custou-me um monte de dores, mas, no longo prazo, acabou também me tornando mais resiliente. Se eu tivesse derrotado Pete mais vezes, ou se ele tivesse vindo em outra geração, eu teria um histórico melhor, e poderia até ter sido considerado melhor jogador, mas teria sido menos tenista.

Durante várias horas, após essa coletiva de Pete, sinto uma aguda solidão. Sou o último ainda de pé. Sou o último norte-americano vencedor de Slams no circuito. Digo aos repórteres: A gente mais ou menos acha que vai sair do baile junto com aqueles com quem chegou. Então me dei conta de que essa não era a analogia correta. Porque não estou saindo da dança – eles, sim. Eu continuo dançando.

Chego às quartas de final. De novo, Coria, que tinha me tirado do Aberto da França. Estou coçando para resolver esse torneio de uma vez, sair finalmente daqui, mas ficamos retidos dias a fio por causa das chuvas. Enfiado no hotel, não há nada para fazer a não ser esperar e ler. Observo os fios de chuva escorrendo pela janela, cada um deles tão cinzento quanto os fios crescidos da minha barba e da minha careca. Cada gota de chuva parece um minúsculo fim se dissolvendo para sempre.

Gil me obriga a beber sua Água e repousar. Ele diz que vai ser bom, que tem certeza. O tempo está passando. Finalmente as nuvens se abrem, estamos na quadra, e Coria não é o mesmo cara que vi em Paris. Está com uma lesão na perna, que exploro. Faço ele correr, sem dó nem piedade, faço o sujeito comer pó, e levo os dois primeiros sets.

No terceiro, tenho quatro match points – e perco os quatro. Olho para o camarote e vejo Gil se retorcendo. Em toda a minha carreira, nem uma única vez ele saiu para tomar uma ducha enquanto eu jogava. Nunca. Nem uma única vez. Ele diz que não quer correr o risco de eu olhar para o camarote e não vê-lo lá, e então entrar em pânico. Ele merece mais do que está acontecendo. Retomo a concentração. Clico a lente da esquerda para que entre em foco, a lente da direita e enxergo *tudo*. E saco para fechar o set e o jogo.

Não há tempo para descansar. Toda aquela chuva acabou espremendo o cronograma do torneio. Tenho de jogar a semifinal no dia seguinte, contra Ferrero, que acaba de vencer o Aberto da França. O nível de confiança dele está tão alto que sai pelos poros. Ele é pelo menos cem anos mais novo que eu, e isso fica evidente. Me despacha do campeonato em quatro sets.

Curvo-me na direção dos quatro lados da quadra, atiro beijinhos para a plateia e penso que eles sabem que lhes dei tudo. Vejo Jaden e Stefanie me esperando do lado de fora do vestiário – Stefanie no oitavo mês de gestação do nosso segundo bebê – e a decepção dessa derrota escorre e some, como uma gota de chuva terra adentro.

Nossa filha nasce no dia 3 de outubro de 2003, uma nova e maravilhosa intrusa.

Damos-lhe o nome de Jaz Elle – e, assim como fizemos com nosso filho, juramos secretamente que ela não vai jogar tênis. (Nem temos uma quadra no nosso quintal.) Mas há mais uma coisa que Jaz Agassi não faz: dormir. Perto dela, seu irmão parece sofrer de narcolepsia. Com isso, vou para o Aberto da Austrália de 2004 com cara de vampiro. Enquanto isso, todos os demais jogadores parecem ter tido pelo menos doze horas do sono mais abençoado. Todos de olhos brilhantes e transbordando potência muscular. Parecem mais encorpados do que nos anos anteriores, como se todos tivessem cada um o seu Gil.

Minhas pernas aguentam bem o tranco até a semifinal, quando topo com Safin, que joga como um dingo. Ele praticamente não jogou no ano anterior, por causa de uma lesão no punho. Agora, plenamente restabelecido e descansado, é impossível de ser detido. De um lado a outro da quadra, para a rede e para o fundo, os ralis do nosso jogo duram uma eternidade. Nós dois nos recusamos a errar, a cometer erros não forçados, e depois de quatro horas nenhum

dos dois está menos sedento de vitória. Na realidade, nós dois estamos com mais vontade ainda de ganhar. A diferença está no saque de Safin. Ele leva o quinto set e eu fico me perguntando se não acabo de receber minha última ovação na Austrália.

Será o fim? Venho ouvindo essa indagação, dia sim, dia não, há meses, há anos, mas esta é a primeira vez em que eu mesmo é que me pergunto isso.

Descansar é o seu maior amigo, Gil diz. Você precisa de mais descanso entre os torneios, precisa escolher suas lutas com cada vez mais cuidado. Roma ou Hamburgo? Passo. Davis Cup? Desculpe, não vai dar. Você precisa poupar energia para os grandes campeonatos, e o próximo na fila é o Aberto da França.

Por conta disso, quando chegamos a Paris, sinto-me anos mais jovem. Darren analisa a chave em que caí e prevê um caminho fácil até a semifinal.

Na primeira rodada enfrento Jérôme Haehnel, um alsaciano de 23 anos, classificado como 271 do ranking. Ele nem tem treinador. Darren diz que não será problema.

Mas vira um tremendo problema. Começo péssimo. Cada devolução de backhand acaba na rede. Grito para mim mesmo: Você *é melhor* do que isto! Ainda não acabou! Não permita que acabe assim! Gil, sentado na primeira fileira, está com a boca franzida.

Não é só uma questão de idade, e não é só o saibro. Não estou batendo direito na bola. Estou descansado, mas enferrujado por causa do longo tempo sem jogar.

Os jornais descrevem o jogo como a pior derrota da minha carreira. Haehnel diz aos jornalistas que seus amigos tinham-no estimulado muito antes do jogo, confirmando que ele iria ganhar porque há pouco tempo eu tinha perdido para um tenista como ele. Quando lhe perguntaram o que ele queria dizer com isso, ele explicou: Um perna de pau.

Gil diz aos jornalistas que estamos percorrendo a reta final. Só o que peço é que a gente não atravesse a linha de chegada mancando.

Em junho, cancelo minha participação em Wimbledon. Perdi quatro jogos seguidos, o pior resultado da minha carreira desde 1997, e sinto como se meus ossos fossem de porcelana. Gil senta para uma conversa séria comigo e diz que não sabe quanto tempo mais ele vai conseguir me ver jogar assim. Pelo bem de nós dois, preciso pensar muito seriamente em parar.

Respondo que vou pensar na minha aposentadoria, mas que primeiro preciso pensar em Stefanie. Ela foi indicada para o International Tennis Hall of Fame, naturalmente: tem mais títulos de Slam do que qualquer outra jogadora, além de Margaret Court. Ela quer que eu a apresente na cerimônia. Vamos para Newport, em Rhode Island. Um grande dia. Será a primeira vez que deixamos nossos filhos com alguém, por uma noite, e a primeira vez em que vejo Stefanie realmente nervosa, a ponto de ficar toda dura. Ela está muito aflita com a cerimônia. Não quer essa atenção. Está preocupada com dizer alguma coisa errada ou esquecer de agradecer a alguém. Está efetivamente tremendo.

Eu mesmo não estou assim tão à vontade. Fiquei ruminando meu discurso durante semanas. Será a primeira vez que falarei em público sobre Stefanie, e a sensação é a de escrever alguma coisa no nosso Quadro de Elogios na cozinha, só que agora o mundo inteiro pode ler. J.P. me ajuda nos vários rascunhos. Estou excessivamente preparado e, conforme caminho até o púlpito, estou ofegando. Então, no momento em que começo a falar, relaxo porque o tema das minhas palavras é o meu assunto predileto e nele me considero especialista. Todo homem deveria ter a oportunidade de apresentar sua esposa na cerimônia de nomeação para o seu

próprio Hall da Fama.

Passeio os olhos pelo público, os fãs, a fisionomia de antigos campeões, e quero falar de Stefanie para eles. Quero que eles saibam o que eu sei. Eu a comparo aos artesãos e artistas que construíram as grandes catedrais medievais; eles não economizaram seu perfeccionismo ao fazer o telhado ou a adega, ou outras partes escondidas das catedrais. Eles foram perfeccionistas a respeito de todos os vãos e recortes e cantinhos ocultos. Essa é Stefanie. Que, além disso, é uma catedral. Um monumento à perfeição. Passo cinco minutos elogiando sua ética, sua dignidade, seu legado, sua força, sua elegância. Para concluir, pronuncio as palavras mais sinceras que já disse sobre ela.

Senhoras e senhores, com vocês a melhor pessoa que já conheci na vida.

Capítulo 28

Todos à minha volta falam sem parar de aposentadoria. Da de Stefanie, da de Pete. Da minha. Enquanto isso, não faço nada além de jogar e ficar ligado no próximo Slam. Em Cincinnati, para surpresa geral, derroto Roddick na semifinal, o que me empurra para a minha primeira final da atp desde o último mês de novembro. Depois derroto Hewitt, e com isso me torno o mais velho vencedor de um torneio da atp, desde Connors.

No mês seguinte, no Aberto dos Estados Unidos de 2004, digo aos jornalistas que vou tentar ganhar o torneio. Eles trocam sorrisinhos, como se eu estivesse demente.

Stefanie e eu alugamos uma casa nos arredores da cidade, em Westchester. É mais espaçoso do que ficar num hotel e não temos de nos preocupar em ficar empurrando carrinhos de bebê pelas ruas de Manhattan. O melhor de tudo é que a casa tem uma sala de brinquedos no porão, que se torna o meu quarto nas noites anteriores a um jogo. No porão posso sair da cama e ir para o chão quando minhas costas me acordam, sem perturbar Stefanie. Como pais não vencem torneios do Grand Slam, como ela gosta de repetir, você pode ir para o porão e se sentir tão solteiro quanto precisar.

Percebo que a minha vida está pesando para Stefanie. Sou um marido distraído, um pai cansado. A carga das crianças acaba recaindo mais sobre ela. Mesmo assim, ela jamais reclama. Ela entende. Sua missão, sua paixão todos os dias, é criar um ambiente em que eu possa pensar exclusivamente em tênis. Ela se lembra de como isso era fundamental quando ela jogava. Por exemplo, quando vamos de carro para o estádio, Stefanie sabe exatamente quais músicas do Elmo, da Vila Sésamo, colocar no carro para que Jaden e Jaz fiquem quietos, assim Darren e eu podemos ir conversando sobre estratégia. Além disso, ela é como Gil com comida. Ela nunca esquece que a hora de comer é tão importante quanto o que você come. Depois de uma partida, voltando de carro com Gil e Darren, eu sei que assim que entrarmos porta adentro uma lasanha bem quente, com o queijo ainda borbulhando, estará numa travessa à nossa espera.

Eu também sei que os filhos de Darren e Jaden e Jaz já terão sido alimentados, banhados e que já terão sido levados para a cama.

Por causa de Stefanie, chego às quartas de final, onde vou enfrentar o cabeça de chave número 1, Federer. Ele não é o mesmo que venci em Key Biscayne. Diante dos meus olhos, está se transformando num dos maiores deste esporte, em todos os tempos. Metodicamente, constrói sua vantagem, dois sets a um, e não posso fazer nada além de admirar sua imensa habilidade, sua magnífica compostura. Ele é o jogador de postura mais principesca em quadra que já vi na vida. Antes que ele consiga me liquidar, porém, a partida é suspensa por causa da chuva.

No caminho de volta a Westchester, contemplo a paisagem pela janela e digo a mim mesmo: Não pense sobre amanhã. Além disso, nem pense em jantar, porque o jogo foi interrompido e estou voltando para casa várias horas antes do esperado. Mas, naturalmente, Stefanie tem suas fontes para saber como está o tempo. Alguém a alertou para a tempestade que vinha vindo de Albany, e ela voltou rapidamente para casa para aprontar tudo. Agora, entrando pela porta, ela nos cumprimenta com um beijinho e vai nos entregando nossos pratos num único movimento,

fluido como seu saque. Quero chamar um juiz de paz *agora* para renovar nossos votos conjugais.

No dia seguinte, são ventos uivantes que entram em cena. Rajadas de sessenta quilômetros por hora. Tenho de enfrentar essa ventania e a habilidade do furacão Federer; empato o jogo, vencendo o quarto set. Federer olha para os próprios pés, que é o jeito como ele processa algum choque.

Depois ele se reorganiza melhor do que eu. Tenho a sensação de que ele é capaz de se adaptar a qualquer coisa, ainda em movimento, sem nem parar para pensar nisso. Joga muito tênis neste quinto set, e eu digo para quem quiser ouvir que ele se tornará o maior jogador de tênis de todos os tempos.

Antes que os ventos se acalmem, voltam a rodopiar as conversas sobre a minha aposentadoria. Os jornalistas ficam querendo saber por que eu insisto. Explico que é isso que faço para viver. Tenho uma família e uma escola para sustentar. Muitas pessoas se beneficiam de cada bola de tênis que rebato. (Um mês após o Aberto dos Estados Unidos, Stefanie e eu somos os apresentadores do nono Grand Slam anual destinado às crianças, que arrecada 6 milhões de dólares. Somados todos os recursos, arrecadamos 40 milhões de dólares para a minha fundação.)

Além disso, digo aos repórteres, ainda tenho jogo sobrando. Não sei quanto, mas tenho jogo. Ainda acho que posso ganhar.

Novamente, ficam me olhando como se eu fosse do além.

Talvez estejam confusos porque não conto para eles tudo o que está acontecendo, não explico a base da minha motivação. Não consigo falar porque só muito devagar é que eu mesmo estou começando a tomar consciência disso. Jogo e continuo jogando porque *decido* jogar. Mesmo que não seja a vida ideal, a gente sempre pode escolher como viver. E qualquer que seja a sua vida, escolher o que fazer muda tudo.

No Aberto da Austrália de 2005, derroto Taylor Dent em três sets, avançando para a quarta rodada. Do lado de fora do vestiário, paro para falar com um comentarista de tv bastante envolvente: Courier. É esquisito vê-lo nesse novo papel. Não consigo parar de enxergá-lo como um grande campeão. Apesar disso, a tv cai bem para ele. Ele faz bem o seu trabalho e parece feliz. Sinto uma forte onda de respeito por ele e espero que ele também sinta um pouco por mim. Nossas diferenças parecem muito antigas e juvenis.

Ele coloca o microfone bem diante da minha boca e pergunta: Quanto tempo ainda falta para que Jaden Agassi jogue com o filho de Pete?

Olho direto para a câmera e respondo: Minha maior esperança para o meu filho é que ele se dedique a alguma coisa.

E acrescento: E espero que ele escolha o tênis, porque eu gosto demais disso.

A mesma velha mentira de sempre. Mas agora é mais vergonhosa ainda porque envolvi o meu filho. Essa mentira ameaça se tornar o meu legado. Stefanie e eu estamos mais decididos que nunca que não queremos essa vida louca para Jaden ou Jaz, então o que me terá levado a dizer uma coisa dessas? Como sempre, acho que era o que as pessoas queriam escutar. Além disso, inspirado por uma vitória, acho o tênis um esporte lindo, que me tratou bem, e queria homenageá-lo. E talvez, além disso, ali diante de um campeão que eu respeitava, senti-me culpado por detestar o tênis. Aquela mentira pode ter sido minha maneira de esconder minha

culpa ou de tentar expiá-la.

Nos últimos meses, Gil introduziu algumas mudanças radicais no meu treinamento. Ele tem-me feito comer como um guerreiro espartano e essa nova alimentação afinou o meu organismo de uma maneira muito precisa.

Além disso, tomei mais uma injeção de cortisona, a terceira no último ano. Quatro é o número máximo recomendado por ano. Os médicos dizem que há riscos nesse tratamento. Simplesmente não se sabem quais são as consequências da cortisona a longo prazo, para a coluna e o fígado. Mas eu não ligo. Desde que minhas costas se comportem bem.

E elas se comportam. Chego às quartas de final e novamente estou diante de Federer. Não consigo vencer um único set. Ele me despacha como um professor diante de um aluno tapado. Mais do que qualquer outro jovem esportista assumindo o comando do esporte, ele me faz sentir a idade que tenho. Quando olho para ele, para sua suave agilidade, a potência de seus golpes, suas devoluções mortíferas como o ataque de um puma, lembro que estou jogando desde o tempo em que as raquetes tinham aro de madeira. Meu cunhado, afinal de contas, era Pancho Gonzalez, campeão na época da ponte aérea de Berlim, rival de Fred Perry, e Federer nasceu no mesmo ano em que eu *conheci* o meu amigo Perry.

Completo 35 anos pouco antes do início do torneio de Roma. Stefanie e as crianças vêm comigo para a Itália. Quero sair com ela, visitar o Coliseu e o Panteão, mas não posso. Quando vim aqui, ainda menino e depois bem jovem, obcecado demais por meus próprios tormentos e consumido por minha timidez, nem saía do hotel. Agora, embora adorasse a ideia de visitar os locais turísticos, minhas costas não permitem. O médico diz que uma longa caminhada na calçada pode ser toda a diferença entre a injeção de cortisona fazer efeito durante um mês ou três.

Ganho as quatro primeiras partidas. Depois perco para Coria. Desgostoso comigo mesmo, sinto-me culpado quando o público me aplaude de pé. Mais uma vez, os jornalistas me perguntam quando vou me aposentar.

Eu digo: Eu só penso em me aposentar catorze vezes por ano, pois esse é o número de campeonatos que disputo anualmente.

Em outras palavras: Esse é o número de vezes que sou obrigado a dar coletivas de imprensa.

Na primeira rodada do Aberto da França de 2005, jogo contra Jarkko Nieminen, da Finlândia. Simplesmente por pisar na quadra estabeleço outro recorde. Meu 58º Slam. Um a mais que Chang, Connors, Lendl, Ferreira. Mais do que qualquer outro tenista na era dos campeonatos abertos. Já as minhas costas não estão com a menor disposição para comemorar esse fato. A injeção de cortisona já não faz mais efeito. Sacar dói, ficar em pé dói. Respirar dá trabalho. Penso em ir até a rede e dizer que entrego o jogo. Mas isto aqui é Roland Garros. Não posso sair andando da quadra, não *desta*. Vão ter de me carregar para fora daqui em cima da minha raquete.

Engulo oito Advils. Oito. Durante a troca de lados, cubro o rosto com uma toalha e fico mordendo outra, para tentar driblar a dor. No terceiro set, Gil sabe que alguma coisa está profundamente errada. Depois de rebater a bola, eu não volto correndo para o centro da quadra. Ao longo de todos estes anos, ele nunca me viu *não* voltar para o meio da quadra,

após uma devolução. É uma coisa impensável, algo como ele ir até o vestiário tomar uma ducha enquanto estou em quadra. Mais tarde, caminhando com Gil até um restaurante, estou curvado para a frente como um camarão gigante. Ele diz: Não podemos mais continuar exigindo isso do seu corpo.

Saímos de Wimbledon, na tentativa de nos preparar para a temporada de verão nas quadras de piso duro. É necessário, mas parece uma aposta em jogos de azar. Agora, vou dedicar todo o meu tempo e fazer todo o trabalho para participar de menos torneios. Isso significa que a margem de erro será mais estreita, que a pressão será maior. As derrotas vão doer mais.

Gil se enterra em seus cadernos Da Vinci. Ele sente orgulho de eu nunca ter me machucado em sua academia e agora vejo, à medida que meu corpo envelhece, que ele está tenso. A fase dele comigo está por um fio.

Alguns levantamentos você simplesmente não pode mais fazer, ele diz. Já outros você terá de fazer em dobro.

Passamos horas e horas na sala de pesos, discutindo o núcleo do meu processo. Gil diz: Daqui até a linha de chegada, tudo será sobre esse núcleo.

Como eu saí de Wimbledon, os jornais e revistas começam a exibir artigos com uma nova leva de elogios. *Numa idade em que a maioria dos tenistas...*

Renuncio solenemente aos jornais e revistas.

No final do verão, jogo a Taça Mercedes-Benz e venço. Jaden agora já tem tamanho para ir me ver jogar e, durante a cerimônia de entrega do troféu, ele entra correndo na quadra, pensando que o troféu é para ele. É mesmo.

Vou para Montreal e, aos trancos e barrancos, chego à final, onde topo com um guri espanhol que se tornou o assunto de todos. Rafael Nadal. Não consigo derrotá-lo. Não consigo decifrá-lo. Nunca vi ninguém se movimentar assim numa quadra de tênis.

No Aberto dos Estados Unidos de 2005 sou uma novidade, um show à parte, um tenista de 35 anos disputando um Slam. Este é o vigésimo ano consecutivo que participo desse torneio – e muitos jogadores que compõem esta chave nem tinham nascido há vinte anos. Lembro-me de ter jogado com Connors e tê-lo eliminado do vigésimo Aberto dos Estados Unidos *dele.* Não sou do tipo que fica perguntando: Mas aonde foi todo esse tempo? Eu sei exatamente para onde foram todos estes anos. Consigo senti-los todos na minha coluna, a cada set que jogo.

Enfrento Razvan Sabau, da Romênia, na primeira rodada. Acabei de tomar minha quarta e última injeção de cortisona do ano, de modo que minhas costas estão entorpecidas. Consigo executar o meu golpe básico, o que dá trabalho para Sabau. Quando sua jogada elementar atrapalha o outro, quando ele não consegue devolver aquela bola que você consegue fazer cem vezes em cem, a gente sabe que tudo vai dar certo naquele dia. É como se o seu jab deixasse uma marca no queixo do adversário, e você ainda nem usou o golpe mais poderoso do seu arsenal. Liquido com ele em 69 minutos.

Os jornalistas usam a palavra “massacre”. Perguntam se me sinto mal por acabar com ele daquele jeito.

Eu respondo: Eu jamais iria querer privar alguém da pedagógica experiência de uma derrota.

Eles riem.

Eu estou sério.

Na segunda rodada, pego Ivo Karlovic, da Croácia. Sua ficha diz que ele tem 2,05 metros, mas acho que ele estava afundado numa vala quando o mediram. O cara tem a altura de um totem, de um poste telefônico, e com isso seu saque descreve uma trajetória mortífera. Quando Karlovic saca, sua base fica tecnicamente duas vezes maior. A rede fica trinta centímetros mais baixa. Eu nunca enfrentei alguém tão grande. Não sei como me preparar para um adversário desse porte.

No vestiário, eu me apresento a Karlovic. Ele é uma pessoa doce, de cara limpa, encantado por estar no Aberto dos Estados Unidos. Peço que levante o braço que lança a bola, o mais alto que puder. Então chamo Darren para vir olhar. Inclinamos o pescoço para trás, tentando enxergar a ponta dos dedos dele. Não conseguimos.

Bom, então, digo a Darren, tente imaginar uma raquete na mão do cara. E agora imagine que ele salta. E *agora* imagine onde vai estar a face da raquete e imagine a bola zunindo quando sair dela. É como se ele estivesse sacando do alto daquele maldito *dirigível* em cima da quadra.

Darren cai na risada e Karlovic também. Ele diz: Eu bem que trocaria a minha envergadura por suas devoluções.

Felizmente, eu sei que a altura de Karlovic também será um obstáculo para ele, em alguns momentos do jogo. Bolas baixas serão problemáticas. Avançar para a rede vai dar trabalho. Além disso, Darren diz que a movimentação de Karlovic é ardilosa. Fico me lembrando de não desperdiçar energia contando quantos aces ele acerta. Apenas espere aquela vez em que ele vai errar o primeiro serviço, e então caia de pau no segundo. O segundo saque é que vai decidir o jogo. E embora Karlovic também saiba disso, preciso que ele saiba *mesmo*. Preciso que ele sinta isso, pressionando o segundo serviço, o que quer dizer não errar nenhuma devolução.

Derroto o gigante em três sets a zero.

Na terceira rodada, é a vez de Tomas Berdych, o jogador dos jogadores de tênis. Já joguei com ele antes, há quase dois anos, na segunda rodada do Aberto da Austrália. Darren me alertou: Você vai enfrentar um garotão de dezoito anos, que tem jogo de verdade, e é melhor você prestar muita atenção. Ele solta paulada dos dois lados, tem um saque que é uma bomba e, em alguns anos apenas, estará entre os primeiros dez do mundo.

Darren não estava exagerando. Berdych foi um dos melhores tenistas que enfrentei no ano inteiro. Tinha ganho dele na Austrália por 6-0/6-2/6-4 e me sentia afortunado. Pensei: Ainda bem que isto aqui é só uma melhor de cinco sets.

Agora, para minha surpresa, Berdych não evoluiu muito desde então. Sua tomada de decisão ainda precisa ser aperfeiçoada. Ele está como eu era antes de conhecer Brad: achando que tem de ganhar cada ponto. Ele não sabe o valor de deixar o outro sujeito perder. Quando ganho dele, ao apertar sua mão sobre a rede, tenho vontade de lhe dizer que relaxe, que algumas pessoas aprendem um pouco mais devagar. Mas não posso. Não cabe a mim.

Em seguida, enfrento Xavier Malisse, da Bélgica. Ele se desloca admiravelmente bem, e tem um braço que é um verdadeiro estilingue. Executa um forehand poderoso e um saque excelente, capaz de vários aces, mas não tem consistência. Além disso, tem um backhand medíocre. A impressão é que deveria ser um golpe formidável, porque ele se sente muito confortável com esse movimento, mas a preocupação dele é com o modo como a coisa é feita, não com sua execução propriamente dita. Ele simplesmente não consegue rebater de backhand

em cima da linha de fundo e, quando você não consegue fazer isso, não pode ganhar de mim. Eu controlo a quadra bem demais. Se você não consegue devolver um backhand na linha, eu vou ditar cada ponto da partida. O adversário precisa me deslocar, fazer eu me esticar todo, me colocar numa posição em que eu tenha de fazer alguma coisa com ele, senão ele será obrigado a jogar o meu jogo. E o meu jogo está duro. Especialmente agora, conforme vou ficando mais velho.

Na noite anterior ao jogo, tomo um drinque com Courier, no hotel. Ele me avisa que Malisse está jogando bem.

Pode ser, eu digo, mas eu realmente estou aguardando para jogar com ele. Você não me ouvirá dizer isso muitas vezes, mas vai ser divertido.

A partida *é* divertida, lembra um espetáculo de marionetes. Tenho a sensação de estar com os cordéis na mão e, toda vez que puxo um, Malisse salta. Fico espantado, de novo, com o tipo de ligação que se estabelece entre os jogadores numa quadra de tênis. A rede, que supostamente serve para separar os dois, na realidade liga a gente como os fios de uma teia. Depois de duas horas se ralando, você está convencido de estar trancado dentro de uma jaula com o adversário. A gente pode jurar que o suor dele está espirrando em cima de nós, que a nossa respiração está embaçando os olhos dele.

Estou com dois sets a zero, dominando a partida. Malisse não tem fé em si próprio. Ele não acredita que tem direito a estar ali. Mas, no início do terceiro set, Malisse finalmente se cansa de ser manipulado de um lado para outro. A vida é assim, ele fica enlouquecido, joga com paixão, e em pouco tempo está fazendo coisas que até ele se espanta de ter feito. Rebate as bolas de backhand no fundo, em pancadas secas, consistentes. Olho para ele com uma expressão que diz: Vou acreditar, se você continuar jogando assim.

E ele continua.

Percebo alívio em seu rosto e na sua linguagem corporal. Ele ainda não acha que vai ganhar, mas agora está acreditando que vai apresentar um bom desempenho, e isso basta. Ele ganha o terceiro set no tiebreak. Agora sou eu quem está lívido. Tenho coisas melhores para fazer do que ficar aqui com você, nesta quadra, por mais uma hora. Justamente por causa disso, vou te obrigar a ter umas câimbras.

Só que Malisse não está mais me obedecendo. Um set, um pequeno set, mudou completamente a atitude dele, recuperou sua confiança. Ele não está mais com medo. Ele só queria fazer uma boa apresentação, e fez mesmo, então agora está jogando com o dinheiro da banca. No quarto set, nossos papéis se invertem e é ele quem dita o ritmo do jogo. Ele ganha o set e empata a partida.

No quinto, contudo, ele está exausto, enquanto eu estou apenas começando a usar um pouco dos fundos depositados há muito tempo no Banco do Gil. Que não está fechado. Quando ele vem à rede, sorri, demonstrando um tremendo respeito por mim. Sou velho e ele está me deixando mais velho, mas sabe que eu o obriguei a ralar, que eu o forcei a ir fundo e a se conhecer muito mais.

No vestiário, Courier vem me encontrar, me dá um soquinho no ombro.

Ele diz: Você cantou a jogada. Disse que ia se divertir e a impressão que eu tive foi que você realmente se divertiu.

Diversão. Se eu me diverti, por que estou me sentindo como se tivesse sido atropelado por um caminhão?

Estou pronto para passar um mês numa banheira imerso em água tépida, mas minha próxima partida já está dobrando a esquina, à minha espera, e o adversário que vou enfrentar está jogando como um possesso. Blake. Na última vez em que nos enfrentamos, em d.c., virei fumaça nas mãos dele, quando adotou uma postura agressiva do começo ao fim. Todos estão dizendo que ele progrediu sem parar, desde então.

Minha única esperança é que ele não imponha um jogo tão agressivo, *desta* vez. Especialmente porque o tempo está mais fresco. Com frio, a quadra em Nova York permite um jogo mais lento que favorece caras como Blake, terrivelmente rápidos. Numa quadra mais lenta, Blake pode fazer de tudo, enquanto você não, e por isso ele pode te obrigar a pressionar. Você sente necessidade de fazer mais do que normalmente faria, e daí em diante tudo enlouquece.

No instante em que pisamos na quadra, meu pior pesadelo se torna realidade. Blake é o sr. Agressivo, um passo para dentro da linha de fundo para rebater o meu segundo serviço, mandando bala de forehand e backhand, obrigando-me a sentir a urgência da partida desde o primeiro minuto. No primeiro set, ele me faz comer poeira. 6-3. No segundo repete a dose: outro 6-3.

No início do terceiro set, o jogo começa a lembrar a partida com Malisse. Só que desta vez eu sou Malisse. Não posso derrotar este cara, não posso, então acho que vou só tentar apresentar um bom desempenho. Livre do pensamento de vencer, instantaneamente começo a jogar melhor. Paro de pensar e começo a sentir. Meus golpes se tornam meio segundo mais rápidos, minhas decisões se tornam resultado do instinto em vez da lógica. Vejo quando Blake dá um passo para trás e comprova a mudança. *Mas o que está acontecendo?* Já são sete *rounds* que ele está me socando na cabeça e, no final do oitavo, eu enfio um soco sorrateiro, que o faz balançar exatamente no momento em que soa o gongo. Agora ele está caminhando para o seu *corner*, sem conseguir acreditar que esse adversário trôpego e desmoralizado ainda esteja vivo.

Blake tem uma enorme torcida em Nova York, e ela veio em peso nesta noite. A Nike, que não me patrocina mais, entrega camisetas aos fãs de Blake e incentiva-os a torcer em alto e bom som. Quando passo à frente de Blake no terceiro set, eles param de ovacioná-lo. Quando venço o set, eles se calam de vez.

Durante todo o quarto set, Blake parece em pânico, sem conseguir sustentar seu jogo agressivo. Posso ver que ele está pensando, eu quase consigo *ouvi-lo* pensando: Mas que merda, nada que eu tento sai direito.

Ganho o quarto set.

Agora que Blake viu os benefícios de eu não pensar, ele resolve tentar a mesma estratégia. Conforme o quinto set vai se desenrolando, ele desliga a cabeça. Finalmente, depois de quase três horas, estamos nivelados. Estamos os dois incendiados, e o fogo dele está ligeiramente melhor do que o meu. No décimo game ele tem a oportunidade de sacar para o jogo.

Então, ele começa a pensar de novo. O cérebro oposto. Ele pressiona e eu devolvo três bolas nível A, quebro o saque dele e a plateia muda de ideia. Começa a cantar, *An-dre*, *An-dre*.

Meu saque, fecho o game.

Durante a troca de lados, o estádio mais parece um público de um show de rock. Meus

ouvidos estão zunindo. As têmporas latejam. O barulho está tão alto que tenho de cobrir a cabeça com uma toalha.

Saque dele, ele faz o game. Vamos para o tiebreak.

Já ouvi antigos campeões dizer que o quinto set não tem nada a ver com tênis. É verdade. O quinto set depende de emoções e condicionamento. Devagarinho eu deixo o meu corpo para trás. Foi bom ter conhecido você, corpo. Ao longo da minha carreira, passei várias vezes por experiências fora do corpo, só que esta é saudável. Confio na minha habilidade e saio da frente. Paro de atrapalhar. Retiro-me dessa equação. No match point, em 6-5, acerto um belo serviço. Ele devolve no meu forehand. Consigo uma devolução formidável no backhand dele. Ele desviou e eu sei, no mesmo momento, que isso é um *erro*. Se ele está desviando das minhas bolas de qualidade, significa que está pressionado. Não está pensando com clareza. Está se colocando fora de posição, deixando que a bola dite a jogada dele. Ele não está se dando a oportunidade de rebater da melhor maneira possível. Assim eu sei que vai acontecer uma coisa ou outra. Ou ele vai deixar a minha bola algemá-lo e rebater sem força, ou será forçado a cometer um erro.

De todo modo, tenho uma noção razoavelmente clara de que a bola virá bem aqui. Olho para o ponto onde ela certamente cairá. Blake pedala, tira a parte de baixo do corpo da frente e nocauteia a bola, que cai três metros antes do que eu esperava. Um winner total.

Eu estava completamente errado.

Faço a única coisa que posso. Volto para a linha de fundo. Preparo-me para o próximo ponto.

Em 6 a 6, temos um rali mortal de backhands, e eu estou uma verdadeira pilha de nervos. Num ponto disputado com dez rebatidas de backhand, a gente sabe que alguém vai aumentar a aposta em algum momento, e a gente sempre está certo de que será o adversário. Eu espero. Espero mais. Mas, a cada golpe, Blake não sobe a aposta. Então a coisa é comigo. Avanço um passo, como se fosse encher o braço e dar uma tremenda paulada e, em vez disso, encaixo uma curtinha. Que entra como uma luva.

Há momentos num jogo em que você até quer apenas colocar a bola do outro lado, com um movimento sólido e prático, mas o sangue está tão cheio de adrenalina que a pancada sai muito forte. Isso acontece muitas vezes com Blake, não com suas devoluções, mas com sua velocidade. Ele corre mais depressa do que pretendia. É tal a urgência que ele sente, que dispara na direção da bola e chega lá antes do que previa. É isso que está acontecendo agora. Correndo a todo vapor na direção da minha deixadinha de backhand, ele está segurando a raquete de tal modo que vai ter de afundar, mas em vez disso ele chega tão depressa que não precisa afundar. Ou seja, a bola está em cima dele e ele está com a empunhadura errada. Em vez de matar a bola, como deveria fazer, por causa do grip ele só pode bater na bola para o outro lado. Então se posiciona perto da rede e eu fecho um backhand no fundo que passa por ele até com um espaço razoável.

Agora ele está sacando em 6-7. Tenho novo match point. Ele erra o primeiro saque. Tenho um nanossegundo para decidir onde ele vai colocar o segundo serviço. Vem uma bola agressiva? Uma bola segura? Decido que ele vai cometer o erro de preferir uma bola de segurança. Ele vai sacar no meu backhand. Bom, quanto quero ser agressivo? Onde quero me plantar? Devo tomar uma decisão irreversível, ficar onde possa matar a bola se eu estiver certo, mas onde não conseguirei alcançá-la se estiver errado? Ou achar uma média da

diferença, encontrando uma posição a partir da qual vou conseguir uma devolução razoavelmente boa, seja qual for o saque, mas não uma devolução perfeita?

Se esta partida precisa de uma decisão final, uma só decisão final nesta noite de 100 mil decisões, quero que ela seja minha. Assumo um compromisso irreversível. Como eu esperava, ele saca no meu backhand. A bola pinga exatamente onde eu achava que ela ia pingar, como uma bolha de sabão. Sinto todos os pelos do meu corpo eriçar. Sinto a plateia ficando em pé. Digo para mim mesmo: Golpe de qualidade, manda bala, manda bala, *manda bala, seu puto.* Assim que a bola sai da minha raquete, eu acompanho cada centímetro da sua trajetória. Enxergo a sombra da bola convergindo com a própria bola. Quando, bem devagar, as duas se tornam uma coisa só, eu digo em voz alta: Bolinha, por favor, encontre o ponto certo.

E ela encontra.

Quando Blake me abraça, na rede, nós dois sabemos que fizemos algo especial. Mas isso para mim representa mais, porque eu joguei oitocentas partidas mais do que ele. E esta se destaca de todas as anteriores. Nunca estive intelectualmente mais consciente, nunca senti tanto a necessidade de estar intelectualmente mais consciente, e sinto uma relativa satisfação intelectual diante do produto acabado. Quero assinar embaixo.

Depois que cortam as ataduras dos meus pés, depois da coletiva de imprensa, Gil, Perry, Darren, Philly e eu vamos ao P.J. Clarke's para comer e beber. Quando chego de volta ao hotel são quatro da manhã. Stefanie está dormindo. Quando eu entro, ela se senta na cama e sorri.

Você é doido, ela diz.

Eu rio.

Aquilo foi inacreditável, ela diz. Você *viajou muito* nesse jogo.

Viajei, querida. Viajei mesmo.

Deito no chão, perto da cama, tento adormecer, mas não consigo parar de passar o filminho do jogo na minha cabeça.

No escuro, ouço uma voz pairando mais ou menos acima de mim, como um anjo.

Como você se sente?

Foi uma maneira muito legal de passar a noite.

Na semifinal, devo jogar contra Robby Ginepri, um talentoso garotão da Geórgia. A cbs quer que o meu jogo seja mais tarde. Eu vou até o diretor do torneio e imploro para ele dizendo que, se eu tiver a sorte de passar por esta partida, terei de voltar aqui amanhã de manhã: Por favor, não obrigue um sujeito de 35 anos a voltar para casa mais tarde do que seu adversário de 22 anos, na final.

Ele reagenda a minha partida, para que seja a primeira.

Depois de dois jogos de cinco sets em seguida, ninguém aposta nada em mim contra Ginepri. Ele é rápido, sólido dos dois lados, e está jogando o melhor tênis da sua vida – além de ser jovem. E, antes mesmo de enfrentar Ginepri, eu sei que a primeira coisa que terei de fazer é encontrar um atalho em meio à minha própria fadiga. Os últimos três sets contra Blake foram o melhor tênis que já joguei e o mais exaustivo. Digo para mim que tenho de ir para cima do Ginepri e fabricar adrenalina, fingir que estou perdendo por dois sets e tentar retomar aquele estado interior alheio ao mental que encontrei na partida com Blake.

Funciona. Fingindo urgência, venço o primeiro set. Agora minha meta é conservar energia

para a final de amanhã. Começo a jogar um tênis seguro, pensando no meu próximo adversário, e naturalmente isso deixa Ginepri livre para jogar à vontade, para correr riscos. Ele vence o segundo set.

Elimino da minha cabeça qualquer pensamento sobre a final. Dedico a Ginepri toda a minha atenção. Ele está saturado depois de gastar tanta energia para empatar o jogo, e eu levo o terceiro set.

Mas ele ganha o quarto.

Preciso começar o quinto com fúria. Também preciso reconhecer que não posso ganhar todos os pontos. Não posso correr atrás de tudo, não posso tentar alcançar cada curtinha. Não posso jogar a todo vapor contra um guri que ainda nem tem todos os dentes na boca. Ele quer ficar ali o resto da noite, mas eu tenho mais 45 minutos de energia, 45 minutos de corpo em funcionamento. Ou talvez só 35.

Venço o set. Não é possível, mas estou na final do Aberto dos Estados Unidos aos 35 anos de idade. Darren, Gil e Stefanie me agarram nem bem piso no vestiário e começam uma triagem radical. Darren me arranca as raquetes da mão e leva para Roman, o encordoador. Gil me entrega a garrafa da sua Água. Stefanie me ajuda a chegar ao carro. Corremos de volta até o Four Seasons, para assistir a Federer e Hewitt disputar o privilégio de jogar contra o velhinho aleijado de Vegas.

O máximo de relaxamento que se pode ter antes de uma final é assistir ao jogo da outra semifinal. Você fica dizendo para si mesmo: Seja o que for que estou sentindo neste momento, é melhor do que aquilo que esses caras estão sentindo. Então, claro, Federer vence. Recostado no sofá, ele é tudo em que penso. E eu sei que, em algum lugar, eu sou tudo em que ele está pensando, também. Entre agora e amanhã à tarde, eu preciso fazer tudo um pouco melhor do que ele, inclusive dormir.

Mas tenho filhos. Eu costumava dormir até 11h30 da manhã no dia de uma final. Agora não há como passar das 7h30. Stefanie mantém as crianças quietinhas, mas algo dentro de mim sabe que elas estão acordadas, que querem ver seu pai. Mais do que isso, seu pai quer vê-las.

Depois do café da manhã, dou um beijinho de até logo nelas. No carro com Gil, a caminho do estádio, estou calado. Agora não tenho chance. Sou um ancião, joguei três partidas seguidas que foram para o quinto set. Vamos cair na real. Minha única esperança é se aqui acontecerem três ou quatro sets. Se for uma partida rápida, em que o condicionamento não seja um fator de muita influência, posso ter sorte.

Federer entra em quadra parecendo Cary Grant. Quase me pergunto se ele não vai jogar de paletó esporte e lenço de seda ao pescoço. Ele se mantém permanentemente sereno; eu estou constantemente sobressaltado, mesmo quando estou com 40-15, sacando. Ele é igualmente perigoso, em diversos pontos da quadra; não há onde eu me esconder. Não me saio bem quando não tenho onde me esconder. Federer leva o primeiro set. Passo para o modo desesperado, tentando qualquer coisa para tirá-lo do equilíbrio. Consigo quebrar o saque dele uma vez no segundo set. Outra vez, e ganho o set.

Penso com meus botões: o sr. Grant talvez venha a ter um probleminha hoje.

No terceiro set, eu quebro o saque dele e faço 4-2. Estou sacando com uma leve brisa às costas e Federer está batendo a bola na altura das canelas. Estou quase fechando em 5-2 e, por um instante muito rápido, ele e eu pensamos que alguma coisa memorável está quase para acontecer aqui. Trocamos um olhar intenso. Compartilhamos esse momento. Então, 30-0,

acerto um saque rápido no backhand dele, ele se vira e rebate com a bola bem baixa. O som da bola quando sai da raquete dele parece torto, como eu costumava fazer quando criança e queria errar de propósito. Mas essa devolução torta, feia, que parecia errada, de algum jeito passa bamboleando pela rede e cai do meu lado, indefensável. Ele quebra o meu saque e estamos de volta no mesmo ponto.

No tiebreak, ele vai para um lugar que eu desconheço. Ele encontra um andamento que os outros jogadores simplesmente não têm, e vence por 7-1.

Agora a merda vem rolando ladeira abaixo e não está com jeito de que vá parar. Os músculos das minhas coxas estão berrando. Minhas costas já travaram por esta noite. Minhas decisões ficam cada vez piores. Lembro de quanto, numa quadra de tênis, pode ser estreita a distância entre a grandeza e a mediocridade, a fama e o anonimato, a felicidade e o desespero. Estamos disputando um jogo apertado. Estamos igualmente exaustos. Agora, por causa de um tiebreak que fez o meu queixo cair de admiração, minha derrota é iminente.

Caminhando em direção à rede, estou certo de que perdi para o melhor homem, o Everest da próxima geração. Tenho pena dos jogadores mais jovens que terão de lidar com ele. Lamento pelo homem que está fadado a ser o Agassi jogando com este Sampras. Embora eu não cite Pete pelo nome, é principalmente ele que tenho em mente quando digo aos jornalistas: É muito simples. A maioria das pessoas tem suas fraquezas. Federer não tem nenhuma

Capítulo 29

Desisto do Aberto da Austrália de 2006 e, em seguida, de toda a temporada no saibro. Detesto fazer isso, mas preciso me poupar para o torneio de Wimbledon deste ano, pois muito secretamente, muito em particular, resolvi que será minha última participação. Estou me poupando para Wimbledon. Nunca pensei que chegaria o dia em que iria dizer isso. Nunca imaginei que uma despedida de Wimbledon a rigor, respeitosa, seria tão importante para mim.

Entretanto, Wimbledon tornou-se solo sagrado para mim. Foi ali que minha esposa brilhou. É onde eu tive a primeira suspeita de que poderia vencer e onde exibi minha competência para o mundo. Wimbledon é onde aprendi a reverenciar, a dobrar o joelho, a fazer uma coisa que eu não queria fazer, a vestir o que eu não queria vestir, e sobreviver. Além disso, independentemente do que eu sinta a respeito do tênis, esse jogo é a minha casa. Quando menino, eu detestava a minha casa e então fui embora. Mas logo percebi que sentia falta de lá. Nos derradeiros momentos da minha carreira, estou sendo continuamente perseguido por essa lembrança.

Digo a Darren que essa será minha última vez em Wimbledon e que o próximo Aberto dos Estados Unidos será o último torneio que jogarei na vida. Anunciamos essas decisões um pouco antes do início de Wimbledon. Imediatamente após, fico muito surpreso com a diferença na maneira como os demais tenistas me olham. Eles não me tratam mais com um rival, uma ameaça. Estou aposentado. Sou irrelevante. Uma parede caiu.

Os jornalistas indagam: Por que agora? Por que você resolveu parar agora? Eu disse que não resolvi. Simplesmente não consigo mais jogar. Essa é a linha de chegada que eu fiquei buscando, a linha de chegada cuja atração é inexorável. Não consigo mais jogar; não se trata de não jogar mais. Inadvertidamente, estive buscando esse momento, o momento em que eu não teria outra escolha.

Bud Collins, venerável comentarista de jogos de tênis e historiador, coautor da autobiografia de Laver, resume a minha carreira dizendo que fui de *punk* a modelo exemplar. Isso me dá um arrepio. Na minha forma de pensar, Bud sacrificou a verdade no esforço de criar uma frase de efeito. Nunca fui *punk*, assim como tampouco sou um modelo exemplar.

Além disso, vários jornalistas esportistas escrevem longamente sobre a minha transformação, e essa palavra me exaspera. Ela erra o alvo. Transformar é fazer uma coisa se tornar outra, mas eu comecei do nada. Eu não me transformei, eu me formei. Quando comecei no tênis, era como a maioria das crianças: não sabia quem era e me revoltava que as pessoas mais velhas me dissessem o que ser. Acho que as pessoas mais velhas cometem esse erro o tempo todo com os mais jovens, tratando-os como produtos acabados, quando, na realidade, eles são uma obra em andamento. É como avaliar um jogo antes que acabe, e eu comecei por baixo muitas e muitas vezes, tive um número imenso de adversários que caíam babando em cima de mim, portanto não posso achar que essa seja uma boa ideia.

Bem ou mal, o que as pessoas enxergam agora é a minha primeira formação, minha primeira encarnação. Não mudei a minha imagem. Eu a descobri. Não mudei o meu modo de pensar. Eu o expandi. J.P. me ajuda a entender essa ideia mais a fundo, a explicá-la para mim mesmo. Diz que as pessoas se enganaram ao interpretar as mudanças da minha aparência, as roupas e

cortes de cabelo, e acabaram achando que sabiam quem eu sou. As pessoas interpretam minha autoinvestigação como autoexpressão. J.P. diz que, para alguém com tantas identidades fugazes, é igualmente chocante e simbólico que minhas iniciais sejam A.K.A.[9]

Infelizmente, no início do verão de 2006, apesar de todos os esforços de J.P. e de outras pessoas, ainda não consigo explicar isso aos repórteres. Mesmo que pudesse, a sala para coletivas de imprensa do All England Club não é o local adequado para tal tipo de esclarecimento.

Tampouco consigo me explicar para Stefanie, mas não preciso. Ela sabe tudo. Nos dias e horas que antecedem Wimbledon, ela me olha bem dentro dos olhos e me dá uns tapinhas suaves na bochecha. Fala comigo sobre a minha carreira. Sobre a dela. Me conta como foi seu último torneio de Wimbledon. Ela não sabia que seria sua última vez ali. Diz que é melhor assim, saber antes, sair quando você resolve fazer isso.

Usando um colar que Jaden fez para mim – uma correntinha com letras quadradas que formam a sentença *Daddy Rocks*[10]–, jogo contra Boris Pashanski, da Sérvia, na primeira rodada. Quando piso na quadra, os aplausos são fortes e demorados. Ao sacar pela primeira vez, não enxergo a bola porque meus olhos estão cheios de lágrimas. Apesar de sentir que estou jogando como se estivesse usando uma armadura, com costas que não se soltam, insisto, aguento. E venço.

Na segunda rodada, derroto Andréas Seppi, da Itália, em três sets a zero. Estou jogando bem, o que me dá algumas esperanças para a partida da terceira rodada, contra Nadal. Ele é uma força bruta, um alucinado, um portento da natureza, um jogador tão forte como nunca vi na vida, elástico como um bailarino. Mas acho – sob o efeito ilusório de ter vencido – que posso até conseguir alguma coisa. Gosto das chances que tenho nessa partida. Perco o primeiro set por 7-6, mas me inspiro pelo placar apertado.

E então ele me aniquila. A partida toda, do começo ao fim, dura setenta minutos. Minha janela de oportunidade ocorre aos 55. Nesse momento começo a sentir as costas. Um pouco mais adiante na partida, Nadal no saque, eu não aguento mais ficar em pé parado. Preciso ficar me movimentando, batendo os pés, conseguir que o sangue circule. O enrijecimento está tão intenso, a dor é tão grande, que voltar para buscar uma bola é a última coisa em que consigo pensar. Meu único pensamento consiste em continuar na vertical.

Depois, num momento de máxima ironia, os organizadores de Wimbledon quebram a tradição e realizam uma entrevista comigo e com Nadal, ainda em quadra. Eles nunca fazem entrevistas dentro da quadra. Eu digo a Gil: Cedo ou tarde, eu sabia que faria Wimbledon quebrar a tradição.

Gil não está rindo. Ele nunca ri quando uma luta ainda está rolando no ringue.

Está quase acabado, digo a ele.

Vou para Washington, d.c., e jogo com um tenista chamado Andréa Stoppini, que veio do pré-torneio classificatório. Ele me derrota como se fosse eu que tivesse vindo do *qualifying*. Sinto-me envergonhado. Achei que precisava de um preparo para o Aberto dos Estados Unidos, mas esse "aquecimento" acabou me deixando torrado. Digo aos jornalistas que estou me engalfinhando com o fim mais do que pensava que fosse acontecer. Digo a eles que a melhor maneira com que posso tentar explicar é esta: Tenho certeza de que muitos de vocês não gostam do que fazem. Mas imaginem que alguém lhes dissesse, neste minuto, que sua

reportagem sobre mim seria a última coisa que iriam escrever. Depois disso, nunca mais serão capazes de escrever uma só palavra, pelo resto da vida. Como vocês se sentiriam?

Viajamos todos para Nova York. A tropa toda. Stefanie, as crianças, meus pais, Perry, Gil, Darren, Philly. Invadimos o Four Seasons e colonizamos o Campagnola. As crianças sorriem quando ouvem aplausos à nossa entrada. Desta vez, para mim o som dessas palmas é diferente. Tem outro timbre. Tem um subtexto. Eles sabem que isso não é a meu respeito, é a respeito de todos nós, encerrando juntos uma coisa especial.

Frankie nos instala na mesa do canto. Ele faz uma grande festa para Stefanie e as crianças. Observo-o servir para Jaden todas as minhas comidas prediletas e vejo Jaden saboreando todas elas. Vejo Jaz curtindo também, embora ela faça questão de que cada porção permaneça separada. Não podem encostar uma na outra. Uma variação do *muffin* de *blueberry* é inadiável. Observo Stefanie observando as crianças, sorridente, e penso em nós quatro, quatro personalidades tão distintas. Quatro superfícies diferentes. E, apesar disso, um conjunto que combina. Completo. Na véspera de meu último campeonato, desfruto a sensação que todos buscamos, aquele conhecimento que só alcançamos poucas vezes na vida, de que os temas da nossa existência estão interligados, que as sementes do nosso fim estavam lá desde o começo, e vice-versa.

Na primeira rodada, jogo contra Andrei Pavel, da Romênia. Minhas costas se pronunciam mais ou menos na metade da partida, mas, apesar de me manter em pé duro como um pau, consigo arrancar uma vitória. Peço a Darren que providencie uma injeção de cortisona para o dia seguinte. Mesmo com essa injeção, não estou totalmente seguro de conseguir encarar o próximo jogo.

Certamente não conseguirei vencer. Não contra Marcos Baghdatis. Ele está classificado como número 8 do mundo. É um garotão corpulento, de Chipre, no meio de uma temporada em que vem jogando seu melhor tênis. Chegou à final do Aberto da Austrália e à semifinal de Wimbledon.

E então, de algum modo, eu o derroto. Depois, mal consigo ir mancando até o túnel que dá no vestiário antes que minhas costas entreguem os pontos. Darren e Gil me levantam como se eu fosse uma trouxa de roupa suja e depositam na mesa de musculação, enquanto o pessoal de Baghdatis também o suspende para deitá-lo na mesa ao meu lado. Ele está com câimbras terríveis. Stefanie aparece, me dá um beijo. Gil me obriga a beber alguma coisa. Um preparador diz que os médicos estão vindo. Ele liga a tv acima das mesas, e todos saem da frente, deixando apenas Baghdatis e eu, os dois se contorcendo e gemendo de dor.

Os programas de tv exibem os melhores momentos da nossa partida. SportsCenter.

Com a minha visão periférica, detecto um ligeiro movimento. Giro a cabeça e vejo Baghdatis estendendo a mão. No rosto ele diz: Nós *fizemos* isso. Estendo a minha mão, pego a dele e assim ficamos, de mãos dadas, enquanto a tv vai passando em rápida sucessão os lances da nossa luta selvagem.

Revivemos o jogo, e então eu revivo a minha vida.

Finalmente, os médicos chegam. Leva mais de meia hora para que eles e os preparadores consigam nos colocar novamente em pé. Baghdatis sai primeiro do vestiário, caminhando com dificuldade, apoiado em seu treinador. Então, Gil e Darren me levam até o estacionamento, tentando estimular meus passos com um convite para um cheeseburger e um martini no P.J.

Clarke's. São duas da manhã.
Oh, meu Deus, Darren diz, quando saímos para o estacionamento. O carro está lá do outro lado, *mate*.

Apertamos os olhos para enxergar o carro bem no meio do estacionamento vazio. Está a várias centenas de metros. Eu digo que não consigo andar até lá.

Não, claro que não, ele diz. Espera aqui que eu vou trazer o carro.

E sai correndo.

Digo a Gil que não consigo mais ficar em pé direito. Preciso me deitar enquanto esperamos. Ele coloca a minha sacola no cimento, e eu me sento, depois me estendo no chão, usando-a como travesseiro.

Ergo os olhos para ver Gil. Não enxergo nada além de seu sorriso e de seus ombros. Olho mais além de seus ombros e vejo as estrelas. Muuuuuitas estrelas. Olho para os postes de luz que margeiam o estádio. Parecem estrelas maiores, mais próximas.

De repente, uma explosão. Um som que lembra uma lata gigante de bolas de tênis sendo aberta. Um holofote é apagado. Depois outro e mais outro.

Fecho os olhos. Acabou.

Não, de jeito nenhum. Nunca vai realmente acabar.

Na manhã do dia seguinte, estou atravessando em passos trôpegos o saguão do Four Seasons quando um homem sai das sombras na minha direção. Ele me pega pelo braço.

Desista, ele diz.

O quê?

É o meu pai – ou o fantasma dele. Ele parece macilento. Dá a impressão de que não dorme há várias semanas.

Pai? Do que você está falando?

Apenas desista. Vá para casa. Você conseguiu. Acabou.

Diz que reza diariamente para eu parar. Diz que não aguenta esperar que eu me acabe, assim não terá mais de me ver sofrendo. Não terá de ficar sentado assistindo aos meus jogos com o coração na boca. Não terá de ficar acordado até as duas da manhã para ver um jogo na tv, do outro lado do mundo, para saber onde está o próximo menino maravilha que logo mais eu vou ter de encarar. Ele não aguenta mais toda essa maldita história. Ele fala como se... mas será possível?

Sim, eu vejo isso claramente nos olhos dele.

Conheço aquele olhar.

Ele detesta tênis.

Diz: Não se obrigue mais a isso! Depois da noite passada, você não tem de provar mais nada. Eu não suporto mais ver você desse jeito. É sofrido demais.

Estendo o braço e toco seu ombro. Desculpe, pai. Não posso desistir. Isto não pode terminar comigo desistindo.

Trinta minutos antes do jogo, tomo uma injeção anti-inflamatória, diferente da cortisona. Menos eficaz. Contra o meu terceiro adversário, Benjamin Becker, mal consigo ficar em pé.

Olho para o placar. Balanço a cabeça. Fico me perguntando sem parar, Como é possível que meu último adversário seja um sujeito chamado B. Becker? Em algum momento no início deste ano, disse ao Darren que eu queria sair jogando contra alguém que eu respeitasse, de

quem eu gostasse, ou então um perfeito desconhecido.

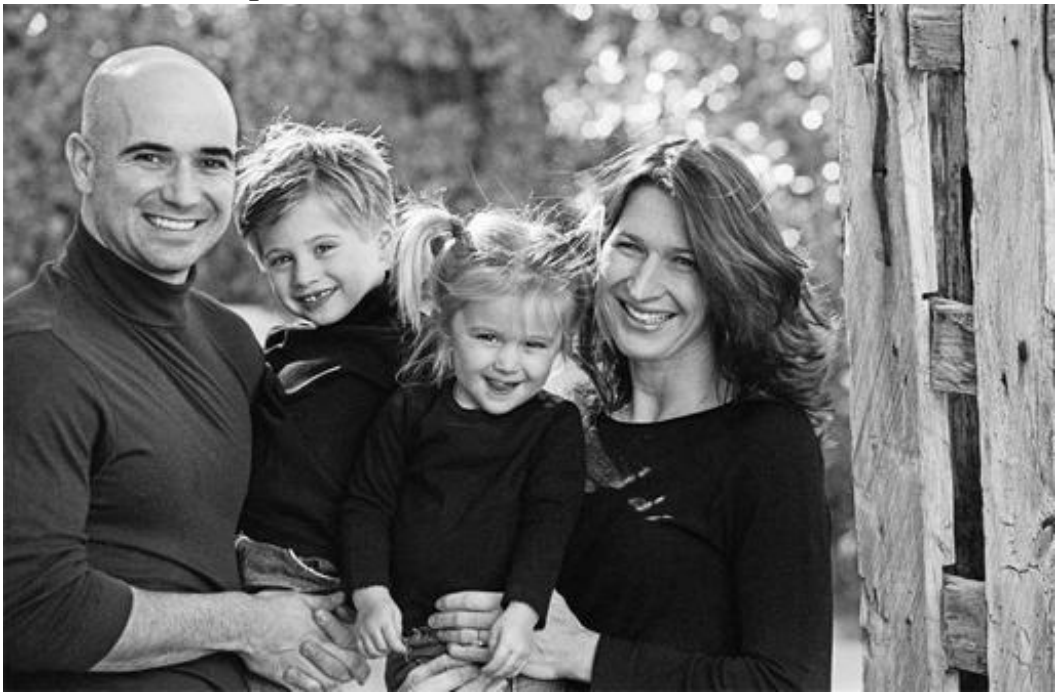
Então, o que me calha é um perfeito desconhecido.

Becker me derrota em quatro sets. Posso sentir a tração da fita da linha de chegada estalando contra o meu peito.

Os organizadores do Aberto dos Estados Unidos me autorizam a dizer poucas palavras aos fãs, nas arquibancadas e em casa, antes de eu sair para o vestiário. Eu sei exatamente o que quero dizer.

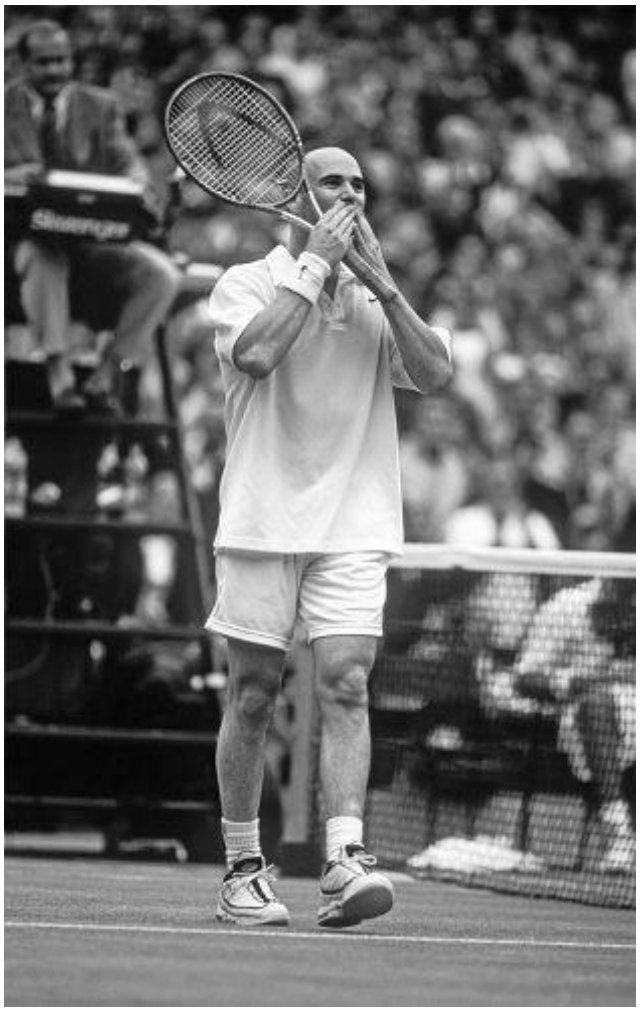
Há anos que eu sei o que vou dizer. Mas ainda se passam alguns momentos antes que eu consiga encontrar a minha voz.

O placar diz que eu perdi hoje, mas o que o placar não diz é o que eu encontrei. Durante os últimos 21 anos, encontrei lealdade: vocês desejaram que eu vencesse na quadra e também na vida. Encontrei inspiração: vocês quiseram que eu tivesse êxito, às vezes até mesmo nos meus piores momentos. E encontrei generosidade: vocês me emprestaram seus ombros sobre os quais eu me apoiei e fui em busca dos meus sonhos – sonhos que eu jamais teria alcançado sem vocês. Ao longo destes 21 anos, encontrei vocês *e levarei vocês e a lembrança de vocês em mim, pelo resto da vida.*



Com Stefanie, Jaden e Jaz, no outono de 2006.

Marcos Baghdatis me dá os parabéns após a segunda rodada do Aberto dos Estados Unidos de 2006



Marcos Baghdatis me dá os parabéns após a segunda rodada do Aberto dos Estados Unidos de 2006

Esse é o maior elogio que eu poderia fazer a eles. Comparei o público a Gil.

No vestiário, tudo está mortalmente quieto. Reparei, ao longo dos anos, que todo vestiário é o mesmo quando você perde. Você entra pela porta – que faz um estrondo ao bater contra a parede porque você a empurrou com mais força do que o necessário – e os caras sempre se afastam da tv onde estavam assistindo à surra que te deram. Eles sempre tentam fingir que não estavam vendo o jogo, que não estavam falando de você. Mas, desta vez, continuam reunidos em torno do aparelho. Ninguém se mexe. Ninguém finge mais nada. Então, aos poucos, todos eles vão se aproximando de mim. Batendo palmas e assoviando, junto com os preparadores e

o pessoal do escritório e James, o segurança.

Somente um homem continua à parte, recusando-se a aplaudir. Eu o enxergo com o canto do olho. Está recostado numa parede distante, com uma expressão vazia no rosto e os braços firmemente cruzados.

Connors.

Ele é o treinador de Roddick. Coitado do Andy.

Isso me faz rir. Só posso admirar Connors por ser quem é, e também por nunca mudar. Todos deveríamos ser assim, fiéis a nós mesmos, consistentes.

Digo aos jogadores: Vocês ainda vão ouvir muitos aplausos na vida, meus camaradas, mas nenhum será mais importante para vocês do que o aplauso dos seus iguais. Espero que, no final, todos vocês ouçam esse som.

Obrigado a todos. Adeus. E cuidem um do outro.

O início

A chuva mostrou-se intermitente o dia inteiro.

Stefanie dá uma olhada no céu e diz: O que você acha?

Vamos lá, eu digo. Vamos tentar. Estou disposto, se você estiver.

Disposta. Ela franze a testa. Ela sempre está disposta, mas não pode responder por sua panturrilha que tem lhe dado trabalho desde que se afastou do circuito profissional. Especialmente nos últimos tempos. Ela olha para baixo. Droga de panturrilha. Ela tem um jogo beneficente em Tóquio, na semana que vem. Vai jogar para levantar fundos para um jardim de infância que fundou na Eritreia e, muito embora seja apenas uma exibição, ela quer jogar bem. Ela sente a velha pressão para se sair bem. Além disso, é impossível se impedir de pensar sobre quanto ainda consegue jogar.

Também fico matutando a mesma coisa a meu respeito. Faz um ano que saí da quadra pela última vez, no Aberto dos Estados Unidos. Estamos no outono de 2007.

A semana inteira ficamos planejando ir até lá, bater bola, mas, agora que chegou o dia, calhou de ser o único dia do ano que resolve chover em Vegas.

Não se pode armar fogueira na chuva.

Stefanie olha novamente para o céu encoberto. Depois para o relógio. Dia cheio, ela diz. Ela tem de pegar Jaden na escola. Temos somente essa breve janela.

Se a chuva não amainar, se não formos bater bola, acho que vou dar um pulo na minha escola, porque é lá que eu vou toda vez que me sobra tempo. Nem posso acreditar como cresceu: virou um complexo educacional com quase 2.600 metros quadrados, com quinhentos alunos e uma lista de espera de mais oitocentos.

O *campus*, avaliado em 40 milhões de dólares, contém tudo que as crianças possam querer. Um estúdio de produção de tv de última geração. Uma sala de informática com dezenas de computadores ao longo das paredes e um enorme sofá branco muito macio. Uma sala com simuladores de voo cujas máquinas são tão modernas quanto as que se encontram nos clubes mais exclusivos de Vegas. Temos uma sala de musculação, um salão de leitura e banheiros tão modernos e limpos quanto os dos mais refinados hotéis da cidade. O melhor de tudo é que a escola inteira ainda está com a pintura novinha em folha, tão limpa e brilhante quanto no dia da inauguração. Os alunos, os pais e a vizinhança, todos respeitam a escola porque todos são donos dela. O bairro não melhorou de qualidade de vida desde que nos instalamos ali. Recentemente, enquanto eu mostrava o local para um grupo de pessoas, alguém foi baleado do outro lado da rua. Entretanto, em oito anos, nem uma única vidraça da escola foi quebrada, nem uma única parede foi grafitada.

Para onde se olhe há pequenos toques, detalhes sutis que significam que esta é uma escola diferente, que este lugar tem a ver com excelência, do começo ao fim, de alto a baixo. Na janela da frente mandamos entalhar uma enorme palavra, o lema não oficial da escola: ACREDITE. Todas as classes são banhadas pela luz do dia, naturalmente filtrada. Indireta, vinda do sul, refletida através de claraboias e captada por refletores de alta tecnologia, cria uma claridade difusa, ideal para ler e sustentar a concentração. Os professores nunca precisam

acender a luz elétrica, o que poupa energia e dinheiro, e além disso poupa os alunos das dores de cabeça e do cansaço geral causado pelas lâmpadas fluorescentes tradicionais, das quais me lembro muito claramente.

Nossas áreas externas foram projetadas como um *campus* universitário, com recantos mais afastados e áreas de confraternização. As paredes são de pedra – quartzo púrpura fosco e salmão-claro, oriundo de pedreiras locais, e os caminhos são margeados por delicadas ameixeiras, conduzindo até um lindo carvalho sagrado, uma simbólica Árvore da Esperança, que plantamos antes mesmo do início da construção. Primeiro o fundamental, foi o que nossos arquitetos pensaram, então eles plantaram a Árvore da Esperança. Depois, combinaram com as equipes da construção para manterem-na sempre com água e ao sol, enquanto erguiam a escola em torno dela.

O terreno no qual está a escola é estreito, tem apenas 32 mil metros quadrados, mas essa falta de espaço na realidade foi muito conveniente para o projeto arquitetônico como um todo. Eles pensavam que o fluxo do *campus* deveria simbolizar um percurso curto e sinuoso. Como a vida. Em qualquer ponto em que os estudantes estejam eles podem se virar para trás e ver de onde vieram, ou para a frente e ver aonde estão indo. Os alunos do jardim da infância e do ensino fundamental podem admirar os altos andares das instalações para o ensino médio, ali à espera deles, embora não consigam ouvir as vozes dos alunos mais velhos. Não queremos que eles fiquem assustados. Os secundaristas podem olhar para trás, enxergando as salas do primário de onde saíram – embora não possam escutar os gritos agudos dos pequenos no pátio de recreio. Não queremos perturbar sua concentração.

Mike Del Gatto e Rob Gurdison, os arquitetos, sujeitos locais, entraram de corpo e alma no projeto. Passaram meses pesquisando a história do bairro, examinando mapas de escolas do país inteiro, experimentando ideias. Depois ficaram noites e noites acordados, produzindo ideias e mais ideias, enquanto jogavam pingue-pongue na mesa do porão de Mike. Montaram a primeira maquete da escola em papelão e compensado em cima dessa mesa, alheios à ironia, a qualquer vestígio de coincidência.

Foi ideia deles que os edifícios ensinariam, contariam histórias. Contamos para as crianças as histórias que queríamos que fossem contadas. Nos anos intermediários, queríamos fotos imensas de Martin Luther King Jr., Mahatma Gandhi e, naturalmente, Mandela, com suas palavras inspiradoras pintadas em espelhos suspensos atrás de seus retratos. Como a maioria dos nossos alunos são afro-americanos, pedimos a Mike e Rob que embutissem tijolos vitrificados numa parede, reproduzindo a constelação da Ursa Maior, e à direita, um só tijolo de vidro representando a Estrela Polar. A Ursa Maior e a Estrela Polar foram sinaleiros que orientaram os escravos em fuga, indicando para eles o rumo da liberdade.

Minha pequena contribuição para a estética da escola: na área comum do edifício do colegial eu queria que houvesse um Steinway preto, fulgurante. Quando doei o piano, todos os alunos se reuniram à volta dele, e eu causei um espanto geral ao tocar “Lean on me”. O que mais me deu satisfação foi eles não saberem quem eu era. E, quando os professores contaram, eles não se impressionaram muito.

Eu sonhava com uma escola com o menor volume possível de rotinas estéreis, um local que incentivasse boas descobertas espontâneas. Um local em que esse tipo de acontecimento ocorresse regularmente. E isso tem acontecido. A qualquer dia, de repente, alguma coisa superlegal pode ocorrer na Agassi Prep. O presidente Bill Clinton pode dar um pulo e

ministrar uma aula de história. Shaquille O'Neal pode substituir o professor de educação física. De repente você topa com Lance Armstrong passando pelo corredor, ou com Muhammad Ali – crachá de visitante no pescoço – mostrando para iniciantes os movimentos da luta. De repente, você levanta os olhos e vê Janet Jackson ou Elton John parados na porta de uma sala de aula ou o pessoal do Earth, Wind & Fire realizando uma audição. Mais descobertas casuais maravilhosas: quando fizermos a cerimônia de inauguração do ginásio, o jogo dos All-Stars da nba vai ser em Vegas. Nós vamos convidar os times de novatos e de primeiranistas do All-Stars para que sua tradicional partida de lances rápidos seja realizada na nossa quadra – será o primeiro jogo da história da Agassi Prep. A moçada vai adorar isso.

Nossos educadores são os melhores, ponto final. A finalidade de tê-los contratado foi recrutar homens e mulheres apaixonados e inspirados, dispostos a entrar de corpo e alma na história, de se envolver pessoalmente. Pedimos uma coisa só de cada professor: acreditar que todo aluno pode aprender. Isso parece uma coisa dolorosamente óbvia, evidente por si, mas hoje em dia não é, garanto.

Naturalmente, como a Agassi Prep. tem um dia escolar mais longo e um calendário letivo mais extenso do que as demais escolas, nossa equipe talvez ganhe menos por hora do que ganharia em outros estabelecimentos. Mas eles têm mais recursos à disposição e também gozam mais liberdade para trabalhar com excelência e fazer realmente diferença na vida dessas crianças.

Pensamos que é importante que nossos alunos usem um uniforme. Camisetas de tênis com calças, shorts ou saias de brim nas cores oficiais da escola: azul-marinho e bordô. Pensamos que isso cria menos pressão entre os alunos e sabemos que economiza bastante dinheiro para os pais, no longo prazo. Toda vez que vou à escola, fico diante dessa ironia: agora sou um defensor da política do uniforme. Espero que venha o dia em que algum organizador de Wimbledon esteja passando por Vegas e peça para conhecer a escola. Mal posso esperar para ver a cara que vai fazer quando eu mencionar que ali adotamos um código estrito de vestuário.

Temos ainda outro componente em nossa escola, e esse é o meu favorito. O Código de Respeito que dá início a cada dia letivo. Sempre que estou lá, enfio a cabeça pela porta de uma classe qualquer e peço que as crianças fiquem em pé e recitem comigo:

> A essência da boa disciplina é o respeito.
> Respeito pela autoridade e respeito pelos outros.
> Respeito por si e respeito pelas regras.
> Essa é uma atitude que começa em casa,
> É reforçada na escola,
> E aplicada pela vida toda.

Eu prometo para elas que, se memorizarem esse código simples e forem sempre fiéis a ele, irão longe, muito longe.

Quando passo pelos corredores ou olho o que está acontecendo dentro das salas de aula, posso ver que as crianças valorizam este lugar. Eu ouço isso em suas vozes, deduzo de sua postura. Os professores e demais funcionários me contam suas histórias, e por isso eu sei de quantas maneiras esta escola enriquece a vida delas. Além disso, pedimos que elas façam redações sobre temas pessoais. Selecionamos depois alguns trechos que incluímos no folheto preparado anualmente para as ações de arrecadação de fundos. Nem todas essas redações são sobre problemas e dificuldades. Longe disso. Mas é dessas que eu me lembro. Como a de uma

menina que vive sozinha com a mãe, uma pessoa debilitada e incapaz de trabalhar há anos por causa de uma doença incurável de pulmão. Vivem num apartamento infestado de baratas, num bairro dominado por gangues, de modo que a escola é o refúgio para a menina. As notas dela, como diz com um orgulho comovente, são ótimas *porque pensei que, se eu fosse bem na escola, ninguém iria questionar o que acontece dentro da minha casa e eu não teria de contar a minha história. Agora, aos dezessete anos, embora eu seja forçada a assistir à decadência da minha mãe, tenha sido obrigada a conviver com a gangue The Bloods e as baratas, e a trabalhar para sustentar a família, estou indo para a faculdade.*

Outra aluna no último ano do colegial escreve sobre sua problemática relação com o pai, que passou na cadeia a maior parte da infância da filha. Recentemente, quando saiu, ela foi encontrá-lo e viu que ele estava miseravelmente magro, vivendo com uma maltrapilha num *trailer quebrado que fedia a esgoto e crack.* Desesperada para não repetir os erros dos pais, essa menina se esforça ao máximo para ter sucesso na Agassi Prep. *Eu não vou cair do mesmo jeito que caíram os outros. Cabe a mim mudar o rumo do meu futuro e eu nunca vou desistir.*

Há não muito tempo, enquanto estava caminhando pelo prédio do colegial, um menino acenou para mim. Com cara de quinze anos, era tímido, olhos expressivos, bochechas redondas. Perguntou se poderia conversar em particular comigo.

Claro, eu disse.

Entramos numa saleta perto do corredor principal.

Ele não sabia por onde começar. Eu disse que começasse do princípio.

Minha vida mudou há um ano, ele disse. Meu pai morreu. Foi morto. Assassinado, entende.

Sinto muito.

Depois disso, eu realmente fiquei perdido. Não sabia o que fazer.

Os olhos dele se encheram de lágrimas.

Então, eu vim para esta escola, continuou. E ela me deu uma direção. Me deu esperança. Me deu uma *vida*. Então eu fiquei de olho no senhor, sr. Agassi, e quando o senhor passou eu senti que precisava me apresentar e lhe dizer... bom, o senhor sabe. Obrigado.

Dei-lhe um abraço apertado. Disse que era eu quem devia agradecer a ele.

Nos últimos anos, o foco do trabalho é decididamente a faculdade. As crianças ouvem o tempo todo que a Agassi Prep. é só uma etapa. Não fiquem acostumados, dizemos a elas. O objetivo principal é a faculdade. Caso esqueçam, há lembretes disso por toda parte. Bandeirolas das faculdades cobrem as paredes. O corredor principal é chamado *College Street* [rua da faculdade]. Uma ponte suspensa de metal ligando os dois prédios principais nunca foi usada, e nem será, enquanto os primeiros formandos do nosso colegial não receberem seu diploma e entrarem na faculdade, em 2009. Quando cruzarem aquela ponte, os formandos entrarão numa sala secreta, assinarão seu nome num livro de registros e deixarão recados para a turma do ano seguinte, para a próxima e para todas as últimas séries que estão por vir. Eu posso me ver falando para a primeira turma de formandos do colegial. Já estou trabalhando obsessivamente com J.P. e Gil na preparação do meu primeiro discurso.

Acho que o tema da minha fala serão as contradições. Um amigo sugeriu que eu desse uma espiada em Walt Whitman.

Eu me contradigo? Muito bem, então eu me contradigo.

Nunca me ocorreu que esse fosse um ponto de vista aceitável. Agora me oriento por ele. Isso é a minha Estrela Polar. E é isso que direi aos alunos. A vida é um jogo de tênis entre opostos polares. Vencer e perder, amar e detestar, abrir e fechar. É útil reconhecer esse fato doloroso desde cedo. Depois, reconheça os opostos polares em seu íntimo e, se não conseguir acolher os dois lados, ou reconciliá-los, pelo menos aceite-os e siga em frente. A única coisa que você não pode fazer é ignorar a existência deles.

Que outra mensagem eu poderia esperar transmitir? Que outra mensagem eles poderiam esperar de alguém que fugiu da escola antes do fim do primeiro grau e que tem nesta escola a conquista que mais lhe dá orgulho na vida?

Parou de chover, Stefanie diz.

Então, vamos, digo. Vamo' nessa!

Ela veste uma saia de tênis. Eu visto meus shorts. Vamos de carro até as quadras públicas de tênis, no fim da rua. Na lojinha do local, a adolescente atrás do balcão está lendo uma revista de fofocas. Levanta os olhos, o chiclete que estava mascando quase cai no chão.

Com um grupo de alunos da Andre Agassi College Preparatory Academy.

Olá, eu digo.

Oi.

Está aberto?

Está.

Podemos alugar a quadra por uma hora?

Han, sim.

Quanto custa?

Catorze dólares.

O.k.

Entrego o dinheiro a ela.

Ela diz: Podem usar a quadra central.

Vamos andando até o minianfiteatro em que uma quadra de tênis azul é rodeada por arquibancadas descobertas de metal. Deixamos nossas sacolas lado a lado, alongando e gemendo, brincando sobre quanto tempo faz desde que jogamos a última vez.

Remexo a sacola procurando as munhequeiras, os adesivos, os tênis.

Stefanie pergunta: Que lado você prefere?

Este.

Eu sabia.

Ela solta um leve forehand. Estalo feito o Homem de Lata quando me inclino um pouco à frente para devolver a bola. Trocamos bolas calmamente, na mão um do outro, e de repente Stefanie solta uma bomba de backhand perto da linha, que mais parece um trem de carga passando na quadra. Dou uma olhada e tanto para ela. Ah, é assim, é?

Ela faz aquele slice que é sua marca registrada, no meu backhand. Abaixo tudo o que posso, e sentado nessa alavanca, enfio a mão com toda a força para devolver a bola. Depois grito para ela: Essa esquerdinha já pagou muitas contas para nós, minha linda!

Ela sorri e sopra uma mecha de cabelo que tinha caído sobre seus olhos.

Nossos ombros vão se soltando, nossos músculos ficam mais aquecidos. O ritmo se acelera. Bato nas bolas com força, mas limpo, sem efeito. Minha esposa também. Passamos de apenas trocar bolas, de lá para cá, a disputar pontos que nos desafiam. Ela acerta um forehand venenoso. Eu rebato com um backhand fulminante... na rede.

É o primeiro backhand cruzado que erro em vinte anos. Fico parado olhando para a bola, quieta ao lado da rede. Por um instante isso me aborrece. Eu digo a ela que isso me aborrece. Posso perceber que estou ficando irritado.

Então começo a rir e Stefanie rir, e retomamos o bate-bola.

A cada movimento ela vai ficando visivelmente mais feliz. A panturrilha está bem. Ela acha que vai se sair bem em Tóquio. Agora que não está mais preocupada com a lesão, podemos jogar, realmente jogar. Em poucos minutos está tão gostoso o nosso jogo que, quando começa a chover de novo nem percebemos. Quando chega o primeiro espectador, nós também não percebemos.

Um a um vão chegando mais. Vão aparecendo rostos nas arquibancadas, provavelmente porque as pessoas estão telefonando umas para as outras, que então telefonam para outras duas, contando que estamos aqui, numa quadra pública, jogando por nada mais que a satisfação de poder fazer isso. Como Rocky Balboa e Apollo Creed, depois que as luzes se apagaram e que o ginásio já trancou as portas.

A chuva está mais forte. Mas não paramos. Seguimos adiante, com tudo. As pessoas que vêm trazem suas câmeras. Disparam flashes. Os lampejos parecem mais brilhantes que em geral, refletidos e amplificados pelas gotas da chuva. Eu não ligo, e Stefanie não percebe. Não estamos realmente conscientes de nada além da bola, da rede e de nós.

Uma bola disputada. Dez rebatidas. Quinze. Termina quando eu erro. A quadra está forrada de bolas. Eu pego três, coloco uma no bolso.

Grito para Stefanie: Vamos voltar! Nós dois! O que você acha?

Ela não responde.

Você e eu, digo. Vamos anunciar nesta semana!

Ela continua sem dizer nada. Como sempre, a concentração dela deixa a minha no chinelo. Da mesma maneira como ela não desperdiça um só movimento em quadra, ela nunca desperdiça palavras. J.P. comenta que as três pessoas de maior influência na minha vida – meu pai, Gil e Stefanie – não são falantes nativos de inglês. E, para todos os três, seu modo mais poderoso de comunicação pode ser físico.

Ela está concentrada em cada batida na bola. Cada batida é importante. Ela nunca se cansa, nunca erra. É um prazer imenso observá-la, mas também um privilégio. As pessoas perguntam como é, e eu nunca consigo pensar na palavra perfeita, mas esta chega mais perto que todas. Um privilégio.

Erro de novo. Ela contrai levemente os olhos. Espera.

Dou um saque. Ela devolve, depois faz um breve movimento com a mão, todo seu, como se afastasse um mosquito, indicando que para ela chega. Está na hora de ir buscar Jaden.

Ela sai da quadra.

Ainda não, digo a ela.

O quê? Ela para, olha para mim. Então ri.

O.k., ela diz, voltando de costas para a linha de fundo. Não faz sentido nenhum, mas eu sou assim, e ela entende. Temos coisas para fazer, coisas maravilhosas. Ela mal pode esperar para ir cuidar do resto. Eu também não. Mas também não consigo me conter.

Eu só quero jogar mais um pouquinho.

AGRADECIMENTOS

Este livro não existiria sem o meu amigo J.R. Moehringer.

Foi J.R., antes mesmo que nos encontrássemos, quem primeiro me fez pensar seriamente em colocar a minha história no papel. Durante o meu último Aberto dos Estados Unidos, em 2006, passei todo o meu tempo livre lendo a apaixonante autobiografia de J.R., *Sede de viver*. Esse livro tocou fundo o meu coração. Eu gostei tanto dele, na verdade, que me vi racionando a leitura, limitando-me a um número fixo de páginas por noite. No início, esse livro foi uma fonte essencial de entretenimento, que me distraía das difíceis emoções que eu experimentava com o término da minha jornada como tenista profissional, mas no fim acabou aumentando o nível da minha ansiedade porque eu temia que ele acabasse antes da minha carreira.

Um pouco antes da minha primeira partida nesse torneio, telefonei para J.R. e me apresentei. Disse quanto admirava seu trabalho e convidei-o a vir até Vegas para jantar comigo. Desde o primeiro momento nos entendemos muito bem, como eu sabia que ia ser, e aquele primeiro jantar inaugurou uma série de muitos outros. Depois de um tempo, perguntei a J.R. se ele consideraria a possibilidade de trabalhar comigo, ajudando-me a lidar com as minhas próprias lembranças e dando-lhe um formato de autobiografia. Pedi que me mostrasse a minha vida pelo prisma de um ganhador do Pulitzer. Para minha grande surpresa, ele aceitou.

J.R. se mudou para Las Vegas e começamos imediatamente a trabalhar neste livro. Temos a mesma espécie de ética de trabalho, a mesma abordagem obsessiva, tudo ou nada, diante de grandes metas. Todo dia nos encontrávamos e seguíamos uma rotina estrita: depois de devorar alguns burritos, ficávamos gravando horas e horas a fio de conversa no gravador de J.R. Nenhum assunto era proibido e, com isso, nossas reuniões às vezes eram divertidas, outras vezes dolorosas. Não seguíamos um esquema cronológico nem uma lista de tópicos. Simplesmente deixávamos a conversa fluir, de vez em quando assessorada pelas torres de recortes de reportagens, organizadas por nosso extraordinário, jovem e, em breve, famoso pesquisador, Ben Cohen.

Após diversos meses, J.R. e eu tínhamos um baú repleto de fitas cassete – a história da minha vida, desse no que desse. A intrépida Kim Wells então transformou todas aquelas fitas em transcrições que J.R., de algum modo, transformou numa história. Jonathan Segal, nosso sábio e maravilhoso editor na Knopf, e Sonny Mehta, o Rod Laver do mercado editorial, ajudaram J.R. e eu no trabalho de esculpir o primeiro rascunho e criar o segundo e o terceiro, que, então, foi laboriosamente verificado, fato a fato, por Eric Mercado, um genuíno Sherlock Holmes reencarnado. Nunca passei tanto tempo lendo e relendo, debatendo e argumentando sobre passagens e palavras, datas e números. Isso é o mais perto que eu jamais chegarei, ou vou querer chegar, de estudar para exames de fim de ano.

Muitas vezes, pedi a J.R. que colocasse seu nome neste livro. Mas ele achou que na capa só cabia um nome. Embora estivesse orgulhoso com o trabalho que havíamos criado juntos, disse que não conseguia se enxergar assinando o próprio nome na história de vida de outro homem. Estas são as suas histórias, ele dizia, as suas pessoas, as suas batalhas. Essa espécie de generosidade eu já tinha enxergado nitidamente na autobiografia dele. E sabia que não ia adiantar insistir. Teimosia é outro traço que temos em comum. Mas não abri mão de usar este

espaço para descrever a extensão do papel que J.R. teve neste livro e de lhe agradecer publicamente.

Quero mencionar também o dedicado time de primeiros leitores a quem J.R. e eu entregamos alguns exemplares e trechos do manuscrito. Todos eles contribuíram de maneiras significativas. Os meus mais profundos agradecimentos a Phillip e Marti Agassi, Sloan e Roger Barnett, Ivan Blumberg, Darren Cahill, Wendy Netkin Cohen, Brad Gilbert, David Gilmore, Chris e Varanda Handy, Bill Husted, McGraw Milhaven, Steve Miller, Dorothy Moehringer, John e Joni Parenti, Gil Reyes, Jaimee Rose, Gun Ruder, John Russell, Brooke Shields, Wendi Stewart Goodson e Barbra Streisand.

Um obrigado especial a Ron Boreta por ser uma fortaleza, por ler-me tão intimamente quanto a este livro, por oferecer-me inestimáveis conselhos a respeito de tudo, de psicologia a estratégia, e por ajudar-me a repensar e revisar minha mais antiga definição da expressão *melhor amigo*.

Acima de tudo, quero agradecer a Stefanie, Jaden e Jaz Agassi. Forçados a conviver com a minha ausência numa infinidade de dias, a compartilhar a minha presença com este livro durante dois anos, nem uma única vez se queixaram, mas somente me encorajaram e, assim, fui capaz de chegar até o fim. O amor e o apoio inabaláveis de Stefanie foram uma fonte de contínua inspiração, e os sorrisos diários de Jaden e Jaz se transformavam tão prontamente em energia quanto o alimento se torna açúcar no sangue.

Um dia, quando eu estava trabalhando no segundo rascunho, Jaden trouxe um amiguinho para casa. Os manuscritos formavam uma pilha alta no balcão da cozinha, e o amigo de Jaden perguntou: O que é tudo isso?

Esse é o *livro* do meu pai, Jaden disse, numa entonação que só o ouvi empregando para falar de Papai Noel e de Guitar Hero.

Espero que ele e a irmã sintam o mesmo orgulho deste livro daqui a dez anos, a trinta anos, a sessenta anos. Foi escrito para eles, mas também por eles. Espero que os ajude a evitar algumas armadilhas nas quais caí de cara. E mais ainda, espero que seja um dos muitos livros que lhes proporcione conforto, orientação, prazer. Eu demorei muito para descobrir a magia dos livros. De todos os meus muitos erros que quero que os meus filhos evitem, esse é um dos que coloco bem no alto da lista.

Glossário

Forehand | golpe executado no lado em que se segura a raquete, com a palma da mão voltada para a frente. No caso de destros, é executado pelo braço direito. No caso de canhotos, pelo braço esquerdo.

Backhand | golpe executado no lado contrário ao que se segura a raquete, com o dorso da mão voltado para a frente.

Voleio | golpe em que o tenista rebate a bola antes que ela pingue na quadra, geralmente usado próximo à rede.

Saque e voleio | o jogador dá um saque e vai para a rede, com o objetivo de pressionar o adversário usando um voleio.

Winner | jogada vencedora, bola colocada de maneira indefensável para o adversário.

Break point | é o ponto que poderá provocar a quebra do saque do adversário, em que o jogador tem a chance de fechar o game.

Game point | é o ponto em que o jogador que está sacando tem a oportunidade de manter o seu serviço.

Dupla falta | quando o jogador erra os dois saques a que tem direito, o ponto é concedido ao adversário.

Tiebreak | usado quando um set fica empatado em 6-6. Vence quem fizer sete pontos, com diferença de, ao menos, dois pontos.

Love | igual a zero, ou seja, o jogador não fez nenhum ponto no game.

Curtinha (ou deixadinha) | quando o jogador toca na bola suavemente para que ela caia na quadra do adversário bem junto à rede.

Spin | efeito que faz a bola girar e, ao tocar na quadra, ganhar força e velocidade.

Slice | efeito que faz com que a bola, depois de pingar na quadra, suba muito pouco do chão.

Lobby | jogar a bola por cima do adversário, encobrindo-o, quando ele está próximo da rede.

Bate-pronto | quando a raquete toca a bola imediatamente após ela pingar na quadra.

Ace | saque indefensável.

[1] Só fingindo, fazendo de conta que ainda sobrou alguma coisa para nós. (N. T.)
[2] Pintor e ilustrador americano, de estilo ultrarrealista. Seus desenhos ilustraram durante muitos anos a capa da revista *Saturday Evening Post*. (N. T.)
[3] Festa celebrada no dia 2 de fevereiro, nos Estados Unidos e no Canadá, envolvendo um ritual para determinar o clima no final do inverno. (N. T.)
[4] Mike Lupica, jornalista e comentarista esportivo norte-americano. (N. T.)
[5] Jogo final da Liga de Futebol Americano. (N. T.)
[6] Rio da Itália. Atravessar o Rubicão significa tomar uma decisão apesar das consequências. (N. T.)
[7] Porque sentir dor é um jeito difícil de você saber que continua vivo. (N. T.)
[8] Este é o caminho que eu nunca percorrerei. Estes são os sonhos que em vez disso sonharei... (N. T.)
[9] A.K.A., *also known as*, quer dizer "também conhecido como", expressão geralmente associada a apelidos. (N. T.)
[10] Papai arrasa. (N. T.)